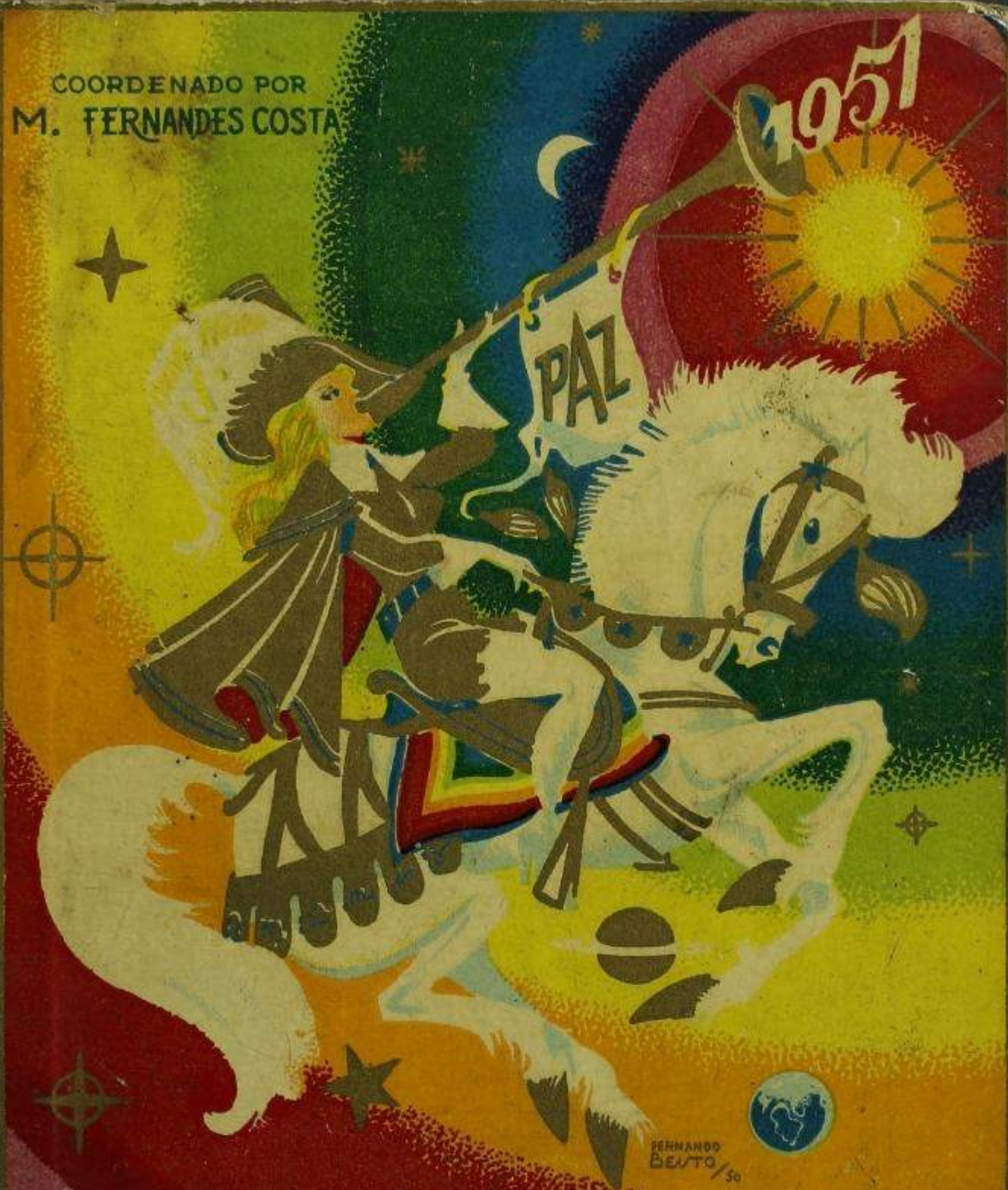
COORDENADO POR

M. FERNANDES COSTA

PAZ

ALMANAQUE BERTRAND

52.º ano

LIVRARIA BERTRAND
LISBOA · PORTUGAL

EDITORA PAULO DE AZEVEDO
RIO DE JANEIRO

PHILIPS ENTRE TODAS A PRIMEIRA

Utilizando a mais perfeita técnica — empregando os mais qualificados materiais — com mão de obra bem adextrada e hábil, fazem-se em Portugal as LÂMPADAS PHILIPS, e, foram elas classificadas AS MELHORES em confronto com boas lâmpadas produzidas em 23 das mais reputadas fábricas estrangeiras de todo o mundo.

O Consumidor português, continuará, como sempre, preferindo as:

LÂMPADAS PHILIPS

PELO SEU MENOR CONSUMO.
PELA SUA SUPERIOR DURAÇÃO.
PELO SEU ELEVADO RENDIMENTO LUMINOSO.

REGULAMENTO DO CONCURSO
PARA 1951

PASSATEMPOS DO CONCURSO

Estes passatempos, inclusos nas páginas 84, 85 e 86 deste *Almanaque* e numerados de 1 a 6, levam a menção: **CONCURSO.**

As soluções, acompanhadas do cupão que figura ao alto e à esquerda desta página, deverão ser dadas numa **folha, independentemente de qualquer outro assunto,** metidas em sobrescrito fechado e lacrado e não terão a indicação do nome e morada do solucionista.

Este sobrescrito será metido dentro de outro, no qual se juntará, então, uma folha com o nome e morada do concorrente, tudo bem explícito, e que será endereçado à Livraria Bertrand — Rua Anchieta, 31, 1.º, com a menção **bem visível: CONCURSO.**

VERIFICAÇÃO DAS SOLUÇÕES

A verificação será feita com o maior escrúpulo por um júri presidido pelo sr. Dr. A. Monteiro Júnior, advogado em Lisboa.

PRÉMIOS

Os prémios são os seguintes:
Um de 3.000 Escudos, em dinheiro.
Um de 1.000 Escudos, em dinheiro.
Um de 500 Escudos, em dinheiro.
Um de 500 Escudos, em livros a escolher do nosso catálogo que vem no final deste *Almanaque*.
Um de 300 Escudos, em livros a escolher do nosso catálogo.
Um de 200 Escudos, em livros a escolher do nosso catálogo.
Trinta de 100 Escudos, em livros a escolher do nosso catálogo.
Trinta de 50 Escudos, em livros a escolher do nosso catálogo.

ATRIBUIÇÃO DOS PRÉMIOS

Os prémios serão atribuídos pela ordem de importância, aos concorrentes que maior número de pontos tiverem.

PRAZO DA ENTREGA DAS SOLUÇÕES

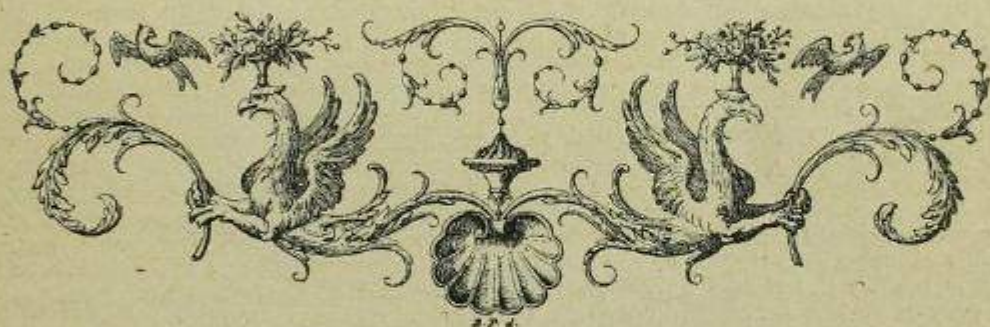
Estas deverão estar em nosso poder, o mais tardar até ao último dia de Março de 1951, não sendo tomadas em consideração as que chegarem depois dessa data.

ANÚNCIO DOS RESULTADOS

Será feito no fim de Abril de 1951, nos principais jornais do continente, indicando apenas os nomes dos seis primeiros contemplados. Os resultados completos serão dados contra o envio de **Esc. 2$00,** em estampilhas, que já nos poderá ser remetido no sobrescrito que traz o nome e a morada do concorrente.

As despesas de portes e embalagem dos prémios serão por conta da Livraria Bertrand.

Ver os resultados do Concurso de 1950 na página 12

ALMANAQUE BERTRAND

1951

PROPRIEDADE DA

LIVRARIA BERTRAND

PREÇO DO

ALMANAQUE BERTRAND para 1951

CARTONADO — ***25$00***

AVISOS

Toda a correspondência referente a assuntos privativos da redacção do ALMANAQUE BERTRAND deve ser endereçada à sua coordenadora

MARIA FERNANDES COSTA
Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

A correspondência relativa a assuntos administrativos do *Almanaque* e bem assim as encomendas de livros da *Casa Editora*, noticiadas na secção dos *Anúncios*, devem ser dirigidas à Livraria Bertrand. A coordenadora do *Almanaque* reitera os seus pedidos para que os correspondentes a não ocupem com estas ou com outras matérias estranhas à redacção.

Roga-se aos numerosos solucionistas dos nossos PROBLEMAS e PASSATEMPOS RECREATIVOS a fineza de remeterem as suas soluções, directamente, à coordenadora do *Almanaque*, ATÉ MEADO DE FEVEREIRO DO ANO EM DECURSO, O MAIS TARDAR, a fim de lhe ser possível tomar conhecimento delas a tempo de serem aproveitadas na elaboração do *Almanaque* futuro e de lhes fazer as merecidas referências. E igualmente se lhes solicita, para maior rapidez e facilidade de expediente, o favor de enviarem **em cadernos diversos e, possivelmente, de folhas soltas, os dois grupos dessas soluções — as dos problemas matemáticos e as dos passatempos recreativos**, a fim de que sejam só presentes a quem tenha de os examinar, os cadernos respectivos. Previne-se, também, os solucionistas que nos obsequeiam oferecendo problemas, que esses problemas não poderão ser publicados quando não vierem acompanhados das respectivas soluções **(sendo indispensável que estas não venham escritas nas costas dos problemas, mas sim separadamente)**. Ao mesmo tempo se declara que, se o *Almanaque Bertrand* não aceita, em regra, colaboração dessa ordem sem vir acompanhada das soluções, esta condição não envolve, contudo, o compromisso da sua publicação. Mais uma explicação se deve ainda aos nossos estimados solucionistas: É que, em virtude do seu extraordinário incremento nos últimos anos e da acumulação excessiva de problemas e passatempos que nos são remetidos, vemo-nos, por vezes, forçados, bem contra a nossa vontade, a deixar de inserir alguns, mesmo de entre aqueles que satisfazem plenamente todos os requisitos, em vista do âmbito do *Almanaque* só comportar um determinado número deles e a isso nos termos de limitar.

DECLARAÇÃO

À coordenadora deste «Almanaque» é de todo impossível responder, pessoal e particularmente, à numerosa correspondência que os seus amáveis leitores de toda a parte lhe dirigem, pedindo-lhe resposta por aquele meio.

O «Almanaque» lhes responderá por ela, directa ou tàcitamente; no primeiro caso, atendendo-lhes as suas comunicações, os seus pedidos, as suas observações, os seus desejos; no segundo, pela omissão de qualquer referência à matéria que lhe seja enviada, com o propósito de lhe fornecer colaboração, sempre que esta seja, pelo motivo que for, considerada em condições impróprias para ser aceita.

Não abrimos secção especial de «Correspondência», como já nos tem sido reclamado ou pedido, até insistentemente: não só porque nela consumiríamos improficuamente espaço e tempo, como ainda, porque teríamos de constituí-la principalmente com recusas motivadas, as quais, na maioria dos casos, teriam de ser desagradáveis para aqueles que fossem objecto delas.

Ora, o «Almanaque Bertrand» tem primado, até hoje, no escrupuloso cuidado de não ser, voluntàriamente, desagradável a ninguém: e tem a firme resolução de assim continuar sendo, por consideração com todos os seus leitores.

Aceita, com benevolência, embora não possa aproveitá-la em certo número de casos, a colaboração que, dos mais diversos pontos do mundo, lhe é remetida; acata e respeita a intenção dos que lha remetem, que melhor lhe não enviam porque melhor não têm ou não sabem; e nega-se, em absoluto, a dirigir-lhes escusas públicas, que serviriam naturalmente de divertimento a uns dos seus leitores à custa de outros, aliás com iguais direitos todos a agradecimentos e a respeito.

ESTÁTUA DE S. VICENTE,
DO ESCULTOR RAUL XAVIER, QUE SE DESTINA AO EDIFÍCIO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

ALMANAQUE BERTRAND

1951

Coordenado por

MARIA FERNANDES COSTA

com a colaboração obsequiosa,
na parte astronómica, do

DR. MANUEL ANTÓNIO PERES J.or

Director do Observatório Astronómico
de Lisboa

e na parte matemática, do Engenheiro

ALVARO DA SILVA LIMA

★

Propriedade da **Livraria Bertrand**

Depositários no Brasil:

Editora Paulo de Azevedo, L.da

Rio de Janeiro — S. Paulo — Belo Horizonte

Comp. e imp. na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL
Rua da Alegria, 30 — LISBOA

O ANO DE 1951

QUINQUAGÉSIMO PRIMEIRO ANO DO SÉCULO XX

QUINQUAGÉSIMO SEGUNDO ANO DA FUNDAÇÃO E PUBLICAÇÃO DO «ALMANAQUE BERTRAND»

ELEMENTOS DO CÔMPUTO

Áureo número	14	Letra dominical	G
Ciclo solar	28		
Epacta	22	Indicção romana	4

FESTAS MÓVEIS

Septuagésima	21 de Janeiro	Pascoela	1 de Abril
Quinquagésima	4 » Fevereiro	Ascensão	3 » Maio
Cinzas	7 » »	Pentecostes	13 » »
Primeiro domingo da Quaresma	11 » »	Santíssima Trindade	20 » »
Domingo de Ramos	18 » Março	Primeiro domingo do Advento	2 » Dezembro
Páscoa	25 » »		

CONCORDÂNCIA DAS ERAS PRINCIPAIS

O ano de 1951 da era vulgar (que parte do nascimento de Cristo, no calendário gregoriano estabelecido em Outubro de 1582) corresponde aos anos:

6664 do período juliano;
2727 das Olimpíadas ou o 3.º da 682.ª Olimpíada, que começa em 1 de Setembro, ao uso bisantino, fixando a era das olimpíadas 775 anos antes de J. C., ou no ano 3938 do período juliano;
2704 da fundação de Roma, segundo Varrão;
2698 da era de Nabonassar, fixada na quarta-feira, 26 de Fevereiro do ano 3967 ou 746 anos antes de J. C.;
1951 do Calendário gregoriano, estabelecido em Outubro de 1582, há 368 anos; começa em segunda-feira, 1 de Janeiro;
1951 do Calendário Juliano; começa 13 dias depois, no domingo, 14 de Janeiro da data gregoriana (1 de Janeiro da data juliana);
5711 da era israelita, começado ao pôr do Sol do dia 11 de Setembro de 1950, começando o ano 5712 ao pôr do Sol do dia 30 de Setembro de 1951;
1370 da hégira, calendário moslémico, começado ao pôr do Sol do dia 12 de Outubro de 1950, começando o ano 1371 ao pôr do Sol do dia 1 de Outubro de 1951.

O calendário gregoriano foi adoptado, em 14 de Outubro de 1923, pelas nações que ainda usavam o juliano e, em 1 de Janeiro de 1927, pelo governo turco.

ECLIPSES NO ANO DE 1951

No ano de 1951 haverá dois eclipses, ambos do Sol.

I. — ECLIPSE ANULAR DO SOL, em 7 de Março:

		h	m	Longitude	Latitude
Começa o eclipse	às	18	4	177° 40′ E	37° 30′ S
Começa a fase anular	»	19	6	161° 18′ E	42° 32′ S
Acaba a fase anular	»	22	40	68° 40′ W	14° 35′ N
Acaba o eclipse	»	23	43	84° 45′ W	19° 38′ N

Este eclipse será visível no sul e no sudeste da América do Norte, na América Central, na parte noroeste da América do Sul, no sul do Oceano Pacífico, no Oceano Glacial Antártico, na Nova Zelândia e no extremo oriental da Austrália.

II. — ECLIPSE ANULAR DO SOL, em 1 de Setembro:

		h	m	Longitude	Latitude
Começa o eclipse	às	9	54	64° 10′ W	33° 8′ N
Começa a fase anular	»	10	59	80° 56′ W	36° 19′ N
Acaba a fase anular	»	14	44	46° 9′ E	18° 38′ S
Acaba o eclipse	»	15	48	29° 35′ E	21° 50′ S

Este eclipse será visível na parte oriental da América do Norte, na América Central, na parte norte da América do Sul, no Oceano Atlântico, no sul da Groenlândia, na Europa, nos mares Mediterrâneo e Vermelho, no sudoeste da Arábia, na África e na região ocidental do Oceano Índico.

Em Portugal será visível no continente da Europa, Açores, Madeira, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Guiné, Angola e Moçambique; a zona da fase anular passa em Cabinda e Tete.

COMEÇO DAS ESTAÇÕES EM 1951

Primavera	21 de Março, *quarta-feira*	às	10 h., 26 m.
Verão	22 de Junho, *sexta-feira*	»	5 h., 25 m.
Outono	23 de Setembro, *domingo*	»	20 h., 38 m.
Inverno	22 de Dezembro, *sábado*	»	16 h., 1 m.

FASES DA LUA EM 1951

JANEIRO

Quarto ming. .... dia 1 às 5 h. 11 m.
Lua nova .... » 7 » 20 h. 10 m.
Quarto cresc. .... » 15 » 0 h. 23 m.
Lua cheia .... » 23 » 4 h. 47 m.
Quarto ming. .... » 30 » 15 h. 13 m.

FEVEREIRO

Lua nova .... dia 6 às 7 h. 54 m.
Quarto cresc. .... » 13 » 20 h. 55 m.
Lua cheia .... » 21 » 21 h. 12 m.
Quarto ming. .... » 28 » 22 h. 59 m.

MARÇO

Lua nova .... dia 7 às 20 h. 50 m.
Quarto cresc. .... » 15 » 17 h. 40 m.
Lua cheia .... » 23 » 10 h. 50 m.
Quarto ming. .... » 30 » 5 h. 35 m.

ABRIL

Lua nova .... dia 6 às 10 h. 52 m.
Quarto cresc. .... » 14 » 12 h. 55 m.
Lua cheia .... » 21 » 21 h. 30 m.
Quarto ming. .... » 28 » 12 h. 17 m.

MAIO

Lua nova .... dia 6 às 1 h. 35 m.
Quarto cresc. .... » 14 » 5 h. 32 m.
Lua cheia .... » 21 » 5 h. 45 m.
Quarto ming. .... » 27 » 20 h. 17 m.

JUNHO

Lua nova .... dia 4 às 16 h. 40 m.
Quarto cresc. .... » 12 » 18 h. 52 m.
Lua cheia .... » 19 » 12 h. 36 m.
Quarto ming. .... » 26 » 6 h. 21 m.

JULHO

Lua nova .... dia 4 às 7 h. 48 m.
Quarto cresc. .... » 12 » 4 h. 56 m.
Lua cheia .... » 18 » 19 h. 17 m.
Quarto ming. .... » 25 » 18 h. 59 m.

AGOSTO

Lua nova .... dia 2 às 22 h. 39 m.
Quarto cresc. .... » 10 » 12 h. 22 m.
Lua cheia .... » 17 » 2 h. 59 m.
Quarto ming. .... » 24 » 10 h. 20 m.

SETEMBRO

Lua nova .... dia 1 às 12 h. 49 m.
Quarto cresc. .... » 8 » 18 h. 16 m.
Lua cheia .... » 15 » 12 h. 38 m.
Quarto ming. .... » 23 » 4 h. 13 m.

OUTUBRO

Lua nova .... dia 1 às 1 h. 57 m.
Quarto cresc. .... » 8 » 0 h. 0 m.
Lua cheia .... » 15 » 0 h. 51 m.
Quarto ming. .... » 22 » 23 h. 55 m.
Lua nova .... » 30 » 13 h. 54 m.

NOVEMDRO

Quarto cresc. .... dia 6 às 6 h. 59 m.
Lua cheia .... » 13 » 15 h. 52 m.
Quarto ming. .... » 21 » 20 h. 1 m.
Lua nova .... » 29 » 1 h. 0 m.

DEZEMBRO

Quarto cresc. .... dia 5 às 16 h. 20 m.
Lua cheia .... » 13 » 9 h. 30 m.
Quarto ming. .... » 21 » 14 h. 37 m.
Lua nova .... » 28 » 11 h. 43 m.

APOGEU E PERIGEU LUNARES EM 1951

APOGEU				PERIGEU				APOGEU				PERIGEU			
			h				h				h				h
Jan.	18	às	14	Jan.	6	às	13	Julho	30	às	12	Julho	17	às	23
Fev.	15	»	10	Fev.	3	»	15	Agosto	27	»	3	Agosto	15	»	4
Março	15	»	6	Março	2	»	7	Set.	23	»	21	Set.	11	»	20
Abril	12	»	1	Março	27	»	9	Out.	21	»	17	Out.	7	»	7
Maio	9	»	17	Abril	23	»	23	Nov.	18	»	13	Nov.	2	»	13
Junho	6	»	1	Maio	22	»	4	Dez.	16	»	3	Nov.	30	»	13
Julho	3	»	4	Junho	19	»	14					Dez.	28	»	23

FESTAS MÓVEIS E CÔMPUTO ECLESIÁSTICO DE 1952 A 1956

ANOS	Áureo Número	Epacta	Cinzas	Páscoa	Ascensão
1952	15	3	27 de Fevereiro	13 de Abril	22 de Maio
1953	16	14	18 » »	5 » »	14 » »
1954	17	25	3 » Março	18 » »	27 » »
1955	18	6	23 » Fevereiro	10 » »	19 » »
1956	19	17	15 » »	1 » »	10 » »

ANOS	Pentecostes	Primeiro domingo do Advento	Ciclo Solar	Indicção Romana	Letra Dominical
1952	1 de Junho	30 de Novembro	1	5	FE
1953	24 » Maio	29 » »	2	6	D
1954	6 » Junho	28 » »	3	7	C
1955	29 » Maio	27 » »	4	8	B
1956	20 » »	2 » Dezembro	5	9	AG

VISIBILIDADE DOS PLANETAS EM 1951

MERCÚRIO poderá ver-se de *manhã* cerca de 24 de Janeiro, 22 de Maio e 16 de Setembro; de *tarde*, no crepúsculo, cerca de 5 de Abril, 3 de Agosto e 28 de Novembro. As épocas mais favoráveis para a observação são 5 de Abril e 16 de Setembro.

VÉNUS será estrela da *tarde* até meados de Agosto e da *manhã* do fim de Setembro em diante. De meados de Agosto ao fim de Setembro terá movimento retrógrado. Terá as suas fases de maior brilho em 29 de Julho e em 10 de Outubro.

MARTE será visível em Janeiro, a oeste, ao pôr do Sol e deixará de ver-se em Abril, por andar muito próximo do Sol. Começará a ver-se de novo nos fins de Junho, ao Oriente, pouco antes do nascimento do Sol; ver-se-á sucessivamente mais cedo até ao fim do ano, em que nascerá cerca da meia-noite. Andará em Janeiro nas constelações do *Capricórnio* e do *Aquário;* em Fevereiro nas do *Aquário* e dos *Peixes;* em Março na dos *Peixes;* em Abril na dos *Peixes* e do *Carneiro;* em Maio nas do *Carneiro* e do *Touro;* em Junho na do *Touro;* em Julho na dos *Gémeos;* em Agosto nas dos *Gémeos* e do *Caranguejo;* em Setembro nas do *Caranguejo* e do *Leão;* em Outubro na do *Leão;* em Novembro nas do *Leão* e da *Virgem;* em Dezembro na da *Virgem*.

JÚPITER ver-se-á em Janeiro e Fevereiro, a ocidente, depois do pôr do Sol; deixará de ver-se em Março para reaparecer em Abril, ao Oriente, pouco antes do nascimento do Sol, e nascerá sucessivamente mais cedo até ao fim do ano. Desde os primeiros dias de Agosto até ao fim de Novembro terá movimento retrógrado. Andará nas constelações do *Aquário* e dos *Peixes*. Estará em oposição no dia 3 de Outubro.

SATURNO ver-se-á até ao princípio de Setembro, em que terá o seu ocaso pouco depois do do Sol; voltará a ver-se nos meados de Outubro, ao Oriente, pouco antes do nascimento do Sol, e sucessivamente mais cedo até ao fim do ano. Permanecerá todo o ano na constelação da *Virgem*. Desde os meados de Janeiro até ao fim de Maio terá movimento retrógrado. Estará em oposição no dia 20 de Março.

URANO, semelhante a uma estrela de sexta grandeza, permanecerá todo o ano na constelação dos *Gémeos*.

NEPTUNO, invisível à vista desarmada, permanecerá todo o ano na constelação da *Virgem* e estará em oposição em 8 de Abril.

PLUTÃO, que só é acessível aos grandes instrumentos, permanecerá todo o ano na constelação do *Leão* e estará em oposição no dia 8 de Fevereiro.

CALENDÁRIO ABREVIADO

1951

JANEIRO						
Dom.	—	7	14	21	28	—
Seg.	F	8	15	22	29	—
Terça	2	9	16	23	30	—
Qua.	3	10	17	24	F	—
Qui.	4	11	18	25	—	—
Sexta	5	12	19	26	—	—
Sáb.	6	13	20	27	—	—

FEVEREIRO						
Dom.	—	4	11	18	25	—
Seg.	—	5	12	19	26	—
Terça	—	E	13	20	27	—
Qua.	—	7	14	21	28	—
Qui.	1	8	15	22	—	—
Sexta	2	9	16	23	—	—
Sáb.	3	10	17	24	—	—

MARÇO						
Dom.	—	4	11	18	P	—
Seg.	—	5	12	19	26	—
Terça	—	6	13	20	27	—
Qua.	—	7	14	21	28	—
Qui.	1	8	15	22	29	—
Sexta	2	9	16	23	30	—
Sáb.	3	10	17	24	31	—

ABRIL						
Dom.	1	8	15	22	29	—
Seg.	2	9	16	23	30	—
Terça	3	10	17	24	—	—
Qua.	4	11	18	25	—	—
Qui.	5	12	19	26	—	—
Sexta	6	13	20	27	—	—
Sáb.	7	14	21	28	—	—

MAIO						
Dom.	—	6	13	20	27	—
Seg.	—	7	14	21	28	—
Terça	1	8	15	22	29	—
Qua.	2	9	16	23	30	—
Qui.	F	10	17	24	31	—
Sexta	4	11	18	25	—	—
Sáb.	5	12	19	26	—	—

JUNHO						
Dom.	—	3	F	17	24	—
Seg.	—	4	11	18	25	—
Terça	—	5	12	19	26	—
Qua.	—	6	13	20	27	—
Qui.	—	7	14	21	28	—
Sexta	1	8	15	22	29	—
Sáb.	2	9	16	23	30	—

JULHO						
Dom.	1	8	15	22	29	—
Seg.	2	9	16	23	30	—
Terça	3	10	17	24	31	—
Qua.	4	11	18	25	—	—
Qui.	5	12	19	26	—	—
Sexta	6	13	20	27	—	—
Sáb.	7	14	21	28	—	—

AGOSTO						
Dom.	—	5	12	19	26	—
Seg.	—	6	13	20	27	—
Terça	—	7	14	21	28	—
Qua.	1	8	15	22	29	—
Qui.	2	9	16	23	30	—
Sexta	3	10	17	24	31	—
Sáb.	4	11	18	25	—	—

SETEMBRO						
Dom.	—	2	9	16	23	30
Seg.	—	3	10	17	24	—
Terça	—	4	11	18	25	—
Qua.	—	5	12	19	26	—
Qui.	—	6	13	20	27	—
Sexta	—	7	14	21	28	—
Sáb.	1	8	15	22	29	—

OUTUBRO						
Dom.	—	7	14	21	28	—
Seg.	1	8	15	22	29	—
Terça	2	9	16	23	30	—
Qua.	3	10	17	24	31	—
Qui.	4	11	18	25	—	—
Sexta	F	12	19	26	—	—
Sáb.	6	13	20	27	—	—

NOVEMBRO						
Dom.	—	4	11	18	25	—
Seg.	—	5	12	19	26	—
Terça	—	6	13	20	27	—
Qua.	—	7	14	21	28	—
Qui.	1	8	15	22	29	—
Sexta	2	9	16	23	30	—
Sáb.	3	10	17	24	—	—

DEZEMBRO						
Dom.	—	2	9	16	23	30
Seg.	—	3	10	17	24	31
Terça	—	4	11	18	F	—
Qua.	—	5	12	19	26	—
Qui.	—	6	13	20	27	—
Sexta	—	7	14	21	28	—
Sáb.	F	F	15	22	29	—

1952

JANEIRO						
Dom.	—	6	13	20	27	—
Seg.	—	7	14	21	28	—
Terça	F	8	15	22	29	—
Qua.	2	9	16	23	30	—
Qui.	3	10	17	24	F	—
Sexta	4	11	18	25	—	—
Sáb.	5	12	19	26	—	—

FEVEREIRO						
Dom.	—	3	10	17	24	—
Seg.	—	4	11	18	25	—
Terça	—	5	12	19	E	—
Qua.	—	6	13	20	27	—
Qui.	—	7	14	21	28	—
Sexta	1	8	15	22	29	—
Sáb.	2	9	16	23	—	—

MARÇO						
Dom.	—	2	9	16	23	30
Seg.	—	3	10	17	24	31
Terça	—	4	11	18	25	—
Qua.	—	5	12	19	26	—
Qui.	—	6	13	20	27	—
Sexta	—	7	14	21	28	—
Sáb.	1	8	15	22	29	—

ABRIL						
Dom.	—	6	P	20	27	—
Seg.	—	7	14	21	28	—
Terça	1	8	15	22	29	—
Qua.	2	9	16	23	30	—
Qui.	3	10	17	24	—	—
Sexta	4	11	18	25	—	—
Sáb.	5	12	19	26	—	—

MAIO						
Dom.	—	4	11	18	25	—
Seg.	—	5	12	19	26	—
Terça	—	6	13	20	27	—
Qua.	—	7	14	21	28	—
Qui.	1	8	15	22	29	—
Sexta	2	9	16	23	30	—
Sáb.	F	10	17	24	31	—

JUNHO						
Dom.	1	8	15	22	29	—
Seg.	2	9	16	23	30	—
Terça	3	F	17	24	—	—
Qua.	4	11	18	25	—	—
Qui.	5	12	19	26	—	—
Sexta	6	13	20	27	—	—
Sáb.	7	14	21	28	—	—

JULHO						
Dom.	—	6	13	20	27	—
Seg.	—	7	14	21	28	—
Terça	1	8	15	22	29	—
Qua.	2	9	16	23	30	—
Qui.	3	10	17	24	31	—
Sexta	4	11	18	25	—	—
Sáb.	5	12	19	26	—	—

AGOSTO						
Dom.	-	3	10	17	24	31
Seg.	—	4	11	18	25	—
Terça	—	5	12	19	26	—
Qua.	—	6	13	20	27	—
Qui.	—	7	14	21	28	—
Sexta	1	8	15	22	29	—
Sáb.	2	9	16	23	30	—

SETEMBRO						
Dom.	—	7	14	21	28	—
Seg.	1	8	15	22	29	—
Terça	2	9	16	23	30	—
Qua.	3	10	17	24	—	—
Qui.	4	11	18	25	—	—
Sexta	5	12	19	26	—	—
Sáb.	6	13	20	27	—	—

OUTUBRO						
Dom.	—	F	12	19	26	—
Seg.	—	6	13	20	27	—
Terça	—	7	14	21	28	—
Qua.	1	8	15	22	29	—
Qui.	2	9	16	23	30	—
Sexta	3	10	17	24	31	—
Sáb.	4	11	18	25	—	—

NOVEMBRO						
Dom.	—	2	9	16	23	30
Seg.	—	3	10	17	24	—
Terça	—	4	11	18	25	—
Qua.	—	5	12	19	26	—
Qui.	—	6	13	20	27	—
Sexta	—	7	14	21	28	—
Sáb.	1	8	15	22	29	—

DEZEMBRO						
Dom.	—	7	14	21	28	—
Seg.	F	F	15	22	29	—
Terça	2	9	16	23	30	—
Qua.	3	10	17	24	31	—
Qui.	4	11	18	F	—	—
Sexta	5	12	19	26	—	—
Sáb.	6	13	20	27	—	—

Resultados do CONCURSO de 1950

EM DINHEIRO

1.º Prémio: *Sr. José M. de Sousa Fidalgo* — Setúbal 3.000$00
2.º Prémio: *Sr. Alberto Pereira de Mesquita* — Lisboa 1.000$00
3.º Prémio: *Sr. João Cayola Tierno* — Lisboa .... 500$00

EM LIVROS

4.º Prémio: *D. Maria Antonieta H. R. Dias* — Lisboa 500$00
5.º Prémio: *Sr. Ruben Camancho* — Porto .... 300$00
6.º Prémio: *Sr. A. da Costa Figueira* — Gaia .... 200$00

Trinta prémios de 100$00 em livros, a: D. Georgina de B. Figueira, de Gaia. Mário M. e Silva Falcão, João A. G. Pereira Gavo, José A. O. Rodrigues, Mário Gomes de Noronha, Abel Rosa, D. Judite C. Jaques Fonseca, Dr. Joaquim de Figueiredo, D. Helena Miranda, Paulo A. dos S. Silva, todos de Lisboa. D. Maria da Conceição Carvalho, Alberto F. de Melo Caldas, Manuel A. dos Santos, Eduardo Timóteo de Carvalho, D. Amélia Carvalho de Sá, Ângelo Jesus de Carvalho, todos do Porto. Fernando da Cruz M. Rodrigues, de Santo Amaro de Oeiras. Joaquim A. de S. Nogueira, de Santo Tirso. Mário Duarte Ferreira Pinto e D. Maria B. Ferreira Pinto, de Mapuçá, Goa. Sílvio Guedes de Azevedo, de Vila Real. D. Lúcia da Silva Reis e D. Maria M. da Silva Reis, de Póvoa do Varzim. António Vilaça Vaz, de Braga. António M. Monteiro Saraiva, D. Maria Delfina de B. M. Saraiva, D. Maria Eduarda de B. M. Saraiva, de Seia. Alfredo M. Policarpo, de Algés. José Guimarães Fisher, da Amadora.

Trinta prémios de 50$00, em livros, a: Heitor do Carmo F. Pires, José Mendes dos Reis ,Rodrigo Stromp, Mário Vidal, Luís Caes, José da Silva Sequeira, Cap. A. da Costa Pina, Henrique M. da Luz Rocha, José Manuel A. Ribeiro, todos de Lisboa. D. Maria Helena Lopes da Silva, Eng. António Maria Trigo, do Porto. José F. Faúlho Rasoilo, Francisco G. Fisher, Amílcar de P. Fonseca Gouveia, de Coimbra. Manuel H. Correia de Freitas, António M. de Sequeira Cardoso, de Santo Amaro de Oeiras. Armando Garcia Félix, de Ota. António M. Tavares Monteiro, de Bissau. António Rodrigues Alves, de Badajoz. João G. Pastoria Pereira, de Benavente. Hugo Paz dos Reis, de Gaia. Alfredo Leite, de Castelo Branco. Luís Pinheiro da Costa, de Negrelos. D. Irene Pinheiro da Costa, de Santo Tirso. António A. Rodrigues, de Lourenço Marques. Júlio I. R. Gancho, de Santiago de Cacém. Fernando Correia Pessoa, de Luanda. José dos Reis Mateus, de Setúbal. Raul T. Machado, da Foz do Douro. Manuel do Nascimento, de Leixões.

Desde o dia 1 até ao dia 31, os dias crescem 40 m. O dia 1 tem 9 h. e 28 m.; a noite, 14 h. e 32 m. O dia 31 tem 10 h. e 8 m.; a noite, 13 h. e 52 m.

---

1 — *Seg.* — ✠ CIRCUNCISÃO DE JESUS. SS. Fulgêncio *(Bispo de Ruspe)*, Eufrósina. *Primeiro dia do ano. Ano Bom. Feriado eclesiástico e civil.*
2 — *Ter.* — SS. Basílio, Isidoro *(Bispo de Antióquia)*, Macário *(monge)*.
3 — *Qua.* — SS. Antero, Aprígio *(Bispo de Beja)*, Daniel, Florêncio, Genoveva *(padroeira de Paris)*.
4 — *Qui.* — SS. Aquilino e seus comps., Eugénio, Rigoberto *(Arcebispo)*, Tito *(discípulo de S. Paulo)*, Clemência, Isabel.
5 — *Sex.* — SS. Simeão Estilita, Eduardo *(rei de Inglaterra)*, Telésforo, Apolinário, Emília, Emiliana.
6 — *Sab.* — ✠ ADORAÇÃO DOS SANTOS REIS. EPIFÂNIA. SS. Reis Magos *(Baltazar, Gaspar, Melchior)*, Frederico, Gertrudes.
7 — DOM. — SAGRADA FAMÍLIA. *Primeiro Domingo depois da Epifânia.* SS. Luciano *(padre de Antióquia)*, Teodoro.
8 — *Seg.* — SS. Frutuoso, Lourenço, Justiniano, Paciente, Severino, Teófilo, Gudula *(padroeira de Bruxelas)*.
9 — *Ter.* — SS. Adriano, Julião, Marcelino, Basilissa *(mulher de S. Julião)*.
10 — *Qua.* — SS. Agatão ou Ágato, Guilherme *(Arcebispo)*
11 — *Qui.* — SS. Alexandre, Higino, Palémon *(Abade)*, Teodósio, Eufrásia, Honorata, Hortênsia.
12 — *Sex.* — SS. Alfredo *(Abade)*, Arcádio, Sátiro, Cesarina, Taciana.
13 — *Sab.* — *Baptismo de Jesus.* SS. Hilário, Leôncio, Remígio, Verónica.
14 — DOM. — *Santíssimo Nome de Jesus. Segundo Domingo depois da Epifânia.* SS. Félix de Nola, Pedro Urseolo *(doge de Veneza)*, Valentim.
15 — *Seg.* — S. Paulo *(1.º eremita)*. SS. Amaro, Máximo, Macário, Secundina, Tarsítia, Beatriz.
16 — *Ter.* — SS. Mártires de Marrocos, Honorato, Marcelo, Orlando.
17 — *Qua.* — SS. António *(Abade)*, Antão, Mariano, Sérvulo, Sulpício, Leonilde, Rosalina.
18 — *Qui.* — *A Cadeira de S. Pedro, em Roma.* SS. Leonardo, Margarida de Hungria, Prisca.
19 — *Sex.* — SS. Gonçalo de Amarante *(Dominicano port.)*, Canuto *(rei da Dinamarca)*.
20 — *Sab.* — S. Sebastião. SS. Clemente, Fabião, Lucina. B. Beatriz de Lens.
21 — DOM. — SEPTUAGÉSIMA. *Terceiro Domingo depois da Epifânia.* SS. Avito *(Bispo de Clermont)*, Epifânio *(Bispo de Paris)*, Frutuoso, Públio *(Bispo de Atenas)*.
22 — *Seg.* — *(Ant. ✠ no Patriarcado de Lisboa e no Algarve).* S. Vicente *(Padroeiro de Lisboa e do Algarve)*. SS. Anastácio, Iria, Judite.
23 — *Ter.* — SS. Raimundo de Penhaforte, Bernardo *(Arcebispo)*, João Esmoler, Ildefonso *(Arcebispo de Toledo)*, Emerenciana.
24 — *Qua.* — SS. Timóteo *(Bispo de Efeso)*, Beltrão *(Ab. de S. Quintino, em França)*, Marcolino, Feliciano, Urbano, Metelo.
25 — *Qui.* — *Conversão de S. Paulo.* SS. Prisco, Elviro, Aldevina, Neomésia.
26 — *Sex.* — SS. Policarpo, Teógono *(Bispo de Hipona)*, Paula, Vitorina.
27 — *Sab.* — SS. João Crisóstomo *(Bispo)*, Dácio, Julião, Devota.
28 — DOM. — SEXAGÉSIMA. *Quarto Domingo depois da Epifânia. Trasl. de S. Tomaz de Aquino.* SS. Cirilo, Flaviano, Inês *(Virgem e mártir)*, Hermínia, Palmira, B. Mateus de Agrigento, B. Verónica.
29 — *Seg.* — SS. Francisco de Sales, Pedro, Tomaz, Sulpico, Severo, Valério.
30 — *Ter.* — SS. Félix IV *(Papa)*, Hipólito, Martinha, Aldegundes, Batilde *(rainha de França)*, Jacinta de Mariscoti.
31 — *Qua.* — SS. Pedro Nolasco, Ciro, Saturnino, Marcela. B. Luísa de Albertone.

AS PEDRAS DO DOMINÓ

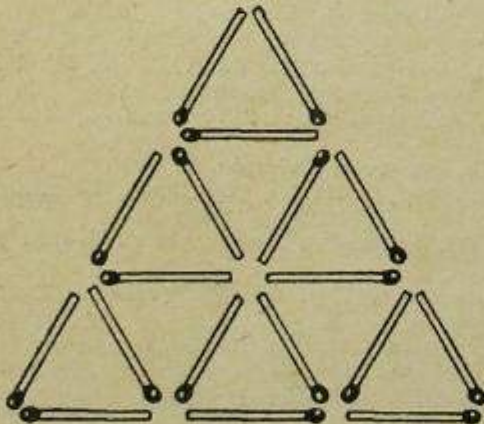
(Solução ao passatempo n.º 1 do **Concurso,** *de pág. 62 do «Almanaque» para 1950).*

0-0 : 0-2 : 2-3 : 3-3 : 3-1 : 1-5 : 5-0 :
0-4 : 4-5 : 5-6 : 6-4 : 4-4 : 4-3 : 3-6 :
6-2 : 2-4 : 4-1 : 1-1 : 1-2 : 2-2 : 2-5 :
5-5 : 5-3 : 3-0 : 0-1 : 1-6 : 66

A pedra que fica de fora é o 0-6.

Doze e mais seis

(Solução ao passatempo n.º 4 do **Concurso,** *de pág. 124 do «Almanaque» para 1950).*

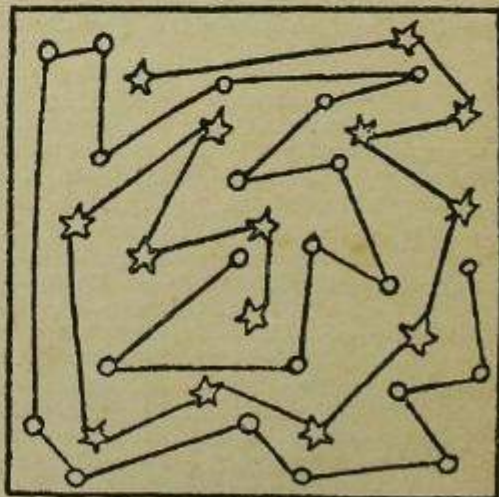
O diagrama mostra os primitivos 6 triângulos, de um fósforo de cada

lado; mais 3, também de um fósforo de cada lado; o triângulo exterior de três fósforos de cada lado e 3 triângulos interiores de dois fósforos de cada lado — isto é, 13 triângulos, ao todo.

A existência humana é um foguete de lágrimas: rapidez, barulho, cintilação, tristeza, escuridade, silêncio. — *D. Alberto Bramão.*

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução ao passatempo n.º 3 do **Concurso,** *de pág. 100 do «Almanaque» para 1950).*

Estrelas e círculos

(Solução ao passatempo n.º 2 do **Concurso,** *de pág. 80 do «Almanaque» para 1950).*

Eis os dois traços que unem, um todas as estrelas e outro todos os círculos, sem nunca se cruzarem.

Desde o dia 1 até ao dia 28, os dias crescem 1 h. O dia 1 tem 10 h. e 10 m.; o dia 28 tem 11 h. e 10 m. A primeira noite do mês tem 13 h. e 50 m.; a última tem 12 h. e 50 m.

---

1 — *Qui.* — SS. Inácio *(Bispo)*, Cecílio *(padroeiro de Granada)*, Brígida.
2 — *Sex.* — *(Ant. ✠) Candelária, Purificação de Nossa Senhora.* SS. Cornélio *(B. de Cesárea)*, Lourenço, Feliciana.
3 — *Sab.* — SS. Braz *(Bispo)*, Anatólio, Celerino, Patrício, Olívia. B. Odorico.
4 — Dom. — Quinquagésima. SS. João de Brito *(Mártir)*, André Corsino *(Bispo)*, Aventino *(B. de Chartres)*, Gilberto, José de Leonissa, Joana de Valois *(mulher de Luís XII de França)*.
5 — *Seg.* — SS. Mártires do Japão, Avito, Filipe de Jesus, Pedro Baptista, Águeda *(condessa de Coríntia, mártir na Sicília)*.
6 — *Ter.* — Carnaval. SS. Tito *(Bispo)*, Amândio *(B. de Maestricht)*, Gregório *(B. de Langres)*, Dorotéa, B. António de Amândula.
7 — *Qua.* — Cinzas. SS. Romualdo *(Abade)*, Maximiniano, Ricardo *(rei de Inglaterra)*, Teodoro, Juliana *(viúva)*, B. António de Stronconio.
8 — *Qui.* — SS. João da Mata *(fund. dos Trinitários)*, Elfredo, Estêvam de Muret, Juvêncio, Lúcio, Paulo.
9 — *Sex.* — SS. Cirilo de Alexandria *(Bispo e Dr. da Igreja)*, Nicéforo, Sabino, Saturnino, Apolónia. B. Gil de S. José.
10 — *Sab.* — SS. Guilherme *(duque de Aquitânia)*, Escolástica, Austreberta.
11 — Dom. — *Primeiro Domingo da Quaresma. Nossa Senhora de Lourdes.* SS. Adolfo *(Bispo)*, Desidério *(B. de Clermont)*, Lázaro *(Bispo)*, Severim *(Abade)*, Teodora *(imperatriz)*, B. Joana Valéria.
12 — *Seg.* — *Sete Fundadores da Ordem dos Servitas da B. V. M.* SS. Gaudêncio, Damião, João Hospitaleiro, Melécio, Eulália.
13 — *Ter.* — *As cinco chagas de Cristo.* SS. Benigno, Eufésio, Gregório II *(Papa)*, Isidro, Martiniano, Poliuto, Eugénio, Catarina de Ricci.
14 — *Qua.* — *Têmporas.* SS. Valentim *(presbítero e mártir)*, Abraão, Teófilo, Saturnino, Revocata, Cristina Visconti. B. João Baptista.
15 — *Qui.* — *Trasl. de Santo António.* SS. Faustino, Jovita, Samuel, Decoroso.
16 — *Sex.* — *Têmporas.* SS. Anésimo *(Bispo de Efeso)*, Porfírio, Juliana de Nicomédia. B. Bernardo de Corleona. B. Filipa Maréria.
17 — *Sab.* — *Têmporas. Fuga de N. S. J. Cristo para o Egipto.* SS. Auxêncio, Flaviano *(Arc. de Constantinopla)*, Silvano, Teódulo, Beatriz, Mariana.
18 — Dom. — Reminiscere. *Segundo Domingo da Quaresma.* SS. Simeão *(Bispo de Jerusalém)*, Teotónio *(1.º Prior de Santa Cruz de Coimbra)*, Marcelo, Eládio *(Arc. de Toledo)*.
19 — *Seg.* — SS. Conrado, Honorato, Valério. B. Álvaro de Córdova.
20 — *Ter.* — SS. Eleutério, Euquério *(B. de Orleans)*, Leão *(B. de Catânia)* Zenóbio.
21 — *Qua.* — SS. Félix *(Bispo de Metz)*, Germano, Maximiano, Pepino de Landen *(rei de França)*, Vitalina, Ângela de Merícia.
22 — *Qui.* — *A Cadeira de S. Pedro, em Antióquia.* SS. Abílio, Pascásio, Margarida de Córdova *(penitente)*.
23 — *Sex.* — SS. Pedro Damião *(Cardeal, Bispo de Ostia e Dr. da Igreja)*, Florêncio, Sereno, Marta, Romana.
24 — *Sab.* — SS. Pretextato, Sérgio.
25 — Dom. — Oculi. *Terceiro Domingo da Quaresma.* SS. Matias *(Apóstolo)*, Cesário, Vitorino, Altrudes.
26 — *Seg.* — SS. Alexandre *(B.)*, Faustiniano, Inácio, Nestório *(B.)*, Vítor, Porfírio.
27 — *Ter.* — SS. Torcato *(Arc. de Braga)*, Baldomero, Leandro *(Arc. de Sevilha)*, Lúcio, Fortunata, Honorina.
28 — *Qua.* — *Trasl. de Santo Agostinho.* SS. Macário, Romão, Teófilo. B. Tomaz de Cória. B. Eustáquia. B. Cristina.

MATEMÁTICAS

(Solução ao passatempo n.º 8 do **Concurso,** *de pág. 206 do «Almanaque» para 1950).*

Eis a disposição dos algarismos para encontrar a devida solução:

	7	4
	5	6
9	8	1

1.111

Quem pintou estes quadros?

(Solução ao passatempo n.º 5 do **Concurso,** *de págs. 138 e 139 do «Almanaque» para 1950)*

1 — Cabeça de rapariga	J. Greuze
2 — A Virgem do peixe	Rafael
3 — 1814	Meissonier
4 — Auto-retrato	Rembrandt
5 — A pata do gato	Sir Edwin Landseer
6 — Lavínia, filha do autor	Ticiano
7 — Mulher sentada	Picasso

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução ao passatempo n.º 7 do **Concurso,** *de pág. 188 do «Almanaque» para 1950).*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	M	A	C	O	N		N	E	R	A	C
2	E	P	I	R	O		A	L	I	J	Ó
3	C	I	D		B	A	B		R	A	S
4	A	S		V	E	R	Ã	O		X	A
5			S	A	L		O	C	A		
6	A	T	O	R				A	C	R	E
7			U	N	A		O	Ñ	A		
8	O	B		A	L	A	V	Á		I	O
9	V	A	C		A	L	A		U	R	I
10	A	C	A	H	I		L	E	S	A	R
11	R	O	S	A	S		O	N	E	R	O

GEOMETRIA

(Solução ao passatempo n.º 6 do **Concurso,** *de pág. 164 do «Almanaque» para 1950).*

São 170 triângulos.

Se o corpo, com exercício moderado se fortalece, com doutas instruções se aperfeiçoa o espírito. — *Isócrates.*

O LABIRINTO

(Solução ao passatempo n.º 9 do **Concurso,** *de pág. 228 do «Almanaque» para 1950).*

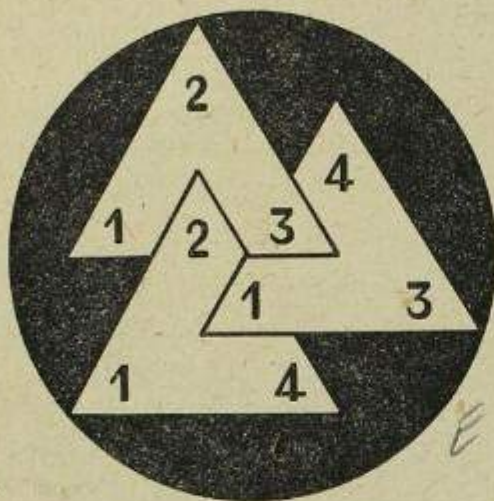
O traço indica o caminho que se deve tomar para sair do castelo.

Desde o dia 1 até ao dia 31, os dias crescem 1 h. e 18 m. O dia 1 tem 11 h. e 14 m.; e a sua noite, 12 h. e 45 m.; o dia 31 tem 12 h. e 32 m., e a sua noite 11 h. e 28 m. O dia e a noite do dia 20 são iguais. (Equinócio da Primavera).

---

1 — *Qui.* — SS. Adrião, Albino *(Bispo de Angers)*, David, Rosendo *(port.)*, BB. Miguel de Carvalho e outros.
2 — *Sex.* — SS. Carlos *(Conde de Flandres)*, Jacques ou Jaime *(Bispo de Toulon)*, Simplício, Camila, Numa *(mãe de S. David)*.
3 — *Sab.* — SS. Celedónio, Martinho, Tito, Fortunato, Astéria, Cunegundes, Márcia.
4 — DOM. — LAETARE. *Quarto Domingo da Quaresma.* SS. Casimiro *(protector da Polónia)*, Lucio, Heraida.
5 — *Seg.* — SS. Adriano, Eusébio, Rogério, Vergílio, Pulquéria.
6 — *Ter.* — SS. Cirilo, Marciano, Olegário *(Bispo)*, Vítor, Perpétua e Felicidade *(mártires)*, Carlota, Vitorina.
7 — *Qua.* — SS. Tomás de Aquino *(Dr. da Igreja)*, Maria, Clotilde de França *(rainha da Sardenha)*.
8 — *Qui.* — SS. João de Deus *(port.)*, Eutrópio, Emelina de Brienne.
9 — *Sex.* — *SS.* Cândido, Metódio, Francisca Romana, Catarina de Bolonha.
10 — *Sab.* — SS. *Quarenta mártires*, Crescêncio, Militão e comps., B. Pedro de Jeremias.
11 — DOM. — PAIXÃO. *Quinto Domingo da Quaresma.* SS. Constantino, Eulógio, Firmino *(Abade)*, Vendiciano.
12 — *Seg.* — SS. Gregório *(Papa e Dr. da Igreja)*, Maximiliano, Paulo *(1.º Bispo de Lyon)*, Teófano, Catarina da Suécia.
13 — *Ter.* — SS. Nicéforo *(Bispo)*, Rodrigo, Cristina. B. Rogério. BB. Sancha e Mafalda *(Infantas port.)*.
14 — *Qua.* — *Trasl. de S. Boaventura.* SS. Eutíquio, Leandro *(Arc. de Sevilha)*, Matilde, Florentina. B. Pedro de Freja.
15 — *Qui.* — SS. Henrique *(rei da Dácia)*, Longino, Raimundo, Zacarias.
16 — *Sex.* — *Sete Dores de Nossa Senhora ou Nossa Senhora das Dores.* SS. Abraão, Ciríaco, Eugénia, Juliana. B. Pedro de Sena.
17 — *Sab.* — SS. Patrício *(Apóstolo da Irlanda)*, Agrícola, Gertrudes.
18 — DOM. — RAMOS. *Sexto Domingo da Quaresma.* SS. Cirilo *(Bispo de Jerusalém)*, Narciso *(Arc. de Braga)*. B. Salvador da Horta.
19 — *Seg.* — ✠ *S. José, Esposo de Nossa Senhora.* SS. Adriano, Caritina.
20 — *Ter.* — SS. Martinho de Dume *(Arc. de Braga)*, Gilberto, Eufémia, Justina. B. João de Parma.
21 — *Qua.* — TREVAS. SS. Bento *(Abade)*, Plácido, Serapião. *Começa a Primavera no hemisfério boreal e o Outono no austral.*
22 — *Qui.* — ENDOENÇAS. SS. Basílio, Benevenuto, Deográcias, Paulo *(B. de Narbona)*.
23 — *Sex.* — PAIXÃO. SS. Félix e comps., Liberato, Vitoriano, Humiliária, Pelágia.
24 — *Sab.* — ALELUIA. *S. Gabriel Arcanjo.* SS. Agapito, Marcos, Ireneu, Segundo, Simão *(menino)*. *Instituição do SS. Sacramento.*
25 — DOM. — PÁSCOA. — *(Ant. ✠) Anunciação de Nossa Senhora.* SS. Cesárea, Dália.
26 — *Seg.* — SS. Bráulio, Ludgero *(Bispo de Munster)*, Manuel, Teodoro, Ema. B. Rizério de Múcia.
27 — *Ter.* — SS. João Damasceno, Alexandre, Fileto *(senador romano)*, Ruperto.
28 — *Qua.* — SS. João Capistrano *(confessor)*, Baráquias, Castor, Jonas, Dorotéa.
29 — *Qui.* — SS. Ciro, Eustácio, Quirino, Juliana de Nicomédia.
30 — *Sex.* — SS. Amadeu, João Clímaco, Pastor *(Bispo de Orleans)*, Régulo, Angelina. B. Angela de Fulgino.
31 — *Sab.* — SS. Benjamim, Guido, Balbina, Catula, Cornélia.

A pirâmide misteriosa

(Solução ao passatempo n.º 10 do **Concurso,** *de pág. 260 do «Almanaque» para 1950).*

Eis os triângulos colocados dentro do círculo, nas condições que se exigiam.

O estudante distraído

(Solução ao passatempo de pág. 255 do «Almanaque» para 1950

1 — Aerómetro de Baumé.
2 — Arco voltaico.
3 — Balança hidrostática.
4 — Barómetro de Fortin.
5 — Disco de Newton.
6 — Luneta de Galileu.
7 — Manómetro de Bourdon.
8 — Máquina pneumática.
9 — Pêndulo eléctrico.
10 — Piezómetro de Oersted.
11 — Pilha de Leclanché.
12 — Roda de Savart.
13 — Telescópio de Grégory.
14 — Termómetro centígrado.
15 — Torniquete hidráulico.
16 — Vibroscópio de Duhamel.

LOJA DE CALÇADO

(Solução ao passatempo de pág. 184 do «Almanaque» para 1950)

SAMBARCO
B**A**BUCHA
CHA**P**IM
C**A**LIGA
BO**T**A
AB**A**RCA
ESCA**R**PIM
V**I**CENTE
G**A**LOCHA

ALORQUE
CHA**N**CA
MARRE**T**A
CARP**I**NS
BORZE**G**UIM
T**A**ROCA

ESCARP**E**S

TA**M**ANCO
S**O**CO
SAN**D**ÁLIA
ALP**E**RCATA
ESPA**R**TENHAS
CHI**N**ELA
M**A**LOCA

As cinco cidades

(Solução ao passatempo de pág. 247 do «Almanaque» para 1950)

Cobra .... Coimbra
Braça .... Bragança
Lisa .... Lisboa
Era .... Évora
Aro .... Aveiro

Desde o dia 1 até ao dia 30, os dias crescem 1 h. e 22 m. O dia 1 tem 12 h. e 34 m.; e a sua noite 11 h. e 26 m.; o dia 30 tem 13 h. e 46 m.; e a sua noite 10 h. e 14 m.

---

1 — DOM. — PASCOELA OU QUASIMODO. *Primeiro Domingo depois da Páscoa.* SS. Hugo *(Bispo de Grenoble)*, Macário, Valério *(Abade)*, Venâncio, Irene. *Chagas de Santa Catarina de Sena.*

2 — *Seg.* — *Nossa Senhora dos Prazeres e da Pena.* SS. Francisco de Paula *(fund. da Ordem dos Mínimos)*, Maria Egipcíaca, Teodósia. *Trasl. de Santa Mónica. Principiam as sestas.*

3 — *Ter.* — SS. Benedito de S. Filadelfo *(preto)*, Pancrácio, Ricardo, Prudêncio, Gualtero.

4 — *Qua.* — SS. Isidoro *(Arcebispo de Sevilha)*, Pedro *(Bispo de Poitiers)*, Zófimo, Alice *(mãe de S. Bernardo)*.

5 — *Qui.* — SS. Vicente Ferrer, Gerardo, Severino, Juliana de Liège.

6 — *Sex.* — SS. Celestino *(Papa)*, Guilherme de Paris *(Abade na Dinamarca)*, Marcelino, Xisto *(Papa)*, B. Tomaz de Tolentino. B. Catarina de Palência.

7 — *Sab.* — SS. Epifânio, Hegipo, Elvira. B. Antónia de Florença.

8 — DOM. — DO BOM PASTOR. *Segundo Domingo depois da Páscoa.* SS. Amâncio, Dinis ou Dionísio *(B. de Corinto)*, Perpétuo. B. Clemente de Ózimo.

9 — *Seg.* — SS. Cristiano, Marcelo, Maria Cléofa *(irmã da Virgem Maria)*. B. Ângelo de Calatafino.

10 — *Ter.* — SS. Daniel e Ezequiel *(profetas)*, Fulberto *(Bispo de Chartres)* Terêncio.

11 — *Qua.* — PATROCÍNIO DE S. JOSÉ. SS. Leão Magno *(Papa e Dr. da Igreja)*, Isaac, João Calibita.

12 — *Qui.* — SS. Vítor *(port.)*, Constantino *(Bispo de Gap)*, Júlio *(Papa)*, Sabas, Zenon. B. Ângelo de Clavário.

13 — *Sex.* — SS. Ermenegildo, Justino, *o Filósofo*, Matilde *(da Escócia)*. B. Margarida de Castela. B. Ida.

14 — *Sab.* — SS. Justino *(mártir)*, Lamberto *(Bispo de Lyon)*, Máximo, Pedro Gonçalves Telmo *(dominicano)*, Tibúrcio, Valeriano, Dominiciana, Tornaida.

15 — DOM. — SS. Basílio, Eustáquio, Anastácia.

16 — *Seg.* — SS. Frutuoso *(Arc. de Braga)*, Bento Labre, Engrácia.

17 — *Ter.* — SS. Aniceto, Elias *(monge port.)*, Estêvão, Hermógenes, Pedro.

18 — *Qua.* — SS. Apolónio, Eleutério, Gualdino, Perfeito, Piónio, Sabino. B. André Hibernon. B. Maria da Encarnação.

19 — *Qui.* — SS. Jorge, Leão XI *(Papa)*, Timão, Expedito, Oda *(do Brabante)*. B. Conrado Miliano.

20 — *Sex.* — SS. Marcelino *(1.º Arcebispo e Padroeiro de Embrun)*, Serviliano, Sulpício, Teodoro, Inês de Monte Pulciano.

21 — *Sab.* — SS. Anselmo *(Arc. de Canterbury, Cantuária)*, Melânia, *a Antiga*, Alexandre, Oportuna.

22 — DOM. — SS. Sotero, Caio, Apeles, Leónidas, Senhorinha *(port.)*.

23 — *Seg.* — SS. Jorge *(mártir, patrono de Portugal)*, Adalberto, Félix, Fortunato.

24 — *Ter.* — SS. Fiel de Sigmaringen, Gastão, Honório.

25 — *Qua.* — ROGAÇÕES OU LADAINHAS MAIORES. S. MARCOS EVANGELISTA. SS. Aviano *(sucessor de S. Marcos)*, Floriberto, Franca.

26 — *Qui.* — SS. Pedro de Rates *(1.º Bispo de Braga)*, Cleto, Marcelino, Riquier.

27 — *Sex.* — SS. Pedro Canísio *(confessor e Dr. da Igreja)*, António, Tertuliano, Toríbio *(Arc. de Lima)*, Valério.

28 — *Sab.* — SS. Paulo da Cruz, Dídimo, Prudêncio, Vital, Teodoro.

29 — DOM. — SS. Pedro de Verona, Hugo *(Abade)*, Roberto.

30 — *Seg.* — ROGAÇÕES. SS. Eutrópio, Máximo, Peregrino, Catarina de Sena, Sofia.

AOS PRINCIPIANTES

(Solução do sr. Francisco Fisher ao problema de pág. 297 do «Almanaque» para 1950).

Primeiro:

5	5	5	5	6	6	6	6 =	44
5	5	5	5	6	6	6	6 =	44
6	6	6	6	5	5	5	5 =	44
6	6	6	6	5	5	5	5 =	44
22	22	22	22	22	22	22	22 =	176

Além desta solução podem formar-se mais com os seguintes grupos de soma igual a 22:

9,9,3,1	9,9,2,2	9,8,4,1	9,8,3,2	9,7,5,1
9,7,4,2	9,7,3,3	9,6,6,1	9,6,5,2	9,6,4,3
9,5,5,3	9,5,4,4	8,8,5,1	8,8,4,2	8,8,3,3
8,7,6,1	8,7,5,2	8,7,4,3	8,6,6,2	8,6,5,3
8,6,4,4	8,5,5,4	7,7,7,1	7,7,6,2	7,7,5,3
7,7,4,4	7,6,6,3	7,6,5,4	7,5,5,5	6,6,6,4

Segundo: — Entre inúmeras soluções dá-se a seguinte:

2	5	2	5	2	5 =	21
2	7	2	7	2	7 =	27
3	8	3	8	3	8 =	33
4	9	4	9	4	9 =	39
4	1	4	1	4	1 =	15
15	30	15	30	15	30 =	135

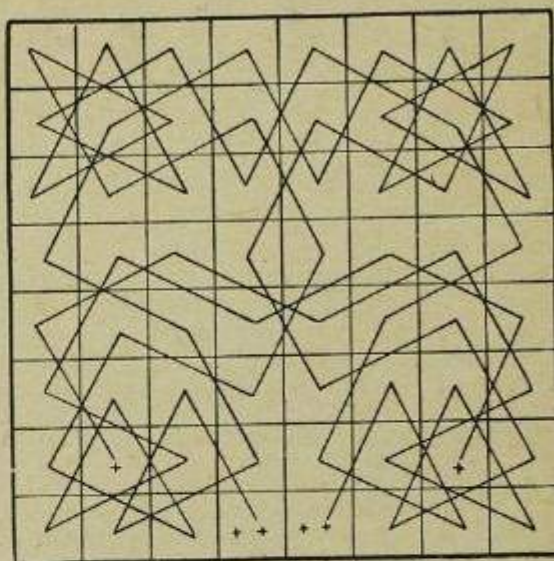
O nosso presado solucionista sr. Francisco Fisher, foi quem maior cópia de soluções apresentou. Os poucos concorrentes mais que o problema teve, ficaram muito áquem da solução acima reproduzida.

ADIVINHAS

(Solução ao passatempo de pág. 297 do «Almanaque» para 1950)

I — Foguete.
II — A letra A.

SALTO DE CAVALO

(Solução ao passatempo de pág. 58 do «Almanaque» para 1950)

Ia sair, mas vou ficar contigo.
Hoje, lá fora, vai um frio intenso;
E em casa estou melhor: Não falo... e penso.
E, se falar, não sabem o que eu digo.

Vou-te contar, longe do mundo imenso,
O que não conto ao meu maior amigo.
A nossa casa é o melhor abrigo
Contra este mundo, — agora me convenço.

Espínola de Mendonça

Provérbios a adivinhar

(Solução ao passatempo de pág. 79 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Quem tem esperança tem paciência.
2.º — Cabeça louca dispensa touca.
3.º — Nem todo o mato é oregãos.
4.º — Um valente acha outro.

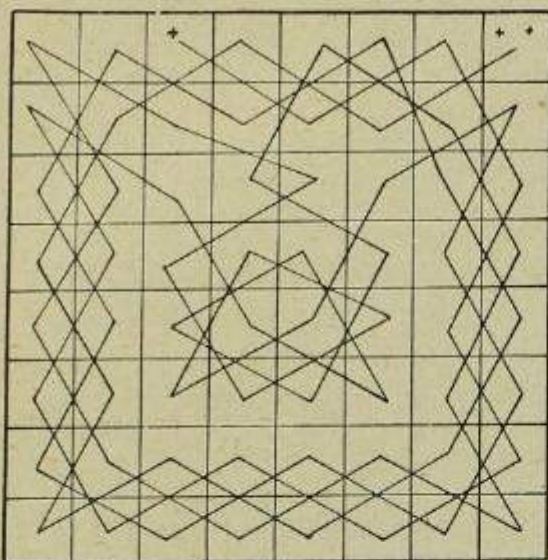
Na sociedade, as relações são, em grande parte, ralações. — *D. Alberto Bramão.*

Desde o dia 1 até ao dia 31, os dias crescem 49 m. O dia 1 tem 13 h. e 48 m.; e a sua noite 10 h. e 12 m.; o dia 31 tem 14 h. e 37 m.; e a sua noite 9 h. e 23 m.

---

1 — *Ter.* — ROGAÇÕES. SS. Filipe e Tiago Menor *(Apóstolos). Começa o mês de Maria.*
2 — *Qua.* — ROGAÇÕES. SS. Atanásio *(Bispo e Dr. da Igreja)*, Félix, Baquilde.
3 — *Qui.* — ✠ ASCENSÃO. *Invenção da Santa Cruz.* SS. Alexandre *(Papa)*, Juvenal, Antónia. *Com. do Descobrimento do Brasil. Feriado nacional.*
4 — *Sex.* — SS. Floriano, Mónica *(mãe de Santo Agostinho, padroeira das viúvas)*, Pelágia. B. Cristóvão de Milão. *Trasl. das relíquias de S. Vicente.*
5 — *Sab.* — *Conversão de Santo Agostinho.* SS. Pio V *(Papa)*, Eulógio, Crescência.
6 — DOM. — SS. João, *ante portam latinam*, João Damasceno, Teodoro *(Bispo)*, Heliodoro *(mártir)*, Benedita, Judite.
7 — *Seg.* — SS. Estanislau *(Bispo)*, Augusto, Flávia, Gisela, Domitília, Eufrosina.
8 — *Ter.* — *Ap. do Arcanjo S. Miguel.* SS. Celerino, Desidério.
9 — *Qua.* — *Trasl. de S. Nicolau.* S. Gregório Nazianzeno *(Bispo)*.
10 — *Qui.* — SS. Antonino *(Bispo de Florença)*, Gordiano, Epímaco, Aureliano, Martim de Leonissa.
11 — *Sex.* — SS. Anastácio, Florêncio, Francisco de Girolano, Mamerto.
12 — *Sab.* — SS. Aquileu, Domingos da Calçada, Epifânio, Joana *(infanta port.)*, Domitila, Flávia.
13 — DOM. — PENTECOSTES OU PÁSCOA DO ESPÍRITO SANTO. *Nossa Senhora de Fátima. Nossa Senhora dos Mártires.* SS. Múcio, Pedro, Regalado, Gervásio, Rolando, Glicéria. B. Alberto de Pérgamo.
14 — *Seg.* — SS. Gil, Bonifácio *(mártir)*, Pacómio, Pascoal, Justina, Aglaia. B. Francisco de Fabiano.
15 — *Ter.* — SS. João Baptista de la Salle *(confessor)*, Indaleto e comps., Isidro *(padr. de Madrid)*, Roberto, Máxima.
16 — *Qua.* — *Têmporas.* SS. Ubaldo *(Bispo e confessor)*, Honório, Germana.
17 — *Qui.* — SS. Pascoal Bailão *(confessor)*, Bruno, Possidónio, Tropez, Restituta.
18 — *Sex.* — *Têmporas.* SS. Venâncio *(mártir)*, Eurico *(rei da Suécia)*, Julieta, Eufrásia.
19 — *Sab.* — *Têmporas.* SS. Pedro Celestino, Ciríaco, Ivo, Prudenciana.
20 — DOM. — SANTÍSSIMA TRINDADE. SS. Bernardino de Sena *(confessor)*, Basílio, Plantílio. B. Colomba de Rieto.
21 — *Seg.* — SS. Marcos *(1.º Bispo de Évora)*, Teobaldo, Virgínia.
22 — *Ter.* — SS. Ato, Romão *(Abade)*, Rita de Cássia, Emília, Elena, Júlia, Quitéria e oito irmãos *(port.)*.
23 — *Qua.* — *Aparição de S. Tiago.* SS. Basileu *(Arc. de Braga)*, Desidério *(Didier, Bispo de Langres)*, Catarina de Córdova.
24 — *Qui.* — ✠ CORPO DE DEUS. *Com. solene do Santíssimo Corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nossa Senhora Auxiliadora.* SS. Cláudio, Donaciano, Melécio e seus comps., Afra, Suzana. *Trasl. de S. Domingos e de S. Tiago Intercísio.*
25 — *Sex.* — SS. Gregório VII *(Papa)*, Urbano I *(Papa)*, Maria *(mãe de S. Tiago)*.
26 — *Sab.* — SS. Filipe de Nery *(confessor)*, Eleutério *(Papa)*, Zacarias.
27 — DOM. — SS. Beda *(confessor e Dr. da Igreja)*, Eutrópio *(Bispo de Orange)*, Ildeberto, João *(Papa)*.
28 — *Seg.* — SS. Agostinho *(Arc. de Cantuária)*, Germano *(Bispo de Paris)*, Guilherme, Justo, Francisca, Teodósia.
29 — *Ter.* — SS. Cirilo, Maximino, Procópio, Maria Madalena de Pazzi. B. João do Prado.
30 — *Qua.* — *Santa Joana d'Arc.* SS. Félix *(mártir)*, Basílio, Fernando *(rei de Castela)*.
31 — *Qui.* — *Nossa Senhora Medianeira de todas as Graças.* SS. Câncio, Simpliciano, Pascásio, Ângela Merícia *(fund. das Ursulinas)*, Petronila. B. Diogo de Salomónio. *Termina o mês de Maria.*

SALTO DE CAVALO

(Solução ao passatempo de pág. 163 do «Almanaque» para 1950)

Lenços brancos nas curvas das estradas,
Quanta amargura, quanta dor dizeis!
Nas mãos que vos agitam, levantadas,
Pombas feridas, a voar pareceis.

E que torturas, que ânsias ignoradas,
Vós traduzis no gesto que fazeis...
Despedidas de mães, de namoradas,
De tantos que jamais! jamais vereis!

AFONSO LOPES VIEIRA

Um matemático excêntrico

(Solução do sr. Melo Caldas ao problema de pág. 231 do «Almanaque» para 1950).

$$44+1=100$$

ou

$$(4\,b+4)+1=b^2$$

donde

$$b=5$$

O matemático usava o sistema de base 5.

Concluiu os estudos com 24 anos, casou-se aos 25 com uma rapariga de 19; a diferença de idades era de 6 anos e alguns anos depois a família tinha 5 pessoas.

Ganhava mensalmente 200 dólares dos quais, descontando a quinta parte, sobravam 160.

É esta uma das soluções mais curtas e explícitas. O ilustre solucionista Lujoca fez uma observação ao enunciado que é realmente bem cabida: é que não se devia ali ter dito que o autor retirava a *décima parte* do salário para auxiliar os pais, mas sim $\frac{1}{10}$ ou 0,1 do salário, porquanto, na base 5, $\frac{1}{10}$ ou 0,1 representa, realmente a *quinta parte*, e esta era realmente a fracção do salário retirada com o fim acima dito.

Números curiosos

(Solução do sr. Júlio Durão ao problema de pág. 240 do «Almanaque» para 1950).

N. B. — Represento por $\dot{n}$ um múltiplo de n.

Teremos: $a+b=\dot{15}$

$a\times b=\dot{15}$

$a-b=\dot{15}$

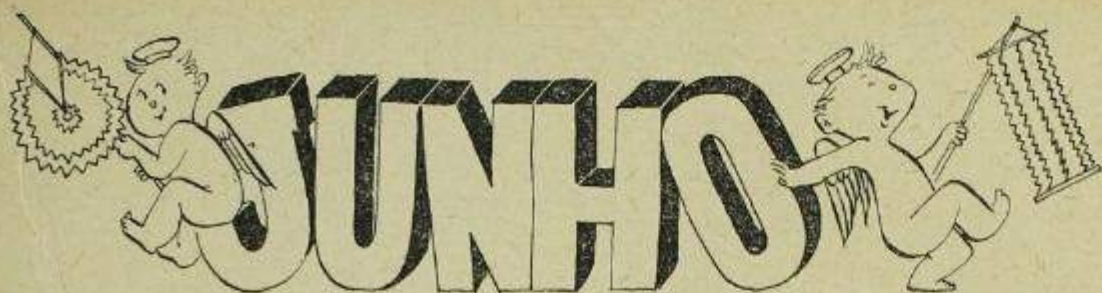
$\frac{a}{b}=\dot{15}$

Como $\frac{a}{b}=\dot{15}$ tem de ser $a=\dot{15}$, e como $b=\dot{15}-a$, será também $b=\dot{15}$.

Os menores números serão: $b=15$ e $a=15^2=225$.

Simplíssimo e nem sempre bem resolvido. Houve quem, na resolução, desse largo desenvolvimento ao cálculo... e houve quem se limitasse a indicar os resultados sem esboçar qualquer justificação.

Nem tanto ao mar, nem tanto à terra!

Os bolos ficam mais macios, se as gemas e as claras forem batidas separadamente.

Desde o dia 1 até ao dia 21, os dias crescem 10 m.; e desde 21 até 30 diminuem 2 m. O dia 1 tem 14 h. e 38 m., e a sua noite 9 h. e 22 m. O dia 21 tem 14 h. e 48 m. É o maior dia do ano (Solstício do Verão). A sua noite tem 9 h. e 12 m.

---

1 — *Sex.* — (Ant. ✠). Festa do Sacratíssimo Coração de Jesus. SS. Firmino, Fortunato, Panfílio, Secundo, Sabina, Blandina, B. Jaime de Strepa.
2 — *Sab.* — SS. Marcelino, Pedro, Erasmo, João de Ortega, Potino. B. Baptista Vareni. B. Ladoc e seus comps. *(dominicanos).*
3 — Dom. — SS. Cecílio, Ovídio *(Arc. de Braga)*, Paulo, Clotilde *(rainha de França).* B. André de Hippelo.
4 — *Seg.* — SS. Francisco Caracciolo *(confessor)*, Alexandre *(Bispo de Verona)*, Quirino, Saturnina.
5 — *Ter.* — SS. Bonifácio *(Arcebispo)*, Alírio, Filipe e seus quatro filhos, Marciano, Sancho, Eloísa, Valéria. B. Pacífico de Ceredano.
6 — *Qua.* — SS. Norberto *(Arc. de Magdeburgo)*, Cláudio *(Arcebispo)*, Filipe de Cesárea, Cândida, Paulina.
7 — *Qui.* — SS. João Nepomuceno, Gilberto *(Abade)*, Pedro Wistremundo e seus comps., Roberto *(Abade em Inglaterra).*
8 — *Sex.* — SS. Cloud, Médard, Salustiano, Severino, Quitéria. Beato Bartolomeu Pucci
9 — *Sab.* — SS. Feliciano, Primo, Julião, Paulo da Cruz, Ricardo, Feliciana, Pelágia.
10 — Dom. — SS. Críspulo, Evremundo *(Abade)*, Landry *(Bispo de Paris)*, Restituto, Margarida *(rainha da Escócia). 371.º aniversário da morte de Luís de Camões. Feriado nacional.*
11 — *Seg.* — SS. Barnabé *(Apóstolo)*, Adelaide, Basilida, Rosalina.
12 — *Ter.* — SS. João de S. Facundo *(confessor)*, Adolfo, Guido, Olímpio, Onofre.
13 — *Qua.* — *Santo António de Lisboa e de Pádua (Dr. da Igreja).* B. Grignon de Montfort.
14 — *Qui.* — SS. Basílio Magno *(Bispo e Dr. da Igreja)*, Eliseu *(profeta)*, Valério.
15 — *Sex.* — SS. Vito e comps. *(mártires)*, Abraão, Constantino, Modesta, Crescência, Germana.
16 — *Sab.* — SS. João Francisco Regis *(confessor)*, Aureliano.
17 — Dom. — SS. Anatólio *(Bispo de Besançon)*, Ismael, Manuel e seus irmãos, Nicandro, Rainero, Alina. B. Tereza *(de Portugal, rainha de Leão).* B. Paulo de Arezzo.
18 — *Seg.* — SS. Efrem *(confessor e Dr. da Igreja)*, Marco, Marcelino, Amândio *(B. de Luçon)*, Leôncio, Florentino, Marina. B. Ossana.
19 — *Ter.* — SS. Gervásio, Protásio, Dié *(Bispo de Nevers)*, Juliana de Falconeri.
20 — *Qua.* — SS. Silvério *(Papa e mártir)*, Macário, Novato, Eusébio, Romualdo. BB. Francisco Pacheco e comps.
21 — *Qui.* — SS. Luís Gonzaga *(confessor)*, Albano, Lanfredo, Pelágio, Raul *(Arc. de Bourges).*
22 — *Sex.* — SS. Paulino *(Bispo e confessor)*, B. Filipe de Placência. B. Tereza. *Começa o Verão no hemisfério boreal e o Inverno no austral.*
23 — *Sab.* — SS. Jaime *(Bispo de Tolosa)*, Agripina, Edeltrudes.
24 — Dom. — Nascimento de S. João Baptista. SS. Colomba, Materna.
25 — *Seg.* — SS. Guilherme, Próspero, Salomão, Febrónia, Lúcia, Oróxia.
26 — *Ter.* — SS. João e Paulo *(irmãos, mártires)*, Antelmo, Pelágio, Maxência.
27 — *Qua.* — SS. Adelino, Benevenuto, Ladislau *(rei da Hungria).*
28 — *Qui.* — SS. Ireneu *(Bispo de Lyon)*, Leão II *(Papa)*, Benigna, Marcela.
29 — *Sex.* — ✠ S. Pedro e S. Paulo *(Apóstolos).*
30 — *Sab.* — *S. Marçal.* SS. Emiliana, Lucilina.

DE BICICLETA

(Solução de «Vasco Raguer» ao problema de pág. 153 do «Almanaque» para 1950).

Para a resolução deste problema basta seguir o raciocínio e indicar algumas simples operações, sem termos necessidade de recorrer às equações, como a seguir se verifica:

Durante cada hora de viagem Carlos toma sobre Bernardo um avanço de 6 km., em virtude das suas velocidades horárias serem, respectivamente, de 16 km. e 10 km.

Ora, quando António se cruza com Bernardo, falta uma hora e meia para que António e Carlos alcancem a bifurcação, ou seja, o termo da viagem. Portanto, nesse momento, Carlos tem ainda a percorrer 16+8=24 km. (1).

Durante essa hora e meia de viagem Bernardo percorrerá 10+5=15 km., mas, como se atrasará de Carlos, no mesmo espaço de tempo, 6+3=9 km., a distância que os separa no momento em que António se cruza com Bernardo — que é no momento em que se inicia a última hora e meia de viagem — é de 15−9=6 km. (2).

Logo, nesse momento, Bernardo encontra-se a 30 km. da bifurcação: 24+6=30 km. (1) e (2).

Consequentemente, António (que se encontra junto de Bernardo, nesse momento) tem também a percorrer 30 km. para alcançar o fim da viagem (a bifurcação).

Como António percorreu essa distância em hora e meia (pois chegou à bifurcação ao mesmo tempo de Carlos) a sua velocidade foi de 20 km./h., tendo, portanto, cruzado com Bernardo meia hora após a partida e com 10 km. já percorridos.

Logo, de Alce à Bifurcação vão 40 km., o que revela imediatamente que a distância Colmos-Bifurcação é de 32 km.

Finalmente, António e Carlos esperaram por Bernardo durante uma hora e meia.

A generalidade dos solucionistas recorreu, como era natural, às equações da mecânica, cujas raízes permitiram determinar as incógnitas do problema. Embora com os mesmos princípios, o desenvolvimento do cálculo apresentou diversas variantes, mais ou menos felizes. A solução que publicamos evitou, dentro do possível, o desenvolvimento do cálculo e das equações, motivo por que foi preferida.

Entre as outras merecem menção à parte as dos solucionistas Giovanni Vecchio e Melo Caldas, sempre prontos à chamada.

Doenças do nosso corpo

(Solução ao passatempo de pág. 119 do «Almanaque» para 1950)

PELA**D**A
BR**O**NQUITE
ECZ**E**MA
A**N**EMIA
DOEN**Ç**A DE CORAÇÃO
REUM**A**TISMO
A**S**MA

VARIZES
TUBERC**U**LOSE
SIFI**L**IS
AN**G**INA
SAR**A**MPO
G**R**IPPE
ENT**E**RITE
TOS**S**E CONVULSA

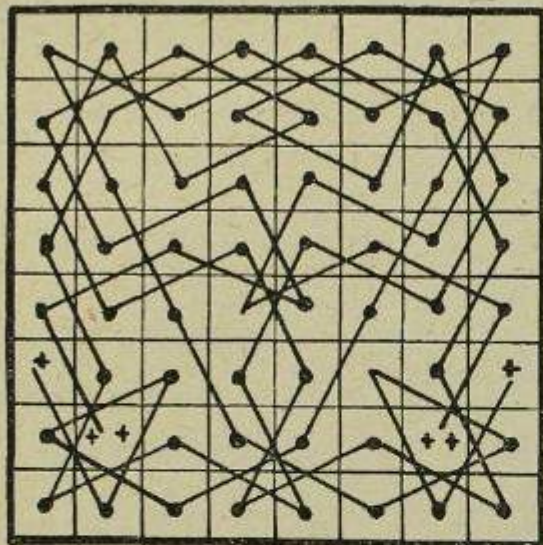
Quando as ervilhas guisadas são amargas, deita-se-lhe uma colherinha de açúcar.

Desde o dia 1 até ao dia 31, os dias decrescem 34 m. O dia 1 tem 14 h. e 46 m.; e a sua noite 9 h. e 14 m.; o dia 31 tem 14 h. e 12 m., e a sua noite 9 h. e 48 m.

---

1 — DOM. — PRECIOSÍSSIMO SANGUE DE N. S. JESUS CRISTO. SS. Aarão, Leonoro *(Bispo)*, Secundino, Simão, Teobaldo *(padr. da Provença)*, Teodorico ou Thierry *(Ab. discípulo de S. Remígio)*, Irene *(viúva)*, Leonor.
2 — *Seg.* — *Visitação de Nossa Senhora.* SS. Processo, Martiniano, Márcia.
3 — *Ter.* — SS. Leão II *(Papa)*, Anatólio, Beltrão, Heliodoro *(Bispo)*, Jacinto *(camareiro do imperador Trajano)*, Monegundes.
4 — *Qua.* — *Trasl. de S. Martinho.* SS. Laureano, Ulrico *(Bispo de Augsburgo)*, Isabel *(rainha de Portugal)*, Berta.
5 — *Qui.* — SS. António Maria Zacarias, Atanásio, Fábio, Ireneu, Filomena, Zoé. B. Miguel dos Santos.
6 — *Sex.* — SS. Rómulo, Dominica ou Domingas, Lúcia.
7 — *Sab.* — SS. Cirilo, Metódio, Cláudio e companheiros, Eudo, Firmino, Próspero, Pulquéria.
8 — DOM. — SS. Procópio, Celina, Virgínia. B. Lourenço de Brindisi.
9 — *Seg.* — SS. Efrem *(Dr. da Igreja)*, Anatólia, Verónica. B. João de Colónia. B. Nicolau e seus comps.
10 — *Ter.* — SS. Januário e seus comps., Felicidade e seus sete filhos *(mártires)*, Rufina e Secunda *(mártires)*. B. Joana Scopelli.
11 — *Qua.* — *Trasl. de S. Bento.* SS. Pio I *(Papa)*, Abúndio, Cipriano, João de Pergamo, Marciano, Sabino, Eufémia.
12 — *Qui.* — SS. Nabor e Félix *(mártires)*, João Gualberto, Hidolfo, Marciana, Lara.
13 — *Sex.* — SS. Anacleto *(Papa)*, Esdras *(Profeta)*, Eugénio *(Bispo de Cartago)*, Brígida.
14 — *Sab.* — SS. Boaventura *(Cardeal)*, Justo *(soldado romano)*, Paulo Focas.
15 — DOM. — SS. Henrique *(marido de Santa Cunegundes, imp. da Alemanha)*. B. Inácio de Azevedo e comps.
16 — *Seg.* — NOSSA SENHORA DO CARMO. *Sagrado Escapulário. Triunfo da Santa Cruz.* SS. Sizenando, Valentim *(B. de Trèves)*, Fausta.
17 — *Ter.* — SS. Aleixo *(confessor)*, Generosa, Jacinta, Marcolina.
18 — *Qua.* — SS. Camilo de Lelis, Arnaldo, Frederico *(Bispo)*, Camila, Marinha, Sinfrónia.
19 — *Qui.* — SS Vicente de Paulo, Justa, Rufina B. João de Dukla.
20 — *Sex.* — SS. Jerónimo, Emiliano *(confessor)*, Elias *(profeta)*, Margarida.
21 — *Sab.* — SS. Cláudio, Daniel, Praxedes, Júlia, Umbelina.
22 — DOM. — SS Platão, Teófilo, Lourenço de Brindes, Maria Madalena, Marta *(irmã de Lázaro e amiga de Maria Madalena)*, Josefa.
23 — *Seg.* — SS. Apolinário *(Bispo de Ravena)*, Libório, Erondina.
24 — *Ter.* — SS. Bernardo, Diogo, Francisco Solano, Ursino, Cristina.
25 — *Qua.* — *S. Tiago Maior (Apóstolo).* SS. Cristóvão, Valentina.
26 — *Qui.* — SANT'ANA, MÃE DE NOSSA SENHORA. SS. Erasto *(discípulo de S. Paulo)*, Germano, Marcelo, Olímpio, Simeão, Sinfrónio e companheiros, Teódulo.
27 — *Sex.* — SS. Pantaleão *(médico e mártir)*, Aurélio e sua mulher, Mauro, Sérgio, Natália. B. Rodolfo Água-Viva e outros. B. Cunegundes.
28 — *Sab.* — SS. Nazário e seus comps., Celso, Eustáquio, Inocêncio I *(Papa)*, Vítor I *(Papa)*.
29 — DOM. — SS. Olavo *(rei da Noruega)* Félix II *(Papa)*, Simplício, Próspero, Serafina, Beatriz.
30 — *Seg.* — SS. Abdão e Senen *(mártires)*, Abel, Rufino, Teodomiro, Domitila, Julieta, Maxência.
31 — *Ter.* — SS. Inácio de Loyola *(fund. da Comp. de Jesus)*, Fábio, Germano *(Bispo de Auxerre)*, Olga.

SALTO DE CAVALO

(Solução ao passatempo de pág. 214 do «Almanaque» para 1950)

Passado depois disto mais dum ano,
Da pobre apaixonada ouvindo a prece,
Recebeu-a, afinal, o deshumano.

E aquela, que hoje o erro seu conhece,
Vive longe, nas garras do tirano,
De quem fugira... se fugir pudesse!

FERNANDES COSTA

Questão ferroviária

(Resposta do sr. R. Silva ao problema de pág. 237 do «Almanaque» para 1950).

Tratando-se da linha de Cascais, o fumo não vai para parte alguma, porque não existe: as locomotivas são eléctricas!...

Não era um problema: era uma pergunta de algibeira. Além do velho amigo do «Bertrand», sr. R. Silva, responderam igualmente bem os srs. Vasco Raguer, Sá Dias e Erasmo Jaques. As outras respostas falharam, por não se reparar que no comboio eléctrico a locomotiva não fuma!

A quinta das esquinas

(Solução do sr. Franscisco Fisher ao problema de pág. 321 do «Almanaque» para 1950).

Formando os lados da propriedade um ângulo de 150°, esta tem a forma de um dodecágono.

São assim 12 filhos.

A fortuna é de $144 \times 12 = 1728$ contos.

O perímetro da quinta é:

$$12 \times 0{,}518 \times R = 12 \times 0{,}518 \times 1000 = 6.216^{m}$$

A vedação é o apótema menos o raio r do poço. O raio do poço é

$$r = \sqrt{\frac{19{,}635}{3{,}1416}} = 2^{m}{,}5$$

O comprimento da vedação é:

$$0.965 \times R - r = 0{,}965 \times 1000 - 2{,}5 = 962^{m}{,}5$$

A área da quinta é:

$$3R^2 = 3 \times 1000^2 = 3.000.000^{m^2}$$

Coube a cada filho:

$$\frac{3000000}{12} = 250.000^{m^2}$$

A configuração dessa área é a de duas metades de um triângulo isósceles ligadas uma à outra pelos lados que ficaram inteiros.

Muitos solucionistas se encarregaram deste problema, com êxito sempre.

Na sua aparente complicação, era, afinal, mais laborioso que difícil.

Assim o entenderam todos. Houve quem se enganasse ao dizer qual a forma geométrica dos quinhões de cada filho.

Hieróglifo comprimido

(Explicação do de pág. 140 do «Almanaque» para 1950)

Nunca alguém me atendeu.

AGOSTO

Desde o dia 1 até ao dia 31, os dias decrescem 1 h. e 8 m. O dia 1 tem 14 h. e 8 m.; e a sua noite, 9 h. e 52 m.; o dia 31 tem 13 h. e a sua noite 11.

---

1 — *Qua.* — SS. Pedro, *ad vincula*, Leôncio, Mártires Macabeus, Mártires de Cheles, Sofia e suas filhas: Fé, Esperança e Caridade.
2 — *Qui.* — SS. Afonso Ligório *(B. e Dr. da Igreja)*, Estêvão *(Papa)*, Gustavo, Pedro *(B. de Osma)*, Teodoro, Cira, Mariana.
3 — *Sex.* — *Descoberta do túmulo de Santo Estêvão, proto-mártir.* SS. Cassiano, Friard, Eufrosina, Lídia *(hospedeira de S. Paulo, em Filippes)*.
4 — *Sab.* — SS. Domingos de Gusmão *(fund. da Ordem dos Prègadores)*, Aristarco, Flaménio, Perpétua.
5 — DOM. — *Nossa Senhora das Neves.* SS. Emídio, Mémio *(Bispo)*, Oswaldo.
6 — *Seg.* — *Transfiguração de Cristo, no Tabor.* SS. Justo, Pastor, Xisto, Estêvam, Regaldina.
7 — *Ter.* — SS. Caetano, Donato, Alberto, Severino, Mafalda.
8 — *Qua.* — SS. Ciríaco e companheiros, Emiliano e companheiros, Justino, Severo, Eleutério.
9 — *Qui.* — SS. João Baptista Maria Vianney, Romão, Veridiano, Vitrício, Astéria.
10 — *Sex.* — SS. Lourenço, Dominicano *(Bispo de Châlons)*, Paula,
11 — *Sab.* — SS. Tibúrcio, Filomena, Suzana, Taurina.
12 — DOM. — SS. Herculano, Numídico, Clara *(fund. da Ordem do Silêncio Perpétuo, Clarissas)*.
13 — *Seg.* — SS. Hipólito e Cassiano *(mártires)*, Aurora, Elena, Radegundes *(rainha de França)*. B. Pedro Moleano.
14 — *Ter.* — SS. Eusébio, Marcelo, Anastácia. B. Juliana de Busto.
15 — *Qua.* — ✠ ASSUNÇÃO DE NOSSA SENHORA. SS. Arnaldo *(Bispo)*, Estanislau.
16 — *Qui.* — S. JOAQUIM, PAI DE NOSSA SENHORA. SS. Roque, Tecla, Venerável Cecília de Palermo, Jacinta.
17 — *Sex.* — SS. Jacinto *(confessor)*, Augusto, Carloman *(Duque e monge)*, Mamede *(padroeiro de Langres)*, Paulo e Juliana *(irmãos)*, Germana. B. Emília.
18 — *Sab.* — SS. Agapito, Firmino *(Bispo de Metz)*, Leonardo, Elena *(imperatriz)*, Clara de Montefalco.
19 — DOM. — SS. João Eudes, Luís *(Bispo de Tolosa)*, Magino, Venusto *(Bispo)*.
20 — *Seg.* — SS. Bernardo *(1.º Abade de Clairvaux, Dr. da Igreja)*, Felisberto *(Abade de Jumièges)*, Samuel *(profeta)*, Emília.
21 — *Ter.* — SS. Anastácio, Maximiliano, Privato *(Bispo de Nimes)*, Joana de Chantal *(fundadora das Visitadeiras e avó de M.me de Sévigné)*, Umbelina
22 — *Qua.* — IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA. SS. Timóteo e comps., Fabriciano, Sinforiano, Antúsia.
23 — *Qui.* — SS. Filipe Benício, Donato, Liberato e comps., Sidónio, Apolinário.
24 — *Sex.* — SS. Bartolomeu *(Apóstolo)*, Eustíquio, Ptolomeu, Romão, Aura.
25 — *Sab.* — SS. Luís *(rei de França)*, Miguel de Carvalho e comps., Gines, Peregrino, Gregório, Patrícia.
26 — DOM. — SS. Zeferino *(Papa e mártir)*, Eulálio *(Bispo de Nevers)*, Jacinto, Rosa.
27 — *Seg.* — SS. José de Calazans, Cesário *(B. de Arles)*, Jorge, Rufo, Eulália, Margarida. B. Timóteo de Montículo.
28 — *Ter.* — SS. Agostinho *(Bispo e Doutor da Igreja)*, Hermes, Quintino, Veridiano, Inês.
29 — *Qua.* — *Degolação de S. João Baptista.* SS. Adolfo *(B. de Metz)*, Nicéas, Sabina, Cândida, Serafina.
30 — *Qui.* — SS. Agílio, Celedónio, Eónio, Emetério, Gaudêncio, Rosa de Lima.
31 — *Sex.* — SS. Raimundo Nonato, Amado, Aristides, Vicente, Isabel de França *(irmã de S. Luís)*.

Uma série de quadrados

(Solução do sr. Francisco Fisher ao problema de pág. 74 do «Almanaque» para 1950).

1.° — É evidente que os algarismos dos milhares e das unidades do quadrado maior são, respectivamente, 9 e 1.

Portanto, teremos:

$$(m+c+d+u)\times 5{,}5=(c+d)\times 5{,}5+55$$

$(c+d)$ tem que ser par e só pode ser igual a 8 para que a soma $m+c+d+u$ dê um número múltiplo de 9.

Logo

$$(m+c+d+u)\times 5{,}5=99$$

Os números são

$$99^2=9801 \text{ e } 1089$$

2.° — Pelo enunciado temos:

$$(10c+d)^2=(20m+2u)^2=1000m+ +100c+10d+u$$

O algarismo *u* do quadrado será o algarismo das unidades de $4u^2$ e, portanto, igual a 0 ou 4 ou 6.

Para $u=0$, *m* poderá ter os valores de 4, 3 ou 2. Só satisfaz o valor de $m=3$, sendo a raiz, $20m+2u=60$ e o quadrado 3600.

Para $u=4$ ou $u=6$ nenhum dos valores que *m* poderia ter satisfaz.

3.° — Será:

$$101u+10d=\left(\frac{11u}{2}\right)^2 \text{ ou seja } 404u+ +40d=121u^2$$

Verifica-se que o algarismo das unidades do quadrado é obtido pela multiplicação de *u* por 4, ou pelo quadrado de u. Logo será $u=4$ e, portanto,

$$404\times 4+40d=1936$$

donde $d=8$

O quadrado capicua é 484 e a sua raiz é 22.

4.° — A diferença entre dois quadrados é igual ao produto da soma das suas bases pela diferença das mesmas. Logo, a diferença das bases é igual a 4, e como estas são dígitos e os quadrados têm dois algarismos, só poderão ser 9 e 5 ou 8 e 4. Ambas satisfazem, sendo os quadrados 85 e 25; e 64 e 16.

5.° — O algarismo das unidades de qualquer quadrado só pode ser 0, 1, 4, 5, 6 ou 9. Como pelo enunciado é $10d+u$ igual a metade da raiz dele, o único dígito que elevado ao quadrado nos dá um número terminado em metade do mesmo dígito é 8, e, portanto, é $u=4$.

Como é $10m+u=10c+d$, conclui-se que é $u=d$. A raiz será portanto 88 e o quadrado 7744.

6.° — 111.111.111.

São inexgotáveis os problemas sobre quadrados e sempre atráem as simpatias dos concorrentes. Estes não fugiram à regra, pois muitos solucionistas deles se ocuparam, por métodos semelhantes. Publicamos a do sempre fiel solucionista, sr. Francisco Fisher. Notamos que outro solucionista reproduziu quase textualmente as soluções deste velho amigo.

Haveria transmissão de pensamento?

Provérbios a adivinhar

(Solução ao passatempo de pág. 237 do «Almanaque» para 1950)

1.° — Com papas e bolos se enganam os tolos.

2.° — Quem tudo quer tudo perde.

3.° — Faze o bem não olhes a quem.

4.° — Quem diz mal de ti é o homem do teu ofício.

5.° — Nunca o invejoso medrou nem quem ao pé dele morou.

SETEMBRO

Desde o dia 1 até ao dia 30, os dias decrescem 1 h. e 16 m. O dia 1 tem 12 h. e 58 m.; e a sua noite, 11 h. e 2 m. O dia 30 tem 11 h. e 42 m. e a sua noite 12 h. e 18 m. No dia 23 a noite e o dia são iguais. (Equinócio do Outono).

---

1 — *Sab.* — SS. Gil *(Abade)*, Constâncio *(Bispo)*, Egídio, Lopo, Ana e seus doze irmãos.
2 — Dom. — SS. Estêvão *(rei da Hungria)*, Lázaro *(irmão de Marta, ressuscitado por Jesus)* Ricardo, Brocardo. B. Margarida de Lovaina.
3 — *Seg.* — SS. Lourenço, Justiniano *(Bispo)*, Ladislau, Remáclo. B. João de Perúgia.
4 — *Ter.* — SS. Marino, Rosa de Viterbo, Cândida, Rosária de Palermo.
5 — *Qua.* — SS. Lourenço Justiniano *(Bispo)*, Vitorino, Obdúlia. B. Gentil. B. Catarina de Raconis.
6 — *Qui.* — SS. Celestino, Eugénio e comps., Humberto *(Bispo de Cambraia)*, Onesíforo, Fausto, Macário, Eleutério. B. Vicente de Aquino.
7 — *Sex.* — SS. Anastácio João de Nicomédia.
8 — *Sab.* — Natividade de Nossa Senhora. *Nossa Senhora da Luz.* SS. Adrião, Belina, Natália, Regina. *Terminam as séstas.*
9 — Dom. — SS. Gorgónio *(mártir)*, Graciano *(Bispo de Annecy)*, Omar, Sérgio *(Papa)*, Dorotéa. B. Serafina Sforzia *(viúva)*.
10 — *Seg.* — SS. Nicolau Tolentino, Alberto *(B. de Avranches)*, Pulquéria.
11 — *Ter.* — SS. Proto e Jacinto *(mártires)*, Emiliano, Pafnúcio, Teodorina *(penitente)*. B. Bernardo de Ofida. Venerável Lucrécia.
12 — *Qua.* — Santíssimo Nome de Maria. SS. Eulógio, Juvêncio, Leôncio e comps., Lotário, Auta, Bona.
13 — *Qui.* — SS. Amado *(Bispo de Sens)*, Filipe, Maurício *(B. de Angers)*, Hermínia, Verónica de Juliani.
14 — *Sex.* — Exaltação da Santa Cruz. SS. Cornélio, Materno *(Bispo de Trèves)*.
15 — *Sab.* — *Dores gloriosas de Nossa Senhora.* SS. Albino, Alfredo *(rei de Inglaterra)*, Domingos, Soriano, Epiro *(B. de Tolosa)*, Lubin *(B. de Chartres)*, Nicodémio, Valeriano, Nicetas, Militina.
16 — Dom. — *Trasladação de S. Vicente.* SS. Cornélio e Cipriano *(mártires)*, Eufêmia e companheiros.
17 — *Seg.* — *Impressão dos estigmas de S. Francisco.* SS. Lamberto, Pedro de Arbués, Colomba, Ildegarda.
18 — *Ter.* — SS. José de Cupertino *(confessor)*, Simier *(B. de Avranches)*, Irenéa, Ricarda, Sofia.
19 — *Qua.* — *Têmporas. Ap. da Virgem de la Sallete.* SS. Januário *(B. de Benevenuto, e comps. mártires)*, Elias, Constança. B. Poncio de Lázaro.
20 — *Qui.* — SS. Eustáquio e comps. *(mártires)*, Cândida, Fausta, Teofista.
21 — *Sex.* — *Têmporas.* SS. Mateus *(Apóstolo e Evangelista)*, Mauro, Efigénia.
22 — *Sab.* — *Têmporas.* SS. Tomaz de Vila Nova *(Bispo e confessor)*, Digno, Florêncio *(Bispo de Poitiers)*, Maurício e seis mil comps. *(Legião tebana)*.
23 — Dom. — SS. Lino *(Papa e mártir, sucessor imediato de S. Pedro)*, Tecla *(virgem e mártir)*. *Começa o Outono no hemisfério boreal e a Primavera no austral.*
24 — *Seg.* — *Nossa Senhora das Mercês.* SS. Gerardo *(Bispo)*, Tirso.
25 — *Ter.* — SS. Cleofas, Firmino *(1.° Bispo de Amiens)*, Herculano, Pacífico, Severino, Aurélia, Maria de Cervellon.
26 — *Qua.* — SS. Cipriano *(mártir)*, Eusébio, Justina *(mártir)*, Delfina, Eugénia. B. Luísa de Calatajerone.
27 — *Qui.* — SS. Cosme e Damião *(mártires)*, Adolfo, Elisiário de Sabran, João Marcos, Judite.
28 — *Sex.* — SS. Venceslau *(duque de Boémia, mártir)*, Bernardino de Feltro, Exupero.
29 — *Sab.* — *S. Miguel, Arcanjo.* SS. Marcial, Petrónia.
30 — Dom. — SS. Jerónimo *(Dr. da Igreja)*, Honorina.

O AVÔ DO GASPAR

(Solução do sr. R. Silva ao problema de pág. 89 do «Almanaque» para 1950).

Sejam a e b os algarismos das dezenas e das unidades do ano em que nasceu.

A soma dos algarismos desse ano será $9+a+b$. Portanto, em 1904, o avô tinha

$$1904-(1800+10a+b) \text{ anos}$$

o que seria igual, segundo o enunciado, a $9+a+b$; o que dá uma equação

$$11a+2b=95$$

indeterminada do 1.º grau cujas únicas soluções inteiras e dígitas são

$$a=7$$
$$b=9$$

Portanto, o avô nasceu em 1879; tinha 25 anos em 1904 e terá 71 em 1950, se ainda for vivo!...

Poucos problemas atraíram tanto as atenções dos solucionistas como este, na realidade fácil e aliciante. Todos se houveram com galhardia. As soluções obedeceram todas a moldes semelhantes, pelo que não há muita razão para destacar solucionistas.

NA POLINÉSIA

(Solução de «Oliosar» ao problema de pág. 318 do «Almanaque para 1950)

Ter-se-á atravessado o rio pela seguinte maneira:

1.ª viagem — Embarcam 2 pretos, sendo um o remador, retrocedendo este com o barco depois de o outro ter desembarcado.

2.ª viagem — Embarca seguidamente com o remador o terceiro preto que é deixado na margem oposta, retrocedendo o remador com o barco.

3.ª viagem — Embarcam dois brancos, dos quais um fica na margem oposta e o outro retrocede com o barco trazendo um dos pretos.

4.ª viagem — Embarca um branco com o preto remador, regressando o branco com outro preto não remador.

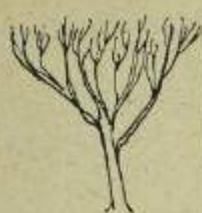
5.ª viagem — Embarcam, finalmente, os dois brancos, regressando com o barco o preto remador depois daqueles desembarcados, o qual em mais duas viagens transportará os outros pretos, visto nesta altura se encontrarem já os três brancos na margem oposta.

As muitas soluções recebidas são equivalentes. Publica-se uma delas.

Passatempo histórico

(Solução ao passatempo de pág. 197 do «Almanaque» para 1950)

1.ª — Bayard (França).
2.ª — Catão (Roma).
3.ª — Calonne (França).
4.ª — César Bórgia (Itália).
5.ª — Filipe da Macedónia (2.º).
6.ª — Filipe II (Espanha).
7.ª — Lalande (Astrónomo francês).
8.ª — Luís XI (França).
9.ª — Montesquieu (Filósofo francês).
10.ª — Robespierre (França).
11.ª — Sieyès (Estadista francês).
12.ª — Torquemada (Inquisidor espanhol).

O rei Luís XV, de França, pretendia ser mais habilidoso em trabalhos de costura, do que qualquer mulher do seu reino.

OUTUBRO

Desde o dia 1 até ao dia 31 os dias decrescem 1 h. e 8 m. O dia 1 tem 11 h. e 40 m., e a sua noite 12 h. e 20 m. O dia 31 tem 10 h. e 32 m., e a sua noite 13 h. e 28 m.

---

1 — *Seg.* — SS. Veríssimo, Máximo e Júlia *(irmãos port. mártires)*, Gastão, Remígio *(Bispo de Reims)*. B. Luísa de Sabóia.
2 — *Ter.* — *Santos Anjos da Guarda.* SS. Ligório *(Bispo de Autun)*, Satúrio, Teófilo.
3 — *Qua.* — *Santa Terezinha do Menino Jesus.* SS. Cândido, Desidério *(B. de Reims)*, Dinis, Gerardo, Maximiano.
4 — *Qui.* — SS .Francisco de Assis *(confessor, fundador das três Ordens franciscanas)*, Flávia.
5 — *Sex.* — SS. Plácido e comps., *(mártires)*, Atilano, Constante, Froilão, Aura *(Abadessa). 41.º ano da implantação da República em Portugal. Feriado Nacional.*
6 — *Sab.* — SS. Bruno *(confessor)*, Romão *(Bispo de Auxerre)*, Fé, Maria Francisca.
7 — DOM. — NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO. SS. Marcos *(Papa e confessor)*, Augusto, Henrique, Sérgio, Justina de Pádua. B. Mateus de Carrério.
8 — *Seg.* — SS Demétrio, Simeão *(discípulo de Jesus)*, Brígida *(princesa de Merícia)*, Pelágio *(penitente)*.
9 — *Ter.* — SS. Dionísio e comps. *(mártires)*, Andronico, Dinis. *o Aeropagita*, Públio, Atanásia.
10 — *Qua.* — SS. Francisco de Borja *(padroeiro de Portugal e conquistas)*, Aubry, Luís Beltrão.
11 — *Qui.* — MATERNIDADE DE NOSSA SENHORA. SS. Firmino, Germano *(Bispo de Besançon)*, Nicásio *(Bispo de Rouen)*, Zenaida.
12 — *Sex.* — SS. Plácido, Serafim, Wilfredo *(Bispo de York)*.
13 — *Sab.* — *SS.* Eduardo *(confessor, rei de Inglaterra)*, Daniel e comps., Venâncio, Chelidónia.
14 — DOM. — *Nossa Senhora dos Remédios.* SS. Calisto I *(Papa e mártir)*, Donaciano, Evaristo, Fortunato, Gaudêncio.
15 — *Seg.* — SS. Severo, Tereza de Jesus *(fundadora da Ordem das Carmelitas descalças)*.
16 — *Ter.* — SS. Florentino *(Bispo)*, Galo *(Abade)*, Martiniano e seus comps., Venceslau, Adelaide, Bolónia.
17 — *Qua.* — SS. André de Creta, Cerbonay *(Bispo)*, Florêncio, Margarida, Maria de Alacoque, Edviges *(duquesa de Bolónia)*, Mamerta.
18 — *Qui.* — SS. Lucas *(Apóstolo e Evangelista)*, Justo, Trifónia *(imperatriz)*.
19 — *Sex.* — SS. Pedro de Alcântara *(confessor)*, Saviniano e comps., Aquilina.
20 — *Sab.* — SS. João Câncio *(confessor)*, Feliciano, Jorge *(diácono)*, Iria *(port.)*.
21 — DOM. — SS. Hilarião *(Abade)*, Leonardo, Ursula e comps., Angelina, Celina.
22 — *Seg.* — SS. Eusébio, Marcos, Teodorico, Elódia, Maria Salomé. B. Ladislau de Gielnioso. *Ded. da Real Basílica de Mafra.*
23 — *Ter.* — SS. Félix, Graciano, João Bom, João Capristano, Pedro Pascoal.
24 — *Qua.* — *S. Rafael, Arcanjo.* SS. Fortunato, Sabina, Maxência.
25 — *Qui.* — SS. Crisanto, Crispim e Crispiniano *(advogs. dos sapateiros)*, Dária, Cilésia. *Com. da tomada de Lisboa aos Moiros por D. Afonso Henriques. Feriado municipal.*
26 — *Sex.* — SS. Evaristo *(Papa e mártir)*, Amândio *(Bispo de Strasburgo)*, Luciano e comps., Marciano, Rústico, Cirilo. B. Boaventura de Potenza.
27 — *Sab.* — SS. Gonçalo de Lagos, Elesbão *(imp. da Etiópia)*, Frumêncio, Múcio, Vicente, Cristela, Fidélia. *Os mártires de Évora.*
28 — DOM. — FESTA DE CRISTO REI. SS. Judas Tadeu *(Apóstolo)*, Simão *(Apóstolo)*, Luísa de Cremona.
29 — *Seg.* — SS. Feliciano, Narciso, Bemvinda, Ermelinda, Eusébia. B. Paula de Mantua. *Trasl. de Santa Isabel, rainha de Portugal.*
30 — *Ter.* — SS. Ângelo, Arsénio, Cláudio, Serapião, Zenóbio.
31 — *Qua.* — SS. Afonso Rodrigues, Maturino. B. Tomaz de Florença.

Remoção da brita

(Solução do sr. Júlio Durão ao problema de pág. 233 do «Almanaque» para 1950).

Homem e rapaz gastam $21^h,36^m = 21^h,6$; portanto em 1^h transportam $\frac{1}{21,6} = \frac{5}{108}$ da brita.

Se o homem levar x horas, em 1^h transporta $\frac{1}{x}$ da brita.

O rapaz levará $x+18$ horas; em 1^h transporta $\frac{1}{x+18}$ da brita.

Portanto, os dois juntos transportam neste tempo:

$$\frac{1}{x} + \frac{1}{x+18} = \frac{5}{108}$$

Resolvendo obtém-se $x=36$.

Logo, o homem gastará 36^h e o rapaz 54^h.

Problema de características nitidamente elementares, houve solucionistas categorizados que se perderam no caminho e não conseguiram dar-lhe boa saída. Muitos foram os pescadores que lhe lançaram a rêde, mas nem todos colheram peixe.

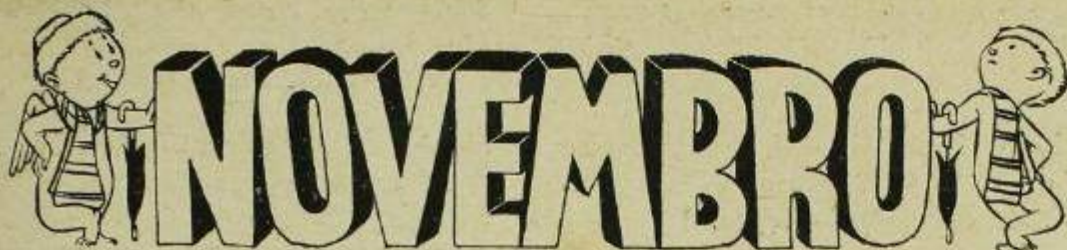
CONFUSÃO DE NOMES

(Solução ao passatempo literário de pág. 172 do «Almanaque» para 1950)

Alexandre Herculano de Carvalho Araújo.
Antero de Quental.
António Augusto Soares de Passos.
António Ferreira.
António Feliciano de Castilho.
António Dinis da Cruz e Silva.
Camilo Castelo Branco.
Fernão Lopes de Castanheda.
Fernão Mendes Pinto.
Francisco Manuel de Melo.
Francisco Rodrigues Lobo.
Frei Luís de Sousa.
Frei Heitor Pinto.
Guerra Junqueiro.
Gomes Eanes de Azurara.
João de Deus.
Joaquim Guilherme Gomes Coelho.
João Baptista da Silva Leitão Almeida Garrett.
José da Silva Mendes Leal.
Luís de Camões.
Luís Augusto Rebelo da Silva.
Manuel Maria Barbosa du Bocage.
Manuel Pinheiro Chagas.
Padre António Vieira.
Padre Manuel Bernardes.
Tomás Ribeiro.

Fantasias escolares

(Resposta do sr. Giovanni Vecchio ao problema de pág. 216 do «Almanaque para 1950).

1.ª — Zézere.

2.ª — Ceci tuera cela { Ceci (do Guarany) / tu / era / cela

3.ª — $2^3=8$; ∞ (oito deitado) = símbolo do infinito.

Não se trata de problemas, antes de enigmas propostos à sagacidade dos decifradores.

Talvez por isso, e por suporem que de problemas se tratava, os solucionistas dele se afastaram. O solucionista «Hugo» deu resposta idêntica à que publicamos. O autor indicava o rio Degebe em lugar do Zêzere. Ambas as respostas servem, uma vez que se não declarou tratar-se ou não de consoantes diferentes.

NOVEMBRO

Desde o dia 1 até ao dia 30, os dias decrescem 54 m. O dia 1 tem 10 h. e 30 m., e a sua noite 13 h. e 30 m.; o dia 30 tem 9 h. e 36 m., e a sua noite 14 h. e 24 m.

---

1 — *Qui.* — ✠ FESTA DE TODOS OS SANTOS SS. Amável, Pedro do Barco.
2 — *Sex.* — DIA DE FINADOS. *Com. dos Fiéis Defuntos.* SS. Nectário, Eustáquio.
3 — *Sab.* — SS. Benigno, Huberto *(padr. dos caçadores)*, Malaquias *(primaz da Irlanda)*, Marcelo *(B. de Paris)*, Alfaida, Sílvia.
4 — DOM. — SS. Carlos Borromeu *(cardeal, Arcebispo de Milão)*, Vital, Agrícola, Modesta.
5 — *Seg.* — *Sagradas Relíquias.* SS. Maurício, Zacarias e Isabel *(pai e mãe de S. João Baptista)*, Bertilde *(Ab. de Chelas)*. B. Rainério. B. Elena.
6 — *Ter.* — SS. Gregório *(Bispo)*, Leonardo, Severino. B. Nuno de Santa Maria.
7 — *Qua.* — SS. Amarando, Ernesto *(mártir em Meca)*, Florêncio, Hércules *(Bispo de Perúgia)*, Wilbracht, Tessalónia.
8 — *Qui.* — SS. Deodato, Godofredo *(Bispo de Amiens)*, Severiano e seus comps., Vitoriano, Maria. Os quatro irmãos coroados.
9 — *Sex.* — *Ded. da Basílica do SS. Salvador.* SS. Teodoro, Maturino, Raimundo, Sotero, Eustólio. *Os SS. das Ordens de S. Domingos.*
10 — *Sab.* — SS. André, Avelino *(confessor)*, Trifão, Respício, Justo *(Arcebispo)*, Leão, Probo, Teotista, Ninfa.
11 — DOM. — SS. Martinho *(Bispo e confessor)*, Verânio *(Bispo de Lyon)*, Bartolomeu *(Abade)*, Mena, Clemência.
12 — *Seg.* — SS. Martinho *(Papa e mártir)*, Diogo de Alcalá, Estanislau, Renato.
13 — *Ter.* — SS. Diogo *(confessor)*, Arcádio, Brice *(Bispo de Tours)*, Didácio, Eugénio III *(B. de Toledo)*. *Os SS. das Ordens de Santo Agostinho, de S. Bento e da SS. Trindade.*
14 — *Qua.* — *Trasl. de S. Paulo, 1.º Eremita.* SS. Josafate *(Bispo e mártir)*, Bertrando ou Beltrão, Marciano, Ursino, Filomena, Veneranda. *Os SS da Ordem do Carmo.*
15 — *Qui.* — SS. Alberto Magno, Eugénio I *(Arcebispo de Toledo)*, Leopoldo, Maclou *(Bispo de Aleth)*, Eugénia. *Ded. da Basílica do S. Coração de Jesus.*
16 — *Sex.* — SS. Edmundo, Gertrudes Magna, Valéria, Inês de Assis. B. Gonçalo de Lagos.
17 — *Sab.* — SS. Gregório, *o Taumaturgo (Bispo de Tours)*, Agnano, Hugo, Vitória. B. Salónica.
18 — DOM. — SS. Eudo *(Bispo de Cluny)*, Hildo, Mandé, Máximo, Otão, Romão. *Ded. da Basílica dos SS. Pedro e Paulo.*
19 — *Seg.* — SS. Nerino, Ponciano, Isabel *(rainha da Hungria)*.
20 — *Ter.* — SS. Félix de Valois *(fund. da Ordem dos Trinos)*, Edmundo *(rei de Inglaterra)*, Hipólito *(B. de Belley)*, Maxêncio, Benigno, Simplício, Octávio, Francisca.
21 — *Qua.* — *Apresentação de Nossa Senhora no Templo.* SS. Alberto *(Bispo de Liège)*, Columbano, Estêvão, Rufo.
22 — *Qui* — SS. Mauro, Pagâncio, Filomeno, Cecília *(padr. dos músicos)*.
23 — *Sex.* — SS. Clemente *(Papa e mártir)*, Felicidade, Lucrécia.
24 — *Sab.* — SS. João da Cruz *(confessor e Dr. da Igreja)*, Crisógono, Estanislau Kostska, Firmina, Flora, Maria.
25 — DOM. — SS. Gonçalo, Moisés, Erasini, Catarina de Alexandria, Jacomba.
26 — *Seg.* — *Desposórios de Nossa Senhora.* SS. Silvestre *(Abade)*, Pedro Alexandrino *(Bispo e mártir)*, Conrado, Magêncio, Delfina, Genoveva das Ardenas.
27 — *Ter.* — SS. Facundo, Máximo, Primitivo, Tiago, Margarida de Sabóia. B. Leonardo de Porto Maurício. *Os SS. da Ordem de S. Paulo.*
28 — *Qua.* — SS. Tiago Intercísio *(mártir)*, Gregório III *(Papa)*, Hilário *(B. de Poitiers)*,
29 — *Qui.* — SS. Saturnino, Ilda, Justina. *Os SS. das três Ordens de S. Francisco.*
30 — *Sex.* — *Santo André (Apóstolo).* SS. Justino, Constança.

OBRA DE CARIDADE

(Solução do sr. Manuel Pais Silvestre Júnior, ao problema de pág. 277 do «Almanaque» para 1950).

$$A+B+C+D=516$$
$$A=C+44$$
$$D=B+64$$
$$C+44+B+C+B+64=516$$
$$2B+2C=516-44-64$$
$$B+C=204$$
$$A+D=312$$

Fazendo nesta última: $A=18x$
$D=\ 7y$, temos
a equação indeterminada:

$$18x+7y=312$$

que, resolvida, dá

$$A=144$$
$$B=104$$
$$C=100$$
$$D=168$$
$$\text{Soma...}\ \overline{516}$$

Muitos se acercaram desta obra de caridade e lhe deram boa ajuda: não em libras que andam escassas, mas em engenho descobridor da solução. Todos chegaram a bom termo por idênticos caminhos... quando os indicaram. A este respeito há quem se cale, pois as maçadas estão proibidas.

Um telémetro rigoroso

(Solução de «Lujoca» ao problema de pág. 232 do «Almanaque» para 1950).

Como se trata dum Coliseu, vê-se pelos dados do problema que a figura que resulta das medições é um quadrilátero inscrito num círculo.

É um dos teoremas que Ptolomeu dá na Almajesta. Reza assim:

«O produto das diagonais do quadrilátero inscrito é igual à soma dos produtos dos lados opostos».

Para o nosso caso será:

$$61{,}5\times 70=68{,}5\times 55+12\ x$$

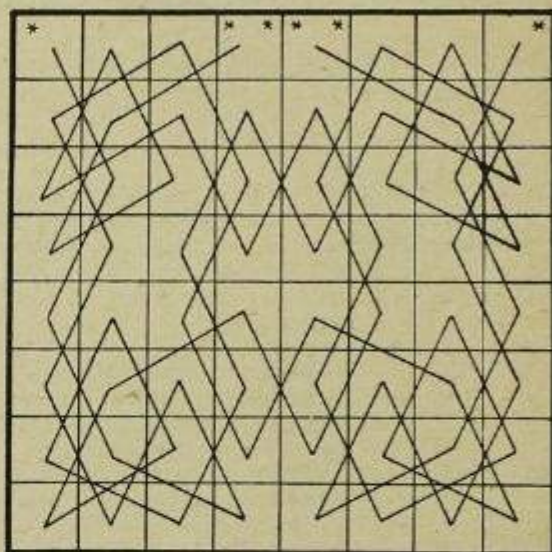
donde

$$x=44^{\text{m}}{,}79$$

A maioria dos solucionistas aproveitou-se do teorema de Ptolomeu para resolver este problema. Era este o caminho natural e rápido. Houve quem, por o não lembrar ou o desconhecer, enveredou pela via trigonométrica, mais longa e sujeita a erros de aproximação.

E também houve quem nem assim lá chegasse.

SALTO DE CAVALO

(Solução ao passatempo de pág. 88 do «Almanaque» para 1950)

Sabeis que nome toma o pensamento,
Quando assim, no saber se firma e guia,
E a toda a criação, num só momento,

Prende em laços de amor, de simpatia?
Toma um nome sagrado, um nome bento:
Já não é pensamento: É poesia!

FERNANDES COSTA

Desde o dia 1 até ao dia 22 decrescem os dias 10 m.; desde 22 até 31 crescem 4 m. O dia 1 tem 9 h. e 34 m., e a sua noite 14 h. e 26 m. O dia 31 tem 9 h. e 28 m., e a sua noite 14 h. e 32 m. O dia 22 tem 9 h. e 24 m., e a sua noite 14 h. e 36 m. É o menor dia do ano (Solstício do Inverno).

---

1 — *Sab.* — SS. Cassiano, Elói *(Bispo de Lyon)*, Natália. *Aniversário da Restauração de Portugal, em 1640. Feriado nacional.*
2 — DOM. — PRIMEIRO DOMINGO DO ADVENTO. SS. Leôncio, Nono, Teódulo, Bebiana, Elisa, Aurélia, Romana.
3 — *Seg.* — SS. Francisco Xavier *(o Grande Apóstolo das Indias)*, Cláudio.
4 — *Ter.* — SS. Pedro Crisólogo *(Bispo e Dr. da Igreja)*, Armando, Bernardo *(B. de Parma)*, Clemente de Alexandria *(Dr. da Igreja)*, Reparato, Bárbara *(advog. contra o raio)*.
5 — *Qua.* — SS. Sabas *(Abade)*, Geraldo *(Arc. de Braga)*, Dalimácio, Niceto *(Bispo)*, Crispina. B. Isabel Bona.
6 — *Qui.* — SS. Nicolau de Bazi, o Grande *(Arc. de Myra)*, Dionísio, Leónia.
7 — *Sex.* — SS. Ambrósio *(Arc. de Milão e Dr. da Igreja)*.
8 — *Sab.* — ✠ IMACULADA CONCEIÇÃO DE NOSSA SENHORA, *Padroeira de Portugal, da Espanha e das Indias. Bênção Papal.*
9 — DOM. — SEGUNDO DOMINGO DO ADVENTO. SS. Leandro, Leocádia, Valéria de Aquitânia. B. Joana de Signa.
10 — *Seg.* — *Nossa Senhora do Loreto.* SS. Melquíades *(Papa e mártir)*, Eulália, Júlia.
11 — *Ter.* — SS. Dâmaso *(Papa port.)*, Daniel, Franco, Sérgio *(Bispo de Carcassona)*.
12 — *Qua.* — *Nossa Senhora de Guadalupe.* SS. Constâncio, Donato, Justino, Cinésio *(Abade)*. *Trasl. de S. Pantaleão.*
13 — *Qui.* — *Santa Luzia.* SS. Alberto *(Bispo de Cambraia)*, Odília *(padr. de Alsácia)*. B. João Marinónio.
14 — *Sex.* — SS. Agnelo, Arsénio, Espiridião, Nicásio *(1.º Bispo de Reims)*.
15 — *Sab.* — SS. Valeriano, Mesmim.
16 — DOM. — TERCEIRO DOMINGO DO ADVENTO. SS. Eusébio *(Bispo e mártir)*, Adão, Valentim, Adelaide *(imp. mulher de Otão, o Grande)*, Branca. *As virgens de Africa.* B. Sebastião Magi.
17 — *Seg.* — *Expectação do Parto de N. Senhora.* SS. Bartolomeu de Geminiano, Francisco de Sena, Lázaro, Olímpia, Viviana. B. Margarida Colona.
18 — *Ter.* — *Nossa Senhora do Amparo.* SS. Auxêncio, Basiliano, Graciano *(1.º Bispo de Tours)*.
19 — *Qua.* — *Têmporas. Trasl. de S. Geraldo.* SS. Adjunto *(Abade)*, Dário, Neomésio, Rufino, Faustina *(mãe de Santa Anastácia)*, Gorgónia. B. Conrado de Ofida.
20 — *Qui.* — SS. Alfredo, Domingos de Silos, Júlio, Filigénio, Átala.
21 — *Sex.* — *Têmporas.* SS. Tomé *(Apóstolo)*, Severino, Temistocles, Glicéria.
22 — *Sab.* — *Têmporas.* SS. Demétrio, Flaviano, Honorato. *Começa o Inverno no hemisfério boreal e o Verão no austral.*
23 — DOM. — QUARTO DOMINGO DO ADVENTO. SS. Sérvulo, Dagoberto, Ivo, Vitória.
24 — *Seg.* — SS. Gregório, Delfino *(Bispo)*, Emiliana, Hermínia, Tarsítia.
25 — *Ter.* — ✠ NATAL. *Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo.* SS. Pedro, Anastácia, Eugénia. *Festa da Família. Feriado religioso e civil.*
26 — *Qua.* — SS. Estêvão *(proto-mártir)*, Dionísio, Mariano, Sabina, Edelfride.
27 — *Qui.* — SS. João *(Apóstolo e Evangelista)*, Teodoro, Fabiola.
28 — *Sex.* — *Os Santos Inocentes.* S. Abel.
29 — *Sab.* — SS. Tomaz *(Arc. de Cantuária)*, Leonor, Melânia.
30 — DOM. — *Trasl. de S. Tiago (Apóstolo).* SS. Hilário ,Sabino *(Bispo de Spoleto)*, Trófimo.
31 — *Seg.* — S. Silvestre *(Papa)*. SS. Evroul, Nominando, Paulina. *Último dia do ano. Te-Deum em todas as Sés do país.*

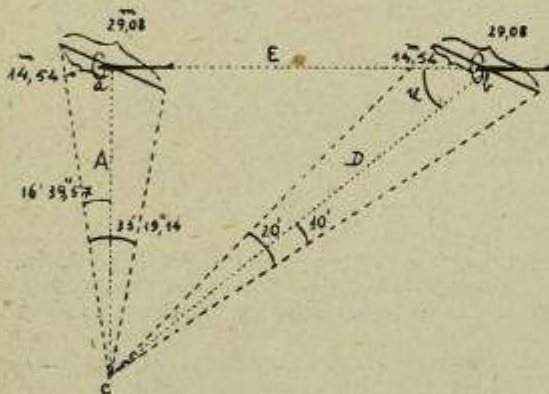
O AVIÃO

(Solução de «Lujoca» ao problema de pág. 318 do «Almanaque» para 1950).

D = distância a que foi avistado
A = altura a que voa
E = distância percorrida em 36^s

$D = 1454^{cm}$ cotg $10' = 4998^m,37$
$A = 1454^{cm}$ cotg $16'\,39'',57 = 3001^m,50$

$$\text{sen}\ x = \frac{A}{D} = \frac{300150}{499837} = 0{,}600497;$$

logo $x = 36^o54'20''$ e cotg $x = 1{,}3316$

Do triângulo a, b, c, tira-se:

(1) ...$a\,b = E = A$ cotg x

Substituindo em (1) o valor de cotg x temos:

$a\,b = E = 300150 \times 1{,}3316 = 399679^{cm},74 =$
$= \backsim 4000^m$ caminho andado em 36^s.

Logo em 1^h será 39967974^{cm} que é a velocidade horária.

Então temos:

Distância a que foi avistado o avião $= 4998^m = \backsim 5000^m$

Altura a que voa $= 3001^m,5 = \backsim 3000^m$

Velocidade horária $= 399.680^m =$
$= \backsim 400.000^m$.

Problema essencialmente trigonométrico foi resolvido por todos de idêntica maneira. Publica-se uma das soluções enviadas.

Letras por números

(Solução do sr. Melo Caldas ao problema de pág. 75 do «Almanaque» para 1950).

Vê-se imediatamente que

i = 0; d = 1

e portanto,

...oocotce
...omt1000
...oco1a1e

$$\begin{cases} c + o = 11 \\ t + o + 1 = a \\ c + t = 10 \\ m + 1 = c \end{cases} \quad \text{ou} \quad \begin{cases} c = 11 - a/2 \\ t = a/2 - 1 \\ o = a/2 \\ m = 10 - a/2 \end{cases}$$

Como t é maior ou igual a 2, terá que ser a maior ou igual a 6. a só pode ser igual a 6 ou 8.

Para a = 8 o problema não tinha solução.

Para a = 6 é

c = 8; t = 2; o = 3; m = 7 ficando

688e3008028e
6873s0721330
137es2080161e

$$\begin{cases} 3 + s = 12 \\ e + 3 + 1 = s \end{cases} \quad \begin{matrix} s = 9 \\ e = 5 \end{matrix}$$

domesticidade = 1375920801615

É uma das mais curtas, sendo clara, como convém. Este género de problemas tem os seus adeptos. Todos eles se apresentaram bem.

A propósito de hieróglifos... Uma charadinha a adivinhar

(Solução ao passatempo de pág. 63 do «Almanaque» para 1950)

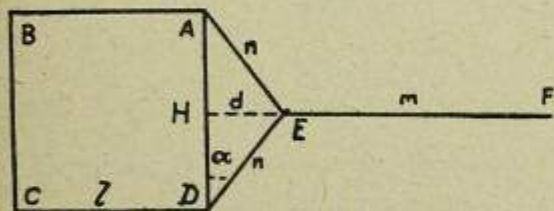
Caldo verde.

ALTA MATEMÁTICA... DE VACA

(Solução de «Um Engenheiro» ao problema de pág. 75, do «Almanaque» para 1950).

Visto não se considerarem atritos nem rigidez da corda, o equilíbrio de forças dá-se quando as suas direcções EA, ED e EF fizerem entre si ângulos iguais, isto é, quando seja $A\hat{E}D = A\hat{E}F = D\hat{E}F = 120^\circ$, de que resulta ser $\alpha = 30^\circ$.

Podemos, todavia, resolver o pro-

blema sem recorrer às condições de equilíbrio de 3 forças concorrentes. Assim faremos.

Seja c o comprimento total da corda e l o lado do quadrado da secção do poste ABCD. Em F puxa a vaca no sentido EF; em E está o nó corredio e a corda abraça o poste segundo os lados AB, BC e CD, todos iguais a l. É claro que puxando a vaca a corda ao máximo, será o máximo o seu afastamento do poste, isto é, será máxima a distância FH, que se decompõe em EF+EH. Designemos DE ou AE por n; EF por m;

EH por d e o ângulo EDH por α. Teremos $c=m+2n+3l$ donde $m=c-3l-2n$.

Da figura tiram-se as seguintes relações geométricas:

$$n = \frac{l}{2\cos\alpha}; \quad d = \frac{l}{2}\operatorname{tg}\alpha$$

e portanto

$$m = c - 3l - \frac{l}{\cos\alpha}$$

e

$$m + d = c - 3l - \frac{l}{\cos\alpha} + \frac{l}{2}\operatorname{tg}\alpha$$

Busca-se o máximo valor de $m+d$ cuja derivada $\frac{l}{2} \cdot \frac{1-2\operatorname{sen}\alpha}{\cos^2\alpha}$ se anula para $\operatorname{sen}\alpha = \frac{1}{2}$ ou $\alpha = 30^\circ$ que é o ângulo que a corda faz com o lado do poste.

O problema, acima do nível das matemáticas elementares que tem caracterizado a generalidade dos publicados no «Almanaque» foi resolvido por todos os solucionistas recorrendo às derivadas. Duas soluções se apresentaram chamando a atenção para a simetria das forças em equilíbrio: foram a que publicamos e outra de «Lujoca». Pela sua graciosidade, reproduzimos a figura que «Hugo» desenhou, em que se nota a vaca fazendo o esforço máximo referido no problema. Parabéns pela expressão do seu desenho, despretencioso, aliás.

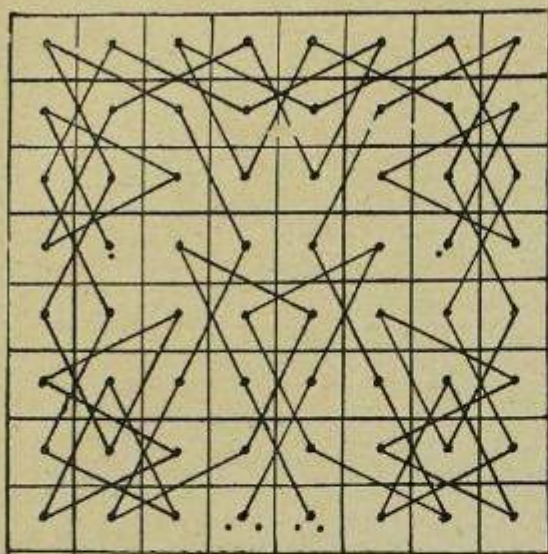
Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 319 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Capoeira.
2.º — Cano de escape.
3.º — Braga.
4.º — Antes de o ser, já o era.
5.º — Clarabóia.

A valentia evita mais perigos do que o medo. — *Conde de Ségur.*

SALTO DE CAVALO

(Solução ao passatempo de pág. 107 do «Almanaque» para 1950)

Há beijos puros, beijos divinais,
que a gente dá e não esquece mais,
e até à morte ficam a lembrar.

Mas o que a gente nunca percebeu
é se é melhor o beijo que se deu
ou se o beijo que se não chega a dar.

ESPINOLA DE MENDONÇA

Quantos livros eram?

(Solução de «Um Engenheiro» ao problema de pág. 293 do «Almanaque» para 1950).

Não fixa o enunciado os limites da bibliotecazinha que se arrumava na pequena estante. Vamos pôr o problema no caso geral, designando por x o primeiro algarismo da esquerda do número de livros e por y o último da direita (unidades). Os que constituem a parte intermédia, com um ou mais algarismos, vamos designá-los por a e são as dezenas do número que é $10^m x + 10a + y$, sendo m a ordem decimal do primeiro algarismo. As condições do problema permitem escrever a equação

$$10^m x + 10a + y = 4(10^m y + 10a + x) + 3$$

que, resolvido em ordem a x, dá

$$x = \frac{3(10a+1) + (4 \times 10^m - 1)y}{10^m - 4}$$

Notemos que deve ser $x < 10$ e $y < 10$, por se tratar de números dígitos, e que a parte intermédia a só pode ser um número escrito com algarismos iguais a 9. Assim teremos

$$a = 10^{m-1} - 1$$

e

$$x = \frac{3(10^m - 10 + 1) + (4 \times 10^m - 1)y}{10^m - 4}$$

A condição de ser $x < 10$ implica ser $y = 1$ e portanto

$$x = \frac{7 \times 10^m - 28}{10^m - 4} = \frac{7(10^m - 4)}{10^m - 4} = 7$$

Em conclusão: a biblioteca tem 71 livros, ou 791, ou 7991, ou 79991, etc. Para a anunciada *pequena estante* não será razoável contar com mais de 71, que será o número pedido.

Os livros têm muitos leitores: é o que se depreende do número deles que se atirou à biblioteca, talvez para lá encontrar um exemplar raro... Mas o que é certo é que nem todos interpretaram bem a leitura do problema. Paciência! Excluindo esse defeito de interpretação, todos resolveram sem dificuldade, que a não havia realmente. O solucionista sr. Francisco Fisher encarou as duas hipóteses que lhe pareceu admitir o enunciado.

Um chapéu do falecido presidente Roosevelt, dos Estados Unidos, foi vendido em leilão e rendeu a fabulosa quantia de três mil e duzentos dólares, tendo êste dinheiro revertido a favor do Fundo de Beneficência dos Artistas de Cinema.

Os acionistas da companhia

(Solução do sr. R. Silva, ao problema de pág. 317 do «Almanaque» para 1950).

Seja x o número primitivo de accionistas. Ao fim de 10 anos esse número estará transformado em:

$$y = \frac{925}{1000} \times \left(\frac{92\,x}{100} + 22\right) + 19$$

em que x e y devem ser inteiros e positivos. A expressão de y reduz-se à seguinte equação

$$1000\,y - 851\,x = 39.350$$

cujas únicas soluções inteiras, positivas e inferiores a 1000 são:

$$x = 150$$
$$y = 167$$

que satisfazem ao enunciado.

Boa concorrência, quase toda bem sucedida.

Pedras preciosas

(Solução ao passatempo de pág. 192 do «Almanaque» para 1950)

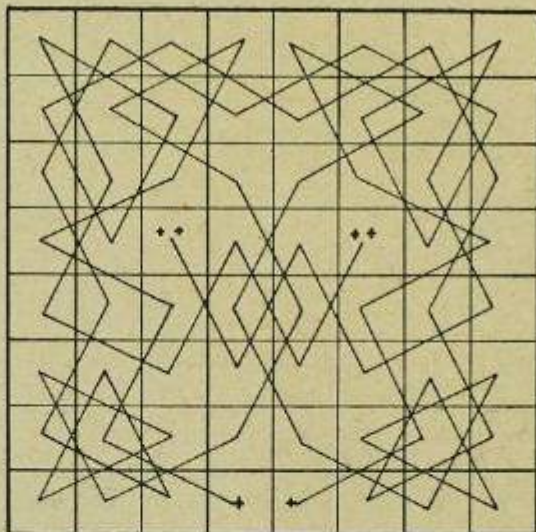
1.ª — Rubi — Rubicão.
2.ª — Granada.
3.ª — Ametista — Amestístea.
4.ª — Pérola.
5.ª — Opala — opalanda.
6.ª — Esmeralda.

Num julgamento:

— Porque roubou o réu aqueles fatos velhos?

— Porque julgava que eram novos.

SALTO DE CAVALO

(Solução ao passatempo de pág. 168 do «Almanaque» para 1950)

Lindas flores, raro vinho,
Bela cana e bananeira,
Bom sol e antigo linho
Tudo, só tem a Madeira!

E muitas coisas mais, tem,
Essa Ilha de encantar,
Que sabe prender tão bem
Alguém que por lá passar!

«UMA MADEIRENSE»

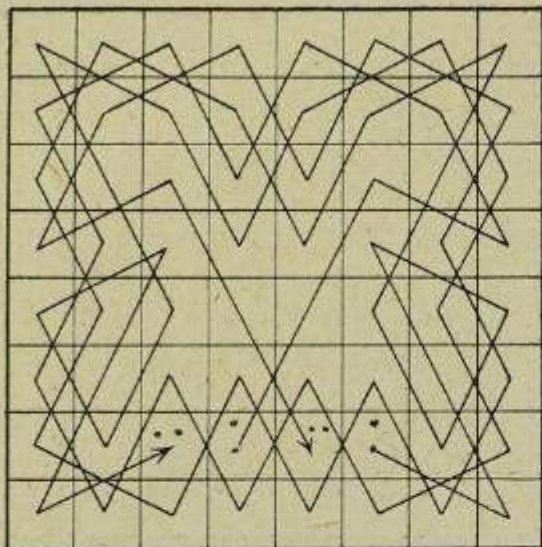
Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 272 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Uns por cima dos outros.
2.º — Médico.
3.º — Universo.

A ambição é uma escada, e cada degrau transposto é uma virtude que fica para trás. — *João Carlos de Jesus Pessoa.*

SALTO DE CAVALO

(Solução ao passatempo de pág. 128 do «Almanaque» para 1950)

Pela estrada, que entre cerejais ondeia,
Uma pequerrucha, — tró-lá-ró-lá-rá! —
Vai cantando e guiando o carro para a aldeia.
São os bois enormes, e a carrada cheia
Com um castanheiro apodrecido já.

«PRESTITO FÚNEBRE» — *(Os Simples)*

GUERRA JUNQUEIRO

O termo do serão

(Solução do sr. Manuel Belchior dos Santos Soares ao problema de pág. 276 do «Almanaque» para 1950).

Às 22 horas em ponto o ponteiro dos minutos está no 12 e o das horas no 10.

Seja α o ângulo percorrido pelo ponteiro das horas no tempo t até à coincidência com o ponteiro dos minutos, o qual percorrerá, no mesmo tempo, $300^\circ + \alpha$.

A velocidade angular dos ponteiros das horas e dos minutos é, respectivamente, $30^\circ/h$ e $360^\circ/h$.

Logo:

$$\frac{\alpha}{30} = \frac{300 + \alpha}{360} \qquad 12\alpha = \alpha + 300$$

$$11\alpha = 300 \qquad \alpha = \frac{300}{11}$$

$$t = \frac{\alpha}{30} = \frac{300}{330} = \frac{10}{11} \text{ da hora} =$$

$$= 54^m\ 32^s \frac{8}{11}.$$

Logo o serão terminou às

$$22^h\ 54^m\ 32^s \frac{8}{11}$$

tendo durado ainda portanto:

$$22^h\ 54^m\ 32^s \frac{8}{11} - 21^h\ 50^m\ 20^s =$$

$$= 1^h\ 4^m\ 12^s \frac{8}{11}.$$

Talvez por ser ao serão que os solucionistas do «Bertrand» cogitam nos seus problemas, houve farta concorrência a este problema, no geral bem sucedida; o que não impediu um ou outro deslise.

No geral, os processos seguidos eram semelhantes.

Provérbios a adivinhar

(Solução ao passatempo de pág. 130 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Quem tem boca vai a Roma.

2.º — A mocidade ociosa faz velhice vergonhosa.

3.º — Quem o alheio veste, na praça o despe.

Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 282 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Vinho do Porto.

2.º — Danúbio azul.

3.º — Lápide.

ENIGMA

(Solução ao passatempo de pág. 173 do «Almanaque» para 1950)

1.ª Luva 2.ª Lua
3.ª Uva 4.ª Luva

Do sr. João de Sousa — Nova-Lisboa — Angola, recebemos a seguinte solução dedicada ao autor do «*Enigma*», sr. Domingos José de Castro:

Não te dê cuidado, amigo,
Nem receis que arrebente,
Guardo-a sempre comigo,
A LUVA de teu presente.

Ignoro se és solteiro
E nem sei a idade tua.
Desculpa ser conselheiro:
Não faças versos à LUA.

É boa e deliciosa,
Também sou apreciador.
A UVA toda é gostosa
E, bem haja o Criador!

A LUVA, vem de Nampula.
A LUA, é um lindo astro.
A UVA, de todo o lado pula
E tudo rima amigo Castro!

Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 321 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Maisena.
2.º — Branco por dentro e preto por fora.
3.º — O após guerra.
4.º — Sem peso nem medida.

Os trambulhões que os filhos dão na vida são muitas vezes devidos à cegueira do amor dos pais. — *D. Alberto Bramão.*

SALTO DE CAVALO

(Solução ao passatempo de pág. 308 do «Almanaque» para 1950)

Coimbra, não és cidade
Orlada de oiro e matiz,
Tu és a mãe da saudade
Que a gente sente e não diz.

No Choupal tórnam-se endeixas
Os vendavais mais errantes,
Que eu julgo serem as queixas
Das almas dos estudantes

LÍLIA DA FONSECA

Provérbios a adivinhar

(Solução ao passatempo de pág. 147 do «Almanaque» para 1950)

1.º — O bom filho a casa torna.
2.º — Dinheiro compra pão não compra gratidão.
3.º — Foge do maldizente como da serpente.

As lágrimas duma mulher ajudam-na, muita vez, a sair de várias dificuldades.

ÍNDICE DOS NOMES DOS AUTORES QUE FIGURAM NO PRESENTE «ALMANAQUE»

«Abd-el-Kader» 138
Alberto (D.) Brandão, 60, 243 303
Alexandre Herculano 217
Alfredo Cabral 240
António Baião, 65.... 225
António Campelo Pinto de Sousa Fontes 169
Aquilino Ribeiro, 110, 111, 230 280
Augusto Pinto 113
Cabral do Nascimento 312
Cândida Ribeiro 243
Casimiro de Abreu (bras.) 155
Clodoveu Gil, 57 101
Coronel Mário de Campos 210
Faustino dos Reis Sousa 53
Faustino Fortes 275
Fernandes Costa, 99, 201 257
Gentil Guedes Gomes 283
Geraldo Bessa Vítor 273
Gomes de Brito 318
Guerra Maio 129
Hugo Bento Maia ... 220
J. Balmes 200
J. J. da Silva Dias ... 200
João Baptista Pereira 282
João H. Anglin 73
Joaquim Bento Ribas 249
Jorge Ramos, 217...... 256
José Maria Andrade 124
José Martins Lopes, 161 306
J. Silva 268
Lisette Ribeiro Baldino (bras.) 159
Lisette Villar de Lucena Tacla (bras.), 60 246
Luís Otávio (bras.) 187 302
Mafalda Mousinho de Albuquerque Valejo (Ruben de Lara) 172
Maria Adelaide Motta de Oliveira 302
Maria da Conceição Domingues 50
Maria de Carvalho, 158 200
Maria Isabel da Câmara Quental 72
Maria Joana Couto... 83
Maria Júlia de Sá Nogueira 219
Maria Nunes de Andrade (bras.), 50, 181 256
Maria Odília de Campos Anacleto 153
Maria Otelinda Pinho Carneiro 241
Marilena 269
Manuel Anaya.......... 142
M. de Lourdes Nunes de Andrade (bras.), 93 272
M. Marques da Silva 295
Nana 314
O. J. 177
Olavo Bilac (bras.)... 320
Óscar Ribas 218
P.e Manuel Albuquerque 176
P.e Moreira das Neves 56
Pedro Homem de Melo 278
Petrarca Maranhão (bras.) 112
Raimundo Correia (bras.) 321
Sanz Vieira 287
Sara Carvalho Rocha 119
Sousa Costa 145
S. S. 266
Teodoro Correia 152
Teresa Areosa 273
«Tia Milena» (Helena Gonçalves) ... 193
Vasco de Matos Sequeira 294
Vitória Maria 265

ÍNDICE GERAL POR ORDEM ALFABÉTICA

A

Adeus 302
A João de Deus 99
Alexandre Dumas, filho 290
Algumas igrejas históricas da capital de Angola 249
Alguns apontamentos sobre Puccini 322
Allah é grande, mas... 317
Amor da pátria levado ao extremo... 260
Amor e amizade 303
Andamentos 172
Ano (O) Santo de 1950 51
Ano Velho e Ano Novo 50
Anúncio de um domador de feras ... 271
Apanhado em flagrante 231
Apanhando peixes sem anzol 77
Apogeu e Perigeu lunares em 1951 9
Aproveitando a oportunidade 137
«Aquele barco que se afunda...» 119
Armando Duval 291
Aspecto (O) da terra da pátria 217
A Ti, Senhor! 60
Aveiro. — Canal central 310
Aveiro. — Vista geral e marinhas 311
Avisos 2
Azul 256

B

Baía — Brasil. — S. Salvador 112
Barragem do Castelo de Bode. — A massa de água do rio Zêzere 142
Barragem hidro-eléctrica do Castelo de Bode (Concelho de Tomar) 143
Batendo a má porta 285
Bela (Uma) demonstração de apreço... 139
Berenice 201
Berne — Suíça. — Ponte Kirchenfeld 114
Bíblia (A) sonora ... 54
Boas contas 189
Braga. — Antigo Paço Episcopal 216
Braga. — Aspecto lateral da Sé 213
Braga. — Estádio «28 de Maio» 215
Braga. — Torre sineira da Igreja de Nossa Senhora da Torre 61
Brasil. — Paisagem tropical 272
Buçaco. — Avenida dos Cedros 219
Buçaco. — Fonte fria 218

C

Cabide prático para caminha de criança 261
Cabo-de-Rama — Índia Port. — O quebrar das ondas nos rochedos 239
Caçada (Uma) nocturna 314
Cá e lá... 280
Cair (O) das folhas 218
Calendário abreviado 11
Câmara (A) «escura» 205
Caminha. — Câmara Municipal e Igreja da Misericórdia 212
Camion (O) «desocupado» 97
Camisas (As) do bispo 186
Campal. — Índia Port. — A célebre peça de Banastarim e um farol ... 239
Canção da Primavera precoce 287
Canção de esperança 112
Cão (Um) histórico 225
Carros providos de radiotelefone 133
Carta que não escrevi 294
Casa (A) onde nasceu António Cândido, em Candemil 99
Castelo Branco. — Escadório do Paço Episcopal, com as estátuas dos Apóstolos 57
Castro Alves 272
Catete — Angola. — Sanzala de Mucoso 282
Cedro (O) 219
Cena conjugal 204
Cena de família 307
Centenário (O) de António Cândido... 98
Ciclo 312
Cidade (A) de Faro, na actualidade 69
Cidade (A) de Faro, por 1847 69
Cidade de Goa, Índia Port. — Edifício de Navegação fluvial, no estuário do Mandovi 238
Ciência prejudicial... 59
Cisne (O) conduzindo a Virgem 179
Cocaína (A) e a fome 160
Comboios à farta 90
Começo das estações em 1951 8
Como dois cães salvaram o dono 264
Como o tempo passa! 303
Concordância das eras principais 7
Conde (O) de Farrobo e o teatro das Laranjeiras 318
Confidências 324
Considerações filosóficas 79
Conta (A) do hotel... 209
Contrastes 180
Contratado (O) 282
Corridas de peixes... 198
Costumes cuanhamas 306
Crescimento (O) das orelhas 292
Cruzeiro numa Praça de Castelo Branco 259

D

Dádiva preciosa 53
Definição clara 111
Dentaduras (As) humanas na idade da pedra 206
Desabafo 165
Despedida 321
Deusa (A) Esmeralda 188
Discussão conjugal... 55
Distrito Federal, Brasil. — A Ilha de Paquetá 235
Distrito Federal, Brasil. — Bairros de Leblon e Ipanema 234
Dona Paula — Índia Port. — Edifício da M. P. situado no estuário do Zuari... 137
Dona Paula — Índia Port. — Vista geral do Mirante e Bilheteira, situados no estuário do Zuari 137
Duas anedotas de Montgomery 97
Duelo de morte 145

E

E agora?!... 127
Eclipses no ano de 1951 8
Eclipse total 84
Elementos do Cômputo 7
Elisabeth, N. J. — Estados Unidos da América. — Sede do Clube Instrutivo Social Português 171
Ensaio geral 126
Era só isso, mais nada... 327
Escrita (A) de Balzac 87
Escritor (O) e o criado 143
Esperar e lutar 275
Estádio (O) «28 de Maio» 215
Estado do Paraná — Brasil. — Estrada de ferro Curitiba-Paranaguá 187
Estatísticas 157
Estátua de S. Vicente 54
Estátua de S. Vicente, do escultor Raul Xavier 3
«Este é o meu corpo...» 53
Estreia (A) da «Dama das Camélias» 289
Exemplo (O) do capitão Moniz Barreto 238
Extraordinária afirmação de um autor literário 139
Extraordinária e feliz coincidência 261

F

Família (A) 1792 197
Faro — Algarve. — Panorama da cidade 64
Fases da lua em 1951 9
Fecundidade e bom-senso 110
Feira (A) das Indústrias portuguesas... 88
Feira das Indústrias portuguesas.—Louça de alumínio 89
Feira das Indústrias portuguesas. — Um aspecto do corredor-ferramentas 88
Felicidade (A) é subjectiva 60
Fenomenal inovação 105
Festas móveis 7
Festas móveis e Cômputo eclesiástico de 1952 a 1956 10
Figuras da minha terra 283
Forças do Exército português, formadas na Praça do Comércio 62
Forma de resguardar a roupa fina, nas máquinas de lavar 260
Frase (Uma) de Bonaparte 95
Frederico Chopin 173
Freguês indesejável 87
Frei José de Guadalupe, hoje padre franciscano, antigo cantor e actor de cinema José Mojica 248

G

Gaspar Dias — Índia Port. — Avenida Gaspar Dias, formada de 200 coqueiros 136
Gerês. — Chã de Leonte 147
Giácomo Puccini 322
Gostos estranhos de certos animais 307
Grande (Uma) economia 55
Guitarra (A) nasceu para tocar o fado 268

H

Herói (Um) 293
Hipopótamo 315
Huila — Sá da Bandeira, Angola. — Vista aérea da cidade 125

I

Igreja de S. João Baptista, do Ibo ... 266
Igreja de S. Luís Gonzaga, de Querimba 256
Ilha da Madeira — Santana. — Caminho para as Queimadas 153
Ilha dos Amores 241
Ilha (A) oscilante ... 138
Imagem de Nossa Senhora de Fátima, em exposição na Sé de Luanda... 275
Incoerência feminina 165
Inquisição (A) em Portugal 237
Instantâneo 181
Ir buscar lã 326

J

José Júlio da Fonseca 56
Júlio de Castilho e Fernandes Costa... 257

L

Lâmpada do Sacrário 176
Lição de geometria 123
Livros vendidos por altos preços 140
Longe de ti 320
Lourenço Marques. — Edifício onde está instalado o Museu Álvaro de Castro... 295
Luanda, Áf. Oc. Port. — Igreja do Colégio de S. José de Cluny 275
Luanda. — Fachada da Igreja dos Jesuítas 249
Luanda. — Igreja da N. S. da Conceição 250
Luanda. — Igreja da N. S. da Nazaré... 250
Luz (A) artificial e as plantas 184
Luz e céu 152

M

Madrigal (Um) de Liszt 175
Maiorca — Valdemosa. — Cela de Chopin 174
Margarida Gautier... 291
Maria Duplessis, a verdadeira «Dama das Camélias» 289
Mau negócio 192

Meio preço ... 285
Melancolia sagrada... 217
Melhores (As) condições para se admirarem os bons quadros ... 105
Melhor seria não aprofundar ... 302
Metade (A) do porco 109
Milagre ... 57
Milagres da colonização em Angola — Nova Lisboa ... 161
Mistura de fios ... 78
Modéstia evidente ... 191
Moedas de há seis séculos ... 237
Moleiro (O) e a Morte ... 230
Monsanto da Beira. — Habitação rústica... 203
Monsanto da Beira. — Torre do Galo de prata ... 202
Museu (O) Álvaro de Castro de Lourenço Marques ... 295
Mútua desconfiança... 87

N

Na capela-mor da Sé de Silves: Campa rasa armoriada do Bispo D. Fernando Coutinho ... 169
Nampula, Áf. Or. Port. — Um grupo de gentis senhoras 291
«Não era amor» ... 265
Natal (O) do pretinho ... 193
Nem tudo passa ... 176
No alfaiate ... 252
No armazém de fogões ... 110
No castelo ... 200
Nova (Uma) ilha ... 198
Nova Lisboa. — «A Mutualidade de Angola» ... 163
Nova Lisboa. — Cantinho dum Bairro residencial ... 162
Nova Lisboa. — Matadouro Municipal... 162
Nova Lisboa. — Palácio do Governo ... 164
Nova Lisboa. — Um trecho da Baixa ... 161
Novo Ano ... 50
Números ao mesmo tempo triangulares e pentagonais ... 150

O

Odontologia remota... 123
Onde estás? ... 72
Ordem dos cavaleiros — Guardas da Coroa de ferro ... 168
Origem do regime parlamentar ... 216
Origem dos nomes de algumas moedas... 254
Os mais duros crânios ... 207

P

Paderewski e o vendedor de jornais... 281
Páginas de um diário de recordações 153
Painço, milho e milhão ... 111
Paisagens da Madeira. — A vista da Portela ... 152
Paisagem (A) e os passeios no vale das Furnas ... 73
Paisagens e riquezas da nossa África ... 124
Palavra (A) e a escrita ... 200
Palestina (A) berço do cristianismo ... 210
Panorama do rio Zêzere ... 256
Pão sem côdea e pão concentrado ... 111
Para o serão ... 120
Paris ... 278
Paris. — Praça da Ópera ... 279
Parvoíce confirmada 325
Pássaros luminosos... 299
Penha do Malafaya, na margem direita do Zêzere ... 240
Penteados africanos... 305
Pio XII quando criança ... 52
Pombas (As) de Veneza ... 100
Portão artístico numa velha casa da cidade de Ouro Preto — Brasil ... 93
Portinho da Arrábida 154
Porvir ... 256
Preparativos de viagem ... 192
Previsão (A) do tempo na antiguidade 310
Primavera ... 240
Príncipe (Um) músico ... 324
Prof. Dr. Assis de Carvalho ... 65
Publicidade em comprimidos ... 281

Q

Quadras ... 269
Quadras soltas ... 302
Quanto mais ferozes, melhor ... 265
Que alívio!... ... 108
Querimba ... 266
Quinino sintético ... 239

R

Rádio (O) Clube de Benguela ... 220
Ratas que fertilizam campos ... 301
Razão essencial ... 281
Relação dos principais solucionistas do «Almanaque Bertrand» para 1950 ... 355
Resolução definitiva ...por intermitências ... 150
Resposta adequada... 228
Resposta (Uma) de Talleyrand ... 185
Resposta nobre ... 61
Resultado previsto... 283
Resultados do Concurso de 1950 ... 12
Retrato (Um) histórico ... 83
Rio (O) ... 243
Rio de Janeiro — Brasil. — Rodovia Petrópolis-Teresópolis 246
Rio (O) de Janeiro doutrora e de hoje 129
Rio de Janeiro. — Estação de D. Pedro II ... 130
Rio de Janeiro. — Ministério da Guerra 131
Rio de Janeiro. — Praia de Copacabana ... 129
Rio de Janeiro. — Rua A. Porto Alegre 132
Rio (O) que corre para trás ... 169
Rios ... 93
Riso e bom humor 243
Roberto Benzi ... 118
Romance ... 138
Romantismo moderno ... 136
Rosto à pena, do Repertório, feito em meados do século XVII ... 236

S

Saudade ... 273
Ser mulher ... 159
Setúbal. — Vista do Castelo de S. Filipe 155
Silva de pensamentos 56
Simpatia ... 155
Simplicidade (A) ... 158
S. Miguel, Açores — Furnas. — No parque «Terra Nostra» 74
S. Miguel, Açores — Furnas. — Vista geral ... 75
S. Miguel, Açores — Povoação. — Ainda

outro tapete florido ... 186
S. Miguel, Açores — Povoação. — Outro tapete de folhagens flores e serradura colorida ... 185
S. Miguel, Açores — Povoação. — Polícromo tapete de flores preparado para a passagem duma procissão ... 184
S. Miguel, Açores — Sete Cidades. — Um trecho do Lago ... 72
S. Miguel, Açores — Vila Franca do Campo e o seu ilhéu ... 139
Sol de Portugal ... 83
Sonâmbulo (O) ... 284
Soneto do nosso silêncio ... 273
Soneto português ... 138
Sonho desfeito ... 142
S. Paulo — Brasil. — Faculdade de Medicina ... 255
S. Paulo — Brasil. — Museu do Ipiranga 320
S. Paulo — Brasil. — Parque Anhangabaú ... 254
S. Paulo — Brasil. — Parque D. Pedro II 321
S. Paulo — Brasil. — Praça do Patriarca e Viaduto do Chá 206
S. Paulo — Brasil. — Uma das maravilhosas vistas dos grandes arranha-céus de S. Paulo... 207
Sua Santidade o Papa Pio XII ... 51

T

Tónico (Um) ... 265
Tormento ... 246
Tosse (Uma) fatídica 92
Trágica coincidência 248
Três cabeças originais ... 209
Três filhos em três séculos ... 286
Tristeza (A) herda-se? ... 203
Trogen e a aldeia de Pestalozzi ... 113
Trovas ... 187

V

Vaidades literárias... 280
Várias espécies de lágrimas ... 255
Veneza- — Basílica e Praça de S. Marcos 100
Vento à disposição... 185
Verdade (Uma) ... 183
Viagens fantásticas... 187
Viajando por terras de Angola ... 101
Viajante (O) e os macacos ... 229
Viana do Castelo. — Ponte sobre o rio Lima e aspecto da cidade ... 211
Vila General Machado (Camacupa) — Bié, Angola. — Administração e residência ... 191
Vila General Machado (Camacupa) — Bié, Angola. — Escola primária ... 191
Vila General Machado (Camacupa) — Bié, Angola. — Monumento ao General Machado ... 190
Vila Teixeira de Sousa — Angola. — A última ponte do caminho de ferro de Benguela, do Lobito à fronteira ... 105
Virgem (A) peregrina em Goa ... 177
Virtude (A) ... 276
Visibilidade dos planetas em 1951 ... 10
Visita (A) do Chefe de Estado espanhol 81

Z

Zurique — Suíça. — Vista parcial da piscina ... 115

ÍNDICE DOS PROBLEMAS, PACIÊNCIAS, PASSATEMPOS, Etc., Etc.,

PROPOSTOS NO PRESENTE VOLUME

Adivinha ... 167
Ainda há muitos mais ... 313
Angola de lés a lés 190
Aos Madeirenses ... 141
Bom apetite ... 232
Cartas (As) gêmeas *(Concurso)* ... 84
Cerejas (As) *(Concurso)* ... 84
Charada combinada... 77
Charada combinada... 141
Charada combinada... 245
Charada combinada... 277
Charadas combinadas 59
Charadas combinadas 136
Charadas combinadas 151
Charadas combinadas 222
Charadas combinadas 263
Charadas combinadas 301
Cidades brasileiras... 133
Cidades (As), os rios e os países ... 140
Cinco cidades portuguesas ... 191
Coisas do jogo ... 79
Conhece Portugal?... 244
Datas históricas *(Concurso)* ... 85
Deslocação (A) das pedras ... 197
Dez figuras célebres ... 165
Dois enigmas ... 183
Enigma ... 271
Enigma figurado ... 107
Enigma figurado ... 121
Enigma figurado ... 151
Enigma figurado ... 167
Enigma figurado ... 183
Enigma figurado ... 223
Escritores (Os) e as suas obras ... 234
Flores de Portugal... 70
Gosta do xadrez? ... 105
Gramatiquices ... 204
Hieróglifos comprimidos ... 59
Hieróglifos comprimidos ... 63
Hieróglifos comprimidos ... 77
Hieróglifos comprimidos ... 95
Hieróglifos comprimidos ... 109
Hieróglifos comprimidos ... 122
Hieróglifos comprimidos ... 123

Hieróglifos comprimidos ... 135
Hieróglifos comprimidos ... 157
Hieróglifos comprimidos ... 182
Hieróglifos comprimidos ... 191
Hieróglifos comprimidos ... 195
Hieróglifos comprimidos ... 198
Hieróglifos comprimidos ... 229
Hieróglifos comprimidos ... 232
Hieróglifos comprimidos ... 292
Hieróglifos comprimidos ... 293
Hieróglifos comprimidos ... 300
Hieróglifos comprimidos ... 309
Hieróglifos comprimidos ... 319
História nacional ... 62
Jogo de palavras ... 141
Jornais de Portugal 223
Latas (As) de azeite 171
Lê romances policiais? ... 160
Máximas a adivinhar ... 70
Nomes femininos ... 182
Nossos (Os) sobrenomes ... 122
Obras de Camilo ... 157
Oito (Os) nomes ... 239
Oito (Os) provérbios *(Concurso)* ... 84
ORA ... 252
Palavras cruzadas ... 55
Palavras cruzadas ... 76
Palavras cruzadas ... 91
Palavras cruzadas ... 106
Palavras cruzadas ... 120
Palavras cruzadas ... 134
Palavras cruzadas ... 149
Palavras cruzadas ... 156
Palavras cruzadas ... 165
Palavras cruzadas ... 180
Palavras cruzadas ... 195
Palavras cruzadas ... 208
Palavras cruzadas ... 222
Palavras cruzadas ... 224
Palavras cruzadas ... 233
Palavras cruzadas ... 244
Palavras cruzadas ... 262
Palavras cruzadas ... 270
Palavras cruzadas ... 277
Palavras cruzadas ... 285
Palavras cruzadas ... 308
Palavras cruzadas ... 313
Passatempo astronómico ... 100
Passatempo filatélico ... 148
Passatempo histórico 64
Passatempo literário *(Concurso)* ... 86
Passatempo numismático ... 107
Passatempo zoológico 309
Pilha de palavras ... 63
Pilha de palavras ... 79
Pilha de palavras ... 109
Pilha de palavras ... 127
Pilha de palavras ... 135
Pilha de palavras ... 215
Pilha de palavras ... 253
Pilha de palavras ... 323
Pilhas inclinadas ... 94
Pintores (Os) e os seus quadros ... 198
Portugal hidrológico 188
Principais divindades mitológicas ... 137
Provérbios a adivinhar ... 78
Provérbios a adivinhar ... 108
Provérbios a adivinhar ... 126
Provérbios a adivinhar ... 140
Provérbios a adivinhar ... 151
Provérbios a adivinhar ... 160
Provérbios a adivinhar ... 197
Provérbios a adivinhar ... 244
Provérbios a adivinhar ... 263
Provérbios a adivinhar ... 271
Quadras adivinhas... 189
Quais as idades? ... 235
Quatro (Os) dominós *(Concurso)* ... 86
Que aviões são? ... 92
Quem adivinha? ... 245
Que terras são? ... 267
Rádio e mais rádios ... 251
Rios de Portugal ... 306
Salto de cavalo ... 58
Salto de cavalo ... 71
Salto de cavalo ... 80
Salto de cavalo ... 96
Salto de cavalo ... 117
Salto de cavalo ... 128
Salto de cavalo ... 144
Salto de cavalo ... 170
Salto de cavalo ... 199
Salto de cavalo ... 214
Salto de cavalo ... 247
Salto de cavalo ... 274
Salto de cavalo ... 304
Salto de cavalo ... 316

ÍNDICE DAS SOLUÇÕES AOS PROBLEMAS, PACIÊNCIAS, PASSATEMPOS, ETC., ETC., QUE FORAM PROPOSTOS NO VOLUME ANTERIOR

Accionistas (Os) da Companhia ... 39
Adivinhas ... 20
Alta matemática ...de vaca ... 37
Aos Açoreanos ... 338
Aos dançarinos ... 350
Aos principiantes ... 20
A propósito de hieróglifos ...Uma charadinha a adivinhar ... 36
Artistas (Os) e as suas obras ... 351
Avião (O) ... 36
Avô (O) do Gaspar 30
Casamentos em grande escala ... 352
Charada combinada... 331
Charada combinada... 317
Charada combinada... 352
Charadas combinadas 328
Charadas combinadas 349
Cinco (As) cidades... 18
Cinema (O) português ... 352
Confusão de nomes 32
De bicicleta ... 24
De uma palavra fazer outra ... 344
Doenças do nosso corpo ... 24
Doze e mais seis *(Concurso)* ... 14
Encontrar os nomes 334
Enigma ... 41
Enigma figurado ... 345
Enigma figurado ... 347
Enigmas ... 340
Enigmas figurados... 351
ERA ... 349

Estrelas e círculos (Concurso) 14
Estudante (O) distraído 18
Fantasias escolares... 32
Frase feita 354
Frases cortadas ao meio 332
Frutos coloniais 344
Geometria (Concurso) 16
Glórias passadas 337
Hieróglifos comprimidos 26
Hieróglifos comprimidos 37
Hieróglifos comprimidos 39
Hieróglifos comprimidos 40
Hieróglifos comprimidos 41
Hieróglifos comprimidos 327
Hieróglifos comprimidos 328
Hieróglifos comprimidos 329
Hieróglifos comprimidos 330
Hieróglifos comprimidos 331
Hieróglifos comprimidos 338
Hieróglifos comprimidos 340
Hieróglifos comprimidos 341
Hieróglifos comprimidos 342
Hieróglifos comprimidos 346
Hieróglifos comprimidos 349
Hieróglifos comprimidos 351
Labirinto (O) (Concurso) 16
Lavoura (A) 348
Letras por números 35
Loja de calçado 18
Matemáticas (Concurso) 16
Matemático (Um) excêntrico 22
Máximas a adivinhar 327
Médicos e matemáticos célebres 339
Melodias 342
Metais e metalóides 331
Na Polinésia 30
Nomes de filmes portugueses a adivinhar 335
Nomes de frutos 339
Números curiosos ... 22
Obra de caridade ... 34
Obras teatrais 344
Palavras cruzadas (Concurso) 14
Palavras cruzadas (Concurso) 16
Palavras cruzadas ... 337
Palavras cruzadas ... 337
Palavras cruzadas ... 339
Palavras cruzadas ... 340
Palavras cruzadas ... 341
Palavras cruzadas ... 344
Palavras cruzadas ... 345
Palavras cruzadas ... 346
Palavras cruzadas ... 347
Palavras cruzadas ... 350
Palavras cruzadas ... 353
Passatempo africano 332
Passatempo comercial 329
Passatempo filatélico 237
Passatempo de fósforos 343
Passatempo geográfico 354
Passatempo geométrico (I e II) 330
Passatempo heráldico 351
Passatempo histórico 30
Passatempo literário 351
Passatempo marítimo 347
Passatempo onomástico 335
Pedras (As) do dominó (Concurso)... 14
Pedras preciosas 39
Pilha de palavras ... 331
Pilha de palavras ... 343
Pilha de palavras ... 348
Pilha de palavras ... 349
Pilha de palavras ... 354
Pirâmide (A) misteriosa (Concurso) ... 18
Praias de Portugal... 333
Provérbios a adivinhar 20
Provérbios a adivinhar 28
Provérbios a adivinhar 40
Provérbios a adivinhar 41
Provérbios a adivinhar 327
Provérbios a adivinhar 329
Provérbios a adivinhar 334
Provérbios a adivinhar 336
Provérbios a adivinhar 340
Provérbios a adivinhar 353
Quadros célebres e seus autores 337
Qual é a cidade? ... 350
Quantos livros eram? 38
Que aves são? 339
Que estrofes são? ... 333
Quem adivinha? 346
Quem pintou estes quadros? (Concurso) 16
Que rios, serras e cidades serão? 335
Questão ferroviária... 26
Que tecidos são? 341
Que terras angolanas são? 328
Quinta (A) das esquinas 26
Recordando os «Lusíadas» 350
Remoção da brita ... 32
Sabeis como se chamavam? 346
Salto de cavalo 20
Salto de cavalo 22
Salto de cavalo 26
Salto de cavalo 34
Salto de cavalo 38
Salto de cavalo 39
Salto de cavalo 40
Salto de cavalo 41
Salto de cavalo 330
Salto de cavalo 331
Salto de cavalo 332
Salto de cavalo 333
Salto de cavalo 334
Salto de cavalo 335
Salto de cavalo 336
Série (Uma) de quadrados 28
Telémetro (Um) rigoroso 34
Termo (O) do serão 40
Tudo baralhado 352
Um pouco de história 340
Vogais (As) fugidas 333
Vozes dos animais... 335

ALMANAQUE
BERTRAND
LB
1951
52.º ANO
LIVRARIA BERTRAND
SECÇÃO
LITERÁRIA
CIENTÍFICA
ARTÍSTICA
E
RECREATIVA
FERNANDO BENTO

Ano Velho e Ano Novo

— Quem és? — Sou o Ano Velho. E tu, linda criança?
— O Ano Novo. A sorrir, me espera a humanidade.
Eu lhe trago, talvez, a alegria e a esperança.
— Eu lhe deixo, quem sabe? a tristeza e a saudade.

— Entre sonhos gazis minh'alma se embalança.
— Uma grande amargura o espírito me invade.
— Meu coração, confiante, ao futuro se lança.
— Descrente, vou na morte achar tranquilidade.

— Não ouves um rumor? Batendo compassadas,
Soam neste momento as doze badaladas
Que marcam de nós dois a diferente sorte...

— É meia-noite então, hora da despedida.
— Adeus. Trago a esperança e penetro na vida.
— Adeus. Deixo a saudade e me entranho na morte.

MARIA NUNES DE ANDRADE *(bras.)*

Novo Ano

Desponta fagueiro, rosto prazenteiro
Mais um Ano Novo.
Trazendo ilusões, desperta canções
Na boca do povo.

Ao Ano menino, a esse bambino,
Há hinos d'amor,
Há fé, confiança, sorrisos d'esperança
Num Ano melhor!

O Ano que finda, deixa-nos ainda,
Na realidade,
Dos dias passados mas tão relembrados
Profunda saudade!

E o tempo não cansa, e jamais descansa
Na louca corrida.
Transforma em velhice, feliz meninice;
É a lei da Vida!

Luanda.

MARIA DA CONCEIÇÃO DOMINGUES

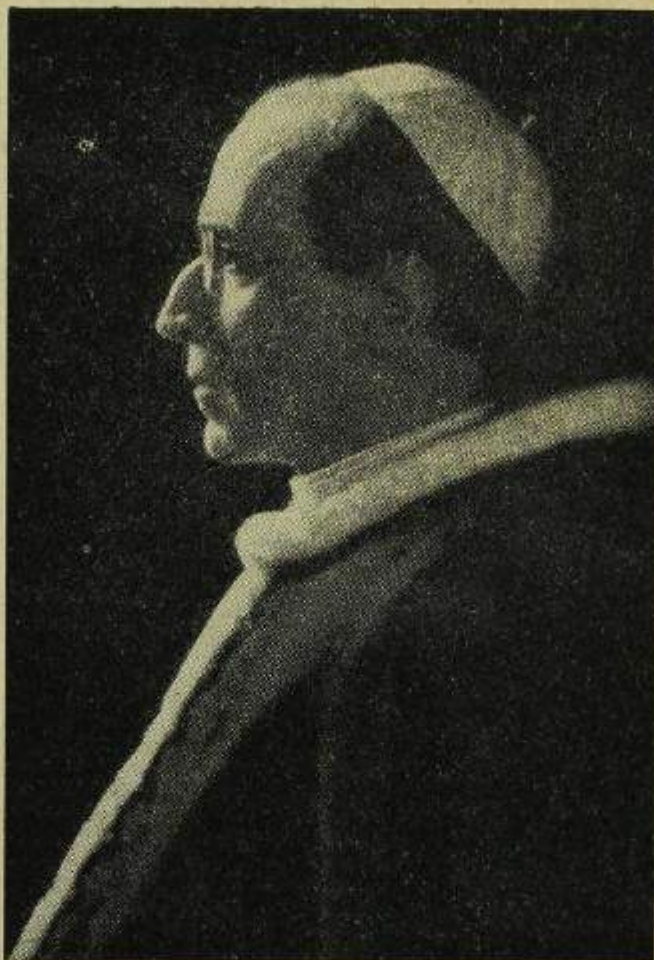
O ANO SANTO DE 1950

Nos velhos tempos hebraicos havia o costume de se consagrar, de 50 em 50 anos, um ano inteiro a determinadas festas, com a libertação dos escravos de toda a espécie, perdão automático de todas as dívidas e retorno da propriedade aos possuidores originários. Era uma lei de carácter divino, mas de conteúdo, em grande parte, social e simbólico.

Tal ano festivo era anunciado por uma trombeta curva feita dum chifre de veado. A trombeta chamava-se, em hebraico, «jobel», e daqui veio a palavra Jubileu, com que ainda hoje se designa, na história e na liturgia da Igreja católica, a libertação de toda a pena devida à justiça de Deus pelos nossos pecados.

Pius PP. XII

Todos neste mundo somos viageiros e peregrinos, condicionados ao drama da existência. Sobre o sentido trágico da nossa jornada, paira sempre, porém, uma grande esperança, que nos vem da assistência providencial e das profundezas inesgotáveis do tesoiro dos Santos que, das alturas da Igreja triunfante, se inclinam sobre nós e velam piedosamente o nosso destino.

Já no tempo das perseguições os *Lapsi* e os *Libelatici* se apresentavam à Igreja como portadores do testemunho dos mártires e assim ficavam «reconciliados».

Mais tarde, em vez duma *reconciliação antecipada*, instituiu-se uma *comutação* da penitência, feita com autoridade pela Igreja, e não apenas no plano exterior e jurídico, mas com valor objectivo e sagrado, particularmente por meio de *oblatas* e *peregrinações*.

O resgate de escravos, a construção de catedrais e obras hospitalares,

a libertação dos Lugares Santos e a gesta heróica das Cruzadas tornaram-se motivo da concessão de indulgência.

*

Em 1267 o pregador dominicano Humberto de Romanis comparou a indulgência da Cruzada ao jubileu, afirmando que este era o *jubileu dos cristãos*. Parece que das pregações dos Cruzados e da fraseologia utilizada nasceu a convicção de que todos os cem anos os Papas deveriam promulgar uma indulgência plenária para os visitantes das Basílicas de Roma. Deste fermento popular saiu a decisão de Bonifácio VIII, em 1300, de estabelecer o primeiro jubileu, que Dante cantou na *Divina Comédia*, descrevendo a grande multidão de romeiros

PIO XII QUANDO CRIANÇA

que atravessava a ponte do Castelo de Santo Ângelo, a caminho da Basílica de S. Pedro. Depois de 1300, o intervalo foi encurtado, primeiro para 50 anos e, mais tarde, para 25, excepto num breve período dos séculos XIV e XV, em que o Ano Jubilar ou Ano Santo era celebrado de 33 em 33 anos, em comemoração da vida de Cristo no mundo. Com poucas interrupções provocadas pela intranquilidade dos povos ou desencadeamento das guerras, o Ano Santo tem sido celebrado de 25 em 25 anos.

Também tem havido celebrações de Anos Santos extraordinários, como foi o de 1933, comemorativo do 19.º centenário da Redenção. A Porta Santa da Basílica de S. Pedro foi então aberta pelo Papa Pio XI, no dia 1 de Abril, na presença de mais de 50.000 pessoas, e encerrada solenemente no dia 2 de Abril do ano imediato.

O último Ano Santo regular foi o de 1925. Inaugurou-o Pio XI, figura máscula de Pontífice com olhos e mãos de misericórdia, que viu à sua roda, em horas de glória e bênção, multidões imensas de almas de todos os quadrantes geográficos e até de várias correntes espirituais. Ardia a terra em ansiedades atormentantes. Mas como foi diferente o jubileu de 1925, do promulgado, um século antes, pelo Papa Leão XII, no meio da desconfiança dos soberanos, que em Roma viam mais um centro de política conspiratória do que a sede de Pedro, exclusivamente interessada na harmonia das consciências e na elevação moral da Cristandade!

*

Em édito publicado em Maio de 1949, proclamou Pio XII que, durante o jubileu de 1950, seria concedida indulgência plenária e perdão dos pecados a todos os peregrinos que sa-

tisfizessem determinadas condições e mostrava o desejo de que o Ano Santo promovesse: primeiro, a santificação das almas pela oração e penitência, e uma firme lealdade a Cristo e à Igreja; segundo, a actividade em favor da paz e da protecção dos Lugares Santos; terceiro, a defesa da Igreja contra os renovados ataques dos seus inimigos; quarto, a realização da justiça social e das obras de caridade para com os humildes e necessitados.

A abertura oficial do Ano Santo fez-se no dia 24 de Dezembro, véspera de Natal de 1949. Então falou ao mundo a voz do Papa. E a essa voz serena e forte, o mundo começou a acorrer a Roma. Milhões de romeiros passam pelas Basílicas Maiores da Cidade Eterna. Portugal envia alguns milhares de peregrinos, para não faltar na capital da cristandade a representação dum dos povos do Ocidente europeu que mais longe levaram os clarões do Evangelho e os benefícios da Civilização Cristã. Lisboa torna-se uma encruzilhada de peregrinos que aproveitam a passagem pelo nosso país para irem ajoelhar na Cova da Iria. É a assombrosa mobilização de milhões de almas que se juntam no Vaticano para afirmarem a sua fé em Deus e a sua esperança nos poderes sagrados do Espírito.

DÁDIVA PRECIOSA

Um dos mais valiosos presentes do Natal que se conhece, é a imagem do Menino Jesus oferecida à igreja de Aracoeli, em Roma. Custou vinte mil libras esterlinas. É feita com a madeira duma oliveira do Horto de Getsemani, onde Cristo orou na última noite, e está toda forrada de ouro, prata, pedras preciosas e tecidos riquíssimos.

"ESTE É O MEU CORPO..."

Ajoelha e reza, tu que vais alheio
por entre as ondas mansas dos trigais...
A Terra, generosa, abrindo o seio,
lembrou-se de teus filhos, de teus pais...

O pão de cada dia, *doce anseio*
do que trabalha e pensa, entre mortais,
d'ela nos vem. Não passes, pois, alheio
por entre as ondas mansas dos trigais...

Mais tarde (já farinha clara e pura)
o trigo será hóstia, será luz,
— aquela que redime e nos governa...

Por isso o povo, em quem a Fé perdura,
ao amassar o pão, faz-lhe uma cruz,
que o pão é Cristo, e Cristo a Vida Eterna!

Ribatejo, 1949.

FAUSTINO DOS REIS SOUSA

ESTÁTUA DE S. VICENTE
para a Câmara Municipal de Lisboa

A edilidade lisbonense encomendou a Raul Xavier uma estátua de S. Vicente destinada ao edifício da Câmara Municipal. Dentro de pouco tempo, o grande escultor apresentou vários modelos, para que sobre eles se pronunciassem as autoridades e os críticos de arte.

Depois de vários pareceres, escolheu-se definitivamente o modelo que apresentamos em gravura na pág. 3 do presente volume e que foi observado na oficina do artista, em Belém, por numerosas entidades, nomeadamente pelo senhor Cardeal Patriarca de Lisboa.

Segundo a tradição, os restos mortais do diácono Vicente, que deu a vida por não querer renegar o seu belo ideal cristão, foram trazidos do Cabo, hoje de S. Vicente, para Lisboa, por ordem de D. Afonso Henriques, e levados em vistosa procissão para a Sé Catedral, em que tomou parte todo o povo da cidade. Dois corvos acompanharam as sagradas relíquias, um à popa e outro à proa do navio, até à chegada a Lisboa, que elegeu o Mártir como seu Padroeiro.

Os corvos, mais a palma e o navio, são os atributos com que desde o princípio se identificou a figura de S. Vicente. Os corvos simbolizam o caso milagroso de se opôrem a que outras aves carnívoras se lançassem sobre o corpo do Santo, depois de ser martirizado por ordem de Daciano, governador romano da Espanha. A palma, o martírio. O navio, a trasladação apoteótica, do Cabo para Lisboa.

S. Vicente teve sempre, entre nós, culto especial. Não o esqueceu o povo, nos seus cantares. E até Camões se lhe refere n'*Os Lusíadas*, canto III, est. 74:

E depois que do martyre Vicente
O sanctissimo corpo venerado
Do sacro promontório conhecido
À Cidade Ulissea foi trazido

A BÍBLIA SONORA

Por iniciativa da Fundação Americana dos Cegos, foi gravado em discos fonográficos, o texto completo da Bíblia, tendo a leitura para a gravação sido feita por equipa de especialistas perfeitamente treinados. A audição da colecção completa desses discos, em número de 169, demora oitenta e quatro horas.

Toda a vida humana, por mais religiosa que seja, se não trouxer sempre diante dos olhos o fim para que nasceu, é navio sem norte, é cego sem guia, é dia sem sol, é noite sem estrelas, é república sem lei, é labirinto sem fio, é armada sem farol, é exército sem bandeira; enfim, é vontade às escuras sem luz de entendimento que lhe mostre o mal e o bem, e lhe dite o que há-de querer, ou fugir. — *P.e António Vieira.*

❋

O homem, considerado simplesmente como homem, é da terra e fala da terra. Se fala das coisas divinas, é porque está iluminado por Deus. Se não fosse iluminado por Deus, seria simplesmente terra a falar da terra.

Consideradas separadamente, a graça é de Deus, a natureza é do homem. — *S.to Agostinho.*

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Homero José Barbosa — Cabo Verde)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18
1	P	E	■	P	A	■	■	■	T	O	■	■	T	R	A	P	O	■
2	B	■	■	A	R	■	A	■	R	A	■	G	U	A	P	O	■	■
3	■	E	■	G	E	■	■	■	E	S	■	■	■	P	I	■	V	■
4	R	I	■	O	I	T	O	■	G	I	O	S	■	O	C	I	O	■
5	I	R	■	D	A	I	S	■	U	C	H	A	■	S	E	L	A	■
6	R	A	■	E	S	M	O	■	A	O	■	■	■	A	S	I	R	■

HORIZONTAIS

1 — Parte do corpo; parte mais larga do remo; porco; farrapo. 2 — Consoante; fluido; batráquio; esbelto. 3 — Vogal; nome de letra; existes; letra grega; consoante. 4 — Sorri; numeral cardinal; rã do Brasil (pl.); preguiça. 5 — Caminhar; ofereceis; tulha; aparelho que se coloca sobre o cavalo para montar. 6 — Sol; cálculo aproximado; contracção da preposição e artigo; agarrar.

VERTICAIS

1 — Símbolo químico do chumbo; gracejar. 2 — Terreno onde se secam cereais. — 4 Templo de Brahma ou Buda. 5 — Substância mineral pulverulenta ou granulosa. 6 — Som onomatopaico. 7 — Suf. de qualidade e quantidade. 9 — Paz. 10 — Relativo a oásis. 11 — Interj. de espanto. 12 — Apelido. 13 — Pron. pess. 14 — Mamífero carnívoro. 15 — Cume esguio (pl.). 16 — Poeira; rio asiático. 17 — Mover-se no ar.

Discussão conjugal

— O que me consola, Henrique, é que nunca poderás dizer que andei atrás de ti para te apanhar.

— Também a ratoeira nunca anda atrás do rato e apanha-o sempre.

O marido (chegando a casa muito tarde): — Não és capaz de adivinhar onde estive?

A mulher: — Sou, sim; mas anda para diante, de toda a maneira, e conta lá a pêta que tens a contar.

Uma grande economia

— Estou-lhe poupando dinheiro na próxima matrícula, pai, — anunciou o Toneca. — Não passei de classe e portanto não precisa comprar-me novos livros.

No restaurante:

O cliente: — Este frango é a coisa mais dura que tenho comido na minha vida.

O criado (em tom confidencial): — É que V. Ex.ª ainda não provou as costeletas cá da casa.

José Júlio da Fonseca

Faleceu a 17 de Janeiro do ano corrente de 1950, o sr. José Júlio da Fonseca que, durante mais de cinquenta anos, foi prestimoso e dedicadíssimo cooperador da Livraria Bertrand, tendo sido esta objecto dos seus melhores esforços e constantes cuidados até aos seus últimos momentos de vida.

O *Almanaque Bertrand*, que tanto lhe ficou devendo, não podia deixar de prestar nas suas páginas, saudosa e grata homenagem à sua memória.

A coragem verdadeira é o que sempre deve ser: nem sofreada nem excitada. O homem de porte exercita-a, nas batalhas contra o inimigo, na convivência de amigos a favor da verdade e dos ausentes, no leito da enfermidade contra os ataques da dor e aspecto da morte. — *J. J. Rousseau.*

Silva de pensamentos

Portugal tem oito séculos de passado. Devemos proceder todos de tal maneira, no presente, que ajudemos a assegurar-lhe os próximos oito milénios de futuro.

*

Vem na carta dum Apóstolo que a fé sem obras é morta. Morto será também o patriotismo sem obras. O amor da Pátria não é convenção. É uma exigência da terra e das almas.

*

Bem pequenino é um búzio, e nele ressoa a voz do Mar. Num vaso de flores pode caber toda a geografia de Portugal. Nós a veremos com orgulho e doçura, se a olharmos com os olhos do coração.

*

Ter o orgulho de ser português não é exagerar as nossas qualidades e as nossas glórias. Basta-nos a verdade do que somos e do que temos feito, para nos sentirmos sem medo no pedestal da nossa grandeza.

*

Portugal descobriu grande parte do mundo. É necessário que o mundo descubra Portugal inteiro. E descobri-lo-á sempre em cada português que seja um carácter, uma consciência e uma fé.

*

Correr as sete-partidas para juntar fortuna é o sonho vulgar de todas as pessoas vulgaríssimas. Só vale a pena sair da Pátria para, na distância, a tornar mais perto de todos os homens.

*

Quanto mais puro for o amor da nossa Pátria, tanto maior será o respeito pelas pátrias alheias. O respeito pelos outros é a melhor garantia do respeito por nós.

*

As raízes secam, se não se regam. O amor da Pátria é uma das raízes da nossa vida. Regá-la com ternura, sobretudo nas horas desertas e desalentadas, não é apenas uma obrigação moral: — é também um conforto e uma alegria.

*

Sacudamos as injúrias à nossa Pátria, como sacudimos os insultos à nossa Mãe. Pertence a cada português a vocação do heroísmo. E o heroísmo é como as espadas de aço nas mãos dos cavaleiros: sagra-se nos altares e não se verga nas batalhas.

*

Vêde em cada caminho um caminho que dê a Portugal, sem esquecer os de regresso, que são os mais floridos e suaves. Regressar é reencontrar-se.

P.^e^ MOREIRA DAS NEVES

MILAGRE

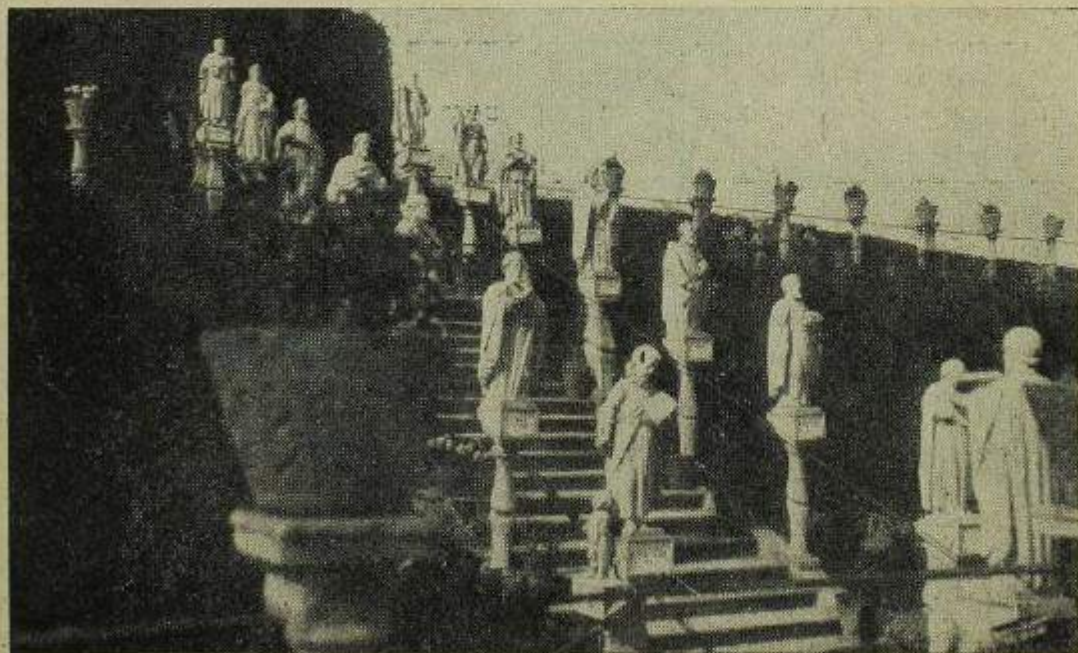
Na penumbra da igreja adormecida,
Onde o silêncio imperioso mora,
Uma mãe ajoelhada, a Deus implora,
A graça de salvar-lhe a filha qu'rida.

Sangra-lhe o coração; é funda a f'rida
Que a faz sofrer assim, mas com Fé, ora;
Confiante, ela suplica; já não chora:
— Deus há-de dar à sua filha a Vida!...

As horas vão passando! Escureceu;
O Sol há muito já que se escondeu,
E há no céu, estrelas a brilhar;

Ao regressar, curvada pela dor,
A pobre mãe vê salva o seu amor,
E ajoelha de novo, para orar!...

CLODOVEU GIL

Ninguém sabe o que seja a Morte, ninguém pode afirmar que ela não seja para o homem o maior dos bens. — *Sócrates.*

CASTELO BRANCO. — ESCADÓRIO DO PAÇO EPISCOPAL, COM AS ESTÁTUAS DOS APÓSTOLOS

(Foto Dr. A. Baião, filho)

SALTO DE CAVALO

(Passatempo oferecido por «Vasco Raguer» — Vidigueira)

ma	dia	ro,	viu	via	pro	tou	oso
e a	seu	is	Nu	Do	a es	Por	fu
só	nea	Mas	er	que,	vi	esp	gos
cou;	cul	um	a si	ti	des	nda	er
de	pr	pe	+ Um	+ Es	az	ma	te a
caiu,	ho	pa	per	ada	men	mãe,	pr
óp	do	dia,	ra	com	po	e fr	res
em	má,	ria	+ + ou	+ + ia	erv	des	sa e

Percorrendo o tabuleiro a salto de cavalo, a partir das casas marcadas com + e terminando nas marcadas com ++, encontrareis, além dum desenho simétrico, dois tercetos dum soneto do saudoso poeta Fernandes Costa.

A agulha da bússola não aponta na direcção do Pólo Norte. O Pólo Magnético fica a 1.500 milhas para o sul do verdadeiro Pólo Norte e aproximadamente a 97 graus de longitude oeste.

As primeiras fotografias do nosso satélite foram obtidas graças aos esforços dos ínclitos astrónomos europeus e norte-americanos, dentre eles Airy, Rutherford, Schmidt, Secchi e Warren de La Rue.

Charadas combinadas

(Passatempo oferecido pelo sr. Sesinando Sá — Cubal — Angola).

I

1.ª —+raga=cidade portuguesa.
2.ª —+var=vila portuguesa.
3.ª —+oça=sova.
4.ª —+mor=afeição.
5.ª —+aspar=nome masculino.
6.ª —+ugénia=nome feminino.

Poeta português

II

1.ª —+haves=cidade portuguesa.
2.ª —+va=fruta.
3.ª —+oi=animal.
4.ª —+lice=nome feminino.
5.ª —+isboa=cidade portuguesa.

Povoação da colónia de Angola

III

1.ª —+eja=cidade portuguesa.
2.ª —+spanha=nação europeia.
3.ª —+ita=nome feminino.
4.ª —+io=parente.
5.ª —+oda=círculo.
6.ª —+bril=mês.
7.ª —+adar=mover-se na água.
8.ª —+emente=tonto.

Nome de um Almanaque e Livraria muito conhecidos

IV

1.ª —+alo=ave.
2.ª —+ngola=colónia portuguesa.
3.ª —+ota=pingo.
4.ª —+rla=borda.
5.ª —+oça=sova.
6.ª —+lga=nome feminino.
7.ª —+nir=ligar.
8.ª —+ruta=peixe.
9.ª —+lustre=notável.
10.ª —+avio=embarcação.
11.ª —+ora=parte do dia.
12.ª —+ceano=mar.

Almirante português

Ciência prejudicial

Um *honrado* merceeiro trazia o filho nos estudos para doutor, mas um belo dia obrigou-o a deixar as aulas. Tendo-lhe um amigo perguntado a causa dessa resolução, ele explicou:

— Como sabes, nas horas vagas eu punha-o ao balcão, ao pé de mim, mas o rapaz, com aquelas coisas que lhe metiam na cabeça, dava-me prejuízo. Calcula tu que, para ele um litro tinha dez decilitros, e um quilo mil gramas!... Estás a ver onde íamos parar!...

Hieróglifos comprimidos

(Oferecidos pelo sr. Joaquim de Sá Dias — Algueirão)

LEVANTA ALIMENTO

A W O preposição N origem

C EIRA N preposição BERMA

Oceano prep. Oceano VOA Deus egípcio

A TI, SENHOR!

Graças a Ti, Senhor, porque me deste:
A água! a luz! o Sol! o linho! e o pão!...
E esta paz! e esta fé! com que fizeste
Ver florir a meus pés o árido chão...

Graças a Ti, Senhor, que me trouxeste:
A humildade, a renúncia e a compreensão..
Meu lar, ninho de sonhos, bem celeste...
No carinho dos meus, consolação...

Graças a Ti, Senhor, que me ensinaste:
A bendizer a dor que me entristece...
A amar em tudo, tudo o que criaste...

E a estender ao que sofre a minha mão:
Quer seja no murmúrio de uma prece,
Quer repartindo a côdea do meu pão...

LISETTE VILLAR DE LUCENA TACLA *(bras.)*

A FELICIDADE É SUBJECTIVA

VÁRIAS vezes, diante do mostruário ambulante das caras que diàriamente nos passam pela vista, surge no nosso espírito esta interrogação: — Quem é que melhor consegue aproximar-se da felicidade ambicionada?

É aquele que procura a fortuna no afã dos negócios? É o que se debruça sobre os livros ou se engolfa nos laboratórios em busca de verdades intelectuais ou descobertas científicas? É o outro que se arvora em Lovelace ou D. João e ceifa Elviras na seara do amor, cultivando conjuntamente todas as sensações epicuristas do gozo material e da ostentação opulenta? É o modesto trabalhador de escritório, que restringe o horizonte da sua aspiração às dimensões das suas rudimentares necessidades?

As caras que passam por nós todos os dias não respondem concludentemente a estas interrogações. Há caras alegres em todas as classes, assim como há caras tristes, severas, carrancudas, sorumbáticas.

Mostram-se expressões duras de quase hostilidade em pessoas que sabemos gozarem os melhores frutos da prosperidade; e encontram-se claridades de alegria sorridente em indivíduos que lutam com dificuldades materiais de toda a ordem.

Daqui resulta a conclusão de que a felicidade não é consequência do género de vida que temos, nem da largueza económica que usofruimos, nem do esplendor das conquistas intelectuais que realizamos.

A felicidade relativa, única que nos é possível, pertence ao domínio

subjectivo; as suas raízes estão dentro de nós. Aquilo que para certas almas é pouco, é mau, é repulsivo, para outras é encanto e delícia. Uma sardinha para um estômago forte e salubre é muito superior em afago de paladar ao acepipe mais excelso para um nababo de estômago derrancado.

Uma pequena choupana para quem a enche com a sua natural modéstia encerra uma satisfação maior do que o grande palácio que não chega para conter a ambição de quem o habita.

D. ALBERTO BRAMÃO

(Do livro «Últimas recordações»).

A gratidão não passa, muitas vezes, da preparação do caminho para novos benefícios. — *Guerra Maio.*

❋

As inteligências consagradas ao mal, são mil vezes piores do que a ignorância. — *Adolfo Joarizti.*

❋

Não há nada que para nós seja mais claro do que o dever dos outros. — *Valtour.*

❋

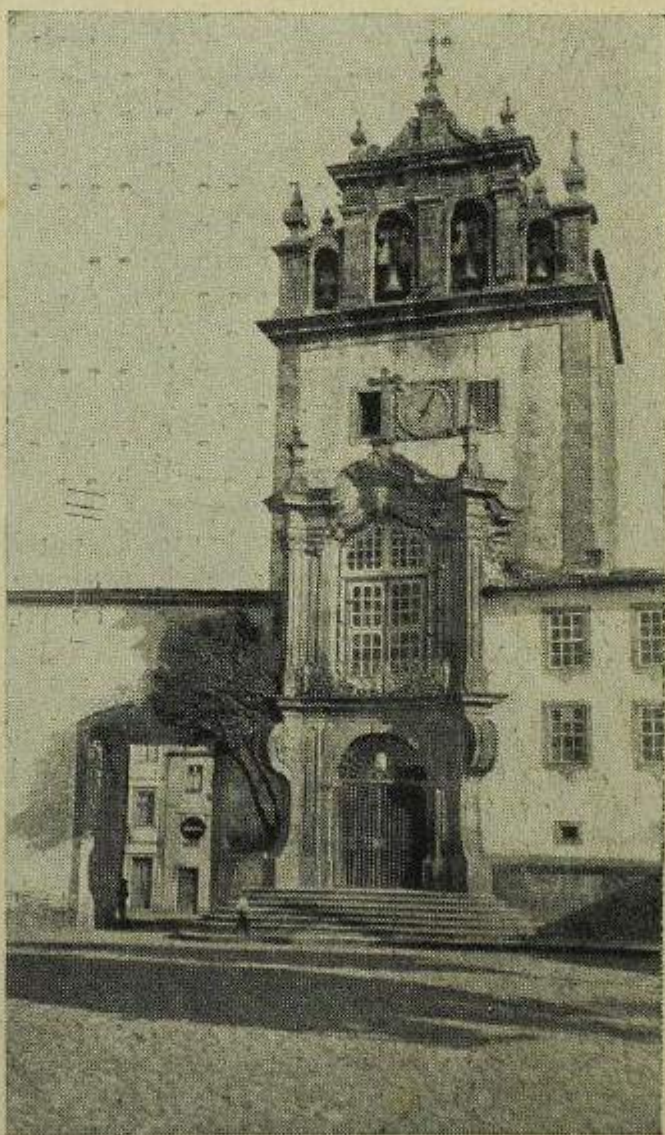
É alcançar muito de um amigo se, tendo subido ao poder, ainda se recorda de nós. — *La Bruyère.*

❋

O êxito de um bom dito reside no ouvido daquele que o escuta, não na boca daquele que o pronuncia. — *Shakespeare.*

Resposta nobre

Luís XII, quando era só duque de Orléans, teve uma questão com certo fidalgo, seu amigo íntimo, que o esbofeteou.

Logo que subiu ao trono, alguém se apressou a recordar-lhe o agravo para que o monarca o castigasse. Mas Luís XII respondeu apenas: — Não compete ao rei de França castigar as injúrias feitas ao duque de Orléans!

BRAGA. — TORRE SINEIRA DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA TORRE. — *(Foto Dr. A. Baião, filho)*

HISTÓRIA NACIONAL

(Passatempo oferecido pelo sr. João Júlio dos Santos — Luanda — Angola)

```
                  P- - - -  - - - - - -  - - - - - -
        - - - - - O  - -  - - - - - - - - -
- - - - - - -  -  - - - R - - - -
              - - - T - - - - - -  - - - -
    - - - - - - -  - -  - U - - -
        - - - - -  - -  G - - -
          - - - - -  - A -
                  - - L  - - - - -

                      D - - - -  - - - - -
    - - - -  - - - - A - - - -  - - - - -
                  - - - S - - -  - - -  - - - - - - - -

        - - - - -  - - C - - - -
    - - - - - - -  - - - A
      - - - -  - - - - - R - -
                  - - - - A - - -  - -
        - - - - - - -  V - - - -  - - - - - -
- - - -  - - - - - -  - - E - - -
- - - - - -  - - - - -  - - - L
                      - A - - - - - - - -  - - - - - - - - - -
        - - - -  - - - S - - -
```

Substituir os traços por letras, formando assim nomes de grandes navegadores portugueses dos descobrimentos de além-mar; incluindo também o fundador da Escola de Sagres, (a qual preparou os pilotos para os primeiros descobrimentos).

Lopo Barriga foi um fidalgo que no tempo de D. João II militou em África com tão merecido aplauso, que o seu nome era terror dos infiéis; e com ele metiam medo as mães aos filhos. Nunca se achou em batalha de que não saísse gloriosamente ferido; e isto mesmo deu ocasião, estando ele na côrte, a que certo fidalgo, invejoso da sua fama, dissesse na presença de el-rei e outros cortezãos: — Senhor, Lopo Barriga é muito desgraçado; sempre o ferem.

Poucos dias depois, indo o rei ao campo, numa corrida caiu do cavalo; e falando-se, à noite, na queda, estando ele presente, disse a el-rei:

— Senhor, quem corre, cai, e quem peleja, ferem-no.

Ferindo com estas palavras, não pouco ao fidalgo que ali também se achava, e que em tom de graça o quisera desluzir.

Themistocles podia chamar todos os 20.000 habitantes de Atenas pelos seus nomes próprios.

PILHA DE PALAVRAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Inácio Nunes Leonço — Portel)

1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					
10					
11					
12					
13					
14					
15					
16					
17					
18					

1 — Declarar em juízo.
2 — Treme de cólera.
3 — Calor intenso.
4 — Amplo.
5 — Cantiga.
6 — Protesta.
7 — Tigela.
8 — Cidade alentejana.
9 — Imprecação.
10 — Afectuoso.
11 — O povo miúdo.
12 — Nome masculino.
13 — Enxugar.
14 — Superfície escabrosa.
15 — Metal dúctil.
16 — Volta.
17 — Geitoso.
18 — Serenidade.

Resolvido este passatempo, ler-se-á na coluna central o nome de um grande navegador português.

O freguez (ao sair do café): — Rapaz, não deixei nada em cima da mesa, pois não?

— Não, senhor, nem sequer mesmo uma gorgeta.

Hieróglifos comprimidos

(Oferecidos pela sr.ª D. Lenita A. de Castro Lima — Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil).

O
DEUS

PPPPP

CA DO

D O S.

Passatempo histórico

(Oferecido pelo sr. António Campello Pinto de Sousa Fontes — Ermezinde)

A que personagens são atribuídas as seguintes frases?

1.ª — De que serve que o homem conquiste o mundo inteiro, se perde a sua alma?

2.ª — Não admire que eu me cale; gastei a minha voz a pedir e por isso falta-me agora para agradecer.

3.ª — Uma côrte sem damas é um ano sem Primavera e uma Primavera sem rosas.

4.ª — Morrer não é nada, mas pensai que vou comparecer perante Deus!

5.ª — Esta gente não sossega enquanto os soldados os não puzerem fora pelas orelhas.

6.ª — Muitas vezes perdoa uma injúria quem a recebeu, nunca quem a fez.

7.ª — Não hesiteis em dizer arrojadamente mesmo uma mentira; sempre ficará dela alguma coisa.

8.ª — Ah! Esse nunca há-de fazer nada, porque pensa no fim da obra antes de a ter começado.

9.ª — A fortuna não gosta dos velhos.

10.ª — Vim aqui para receber homenagens e não lições.

11.ª — Antes quero fazer boa opinião dum tratante do que pensar mal dum homem de bem.

12.ª — Não quero mais pensar em filosofia; sinto ter desperdiçado a minha maior riqueza e o meu sossego para andar correndo atrás duma sombra.

Dizia D. Francisco de Portugal, Conde do Vimioso, que o merecimento, sendo heróico, extinguia a inveja, e sendo medíocre a acendia: porque a inveja era semelhante ao fumo, que desaparece, quando a chama é mais luzida.

❋

Em todos os homens, a consciência tem só uma maneira de ser. Reprova sempre o mal, aponta sempre a culpa. — *Júlio Dinis.*

FARO — ALGARVE. — PANORAMA DA CIDADE

PROF. DR. ASSIS DE CARVALHO

NO CENTENÁRIO DA SUA MORTE 1851-1951

No cemitério dos Prazeres repousam, há cem anos já, as cinzas deste insigne português, que tão alto se guindou na política e no magistério superior.

O erudito académico, dr. Silva Carvalho inclui-o avisadamente no seu exaustivo trabalho intitulado *«Médicos que nasceram ou exerceram clínica em Faro»*. É que o Dr. Francisco Assis de Carvalho viu a luz naquela cidade a 4 de Outubro de 1797 e cedo mostrou ser um dos melhores estudantes das suas aulas régias. Durante quatro anos frequentou o curso de gramática, de 1812 a 1815, com a informação oficial de ser *talento sólido, aplicação muita*. Estudou depois filosofia e medicina na Universidade de Coimbra, sendo premiado em quatro anos desse curso, mas sendo riscado, a 20 de Maio de 1829, quase ao terminar, perseguido pela política miguelista. E não só ele, como muitas pessoas da sua família, foram vítimas de tal tirania. Seu pai esteve preso mais de um ano, seu irmão, cinco, em S. Julião da Barra, o que lhe originou a morte; além dum cunhado e dois primos encerrados na mesma torre, e um tio no Aljube.

Não admira, por isso, que ele concorresse activamente, em 1830, para acelerar o movimento liberal e que, em 1833, fosse nomeado Director do Jardim Botânico, na Ajuda.

Foi, pois, um convicto constitucional, em cuja política adquiriu lugar de preponderância.

Vindo exercer clínica em Lisboa, apesar dos proventos não serem muitos, valeu generosamente às faltas de sua família.

No Jardim Botânico regeu o curso de Anatomia comparada e vamos vê-lo numa carreira brilhante, ligada à sua profissão. A 17 de Agosto de 1835, nomeado para fazer serviço no Hospital militar do Castelo, como vogal da Junta de saúde e director da enfermaria que lhe fosse designada; escolhido, em 1836, para reger na Academia das Ciências, a cadeira de Zoologia, ali fundada pelo legado Mayne; em 1844, nomeado interinamente para, na Escola Politécnica, reger a cadeira de Zoologia, tratando-se depois, de obter o seu provimento definitivo. Para o conseguir teve que bater-se o Dr. Assis de Carvalho com uma das maiores sumidades da época e que havia de adquirir renome europeu: Barbosa du Bocage, a quem venceu.

Comentava o *Jornal de Farmácia*, em 1848: «O sr. dr. Assis, pelos seus verdadeiros conhecimentos zoológicos, pela sua probidade, independência e posição social, é uma feliz aquisição para aquele estabelecimento de

instrução, um dos mais úteis do nosso país». Não se pode dizer mais.

Eleito sócio honorário da Sociedade Escolástico-Filomática, em 12 de Novembro de 1842, foi-o também, da Sociedade Farmacêutica de Lisboa, em 11 de Julho de 1850.

Antes de nos referirmos à sua notável actuação parlamentar, importa referir um facto lamentável, mas que vem provocar palavras de merecido elogio ao dr. Assis de Carvalho. Pertencendo à Comissão inspectora do Teatro de D. Maria II, foi, na noite de 28 de Julho de 1849, em que ali se realizava o ensaio geral do *Templo de Salomão*, agredido pelo autor do drama, Mendes Leal — agressão da qual logo se desagravou com a maior energia — e também de palavras, por Ernesto Biester. Foi-o, no exercício das suas funções e, por isso, como essa comissão pedisse a exoneração, apressou-se o conde de Tomar, então ministro do reino, a não a aceitar e a declarar oficialmente que essa comissão estava fortalecida com o favor das leis e apoiada pela acção eficaz do Governo e pela confiança que este nela depositava. Referindo-se ao nosso dr. Assis de Carvalho, diz que: *além de ser pessoa respeitável por suas qualidades, se achava investido de funções públicas.*

Mas vejamo-lo, finalmente, na Câmara dos Deputados, para a qual foi eleito em 1848, pelo círculo de Faro, sua terra natal, como já dissemos Veio assim desmentir o prolóquio popular de que ninguém é profeta na sua terra.

DR. FRANCISCO ASSIS DE CARVALHO
(Reprodução do quadro a óleo, de António Caetano da Silva)

Para ela foi, pois, a sua estreia parlamentar, na sessão de 12 de Fevereiro, em que mandou para a mesa um projecto de lei, de largo alcance económico, promovendo a arborização de terrenos incultos, e formação de marinhas de sal, e sucessivamente advogou a conservação do seminário de Faro, a criação de duas cadeiras no Liceu da mesma cidade, francês e inglês; combateu um projecto de formação duma Companhia para a exportação do figo à qual era concedido esse exclusivo; advogou a concessão dum convento extra-muros de Lagos para o estabelecimento dum cemitério, e à Mesa da Misericórdia da mesma cidade, a concessão das ruínas do castelo para aí edificar um hospital.

Assassinado o sub-delegado do procurador régio de Olhão, eis o dr. Assis de Carvalho a reclamar providências; ocupa-se da extinção do reguengo de Tavira, defendendo, então, energicamente o povo do Algarve; apoia calorosamente a concessão dum edifício nacional à Câmara de Portimão para o exercício das suas funções administrativas; de dois armazéns pertencentes à Fazenda Nacional para a Câmara de Lagos neles construir um teatro; e das providências atinentes a melhorar a barra de Vila Real de S.to António; e à situação dos pescadores algarvios; e da construção do farol do Cabo de S.ta Maria. Cheio de amor ao seu torrão natal, reclama ainda para ele direitos iguais aos das outras regiões, *lembrando que quando no último ano se fizera o mapa das estradas gerais, esse mapa terminava em Beja, sendo necessário que ele, deputado, lembrasse, na comissão, que Portugal ia além desta cidade!*

Quanto se acaba de ler, é prova mais que eloquente, da forma como o dr. Assis de Carvalho tratou, na sessão parlamentar, de tudo o que interessava à província que representava.

Mas a sua eloquência, a sua independência de carácter, a sua cultura, foram muito mais além, pois soube proficientemente versar assuntos da maior importância política e social.

Resumamos o que especificadamente se encontra no trabalho já citado do erudito académico algarvio, dr. Silva Carvalho, aliás consignado no *Diário do Governo*, daquele tempo.

Pertencendo o deputado Assis de Carvalho à comissão de contabilidade, ocupa-se da aquisição de títulos da dívida externa; opina que o Banco de Portugal fosse considerado como um Banco Nacional; historia a fundação da Companhia Confiança até à sua junção com o Banco de Lisboa e a parte que na formação do Banco de Portugal tiveram a Companhia Folgosa e a das Obras Públicas. Mostrou-se partidário da importância dada aos Bachareis de Coimbra em concorrência com os indoutos; toma a iniciativa dum projecto de lei para a criação duma Escola de Agricultura e de Medicina Veterinária; recomenda cautela em não agravar a Junta do Crédito Público; discute a Lei de Meios.

Em certa altura, diz que *já previra os muitos desgostos que lhe havia de acarretar a vida de deputado, porém que o não fariam esmorecer, e continuaria a emitir a sua opinião conforme lhe ditasse a sua consciência.* Assim, tem a hombridade de observar aos membros da comissão de fazenda,—que o eram igualmente do Banco,—que não era possível servir bem a dois senhores; protesta contra o desprezo pelas questões de fazenda.

Assis de Carvalho incomodava tanto o Governo, que a *Revolução de Setembro* o alvejou com insultos e calúnias de que ele enèrgicamente se defendeu. Ao discutir a resposta ao discurso da Coroa, avoca a si a maior independência política e assim não tinha que sacrificar a sua opinião.

...Era pela ordem e paz pública, por ter horror às revoluções e não as considerar o meio por que as sociedades se regeneram, antes se perdem.

Trata muito da situação dos Bancos de Portugal e de Lisboa e insta pela remessa das contas da gerência dos fundos públicos e da fazenda. Fazia parte de quatro comissões e

foi nomeado para mais outra, a da saúde pública. Fala no contrato do tabaco. Fez notável discurso sobre o estado da fazenda e perigos que nos ameaçavam. Apresenta um projecto de lei, acabando com o curso forçado das notas do Banco de Lisboa. Advoga a necessidade de se olhar para a situação económica das feiras, e de se continuar a obra do Visconde de Santarém; clama contra o estado desesperado da Fazenda Pública; quer o desdobramento do Ministério do Reino e censura o cáos em que se vivia; advoga a conveniência de se fundar uma Companhia análoga à das Índias, em Inglaterra; discute, com grandes conhecimentos, a lei dos pesos e medidas; discute o projecto sobre liberdade de imprensa; advoga a necessidade da reconstrução da Escola Politécnica; e a de um regulamento da pesca do atum; discute o procedimento do Governo quanto ao Banco de Portugal e apresenta um projecto para se cunhar moeda de ouro; advoga a necessidade do Governo se ocupar das questões sociais.

Finalmente, faleceu a 24 de Fevereiro de 1851, diz um jornal da época, impressionado com o que se passara na sessão do dia 17, em que se discutiu a lei eleitoral no capítulo das incompatibilidades, sendo a votação de tal forma renhida que houve várias votações nominais no meio de grande agitação.

Dele se pode bem afirmar que morreu no seu posto, aos 53 anos de idade, os três últimos dos quais, no meio da maior combatividade política, em prol da Moralidade e do Progresso da Nação.

Na *Revolução de Setembro* lia-se então: «Pouco habituado aos desgostos e desaguisados da vida pública, em que era noviço, tomou muito a peito as últimas votações da Câmara sobre a lei eleitoral e ficou em contínua apreensão acerca delas. Este cismar determinou-lhe um ataque apoplético, para que, aliás, era propensa a sua organização».

O *Diário do Governo*, de 10 de Março, pág. 286, depois de referir os cargos que exerceu, acrescenta: «Foi bom pai, bom esposo, bom amigo, bom médico e bom deputado.

A sua vida parlamentar deve ser apresentada como o prototipo da independência que deve existir na representação Nacional».

Não se podia escrever mais num órgão oficial.

Tal foi a figura grada do Constitucionalismo, cujo centenário passa neste 1951, aqui apresentada sumàriamente, mas em períodos documentados, imparciais e justiceiros.

Tal foi o avô materno da ilustre coordenadora deste *Almanaque*, senhora D. Maria Fernandes Costa, na qual aflora não só o talento consagrado de seu pai, como o deste seu tão preclaro avô.

ANTÓNIO BAIÃO

A CIDADE DE FARO, POR 1847, QUANDO AINDA VIVIA O DR. ASSIS DE CARVALHO. — *(Reprodução duma litografia de Macphail, do livro «Portugal Pitoresco», de Fernando Dinis)*

A CIDADE DE FARO, NA ACTUALIDADE. — UM TRECHO DO JARDIM MANUEL BIVAR. — *(Cliché Foto Beleza)*

Máximas a adivinhar

(Passatempo oferecido pelo sr. Carlos Bandeira de Castro — António Enes — Prov. do Niassa — Af. Or. Port.).

1.º

F	C	F	A	I	S
2	1	3	1	1	4

2.º

D	D	O	M	T	A	A	Q	M	A
1	1	1	3	3	3	1	1	1	2

3.º

D	E	O	H	E	A	O	S
1	3	1	3	1	3	1	3

Cada letra representa a inicial de uma palavra e cada número indica o número de sílabas dessa palavra.

COISAS DO JOGO

(Problema oferecido pelo sr. Francisco Fisher — Coimbra)

Três amigos decidiram passar a tarde a jogar, tendo cada um tirado um certo número de notas do Banco de Portugal, somando as três importâncias 1.800$00.

No fim de um certo número de jogos, um dos parceiros tinha ganho um terço e outro um meio das suas entradas, e, no final do jogo, um ficou com o dobro da importância tirada primitivamente.

O interessante é que, em ambos os casos, as importâncias com que cada um ficou, eram iguais às primitivas, embora estas fossem dos outros parceiros, e que houve um que ganhou o máximo que, nestas circunstâncias, poderia ganhar.

Quais as importâncias primitivas e as que cada um possuía em cada uma das fases do jogo?

A professora queria convencer bem a classe que não havia nada que um homem não pudesse fazer, se se dispusesse com firmeza a fazê-lo. O Zeca pediu licença para discordar.

— Então, — disse a professora — explica lá, a mim e aos teus condiscípulos, o que vem a ser, isso que tu consideras impossível.

—Ora experimente acender um fósforo num pedaço de sabão — foi a resposta do Zeca.

Flores de Portugal

(Passatempo oferecido por «Nana» — Mianga — Bilene — Macia — Moçambique).

```
- - - - - F - - -
 - - - - E - - - - - - -
- - - - - R - - -
   - - N - - - - - - - -
    - A - - - -
- - - - - N - -
   - - D - - - - - - - -
 - - - - E - - -
   - - S - - - -

   - - C - - -
  - - - O - - - -
- - - - - - S - -  - - - - - - - -
- - - - - - T - - - -
   - - A - - -
```

Substituindo os traços por letras, encontrar-se-ão 14 nomes de flores.

SALTO DE CAVALO

(Passatempo oferecido por «Lita» — Angola)

nos	tão	por s	af	na	rgo e	al,	d
das	inal,	ti	ama	eu m	es	há	tão
tir	de m	ma,	a	ste so	da	ce	n
Cor	to	tri	Des ×	te	lá	pro	Não
ul	sen	um	gri	tão	bre	ão	fa
liz de	ren	ais	a te	d	mu	ra!	fu
De	her	so	ndo!... × ×	A m	dor en	a	pas
do	fe	rra	que	bre	sa	ndo...	cer

Partindo da casa assinalada com uma × e chegando à marcada com duas × ×, a salto de cavalo, compor-se-ão dois tercetos dum soneto de Marta Mesquita da Câmara, além dum simétrico desenho.

Ao contrário do que se pode julgar, não foram as mulheres mas sim os homens quem primeiro usou anéis. Os egípcios usavam os anéis, não como ornamento mas apenas como selo ou carimbo pessoal.

A palavra *corsário*, sinónimo de *pirata*, deriva do italiano *corso* que significa *pirataria*. Há quem afirme que tal palavra provém de Córsega, ilha que era antigamente temível guarida de marítimos aventureiros.

ONDE ESTÁS?

Aquela doce e carinhosa Esp'rança,
Que me fugiu nas asas da ilusão,
Era do Bem da vida a ideal visão,
De olhar sublime e alma de criança;

Era o Astro, era o Sol do coração
Que a passo e passo em lágrimas avança,
Na senda do Destino em que se alcança
O deserto... o abismo... a escuridão...

E qual ave de encanto e de magia,
Entre as nuvens da alma se perdia,
Levando-me nas asas a ventura!...

Onde estás, de meus olhos escondida?
Onde estás, branca Aurora, Luz da vida,
Que em minh'alma deixaste a noite escura?!...

Ponta Delgada, S. Miguel, Açores.

MARIA ISABEL DA CÂMARA QUENTAL

Há vácuos na alma, produzidos pelo infortúnio, que só a Religião os pode preencher. — *D. Alberto Bramão.*

De todos os livros que há no mundo, não há livro melhor que o próprio mundo. — *Camilo Castelo Branco.*

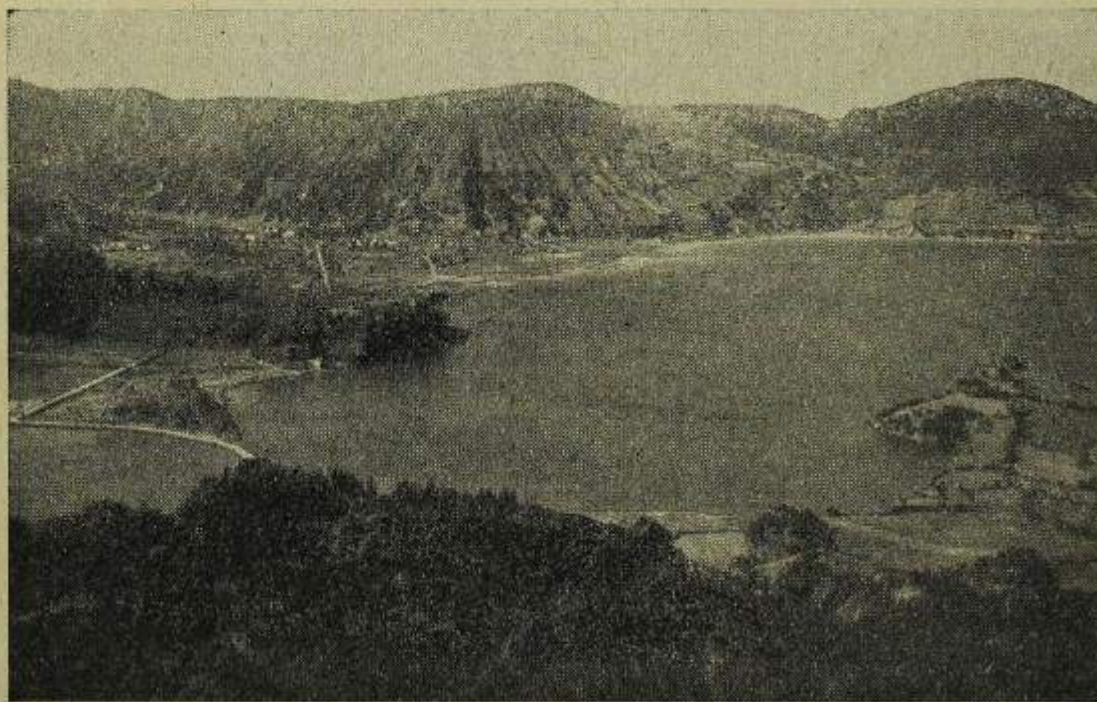
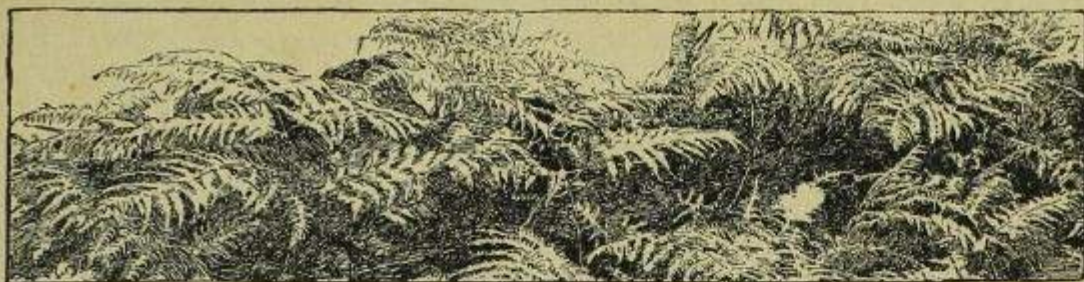
❋

As virtudes perdem-se no interesse, como os rios se perdem no mar. — *La Rochefoucauld.*

❋

É mérito raro confessar um homem seu erro. — *De Ségur.*

❋

O riso está bem perto das lágrimas. — *Michelet.*

S. MIGUEL, AÇORES. — SETE CIDADES. — UM TRECHO DO LAGO. — *(Foto Tosta)*

A PAISAGEM E OS PASSEIOS NO VALE DAS FURNAS

As encostas dos montes que circundam este vale são atravessadas em todos os sentidos por estreitos atalhos, serpenteando por entre o verde das urzes *(erica arborea)*, das amoreiras de silva, dos loureiros e da uva da serra, que cobrem o terreno, proporcionando-nos a cada passo novos aspectos da paisagem sobre o vale.

Tão numerosas são, porém, as veredas, que se tornaria necessário um verão inteiro para conhecer toda a complicada rede de caminhos do mato e de altos e baixos do relevo do solo.

Hoje, enquanto por aqui andava, densa cerração vinda do oceano avançou através de estreito barranco para o vale, envolvendo-o por completo em poucos minutos e ocultando-o totalmente à nossa vista. O céu, porém, acima dessas nuvens, conservava-se azul e límpido. A névoa, pouco depois, foi-se afastando para o norte e logo a nossos pés, rodeado por verdejantes colinas, voltou a aparecer o fundo e tranquilo vale, cheio de sol, com o campanário da igrejinha e a risonha aldeia— quadro da mais perfeita e serena paz.

Não é o tempo claro o que mais favorece a paisagem das montanhas. Esta reveste-se de aspectos infinitamente variados, com os nevoeiros, as chuvadas e as brumas, que cobrem e descobrem a paisagem, lhe dão grandeza e logo parece que a diminuem, colorindo-a de mil cambiantes e de incessantes mudanças de luz e de sombra. A variação constante de cenário não nos fatiga, porém.

Sendo tais mutações em extremo delicadas, e, por isso mesmo, de grande beleza, em breve se esvaecem e se somem.

Que pintor jamais conseguiu prendê-las? E o poeta que as pudera ter descrito, por viver entre montanhas e amar a paisagem, que profundamente observou, confessa que a tarefa sobrepuja as possibilidades da arte.

Característica curiosa da paisagem vulcânica destas ilhas são as veredas profundamente cortadas nas encostas de pedra pomes, solta, das colinas e dos montes, e que apresentam uma beleza própria. As altas e íngremes paredes destes estreitos caminhos são cobertas de líquenes verde-escuros, que crescem rente ao solo, onde vegetam também alguns musgos e outras ervas, e aqui e além a flor branca e amarela da saxifraga. Devido à altura das paredes, estes profundos e verdes atalhos dão fresca sombra mesmo nos dias mais quentes. No alto, servem-lhes de adorno as folhas graciosas e emplumadas dos fetos, de mistura com silvas e outras trepadei-

ras; e ao olhar para cima, avista-se, através das folhas dos castanheiros novos que se tocam ou dos salgueiros leves e airosos, uma nesga de céu.

O líquen verde, que por completo reveste estas alcantiladas paredes, só se encontra em abundância onde há sombra e humidade; os caminhos mais largos ou são em parte cobertos de musgos, fetos e ervas, ou inteiramente despidos de vegetação, pondo a descoberto a pedra pomes branca, cinzenta ou amarelada, que os constitui. Por mais nuas que sejam as margens, porém, a terra lá no alto, pela decomposição das plantas, mostra-se em extremo fértil e coberta de luxuriante vegetação de mato e arbustos, e por vezes, orlada de arvoredo.

A chuva vai fàcilmente minando estes barrancos, dando-se aqui e ali desmoronamentos que arrastam massas de arbustos e de terra para o atalho em baixo; tais quebradas raramente são removidas, se apenas em parte obstruem o caminho. E, continuando as plantas a crescer, o atalho torna-se quase interrompido, pelo que o burro e o seu condutor contornam, satisfeitos, o obstáculo.

....

Depois do banho e do almoço, fomos de passeio até à Povoação, vila situada à beira mar. Passadas as caldeiras e transposta amena ribeira, de águas pouco fundas, murmurando através de um vale arborizado, começámos a subir as íngremes encostas dos montes que formam o limite sudeste do vale das Furnas.

A vereda era áspera, escarpada e tortuosa, levando cerca de uma hora a caminhada até à cumieira, onde parámos para contemplar o panorama. Neste ponto, o mais alto dos que circundam o vale, goza-se a mais bela e a mais ampla vista das Furnas e das montanhas em redor. Das restantes cumiadas, cerram a linha do horizonte as colinas em volta. Daqui, porém, novas e mais distantes cris-

S. MIGUEL, AÇORES. — FURNAS. — NO PARQUE «TERRA NOSTRA». — *(Foto Tosta)*

tas de montanhas se divisam. O vale, lá em baixo, parecendo mais fundo e mais compacto, toma mais claramente a forma de cratera circular. Na nossa frente, a distância, está o oceano calmo e de azul carregado, um tanto desvanecido pelo Sol, para ele se estendendo um vale entre duas cadeias de montanhas que formam uma curva oval numa das extremidades. As encostas destes montes não se apresentam tão íngremes como as das colinas das Furnas, mas de declive suave. Algumas das suas zonas estão cultivadas; a maior extensão delas, porém, encontra-se densamente coberta de urzes, de mistura com loureiros, silvas e uva da montanha, que dá tufos de finas flores ceráceas, de pintas vermelhas e da forma da flor do medronheiro. A terra baixa, ao fundo do vale, é dividida em campos de cultura.

O atalho estendia-se ao longo das cumiadas dos montes que limitam o vale, por um dos lados. É caminho selvático por entre mato, descendo suavemente até se aproximar da costa, solidão quebrada de longe em longe pela presença de um jumento e do seu dono, resignado e contente com a sua sorte. Do lado de lá da cumieira, próximo da costa, há um profundo barranco coberto em parte por vasto souto de castanheiros, na plenitude da sua bela folhagem.

João H. Anglin

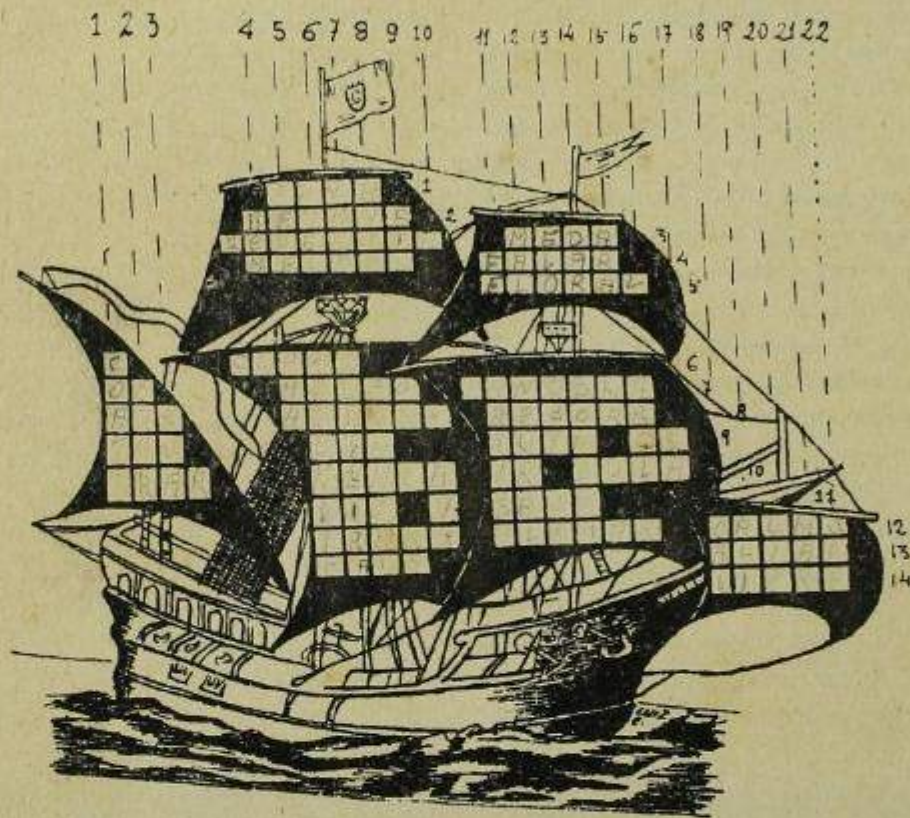
(Trad. do inglês, do livro «Um Inverno nos Açores e um Verão no Vale das Furnas», dos irmãos Joseph e Henry Bullar).

Se a paciência é uma grande força do homem, o poder que ele tem de a dominar, é maior ainda. — *Alice Munet.*

Ilusão — distância que vai do que o nosso espírito concebe ao que a realidade nos dá. — *D. Alberto Bramão.*

S. MIGUEL, AÇORES. — FURNAS. — Vista geral. — *(Foto Tosta)*

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Luís Eduardo Guerra Reis Nunes — Coimbra)

HORIZONTAIS

1 — Corte no vestuário para adaptação das mangas. 2 — Fruto. 3 — Cobrir; molhos de palha de trigo sobrepostos. 4 — Melões grandes; discursar. 5 — Concurso poético. 6 — Luminoso. 7 — Língua que se falava ao sul do Loire; fruto; exercício militar. 8 — Palavra composta duma preposição e dum artigo; arremessar; fazer eco. 9 — Nome duma letra grega; fruto; má; artigo definido. 10 — Causar cólera; canção triste; caminhar; decreto pontifício. 11 — Ordena; deus romano do vinho. 12 — Nome feminino; cordão metálico que abotoa um vestuário; sossegado. 13 — Crivo; unir. 14 — Juntava.

VERTICAIS

1 — Mamífero carniceiro da América. 2 — Filtrar. 3 — Adjectivo possessivo. 4 — Felicidade. 5 — So-chão; adora. 6 — Aro; repelir. 7 — Recipiente; árvore cujo fruto é oleaginoso. 8 — Dólmen; discurso prolixo e enfadonho. 9 — Suspiros; duas vogais; laço. 10 — Pássaro. 11 — Duas consoantes iguais e labiais; acima. 12 — Doença; próprio de nervos. 13 — Anel; rio asiático; aqui. 14 — Oferecer; gulodice. 15 — Altar dos sacrifícios; batráquio. 16 — Mar asiático. 17 — Sadia. 18 — Protóxido de cálcio. 19 — Lá. 20 — Bagaço de que se faz a água-pé. 21 — Oceano. 22 — Reza.

Charada combinada

(Passatempo oferecido pelo sr. G. Correia — Ilha do Fogo — Cabo Verde).

1.ª —+ácuo=vazio.
2.ª —+mar=ter amor.
3.ª —+acudir=agitar repetidas vezes.
4.ª —+ocleária=planta crucífera antiescorbútica.
5.ª —+rangino=habitante de Orange.

6.ª —+anaide=borboleta das regiões temperadas.
7.ª —+çafrão=planta bulbosa.

8.ª —+ambarra=embarcação pequena brasileira.
9.ª —+castelar=fortificar com castelo.
10.ª —+icetografia=descrição dos cogumelos.
11.ª —+ôto=espécie de macaco americano.

Nome de um grande navegador português

Apanhando peixes sem anzol

Devem estar satisfeitos os amadores da pesca: os peixes, em qualquer massa de água, podem ser totalmente apanhados por meio da pesca eléctrica. Este processo de pescar foi ensaiado pela primeira vez, com o melhor êxito, em Wurtenberg.

Um pedaço de folha, pregado no fundo de uma «chata», é ligado por meio de um cabo a um dínamo, cuja corrente outro cabo transmite a uma rede de fios metálicos. Quando esta se coloca na água estabelece-se, entre os dois pólos, uma corrente que electriza os peixes, os quais são atraídos para a rede, como por uma força magnética. Depois, é só tirá-los da água. A pesca eléctrica oferece a vantagem da pescaria ficar intacta.

O bébé, de poucos meses, estava sendo mostrado às visitas, e, por estas, admirado.

— É extraordinário! — exclamou uma delas, que parecia achar dificuldade em encontrar o que havia de dizer; — Como se parece com o pai!

— Ah! isso é por causa deste tempo de chuva, — respondeu a jóvem mãe, irritada; — em geral, mostra-se alegre e bem disposto.

Hieróglifos comprimidos

(Oferecidos pelo sr. Catolino de Azevedo Brandão — Beira — Af. Or. Port.)

A PREP. A PRONOME PH

P NOTA LAÇO ÚNICO

A PREPOSIÇÃO OFERECE

D D DEMORA NOTA

Provérbios a adivinhar

(Passatempo oferecido pelo sr. Sesinando Sá — Cubal — Angola)

1.º

A	C	A	S	P
2	1	2	1	2

2.º

Q	T	A	T	A	E
1	1	3	1	3	1

3.º

P	T	N	S	G	D
3	2	1	1	2	3

4.º

C	A	P	N	M	M
1	2	3	1	2	3

5.º

O	E	O	Q	O	V
2	1	1	1	2	2

6.º

S	D	C	N	F	M
2	1	2	1	2	3

7.º

E	B	F	N	E	M
1	2	3	1	2	2

8.º

C	U	E	F	D	S	P
2	1	1	2	1	1	1

9.º

Q	E	A	A	A	U	I
1	3	1	3	3	1	4

10.º

S	A	S	R	Q	C	V	D
1	1	2	2	2	2	1	3

Cada letra representa a inicial de uma palavra, e o número correspondente indica o número de sílabas dessa palavra.

MISTURA DE FIOS

— É claro, que me sinto perfeitamente bem. Porque pergunta você isso?

(«Tit-Bits»)

Um velho porteiro procurou um dentista. Este, depois de o mandar sentar na cadeira fatídica, fez-lhe a pergunta sacramental: — Que dente lhe dói?

— Segundo andar, corredor à esquerda, penúltimo ao fundo.

*

A esposa: — Ó Fernando, ajuda-me a calar o bébé. Ele é tanto teu como meu.

O marido (virando-se para o outro lado, cheio de sono): — Cala tu a tua metade e deixa chorar a outra.

*

— És-me mais cara do que a minha própria vida — dizia um marido a sua mulher.

— Ora adeus — volveu ela.

— Digo-te isto. Para vir a este mundo, não gastei nem um tostão, e só na conta da modista gastei contigo, este mês, dois mil escudos.

PILHA DE PALAVRAS

(Passatempo oferecido pelo sr. António Martins da Cruz — Mavinga — Bié — Angola).

1	V	A	G	E	M
2	M	O	E	D	A
3	F	E	R	R	O
4	A	R	A	D	O
5	M	U	L	T	A
6	A	N	D	A	R
7	A	M	O	R	A
8	G	A	B	A	O
9	V	I	E	L	A
10	D	I	S	C	O
11	V	E	S	G	O
12	P	I	A	N	O
13	L	I	V	I	O
14	P	E	I	X	E
15	C	A	C	H	O
16	M	I	T	R	A
17	M	I	O	L	O
18	V	E	R	G	A

1 — Fruto das leguminosas.
2 — «Pagar na mesma...».
3 — Metal.
4 — Utensílio para lavrar.
5 — Pena pecuniária.
6 — Seguir.
7 — Fruta.
8 — Capote.
9 — Rua estreita.
10 — Peça circular e chata.
11 — Estrábico.
12 — Instrumento.
13 — Nome masculino.
14 — Vertebrado.
15 — Conjunto de flores ou de uvas.
16 — Insígnia eclesiástica.
17 — Cérebro.
18 — Humilha.

Resolvido este passatempo, encontrar-se-á na coluna central o nome de um jóvem poeta angolano.

Eusébio: — Tu dizes que não acordas nunca tua mulher quando chegas, à noite, a casa. Como é que arranjas isso?

Ernesto: — Ora, minha mulher está sempre acordada!

A criada (anunciando a chegada do que se estava à espera): — É um rapazinho, sr. Professor.

O Professor (distraído): — Bem, pergunte-lhe lá o que é que ele deseja.

Considerações filosóficas

— Evidentemente foi muito pior para si quando os nossos carros chocaram um com o outro. Você ainda ia gozar as suas férias... e eu já vinha de regresso.

(«London Opinion and The Humorist»)

SALTO DE CAVALO

(Passatempo oferecido pelo sr. Egas Barbosa Peixoto — Ilha do Fogo — Cabo Verde)

A	DU	SA	A	LE	EM	VR	S
U	DE	TR	Z	A	S	E	A
A	S	D	E	I	D	I	A
A	VE	A	A	R	I	U	T
S	R	S	AM	E ××	C	L	M
E	H	C	DO	Z	E	SE	S
T	E	I	T	N	CO ×	JU	PA
N	R	AS	ES	NT	A	E	M

Percorrendo o tabuleiro a salto de cavalo, começando na casa marcada com × e terminando na casa marcada com ××, encontrar-se-á uma quadra do poeta caboverdeano Pedro Monteiro Cardoso.

Assegura um sábio americano que, enquanto na Europa, de cada 100.000 pessoas morrem 15 por doenças de coração, no Japão e por essa mesma causa, só se registam 7 mortes.

Uma senhora de Cherokee, Estado de Iowa (América do Norte), Mrs. Wilhelmine Alff, foi ao cinema todas as noites, durante oito anos, 2.927 noites consecutivas.

A VISITA DO CHEFE DE ESTADO ESPANHOL

Num sábado, 22 de Outubro de 1949, chegou a Lisboa, em diplomática visita de cortesia e amizade, o generalíssimo Franco que, na véspera, havia saído de Vigo, vibrantemente aclamado, a bordo do *Miguel Cervantes*.

Também vibrantemente aclamado o foi no nosso Terreiro do Paço, ao desembarcar, acolitado pelas duas esquadras das nações irmãs, à sombra das bandeiras que souberam dar *mundos ao mundo*. O povo de Lisboa, manifestando o seu vibrante entusiasmo, secundou significativamente a cordialidade e a grandeza da recepção oficial. O exército português desfilou garbosamente perante o caudilho da Espanha que, na Câmara Municipal proferiu o seguinte período lapidar e do mais alto significado político: *«A Espanha velha, mas plena de juventude, abraça a cidade de Lisboa e afirma a Portugal a sua grande amizade»*. E no banquete oficial do palácio da Ajuda, seguido de brilhante recepção, os dois chefes de Estado, reafirmaram a fraternal amizade peninsular, Franco exclamando: *«Portugal e Espanha constituem baluarte permanente de uma civilização ocidental que esteve em transe de trágica extinção»*. E Carmona replicando: *«De um e outro lado se foi construindo atitude idêntica em face do grande, do máximo problema do momento, que é ainda o da subsistência do espírito europeu»*.

Generalíssimo Franco

Instalado principescamente no palácio de Queluz, o caudilho Franco foi bem, desde logo, o *homem do dia*. O *Diário do Governo* publicou um

decreto-lei investindo-o no posto de general do corpo de generais do Exército português, com hierarquia e honras militares de major-general do Exército, podendo usar os distintivos do respectivo grau hierárquico. Recìprocamente, o *Boletim Oficial* madrileno publica o decreto nomeando o chefe de Estado português, tenente-general do Exército espanhol, com todas as prerogativas e honras correspondentes à sua elevada jerarquia.

Não lhe faltaram visitas aos nossos monumentos, como os Jerónimos e Castelo de S. Jorge, aos nossos museus, como o dos Coches, tourada à antiga portuguesa no Campo Pequeno e fogo de vistas no Tejo : tudo o que Lisboa poderia apresentar de mais feérico e atraente.

Mas não se circunscreveu à capital, a manifestação ao glorioso chefe da nação espanhola. Irradiou para fora e assim o vemos, em Mafra, junto do monumento joanino, assistir a exercícios militares com fogos reais e visitar, em Sintra, o Palácio nacional e o parque da Pena.

Convém registar algumas palavras mùtuamente pronunciadas durante esses exercícios, palavras do maior significado político e social.

Assim, o generalíssimo Franco exclamou : «*Se o apego a velhas fórmulas e uma preguiça mental podem tornar-nos ainda incompreendidos em determinados sectores externos, os nossos povos têm, como compensação, a satisfação e a vantagem de sentir que levam grande avanço a muitos outros*». E o ministro da guerra, português replicou : «*Irmãos pelo sangue, obrigados pela geografia a viver paredes meias, a mesma fé nos une, os mesmos ideais nos animam, os mesmos interesses nos prendem*».

Mas o caudilho foi avançando para o centro do país. Luso aguardava-o,

Forças do Exército Português, formadas na Praça do Comércio, aguardando a chegada do generalíssimo espanhol, perante o qual desfilaram

e sobretudo Coimbra, a cidade universitária, cheia de tradições, o cérebro de Portugal, de reputação mundial. Aqui lhe estava reservada a maior manifestação intelectual a que podia aspirar: a concessão do grau de doutor *honoris causa*. Foi seu patrono o Cardeal Cerejeira e a cerimónia revestiu-se de toda a pompa das velhas tradições académicas.

«Com este abraço dos nossos espíritos, disse Franco, *afirmais que as Culturas espanhola e portuguesa, filhas de dois povos independentes e livres, se aliam e unem para a cruzada comum, de defender, na actual crise da Europa, o prestígio da civilização cristã do Ocidente»*.

Perante o escol da intelectualidade portuguesa não se podia dizer mais. Ouvindo missa e comungando na capela das Aparições, em Fátima, assistindo a uma festa retintamente portuguesa no castelo de Leiria, admirando as nossas belezas arquitectónicas de Alcobaça e da Batalha, o caudilho regressou a Madrid num quadrimotor do Ministério do Ar, de Espanha. Acompanharam-no as mais vibrantes e unísonas saudades de todos os portugueses, que, nessa visita, viram o estreitamento de relações dos dois países da Península Ibérica, agora fortemente aliados na defesa da civilização cristã, contra as arremetidas moscovitas.

O triunfo pelo trabalho cria mais inimigos, que a fortuna que nos cai do céu. — *Guerra Maio*.

Há duas espécies de bondade: activa e passiva; a que se limita a lamentar o mal e a que se defronta com o mal para o destruir. — *D. Alberto Bramão*.

Um retrato histórico

Na colecção de retratos da Galeria Nacional de Londres existe um retrato de Wellington pintado por Goya.

Este retrato ia custando a vida ao duque, porque, numa crítica ao pintor, aquele afirmou que não encontrava na obra a mínima semelhança com a sua pessoa.

Goya, furioso, quis dar-lhe um tiro e, para isso, se armou com uma pistola. Wellington escapou porque um filho do pintor o preveniu a tempo.

Isto aconteceu três anos antes da queda de Napoleão, em Waterloo. Qual viria a ser o futuro da Europa, se nessa ocasião Wellington tivesse morrido?

Saber mandar sempre foi um dos mais soberanos dons da espécie mortal. — *C. Malheiro Dias*.

A fatalidade não existe; nós é que a criamos. — *Emília Pardo Bazán*.

SOL DE PORTUGAL

Dizem que é lindo Portugal azul
Pela beleza do seu sol doirado,
Deste sol claro que, do norte a sul,
Enche de encantos todo o solo amado!

Quando se esconde lépido e taful
Guardando o arco rubro e brazonado,
Torna vermelho todo o mar azul,
Que os finos raios, tingem de encarnado!

Logo que nasce, pelo oriente
Vai contornando todo o céu distante
Até sumir-se pelo ocidente!

E de um encanto puro e natural
Nada mais belo, nada mais brilhante
Que este invejado sol de Portugal!

MARIA JOANA COUTO

OS OITO PROVÉRBIOS

(Passatempo n.º 1 — **CONCURSO)**

Eis um certo número de palavras colocadas por ordem alfabética.

Queiram dar-se ao trabalho, empregando-as todas, de reconstituir oito provérbios.

Diga-nos também, cada um dos concorrentes, qual é, de entre estes

a, alcança, amor, amor, atalhos, bem, cão, com, dívidas, em, espera, excepção, faze, há, ladra, lugar, lugar, mete, mete-se, morde, não, não, não, não, o, olhes, paga, pagam, por, que, quem, quem, quem, regra, repouso, se, se, sem, sem, sempre, trabalhos, tristezas, ventoso.

provérbios, aquele que prefere e quantos votos supõe que obterá o que for maior número de vezes mencionado?

ECLIPSE TOTAL

— Podia ter a bondade de me dizer se o meu drama em três actos já foi lido? E se foi aceite? — perguntou o jovem dramaturgo, ansiosamente.

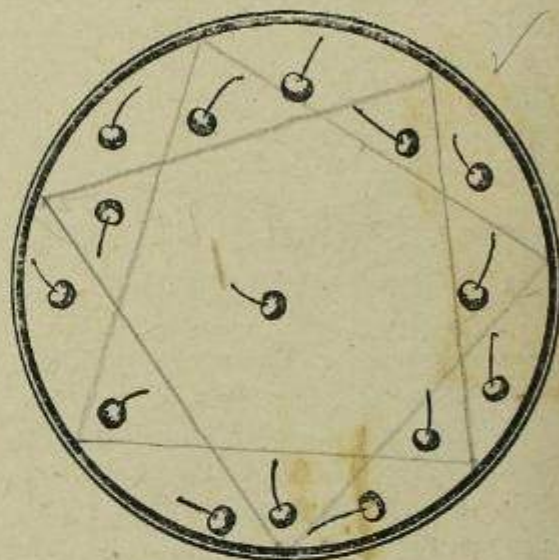
— Três críticos diferentes o leram já, — respondeu o empresário do teatro, — e todos três são de opinião que é aceitável, cortando-se-lhe um acto.

— Estimo bastante saber que o caso não é assim dos piores — disse o autor, com um suspiro de alívio.

— Mas, — continuou o empresário, — o mal todo é que cada um deles pretende cortar um acto diferente.

AS CEREJAS

(Passatempo n.º 2 — **CONCURSO)**

Queiram fazer, nesta circunferência, um traçado absolutamente regular, composto de linhas rectas, tendo

todas elas comprimento igual, de tal forma que cada uma das cerejas fique separada das outras por esses ditos traços.

Queiram, também, dizer-nos qual é a fruta que preferem e quantos votos obterá aquela que maior número de vezes for mencionada.

Gaspar: — Que grande quantidade de livros você tem! Porque não arranja uma estante para eles?

Hipólito: — Arranjava, se o conseguisse da mesma forma por que arranjei os livros. Você tem lá alguma estante que possa emprestar?

*

Examinador: — Respire fundo e diga nove três vezes.

Rapaz, vivo e esperto (depois de tomar a respiração): — Vinte sete.

AS CARTAS GÉMEAS

(Passatempo n.º 3 — **CONCURSO)**

Olhando-se, de repente, para estas trinta cartas, todas elas representando o cinco de espadas (mas com os pontos colocados de maneiras diver-

sas), parece que não há duas que sejam absolutamente iguais uma à outra.

Todavia, se se reparar com mais atenção, ver-se-há que, na realidade, duas delas têm os seus cinco pontos exactamente na mesma disposição.

Quais são essas duas cartas?

Uma cantora de quarta classe dizia a uma colega:

— Minha filha herdou a minha voz.

A colega (com ar inocente):

— Por isso eu perguntava a mim mesma, o que você teria feito da sua!

⁂

Torcato: — Você encontrou a sua mulher já tarde na vida, Simeão?

Simeão: — Não foi tão tarde quanto eu desejaria.

DATAS HISTÓRICAS

(Passatempo n.º 4 — **CONCURSO)**

O quadrado que acima se vê contém algumas datas históricas, quatro horizontalmente e duas seguindo as diagonais A B e C D.

Eis as indicações para, com mais facilidade se encontrarem essas datas:

Horizontalmente:

I — Memorável vitória ganha pelos portugueses sobre os castelhanos, no reinado de D. João I.

II — Mudança de regime num país europeu.

III — Célebre batalha em que as tropas de Napoleão foram derrotadas pelo exército anglo-luso, em Portugal.

IV — Um dos mais gloriosos feitos da nossa história realizado no século XV.

A B — Ano em que terminou uma das maiores guerras que se travou na Europa.

C D — Derrota final e definitiva de Napoleão.

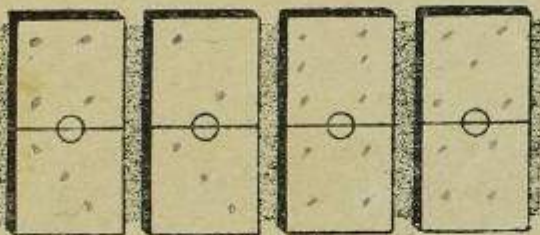
Os pródigos nunca pensam no dinheiro que têm e ainda menos no dinheiro que devem.

⁂

Um pessimista é uma pessoa que julga que todo o medronho tem dentro um verme.

OS QUATRO DOMINÓS

(Passatempo n.º 5 — **CONCURSO)**

A gravura representa quatro pedras brancas de dominó. Suponha-se agora o seguinte: Que na metade superior, fica um *cinco* à direita de

um *seis*, um *dois* à direita de um quatro, um *seis* à direita de um *dois*; e que na metade inferior, fica um *quatro* à direita de um *três*, um *três* à direita de um *três*, um *quatro* à direita de um *quatro*.

Neste caso, qual é o valor que se há-de atribuir a cada pedra?

PASSATEMPO LITERÁRIO

(Passatempo n.º 6 — **CONCURSO)**

Destes pequenos trechos que, a seguir, transcrevemos, cada um de seu autor diverso — e todos estes muito conhecidos, sendo os seus livros editados pela Livraria Bertrand —, digam-nos quais os nomes dos respectivos autores e os títulos dos livros em que se encontram.

I — Na boquinha da noite, que rezava a oração do crepúsculo por sobre a aldeia a meditar suas sombras, tomou voz o gemer nazal da gaita de foles, a ouvir-se um pouco ao longe — voz feita dos balidos musicais das cabras, das ovelhas e da tinta grave de um cair de tarde em montados serranos. Vinha de cima de um oiteiro e laivava o ar de imagens pastoris de currais e cerros.

*

II — As coisas desprezadas são as melhores da vida: a paz, as horas esquecidas, a água desnevada que se bebe, os minutos de silêncio em que se sente Deus connosco. De que serve acumular ódios, ambições, riquezas? Não é isto de mais para uma vida terrena?

*

III — Houve tempo em que o campanário do mosteiro soltava sons de alegria e ao trabalhador, no meio dos trabalhos campestres, anunciava que seus amigos, seus irmãos, ou seus filhos tinham, entre os infiéis, enriquecido a pátria com um reino, com uma cidade ou com uma vitória, e os hinos de gratidão, erguidos ao Deus dos exércitos, ressoavam por essas abóbadas.

*

IV — E as moças e as donas velhas de Santa Clara, enquanto abriam os tampos pregados das arcas, olhavam-na com assombro, perguntavam-lhe se tudo aquilo era para fazer dalmáticas para o mosteiro de Odivelas, para vestir as gafas de Óbidos e de Leiria, para dar de esmola às mancebas vergonçosas de Torres Novas. Isabel de Aragão emudecia, sorria, olhava.

*

V — Sem vinho, porém, o Matesinho era o rei dos bemsinados e amigo de acarrear. Não faltava com a novidade, pagava os fiados na loja, e nem que o mar estivesse virado do avesso se punha como os outros pescadores, estirado na areia, à manga-

lassa, batendo uma bisca ou um truque. Pegava mas era na fisga e no lampeão; e ao outro dia não faltavam caranguejos nem lapas para puxar vinho e cantigas na venda do Samiguel.

*

VI — O grande cão entrava sempre assim, enfarinhado de cinzas, manso, com a capa de penitente. Depois, rompia aos uivos que nem cem matilhas a um lobo. Por aqueles oiteiros arriba era o soão quem mais bramia, parecendo ora vozes a pedir misericórdia, ora bocas desdentadas de feiticeiras em despique danado.

Mútua desconfiança

Ele (cautelosamente): — Você diria «sim», se eu lhe pedisse para casar comigo?

Ela (mais cautelosamente ainda): — E você pedir-me-ia para casar consigo, se eu dissesse que diria «sim», caso me pedisse para casar consigo?

Freguês indesejável

O desgraçado dono da barbearia: — Foi um petiz de seis anos... não queria que lhe cortassem o cabelo ...a mãe insistiu...

(«Tit-Bits»)

A ESCRITA DE BALZAC

Este célebre escritor francês, autor da monumental *Comédia Humana*, e cujo centenário de nascimento foi agora comemorado em 1950, não escrevia os seus romances, mesmo os mais extensos, a seguir, do princípio ao fim: o trabalho inicial não abrangia mais de trinta ou quarenta páginas. Para evitar a tentação de relê-las, deixava de numerá-las, atirando-as para longe depois de escritas. As provas tipográficas eram tiradas em papel de grandes margens.

Quando lhe chegavam às mãos, principiava então um verdadeiro fogo de artifício gráfico que até fazia vertigens: uma infinidade de chamadas e sinais de referência; inúmeros aditamentos, correcções, mudanças; uma extraordinária profusão de riscos que se entrecruzavam, chocando-se e confundindo-se de mil modos, num emaranhamento estonteante, com grande desespero dos compositores que julgavam perder o juízo no meio de tal confusão.

Os tipógrafos que já alguma vez tinham tido a experiência de semelhante suplício, exigiam que ficasse bem estipulado, nos seus contratos com os patrões, que nunca lhes seriam dadas mais de *duas horas de Balzac*, por dia.

Um judeu avarento, certa manhã ao acordar, reparou que a mulher tinha morrido durante o sono. Apalpou-a; estava fria. Dum pulo, saltou da cama e foi a correr à cozinha. No corredor, já ia a gritar: — Joaquina! Joaquina!

— O que foi, sr. Jacob?

— Faz café e torradas só para mim. A senhora morreu.

A FEIRA DAS INDÚSTRIAS PORTUGUESAS

Esta importante Feira, instalada na Praça do Império, em Belém, junto aos Jerónimos, abriu o seu primeiro ciclo em 27 de Novembro de 1949, tendo fechado em 19 de Dezembro do mesmo ano, para reabrir, quatro dias depois, em 23, e tornar a fechar no dia de Natal.

Iniciativa da Associação Industrial Portuguesa, veio demonstrar as grandes possibilidades que se oferecem no progresso económico do país pela industrialização, sendo assim intérprete e executora de um alto pensamento nacional.

A legenda por ela escolhida foi tudo o que há de mais significativo: *Caminhando para uma vida melhor.* Quis-se revelar ao próprio país a existência e a importância das suas mais progressivas indústrias, estimular o seu contacto com o comércio distribuidor, corrigir opiniões estéreis e anti-nacionais sobre a qualidade e o valor da nossa produção. Quis-se que todos vissem que possuímos indústrias modernas, variadas, com aptidões técnicas exemplares, destruindo-se assim o mito da superioridade intrínseca do produto estrangeiro, só por ser estrangeiro. E conseguiu-se amplamente.

A indústria nacional já não é hoje um conjunto rotineiro e sem horizontes. Por isso este certame é um

FEIRA DAS INDÚSTRIAS PORTUGUESAS. — UM ASPECTO DO CORREDOR-FERRAMENTAS

itinerário de surpresas, que surgem de sala em sala, depois de ter sido um verdadeiro deslumbramento.

À entrada, de uma grandiosa simplicidade, e de um belo e sugestivo sentido alegórico, ergue-se a imagem da Indústria, feliz concepção do escultor Manuel Rocha. Entrando no recinto pròpriamente da exposição, encontram-se duas salas que documentam o prodigioso esforço de produção das indústrias metalúrgicas e metalo-mecânicas: máquinas pesadas, agrícolas, de panificação, de serração, teares, lagares, relógios para instalações fabris, tornos, aparelhagem náutica, etc. Na outra sala, à direita de quem entra, trabalhos de fundição e esmaltagem, e até louças de aço inoxidável, uma autêntica novidade para o nosso meio, bem como garrafas-termos que constituem uma autêntica revelação, não falando nas limas, tão aperfeiçoadas, e com fama mundial. Numa galeria anexa, relógios e material de incêndio, de onde se passa para outra grande sala, à esquerda de quem entra e onde podemos admirar uma grande novidade: os termómetros clínicos, indústria de grande apuro que poucos países têm podido montar, mas que, entre nós, se instalou em condições de admiráveis resultados.

Noutra galeria anexa, do outro lado do *hall*, surpreende-nos a grande variedade de artigos de borracha que, por intermédio dos *pneus*, constituem o traço de união com outra importante secção da feira — a Indústria dos transportes, instalada noutra grande sala onde se encontra grande variedade de acessórios para automóveis, bicicletas, indústria tão desenvolvida que para elas se fabrica quase tudo em Portugal. E depois

FEIRA DAS INDUSTRIAS PORTUGUESAS. — LOUÇA DE ALUMÍNIO

das bicicletas, outra grande surpresa: as nossas motocicletas que fizeram na Feira a sua apresentação oficial perante o público, e as máquinas de costura, indústria também nova. Neste grupo vamos encontrar tudo o que se relaciona com a electricidade, erguendo-se por isso, de um e outro lado da grande sala, dois formidáveis postes ligados por linhas de alta tensão.

Noutra galeria, ao fundo do *hall* estão as indústrias químicas, dum lado a representação dos produtos farmacêuticos, e do outro, perfumarias e sabonetes, não esquecendo a indústria do *hagar-hagar*, que se pode chamar novíssima em qualquer parte do Mundo.

Passando à zona exterior do recinto, cujo acesso se faz por várias ligações, ali se arrumam materiais de construção e nas galerias respectivas está representada a indústria do cimento; e numa série de *stands*, alinhados paralelamente, mármores, granitos polidos, fibro-cimentos, etc. Outra ligação com o exterior é assegurada por um grandioso pavilhão de vidro, destinado a mostrar o aperfeiçoamento do vidro em chapa, e em cujo fundo se vêem os pavilhões rústicos da indústria resineira e está montada uma serração de madeiras. Ainda outra grande ligação entre o grande pavilhão e o exterior é feita por um elegante túnel de gesso destinado a mostrar as múltiplas aplicações desse material. Finalmente, ergue-se ainda na parte interior o pavilhão da C.U.F., no qual se inclui até, um pequeno cinema.

Acresce, ainda mais, outra novidade da Feira: o seu restaurante, que funciona segundo um sistema inteiramente novo entre nós, pois dispensa o pessoal de mesa, e é o próprio cliente que corre o balcão, escolhendo e servindo-se do que mais lhe agrada.

Esta Feira é, sem dúvida alguma, uma grande lição de trabalho, de método e de coragem.

Passados meses, inaugurou-se o 2.º ciclo da mesma feira — a Feira da Primavera — que veio completar a acção desenvolvida no primeiro.

Neste, estão representadas as indústrias mais numerosas e mais variadas e com maior multiplicidade de materiais do que no ciclo precedente. A milhares se elevam os artigos apresentados pelas indústrias têxteis, de couros e peles, mobiliário, decoração, vidros, louças, etc.

Tal foi, numa palavra, uma grande manifestação da Vitalidade Nacional.

Deve colocar-se acima de tudo, o dever, e pôr sòmente em segundo lugar o fruto que dele se obtem. — *Confúcio.*

COMBOIOS À FARTA

O chefe da estação : Ah! estamos aqui muito bem servidos de comboios, estamos, sim senhor. O pior é que só dois deles param ...o resto são expressos.

(*«Tit-Bits»*)

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. José Manuel de Almeida — Lisboa)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1						■					
2				■				■			
3						■					
4	■		■	■				■	■		■
5					■	■	■				
6		■	■			■			■	■	
7				■				■			
8	■					■					■
9					■	■	■				
10			■			■			■		
11						■					

HORIZONTAIS

1 — Veneração; nome próprio fem. 2 — Ovário dos peixes; caminho; aqui está. 3 — Roseiral; barulho. 4 — Unidade das medidas agrárias. 5 — Lodo; repisar. 6 — Nota mus.; pron. pessoal. 7 — Larva que se cria nas feridas dos animais; braço de rio; doença. 8 — Cantiga; parte da verga num navio. 9 — Fazer voar; origem. 10 — Lado do vento; réis; prep. que indica lugar; além. 11 — Queimar; amplos.

VERTICAIS

1 — Pretexto; mantilha de freira; renque. 2 — Saliência cónica na parte posterior do véu palatino; pouco espessos. 3 — Nota musical (pl.); lugar dos sacrifícios. 4 — Viração; raiva. 5 — Margem; época; senhor. 7 — Oportunidade; bigorna de ourives. 8 — Mulo; classe de tropa. 9 — Cerca; dá mios. 10 — Quadrúpede felino; lugar de refúgio. 11 — Pega; lista; interjeição que imita pancada.

QUE AVIÕES SÃO?

(Passatempo oferecido pelo sr. José da Conceição Vaz de Carvalho — Lajes — Terceira — Açores, e dedicado aos entusiastas da Aviação).

1.º - - S - - -
2.º - - - A - - - -
3.º - - L - - -
4.º V - - - - - - -
5.º - - - - E - - - - -

6.º - - - A - - - - -
7.º V - - - - - -
8.º - I - - - - - - -
9.º - A - - - - -
10.º - - - - - - - - - D
11.º - O - - - - -
12.º - - - R - - - - -
13.º - - - - - - - - E -
14.º - - - S - -

15.º - - - - - D -
16.º - - - - - E - - - -

17.º - P - - - - - -
18.º - - - O - -
19.º - - R - - - - -
20.º - - - - - - T - -
21.º - - - U - - - - - - -
22.º - - - - - - G - - -
23.º - - - A - - - - -
24.º - - L - - - - -

Passatempo muito simples. Pretende-se apenas:

1.º — Substituir os traços por letras de forma a conseguir-se o nome de marcas de aviões muito conhecidas.

2.º — Completar o passatempo, indicando as respectivas nacionalidades.

As nacionalidades dos aviões são sòmente norte-americanas e inglesas e estão em igual número.

Uma tosse fatídica

Em 1851, durante o golpe de Estado de Napoleão III, quando um ajudante de campo veio informar que a multidão estava enfrentando a Guarda Imperial, o Conde de St. Arnaud que nesse momento foi atacado duma crise de tosse forte, exclamou: «*ma sacrée toux!*» Entendeu o ajudante que ele queria dizer «*massacrez tout*». Foi dada a ordem de «fogo» e perderam-se milhares de vidas.

Passando Filipe II por Toledo e vendo um grande palácio, perguntou a quem pertencia. Responderam-lhe que era de um seu secretário.

— «Que grande gaiola para um pássaro tão pequeno!» — exclamou o rei.

❋

Entre pintores:

— Pois é verdade, vendi o meu quadro; admiras-te?

— Não, não me admiro que o tenhas vendido; o que me admiro, é que to tenham comprado.

❋

Voltaire foi acusado de escrever contra Filipe de Orléans e por isso foi exilado. No momento de deixar Paris, chovia muito. Olhando as nuvens, os relâmpagos e todo o céu em fúria, exclamou:

— É possível que o reino dos céus esteja também sob a Regência...

RIOS...

Ai, como corre, ai, como corre a água
[do rio,
em remoinhos,
cascateando,
saltando,
rolando,
e se despenha no mar bravio!

Ai, como passa, ai, como passa a nossa
[vida,
vertiginosa,
numa corrida,
para perder-se — oh! triste sorte! —
no mar imenso da fria morte!

Ai, pobres águas,
que não podeis
atrás voltar,
e ides perder-vos
nas ondas torvas
do torvo mar!

Ai, pobre vida,
que nunca podes
atrás volver,
e vais no oceano
frio da morte
te desfazer...

MARIA DE LOURDES NUNES DE ANDRADE *(bras.)*

Abril-1948.

Assim como secando-se a fonte, se seca o ribeiro; assim secando-se o interesse, se seca a amizade nascida da cobiça. — *Frei Heitor Pinto.*

*

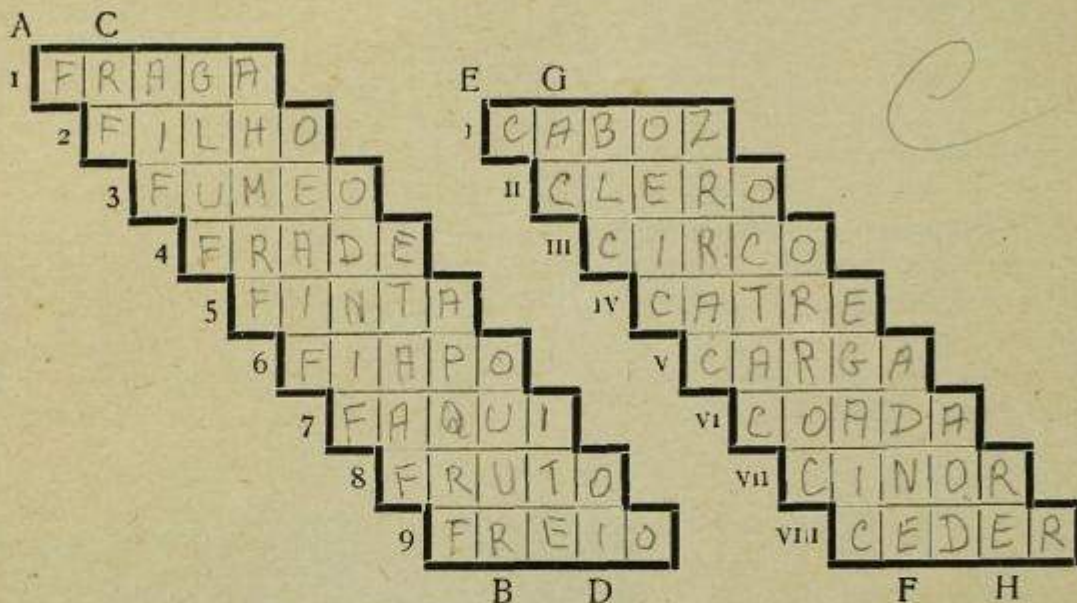
As balanças do destino devem ser bem rectas, para pesarem igualmente as esferas e os átomos. — *Toulongeon.*

Quando, uns após outros, se repetem os golpes da adversidade, quando todos os males parece caírem sobre uma existência, como uma maldição de Deus, é raro encontrar-se têmpera de alma tão rija que resista e não ceda, quase convencida, como o Jacob dos livros sagrados, de que luta com um poder superior — *Júlio Dinis.*

A resignação não consiste, segundo creio, em se abster de examinar as causas ou em não sofrer; basta aceitar tudo sem se queixar. — *Estaunié.*

PORTÃO ARTÍSTICO NUMA VELHA CASA DA CIDADE DE OURO PRETO. — ESTADO DE MINAS GERAIS — BRASIL

PILHAS INCLINADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. José Pereira Beija — Lisboa)

1 — Penhasco; 2 — Bolo de farinha e ovos, frito em azeite; 3 — Pau tostado; 4 — Variedade de feijão; 5 — Derrama paroquial; 6 — Fiosinho; 7 — Jurisconsulto muçulmano; 8 — Produto da terra; 9 — Sujeição.

I — Peixe da costa de Sesimbra; II — Corporação de sacerdotes; III — Grande e antigo recinto para jogos públicos; IV — Leito tosco e pobre; V — Carregamento; VI — Barrela; VII — Instrumento musical dos hebreus; VIII — Transferir o direito de.

Uma vez resolvido, este passatempo deverá apresentar as seguintes particularidades:

— na diagonal AB figurará sempre a mesma inicial;

— nas diagonais CD e GH surgirá o nome de uma publicação muito apreciada;

— a diagonal EF mostrará sempre a mesma letra, a qual, juntamente com a referida na diagonal AB, completarão as iniciais dum apelido ligado estreitamente ao «Almanaque Bertrand».

Uma senhora viúva estava examinando, numa loja de passarinheiro, a colecção de aves que ali havia à venda, para escolher e comprar uma. O passarinheiro recomendava-lhe certo papagaio:

— Minha senhora, aqui tem o mais inteligente de todo o bando; sòmente o defeito dele é fazer um alarido infernal se não lhe derem a comida à hora certa.

— Levo o papagaio — decide logo a senhora — far-me-á lembrar o meu querido defunto.

*

Entre amigos:

— Vou casar. Queres ser padrinho?

— Conta comigo; nunca desamparei um amigo na desgraça.

UMA FRASE DE BONAPARTE

Depois da jornada do XIII Vendimiário, o jovem general Bonaparte fôra encarregado do comando da guarnição de Paris, na ocasião em que o povo estava agitadíssimo por motivo de uma grande escassez de mantimentos. Bonaparte, seguido do seu Estado Maior, percorria a cidade, e viu-se rodeado por um dos grupos, no qual predominava o elemento feminino, que era, nessa época, o mais exaltado, pedindo pão em altos gritos.

Uma mulher alta e muito nutrida era a mais veemente e pôs-se a gritar:

— Toda esta cáfila de oficiaizinhos troça de nós. Que lhes importa que o povo morra de fome, enquanto eles engordam?

Bonaparte, que era então muito delgado, colocou-se em frente da obesa matrona e disse-lhe friamente:

— Olhe bem para mim e diga lá qual de nós dois está mais gordo.

A pergunta, num tom sereno, deu lugar a uma gargalhada geral, que desconcertou a *oradora*.

Mercê dos esforços titânicos da *claque*, conseguiu chegar ao seu termo a estreia de uma comédia original de Mouton, autorzito de quinta ordem e invejoso de primeira.

Dois dias depois, estreava-se com enorme êxito, no mesmo teatro, uma das mais célebres obras de Alexandre Dumas, filho.

Mouton, num intervalo, chegou ao *foyer* dos artistas, e, com o desejo de amargar a satisfação que o autor da *Dama das Camélias* experimentava pelo seu triunfo, disse:

— Nos *fauteuils* de orquestra há um espectador que tem passado o acto inteiro, a bocejar...

Alexandre Dumas limitou-se a responder:

— Já sei quem é. É um amigo que se estava recordando da estreia de anteontem.

❋

Professor de ciências: — Mencione qualquer líquido que não gele.

Um aluno: — Água quente.

Hieróglifos comprimidos

(Oferecidos pelo sr. Hugo Bento Maia — Benguela — Angola)

PAIZ — DOS DOS / DOS DOS / DOS DOS

______ SAIR

PARASEMPRE

cão cão cão / cão OSSO cão / cão cão

SALTO DE CAVALO

(Passatempo oferecido pelo sr. Domingos António Santos — Bafatá — Guiné Portuguesa)

Do am	fun	+ Nos	men	vi	+ Esp	trei	ti
+ + da	te a	or lige	osa e	me	ma	da;	+ + fria
pro	sas	da	ide	pra	na	es	es — encon
des	vi	mã	iro, que	res	us bon	e	E, com
as ro	que,	pos, —	zer	ais, mimo	des	lher	so a
ol	gos	depre	e, com	s tem	er	ma	da
Por	lhei	Do	sas,	vi	ma,	po	ces mu
tou	ssa	via	desfo	es	Do	va	is du

Principiando nas casas marcadas com uma +, e percorrendo todas as casas do tabuleiro, a salto de cavalo, até terminar nas casas marcadas com duas ++, obter-se-ão,, além dum desenho perfeitamente simétrico, uma quadra e um terceto de dois sonetos, do saudoso poeta Fernandes Costa.

O uso do vestuário a que chamamos *pijama* tem a sua origem no trajo das mulheres árabes que usavam largas calças de seda.

Mais de 90 por cento de todas as espécies de flores no mundo, ou têm um cheiro desagradável ou não exalam perfume algum.

Duas anedotas de Montgomery

O marechal Montgomery é homem de extrema simplicidade, encarando todas as coisas com o maior optimismo.

Quando em plena guerra, um soldado que por ele passou dirigiu-se-lhe, muito natural e ingènuamente, a pedir lume. O marechal estendeu-lhe benèvolamente o charuto e deixou que o soldado acendesse o cigarro à sua vontade.

Quando a praça, fazendo a continência, ia seguir o seu caminho, Montgomery observou-lhe, com um sorriso:

— Quero dar-te um conselho, meu rapaz, e olha que é para teu bem. Não caias em pedir lume a um sargento... Podes retirar-te.

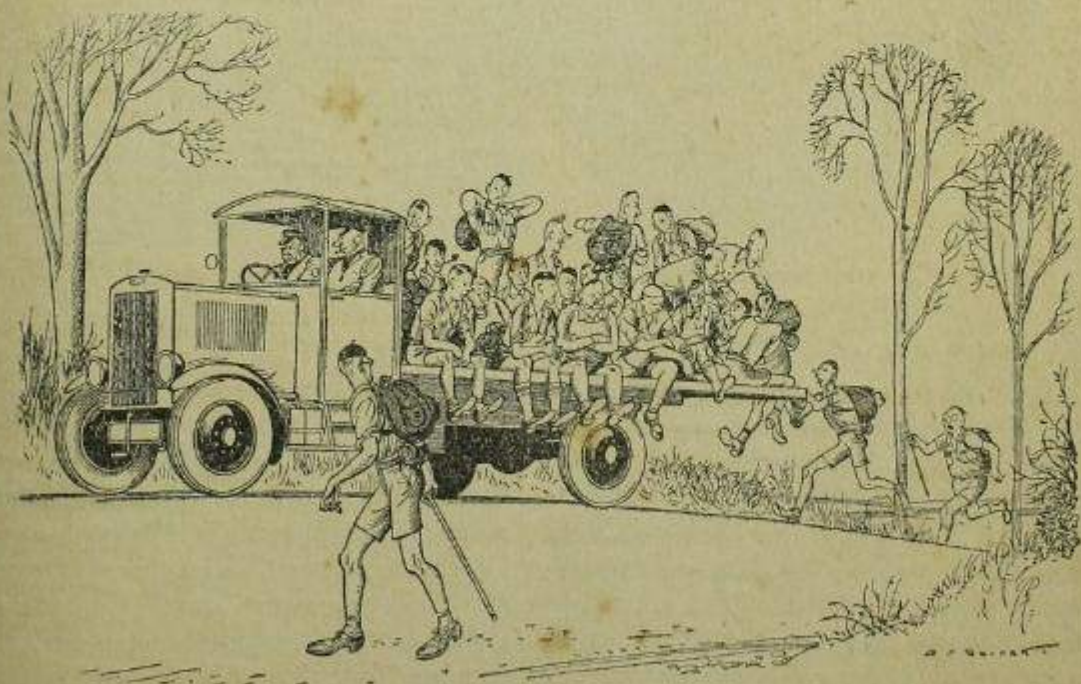
O outro caso passou-se mais recentemente: Tendo chegado a Colónia, o marechal foi instalar-se num hotel, cujo pessoal, durante a noite, se pusera em greve. No dia seguinte, vendo que as suas botas não estavam engraxadas, não se preocupou, nem hesitou. Tirou da mala uma escova, um pedaço de flanela e uma caixa de pomada e pôs-se a engraxar o seu próprio calçado. Neste momento, porém, entrou o seu ajudante de campo que, admiradíssimo, lhe perguntou:

— Então, é o sr. marechal que engraxa as suas botas?!

— E porque não? — retorquiu Montgomery com o seu proverbial bom humor — Vejo que as suas também estão engraxadas...

O professor: — Três vezes cinco?

O aluno: — Quinhentos e cinquenta e cinco!

O CAMION «DESOCUPADO»

O condutor do camion para o seu ajudante: — O motor parece que não está trabalhando bem, ó Bento, atendendo a que não levamos carga nenhuma!

(«London Opinion»)

O CENTENÁRIO DE ANTÓNIO CÂNDIDO

Dr. António Cândido

Não são concordes os autores no ano do nascimento deste grande vulto do período constitucional. Ao passo que o *Dicionário* de Séguier, lhe assinala 1850, o *Dicionário Bibliográfico* fala em 1851 e a *Enciclopédia Luso-Brasileira*, em 1852. A série, porém, de homenagens que lhe têm sido prestadas, sem indagação de maior, comemorando o seu centenário, leva-nos a crer que o 1850 do *Dicionário* de Séguier, deve estar exacto.

E não podia o *Almanaque Bertrand* ficar silencioso perante tal facto, pois como se tem visto em correspondência publicada, as relações entre António Cândido e o fundador deste *Almanaque*, foram da maior consideração intelectual e afectiva.

António Cândido foi essencialmente um grande orador, e todavia, contava com graça, que havia sido reprovado no exame de Retórica!

Nos bancos da Universidade colheu os maiores louros: honras do 1.º *accessit* no 1.º e 3.º anos jurídicos, 1.º e único prémio em cada um dos três anos 2.º, 4.º e 5.º e as distintíssimas informações literárias M.B. por 18 valores.

Compensou bem a reprovação de Retórica.

Lente de Direito, em Coimbra, tornaram-se de grande notoriedade as suas prelecções na cadeira de Direito Penal. Mas foi na oratória, ou seja sagrada, parlamentar, académica ou forense, que adquiriu os maiores triunfos.

Se na Sé Catedral de Coimbra, ainda hoje ressoa a sua oração fúnebre nas exéquias do duque de Loulé, a igreja da Lapa, do Porto, também ainda hoje recorda saudosamente a sua eloquência tribunícia nas exéquias do nosso maior historiador, Alexandre Herculano.

Os seus discursos parlamentares estão reunidos em volumes, bem como os académicos, entre os quais avulta

o *Elogio Histórico d'El-Rei D. Luís I.* Ainda reuniu, em volume àparte, os discursos proferidos na terra natal, Amarante; e o Porto, no seu Palácio de Cristal e no seu Teatro de S. João, comemorando o Infante D. Henrique e o descobrimento do Brasil, aplaudiu frenèticamente esse a quem outro

A CASA ONDE NASCEU ANTÓNIO CÂNDIDO, EM CANDEMIL

príncipe da oratória portuguesa, Alves Mendes, chamou *a voz eloquentíssima de Portugal*, e Pinheiro Chagas, também príncipe da oratória, cognominou *o nosso primeiro artista da palavra falada*.

É certo que o orador lido e não ouvido, não é integralmente o orador, mas a obra oratória de António Cândido resistirá ao tempo, porque foi também uma obra literária. «*António Cândido lido,* — escreve Cunha e Costa[1] — *é ainda bastante grande para que o seu vulto se projecte desmarcadamente na história pátria*».

Quando, em Janeiro de 1896, os restos mortais de João de Deus deram entrada no Mosteiro dos Jerónimos, foi também sob a impressão do discurso pronunciado nessa ocasião por António Cândido, que Fernandes Costa escreveu os seguintes versos:

A JOÃO DE DEUS

Poeta! No teu esquife luminoso,
Tiveste as honras da maior grandeza!
Abriu-te as portas do final repouso
A águia da tribuna portuguesa.

Palavras d'oiro, límpidas, vibrantes,
Cada uma das quais, quando caía
Nas tuas cinzas, inda palpitantes,
Era um beijo de luz e de harmonia.

Poeta e só poeta! Humilde e doce!
Foram teus funerais de um rei antigo!
A divina Eloquência debruçou-se,
Abrindo as asas, sobre o teu jazigo!

Foi dar-te a despedida derradeira,
Quem fôra, noutros tempos de mais fé,
Na tribuna sagrada, outro Vieira,
No púlpito francês, um Bossuet.

E viu-se, então, — cenário resplendente! —
Quando entravas na luz do eterno dia,
Banhado nos clarões do sol poente,
A Eloquência saudando a Poesia!

A *águia do Marão* remontou às culminâncias da glória, aos fastígios do renome, mas, amando a sua terra natal, quis repousar para sempre no modestíssimo adro da pequena igreja serrana de Candemil, nas faldas do Marão.

Só aí emudeceu a sua voz de bronze, mas não se desvaneceu a auréola que circundou o seu nome consagrado.

---

[1] *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências.*

As pombas de Veneza

É sabido que na praça de S. Marcos, em Veneza, há um número infinito de pombas, que são a admiração e o entretenimento de todos os viajantes. O existir tanta pomba em volta da dita igreja, deve-se ao seguinte facto: Há muitíssimos anos, era costume em Veneza, no domingo de Ramos,

VENEZA. — Basílica e Praça de S. Marcos

lançar uma quantidade enorme de pombas, pelo ar, com tiras de papel presas aos pés. O animalzinho fazia esforços tentando voar, mas acabava por cair. O povo perseguia-as e àquela que apanhava, torcia-lhe o pescoço, e levava-a como um petisco especial para o seu jantar.

Claro está, que todos os anos conseguiam escapar algumas a esta degolação de inocentes, e se refugiavam nas alturas do templo de S. Marcos. Dada a fecundidade destas aves, não é de estranhar que se multiplicassem consideràvelmente, constituindo, pelos anos fora, um dos espectáculos mais pitorescos e originais para quem visita Veneza.

Passatempo astronómico

(Passatempo oferecido pela sr. D. Maria Helena Seirós Esteves — Lisboa).

- - - E - -
- - - - - - S
- - T - - -
- R - - - - - -
- - - E -
- - L - -
- - - A -
S - - - - -

- - M - - - - - -
- - - - - - - A - - -
- - - - I - -
S - -

- N - - - - -
- - - O -
- - - T - -
- - - A - - - -
V - - -
- - - E - - - - -
- I - - -
- S - - - -

Substituir os traços por letras, formando os nomes das mais belas ou notáveis estrelas conhecidas.

A igreja de Malines, na Bélgica, possui um relógio que data do ano 1527; além deste relógio de alto valor, possui também um carrilhão de quarenta e cinco sinos, trinta e um dos quais foram fundidos, em 1674, por Hemony, um dos mais célebres fundidores da antiguidade.

❋

A primeira peça de Shakespeare a ser filmada, foi o «*Otelo*», em 1902; «*Romeu e Julieta*» foi filmada em 1903.

VIAJANDO POR TERRAS DE ANGOLA

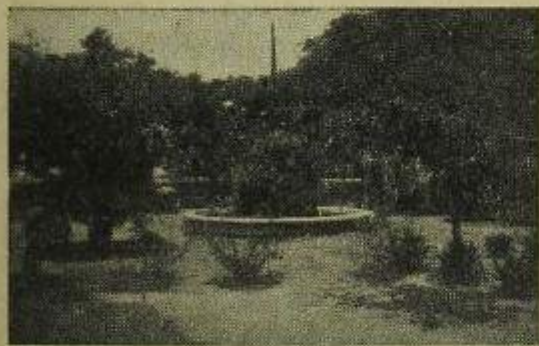
FALEI, a páginas 246 do tão conceituado *Almanaque Bertrand* para 1949, na linda e progressiva cidade de Luanda, a primeira de Angola e sua cidade capital.

Com o intuito de vos mostrar em mais algumas linhas, um pouco desta Colónia imensa, falar-vos-ei hoje em duas das suas mais bonitas cidades: Lobito e Benguela.

Fechai os olhos, e julgai-vos navegando em deliciosa viagem de recreio, rumo a terras do Sul.

Lá longe, surge a nossos olhos pequena mancha verde, da qual nos vamos aproximando sempre cada vez mais. É o Lobito, pequenina mas encantadora cidade de Angola, e seu primeiro porto.

Além no alto e fronteiro à Restinga, destaca-se num cenário surpreendente de montanhas, o branco farol, que, em noites escuras e nevoentas, indica com o seu foco de luz brilhante, a esplêndida baía do Lobito.

Dentro dela e sulcando as suas calmas e claras águas, singramos rumo ao cais. Ladeando todo o percurso e beijadas pelo verde viçoso de frondosas árvores, vêem-se bonitas e modernas moradias. De entre elas, uma nos desperta mais a atenção: é o edifício onde se encontra instalado o Posto emissor denominado «Rádio Clube do Sul de Angola», e que apresenta a forma original de um enorme Bolo de noiva.

LOBITO.—UM TRECHO DO SEU BONITO JARDIM

Chegamos ao porto. No cais, aguardando a chegada do navio, enorme multidão disputa a primazia de entrar primeiro a bordo, enquanto os altos guindastes eléctricos, na sua faina constante, elevam a grande altura toda a espécie de mercadorias, que numerosos trabalhadores indígenas transportam, não só em pequenos carrinhos de mão, como também sobre os seus musculosos ombros, e que vão encher os grandes e profundos porões do navio.

LOBITO.—AVENIDA DE PORTUGAL, A ARTÉRIA MAIS MOVIMENTADA DA CIDADE

Dia de navio de passageiros no porto, é sabido que é dia de imenso movimento, a que podemos, gracejando, chamar «dia de S. Vapor».

Acorrem de Benguela e Catumbela, inúmeras pessoas que, viajando no comboio, que todos os dias faz o trajecto entre aquela cidade e o Lo-

bito, vêm a esta cidade tratar dos assuntos que os preocupam, como sejam: negócio e tudo o mais que diga respeito à vida comercial.

Há também quem venha com o fim de dar um excelente passeio, e

LOBITO. — Vista tirada do 1.º andar do edifício dos Correios; notando-se, em segundo plano, parte do edifício da Estação de Caminho de Ferro

passar na cidade do Lobito algumas horas agradáveis, passeando pelas suas amplas e sombreadas ruas.

É surpreendente esta viagem entre Lobito e Benguela, não só pela vista panorâmica que nos é dado admirar, como também pela sensação de agrado que nos proporciona o viajar com grande comodidade.

É, vendo todas as facilidades que a vida presente nos oferece, em matéria de comunicações, que nós, olhando para o longínquo passado, não podemos deixar de recordar, imensamente agradecidos, aqueles incansáveis colonos que, arrostando mil e uma dificuldades, sofrendo toda a espécie de privações, sem recear a morte que, muitas vezes encontravam em luta com o indígena rebelde e com as feras sequiosas de sangue, ou ainda no viver em maus e doentios climas, não desesperavam nunca.

Mas, mesmo assim, lutando com tantas e tantas dificuldades, foram os colonos, esses homens bravos e heróicos que, no desejo firme de tornar fértil o solo angolano, por ele incansáveis trabalharam, para nos legarem os terrenos viçosos e verdejantes que se espalham por esta nossa Angola, e onde, num pasto abundante, o gado bem alimentado, nos irá dar boa e saborosíssima carne e nutritivo e saboroso leite.

Aproveitemos a ocasião! O comboio partirá dentro de minutos e, com prazer acompanhar-vos-ei nesta viagem por via férrea.

Partida! Dado o sinal, o comboio põe-se em marcha e lá vai ele, devorando a distância que separa o Lobito da sua vizinha mais próxima, e bonita cidade de Angola: Benguela.

Eis uma pequena paragem. Estamos em Catumbela, pequena mas interessante Vila, situada entre estas duas cidades.

Nos seus arredores, estendem-se por muitos quilómetros, as plantações de cana de açúcar da Companhia Agrícola do Cassequel que, explorando a indústria açucareira, contribui, não só para o abastecimento interno, como também externo, da Colónia.

E deixemos a risonha vila de Catumbela, para seguirmos ao nosso destino. Benguela espera-nos.

Eis-nos chegados. A Estação, um

LOBITO. — Praça Dr. Oliveira Salazar. Ao fundo, podemos ver o Hotel Terminus, ainda que indistintamente

bonito e moderno edifício, abre-nos de par em par as suas portas e faculta-nos o prazer de visitar a cidade.

Entramos, saídos da ampla sala de espera da Estação, numa larga e comprida avenida, orlada de bonitas moradias com frescos jardins, cheios de sombra, e onde, em agradável miscelânea de cores, florescem lindas e vistosas flores.

O branco dos malmequeres sobressaindo no verde acobreado da folhagem; as rosas, os cravos e as dálias dos mais variados cambiantes, as buganvílias que, na ânsia de subir sempre mais alto, enroscam os seus galhos abundantes de seiva, no muro gradeado do jardim, dão-nos num cenário maravilhoso, tão agradável sensação de beleza, que jamais poderemos esquecer.

A meio da avenida, vistoso stand de bicicletas oferece aos turistas, em troca duma pequena importância monetária, uma hora de passeio pela cidade.

Nos seus largos passeios, cheios de sombra, encontram-se aqui e ali algumas esplanadas, onde, pela tardinha, à hora da saída do trabalho, os benguelenses, entre alguns golos de café ou de cerveja, conversam animadamente, comentando os vários assuntos do dia.

Faz-se tarde, e por isso torna-se necessário continuar o passeio, e, verdade se diga, falta ainda muito que ver.

Que visitar primeiro? As modernas instalações do Rádio Clube de Benguela, que todas as noites, nas suas duas emissões habituais e diárias, transporta para o éter, a par de bem cuidados programas, as mais recentes gravações, de música para todos os gostos.

O seu edifício, de recente construção, é, sem dúvida, um dos muitos imponentes prédios, que se podem admirar em Benguela.

Um passeio à praia, a bonita «Praia Morena», fica bem no nosso programa, porque o calor já aperta e a fresca brisa do mar, saber-nos-á maravilhosamente.

Aqui a têm! Encantadora, não acham? Além, avistamos o «Porta-Aviões», moderno restaurante, sito à beira-mar e assim chamado pela sua configuração, um pouco seme-

LOBITO. — Capela de Nossa Senhora da Arrábida

lhante à daqueles monstros de ferro que, na passada guerra, levavam sobre o seu dorso, sob o inofensivo aspecto de inúmeros aviões, o luto, a miséria e a fome, enfim, todos os males que a guerra hedionda trouxe ao Mundo.

Mas, para que lembrar coisas tristes? Continuemos pois o nosso passeio! Bonitos jardins, edifícios grandiosos, ruas amplas e largas, enfim, uma grande cidade, que bem se pode orgulhar do seu nome.

Digamos adeus a Benguela, e tomemos o comboio que nos transporte de regresso ao Lobito.

Após uma hora de viagem, eis-nos chegados. Já é tarde e são horas de recolher ao navio. Aguardêmos pois

o dia de amanhã, para visitarmos a cidade.

....

Um dia maravilhoso para um óptimo passeio pelas ruas da cidade; brilhando no céu azul, o Sol ilumina e aquece com os seus raios de oiro, os seres e as coisas.

Como é linda a baía do Lobito, batida pelo Sol!... A entrar, deslisa suavemente rumo ao porto, um outro navio. Os que ali se encontram acostados, saudam com silvos longos e sonoros, o companheiro que breve se lhes irá juntar.

Na cidade, a vida segue o rumo normal de todos os dias. Carros que passam apressados, deslizando no negro asfalto das ruas; indígenas, cumprindo as obrigações diárias de ir ao mercado, fazer recados, etc.

É elevado o número de bicicletas que circulam pelas ruas da cidade, porque sendo este o meio de transporte mais económico e mais prático, é por isso o preferido.

LOBITO. — VISTA PANORÂMICA

(Todas as 6 fotografias são clichés do autor do artigo).

Mas, também ali há auto-omnibus e vai um a passar neste momento.

Tomêmo-lo e iremos até à Restinga, onde, em bem cuidado jardim, podemos ver um artístico padrão, que nos faz recordar a História gloriosa do povo português, os seus grandes descobridores e as suas grandiosas descobertas.

Lobito tem importantes edifícios, como sejam: o Palácio do Governador, a Estação do Caminho de Ferro, os Correios, Telégrafos e Telefones e muitos outros.

Possui uma bonita capela, a de Nossa Senhora da Arrábida, que apesar de pequenina encerra em si grande parcela da profunda e ardente Fé do povo português.

Após excelente passeio e com a alma extasiada por tantas belezas contempladas, regressamos a bordo.

Seria maravilhoso podermos ficar mais alguns dias, porém o navio não espera e não tardaremos a deixar o porto.

Terminadas as manobras, singramos rumo ao mar alto; digamos adeus ao Lobito que, já lá tão distante, não é mais que pequenina mancha verde, que a pouco e pouco vai desaparecendo, deixando no nosso coração a tristeza sem fim, de tão cedo o abandonarmos!...

CLODOVEU GIL

A palavra «acaso» exprime apenas a nossa ignorância das causas. — *Lamarck.*

❋

Mil léguas têm princípio debaixo de vossos pés. — *Prov. chinês.*

Fenomenal inovação

Na Universidade de Harvard (Estados Unidos da América), os professores de Matemática, Economia e Física travaram conhecimento, em meados de 1949, com uma máquina de calcular que, por essa ocasião, deu entrada naquele estabelecimento de ensino e que pode resolver problemas, comportando nada menos de 4.000 operações.

Trata-se de uma monumental máquina de calcular, com fitas de aço, atravessando cilindros, centenas de quilómetros de fios, 4.500 lâmpadas electrónicas, semelhantes às dos postos de rádio, 3.000 contactores e 2.500 cabeças magnéticas.

Esta máquina, denominada «Mark III», pode fazer uma operação de multiplicação de dezasseis algarismos, mil vezes mais depressa do que qualquer pessoa levaria a escrever esses números.

Destinou-se este aparelho a um polígono da Marinha de Guerra dos Estados Unidos.

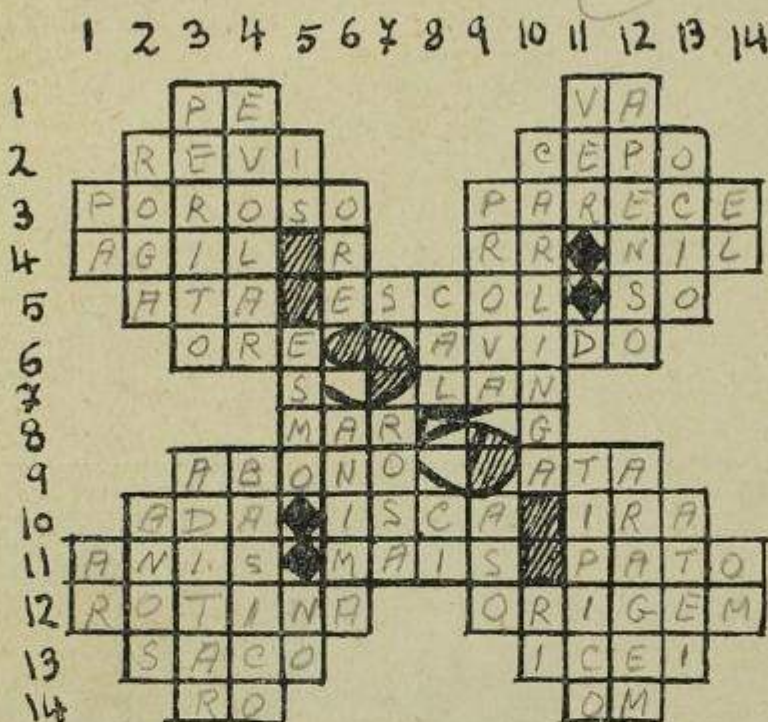
As melhores condições para se admirarem os bons quadros

No Museu Metropolitano de Arte, de Nova York, as telas dos grandes pintores de todas as épocas e escolas, estão expostas segundo a técnica moderna, aperfeiçoada pelo historiador francês de Arte, Henri Focillon, cujo objectivo consiste em apresentar o carácter e o espírito daquelas obras, dispondo-as em grupos seleccionados, sobre fundos coloridos e com intervalos rigorosamente medidos. Assim, as paredes da sala onde figuram alguns dos quadros mais célebres da Renascença italiana foram pintadas de vermelho escuro, ou seja a cor representativa daquela época. Nessa magnífica colecção se incluem «A Virgem e o Menino», de Rubens; «Vista de Toledo», de Greco, e duas telas que representam «A adoração dos pastores», e ainda pinturas afamadas de Rembrandt, Hals, etc.

A 12.000 metros de altitude as partes metálicas de um avião sofrem tal pressão que as asas apresentam, por vezes, desvios do seu eixo, de 3 a 5 centímetros.

VILA TEIXEIRA DE SOUSA — ANGOLA. — A ÚLTIMA PONTE DO CAMINHO DE FERRO DE BENGUELA, DO LOBITO À FRONTEIRA, E QUE ATRAVESSA O RIO LUÁU. — *(Foto oferecida pelo sr. Olímpio Costa)*

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Hugo Bento Maia — Benguela — Angola)

HORIZONTAIS

1 — Motivo; siga. 2 — Verifiquei de novo; pedaço de madeira. 3 — Susceptível de infiltração; leva a crer. 4 Que tem facilidade de movimentos; consoante dupla; abreviatura usada no serviço telegráfico para designar «nada». 5 — Prende; grupo distinto; sem ninguém. 6 — Faça uma prece; sôfrego. 7. Uma das ortografias que designam tecido de pêlo espesso. 8 Imensidade. 9 — Pagamento antecipado; amarra. 10 — Mulher; engodo; desvairamento. 11 — Licor; advérbio de quantidade; ave. 12 — Uso geral; princípio. 13 — Invólucro de tecido; subi. 14 — Letra grega; vogal e cons.

VERTICAIS

1 — Utensílio; aparência. 2 — Implora; idade. 3 — Conhecedor especializado; adicional. 4 — Volatilizar; essencial. 5 — Vogal e cons.; cálculo aproximado; contr. da prep. e art. 6 — Reze; provoca interesse. 7 — Flor. 8 — Protóxido de cálcio; cons. e vog. 9 — Demonstração; oportunidade. 10 — Parte do avião; mostra satisfação. 11 — Distinguir; característico. 12 — Junto; vento. 13 — Vagar; prendi. 14 — Artigo definido expressando realeza; vogal e consoante.

Mendigos modernos:

— Um tostãozinho, pelo amor de Deus.

— Não tenho troco, só tenho uma nota de cinquenta escudos.

— Não faz mal, que eu dou-lhe a demasia.

Gosta do Xadrez?

(Problema oferecido pelo sr. Júlio Durão — Porto)

Faço esta pergunta aos milhares de leitores do «Almanaque Bertrand» porque entre eles alguns haverá que, conhecendo o «nobre jogo» na sua técnica geral, responderiam:

— Não! Confesso que é um jogo muito interessante, de grande renome, mas põe-me a cabeça à razão de juros. De modo que abrenúncio!

Outros conhecedores menos avessos diriam:

— Sim!... Não desgosto de jogar

uma partidazita com um adversário assim da minha força. Agora, enfrentar a resolução dum problema, lá isso não, que me dá cabo do miolo e porque me falta a paciência para semelhante empresa.

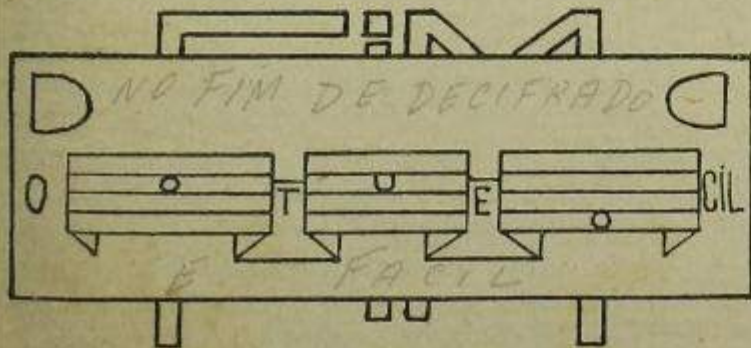
Todavia, de entre aqueles que ao «xadrez» rendem o preito que ele merece, alguns devem aparecer que darão por bem empregados os minutos, poucos ou muitos, que venham a perder ou dedicar ao ligeiro problema que tenho o gosto de lhes apresentar.

Pertence ele ao tipo denominado «ganha-perde» por uns enxadristas e «inverso» por outros.

Posto isto, entremos pròpriamente na matéria.

SITUAÇÃO:

Brancas (7):	*Pretas* (4):
R. h 1	R. f 2
D. e 4	B. c 8
T. a 1	P. g 4. h 3
C. e 3. g 5	
P. d 2. h 2	

Jogam as Brancas, que forçam as Pretas a dar-lhes mate, com o Bispo, em três lances.

PASSATEMPO NUMISMÁTICO

(Passatempo oferecido pelo sr. Fernando de Fontes — Ermezinde)

Este passatempo consiste em substituir os traços por letras de nomes de moedas em vigor nos seguintes países indicados. Depois de concluído este passatempo, ler-se-á numa coluna o nome de uma ilustre poetisa galega.

- - - - - Guatemala
- - - Suécia
- - - - - Equador
- - - - - Alemanha
- - - - - - - Angola
- - - - Itália
- - - - - - Mónaco

- - - - - Costa Rica
- - - - - - Haiti
- - - - - - Panamá
- - - - Chile
- - - - - - - Líbano
- - - Macau

O juiz: — Que idade tem? Lembre-se que prestou juramento.

Testemunha (feminina): — Vinte e um anos e uns meses.

— Quantos meses?

— Cento e oito.

❋

O chauffeur (em grande excitação):

— Ai! minha senhora, os travões não funcionam.

A dona do carro: — Então pare o carro, Joaquim, que eu apeio-me e vou a pé.

ENIGMA FIGURADO

(Passatempo oferecido pelo sr. Ruy Alberto de Frias e Gouveia — Coimbra)

PROVÉRBIOS A ADIVINHAR

(Passatempo oferecido pelo sr. Inácio Nunes Leonço — Portel)

1.º

Q	O	A	M	N	S	N	T	Q	O	S	L
1	1	3	1	1	2	2	2	1	1	1	3

2.º

Q	O	L	V	F	L	D	C	V	C
3	1	2	1	2	2	1	2	1	2

3.º

N	D	C	M	P	N	D	C	M	F
1	1	2	2	2	1	1	2	2	2

4.º

M	V	U	S	T	Q	U	N	V
2	2	1	1	2	1	1	1	2

5.º

J	O	N	Q	T	T	O	O	F
2	1		1	2	2	1	2	3

6.º

O	P	I	F	O	F	D
1	1	5	1	1	2	6

7.º

Q	D	A	V	N	M	C
1	1	1	3	1	3	3

Cada letra representa a inicial de uma palavra, e o número correspondente indica o número de sílabas dessa palavra.

O patrão: — Ó José, em eu estando deitado, vem apagar a luz.

O criado: — Sim, senhor; eu espero aqui na saleta e quando o senhor estiver a dormir, chame-me, que eu vou imediatamente.

QUE ALÍVIO!...

— Deves estar contentíssimo por te teres curado dessas teimosas insónias!

— Não imaginas o alívio que sinto! Agora passo as noites acordado até às quatro ou cinco da manhã, a recordar o que sofri quando não podia dormir!...

Diálogo ouvido na plateia dum teatro, durante a representação duma certa peça:

— Gostas disto?

— Eu!... absolutamente nada.

— Então, porque dás palmas?

— É para espertar o sono!...

Barnabé repreende o filho, rapazola dos seus dezoito anos, porque começou a tomar o costume de recolher tarde a casa, e diz-lhe:

— Se na tua idade, eu procedesse como tu, meu pai enchia-me a cara de bofetadas!

— Ora, seu pai, seu pai!...

— Não faças insinuações a meu pai, toma sentido, meu maroto! Olha que valia mil vezes mais do que o teu!

O Antunes tem passado o Verão inteiro no campo.

Um domingo de manhã, ao acordar, nota que está chovendo torrencialmente.

— Que pena, — diz ele para a esposa, — não termos convidado os Silveiras para virem hoje cá passar o dia! O convite tinha-se feito e, com este mau tempo, eles com certeza não viriam.

PILHA DE PALAVRAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Tomás B. Neves — S. Vicente — Cabo Verde)

1 — Livrar.
2 — Insistir.
3 — Embarcação.
4 — Utensílio de cozinha.
5 — Comilão.
6 — Unido.
7 — Nome de homem.
8 — Esmagar.
9 — Sem força.
10 — Nome de mulher.
11 — Ária.
12 — Livre.
13 — Apanhar peixe.

Resolvido este passatempo, encontrarão na terceira coluna o nome dum dos principais estabelecimentos de ensino em Cabo Verde.

A metade do porco

Dois amigos e vizinhos, habitando a mesma povoação, possuíam, a meias, um porco que estavam preparando para a matança.

Um deles, porém, apertado pela necessidade, disse para o companheiro:

— Não tenho remédio senão matar a metade que me pertence, do nosso porco... Tu dirás o que queres fazer à outra.

Num escritório, o empregado, para o patrão:

— Não posso ler esta carta. A letra é péssima!...

— Parece impossível! Um burro é capaz de ler isso!... Dê cá a carta!

Hieróglifos comprimidos

(Oferecidos pela sr.ª D. Maria Helena Azevedo Ferrão — Covilhã)

A 100 A
CAS

GAR

falo

Fecundidade e bom-senso

ACOIMARAM Aquilino Ribeiro de produzir excessivamente.

— Fecundo, eu? Não diga isso — protesta Aquilino Ribeiro. — Fecundo era Camilo e pagou esse desmando com o acoimarem de fancaria a sua obra alguns zoilos estúpidos e irem até atribuir a autoria de certos romances seus a D. Ana Plácido. Fecundo é esse escritor parisiense, Simenon, que lança um livro cada mês. Fecundo era Calderon de la Barca...

— Não publica dois, três livros por ano...?

— Talvez; sim; é possível. Tenho-os na gaveta, vou tirando, já que fui eu que lá os pus. Dizer que um autor publica dois, três livros por ano é desacreditá-lo. Simenon, porque se propôs compor um livro para cada casa do zodíaco, é admiradíssimo. Compreende-se, obra humana sem maravilhoso não encanta. A quem me pergunta: *Que tempo leva a escrever um romance?* respondo *sete dias ou sete anos*, arbitràriamente. Deste modo ficam com uma alta ideia do seu papel de interlocutores e salva-se o que de hermético deve haver nisto da arte. Sete, repare, é o número pitagórico por excelência, o número criador. Por isso o *Génesis* é assombroso.

— Que toma para escrever? Café, morfina?

— Copos de água do contador. Depois de nos habituarmos, é deliciosa. O que me acontece é olhar para um Cristo que está ao meu lado e, lembrando-me que tudo é calvário neste mundo, continuo impàvidamente a bater as teclas da minha máquina de escrever, pois que já não sei manusear a pena.

— Qual é a sua hora predilecta para trabalhar?

— Todas as horas são boas, desde que não nos doa a cabeça nem nos atormente um credor.

No armazém de fogões

O empregado: — Se nenhum destes lhe agrada, minha senhora, posso mostrar-lhe qualquer coisa que não gasta gás, nem electricidade, nem carvão, nem petróleo.

(«*Tit-Bits*»)

Entre marido e mulher.

Ele: — Já reparaste, minha querida, que são sempre os maridos menos inteligentes que possuem as mais formosas mulheres?

Ela: — Oh!... és muito amável!

*

Um campónio entra na estação do caminho de ferro e pede um bilhete:

— Para onde vai? — pergunta o empregado.

— Que tem você com isso? Dê cá o bilhete, e não se meta na vida alheia!

Painço, milho e milhão

«ESTOU a moer um selamim de milho, que me trouxe uma boa alma, e faço-vos umas papas» — diz um anacoreta no «S. Banaboião», de Aquilino Ribeiro.

— Anacronismo — observa um agrónomo, frequentador do Chiado. — O milho apenas foi introduzido entre nós no século XVII.

— Alto — replica o romancista. — Pelo nome de milho, de «milium», designavam-se, desde que a língua portuguesa se formou, certas panaceas como o milho painço, o milho miúdo, etc. O mais veio ùltimamente e roubou-lhes o nome, mas apenas na nomenclatura erudita. O camponês chama ao intruso milhão ou milho-grosso, e continua a chamar ao outro, com as suas várias espécies, milho. O mesmo sucedeu, aliás, no francês, língua que fez o povo e não os agrónomos e botânicos. «Mil» é o «petit millet», «maïs» o «gros millet». Abonam o acerto, entre outros, Viterbo e Constâncio. O eremita de «S. Banaboião» podia, pois, sem cometer heresia, oferecer papas de milho aos hóspedes.

— Eu quero um chauffeur desembaraçado. O sr. tem essa qualidade?

— Posso afirmar que sim. Quando me acontece atropelar alguém, fujo com tal desembaraço que a polícia me não consegue tomar o número.

※

— Olha para este retrato do Tibúrcio que ele, há dias, me deu! Não parece mesmo que vai falar?

— Parece. Mas esconde-o depressa. Se chega a falar, pede-nos dinheiro, pela certa!

Pão sem côdea e pão concentrado

Um padeiro de Roterdão, chamado Schulter, fabricou uma espécie de pão sem côdea, cosendo-o por meio de um sistema inventado por ele. Esta invenção obteve grande êxito entre as pessoas idosas, sem dentes, e as crianças pequeninas ainda com poucos dentinhos.

Também o químico austríaco Raul Brahms, inventou uma farinha concentrada, de substâncias nutritivas. Um pãosinho de 25 gramas, feito com este produto, pode alimentar quatro pessoas durante 48 horas.

— Conta-me cá: O Casimiro foi feliz na tal caçada aos lobos, a que foi o mês passado na Serra da Estrela?

— Felicíssimo!... Não encontrou nenhum.

DEFINIÇÃO CLARA

O cliente: — Olhe, sr. doutor, é uma dor que me dá de dez em dez minutos e que dura cerca de meia hora.

(«*Tit-Bits*»)

CANÇÃO DE ESPERANÇA

Serás em minha vida, essa luz de esperança,
Que vem iluminar os desvãos mais escuros
De uma alma atribulada e triste que se cansa.
Na luta contra o mal, entre infiéis e perjuros...

Virás suavizar, — estrela de bonança —,
O quadro acidentado e cheio de altos muros
Da vida de um poeta, ao trazer-lhe a confiança,
Capaz de reanimar os espíritos puros...

Sim, representarás com arte e inteligência,
O papel divinal de alegrar a existência,
De quem, desiludido, estava a sossobrar...

E serás, finalmente, em meio ao mar da vida,
Para um náufrago, — a luz salvadora e querida,
Para um poeta, — um clarão argênteo de luar...

PETRARCA MARANHÃO *(bras.)*

No amor, duvida-se muita vez, daquilo que mais se acredita. — *Stendhal.*

❋

Todos os oradores se calam quando a beleza feminina fala. — *Shakespeare.*

❋

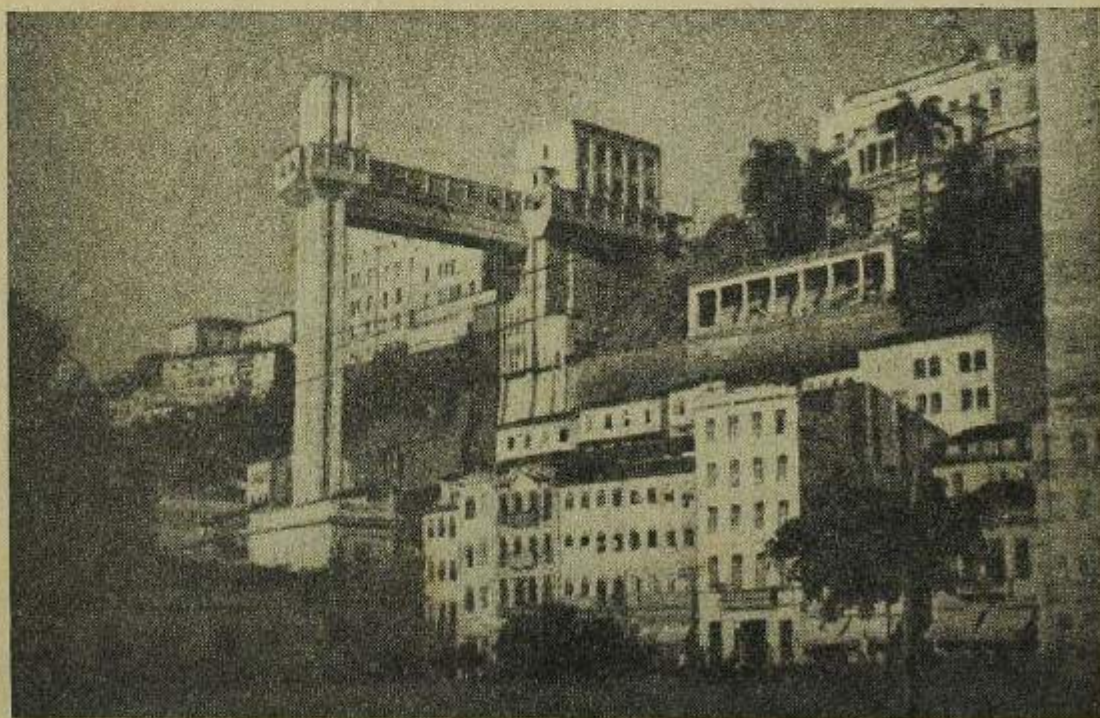
O desprezo do amor não é, muitas vezes, senão a impossibilidade de ser amado. — *Maurice Donnay.*

❋

Um homem pode construir, para si, um trono de baionetas, mas não pode sentar-se nele. — *Dr. W. R. Inge.*

❋

Pouca gente se conforma com a prosperidade. Isto é, com a dos outros. — *Mark Twain.*

Muitas vezes embaraçamos as pessoas de má fé, afectando ter nelas confiança. — *E. Legouvé.*

BAHIA — BRASIL. — S. SALVADOR
(Foto oferecida pelo sr. João T. de Almeida — Botucatu — S. Paulo — Brasil)

TROGEN E A ALDEIA DE PESTALOZZI

....

PORQUE, em Trogen, hoje em dia, dando luz a todo o Mundo — farol de Paz e de Amor, aluminando todo o Mundo —, fica a aldeia de Pestalozzi. Dentro de seus termos. A dez minutos, se tanto, da orla do burgo. Num planalto pequeno, à esguelha da estrada que vai para Bühler...

A Aldeia de Pestalozzi, à primeira vista — e vista a distância — afora o seu ar de povoado novinho em folha —, nada tem de extraordinário entre as outras do cantão. É mais um delicioso aglomerado de moradias regionais — tão originais, tão castiças, tão apenzelanas.

A casa camponesa ou burguesa do cantão de Appenzell tem, geralmente, porte de muita importância. Ao pé dela, aquele típico e brunido chalé suíço, de madeira castanha, que se topa a todo o passo, pelos contrafortes dos Alpes berneses, parece um brinquinho de caixa de surpresas. E a rústica moradia de qualquer vinhateiro do Valais, de pedra muito morena e telhado todo lajeado, também tão característica e tão pitoresca, à sua beira será sempre um triste e pobre tugúrio.

A casa apenzelana é alta e vasta. Apruma-se em três, quatro ou cinco andares, de janelas achegadas, que vão, na subida, minguando em número, mesmo até ao bico da fachada muito aguda, acabando por ficar sòzinhas três, duas, ou mesmo, uma janela só. Não se concebe, ao mirá-las, que seja cada qual solar de única família. Antes — pois pela porção de pisos e de compartimentos — prédios citadinos, como os dos nossos bairros lisboetas, que albergam inquilinos, por camadas. Mas, se pensarmos que os homens de Appenzell são prolíferos, unidos em seus parentescos e, além disso, abastados e muito amigos de comodidades, já se compreende o tamanho de edifícios tais.

Depois, e ainda, as gentes desse cantão consideram-se, por seus brios e seus costumes tradicionais, gentes duma certa «aristocracia popular» — passe o termo — na democrática Suíça. Daí, sua habitação de tipo «senhorial» — passe também esta palavra. De talhe correlativo ao talhe de aprumo e de altura bem definidos, de seus proprietários, na vida cívica e social do país.

São, pois, quanto ao seu tipo, as casas da Aldeia de Pestalozzi nos termos de Trogen, como as restantes da região, na sua maioria. Apenas mais pequenas. Mais infantis. Porque, mesmo a infantes — a meninos — se destinam. A meninos órfãos. E órfãos de terras estrangeiras.

O problema da grande orfandade europeia, consequência das mais nefastas da guerra finda, em muito preocupou, e tem preocupado, a Suíça. Não fôra a Suíça berço duma das belas e mais humanitárias instituições do Mundo — a Cruz Vermelha, amparo de tantas angústias, alívio de tantos sofrimentos, remédio de tantas e tão cruentas dores!

E não fôra, também, o seu povo, por eminente educação humana e religiosa, propenso a prestar socorros a todo e qualquer outro, deles necessitado! Pode-se até afirmar que, no povo suíço, o zelo pela Huma-

nidade tem justa equivalência no profundo zelo pela sua Neutralidade Perpétua. E que é preceito, não constitucional, mas institucional, da República Helvética.

Daí, mesmo, todos esses muitos milhões de francos e todos esses muitos milhares de toneladas de alimentos, medicamentos e agasalhos, mandados pelo governo suíço, para além de suas fronteiras, durante e depois da guerra. Com voto unânime do Parlamento. E total assentimento do povo da Confederação.

Daí, mesmo e também, todo o cuidado que lhe mereceu, ao longo da guerra, a sorte de tantos milhões de crianças daqueles países por ela talados. Abriram-se corações e portas de casas modestas, muitas delas também cheias de filhos, a filhos de famílias estranhas da França, da Itália, da Áustria, da Polónia e da Grécia que definhavam e, a pouco e pouco, morriam nas cidades bombardeadas. E deram-se-lhes férias felizes. Socorreram-se doentes de doenças contagiosas. Abandonados. E órfãos. Para estes, ainda, se chegou a plantar, fazer crescer e florir, e frutificar pelos 22 cantões, a lindíssima instituição dos «Padrinhos de Guerra»...

Mas tudo isso, que era muito, ainda para suíços era pouco. E foi daí, e nesse conceito, que se encontrou e semeou a ideia da Aldeia de Pestalozzi. E que essa ideia lançou e alargou raízes, nos alicerces das suas casinhas infantis de Trogen.

A um jornalista, Walter Robert Corti, ela — honra lhe seja! — fundamentalmente se deve. Atirada num célebre artigo seu, publicado na revista «Sie und Er» — e logo espalhada por toda a Suíça, logo conquistou milhares e milhares de adeptos.

«Para os órfãos — escrevia Corti — nada de barracas de madeira. Nada de instituições frias, secas e tristes. Mas, sim, aldeias. Aldeias com árvores em flor. Onde os gados passem plácidos, à noitinha, de retorno aos seus estábulos.»

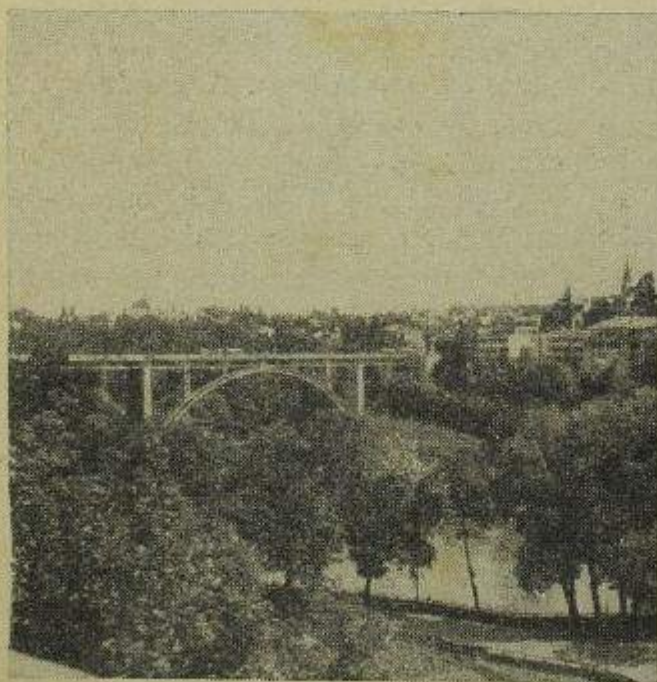
E mais adiante:

«Aldeias concretizando toda a dignidade humana em frente da vida.»

E mais adiante, mais tarde ainda, quando a iniciativa já ganhava amplitude e realidade:

«...E construídas, a cantar, por adolescentes!»

Porque assim foi, na verdade.

Primeiro: nascido e bem definido o intento, houve, naturalmente, que baptizá-lo. E pôs-se-lhe o nome de Pestalozzi. Em tributo à memória daquele Henrique Pestalozzi,

BERNE — SUÍÇA. — PONTE KIRCHENFELD
(Foto Fernando Seixas)

que foi príncipe de mestres, e o maior mestre e o maior amigo de meninos, que, depois de Jesus Cristo e de S. João Bosco, apareceu neste mundo. Aquele que dos órfãos da guerra de Stans, seus predilectos, falava com estas palavras amoráveis e admiráveis, evangélicas:

«A sopa deles era a minha sopa. E a sua bebida a minha bebida. Se estavam de boa saúde, entre eles andava. Se estavam doentes, sentava-me à beira de suas camas. Ao pé deles dormia. Com eles rezava. E se acontecia que ainda alguns ensinava, já deitados e até se lhes fecharem os olhos de sono, era só porque eles assim mo pediam.»

Em louvor, pois, de Santo Henrique Pestalozzi, e ao fulgor de seu nome abençoado, se construiu logo, em sonho, a primeira aldeia para órfãos de guerra. E logo, também, para a construir em realidade, se fundou a Associação da Aldeia de Pestalozzi. Que, por assim dizer, não tardou minuto em se lançar à cata de sócios e rebusca de fundos, por todo o país. Membros individuais. Membros colectivos. Donativos de particulares e de entidades oficiais. Pronto: uma subscrição nacional. Pronto, e por toda a banda: vendas de emblemas. Apelos às colónias suíças do estrangeiro. Recolha de ofertas de toda a natureza.

Porque era preciso, para a construir, muito dinheiro!

Já por Trogen, terra feliz, onde se escolhera e se comprara terreno, a preços de ucharia, brigadas de topógrafos, de arquitectos, de mestres-de-obras, haviam feito, gratuitamente, levantamentos, planos, projectos, cálculos, orçamentos... E anunciavam 24 casas, pelo menos. E cada uma custando por alto, sem trastes incluídos na conta, quantia à volta de 80.000 francos — em moeda nossa, coisa de quase quinhentos contos bem contados!

Mas ninguém, por tais somas, arrepiou caminhos. Antes — por quantos se lhe afiguravam trilháveis — se meteu com toda a afoiteza.

E então veio uma voz que disse, a fomentar ainda mais brios, entusiasmos e colaborações: *A aldeia infantil de Pestalozzi, em Trogen, será obra e propriedade de todo o povo suíço!*

E veio outra que atirou aos quatro ventos este belo clamor: «*Rapazes das escolas da Suíça, venham, nas vossas férias, trabalhar para Trogen! Sejam os pedreiros, os carpinteiros, os pintores — os contrutores da Aldeia de Pestalozzi!*»

Vozes tais ouvidas, e obedecidas, não tardou que se abrissem, alar-

ZURIQUE — SUÍÇA. — VISTA PARCIAL DA PISCINA
(Foto Fernando Seixas)

gassem e afundassem os alicerces das primeiras casas. É que, justamente, a par de escassos grupos de operários — como instrutores, simplesmente —, ranchos de escolares, num voluntariado comovente, se entregassem de alma e coração à tarefa de construir a aldeia.

Muito futuro moço advogado suíço ali acarretou ladrilho e amassou argamassa. Muito aspirantezinho de médico, já circunspecto e de lunetas, pegou em plaina, para aparelhar barrotes e fasquias. E muito diplomata vindouro passou dias inteiros a pôr telhas em telhados. Enquanto, ao largo, junto dum barracão fumarento, próximos engenheiros de pontes e calçadas, aprendizes de teologia, alunos de Conservatórios e outros, simplesmente descascavam batatas ou migavam couves do rancho comum.

E todos, todos — empenhando-se nestes ou naqueles trabalhos — cantavam.

A Aldeia de Pestalozzi foi, toda ela, na verdade, feita a cantar. Por meninos e moços. Para meninos, que hão-de vir a ser moços, e precisam também de encarar a vida, a cantar.

Não quis a Suíça, ao sonhá-la e ao realizá-la, mais do que estabelecer um padrão e do que apontar um exemplo. Mais do que dizer aos outros povos do Mundo: para órfãos da Guerra — e mesmo para órfãos da Paz — façam aldeias, muitas aldeias, como esta. Maneirinhas. Assim, de casas mimosas e floridas, coloridas, parecendo que romperam à toa, como tortulhos, no terreno. Parecendo que nem foram espalhadas — como propositadamente o foram — desta maneira... À maneira das aldeias que, por toda a parte, se vão formando e crescendo, fora das rígidas regras da régua e dos riscos rectos e prévios. Aldeias, muitas aldeias, como esta. Com árvores que dão flor — precisamente — pelo meio delas e à sua volta.

E onde os meninos e mocinhos órfãos, que nelas se acoitem, de olhos ainda pávidos de incêndios e horrores, taciturnos, quase mudos, pronto aprendam a sorrir e pronto voltem a rezar.

Onde venham, nas suas revoadas pacíficas, poisar, por momentos, nos beirais dos seus telhados e arrulhar junto dela, as pombas que assistem às «landsgemeinden». Onde os homens simples que as atravessem, ao cair da noite, guiando os seus gados, e quantos outros homens, de largo, as avistem, dentro ou diante delas, por segundos se detenham e se descubram. E se crentes forem, façam mentalmente o sinal da Cruz, e mentalmente bendigam o nome do Senhor e todas as suas obras de amor e de misericórdia. E se descrentes são, fiquem vendo e, portanto, acreditando que ainda há terras no Mundo — merecedoras de pinta de oiro no mapa — onde seus filhos, em vez de destruir, construíram, a cantar, aldeias para o futuro. E onde homens pios ou ímpios, dentro ou diante de suas casas — sendo homens—, sintam consoladoramente e por instantes, os olhos arrasados de lágrimas.

AUGUSTO PINTO

(Do livro «Terras da Suíça»).

Tirar a amizade da vida seria tirar o sol do mundo. — *Cícero.*

*

A recompensa duma boa acção é tê-la praticado. — *Séneca.*

SALTO DE CAVALO

(Passatempo oferecido pela sr.ª D. Maria Odília de Campos Anacleto — Setúbal)

tam	gi	pas	nes	re	de	na	Vi
tes	que	bem	fu	sam	ta	tris	ves,
da,	Mas	in	cor	E' Bem ×	as	da	jor
al,	es	Tu	não	mais! ××	te,	bre	Só
ais,	dan	sam	af	da	Nada!	na	os
or	hos!	ções	do é	p s	bons	a	sem
do	igu	e os	sa o	gar	tros	di	da.
Son	Am	lu	des	as	Pas	pas	ou

Partindo da casa assinalada com uma × e percorrendo a salto de cavalo todo o tabuleiro até à marcada com duas ××, compor-se-ão dois tercetos de um soneto da autora do passatempo.

Um pequeno balão, das crianças brincarem, foi lançado em Nova Jersey, por A. Perry, e encontrado mais tarde na Venezuela, por J. Quintero, de Maracaibo.

Uma carta dirigida a «*Deus*» foi expedida de Liptau, Boémia, para Roma, em 1926. Voltou, devolvida ao remetente, com a indicação «Morada desconhecida».

ROBERTO BENZI

Ou a máscara de Beethoven num pequeno maestro do século XX

Depois do prodigioso Pierino Gamba, que fez, em 1949, o assombro de Lisboa, esteve em Portugal, em Abril de 1950, o novo pequeno maestro italiano Roberto Benzi.

Roberto Benzi é uma criança de 11 anos, filha dum modesto professor de música. Aos cinco anos, no meio dos horrores da guerra, Benzi foi acometido de grave doença. Certa noite, numa explosão de febre, delira. O médico abana tràgicamente a cabeça. Os pais choram. Um vento gélido perpassa sobre o leito do enfermo. Na sua sobre-excitação, a criança grita que ouve os sinos da igreja a tocar; que, à sua roda, os pássaros cantam. É a morte! — pensam os pais. A febre sobe mais alguns graus. Gotas de sangue aljofram o rosto do inocente, que continua falando, incoerentemente, num mundo estranho de visões.

Roberto Benzi

Roberto salva-se. Passada a crise, quando entra na convalescença, a mãe pergunta-lhe o que quer.

— Um acordeão para tocar aquelas músicas que ouvia quando estava muito mal.

No dia seguinte, o pequeno Benzi tem o seu ambicionado instrumento e começa a tocar como se soubesse música. Um dia vai ao cinema ver a *Fantasia* de Walt Disney, e, à saída, repete, nota por nota, com precisão, toda a partitura. Vão de longe os velhos maestros para verem o menino. A Itália tem uma nova glória. Depressa Roberto Benzi triunfa em Paris, Londres, Madrid e Roma, onde dirige as mais categorizadas orquestras sinfónicas. Em Lisboa regeu, admiràvelmente, a Orquestra Sinfónica de Madrid e a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional.

É uma criança adorável de frescura e graciosidade. Uma criança com génio. Por vezes modifica-se a sua leveza de asa branca e tudo nele se transforma em violência avassaladora. O seu rosto toma então como que o ar concentrado da máscara de Beethoven.

A melodia é a vida sensual da poesia — *Beethoven.*

A música é verdadeiramente a medianeira entre a vida dos sentidos e a vida do espírito. — *Beethoven.*

"AQUELE BARCO QUE SE AFUNDA..."

— Era tão lindo o Estrela d'Alva! Com o sorriso ingénuo
da vela branquinha, parecia mesmo um barquinho de brincar!

Tombou! Amolgou-se ao meio!
De mastros partidos — nervos retorcidos de ansiedade
Espera... Espera...
— Mar! Oh mar! Sou eu, o Estrela d'Alva...
— Não ouves? Não me sentes?
— Sou eu, o Estrela d'Alva...

— Mas o mar... o mar ouviu e fugiu às gargalhadas!

Caiu! Franjou-se esfaqueada a vela
A afogar-se de sangue! A gritar exangue
— Piedade! Piedade!
— Mar! Oh mar! Sou eu, o Estrela d'Alva...
— Não ouves? Não me sentes?
— Sou eu, o Estrela d'Alva...

— Mas o mar... o mar ouviu e fugiu às gargalhadas!

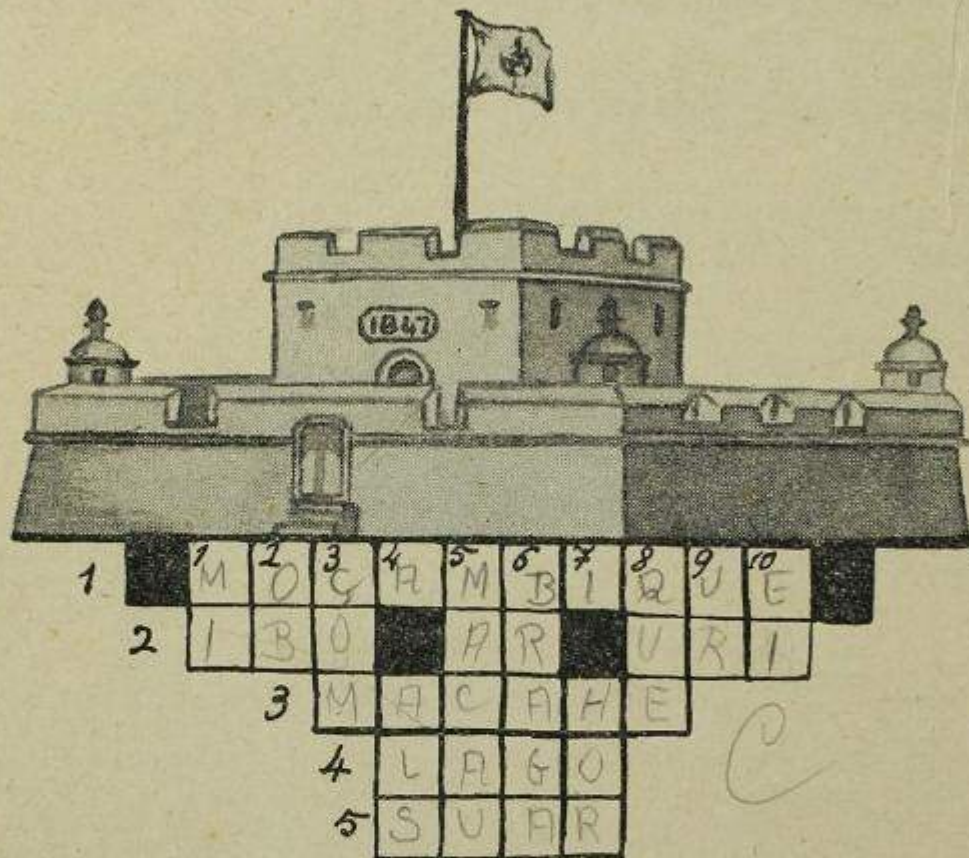
Rezou ainda! Há um mexer de lábios
Na água escurecida — pobre vida a fugir!
Adeus! Adeus!...
— Mar! Oh mar! Sou eu, o Estrela d'Alva...
— Não ouves? Não me sentes?
— Sou eu, o...

E morreu! Nada remexe o negrume...
Não se sente a agonia — passeia na baía
Uma sombra! Uma sombra!...
Mar!... Oh mar! Não ouves? Não sentes?

— Mas o mar... o mar ouviu e fugiu às gargalhadas!

Sara Carvalho Rocha

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Abílio Soeiro — Ibo — Moçambique. — Desenho do autor).

HORIZONTAIS

1 — Possessão portuguesa. 2 — Ilha port. de Moçambique; fluido; cantão suíço. 3 — Nome de cidade, de rio e de serra do estado do Rio de Janeiro. 4 — Porção de água cercada de terra. 5 — Transpirar.

VERTICAIS

1 — Nota musical. 2 — Rio da Sibéria. 3 — Preposição. 4 — Ilha da Prússia, no Báltico. 5 — Possessão portuguesa. 6 — Cidade portuguesa. 7 — Montanha da Arábia. 8 — Pronome. 9 — Cidade da Caldea. 10 — Contracção.

PARA O SERÃO

(Entretenimento oferecido pelo sr. Júlio Durão — Porto)

Se quem me ler, assistir a uma reunião de família, queira experimentar este leve divertimento e verá que não dá por mal empregado o seu tempo.

Aproveitando a melhor oportunidade que se lhe oferecer, dirigir-se-á às pessoas presentes, dizendo pouco mais ou menos:

— Vou propor à ilustre assembleia um pequenino problema, que toda e qualquer pessoa poderá resolver, mesmo que não tenha exame de instrução primária. Pode até nem saber

ler ou escrever; basta que saiba contar.

Posta a questão neste pé, o proponente advertirá que o problema tem de ser resolvido mentalmente. Pede silêncio e muita atenção da parte dos circunstantes.

— Ó João! guarda lá o papel e o lápis, que são proibidos. Já disse que o caso tem de ser resolvido de cabeça.

E enuncia o problema assim: Uma camioneta saiu duma localidade, levando 40 passageiros. Fez uma paragem e saíram 4, entrando 3; fez outra paragem e entraram 6, saindo 5; fez nova paragem, saindo 4 e entrando 2; fez outra paragem para meter água, não saindo nem entrando passageiros; fez outra paragem e saíram 5, entrando 4; fez mais uma paragem e saíram 6, entrando 4.

— Ora muito bem. Posto isto, é a altura de se perguntar: quantas paragens fez a camioneta?

Aposto se algum dos presentes sabe responder acertadamente à questão. É evidente que a camioneta fez seis paragens. Mas qualquer das pessoas presentes, preocupada com a alteração constante do número de passageiros, não fixa o número de paragens, e, portanto, não sabe responder à pergunta.

Experimentem, e verão o resultado. Não se esqueçam de dar tempo bem suficiente a que cada ouvinte possa fazer os seus cálculos mentais.

ENIGMA FIGURADO

(Passatempo oferecido por «Bero» — Lourenço Marques)

Os nossos sobrenomes

(Passatempo oferecido pelo sr. Vítor Guilherme Narciso — Mavinga — Bié — Angola).

Consiste este passatempo em encontrar palavras, muito usadas como sobrenomes, que se ajustem às expressões seguintes:

1 — Escabroso.

2 — Quadrúpede ruminante e lanígero.

3 — Instrumento de suplício, composto de dois madeiros, um atravessado no outro.

4 — Árvore pomácea.

5 — Maçada.

6 — Ferrolho que, pregado a toda a altura da porta ou da janela, se embebe ao mesmo tempo em cima e em baixo.

7 — Terreno banhado pelo mar.

8 — Veneráveis.

9 — Nome de várias plantas rosáceas.

10 — Artífice (fem.) que trabalha em ferro.

11 — Grande árvore amentácea, que produz bolotas.

12 — Rio pequeno.

13 — Instrumento cortante que serve para rachar lenha.

14 — Templo dos maometanos.

15 — Tira de couro.

16 — Terrenos incultos, com plantas agrestes.

17 — Mamífero roedor.

18 — Conjunto de flores, formando pequenos feixes.

19 — Instrumento de aço, para desbastar.

20 — Árvore cujo fruto é a azeitona.

21 — Monarcas.

22 — Ave galinácea, na meninice.

23 — Da cor do leite ou da neve.

24 — Planície fértil e cultivada.

Hieróglifos comprimidos

(Oferecidos pelo sr. João Júlio dos Santos — Luanda — Angola)

Ponto cardeal 500 E colónia

Acôrdo 500 O Oceano

O Policarpo encontra-se cara a cara com o seu alfaiate, o qual não perde tão boa ocasião de lhe recordar a conta.

— Vou pensar nisso — promete o Policarpo. — Olhe, passe por minha casa lá para o fim do mês, se tiver um bocado de tempo a *perder!*

⁂

O médico: — Não acho o seu marido, hoje, tão bem, sr.ª Januária. Ele tem seguido a dieta simples que eu prescrevi?

A sr.ª Januária: — Não tem, não, sr. doutor. Ele diz que não está disposto a morrer à fome, só pelo gosto de viver mais alguns anos.

⁂

Os chapéus chamados «panamás», não vêm do Panamá, mas sim do Equador.

Odontologia remota

O dr. Samuel Fastlicht, um dos mais célebres cirurgiões dentistas de todo o mundo, comunicou à Associação Médica do México que, segundo os seus estudos feitos em esqueletos de aztecas, «os sacerdotes destas tribos tinham conhecimentos perfeitos da anatomia humana, muito maiores do que os dos médicos de raça branca da mesma época».

Esses esqueletos, descobertos nos seus túmulos rituais, decorados, apresentavam as mais estranhas mutilações e adições dentárias. Os incisivos eram, quase sempre, talhados em triângulo; os caninos eram alongados por outros dentes inseridos na sua extremidade; os dentes de cima eram quase sempre ornados de pedras de côr.

Esta cirurgia dentária era praticada nos vivos e não nos cadáveres, como se julgou durante muito tempo. Os sacerdotes é que tinham o privilégio de praticar essas intervenções cirúrgicas e utilizavam, para *embelezar* a boca dos índios, especialmente dos ricos, as pedras mais caras. O jade era a mais empregada. Encontraram-se, também, muitos dentes de ouro, mas ignora-se se são incrustações ou se se trata de prótese dentária.

Dois cientistas norte-americanos fotografaram com um novo e potente microscópio electrónico, magníficos aspectos da acção da penicilina e das sulfamidas sobre as doenças infecciosas. O novo microscópio permite a descoberta das extremidades, anteriores e posteriores, de pequeníssimos seres, com o comprimento da milionésima parte de uma polegada e tão pequenos que se pode reunir um milhar deles na ponta de um alfinete.

A dona da casa, ajustando uma criada: — E porque saiu da casa onde estava?

— Porque o patrão me deu um beijo.

— Está bem! E vocemecê não gostou que ele fizesse isso, não é verdade?

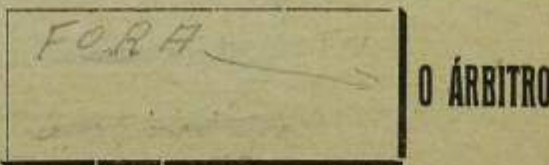
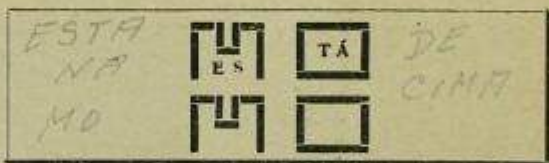
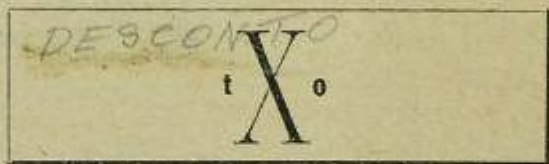
— Eu cá por mim não me importei. Quem não gostou foi a senhora.

Hieróglifos comprimidos

(Oferecidos pelo sr. Armando Garcia Félix — Base aérea n.º 2 — Ola)

OLHOS CEGOS
CORAÇÃO
INSENSÍVEL

ESCREVER
POR

O ÁRBITRO

Paisagens e riquezas da nossa África

....

VOLTARAM para bordo e nessa altura atentaram melhor no esplêndido cenário que os cercava: encalhados na areia da praia, ou navegando pelas águas muito azuis da baía, viam-se esbeltas canoas de vela latina que, aproveitando a brisa, sempre inclinadas para um lado, demandavam Inhambane ou a Maxixe. Do outro lado viam-se, vagamente, as moradias desta última povoação, sarapintadas de cores variegadas, dando a perceber ser aquela localidade bonita e risonha. Vista a distância e, se por força de imaginação, lhe tirarmos os coqueiros e as árvores de clima tropical, em que é fértil, lembra uma pequena aldeia do Minho.

A África também é encantadora. Nem tudo nela é sertão, aridez e feras. Já vai longe o tempo em que nas aldeias portuguesas se pensava que, para África, só iam os degredados, a escória da sociedade. Se bem que esse sentimento não se tenha de todo obliterado no nosso povo, hoje já se encaram as nossas colónias como o prolongamento de Portugal e os Portugueses começam a deixar o Brasil e outras terras estranhas, para onde era hábito irem, para se aventurarem para Angola e Moçambique, sobretudo.

É o nosso País pequeno, muito pequeno, para o excesso demográfico que, dia a dia, vai aumentando; mas, na nossa África há milhares, milhões de possibilidades para tal excedente.

Na nossa riquíssima colónia de Moçambique haveria talvez ilimitadas riquezas a explorar, se ela fosse bem povoada por braços brancos portugueses, por muitos dos nossos activos cavadores metropolitanos.

Que riquezas não se arrancariam das ubérrimas terras dos vales do Limpopo e Zambeze, das terras altas de Milange, Curué, Vila Cabral, Macondes, por esses braços lusíadas, auxiliados por alfaias agrícolas modernas e orientados por técnicos, que o Governo lhes facultaria eficientemente! As alfaias seriam a princípio fornecidas gratuitamente e alugadas depois, quando já pudessem pagar. Para isso era também indispensável que se ramificassem, proficuamente, as linhas férreas e estradas, verdadeiras artérias dum país, levando transportes fáceis a todos os colonos.

O Norte do Niassa, que é fertilíssimo, aguarda que a locomotiva o rasgue em todos os sentidos e que o sangue forte e ousado daqueles portugueses que adoram a terra como uma sua segunda mãe, regando-a com o suor do seu rosto, a acariciem com os golpes fortes das suas enxadas laboriosas.

Será indispensável, será fatal, será inevitável, que alguns portugueses das nossas aldeias sãs e alegres, deixem a igrejinha caiada da sua terra, a sua mãe velhinha, o seu pai alquebrado e trôpego, a Zefa dos seus encantos, e venham ajudados, é claro, desenvolver a nossa África, elevar o seu nível de vida, proteger os seus pais velhinhos e edificar nestas terras sertanejas, aldeias de sabor português — embora mais modernas — com a sua igreja modesta, a sua escola, a fonte, os bailaricos de domingo e dias de festa e, sobretudo, criar

novas fontes de riqueza e de progresso.

Jovens trabalhadores portugueses, Angola e Moçambique possuem imensas riquezas inexploradas, milhares e milhares de quilómetros improdutivos, incontáveis horizontes em que não se vê um branco. Se o desejais, se a vida não vos sorri na vossa aldeia, que tanto amais, mostrai o vosso desejo de tentar a sorte na África que nos pertence, sonhai com estas ricas terras e, certamente, os vossos desejos, os vossos sonhos, serão ouvidos com agrado por parte dos homens excepcionais que nos governam. Eles tudo farão, creio-o bem, para vos ajudarem, na medida do possível, evidentemente, uma vez que a nossa Pátria, que tanto estimamos e de quem nos sentimos orgulhosos, não é uma nação que possa esbanjar dinheiro.

Se de facto possuis os desejos e os sonhos a que me referi, mostrai-os claramente e se eles se realizarem, não temais o Futuro, porque ele pertencer-vos-á, porque sereis os bandeirantes da hora que passa.

Avante, pois, e sem hesitar!

José Maria Andrade

Massinga-Inhambane.

(Dum livro em preparação).

Morreu, há poucos anos, numa calma e pitoresca aldeia do Canadá, um indivíduo chamado Jorge Martel, que contava 94 anos. Deixou a seguinte descendência: 11 filhos, 95 netos, 280 bisnetos e 22 tetranetos — ao todo 408 descendentes!

No restaurante:

— Sabe-me dizer se já veio hoje aqui o sr. Miranda?

— Não lho posso dizer, porque só conheço o sr. Miranda de vista; mas de nome, não.

HUILA — SÁ DA BANDEIRA — ANGOLA. — Vista aérea da cidade

Provérbios a adivinhar

(Passatempo oferecido pelo sr. Hugo Bento Maia — Benguela — Angola)

1.º

M	F	P	A
2	2	2	3

2.º

O	P	P	S
1	4	3	3

3.º

B	A	S	P
1	4	3	4

4.º

N	H	D	S	T
1	1	1	1	2

5.º

M	E	F	S	S
2	1	1	3	2

6.º

Q	M	V	M	S
1	1	2	1	2

7.º

A	D	E	M	Q	P
3	4	1	2	1	3

8.º

N	H	R	Q	N	F
1	1	2	1	1	2

9.º

A	M	M	E	A	F
1	2	3	1	1	2

Cada letra representa a inicial de uma palavra, e o número correspondente indica o número de sílabas dessa palavra.

Ensaio geral

O dono da casa (ao amigo, que entra) : — Vamos amanhã para férias, sabes tu?, por isso estamos a ensaiar-nos para a viagem no comboio.

(*«Tit-Bits»*)

Um pintor, em França, conversa com o seu modelo, um velho napolitano esfarrapado e sujo como muitos dos seus compatriotas.

— Com que então — diz o artista — há quinze anos que está em Paris, nunca pensou em tomar um banho?

— Oh! — respondeu orgulhosamente o velho italiano — tenho uma saúde excelente; nunca precisei de tomar drogas.

*

Conversam duas pequerruchas, de 4 e 5 anos:

— Queres saber? O meu irmão tem seis meses e já pesa dez quilos!

— Ora! O meu tem só quatro meses e pesa seis, sem contar com a cabeça!

— O quê?! Sem cabeça?

— Pois! A cabeça ficou fora da balança quando ele se pesou!

PILHA DE PALAVRAS

(Passatempo oferecido pela sr.ª D. Olga Godinho de Mira — Luanda)

1	F	R	A	D	E
2	C	A	L	M	O
3	M	A	M	A	O
4	B	R	A	G	A
5	T	A	N	T	O
6	D	I	A	N	A
7	L	E	Q	U	E
8	C	O	U	V	E
9	G	R	E	G	O
10	C	A	B	R	A
11	P	R	E	T	O
12	C	O	R	O	A
13	L	I	T	R	O
14	D	A	R	I	O
15	A	M	A	D	O
16	V	E	N	U	S
17	S	A	D	I	O

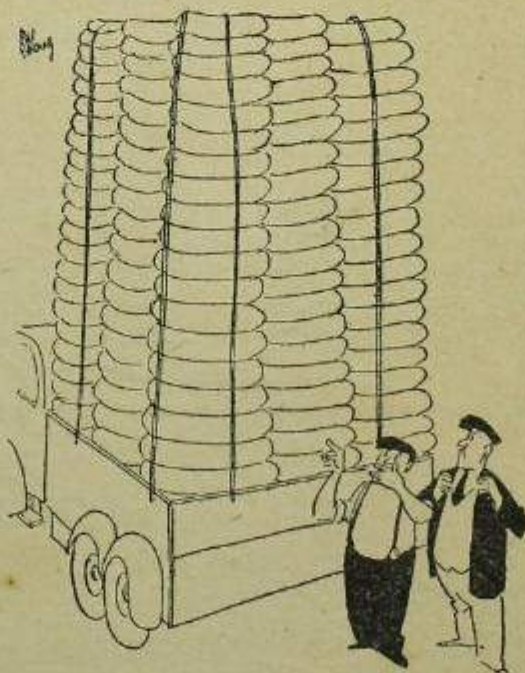
1 — Religioso.
2 — Serenidade.
3 — Fruto.
4 — Cidade de Portugal.
5 — Advérbio de quantidade.
6 — Deusa da caça.
7 — Usado pelas senhoras no tempo do calor.
8 — Hortaliça.
9 — Natural da Grécia.
10 — Animal roedor.
11 — Côr.
12 — Símbolo real.
13 — Medida.
14 — Grande organizador do império Persa.
15 — Querido.
16 — Deusa do amor.
17 — Saudável.

Resolvido este passatempo, os leitores encontrarão, na coluna central, o nome de um livro muito lido e bastante apreciado.

Entre irmão e irmã, na véspera do Natal:

Ele: — Sempre és muito parva em julgar que caem do céu os brinquedos, dentro dos nossos sapatos!...

Ela: — Mais parvo és tu, em dizê-lo ao papá, que assim já lá não põe mais nenhuns!

E agora?!...

— A nota da distribuição a fazer de todo este carregamento de pneus, está no bolso do meu casaco... que ficou debaixo daquele lote, acolá!

(«Tit-Bits»)

SALTO DE CAVALO

(Passatempo oferecido pelo sr. Virgílio Alberto Trancoso Poças Falcão — Guimarães)

que o	a se	se.	Amor	não	de	hom	—Quão
dis	pe	vé	ric	bros,	tris	discu	da
lho	O	da	Mas	Visse	os	-se.	te
lo	lhe	da	lhe	tô	e sor	ci	te.
de,	pa	com	Ve	a bon	co	se a	ri
tão	pris	te	en	ela,	den	Admi	Mo
ren	a-o...	da	da	lhi	-lhe	viu	ri
ma	en	++ ce!	+ Olh	+ Ou	++ de;	te	ra

Partindo das casas assinaladas com uma + e percorrendo o tabuleiro a salto de cavalo, até às marcadas com duas ++, compor-se-ão, além de um desenho bastante simétrico, dois tercetos de um soneto de Fernandes Costa.

Na França, há um rio chamado «Aa», em Pas de Calais. Há, também, um lago chamado «Oo» e uma cidade igualmente chamada «Oo», no departamento da Haute Garonne.

Um empregado da limpeza das ruas, em Nova York, encontrou, um dia, em certa caixa do lixo, um sobrescrito com selos do correio, no valor de quinze mil dólares!

O RIO DE JANEIRO DOUTRORA E DE HOJE

Na vida tudo são paradoxos e desenganos. O que hoje é bom, amanhã é mau, para depois voltar a ser bom e vice-versa. Assim será até à consumação dos séculos. O Rio de Janeiro, tal como eu o conheci, na primeira década do século, era uma cidade ainda com acentuado carácter colonial e segundo os nossos clássicos métodos de urbanização tropical. Ruas estreitas, para que o sol as não invadisse senão a custo e portas inteiramente fechadas para que o calor entrasse com dificuldade no interior das casas. As ruas eram de tão modesta largura, que apenas podia passar por elas um carro e tiveram que fazer os *bondes* da Carris Urbanos, tão pequenos, que — como os outros em forma de plateia — não comportavam mais de três passageiros por banco, sendo por isso pitorescamente chamados de «caixas de fósforos» e se tinham apenas um macho a dar-lhes tracção, ocupavam dois empregados, o cocheiro e o conductor, como os carros grandes, que circulavam nas ruas largas da Cidade Nova e em Botafogo.

O Império abriu ruas largas em que passavam já dois carros, e, por um atavismo de raça, ou ainda por influência portuguesa, o bairro do Catete e a Cidade Nova, desde a Rua Frei Caneca à do Riachuelo e ao Rio Comprido, as lojas e os sobrados, tinham e têm, ainda hoje, vivas parecenças com as ruas do Almada, das Flores e de Santa Catarina, no Porto.

Depois propagou-se a ideia de que, a bem da saúde pública, era preciso dar ar às casas, muito ar e muita luz, obrigando-se as lojas a terem bandeiras gradeadas de ferro forjado ou fundido, que os batentes das janelas tivessem, ao meio, um quadrado com ripas venesianas, para que, de noite e de dia, o ar circulasse livre-

RIO DE JANEIRO. — PRAIA DE COPACABANA

mente em todas as dependências dos armazens e das moradias.

Por fim, o Presidente do Município, engenheiro Pereira Passos, que já se havia notabilizado em vários domínios da actividade oficial, concebeu e pôs em prática, uma grande obra de transformação da cidade e em obediência ao programa dominante, dando-lhe ainda mais ar e mais luz. Através do velho casario abriu avenidas largas, vastas praças, não poupando os outeiros que comprometiam o seu desenvolvimento. À demolição do morro do Senado, seguiu-se a do Castelo e em seu lugar abriram novas ruas, em que se gastou muito dinheiro, mas isso pouco importava, o programa tinha que se cumprir. Várias avenidas foram abertas, canalizando para a cidade a aragem fresca da barra, entre o Pão de Açúcar e a fortaleza de Santa Cruz — a de Mem de Sá, homenagem ao fundador da cidade e a Rio Branco, grande diplomata que tantos serviços prestou ao Brasil. O nome de Gomes Freire também não foi esquecido, ostentando-o uma bela avenida, que a demolição do morro do Senado permitiu.

RIO DE JANEIRO. — Estação de D. Pedro II

Alargaram-se ruas, a da Uruguaiana, a do Hospício e se não fizeram outro tanto à de Ouvidor foi certamente para não privar os cariocas da sua artéria mundana e de luxo, apesar dos seus quatro ou cinco metros de largura, como hoje ainda se conserva.

A cidade, enfim, podia respirar, mas foi por pouco tempo, por que anos depois, nos arruamentos feitos no Castelo, plantou-se uma floresta de arranha-céus, com 22 andares, mais altos que o morro demolido e como a moda pegou, todo esse xadrez da velha cidade está a ser transformado com altos edifícios de 20 e 22 andares. O morro da Viúva, em Botafogo, como pela solidez do granito, mais duro que o ferro, de que é constituído, viu-se em breve cercado de arranha-céus, que lhe dão o aspecto bizarro duma velha vivenda, coberta com cenários de revista teatral.

A estação ferroviária Central,

de novo chamada de D. Pedro II, foi apeada e em seu lugar construído um elegante prédio, com uma torre de 25 andares, de fazer inveja aos melhores edifícios no género, em toda a Europa. O interior da vasta estação compreende três enormes átrios — podiam-se-lhes chamar avenidas — para onde abre um autêntico bairro comercial. Lojas de frutas, confeitarias, cafés, restaurantes, bares, cabeleireiro, agência bancária, caixa económica, doçarias, padaria, quitanda, mercearia, tabacaria, farmácia, adelo, correio e telégrafo e não sei que mais. Isto além das dependências ferroviárias, bilheteirias — algumas destinadas a quem leva o dinheiro trocado e outras para quem espera demasia, — marcação de lugares, bagagens, lavatórios, etc., etc.

Ao lado, outro edifício de proporções colossais esmaga o velho Campo de Sant'Ana: é o Ministério da Guerra. Por ali passa também a nova avenida Getúlio Vargas, que se estende até ao Cajú, depois de ter absorvido o austero Canal do Mangue, com as suas duas filas de altas palmeiras, filhas da que D. João VI plantou no Jardim Botânico, há 136 anos, e que ainda lá está, dominando o belo parque, com 36 metros de altura. A realização dessa vasta avenida, foi simples. Deitou-se abaixo um quarteirão da Rua General Câmara e outro da Rua de S. Pedro, duas ruas estreitas e centenárias, e realizou-se essa bela obra que é orgulho dos cariocas. Era como se nós deitássemos abaixo os prédios de números pares da Rua do Ouro e os ímpares da Rua Augusta e trouxéssemos até ao Terreiro do Paço a Praça de D. Pedro IV.

Pois bem, a ideia de dar ar e luz à cidade, está irremediàvelmente perdida. Nas ruas onde se estão cons-

RIO DE JANEIRO. — Ministério da Guerra

(Foto oferecida pelo sr. João T. de Almeida — Botucatu — S. Paulo — Brasil)

truindo, sem descanso, altos arranha-céus o sol penetra a custo e a aragem que devia sacudir sem descanso as moradias, passou a ficar na rua, porque as janelas já não têm ripas à venesiana; ao contrário, largas vidraças fecham-nas hermèticamente, porque os brasileiros compenetraram-se de que, por onde entra a fresquidão entra também o calor e este uma vez instalado é muito difícil fazê-lo sair.

Nas lojas também já não é obrigatório a bandeira gradeada de ferro, certamente para que aquele calor morno, que às vezes ataca de noite o Rio de Janeiro, fique a passear nas suas ruas desertas, e digo desertas, porque os cariocas, que um dia, há muitos anos, tiveram a felicidade de ver suprimida a hora de Verão, por inútil e contraproducente, deitam-se cedo e levantam-se ao nascer do Sol, ou pouco depois.

Fica por aqui a transformação do Rio de Janeiro? É bem possível que não. Os brasileiros adoram as inovações como nenhum outro povo sobre a terra. Todavia o carioca é o ser mais feliz que há sobre a terra. Por mais que lhe mutilem e transformem a cidade, não conseguem destruir-lhe a beleza incomparável, única no mundo. Até isto, a maior parte das cidades ribeirinhas da Europa, tiveram de deixar comprometer a sua estética, pelas exigências das suas instalações portuárias, enquanto que o Rio de Janeiro, atirou com os cais acostáveis para a parte feia da cidade, ficando porém com a sua gare marítima no topo da melhor e mais movimentada artéria da cidade, a Avenida Rio Branco, tirando dos olhos do passageiro, que chega, o aspecto desagradável dos guindastes e dos fardos de mercadorias.

GUERRA MAIO

Em amor, é melhor ter remorsos que pesares. — *Lamartine.*

*

Contra a estupidez, mesmo os deuses lutam em vão. — *Schiller.*

RIO DE JANEIRO. — RUA A. PORTO ALEGRE

CIDADES BRASILEIRAS

(Passatempo oferecido pelo sr. J. Cordilha — Distrito Federal — Brasil)

```
                  - E - - - - - - - -
                    S - - - - - - - -
                  - T - - - - - - -
            - - - - A - -  - - - - -
      - - -  - - D - - - -
            - - - - O -
              - - - D - -
                  - O - - -  - - - - - - - -
      - - - - - - R - -
            - - - I - - - -
                - - O  - - - - - -
- - - - - - - -  D -  - - -
- - - - - - - -  E  - - - - - - -
        - - -  J - - - ,  - -  - - - - -
                  - A - - -
            - - - N - -
              - - - E - - -
- - - - - - - - - I -
              - - R - -
            - - - O  - - - -
```

* Substituir os traços por letras, formando nomes de cidades do Estado do Rio de Janeiro.

Carros providos de radiotelefone

Têm-se vulgarizado últimamente, nos Estados Unidos, os automóveis e camiões equipados com rádio-telefone. Não se trata de um luxo ou simples curiosidade científica, mas de um dispositivo prático que permite ao motorista pôr-se ràpidamente, sem perda de tempo, em comunicação com a fábrica ou escritório, de que estejam dependentes os seus trabalhos ou negócios. Há já, naquele país, mais de 7.000 veículos nestas condições, os quais fazem uma média de 50.000 chamadas por semana.

Um pai e um filho, com 8 anos, este, andavam um dia de passeio, quando o petiz perguntou como era que a electricidade passava pelos fios de iluminação.

— Não sei, — disse o pai. — Nunca fui forte em questão de electricidade.

Daí a pouco, o pequeno perguntou o que era que produzia os relâmpagos e os trovões.

— Para te falar com franqueza, — disse o pai, — eu próprio nunca entendi isso muito bem.

— Diga-me, lá, pai, — tornou o rapaz daí a bocado, mas interrompeu-se: — Não é nada, não importa.

— Continua, — diz-lhe o pai, — pergunta, anda. Faze perguntas, não te arrependas. Como hás-de aprender, se não for assim?

❋

Numa sala.

— Queres apostar em como o maroto do visconde está ali contando àquele grupo de senhoras, alguma inconveniência?

— Porque dizes isso?

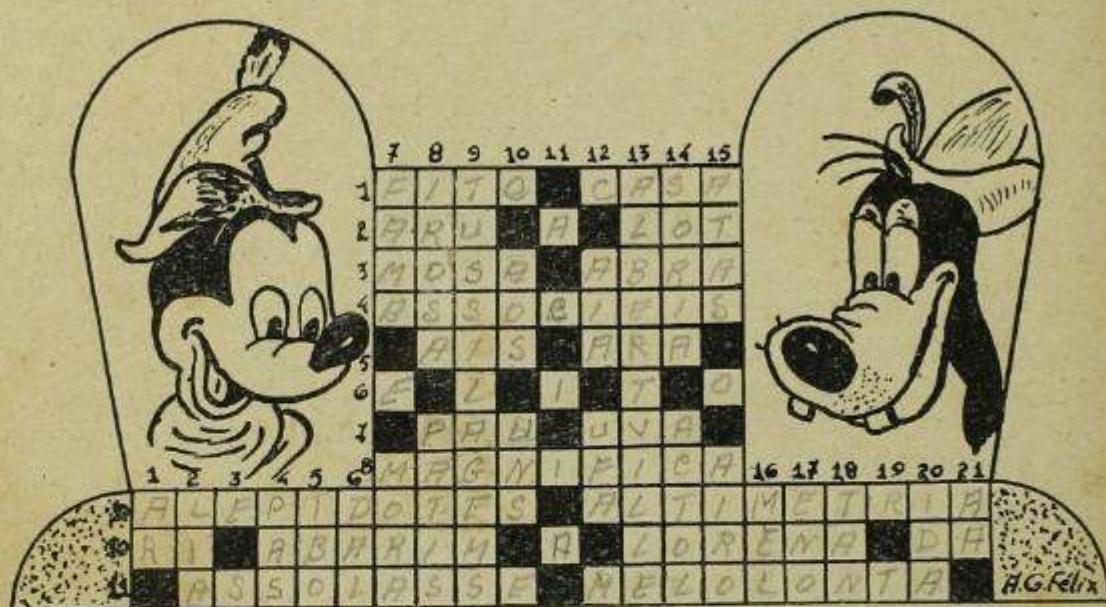
— Repara; elas não perdem palavra do que ele diz, e nem sequer lhe fazem a mais pequena interrupção...

❋

O médico: — Abriu ambas as janelas no seu quarto de cama, conforme eu recomendei?

O doente: — Não, sr. doutor. O quarto só tem uma janela, mas eu abria-a duas vezes.

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Armando Garcia Félix — Base Aérea n.º 2 — Ota — e dedicado a Maria Alice Garcia Félix)

HORIZONTAIS

1 — Pôsto a topo; bens. 2 — Arquipélago da Malásia holandesa; rio de França. 3 — Departamento de França; rompa. 4 — Escarneceis. 5 — Certos quadrúpedes; notável livro de versos de António Correia de Oliveira. 7 — Cidade de França; fruto. 8 — Oração que o povo reza quando troveja. 9 — Diz-se dos peixes que não têm escamas (pl.); hipsometria. 10 — Graceja; cordilheira do Anti-Líbano; província de França; destina. 11 — Talasse; besoiro.

VERTICAIS

1 — Indício. 2 — Filha mais velha de Labão. 3 — Vogal; consoante. 4 — Utensílios. 5 — Ilha do arquipélago de Querimba. 6 — Rio da África central. 7 — Homem famoso; vila portuguesa. 8 — Tempestuosa; planta oleaginosa do Brasil (pl.). 9 — Planta medicinal sinantéria (pl.). 10 — Vogal; contracção; artigo; vogal. 11 — 1.ª vogal; 2.ª consoante; 3.ª vogal; 3.ª vogal; 1.ª vogal. 12 — Consoante; cuvilheira; à larga; consoante. 13 — Cidade de França. 14 — Cidade de Espanha; lactato de prata. 15 — Estreitas; 4.ª vogal; ave aquática. 16 — Calda de açúcar. 17 — Prefixo. 18 — Consoante, vogal e consoante. 19 — Consoante; consoante. 20 — Nome de duas cadeias de montanhas, uma na Mysia e outra em Creta. 21 — Rio de França.

A Lili vai, com a mãe, visitar uma amiga desta e leva-lhe um ramo de rosas vermelhas.

— Oh! que lindas rosas! — exclama a dona da casa. — Obrigada, meu amor.

Lili, com a maior simplicidade:

— Eu queria trazer-lhe lilazes brancos, mas a mamã não quis. Disse que eram muito caros demais.

PILHA DE PALAVRAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Luís António Moreira Pereira de Mello — Lisboa).

1 — Flor.
2 — Entoa.
3 — Avisar.
4 — Nata.
5 — Fio de tripa.
6 — Metal.
7 — Árvore conífera.
8 — Buraco em madeira.
9 — Espécie de carvão.
10 — Encontra-se.
11 — Ilha do Mediterrâneo.
12 — Estreito.
13 — Espiolhar.
14 — Fixa.
15 — Pegar.

Na coluna central, formar-se-á o nome de um grande poeta português, já falecido. Na primeira, a letra inicial será sempre a mesma.

Noivos:

Ela: — É bem certo, ao menos, Armando, que me amas por mim só?

Ele: — É tão certo, minha querida, que assim que estejamos casados... fecharei inexoràvelmente a nossa porta a toda a tua família!

❋

A esposa: — Demorei-me hoje muito em casa da minha médica.

O marido: — E o que disse ela da tua doença?

A esposa: — Nada. Só falámos de modas.

❋

Um homem pode enganar uma mulher com um amor fingido, contanto que não sinta, por outra, um amor verdadeiro. — *La Bruyère.*

Hieróglifos comprimidos

(Oferecidos pela sr.ª D. Maria Otelinda Pinho Carneiro — Nova Lisboa — Angola)

Rosto 1000 u 5o O

DE
CABEÇA

O 6 100 I 0 S0

Romantismo moderno

O namorado poeta: — ...E pela estrada da vida, de mãos dadas, iremos caminhando, a passos vagarosos...

Ela (interrompendo-o): — Para quê, filho? Tu não tens automóvel?

A esposa: — Dize-me com toda a franqueza, meu querido, tens algum desejo especial agora, pela entrada do ano novo?

O marido: — O desejo mais especial que tenho, meu amor, é que tu não tenhas nenhum desejo especial.

GASPAR DIAS — ÍNDIA PORT. — AVENIDA GASPAR DIAS, QUE É FORMADA DE 200 COQUEIROS

(Foto Rui Antão)

Charadas combinadas

(Passatempo oferecido pelo sr. Leopoldino António Rui Antão, aluno do Liceu Nacional Afonso de Albuquerque — Goa — Índia Port. — aos goeses que se encontram por todo o Império Português).

I

1.ª — + mpa = face plana da espada.
2.ª — + lca = espécie de dança.
3.ª — + pido = veloz.

Rio de Goa

II

1.ª — + dido = humedecido.
2.ª — + taria = caçada.
3.ª — + xa = bailadeira japonesa.
4.ª — + sto = vestígio.

Planta de Goa

Passeiam dois portugueses nas ruas de Paris. Um deles, tirando da algibeira um lenço de cor, diz:

— O tempo está frio e eu sou atreito a incómodos de garganta. Portanto, o melhor é resguardar o pescoço com este *foulard*.

— Deixa-te de francesismos, homem! — replica o outro. — Isso a que chamas *foulard*, tem em bom português o nome de *cache-col*. Que necessidade temos nós de misturar palavras francesas com as portuguesas?

⁂

— Olhe, meu pai, eu gostava de ser especialista, mas não sei qual será melhor, se ser especialista dos ouvidos ou dos dentes.

— Acho melhor dos dentes. Cada pessoa tem 32 e orelhas tem só duas.

Principais divindades mitológicas

(Passatempo oferecido pelo sr. Agnelo G. Almeida — Santarém)

Nomes gregos:

Zeus
Athéne
Hermés
Hephaestos
Aphrodite
Apolo
Hera
Artemis
Hestia
Arés
Poseidon
Demeter

Damos aqui os seus nomes gregos. O leitor escreverá à frente de cada uma, o seu respectivo nome latino e, também, o do correspondente atributo que, vulgarmente, distingue a sua imagem.

— Foste ver a peça nova?
— Fui.
— Gostaste?
— Gostei muito do fim. Acabou com dois fogos de Bengala: um no palco, outro na plateia.

✻

Octávio: — E, ouve lá, ela é inteligente?
Gonçalo: — Tem miolos que chegam para dois.
Octávio: — Belo! É justamente a mulher que te convém.

Aproveitando a oportunidade

A mulher: — O que te queria esse amigo?
O marido: — Pedir-me um empréstimo de 500 escudos.
A mulher: — E deste-lhos?
O marido: — De forma alguma!
A mulher: — Fizeste muito bem. E agora o que me vais comprar com esses 500 escudos?

DONA PAULA — ÍNDIA PORT. — Edifício da M. P., situado no estuário do Zuari

DONA PAULA — ÍNDIA PORT. — Vista geral do Mirante e Bilheteira, situados no estuário do Zuari

(Fotos Rui Antão)

ROMANCE

Foste uma sombra que à tona de água,
[mansa
Passou... e, sorridente, em certo dia,
Seguiu com rumo ao Oásis da Esperança,
Nos domínios do Amor e da Harmonia.

Tinha de ser! Tu eras a criança
Que espelha nos seus olhos a alegria
Por voltar novamente àquela dança
Em cujo ritmo tanto encanto havia!...

O navio, da terra, se afastou —
Coisa vaga de mim se apoderou;
E eu tive a ilusão, nesse momento,

De ver cair, aos flocos, muita neve
E se formarem na neblina leve
Fundos sulcos — tal qual o pensamento...

SONETO PORTUGUÊS

A romaria fui, mas afinal
Não te encontrei na ermida, oh minha
[Amada!
Certamente ficaste estonteada
Com o cheiro das flores do Pinhal.

Flores do verde pinho!...
Deu sinal
A velida na plácida alvorada; —
Veio o dia, mas ela, enamorada,
Deixou-se entontecer pelo Pinhal!

Nem Tristão por Isolda, Amiga minha,
Nem D. Sancho p'la ardente Ribeirinha,
Nem D. Pedro p'la sua Dona Inês —

Nenhum deles amou com tanto ardor
Como eu te amo! Nem o próprio amor
Se ergueu tão alto como desta vez!...

ABD-EL-KADER

(De um vol. de sonetos, inédito, «Areias do Deserto»).

A ILHA OSCILANTE

No lago Ilfungen, na Livónia, há uma pequena ilha que, uma vez em cada ano, *joga às escondidas* durante um certo prazo. Cerca dos fins de Outubro ou princípios de Novembro, a ilha submerge-se, desaparecendo da superfície do lago.

Na Primavera, a ilha torna a aparecer e ali fica todo o Verão, de modo que os lavradores nela cultivam e cortam o feno.

Vendo Luís XII, de França, que Francisco, seu filho, com o pensamento de que depois lhe havia de suceder no reino, tinha pedido grande quantia de dinheiro emprestado e por esse motivo andava triste, contou-lhe a seguinte história:

— Fazendo eu uma jornada com meu pai em certa ocasião, me parecia estar perto da cidade para onde nos dirigíamos, e disse-lhe, vendo as grimpas dos templos dessa mesma cidade, que já a jornada estava acabada; porém, como lá não chegássemos senão daí a muito tempo, ao entrarmos nela, advertiu-me então meu pai: — Filho, daqui em diante, quando vires as grimpas dos templos, não imagines que já tens acabado a jornada.

❋

— Quando tenciona pagar-me a sua conta, sr. visconde?

— Homem, você fez-me agora lembrar um sobrinhito meu que tem cinco anos.

— Então, como é que eu, um alfaiate, me posso parecer com seu sobrinho?

— É que ele também me faz, às vezes, perguntas a que eu não sei o que hei-de responder.

Extraordinária afirmação de um autor literário

Pierre Loti, quando da cerimónia inicial da sua entrada como membro da Academia Francesa em 1892, dirigiu-se aos seus confrades da seguinte forma:

«*Je n'ai jamais rien lu. Par paresse d'esprit, par une frayeur inexpliquée des choses avant d'avoir commencé, je n'ai jamais rien lu*». (Nunca li nada. Por preguiça de espírito, por um receio inexplicável das coisas antes de ter principiado, nunca li nada).

Ao ser entrevistado por um representante da «*Revue des deux Mondes*», em 1900, reiterou esta afirmação e chamou-lhe «a única lenda verdadeira, de todas quantas andam ligadas à minha pessoa».

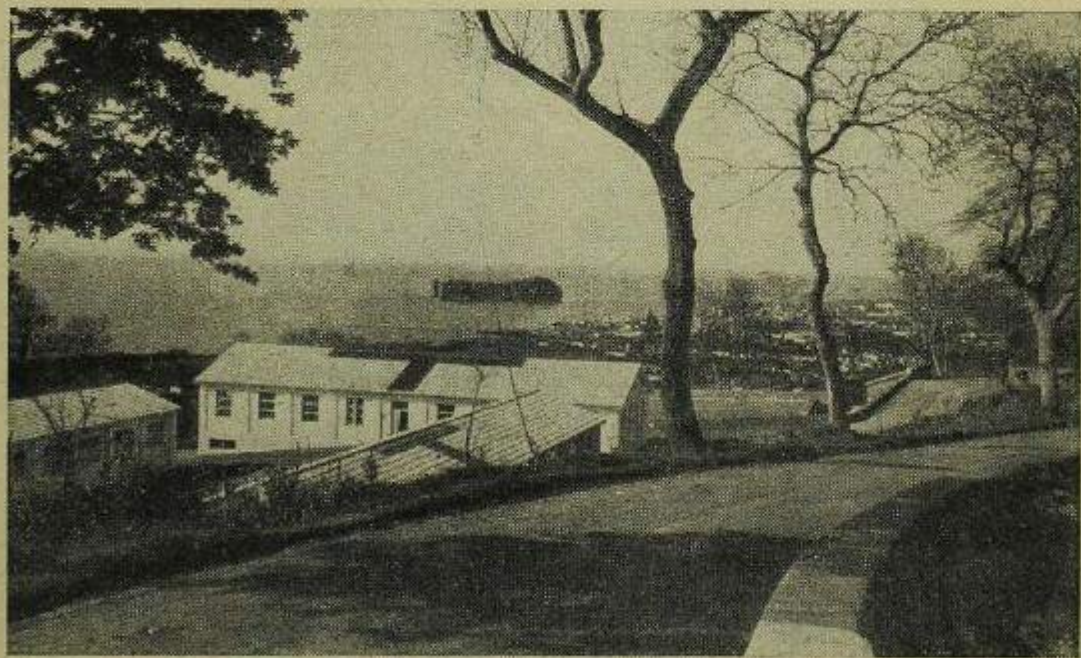
Bastam três homens reunidos para haver disputa. — *Máximo Gorki.*

Uma bela demonstração de apreço

Velasquez havia terminado o famoso quadro «Las Meninas», no qual tinha posto, entre outras, a sua própria figura. O rei Filipe IV, ao visitar o *atelier*, parou a contemplar o último trabalho do mestre. Velasquez esperava ansioso a opinião do soberano.

— Falta qualquer coisa neste quadro... — exclamou pensativamente o rei.

E, retirando do escrínio a Cruz de S. Jacques, condecorou a efígie do pintor.

Berlioz, o compositor francês cuja orquestra ideal se compunha de 242 instrumentos de corda, 30 pianos, 30 harpas e dezenas de instrumentos de sôpro e percussão, escreveu, uma vez, uma parte para uma bateria de artilharia numa das suas sinfonias.

S. MIGUEL, AÇORES. — VILA FRANCA DO CAMPO E O SEU ILHÉU, VENDO-SE O HOSPITAL MILITAR DE S. JOÃO. — *(Foto Dr. A. Baião, filho)*

Provérbios a adivinhar

(Passatempo oferecido pelo sr. Leopoldino António Rui Antão, aluno do Liceu Nacional Afonso de Albuquerque — Goa — Índia Port.).

1.º

O	S	É	A	A	D	N
1	3	1	1	2	1	4

2.º

P	O	B	O	N	H	M	F
2	1	1	3	1	1	1	4

3.º

O	H	N	F	O	M
1	3	1	1	1	2

Cada letra representa a inicial de uma palavra, e o número correspondente indica o número de sílabas dessa palavra.

LIVROS VENDIDOS POR ALTOS PREÇOS

Toda a gente sabe o que foi a vida de miséria de alguns dos maiores escritores cujos livros, se não passaram indiferentes aos críticos e ao público do seu tempo, raras vezes lhes proporcionaram compensações materiais com que iludir a fome. Balzac, por exemplo, já quando desfrutava de certo prestígio literário, muitas vezes ficou sem almoçar, contentando-se em desenhar na mesa de pinho em que escrevia, pratos com os manjares apetecidos.

Pois ainda relativamente há pouco tempo, em França, foi vendido em leilão, no hotel Drouod, um exemplar de *Le lys dans la Vallée*, pela fabulosa quantia de 16.200 francos. Na mesma ocasião, venderam-se, entre outros, os seguintes livros, pelos preços aqui indicados: *Volupté*, de Sainte-Beuve, 7.000 francos; *Les dieux ont soif*, de Anatole France, 6.400; *Leurs figures*, de Barrés, 4.300; e *Le démon du Midi*, de Paul Bourget, 4.200.

Quanto teria recebido qualquer dos autores destas obras, no tempo em que foram publicadas, e agora vendidas quase a peso de ouro?

AS CIDADES, OS RIOS E OS PAÍSES

(Passatempo oferecido por «Bridlenga» — S. Vicente — Cabo Verde)

1 — Cairo	— Chat-el-Arab	— Iraque
2 — Montevideu	— Garona	— Suíça
3 — Budapeste	— Mondego	— França
4 — Bordeus	— Ottawa	— Hungria
5 — Baçorá	— Danúbio	— Egipto
6 — Montreal	— Prata	— Portugal
7 — Coimbra	— Ródano	— Canadá
8 — Genebra	— Nilo	— Uruguai

Trata-se de pôr atrás dos rios e dos países os números correspondentes às respectivas cidades, porque está tudo absolutamente trocado.

Senhora benévola: — Então, o que deve um rapazinho delicado dizer a uma senhora que lhe deu um tostão para ele lhe levar os seus embrulhos?

O rapazinho: — Sou muito delicado demais para lho dizer, minha senhora.

AOS MADEIRENSES

(Passatempo oferecido pelo sr. J. Silva — S. Roque do Funchal — Ilha da Madeira).

```
               S - - - - - -
       - - - - E - -
         - - - N - - -
         - - - H - - -
     - - -   - O - - - - -
         - - - R - - - -

 - - - - - - - B - - - -
   - - - - - - O   - - - -
               M - - - - - -

         - - - J - - - -
     - - - - - E - - -
               S - - - - - - - - -
     - - -   - U - - - - -
 - - - - - - - S

     - - -   - D - -
       - - - - A   - - - -

               P - - - - - -
   - - - - -  -O - - -
           - - N - -
               T - - - - - - -
     - - - - - A - - - - - -

     - - - - - D -   - - - -
       - - - - E - - -
     - - - - - L - - - -
             - G - -   - -   - - - -
     - - - - - A - - - -
     - - - - - D -   - - - - -
           - - A - - -
```

Substituindo os traços por letras, encontrar-se-ão os nomes de vilas, aldeias, povoações e outras localidades da Ilha da Madeira.

A muita leitura, para certos cérebros fracos, é como a muita comida para estômagos débeis: em vez de servir de nutrição, embucha.

Charada combinada

(Passatempo oferecido pelo sr. Ruy Alberto de Frias e Gouveia — Coimbra).

1.ª — + ver = borbulhar.
2.ª — + ar = dormir (a criança).
3.ª — + cer = declinar.

4.ª — + er = ligar.
5.ª — + lar = sulcar.

Poeta português

Ele: — Você não quer saber? Um amigo meu, a semana passada, tanto bocejou que deslocou o queixo.

Ela: — Sobre que assunto é que você lhe estava falando?

JOGO DE PALAVRAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Rui Alberto de Frias e Gouveia — Coimbra).

1	Gala	rasa	11
2	olha	ala	12
3	va	lerdo	13
4	po	dei	14
5	velo	li	15
6	paga	linho	16
7	opa	ve	17
8	corro	ra	18
9	ganha	paio	19
10	ara	calo	20

Consiste o passatempo em intercalar uma palavra de uma coluna, noutra oposta, formando, assim, 5 aves e 5 animais

Há pessoas que são os chamados moínhos de palavras. E tão abundante é a produção, que as ideias nem chegam a distinguir-se entre a farinha verbosa. — *D. Alberto Bramão.*

Alguns apreciam os livros pelo volume, como se fossem escritos mais para o exercício dos braços que do espírito. — *Morales.*

Existe analogia entre a cultura das plantas e a educação das crianças; numa e noutra é a natureza que tem de fornecer a base. — *Demorsais.*

BARRAGEM DO CASTELO DO BODE. — A MASSA DE ÁGUA DO RIO ZÊZERE, REPRESADA, NA DATA DE 3 DE MAIO DE 1950.

(Foto Dr. A. Baião, filho)

SONHO DESFEITO

Foi fumo, foi visão toda a ventura
Que antevi num momento alucinado:
Tornei a ser o mesmo torturado
Que fôra, até sonhar com tal loucura.

Vi no meu sonho um mundo de ternura
Que todo me tomou para seu lado;
Manteve-me a visão extasiado
O tempo que dum beijo o som nos dura.

Foi-me bem cara a esperança vã
Alimentada, assim, tão febrilmente,
Num sonho arrebatado, um pesadelo..

Ao despertar de novo, p'la manhã,
Sentia-me sem forças e doente
De ter visto tal mundo e de perdê-lo!

MANUEL ANAYA
(Elmano do Sul)

(Do livro inédito «Reflexos»).

Não é com suspeitas que se fortalece a fidelidade da mulher. Uma injúria tal, longe de a prender, enfraquece-a, familiarizando-a com sentimentos cuja só ideia devia parecer-lhe um crime. Acreditar na sua inconstância, faz com que ela se acostume a encará-la como possível, a aproximar-se mais dela. Isso só pode contribuir para que a mulher acredite ser a fidelidade um mérito, quando sòmente devia ser um dever. — *Ninon de Lenclos.*

Aquilo que obtemos muito barato, pouco o estimamos. — *Thomas Paine.*

É coisa fácil enganar um homem de bem. — *Baltasar Gracian.*

O teu maior amigo pode vir a ser o teu maior inimigo: depende das circunstâncias. — *Prov. persa.*

O escritor e o criado

Indo Swift, afamado escritor inglês dos séculos XVII e XVIII, em jornada, a qual durou alguns dias, notou, uma manhã, que o criado lhe não limpara as botas. Fazendo essa observação ao criado, este respondeu-lhe: — Como a jornada continuava e, por isso, tornavam a sujar-se, julguei inútil limpá-las. O autor das «Viagens de Gulliver» deu-se por satisfeito com a resposta e foi dizer à cozinheira que lhe servisse o almoço, mas não desse de almoçar ao criado. Quando acabou de almoçar, disse ao criado que tirasse os cavalos. Este objectou-lhe que ainda não tinha almoçado.

Swift retorquiu-lhe: — Como o almoço não dispensa o jantar, é inútil almoçar.

O criado ficou amuado e foi tirar os cavalos.

Meteram-se ambos a caminho montados cada um em seu cavalo. Swift ia à frente, a ler num livro e o criado muito atrás dele.

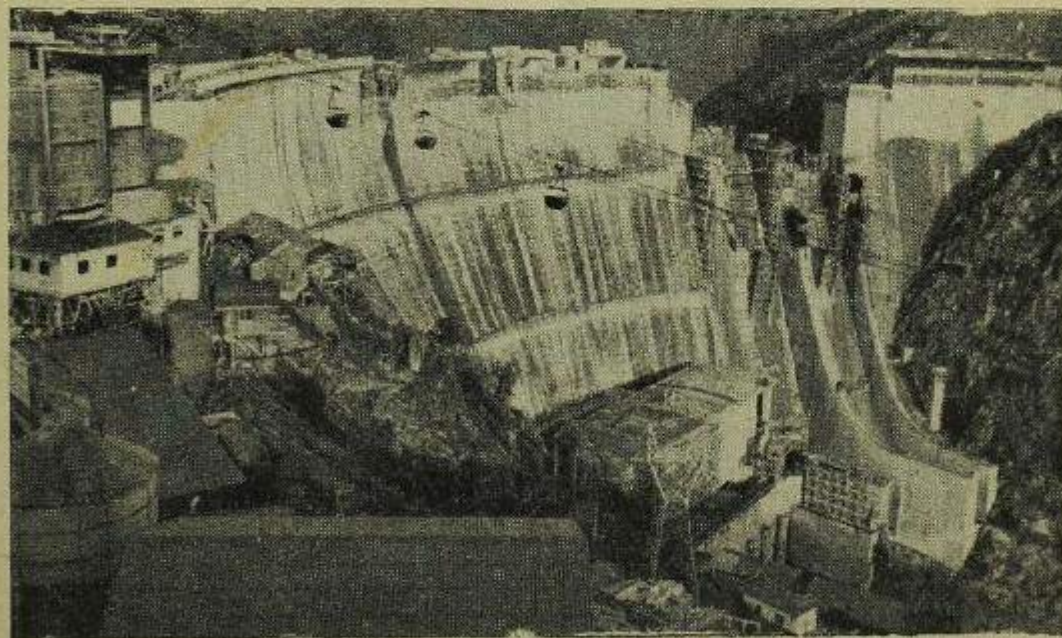
Um cavaleiro, que vinha em sentido contrário, cumprimentou Swift e não fez pergunta alguma; mas, ao passar pelo criado, perguntou-lhe: — Quem é aquele?

— É meu amo.

— Isso sei eu; mas quem é ele e para onde ides?

— É o sr. Swift, e vamos para o céu, porque ele, como o sr. vê, vai a rezar, e eu vou a jejuar!

Não é muito difícil atacar as opiniões alheias, porém sim, sustentar as próprias, porque a raça humana é tão fraca para edificar como formidável ariete para destruir. — *Jaime Balmes.*

Quanto mais sóbrio se é da palavra, menos tolices se dizem. — *De la Bouisse.*

BARRAGEM HIDRO-ELECTRICA DO CASTELO DO BODE (CONCELHO DE TOMAR). — ESTADO DA CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM, NO DIA 3 DE MAIO DE 1950.

(Foto Dr. A. Baião, filho)

SALTO DE CAVALO

(Passatempo oferecido pela sr.ª D. Maria Palmira Meneses — Horta — Faial — Açores)

× Não	e	u	s	f	d	s	o
d	h	t	s	t	t	o	e
d	c	o	× × s.	r	a	c	e
o	a	i	a	i	m	o	r
u	e	n	a	o	m	r	o
e	r	v	d	i	r	t	o
i	s	e	t	e	m	p	o
o	s	a	a	s	s	s	o,

Percorrendo a salto de cavalo todas as casas do tabuleiro, partindo da que está marcada com um × e terminando na marcada com dois × ×, compor-se-á um pensamento muito conhecido, do grande filósofo grego Thales de Mileto.

John Sinclair, de Halkirk, Caithness-shire (Escócia) foi casado três vezes e de cada esposa teve dez filhos. Morreu em 1890.

O afamado anão Leach (1789-1818), tinha uns braços tão compridos que podia tocar com as mãos no chão, conservando-se direito, em pé.

DUELO DE MORTE

Na serra do Gerês

(Conto)

Eu e o meu parceiro de alpinismo dávamos os últimos retoques ao quadro evocativo do pôr do Sol na montanha. Estávamos na *Chã de Leonte*, a meio do desfiladeiro-mor do Gerês. Fixávamos a fisionomia e a expressão das cumieiras mais alterosas a despedirem-se do Sol. Tristes. Amarguradas. As faces sulcadas de lágrimas de sangue. Sob o manto da tarde dolorida de Setembro, manto dum cetim roxo-pérola, do uso privado dos crepúsculos geresianos, as cumieiras eram enormes Pietás, o Filho moribundo no regaço.

— Repara — observava eu, incorrigível visionário. — No pôr do Sol perpassa a angústia de responso fúnebre. O Sol desmaia, esfria, gela, morre. É um círio desfalecido na penumbra da câmara ardente. Ao contrário: o romper da manhã é um vulcão de luz. As arestas da serra, a nascente, são bocas lindas, rasgadas de riso — lábios vermelhos, dentes alvos a explodirem alegria.

Senhoras da Soledade, as cumieiras, ao morrer do dia, soluçam, baixinho. Erguem-se nos bicos dos pés. Ascendem nos horizontes — como que a fugirem da noite, que trepa dos profundos abismos.

Nisto, de repente, um golpe seco estilhaça o augusto silêncio dos pendores. Afigura-se-nos o estalido dum machado em tronco de carvalho. Os recôncavos desdobram-no nos ecos do costume.

— O que é? — indago, num estremecimento.

Olho à esquerda. Olhamos em frente. Não precisamos olhar à direita. Porque, logo, um segundo estalido, mais denso do que o primeiro, nos leva os olhos à presença de espectáculo que tudo nos explica. E daí, o assistirmos, testemunhas oculares, ao duelo de morte de dois hércules da montanha: — dois bodes corpulentos, à certa chefes das duas numerosas famílias que, a vinte passos deles, se tanto, descuidadamente saboreavam os acepipes da ceia, na mesa posta pelo Senhor.

Sinto ainda o arrepio que me sacudio os nervos e o coração ao surpreender o espectáculo imprevisto:— os contendores a baterem-se em campo aberto, corpo a corpo, cara a cara, obstinados como vagas, calmos como penhascos, hirtos como escarpas, taciturnos como sombras.

— Tem de ser. Não há espectáculo sem teatro. Recordemos o teatro deste espectáculo. A linha e a cor da *Chã*

de Leonte. Do paraíso alpestre da *Chã de Leonte*. Paraíso verde, entalado na garganta da serrania. Conjugação de vários *currais*, exuberantes de pastagens, com árvores por marcos divisórios. O traço do rio Gerês divide-a ao meio e desaparece na goela da cascata próxima — no Verão, um pipilar de ninho; no Inverno, um coro de *Miserere*. E na estação dos calores, Maio a Setembro, o planalto torna-se, há milénios, estância de repouso e engorda dos gados comunais das povoações sufragâneas — gados a cargo dos *Vezeiros*, pastores que dão a sua vez ao pastoreio, por tantos dias na estação, quantas as cabeças que trazem no pasto. Oh, lá se enxergam, através das frondes, no remanço das pastagens. Manadas de vacas. Rebanhos de ovelhas. Rebanhos de cabras. Tudo, animais e vegetais, fundido no mesmo halo de inocência paradisíaca. Então, as florestas de carvalhos e teixos que das bordas dos *currais* sobem aos alcantis, apresentam-se-nos na candura da virgindade — sem ofensa do homem, do lobo, do javali, do corço que lhes frequentam as delícias, a águia real, nas alturas, Anjo Gabriel, de sentinela ao pecado. Tudo nestes sítios exala frescores de inocência. É tanto que a própria serpente, a *Hera de Leonté*, serpente com o bojo de palmo e meio de diâmetro, lânguidamente enroscada a carvalho gigantesco, engordou assim, a dormir por não ter que fazer — por não haver por ali apetites de fruto proibido.

Quem sabe, se foi porisso que a mataram! Por inútil! É verdade! Mataram a *Hera de Leonte*, tipo único na flora de meio mundo! Mataram-na, o machado e o vandalismo de insignes magarefes oficiais!

— Perdão! O que disse do fruto proibido não acerta com os factos. O apetite insidioso verifica-se pelo duelo de que somos testemunhas.

Não o duvideis. O feito tem por *casus belli*, eu jurava-o sob o fogo, uma das beldades das famílias já assinaladas no lugar — num dos taboleiros de herva do lado de lá do rio.

Basta ver, para o jurar sem receio, o ódio ferocíssimo que preside à luta titânica — ódio só possível no coração dos que se batem por metade ou toda a sua vida!

É vê-los. Os bodes mais chibantes da comarca — cabeçorras sólidas; espáduas vigorosas; samarras a arrastarem no chão; peras de faunos, a arremeterem nos mentos; armas de bronze, a desafiarem os céus. Hércules negros, recuam, avançam, marram um contra o outro, no sinistro afinco de quem não pode viver sem matar.

Firmes no solo pedregoso, medem-se a fito, olhos com olhos. Acenam-se de cabeça, como quem diz: — vais saber do que sou capaz! Acenam-se. Como se obedecessem a voz que ninguém ouve senão eles, recuam, cinco, seis covados. De súbito, como impelidos pela mesma voz, disparam um sobre o outro — no embate cavernoso, dois tiros num só, de troncos que se chocassem no ar.

Estremecem ao choque da marrada. Tornam a firmar-se nos pés. Tornam a recuar. Tornam a avançar — os golpes crescendo, em vez de afrouxarem, à medida que o ódio lhes cresce no peito.

Não. Nem do drama cruento se apercebem as descuidosas odaliscas — irmanadas todas na cega e surda indiferença pelo trágico sacrifício, todas a tasquinharem os mimos da ceia, as peras familiares a dizerem que sim, na barbela, — sim senhor! manjar divino! — a cada novo mimo abocanhado. E no entretanto — podemos

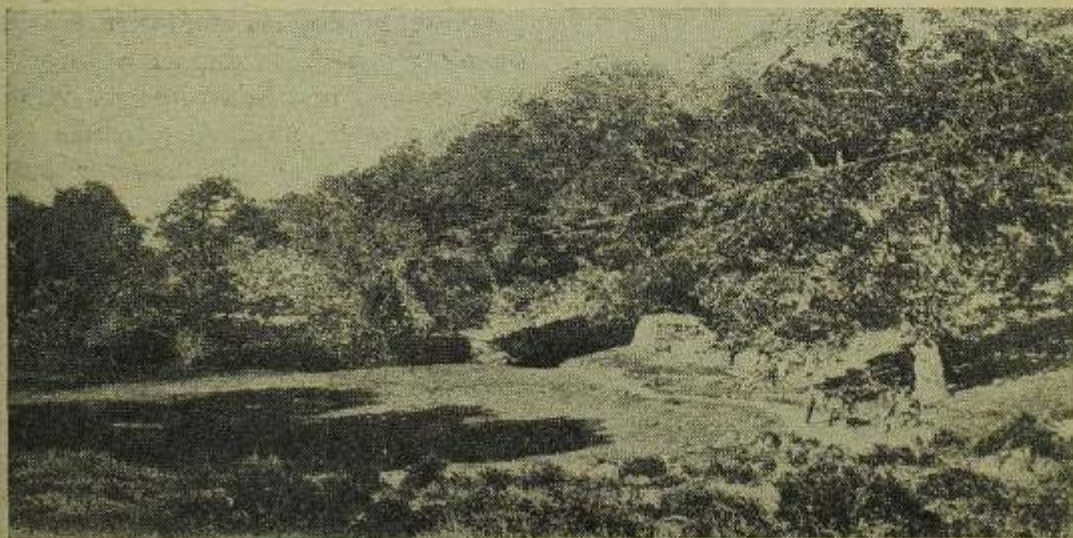
jurá-lo, afoitamente — o duelo de morte tem por pomo de discórdia uma, duas, talvez todas as odaliscas que animam a perspectiva.

O sultão dum dos haréns abeirou-se demasiado da corte galante do outro sultão. Não se limitou, porém, a abeirar-se da zona demarcada pela prudência. Adiantou-se mais. E ver e amar a odalisca do serralho vizinho, foi obra dum momento. Que demónio! O coração inflamou-se-lhe de ardorosos anseios à descoberta de certo e terno palminho de cara, muito mais belo, é da regra, do que o da mais bela favorita. Barbichas cetíneas, nunca experimentadas ou sonhadas. Anca delicada que nem a da corça mais subtil. Olhos, um feitiço de leite e mel. Agulhas, duas luas novas, novinhas em folha. Casaco de peles, de pôr água na boca a qualquer gran-duquesa. E além de tudo, aquele sapatinho de Cendrillon, que parece beijar o chão, com a ponta, antes de o pisar...

Ah, sim? O dono da beldade surpreende o aleivoso no derriço. Logo o cartel de desafio. Logo o duelo de morte, sem apelação ou agravo!

Do que ninguém duvida, é de que aquilo tem de acabar mal. Até a ânsia de acabarem depressa o manifesta. Passam a subir, às arrecuas, a planos inclinados nas bordas do campo de combate — neste transe, ao caírem um sobre o outro, procedendo com tal violência, que se desiquilibram nas pernas e afocinham na liça.

Mais depressa! É preciso decidir mais depressa! Neste desígnio, como se todas as condições do duelo estivessem de antemão outorgadas e assinadas, cada um deles salta para rochedo próximo — rochedos fronteiros, separados por palmos de distância. Do topo das plataformas, esculturas em pedestais, como se continuassem a bater-se no chão, olham-se a direito, acenam-se iracundos — sem palavra acessível ao nosso ouvido profano. Depois, de repente, zás! precipitam-se no vácuo, pescoços distendidos, cabeças retesadas. E o estampido das marradas atinge sonoridade que faz chorar, parece que chora, choro flébil e dolorido, a cascata de Leonte, a umas varas da cena.

Ambos tombam desamparados. Ambos se quedam, aturdidos — cabeças inertes sem abrir ou fechar de olhos.

GEREZ. — CHÃ DE LEONTE

Soerguem as cabeças. Resfolegam, atordoados. Olham-se, surpresos. Ao verem-se lado a lado, o ciúme acende-lhes outra vez o ódio nas pupilas, os músculos obedientes ao furor renascido. Erguem-se de repelão. Voltam a alcandorar-se nos rochedos. Em menos duma praga, tornam a precipitar-se no espaço.

Desta vez tombam a par, no mesmo desamparo — um, o da esquerda, — o ofensor? o ofendido? o mais fraco! — para não se levantar mais, fulminado de raio; o outro, o da direita, a erguer-se, minutos transcorridos, mas a cambalear, mas a arrastar-se para as odaliscas, sem alentos para colher no pomar da bem amada... o fruto da vitória.

Os picos do *Pé de Cabril* e da *Barrageira*, morrões de círios esbrazeados, apagam-se no lusco-fusco da câmara mortuária. Vem de longe o clamor dum *vezeiro*, talvez do *Curral da Raiz*. A voz arrasta-se, dilui-se em ecos esmorecentes, soluça na penumbra dos alcantis. Soa a pranto, em noite de finados...

Porto. Conventinho de Contumil.

SOUSA COSTA

O célebre pianista russo Sérgio Rachmaninoff, quando tinha apenas sete anos, deu um concerto em casa dum russo nobre, e apesar da sua pouca idade, não hesitou em executar a *Sonata a Kreutser*, de Beethoven. Neste trecho, há, como se sabe, grandes pausas e silêncios. A dona da casa, num destes silêncios, segredou ao artista: — Meu pequenino, porque não tocas antes uma música que saibas de cor?...

❋

Um remédio eficaz para o sonambulismo é a insónia.

Passatempo filatélico

(Passatempo oferecido pelo sr. Fernando de Fontes — Ermezinde)

Este passatempo é dedicado aos leitores do «Almanaque Bertrand» que sejam filatelistas e consiste em dizer a que países pertencem os selos que têm as seguintes gravuras características:

1 — São João Bosco.
2 — Pescadores puxando pelas redes.
3 — General George Patton.
4 — Ricardo Wagner.
5 — Ermida de Nossa Senhora da Nazaré.
6 — Hospital S. João de Deus.
7 — Canguru.
8 — Catarata Vitória.
9 — Mausoleu do Marechal Lyautey.
10 — O Marechal Toríbio de Luzuriaga.

Um poeta de má morte levou a Piron um enorme caderno de versos de sua lavra, e pediu-lhe que marcasse com uma cruz os pontos onde julgasse necessária qualquer emenda ou alteração. Dias depois o autor da *Metromanie* restituiu o manuscrito ao poeta, o qual, notando que nas suas páginas se não via qualquer sinal, exclamou com viva satisfação:

— Oh! nem uma única cruz!

— Tomei o partido de não traçar cruz alguma, para não fazer da sua obra um cemitério — respondeu tranquilamente o famoso Piron.

A vida de um velho parece-se com a chama de uma vela, numa corrente de ar. — *Prov. japonês.*

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. César Galvão de Melo Rosado — Brigada da C.C.F. de Tete — Ramal do Moatize — Af. Or. Port.)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2					■	■	■				
3						■					
4						■					
5		■				■				■	
6		■	■	■	■	•	■	■	■	■	
7		■				■				■	
8						■					
9						■					
10					■	■	■				
11											

HORIZONTAIS

1—Que tem pele mole. 2—Ajusta; normas. 3 — Meninos; labutam. 4 — Favorecei; terreno susceptível de cultura entre monte e várzea. 5 — Pron. pess.; batráquios. 7 — Bigorna de ourives; espécie de jogo. 8 — Um dos pontos cardiais; saliva. 9 — Repercutir; queimam. 10—Trovejar; seguimento de causas. 11 — Enfraquecermos.

VERTICAIS

1—Mandarim de categoria inferior. 2 — Despacho; vazios. 3 — Professor de escola superior; ribombam. 4 — Plantio de amieiros; unira. 5 — Fecha (as asas) para descer mais depressa; compreender. 7 — Casa; planta oxalídea. 8 — Suprima; costurar. 9 — Armadilhas; desta maneira. 10 — Os gatos..; ave palmípede doméstica. 11 — Calcaremos.

Números ao mesmo tempo triangulares e pentagonais

(Curiosidade oferecida pelo sr. J. Cordilha — Distrito Federal — Brasil).

Seja dada a diferença entre 3 e sua raiz quadrada, isto é, $3 - \sqrt{3}$.

Tal expressão, desenvolvida em fracção contínua, nos dá

$$1 + \frac{1}{3} + \frac{1}{1} + \frac{1}{2} + \frac{1}{1} + \frac{1}{2} + \ldots$$

Se formarmos as reduzidas e as agruparmos, alternadamente, a contar de $\frac{1}{1}$, teremos:

$$\frac{1}{1}, \frac{5}{4}, \frac{19}{15}, \frac{71}{56}, \frac{265}{209}, \frac{989}{780}, \frac{3091}{2911}, \text{etc.}$$

Se multiplicarmos os termos de cada uma das fracções acima, teremos:

1, 20, 285, 3976, 55385, 771420, 10744501, etc., respectivamente. Tais números representam os lados dos triangulares ao mesmo tempo pentagonais (de lados números positivos).

*

«Interessantes propriedades de inteiros:

543587 × 204424 = 111122228888;
8824706 × 37774 = 333344444444;
3922157 × 56661 = 222233337777;
1539717 × 21649 = 333333333333;
6861393 × 97162 = 666666666666;
11435655 × 48581 = 555555555555.
1057409 × 89 = 863389 × 109 = 94109401

(ao mesmo tempo quadrados perfeitos e pentagonais de lados n.os positivos).

837477719 × 1079 = 1025696321 × 881 = = 903638458801.

Os quadrados de 7968223, 81078637 e outros encerram o grupo 777777.

Os quadrados de 19189531, 38945173, etc., encerram o grupo 999999».

Resolução definitiva ...por intermitências

— Nada mais fácil que deixarmos definitivamente de fumar... já o tenho feito centenas de vezes!

(«Tit-Bits»).

Malquistaram com D. João III, de tal sorte, a Nuno da Cunha, governador da Índia, que mandou o rei um cruzador para o trazer metido em ferros.

Pretendia seu pai, Tristão da Cunha mitigar a indignação de el-rei; e vendo que este lhe referia várias culpas de seu filho, que se contavam nas conversações, lhe respondeu: — Senhor, se V. Alteza, sendo príncipe tão católico e tão justo, fosse disfarçado, uma noite, ao Cais da Pedra, ouviria dizer de si tais coisas, que desejaria fugir e não ser rei de Portugal. Veja V. Alteza o que dirão de meu filho!

ENIGMA FIGURADO

(Passatempo oferecido pelo sr. José Luís Chora — Lisboa)

A necessidade ensina-nos a pedir; o trabalho ensina-nos a vencer a necessidade. — *Provérbio russo.*

Provérbios a adivinhar

(Passatempo oferecido pelo sr. Francisco Timóteo Rebelo — Lisboa)

1.º

Q	N	S	F	N	S	C
1	1	2	2	1	2	2

2.º

Q	N	F	S	P	V	A	B
1	1	1	5	2	2	3	5

3.º

Q	N	S	N	A	P	A	S	V
1	1	2	1	3	1	2	1	2

Cada letra representa a inicial de uma palavra e o número correspondente indica o número de sílabas dessa palavra.

Charadas combinadas

(Passatempo oferecido por Talita Paixão — Almada)

I

1.ª —+poleão = imperador francês.
2.ª —+lamo = leito nupcial.
3.ª —+mão = fruto.
4.ª —+mur = rio da Ásia.

Nome de mulher

II

1.ª —+gana = mulher jovial.
2.ª —+no = vala para drainagem.
3.ª —+lejar = travar luta.
4.ª —+sario = conjunto de contas enfiadas.
5.ª —+vor = trabalho manual.

Molusco acéfalo

III

1.ª —+távia = cidade na ilha de Java.
2.ª —+lontra = velhaco.
3.ª —+io = basbaque.
4.ª —+lo = rio do Egipto.
5.ª —+çor = ave de rapina.

Capital da antiga Caldéa

Um professor primário está dando uma lição de aritmética.

— Não se podem adiccionar senão coisas da mesma natureza. Por isso, não se pode adiccionar um carneiro e uma vaca; tal adicção não daria em resultado nem dois carneiros nem duas vacas.

— Mas, sr. professor, — interrompeu um petiz *(cujo pai era leiteiro)*, lá em nossa casa adicciona-se um litro de leite e um litro de água, e, no entanto, faz dois litros de leite.

LUZ E CÉU

(Uma anecdota de Clèmenceau, contada por Barrès)

O laico Clemenceau — conta Barrés nos seus «Cadernos» — foi visitar o padre Tregard, superior do externato de S. Luís Gonzaga, para lhe pedir que mandasse deitar abaixo uma árvore que tirava a luz ao seu gabinete de trabalho. O sacerdote fez-lhe a vontade e Clemenceau voltou novamente a visitá-lo:

— Obrigado, padre — disse-lhe ele; — V. Reverendíssima deu-me a luz.

— O que eu desejaria, sobretudo — respondeu o padre, — era ter-lhe feito ver o céu.

Daí por diante estabeleceu-se entre ambos uma sólida e duradoura amizade.

É do coração que deve sair a esmola. Se estenderes a mão, mas fechares o coração, nada fizeste. Mas se abrires o coração, ainda que nada tenhas a estender a outrem, Deus aceita a tua esmola. Não é da sacola que se tira o amor. — *S.to Agostinho.*

As saudades, nos velhos, são como as nuvens da tarde, ainda douradas pelo sol poente.

❋

Há quedas que servem de ponto de partida para subir mais alto. — *Shakespeare.*

❋

Há amizades espirituais, amizades sentimentais, amizades interessadas. Mas a amizade pròpriamente dita, é outra coisa, todo o adjectivo a diminui — *Max Daireaux.*

Os sentimentos nobres são como os raios do Sol; se não aquecem, pelo menos douram a paisagem. — *Guerra Maio.*

❋

A lágrima, expressão de humildade, tem conseguido no mundo uma infinidade de triunfos. — *D. Alberto Bramão.*

❋

É muito mais fácil dizer aos outros o que se há-de fazer, do que tratarmos de o fazer nós próprios.

❋

É um bem para a maioria das pessoas que nem tudo quanto pedem a Deus lhes seja concedido.

PAISAGENS DA MADEIRA

A VISTA DA PORTELA

Portela — patamar que Deus abriu
sobre a vista mais linda da Madeira:
— da serrania à povoação fagueira
rente ao mar enigmático e sombrio.

— Céus, como é bela! Quem jamais sentiu
o encanto da paisagem feiticeira!
— A alma se debruça prazenteira,
— o corpo, alheio à chuva, ao vento e ao frio.

Sob a esgarçada gase da neblina
surge a visão do quadro majestoso
que deslumbra, que empolga e que fascina.

— Ao fundo, a Penha d'Águia, a dominar,
ergue imponente o vulto enorme e airoso,
como a deter a vastidão do Mar.

(Inédito) TEODORO CORREIA

PÁGINAS DE UM DIÁRIO DE RECORDAÇÕES

Um dia, no Funchal, subi a um dos pontos mais altos da cidade. Era num desses dias em que os raios solares a custo se infiltravam através da neblina que parecia um véu lançado por Deus entre o Astro e a Terra. E os meus olhos ficaram enfeitiçados pela suave poesia do panorama — poesia encantadora da verdejante Ilha da Madeira!

E ao contemplar todo aquele conjunto maravilhoso que a Natureza nos oferece, expontâneamente, os meus lábios traduziram o cântico da minha alma: «Como isto é sublime! No Mundo não deve existir beleza tão surpreendente que se lhe compare!»

Depois disto, outras terras mais distantes eu vi, e em muitas das quais encontrei paisagens dignas da tela de um artista. Porém, nenhuma outra beleza produziu na minha alma impressão mais viva como o maravilhoso cenário da Ilha da Madeira.

Mas regresso a Portugal. E aqui, tão perto da cidade que foi o meu primeiro berço, volto a contemplar dos píncaros duma serra, um panorama que me deslumbra e que, pela sua analogia, faz reviver em mim a lembrança da Ilha de Sonho que um dia me enfeitiçou...

Refiro-me à Serra da Arrábida. Situada entre o Espichel e Setúbal, a sua altura média de 200 metros é insignificante em relação às do resto do País; mas, no entanto, pode considerar-se entre todas uma das mais atraentes, onde a Natureza nos oferece um espectáculo que impressiona e nos domina. As suas vertentes não se cobrem de neve no Inverno, nem

ILHA DA MADEIRA — SANTANA. — Caminho para as Queimadas.

(Foto Figueiras)

são um labirinto de flores na Primavera. Contudo, tem recantos duma braveza e primitivismo invulgares, que nos recordam florestas virgens do sertão africano. E nos sítios onde a vegetação frondosa desaparece, brotam do solo, por entre as rochas e o mato rasteiro, grandes maciços de rosmaninho e alecrim, em que a península de Setúbal é tão fértil.

Serra admirável para os que buscam o sossego e que, pela sua orogenia nos leva a considerá-la como uma das mais apreciáveis para o campismo.

Preferida por tantos poetas e artistas, inspirou a Alexandre Herculano uma das suas melhores poesias.

Não irei aqui falar na arqueologia e topografia da Arrábida. Mas não quero deixar de dizer que o seu nome, segundo diversas opiniões, deriva da palavra *Arrabita* ou *Rabita*, com que os árabes a cognominaram e que tem a mesma significação de *Rebate* (ermitério, convento, lugar de retiro espiritual). Eu penso que, realmente, este devia ser o seu nome primitivo, pois nenhum mais se adequa tão bem à soledade do local.

Portinho da Arrábida

Quando entramos no seu Convento que, outrora, foi o paraíso terrestre de monges franciscanos, penetra-nos no coração uma doçura imensa, uma paz de alma e quase que nos julgamos separados do resto do Mundo.

Quando subimos ao Cruzeiro, perto da cela onde Frei Agostinho da Cruz passou o resto dos seus dias em profunda meditação, sentimo-nos subjugados pela majestade imponente de tudo o que nos rodeia: o mar, a praia, a serra, o céu azul!

O mar, com os seus tons entre o azul carregado lá ao longe e o verde claro, como esmeraldas de pureza incomparável, junto ao litoral, confunde-se com o céu! E ao desviarmos os olhos para o Norte, distinguimos, à distância, a cidade de Lisboa e mais perto de nós Setúbal com a sua baía encantadora, formada pela península de Tróia com as suas areias muito brancas onde as ondas do Atlântico deixam uma espuma que nunca finda. Entre as duas cidades que avistamos, destacam-se campos de tons variados em que o verde dos laranjais predomina. Disseminadas aqui e ali, dezenas de alvíssimas casas e, no cume de um monte, um castelo!

Conjunto sublime que faz lembrar um presépio. Quem poderá ficar insensível ante a maravilhosa tela que a Natureza desenrola aos nossos olhos, num misto de luz e cor?!

Depois, a serra, com os seus arvoredos que se estendem a perder de vista; com o seu Convento muito branco, sobressaindo por entre o verde da vegetação que o circunda e que lhe serve de adorno, é profundamente edénica.

SETÚBAL. — Vista do Castelo de S. Filipe.

(Cliché de E. Portugal)

Mas quando a noite desce, noite sem lua, tudo são sombras e a serra linda perde-se no isolamento. As nossas vozes apagam-se mais no silêncio... são como um murmúrio que a aragem arrasta e que se perde na sombra, confundindo-se com o mar e a distância...

Porém, nas noites de luar, a serra enche-se de claridade, adquirindo uma expressão estranha de coisa irreal. Lembra paisagem reflectida no fundo de lagos do País dos Sonhos que a nossa mente idealiza.

Setúbal, 23-1-950.

Maria Odília de Campos Anacleto

SIMPATIA

Simpatia — é o sentimento
Que nasce num só momento,
Sincero, no coração;
São dois olhares acesos,
Bem juntos, unidos, presos
Numa mágica atracção.

Simpatia — são dois galhos
Banhados de bons orvalhos
Nas mangueiras do jardim;
Bem longe, às vezes, nascidos,
Mas que se juntam crescidos
E que se abraçam por fim.

São duas almas bem gémeas
Que riem no mesmo riso,
Que choram nos mesmos ais;
São vozes de dois amantes,
Duas liras semelhantes
Ou dois poemas iguais.

Simpatia — um anjinho,
É o canto do passarinho,
É o doce aroma da flor;
São nuvens dum céu de Agosto
É o que me inspira teu rosto...
— Simpatia — é — quase amor!

Casimiro de Abreu

(bras.)

PALAVRAS CRUZADAS E ENCADEADAS

(Passatempo oferecido por Talita Paixão — Almada)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	A	L	M	A	N	A	Q	U	E	M	A
2	L	E	I	T	O	R	U	M	I	A	R
3	M	I	N	E	R	V	A	I	R	A	N
4	A	T	A	N	A	O	R	D	O	R	A
5	D	O	N	A	T	A	T	O	M	A	S
6	A	N	I	S	A	R	A	R	A	T	A
7	B	E	R	T	R	A	N	D	R	E	I
8	A	L	A	R	I	D	O	I	R	M	A
9	L	A	M	O	S	O	E	R	A	E	R
10	O	R	A	L	C	A	L	I	S	R	A
11	S	A	L	O	A	R	D	S	A	A	L

HORIZONTAIS

1 — Calendário com passatempos (9). Nome de mulher (3). 2 — Pessoa que lê (6). Bebida alcoólica (3). Dar mios (4). 3 — Deusa da sabedoria (7). Segue (3). Nome de um vasto planalto na Ásia (4). 4 — Prende (3). Homem muito pequeno (4). Espécie de calendário eclesiástico (4). Sorgo ou milho da Índia (4). 5 — Senhora de alguma coisa (4). Matéria gorda do leite (4). Um dos cinco sentidos (4). Nome de homem (5). 6 — Planta umbelífera e aromática (4). Rio da Alemanha que nasce no Tirol (4). Pássaro falante do Brasil (5). Animal roedor (4). 7 — Nome do Almanaque mais lido em todo o Portugal (8). Nome de homem (5). Soberano (3). 8 — Fila (3). Seco (5). Acto ou efeito de doer (3). Parente (4). 9 — O mesmo que lamacento (6). Freg. do Conc. de Vinhais (5). Vassoirar o forno (4). 10 — Relativo à boca (4). Suspensório (4). Copo fino com pé (5). Abreviatura de Senhora (3). 11 — Graça (3). Peta (3). Anéis (4). Flor (4). Casca de árvore com que se aromatiza o vinho (3).

VERTICAIS

1 — Vila Portuguesa (6). Efeito de abalar (5). Ilhas da Guiné Francesa (3). 2 — Cama (5). Barril muito grande (5). Prender com elos (4). Altar (3). 3 — Lugar subterrâneo donde se extraem metais, etc. (4). Cair em inanição (6). Caminho secundário de estrada ou caminho de ferro (5). 4 — Capital de um país europeu (7). Fita estreita (6). Cilindro mais ou menos comprido (4). 5 — Engenho de tirar água (4). Acto de prender (4). Bravia (6). 6 — Envenenar com ervas (6). Instrumento de lavoura (5). Dar em dote (4). 7 — Medida de 27 litros para secos (6). Período de tempo (3). Nome de homem (4). Pequena argola (3). 8 — Molhado (5). Sensação penosa (3). Deriv. urdir (5). Espécie de lírio (4). 9 — Enguia (4). Capital de um país europeu (4). Porca pequena (5). Medida antiga de sólidos (4). 10 — Ruim (2). Rio da Suíça (3). Batráquio (2). Preposição (3). Recear (5). Época (3). 11 — Freg. do Conc. de Sernancelhe (5). Membro de ave (3). Peça de vestuário feminino (4). Fluido (2). Grande lago salgado da Ásia (4).

OBRAS DE CAMILO

(Passatempo oferecido pelo sr. Inácio Nunes Leonço—Portel)

```
  - ----C---
- ------A--
       -M----- -----
     - --I-- -- ------
  - -----L---
- ----- -O --------

---- ---C-- -- ----
       --A----
 -------S --------
  -- ---T----
    - ---E-
      ---L--- ------
- ------O---

       -B--   - ---
     - --R---
  - ----A --- ----
       --N-
  ------C-
       -O--- -- ---
```

Substituir os traços por letras, de forma a encontrar nomes de algumas obras deste grande escritor.

ESTATÍSTICAS

Sabem quanto anda uma enfermeira em serviço num hospital, desde manhã até à noite? A bagatela de um quilómetro, segundo apurou um cientista norte-americano, por meio de certo aparelho registador de caminhadas aplicado aos tornozelos das enfermeiras de um estabelecimento hospitalar de Nova York.

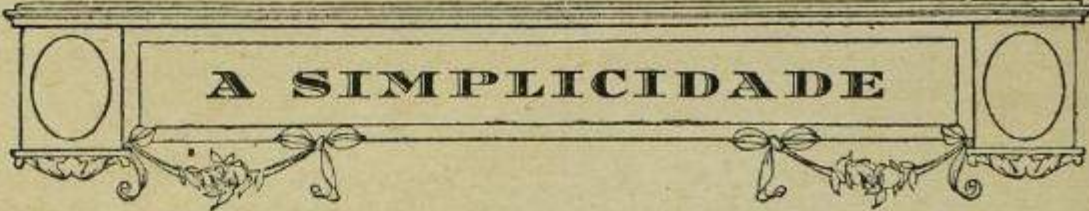
E sabem quanta energia despende uma dactilógrafa, no exercício da sua profissão? Um médico suíço verificou que, durante três minutos de regular actividade, qualquer dactilógrafa desenvolve energia equivalente a duas calorias. Com o cansaço, diminuindo, por consequência, o rendimento do trabalho, aumenta, inversamente, o esforço dispendido.

Assim, em seis horas de trabalho, uma dactilógrafa gasta energia orçada em cerca de 360 calorias; e em oito horas diárias de serviço, de 480 a 500 — o suficiente para se fazer ferver uma boa porção de água.

Um trocista, querendo mistificar o médico, respondia a todas as suas perguntas:

— Isso, isso é exactamente o que eu sinto.

— Pois bem, já que assim é, — disse-lhe o médico — visto que sofre de todas as doenças, começaremos, se me permite, por tratá-lo de alienação mental.

Hieróglifos comprimidos

(Oferecidos pelo sr. Rodolfo Azevedo — Cabo Verde)

Areja = Pena

Orla rija

Prep. brada mágoa

A SIMPLICIDADE

A simplicidade é a mais fácil de todas as elegâncias, a que mais pode favorecer a beleza, corrigir o luxo, elevar o pensamento, proteger a vida.

Ser simples de alma e de coração é decerto a melhor maneira de nos aproximarmos da felicidade relativa, a única, talvez, permitida neste mundo.

Não é difícil seguir um raciocínio que nos leve a acreditá-lo.

Quem for simples em religião aceita e crê. Não discute: obedece, pratica, espera e confia. E recebe, deste modo, todo o benefício, toda a consolação, toda a força que a religião pode dar.

Quem for simples nas suas ideias e nos seus sentimentos adapta-se, sem baixeza, à vida comum e não se perde em aspirações muitas vezes impossíveis, em pensamentos complicados e tortuosos, que quase sempre desviam do caminho natural mais necessário e mais razoável.

Quem for simples nos seus gôstos e nas suas predilecções é mais caridoso, se é rico, e não cai naqueles excessos com que o luxo chega a ofender a arte e a delicadeza; se é pobre, sofre menos na sua forçada modéstia e suporta com mais dignidade a privação dos supérfluos que não pode ter.

A simplicidade dá, sobretudo, uma vantagem admirável e que devia ser profundamente apreciada: afasta, por completo, o ridículo, que todos temem e a que, infelizmente, nada resiste.

Quem for simples nas suas palavras, na sua arte, na sua casa, no seu fato, pode ficar na sombra, passar despercebido, mas poupa-se ao ridículo, tão humilhante, tão detestado.

Para a mulher, a simplicidade é um grande esteio contra as tentações, e reveste-a, na mocidade, dum encanto tão puro, tão límpido, que há-de sempre, seja pelo contraste, seja pela harmonia com o meio em que se encontre, distingui-la e para ela cativar a preferência dos que *sabem ver*.

Na velhice, quando já a *ciência* ou a *experiência*, faz conhecer todas as hipocrisias, a simplicidade é ainda uma coisa adorável, a *marca* da alma que conseguiu não ser deformada pela idade ou pelo mundo.

E depois, o verdadeiro talento, a verdadeira elegância, a distinção pessoal, a graça, o espírito, não são, de forma nenhuma apoucados pela simplicidade. Pelo contrário, a simplicidade é a moldura sóbria, singela, em que o quadro mais se destaca e mais se aprecia.

Nas obras imortais, que acompanham todos os tempos, que passam através dos séculos, há sempre a linha simples, majestosa e doce, que parece desprezar artifícios, porque não carece deles para seduzir e prender a admiração, tantas vezes apaixonada, das gerações que vão passando.

Na arte e na vida os artifícios e as complicações, os requintes pretenciosos têm, em geral, uma psicologia

que pertence à época em que nascem, e o vário decorrer dos anos apaga-lhes o fulgor passageiro, para que novos artifícios, novos requintes, novas complicações possam surgir e ter o seu reinado.

A beleza eterna, seja na arte, seja no sentimento, é superior, é grandiosa, é sublime, mas simples, como se fosse essa a condição indispensável para subsistir na modalidade caprichosa das gerações.

MARIA DE CARVALHO

(Do livro «A Viagem da Vida»).

Do comboio da juventude em que alegremente partimos todos, vão saindo a pouco e pouco, nas estações e apeadeiros, os nossos companheiros de viagem. Aquele de nós que fizer maior percurso, além da tristeza amarga do isolamento, terá sòzinho de carregar com toda a bagagem de recordações e saudades que os companheiros lhe deixaram. — *D. Alberto Bramão.*

O trabalho afasta de nós três grandes males: o aborrecimento, o vício e a necessidade. — *Voltaire.*

O reconhecimento é a memória do coração. — *Massieu.*

SER MULHER

(Resposta ao belo soneto de Marta Mesquita da Câmara, publicado a págs. 154, do exemplar de 1948 do «Almanaque Bertrand»)

É triste ser mulher, dizeis com amargura...
Mas o contrário eu digo e é outro o meu conceito:
É lindo ser mulher, que em frágil contextura,
Levando a própria pena, embala o alheio peito;

Viver do coração, que é ter na dor ventura,
Plasmar a alma humana em seu mais alto aspeito,
E ter por arma a força imensa da doçura,
Que num sorriso meigo alcança o seu direito;

Ser frágil e entretanto aconchegar ao seio
A fronte varonil, que em busca de carinho,
Procura o lenitivo a algum pesar profundo;

E só a mulher atinge o divinal anseio
Que a iguala ao Criador, em terrenal caminho,
Na glória de ser mãe e alimentar o mundo!...

LISETTE RIBEIRO BALDINO *(bras.)*

(Pseudónimo literário: Lys da Cunha Reis)

Provérbios a adivinhar

(Passatempo oferecido por «Nana» — Mianga — Bilene-Macia — Moçambique).

1.º

N	S	D	P	V	O	H
1	1	1	1	2	1	2

2.º

N	T	O	Q	L	E	O
1	2	1	1	1	1	2

3.º

Q	T	F	T	C	Q	O	N	T	C	T
1	1	2	1	3	1	1	1	1	3	1

4.º

N	E	P	M	M	Q	A	M	C
1	1	1	2	3	1	4	1	2

Cada letra representa a inicial de uma palavra, e o número correspondente indica o número de sílabas dessa palavra.

A cocaína e a fome

Não é certo, como geralmente se crê, que a sensação da fome provenha do estômago. A sede desta sensação está na extremidade superior do esófago. Verifica-se isto muito claramente quando se insensibilizam a faringe e o esófago dum homem por meio de cocaína. A fome desaparece imediatamente, ainda que seja muito aguda. É interessante frisar que, por exemplo, os índios do Peru, tanto nos períodos de fome, como nas longas marchas, a altitudes de milhares de metros, mastigam a «cocada», uma mistura das folhas da árvore da coca, donde se extrai a cocaína.

As unhas das crianças desenvolvem-se com maior rapidez do que as dos adultos.

❋

— Ó Jesuína, você partiu mais um prato...

— É verdade, minha senhora, mas não foi por querer.

— Bem sei que não; quando se parte qualquer coisa nunca se faz de propósito.

— Peço desculpa, minha senhora... quando se partem os ovos para os cozinhar, por exemplo, já é de propósito...

Lê romances policiais?

(Passatempo oferecido pela sr.ª D. Maria Vieira da Cruz — Matosinhos)

Como estamos numa época em que muito se faz uso da literatura policial, aqui vai um passatempo para os amadores deste género de leitura.

Consiste em pôr na devida ordem, os famosos detectives, e os seus notáveis criadores.

Hercule Poirot	Conan Doyle
Voro Beïtchik	Agatha Christie
Lord Peter	David Hume
Sherlock Holmes	Carter Dickson
Sir Henry Merrivale...	George Simenon
Philo Vance	Dorothy Sayers
Maigret	S. André Steeman
Micky Cardby	S. S. Van Dine
Dr. Westlake	Jonathan Stagge

NOVA LISBOA. — Um trecho da Baixa. À esquerda, o edifício do Banco de Angola; à direita, o Palácio do Comércio, em construção

MILAGRES DA COLONIZAÇÃO EM ANGOLA

NOVA LISBOA

Sempre Portugal se distinguiu nos labores da colonização. Abunda de exemplos a nossa História, num sacrifício constante de vidas e de haveres, em prol dos mundos bárbaros que íamos descobrindo.

No caso de Angola, os 400 anos da nossa posse implicam responsabilidades tremendas. Poderão constituir argumento favorável em certo sentido, quando se discutam os direitos que sobre ela nos cabem; mas não será sem certo fundamento que nos assaquem também aparentes incúrias e erros, se medirem o progresso que, nesses longos 400 anos, Portugal conseguiu impor a estas vastidões.

Sòmente: premidos por outras ocupações (avultando a gigantesca obra da colonização do Brasil), a reduzida população continental e a pobreza crónica do nosso erário não consentiam mais. De resto, a *hora de África* só chegou há pouco — já para nós, já para outros.

E mesmo assim, há frisantes exemplos duma capacidade que não tem igual, nisto de formar mundos novos. O caso de Nova Lisboa é talvez o mais eloquente.

....

O milagre está hoje ao alcance de todos os olhos: Nova Lisboa é uma cidade que, sem favor nem violências, ocupa o 2.º lugar entre as terras de Angola. E ainda se ao menos o Estado a tivesse enchido de benesses, investido nela grossos cabedais, amimado com vultuosas dotações... Mas não: o que aqui se vê resulta quase exclusivamente do esforço particular — é testemunho inigualável da tenacidade e esforço do colono português.

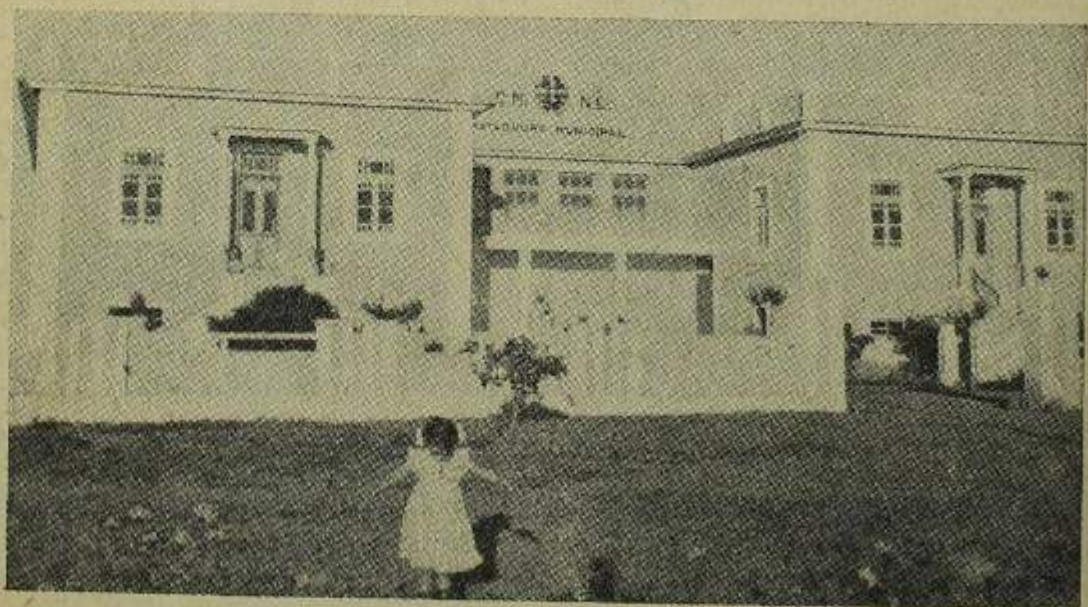
Até 1928, chamou-se Cidade de Huambo. Nessa data, o eminente Colonialista Vicente Ferreira — que profèticamente mediu todo o soberbo futuro desta região — crismou-a de *Nova Lisboa* e aqui fixou a Capital de Angola. (Importa dizer que, até hoje, porém, esta medida legislativa não passou do papel)

....

NOVA LISBOA. — CANTINHO DUM BAIRRO RESIDENCIAL

É sede do distrito do Huambo o qual apresenta a maior densidade populacional indígena e europeia de Angola — quase 20% da população total quanto aos aborígenes e em unidade linguística e antropológica.

Quanto a ocupação branca, é o centro mais importante de Angola. Cercando Nova Lisboa e avolumando o seu papel, há uma coroa de lindas vilas a carácter português: Cuma, Longonjo, Lépi, Catabola, Cuíma, Robert Williams (Caala), Vila Verde, Vila Flor, Quipeio, Luimbale, Chiumbo, Chitatamera, Bimbe, Teixeira da Silva (Bailundo), Vila Nova, Bela Vista, Mungo, Cruzeiro, Sambo, etc., etc.

O distrito do Huambo, com sede em Nova Lisboa, conta três conce-

NOVA LISBOA. — MATADOURO MUNICIPAL E RESIDÊNCIA DOS FUNCIONÁRIOS

lhos apenas, mas é o primeiro de Angola no prisma político, social e económico. Uma vez erigido em Província, será a que mais receitas arrecadará para o Estado. Só de Imposto indígena, a cobrança ultrapassa os 14.000 contos! Outro índice curioso é o de o distrito do Huambo contar, em relação ao Censo de 1940, 46,3% dos prédios de alvenaria em proporção com o total de prédios existentes em Angola inteira!

Comercialmente, Nova Lisboa situa-se como a 2.ª praça da Colónia. A Agência do Banco de Angola aqui estabelecida movimentou milhares de contos, em letras descontadas. A sua emancipação económica total mais se radicou com a criação de uma Alfândega interior (o 1.º exemplo em território português não fronteiriço).

Socialmente, é um meio muito desenvolvido. Tem Cinema (o Ruacaná — cujas novas instalações, inauguradas em 1950, são das melhores do Império), Parque Infantil, Clubes desportivos (6, só na cidade), Associações diversas. É sede da maior instituição mutualista — A Mutualidade de Angola — e de duas Cooperativas para edificações de casas económicas. Os Clubes desportivos praticam todas as modalidades e alargam a sua acção a Grupos Cénicos. A Associação Comercial dispõe de esplêndida biblioteca, em edifício também inaugurado agora.

A Câmara Municipal, cuja acção nestes dois últimos anos tem sido dinâmica, dispõe de Biblioteca, Museu Histórico e Gabinete de Leitura. Os seus Serviços Culturais, modelarmente dirigidos, organizam conferências, patrocinam exposições de arte, editam um Boletim, etc., etc.

A cidade conta com um semanário

NOVA LISBOA. — SEDE DA MAIOR INSTITUIÇÃO DE SOCORROS DA COLÓNIA — «A MUTUALIDADE DE ANGOLA»

NOVA LISBOA. — PALÁCIO DO GOVERNO

— *Voz do Planalto* — cuja acção em prol da Zona é das mais tenazes e elevadas que possam imaginar-se. A emparceirar com tal órgão de imprensa, há a Associação Regionalista *Defesa e Progresso do Huambo*, sempre alerta em tudo que interesse à Zona.

É também sede da mais importante Diocese de Angola. Em movimento religioso, chega a duplicar em certas actividades o da própria Arquidiocese de Luanda. Espalhados pela sua imensidão (290.000 km², com 1.284.000 habitantes), há mais de 500.000 cristãos. A Diocese dispõe de 3 Seminários (2 Menores e 1 Maior), para preparação de clero, indígena sobretudo.

Enfim, Nova Lisboa é uma terra arejada, cujas avenidas amplas são espelho dos horizontes largos e magníficos que lhe estão reservados. Dentro de poucos anos, este milagre actual que Nova Lisboa representa — por ter alcançado em menos de quatro décadas o que outras terras angolanas levaram séculos a atingir — este milagre de hoje agigantar-se-á enormemente. Disso são penhor o clima, a situação geográfica, o nó de comunicações rodo e ferroviárias (o importantíssimo C. F. B.), etc., etc. Tudo isso (e o muito mais que não cabe num simples artigo) fadam esta cidade para uma grande, uma sobérbíssima sina.

JOSÉ MARTINS LOPES

Nova Lisboa. Março, 950.

Um marinheiro, em gozo de curta licença, foi consultar um médico, por se sentir mal da garganta.

Depois da devida inspecção, o médico disse: — O melhor que tem a fazer é gargarejar com água e sal.

— O quê, outra vez? — exclamou o marinheiro. — Eu já fui torpedeado três vezes!

No estúdio:

O realizador: — Atenção! Quando começarmos a filmar, o senhor tem que vir a galope, atravessar a ponte e cair no rio com a montada.

O artista: — E se eu morrer?

O realizador: — Não tem grande importância. É a última cena do filme...

DEZ FIGURAS CÉLEBRES

(Passatempo oferecido pelo sr. João Carlos de Jesus Pessoa — Lisboa)

Robert Donnat	Filósofo francês
Ermete Zacconi	Poeta grego
John D. Rockefeller	Compositor alemão
George Clémenceau	Médico polaco
Rembrandt	Actor indiano
Paul Erlish	Artista de cinema americano
Rabindranath Tagore	Pintor inglês
Platão	Multimilionário espanhol
Frederick Chopin	Comediógrafo holandês
Jacinto Benavente	Político italiano

Como se vê está tudo trocado. Agora a solução consiste em colocar à frente de cada personalidade o que lhe diz respeito, tanto relativamente à sua condição social, como à sua naturalidade.

O Cunha: — Ora, ainda bem que te encontro. Empresta-me aí quinze escudos, que eu te pagarei um destes dias.

O Lemos (fingindo-se surdo): — Não sei que dizes, homem! Estou cada vez mais duro de ouvido.

O Cunha: — Dizia eu que fizesses favor de me emprestar vinte e cinco escudos.

O Lemos: — Vinte cinco escudos! Safa! Há bocadinho contentavas-te com quinze.

❋

— Oh! Miguel! Então tu andas sem sobretudo, em Dezembro!... Não tens frio?

— Frio, tenho. O que não tenho é sobretudo!

Incoerência feminina

Elena: — Eu seria capaz de dar fosse o que fosse nesta vida para adquirir aquela estatueta.

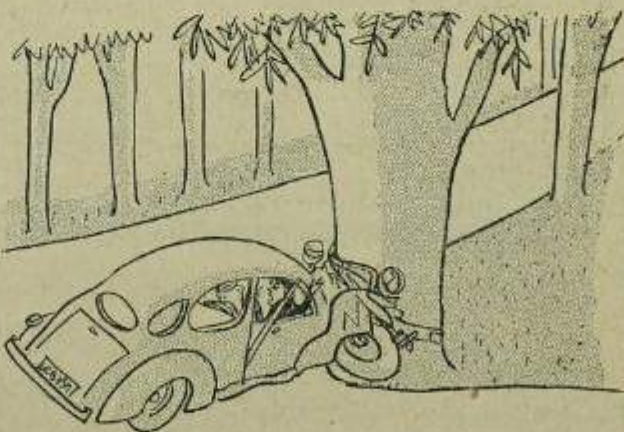
Elvira: — Então porque não a compraste?

Elena: — Ora, pediram-me cento e cinquenta escudos por ela!

A dona da casa, ajustando uma criada:

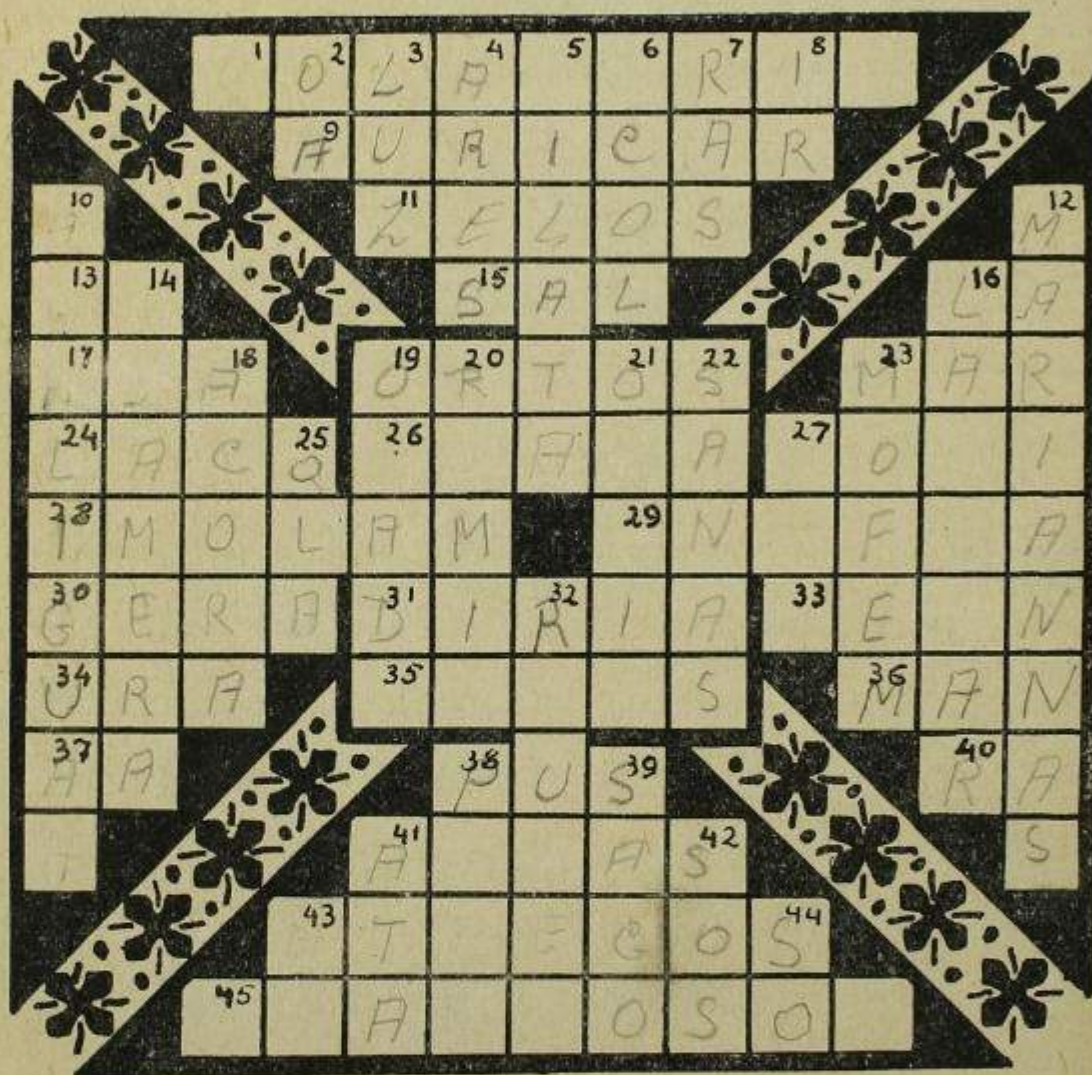
— E... tem atestados?...

— Ah! Isso é o que eu tenho mais. Para a senhora fazer uma ideia da quantidade, basta que lhe diga que nunca parei numa casa mais dum mês!... E sirvo há doze anos!...

DESABAFO

A motorista (desesperada com o desastre): — Mas que forte estupidez plantarem uma árvore em semelhante lugar!

(«London Opinion and The Humorist»)

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Eduardo S. Santos — Penha — Rio de Janeiro — Brasil)

HORIZONTAIS

1 — Pano de algodão de Bengala. 9 — Alucinar-se. 11 — Ciúmes. 13 — Pretexto. 15 — Graça. 16 — Nota musical. 17 — Rio da província da Beira (Port.). 19 — Origens. 23 — Imensidade. 24 — Ligação. 26 — Ilude. 27 — Pref. grego que significa semelhante, igual. 28 — Sacrificam. 29 — Charamela mourisca. 30 — Causa, produz. 31 — Falaria. 33 — Pano grosseiro de lã de que se vestia a gente do campo. 34 — Verme que se cria nas feridas dos animais. 35 — Vila de S. Paulo (Brasil). 36 — Ilha inglesa do mar da Irlanda. 37 — Nome de alguns rios da França, Suíça, etc. 38 — Secreção da úlcera, chaga. 40 — Batráquio. 41 — Freguesia do concelho de Fundão (Port.). 43 — Rudes. 45 — Adj.; que prende, que detém (pl.).

VERTICAIS

2—Contr. de prep. e art. masculino. 3—Esplendor. 4—Aparências. 5—Propaga. 6—Sargo (peixe). 7—O mesmo que arrás. 8—Passar. 10—Proteger, sustentar. 12—Ilhas da Polinésia (Oceânia). 14—Coleóptero. 16—Género de algas marinhas. 18—Pede com instância. 19—Grossa. 20—Reabilitar-se. 21—Árvore da família das leguminosas. 22—Curas. 23—Zombem. 25—Interjeição. 27—Aldeia da França. 32—Harmonizar. 38—Bebida (poét.). 39—Tiro. 41—Prenda. 42—Únicos. 43—Nome de várias tribos de índios Tupinambás. 44—Simples.

O pai:—Esse rapaz que te faz a côrte, já disse o que possui de rendimento?

A filha:—Não, meu pai; mas já perguntou qual era o teu.

ADIVINHA

(Passatempo oferecido por «Andes», de Cambres)

Quais as cidades da Europa que:

1—carrega canhões;
2—que se usa no fabrico do vinho;
3—que é uma casta de uvas;
4—que é uma imprecação;
5—que é uma bebida alcoólica;
6—que é um nome de mulher.

7—E quais as cidades não europeias que têm nomes de mulher?

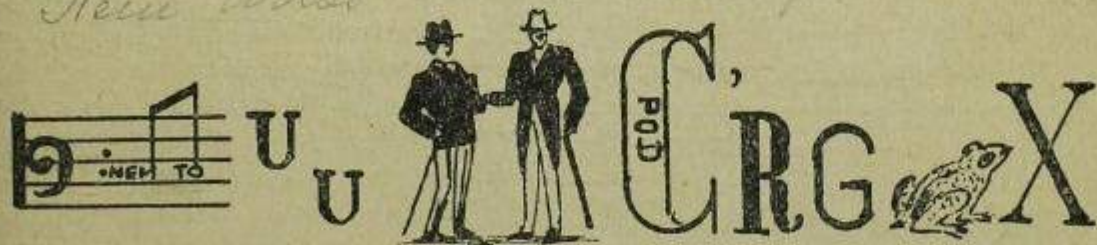
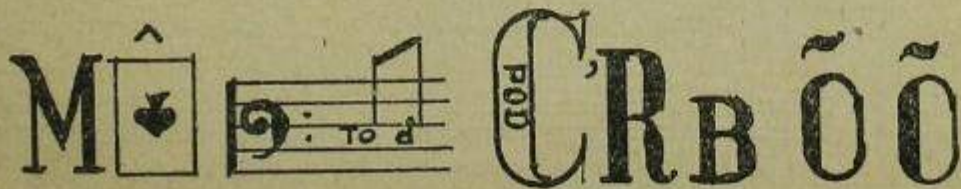
Num restaurante secundário:

—O cavalheiro deseja um jantar de trinta ou de quarenta escudos?—pergunta o criado.

—Qual é a diferença?

—Dez escudos, freguez.

ENIGMA FIGURADO

(Passatempo oferecido pelo sr. Domingos José de Castro —Nampula, Af. Or. Port.)

ORDEM DOS CAVALEIROS-GUARDAS DA COROA DE FERRO

(Resumo histórico)

SEGUNDO a tradição, a Ordem deve o seu nome e a sua origem à célebre Coroa de Ferro quando os Imperadores de Bizâncio a deram aos Reis da Lombardia, seus vassalos, para lhes lembrar que ficariam sempre sob a sua suserania.

Esta coroa, formada por um grande aro de ouro, ornado de pedrarias, guarnecido interiormente de ferro proveniente dum prego da Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, trazido da Palestina pela Imperatriz Santa Helena, simboliza o peso do ferro da coroa oculto sob o brilho fascinante do ouro.

Em 625, Teodelinda, Rainha dos Lombardos, ofereceu a coroa à Catedral de S. João, de Monza, onde ainda se conserva.

Carlos Magno formou um corpo de escol com os Cavaleiros-Guardas da Coroa de Ferro, com a qual foi coroado Rei dos Lombardos, em 774, exemplo seguido por outros imperadores, por essa coroa representar a sucessão do Império Romano do Oriente.

Com ela foram coroados: Frederico IV, Imperador da Alemanha, em Roma, em 1452; Carlos V, em Bolonha, em 1530; Napoleão I, em Milão, em 1805 e Fernando I, Imperador da Áustria, em 1838.

Os Imperadores da Alemanha, da dinastia do Luxemburgo concederam grandes privilégios à Ordem: em 1308, Henrique VII deu-lhe estatutos de ordem dinástica, modificados, em 1352, por Carlos VI e mais tarde, em 1390, por Venceslau I.

Em 1414, Sigesmundo do Luxemburgo, Imperador da Alemanha e Rei da Hungria, confirmou os direitos e prerrogativas da Ordem que contava, entre os seus membros, os mais ilustres personagens da Europa.

Com a extinção do ramo imperial do Luxemburgo, a Ordem perdeu o seu esplendor, especialmente quando o herdeiro do ramo primogénito do Luxemburgo, Filipe de Borgonha «O Bom», criou a Ordem do Tosão de Ouro, em 1430.

A 26 de Maio de 1805, Napoleão I, ao ser coroado Rei de Itália com a Coroa de Ferro, repetiu a frase consagrada «Dieu me l'a donnée, gare à celui qui la touchera» e reconstituiu a Ordem, cujos direitos foram restabelecidos, em 1816, na Áustria-Hungria, pelo Imperador Francisco I.

Mas, através dos séculos, a Ordem dos Cavaleiros-Guardas da Coroa de Ferro manteve sempre a sua tradição primitiva de ordem dinástica dos Príncipes da antiga dinastia do Luxemburgo, seus legítimos e hereditários Grão-Mestres.

É actualmente seu Grão-Mestre hereditário Sua Alteza Imperial Nicolau X de Ligny-Luxembourg de Lascaris-Ventimiglia, Príncipe do Santo Império, Duque de Altamura, Marquês de Béon, Conde de Brienne,

Visconde de Beaufort, Barão de Beaulieu, herdeiro dos Reis de Jerusalém, de Chipre, da Arménia, da Boémia, da Dinastia das Ardennes e da Dinastia dos Imperadores de Bizâncio, Regente da Ordem do Leão das Ardennes, Grande Colar e Grã-Cruz de dezenas de Ordens, General do exército, condecorado com 27 Medalhas militares, Doutor em Direito, etc., e único representante da antiga Dinastia do Luxemburgo.

*

A insígnia histórica da Ordem é a Águia de Bizâncio sustendo a Coroa de Ferro, com a divisa «In hoc signo vinces».

*

A Coroa de Ferro figura na Cruz da Ordem da Coroa de Itália.

*

Esta Ordem, que conta entre os seus cavaleiros personalidades eminentes, tem dignitários no nosso país.

(Do livro inédito «Ordens de Cavalaria Independentes»).

ANTÓNIO CAMPELO PINTO DE SOUSA FONTES

Não nascemos para nós, mas para a pátria. — *Cícero.*

*

Não receies, nem desejeis a morte. — *Martial.*

O rio que corre para trás

O rio Tadjoura, na costa nordeste da África, corre da baía de Tadjoura para o interior e vai desaguar no Lago de Assal.

NA CAPELA-MOR DA SÉ DE SILVES: CAMPA RASA ARMORIADA DO BISPO D. FERNANDO COUTINHO, JUNTO DAQUELA ONDE ESTIVERAM OS RESTOS DE D. JOÃO II

SALTO DE CAVALO

(Passatempo oferecido pelo sr. Luís António M. Pereira de Melo — Lisboa)

Diz u	da	ho nã	é so	al	que	ta ; Se	S'
son	Se	m dit	ri	o ma	al	a	a
Qu	ta»	nho, o	aidor	n	m	Nos	ma
m	ado tr	e	ue ma	r	ta... nã	ma	m
n	vi	ata,	a	re	pre	é so	o é a
dá vi	o	Mor	ve	nho q	de	co	en
é	os	Am	R	mo	b	m	or
or nã	da ;	r...	sa	or.	«Am ×	der. ××	e

Percorrendo o tabuleiro a salto de cavalo, partindo da casa assinalada com × e chegando a ××, compor-se-ão, além de um desenho simétrico, duas quadras de Maria Carolina Ramos.

Desde 1869 para cá, as grandes quedas de água do Niagara foram já atravessadas cinco vezes por acrobatas, equilibrando-se num cabo de aço que passa sobre elas de ponta a ponta.

Madame de Maintenon, esposa morganática de Luiz XIV, fazia-se sangrar regularmente duas vezes por semana, com o fim de não córar, ao ouvir certas histórias que se contavam na corte.

AS LATAS DE AZEITE

(Problema oferecido por «Um Avancanense» — Elizabeth, N. J. — E. U. A.)

O Pimpão, antigo comerciante desta cidade, recebeu há dias uma remessa de azeite português. Para melhor poder demonstrar o seu produto, resolveu fazer um lote uniforme ao centro da montra.

Como as latas eram cúbicas, ele tentou fazer um cubo perfeito mas ao concluir o seu trabalho, viu que lhe faltavam 5 latas, para concluir o cubo. Decidiu-se, portanto, a dispor as latas de outra maneira, tendo posto mais 3 latas na carreira da frente e seguindo no seu trabalho, fez tantas carreiras da frente para traz como as que havia feito quando tentou fazer o trabalho pela primeira vez, dispondo assim de todas as latas, que ficaram com menos duas camadas que no princípio.

Agora o que se deseja saber é quantas latas o Pimpão poz na montra.

O maçador (ao encontrar na rua um conhecido): — Vai para o mesmo lado que eu?

O outro (desejando escapar-lhe): — Creio que não; isto é, para que lado vai?

ELISABETH, N. J. — ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA.
SEDE DO CLUB INSTRUTIVO SOCIAL PORTUGUÊS. — *(Foto oferecida por «Um Avancanense»)*

ANDAMENTOS

Prossiga a «Serenata» começada...
Mas não neste «Agitato Allegro e Présto»!

....

É sempre aí que eu faço trapalhada,
Que eu «desacordo» sempre... o que detesto!...

«Alarguemos um poco»! É tão bonito
Este «Amoroso, Giusto» e «Ben-marcato»!
Repitamos o trecho favorito...
Pelo menos no «Alegro-Moderato»!

Sempre em «Tom natural», sem «Accidentes»,
São bem simples as nossas «Harmonias»!
(Como estes corações sonham, dormentes,
Com venturas que passam fugidias!)

Numa «Escala ascendente» começando,
A «Afinação» foi rápida e completa!
(Não se sabe porquê, como, nem quando,
Se irmana a outra a alma dum poeta!)

«Rittenuto»... não vês? Este «compasso»
Predileto dos nossos corações
Transporta-nos, com asas, pelo espaço,
Atrás de umas douradas ilusões!

Passa o luar argênteo pelos céus!
Sob os teus dedos, geme o violino!
Nesta «Pausa» há soluços meus e teus!...
(Como o luar vai lânguido e divino!)

Demoremos ainda este «Larghetto»!
(Adoro os andamentos vagarosos
Para dizer contigo este «duetto»
Sob os raios da lua esplendorosos!)

....
....
....
....

Meu amor! Meu amor! Quem nos diria
Que a página seguinte dêste mimo
Mudava o «Tom», o «Modo»... e que a «Harmonia»
...Já nunca mais voltava ao «Tempo Primo»!

MAFALDA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE VALEJO
(Ruben de Lara)

(Do livro «Última Flama»).

FREDERICO CHOPIN

PASSOU em 17 de Outubro de 1949, o primeiro centenário da morte de Chopin, afamado pianista e compositor, uma das maiores celebridades musicais do século passado. Filho de Nicolau Chopin, de origem francesa, professor de francês no Liceu de Varsóvia, e de Justina Krysanowska, de família nobre e arruinada, Frederico Chopin nasceu a 22 de Fevereiro de 1810, na pequena aldeia de Zelazowa Wola, perto de Varsóvia e muito cedo mostrou disposições para a música, principiando aos 6 anos a aprender os rudimentos com um velho professor da Boémia, Adalberto Zwyny.

Porém, o génio precoce do jovem discípulo, em breve ultrapassou a ciência do mestre. Aos 8 anos tomou parte, pela primeira vez, num concerto de caridade, onde foi entusiàsticamente aplaudido pela aristocracia polaca.

Mais tarde, ao mesmo tempo que entrava para o Liceu de Varsóvia, começou a estudar harmonia e contraponto com o compositor Elsner, director do Conservatório, o qual, reconhecendo as superiores capacidades do aluno, teve o bom senso de não lhe contrariar os dons instintivos e de o deixar à vontade.

Enquanto estudava a arte musical, Chopin ia seguindo o curso do Liceu, com a maior aplicação e brilho. Nos começos de 1825, isto é, com 15 anos, fez a sua verdadeira estreia como pianista e compositor. E também nesse ano, publicou a sua primeira obra, o *rondó em dó menor*.

O príncipe Radziwill, grande admirador do seu talento musical, estimulava-o, convidando-o frequentemente para sua casa, e, naquele meio elegante e culto, Chopin, com o seu espírito delicado e a sua orga-

FREDERICO CHOPIN

nização essencialmente aristocrática, muito se comprazia.

Terminados os seus estudos em 1827, Chopin consagrou-se exclusivamente à música. Compôs as suas primeiras obras importantes, e em Julho desse ano, partiu para Viena, dando aqui, em 11 de Agosto, o seu primeiro concerto. Regressou ainda a Varsóvia onde, em 1830, então com 20 anos, deu outros concertos. Sentiu, porém, que o ambiente de Varsóvia já não convinha ao desenvol-

vimento da sua arte, e de novo, partiu para Viena.

Em breve, todavia, a notícia de ter rebentado a revolução em Varsóvia, enche-lhe a alma de angústia. Pensa nos perigos que correm os seus entes queridos, quer apresentar-se ao serviço da Pátria, tentar qualquer coisa para bem da Polónia, mas tanto seu pai, que lhe escreve, como os seus amigos, o dissuadem, aconselhando-o a não abandonar a carreira artística e a continuar a obra que empreendera, pois seria essa a maneira de melhor servir a pátria.

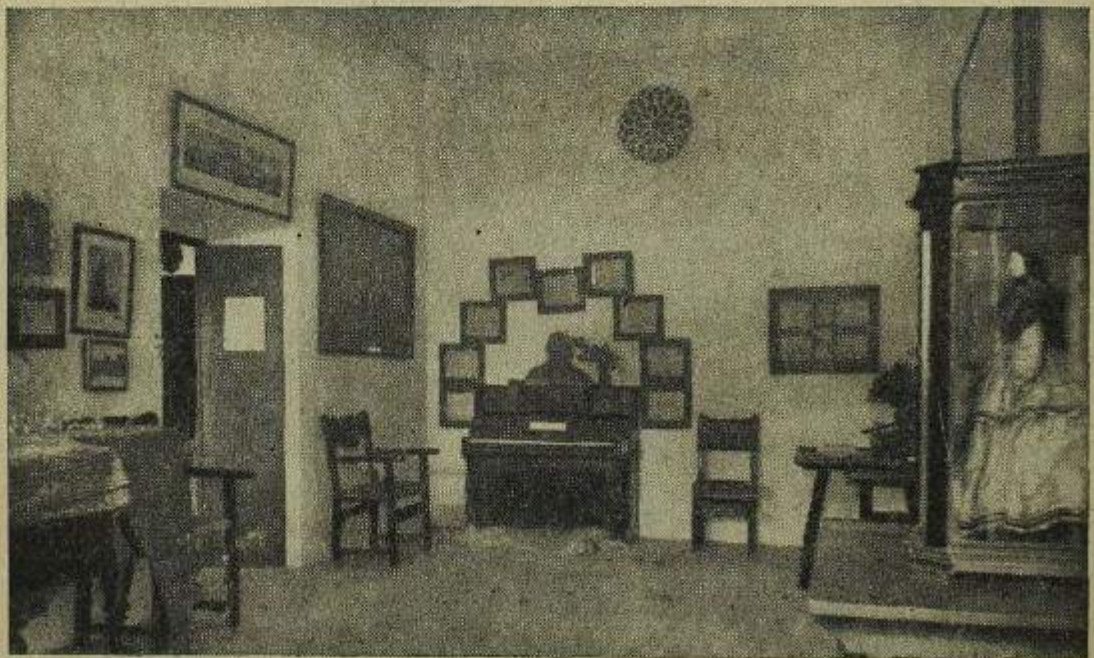
Durante esta sua estadia em Viena, Chopin trabalhou intensamente, compondo, entre várias outras obras, como *estudos, mazurkas*, etc., a *Grande Polaca*, inspirada pelos acontecimentos políticos que estavam assolando o seu país.

Vemo-lo, dois anos depois, em Paris, dando o seu primeiro concerto naquela cidade, em Janeiro de 1832. Nessa ocasião travou conhecimento com Liszt, o glorioso Liszt, já então notável, e desde esse momento, estabeleceu-se entre ambos uma firme e verdadeira amizade.

Durante os anos de 1833 e 34, compôs grande parte das suas melhores obras. Dava, também, lições e como tinha horror à ostentação, o que mais lhe agradava era ensinar, sentindo verdadeiro prazer com os progressos dos seus discípulos, com os triunfos destes, ainda mais do que com os próprios.

Em 1837, sofrendo um desgosto de amor, por se terem desfeito os seus projectos de casamento com Maria Wodzinska, a quem conhecera de criança — visto serem os pais dela, velhos amigos da família Chopin —, e por quem, mais tarde se apaixonara, sendo até para ela que compôs a *Valsa do Adeus*, Chopin vai passar uma temporada a Inglaterra, levado por amigos, com o fim de o distraírem.

Tendo, porém, tido sempre uma saúde frágil, foi lá que se lhe manifestaram os primeiros sintomas da tuberculose pulmonar.

Ao regressar, dentro em pouco, a

MAIORCA — VALDEMOSA. — CELA DE CHOPIN, VENDO-SE AO FUNDO, O PIANO

Paris, Chopin conheceu a escritora francesa, de grande renome, George Sand, e a ligação amorosa, que teve então início entre ambos, é sobejamente sabida.

Em vista dos cuidados que a saúde, cada vez mais deficiente, de Chopin requeria, partiram para as Baleares, onde foram habitar a *Chartreuse de Valdemosa*, em cujo ambiente depressivo foi composto o *Sexto Prelúdio*, que disso se ressente, sendo profundamente triste.

No entanto, a doença progredia, agravando-se de tal forma em 1839, que inspirou os mais sérios receios.

A primavera e o verão desse ano são passados em França, na casa de campo da escritora, em Nohant, e aí, rodeado de todos os confortos e cuidados, obteve grandes melhoras. Em Nohant, é que foi escrita a célebre *Marcha fúnebre*.

Alguns anos mais tarde, tendo-se então já dado a rutura das suas relações com George Sand, Chopin resolveu mudar de vida e de ambiente, indo passar nova temporada a Inglaterra, onde esperava agora, conquistar o público inglês; e, em Fevereiro de 1848, deu em Paris, um último concerto de despedida, que foi brilhantíssimo.

Em Londres, a sua arte não foi devidamente apreciada nos meios musicais, e só na alta aristocracia, a principiar pela rainha, ele encontrou quem lhe desse o verdadeiro valor.

Foi ainda à Escócia, tendo dado um concerto em Glasgow e outro em Edimburgo, mas voltando a Londres viu-se forçado a ficar de cama, tal a extrema fraqueza em que se encontrava.

Saudoso da França, e tanto mais que o seu estado tinha tornado a peorar assustadoramente, quiz regressar a Paris, onde, cada vez mais doente, sentiu que estava próximo o seu fim.

Em 17 de Outubro de 1849, com 39 anos apenas, falecia na sua casa da Praça Vendôme, nos braços de Gutman, um dos seus mais dedicados discípulos, rodeado pelos seus amigos mais íntimos, entre os quais se contava Liszt, e na presença de sua irmã Luísa, que viera expressamente da Polónia para lhe assistir aos últimos momentos.

No funeral, foi tocada a *Marcha fúnebre*, da sua autoria.

Um madrigal de Liszt

O célebre compositor Liszt, mesmo antes de ter conquistado a celebridade, gozava de grande prestígio entre as mulheres, as quais se deixavam fascinar mais pela cortesia do que pelo talento do grande músico.

Certa noite, num baile em Viena, o famoso artista contemplava com evidente admiração os ombros nus de uma senhora que, ao sentir-se alvo dos seus olhares, enrubesceu e procurou furtar-se a estes.

— Não se ofenda — disse-lhe Liszt, imperturbável. — Eu procurava apenas descobrir as asas de um anjo que desceu do céu.

Um indiscreto perguntou, um dia, ao príncipe de Talleyrand: — O que é que se passou hoje no conselho de ministros?

— Passaram-se quatro horas. — respondeu Talleyrand.

❋

As multidões vão atrás daquele que as deslumbra, e voltam as costas aos que as iluminam.

A VIRTUDE

A virtude!... Eis aqui o principal, o mais precioso ornamento dos homens. O homem virtuoso!... Eis aqui o homem que todos desejam para exercer o poder, para subir ao altar, para vestir a toga, para cingir a espada, para dirigir todos os seus negócios individuais, domésticos e sociais.

— Formai idealmente o quadro dum homem digno de respeito, de imitação, e das trombetas da fama, ponde-lhe na cabeça um espírito vasto; nos olhos a expressão do génio; na boca rios de eloquência; no peito a firmeza; nas mãos e nos pés a energia de acção. — Tendes acabado? Se não lhe pondes a virtude no coração, e o podeis animar, eu não sei se me aproxime dele com confiança, se fuja com temor. Espírito vasto, génio, eloquência, firmeza, energia de acção encontram-se em muitos indivíduos, que mais parecem monstros do que homens. — A virtude!... Eis aqui o princípio regulador destes dotes brilhantes, que podem produzir grandes bens e grandes males. É ela que lhes amansa a índole muitas vezes bravia, que os civiliza, que os perfuma, que lhes dá boa direcção, que os faz marchar por caminhos rectos. — *Malhão.*

Para falar ao vento, bastam palavras; para falar ao coração são necessárias obras. — *P.º António Vieira.*

Lâmpada do Sacrário

Que representa a luz do Santuário,
A pequenina lâmpada que vela
Junto ao segredo e à glória do Sacrário,
Humilde... meiga... trémula e singela?!...

Dirá, talvez, o casto lampadário:
— «Sou do meu Deus a guarda e a sentinela?!...»
Ou nos dirá Jesus — O SOLITÁRIO:
— «Eu Sou a Luz *que brilha na procela?!...»*

Talvez a luz nos diga tudo isso,
Na devoção ardente de um Noviço,
Na divina clareza de ser luz!...

— Eu vejo, ali, velando noite e dia,
O Coração Materno de Maria
A embalar o Bercinho de Jesus!...

*

Nem tudo passa!...

Passa o tempo correndo, e a Mocidade
Passa voando e nos demuda o rosto...
Passa o meigo carinho da Saudade...
Passa o amargor da Injúria e do Desgosto...

Passa a importância da Celebridade...
Passa de tudo o encantamento e o gosto...
Nada existe que sempre nos agrade...
Tudo cai no sepulcro do Sol-posto...

A nossa vida é rápida carreira...
Vai-se morrendo vivo a vida inteira,
Que a vida é simplesmente uma agonia...

Só Deus não passa!... E Deus, que nos quer bem,
Determinou nunca passar também
O Perpétuo Socorro de Maria!...

P.e MANUEL ALBUQUERQUE

(Do livro «Maria, minha poesia»).

A VIRGEM PEREGRINA EM GOA

Goa, a mais linda parcela do Império Português, fica engastada, na parte ocidental da União Indiana, na Costa do Malabar, e é banhada pelo Oceano Índico.

As suas planícies verdejantes, o serpentear dos seus rios, a tonalidade azulada do seu firmamento, enfim o seu clima admirável, transformam-na na Pérola do Oriente.

É neste longínquo pedaço de terra portuguesa que repousa, dormindo o sono eterno, o glorioso Apóstolo do Oriente, S. Francisco Xavier. O seu incorruptível corpo encontra-se dentro de uma urna de cristal, e esta, por sua vez, dentro de uma outra de prata cinzelada, cravejada de pedras preciosas. Estas urnas estão na Basílica do Bom Jesus, sobre um dos altares, em estilo florentino, feito de mármores de jaspes, oferta do príncipe Fernando II, Grão-duque da Toscana.

Goa recebeu, ainda recentemente, em 29 de Novembro de 1949, a Virgem Peregrina, a Senhora de Fátima.

Muito antes da entrada do «Ratinagri» (navio que A conduzia) duas grandes massas de povo espalhavam-se através das margens do célebre rio Mandovi. Às 9 horas da manhã, o «Ratinagri» sulcava as águas do dito rio, e, ao mesmo tempo, soaram as 21 salvas, saudando a Virgem Peregrina, que vinha, com o seu sorriso meigo, abençoar esta linda terra de Goa. Em seguida, procedeu-se ao descimento da Imagem para a lancha «Comandante Quintanilha», que ficou na barra, rodeada de barcos à vela.

À tarde, às 3 horas em ponto, a Virgem foi colocada sobre o dorso de um cisne (barco assim ornamentado), e transportada, num deslumbrante cortejo fluvial, à Velha Cidade, à Roma do Oriente. Após as saudações de Boas Vindas, deu-se início à procissão que conduziria a Virgem à Sé Catedral, passando pelo arco dos Vice-Reis.

Colocada a sagrada Imagem sobre o altar-mor da Sé Catedral, realizou-se solenemente o Te-Deum, a que assistiram milhares de fiéis. Toda a noite, a Virgem foi velada por turnos das diversas freguesias; grandes massas humanas esperavam ansiosamente

A IMAGEM DA VIRGEM DURANTE A PROCISSÃO

(Foto do autor)

o momento de deporem aos pés da Virgem as suas homenagens.

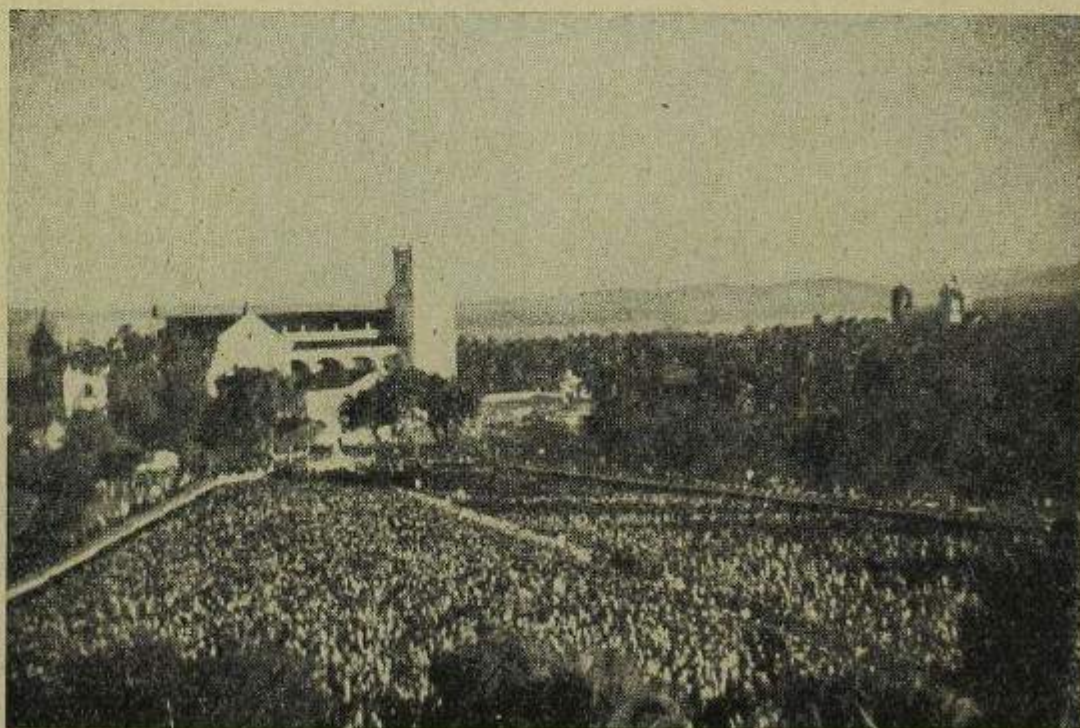
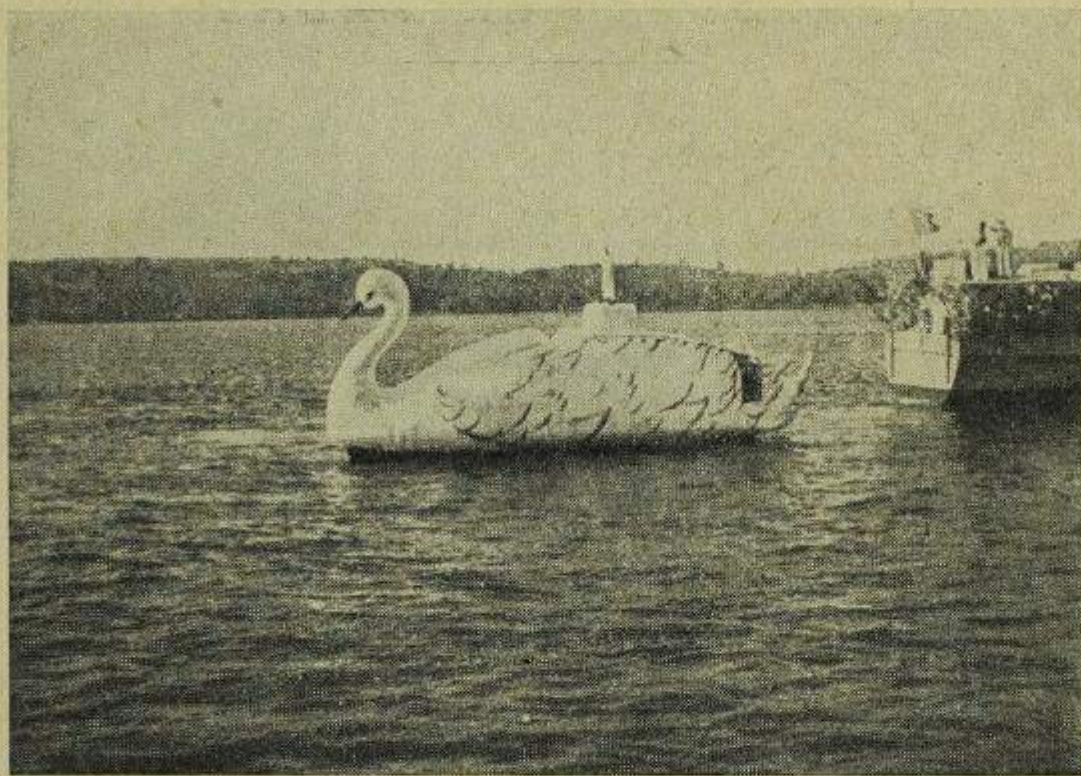
Raiou, finalmente, o 1.º de Dezembro, o dia por todos ansiosamente esperado, pois era esse o dia designado para a celebração das 153 missas campais. Muito antes do amanhecer, a Velha Cidade regorgitava de gente, vinda de todos os concelhos. Às 6,30 tangem os sinos, anunciando a saída da procissão; primeiramente vêm os cavaleiros da Guarda de Honra, impecáveis nos seus fraques, seguem-se-lhes os sacerdotes acompanhados dos respectivos ajudantes, e, finalmente, a Virgem, ladeada dos três Prelados.

Começam os Santos Sacrifícios; uma multidão compacta, unida pelos mesmos laços de fé, segue as missas, com profunda devoção.

Ao Evangelho falou o Rev.^mo Bispo de Meliapor, tomando por tema a saudação «*Ave-Maria gratia plena, Dominus tecum Benedicta Tu in mulieribus*». Durante o ofertório, Sua Ex.ª o Sr. Governador Geral aproximou-se do Sr. Patriarca e entregou-lhe um terço de pérolas e diamantes, oferta do povo goês à Virgem Peregrina. Foi esta a majestosa parada das simbólicas 153 missas campais.

No dia 3 de Dezembro, dia santo para todo o povo de Goa, pois é o dia do Glorioso Apóstolo S. Francisco Xavier, uma grande multidão apinhava-se em volta da Igreja do Bom Jesus. O Sr. Bispo de Meliapor rezou a Missa, e ao Evangelho o Sr. Cardeal Patriarca subiu ao púlpito e leu a parte final da Bula Pontifícia, em que elevava a Basílica Menor a Igreja do Bom Jesus.

Finalmente, no dia imediato, 4 de Dezembro, a Imagem da Virgem, colocada sobre um *jeep*, ornamentado com muita arte e gosto, foi transportada à capital do Estado da Índia.

Foram estes os festejos que se celebraram na Roma do Oriente, por ocasião da visita aqui da Virgem Pe-

VISTA GERAL DAS 153 MISSAS CAMPAIS. — *(Foto do autor)*

O CISNE CONDUZINDO A VIRGEM. — *(Foto do autor)*

regrina, de Fátima, a qual, sempre fervorosamente ovacionada por toda a parte por onde passava, ia com o seu meigo sorriso, abençoando o povo de Goa.

O. J.

A religião não é simplesmente a promessa dum bem para depois da morte: é ao mesmo tempo a efectivação dum bem durante a vida.

Quantos desesperos, quantas amarguras, quantas irritações não encontram na religião o único calmante e o único alívio! É por isso que a religião, abrangendo a terra e o céu, só poderá morrer se a humanidade se extinguir. — *D. Alberto Bramão.*

A gerarquia hereditária pode ser uma ilusão; não sucede, porém, o mesmo com as virtudes, que dão título de nobreza inata, muito mais apreciável do que todos os brasões da heráldica. — *Washington Irving.*

Nas soledades da consciência realizam-se os mais formosos mistérios do homem: nela se refugiam a inocência ignorada, a fraqueza oprimida, a desventura imerecida; nela caem as lágrimas puras e as lágrimas vingadoras; e nenhum templo, por sagrado que seja, nenhum santuário por muito que tenha sido abençoado, está mais próximo de Deus do que a consciência do justo e especialmente do justo desventurado. — *Lacordaire.*

Para ser sábio, o homem precisa de aprender todos os livros; para ser virtuoso, basta-lhe um: o Evangelho. — *Larra.*

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Luís António Moreira Pereira de Melo — Lisboa)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
1					★	★	★						★	★	
2		★	★		★		★		★	★	★			★	
3			★		★	★	★		★					★	
4			★				★		★	★	★			★	
5			★				★				★			★	
6			★		★	★	★				★			★	
7			★						★	★	★				

HORIZONTAIS

1 — Lugar de desembarque; puro. 2 — Iniciais do nome do autor deste problema. 3 — Oferece; fosso. 4 — Outra coisa; íntima; andar. 5 — Olhei; ofereci; raiva; contracção. 6 — Estás; sofrimento; antes de Cristo. 7 — Batráquio; excepto; crivo.

VERTICAIS

1 — Corpo sem vida. 2 — Apara. 4 — Sabedores. 5 — Pronome. 6 — Suspiro. 8 — Vexado. 9 — Letra grega. 10 — Atmosfera. 12 — Esquecer. 13 — Bálsamo do Peru. 15 — Dia do Senhor.

O Chiquinho (4 anos) está chorando em altos berros. Uma senhora idosa, de visita lá em casa, tenta acalmá-lo.

— Não chores assim, meu menino; isso faz com que sejas feio quando fores crescido!

— Ah! então a senhora muito deve ter chorado, quando era pequena!

Contrastes

Há uma cidade chamada «A» na Suécia, e uma outra, em Gales, chamada *Llanfairpwllgwyngyllgerychwyrndrobwllgerdysiliogogogoch*.

Existe, também, uma baía chamada «Y» no Zuyder Zee, e um lago chamado *Chargoggagoggmanchaugagoggchaubunagungamaug* em Connecticut — que significa, na língua indiana, «*Você pesca do seu lado, eu pesco do meu lado; ninguém há-de pescar no meio*».

No eléctrico:

A mãe (para a filhita, com cinco anos): — Dá essa moeda ao condutor, anda.

A criança (em voz alta): — É aquela moeda falsa que a mamã não tem maneira de fazer passar?

❋

O professor (para os alunos da última fila, ao fundo da aula): — Podem ouvir-me, aí onde estão?

A classe (em uníssono): — Não.

INSTANTÂNEO

Olhei a pequerrucha de três anos. Tinha uma vivacidade precoce e a frescura de um botão de rosa que entreabriu as primeiras pétalas ao sol da madrugada. Com olhos grandes e curiosos esquadrinhava tudo, distendendo a boquinha pequena num muxoxo gentil, quando alguém a interpelava gracejando.

Não parava um instante, correndo em volta da larga poltrona donde a avòzinha, de mãos trémulas e rosto fatigado, a seguia com olhar tranquilo.

— Vamos andar, vovòzinha—pedia a menina, parando um momento.

A anciã sorriu, aconchegando a si a neta, e disse-lhe que ficasse quietinha.

Mas é difícil sustar a borboleta no seu vôo inquieto. A criança, ágil como um azougue, escorregou dos braços que a prendiam, continuando seu inocente brinquedo em volta da cadeira da avó.

Formavam assim tão vivo contraste de graça e movimento de um lado, e quietação e fadiga do outro, que do meu canto me pus a compará-las, pensativa. Mas a reflexão confundiu em breve no meu espírito essas duas vidas que uma observação superficial havia distanciado. Que as separava, afinal, pondo em seu aspecto tanta dessemelhança? Apenas o espaço de alguns anos, não mais.

Momentos fugitivos de duas existências igualmente efémeras, eis o que elas significaram a meu novo exame.

Pobre velhinha! Recuando no passado, te encontrei na frescura e graça de teus primeiros anos. Quantas vezes, ao contemplares plàcidamente essa criança irrequieta e travessa, não te estarás revendo nela, gentil renovo da tua existência fanada.

Porém a ti, criança, vi também — e num futuro próximo, porque a vida é rápido momento—semelhante a tua avòzinha de faces enrugadas e murchas, de olhar parado e sereno. Sim, mas tu crescerás, sem ter presente no espírito esse porvir, porque a infância e a mocidade são descuidosas e irreflectidas. Só mais tarde, quando as primeiras neves começarem a branquear-te a cabeça loura e engelhar tuas faces agora frescas e córadas, só então compreenderás a fragilidade das coisas humanas, olhando saudosamente os dias volvidos e, com vago temor, os que se aproximarem cercados pelas tristezas da velhice e os mistérios do túmulo. E saberás então porque os poetas comparam a existência das criaturas com a das flores.

Botão fresco e viçoso na madrugada... rosa desfolhada e murcha ao cair da tarde... Eis a vida.

MARIA NUNES DE ANDRADE
(bras.)

Hieróglifos comprimidos

(Oferecidos pelo sr. Inácio Nunes Leonço — Portel)

K ÉVORA

A oceano rumo NOTA

RIO SÃ

VISTAVISTA
V
IVISTA
S
T
A

VISTAVISTA
V
IVISTA
S
T
AVISTAVISTA

Um indivíduo comprou um papagaio e levou-o de presente à esposa.

— Ah! como é lindo! — exclamou esta. — Mas porque tem ele um cordão atado a cada perna?

— Puxa um e verás, — disse-lhe o marido.

— «Boas tardes, minha senhora!» — disse o papagaio quando ela lhe puxou o cordão que estava amarrado à perna esquerda.

— «Muito prazer em vê-la» — tornou ele, quando ela lhe puxou o cordão da perna direita.

— Sempre gostava de saber o que sucederia se eu puxasse ambos os cordões ao mesmo tempo? — perguntou a senhora por curiosidade.

— «Eu caía do poleiro abaixo, sua parva! — retorquiu o papagaio.

❋

— Que horas tens?

— Tenho o relógio atrasado em três meses de juros na casa de penhores!

NOMES FEMININOS

(Passatempo oferecido pelo sr. Milton Carrington da Fonseca — Lisboa)

M - - - - - -
- A - - - - -
- R - - - - -
- - - - - I - -
- - - - A

F - - - - - - -
- - - E - -
- - R - -
- - - - - N - - - -
- - - A - - -
- - - - N - -
- - D - - -
- - - E - - - - -
- S - - -

C - - - - -
- O - - - - - -
- - - - - - - S
- - - - - - - T - - -
- - - A

Substituir os traços por letras, de maneira a formar nomes todos femininos.

Uma verdade

Dizia, com orgulho, um jovem recém-casado:

— Minha mulher é filha de um dos homens que mais barulho fizeram no mundo.

— Quem era ele? — perguntou-lhe um amigo.

— Era músico duma orquestra. Tocava o bombo e os pratos.

Na cozinha:

A senhora: — Maria, dê-me a escumadeira.

A criada: — Oh, minha senhora! Mas ela está todo esburacada!

Enigma figurado

(Passatempo oferecido por «Bero» — Lourenço Marques)

;

−P

+C

à

Entre amigos:

— Não há nada tão difícil para uma mulher, como resolvê-la a entrar nos trinta anos.

— Estás completamente enganado! Muito mais difícil é tirá-la deles para fora.

— Você acredita na metempsicose?

— Eu não, e você?

— Eu, cegamente.

— Então, que imagina você que já foi?

— Um burro.

— Quando?

— Quando lhe emprestei aqueles cem escudos que você nunca me pagou.

DOIS ENIGMAS

(Passatempo oferecido por «Jota Grosso» — Castelo de Vide)

Enigma triangular

```
. . . . . . . . .    Paixão pela música.
. . . . . . . .      Que eleva.
. . . . . . .        Fantasmas dos mortos.
. . . . . .          Pequenos ovos.
. . . . .            Planta labiada, medicinal (pl.).
. . . .              Tecido fino (inv.).
. . .                Pronome pessoal.
. .                  Dirigir-se.
.                    Vogal.
```

Enigma hexagonal

```
    . . . .          Querer bem.
   . . . . .         Nome de mulher.
  . . . . . .        Pragana dos cereais.
 . . . . . . .       Casta de uva.
  . . . . . .        Retranca do aparelho das bestas
   . . . . .         Arma branca, larga e curta.
    . . . .          Ondas.
```

A LUZ ARTIFICIAL E AS PLANTAS

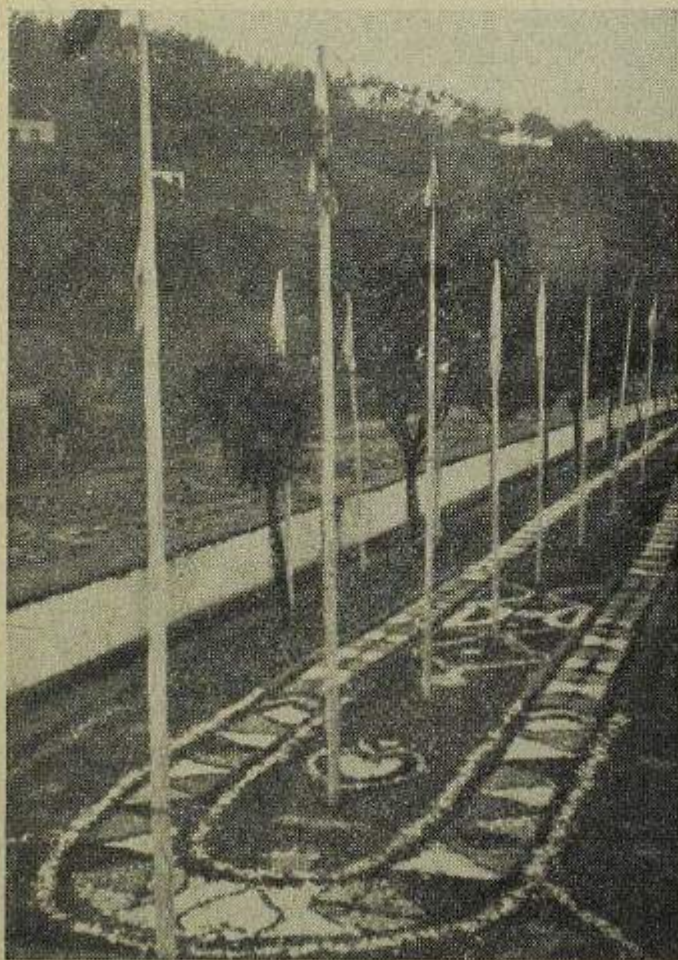
Numerosas experiências têm demonstrado que se pode acelerar o crescimento de certos vegetais, submetendo-os, durante a noite, aos efeitos da luz artificial.

Eis uma curiosa aplicação prática deste fenómeno, já há muitíssimos anos efectuada.

Perto de Nova York houve, uma ocasião, necessidade de trasladar um luxuoso clube de «golf», composto de um pavilhão e o campo de jogo.

No decurso da trasladação, depois de se ter feito a excavação do terreno para os alicerces do pavilhão, resolveu-se construir este noutro sítio, e o terreno removido destinou-se para campo de jogo.

Aproximava-se, todavia, a temporada dos jogos, e este terreno, desprovido de vegetação, ia deslustrar o conjunto da instalação. Fôra já semeado de céspede, mas não se podia esperar que este nascesse com a rapidez necessária para que oferecesse o aspecto de um tapete verde, no dia da inauguração. Pensou-se, pois, em fazer a experiência da luz artificial sobre um pedaço do terreno. A superfície submetida à experiência era de 190 metros quadrados. Instalaram-se por cima dela, a um metro e vinte centímetros do solo, 24 lâmpadas eléctricas incandescentes, de 1.000 w. cada uma, suspensas de uns cabos. Estiveram acesas durante vinte dias; o céspede germinou em cinco dias em vez de sete, como necessitou a outra parte submetida apenas à luz do sol. Ao fim de vinte dias, sobre a superfície iluminada artificialmente, a relva, muito espessa, tinha alcançado uma altura de 10 centímetros. No terreno não iluminado tinha apenas de altura dois centímetros e meio.

A experiência era concludente. Aplicou-se ao resto do terreno igual processo e dois meses depois do céspede semeado, todo o terreno do clube se achava em condições de receber os jogadores.

S. MIGUEL, AÇORES. — POVOAÇÃO. — POLÍCROMO TAPETE DE FLORES, PREPARADO PARA A PASSAGEM DUMA PROCISSÃO. — *(Foto Dr. A. Baião, filho)*

Vento à disposição

Havia antigamente na Noruega uma tradição, segundo a qual o homem podia governar o vento, a seu belo capricho, por meio de um pedaço de corda em que se faziam três nós.

Esta superstição popular deu origem à curiosa indústria de fabricar e vender estas cordas mágicas, que os marinheiros e os pescadores adquiriam por muito bom preço.

Julgava-se que o dono de um destes talismans era senhor absoluto dos ventos. Se desfizesse o primeiro nó, levantava-se imediatamente uma brisa favorável; desfazendo o segundo, sobrevinha um vento brando, noroeste; e desatando o terceiro, podia produzir-se a tempestade.

Parece que na ilha de Man houve, noutros tempos, feiticeiras que se dedicavam, também, à confecção e venda dessas cordas prodigiosas.

Segundo a opinião dos cientistas, os raios do Sol perdem todas as suas propriedades curativas quando atravessam as vidraças das janelas. Assim, para que o banho de sol seja eficaz deve ser tomado ao ar livre; a não ser que se substituam os vidros ordinários das janelas por cristais de quartzo, como se faz actualmente nas grandes cidades da Inglaterra e da América do Norte.

Uma resposta de Talleyrand

Perguntaram, uma noite, a Talleyrand qual era a sua opinião sobre o governo: — A minha opinião? — exclamou o arguto estadista. — Mas, meus amigos, pela manhã tenho uma opinião, à tarde tenho outra. E à noite, em geral, não tenho nenhuma...

S. MIGUEL, AÇORES. — POVOAÇÃO. — OUTRO TAPETE DE FOLHAGENS, FLORES E SERRADURA COLORIDA, ESPERANDO A PASSAGEM DA MESMA PROCISSÃO. — *(Foto Dr. A. Baião, filho)*

AS CAMISAS DO BISPO

O arcebispo de Bordeus, M. Avian de Sanzay, era tão caridoso que dava tudo aos pobres, privando-se do que mais necessitava. Chegou a precisar de roupa interior, e quando lhe falavam em comprá-la, respondia sempre:

— Sim, sim! veremos, daqui a uns dias.

A sua governanta imaginou, então, um estratagema e, dirigindo-se ao prelado, disse-lhe:

— Monsenhor, eu desejava, nas minhas horas vagas, fazer umas camisas para um velhinho pobre, que não tem que vestir; mas não tenho com que comprar o pano. Se me quisésseis ajudar, dando-me alguma cousa para o pano das camisas?

— Sim; pobrezinho do velho! — disse o prelado. — Toma lá para comprar o pano.

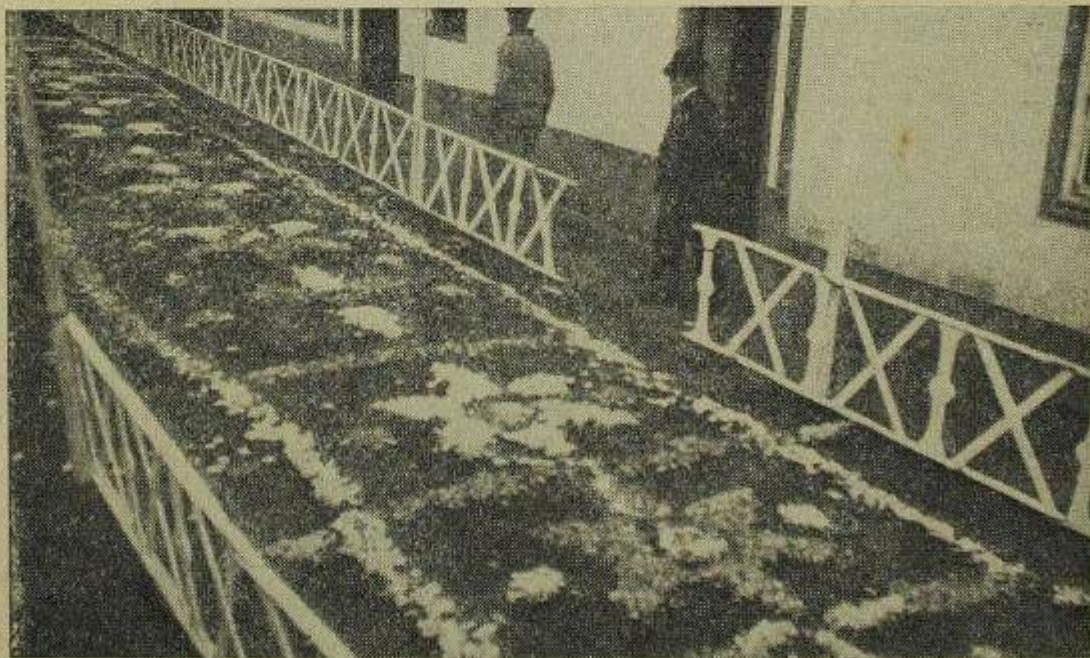
Dentro de alguns dias veio a saber que, com a sua ardente caridade havia dado uma esmola a si próprio.

Um homem de idade avançada e riquíssimo, era aconselhado pelos amigos a que se casasse, e desculpava-se dizendo que não gostava de velhas. Responderam-lhe que escolhesse uma mulher nova.

— Ora! — replicou o velhote — se eu não posso suportar as velhas, como seria possível que uma rapariga nova me suportasse a mim?

❋

— Então saem e deixam as portas abertas! E se viessem ladrões?

— Ora! Não entravam, julgavam que havia alguém em casa.

S. MIGUEL, AÇORES. — POVOAÇÃO. — AINDA OUTRO TAPETE FLORIDO, IGUALMENTE DISPOSTO PARA O MESMO EFEITO, SENDO DE NOTAR A DIVERSIDADE ARTÍSTICA E BASTANTE INTERESSANTE DOS TRÊS MODELOS EXPOSTOS, NESTA PÁGINA E NAS DUAS ANTERIORES

(Foto Dr. A. Baião, filho)

TROVAS

(De Luís Otávio, *bras.*)

Vejo-te sempre ao meu lado,
vá ao lugar onde fôr...
Vejo-te tanto... ainda dizem
que estou ceguinho *de amor...*

Se é de amor tua ferida,
não busques remédio, — cala!
O Tempo aliado à Vida,
lentamente há-de curá-la...

O Tempo custa a passar
nas horas más da Desgraça!
Mas se a Ventura chegar
bem depressa o Tempo passa...

Levo tua alma na minha...
Teu olhar no meu olhar...
Levo também a saudade
que quase me faz chorar!...

Quando a Saudade descerra
da Distância todo véu:
mais longe fico da terra,
mais perto fico do céu...

Fechando os olhos te vejo...
Abro os olhos, vejo a Vida!
— Ah! se eu pudesse viver
de olhos fechados, querida!

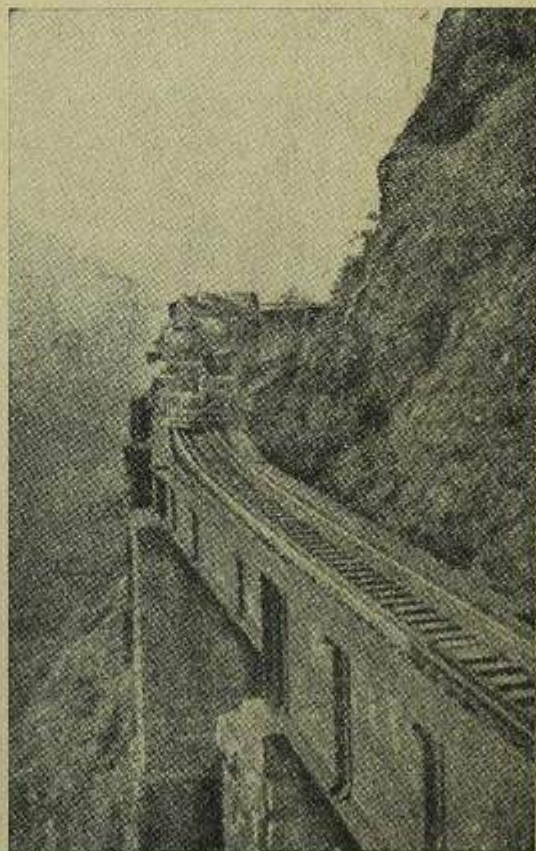
Só temos este consôlo
nesta vida tormentosa:
Nossa ventura será
mil vezes mais venturosa!...

Tão grande é o vazio d'alma
ao de ti me separar,
que mesmo a Saudade imensa
é pequena em teu lugar...

Eu, pecador, me confesso
deste pecado também:
— Dei-te apenas um só beijo,
quando podia dar cem...

Viagens fantásticas

Se fosse possível ir da Terra ao Sol, viajando num avião a trezentas milhas por hora, seriam precisos 74 dias para atingir o astro-rei. Mas, se se tratasse de alcançar a estrela mais próxima fora do sistema solar, seriam precisos nove milhões e seiscentos mil anos.

A alegria é uma embriaguez. É uma espécie de perturbação mental, que encobre num véu cor de rosa a negra realidade do mundo. — *D. Alberto Bramão.*

ESTADO DO PARANÁ — BRASIL. — ESTRADA DE FERRO CURITIBA-PARANAGUÁ.

(Foto oferecida pelo sr. João T. de Almeida — Botucatu — S. Paulo — Brasil)

PORTUGAL HIDROLÓGICO

(Passatempo oferecido pela sr.ª D. M. L. dos Santos Pereira — Porto)

```
         - - - - Á - - - -
          - - - G - - - -   - -   - - - - - - - -
              - U - - -
              - A - - - - - -
              - S - - - - -

                M - - - - -
            - - E - - -
        - - - - D -
      - - - - - I - - -
                C - -
              - I - - - -
            - - N - - - - - -
  - - - - - - - - A
            - - I - - -
      - - - - - S

          - - - P - - - -
        - - - - O - - - - - -
          - - - R - -
            - - T - -   - -   - - - -
              - U - - -
          - - - G - - -
          - - - U -
            - - E - - - -
        - - -   S - - - -
                A - - - - - -
    - - - - - -   S - - - - - - -
```

Consiste este passatempo em substituir os traços por letras, de modo a encontrar, nas primeiras 5 linhas, nomes de termas; nas 10 seguintes, nomes de caldas; e, nas 11 finais, nomes de águas minerais, todas de Portugal Continental.

—Quantas botas trazes tu calçadas? — perguntaram por troça a um rapaz que passava por estúpido.

—Três—respondeu ele, impassível.

— Como assim?!

— Trago bota e meia em cada pé.

A DEUSA ESMERALDA

Muitos historiadores mencionam a «Deusa Esmeralda» entre as divindades adoradas pelos nativos do Peru. Era a deusa representada por uma pedra verde (talvez uma esmeralda verdadeira) do tamanho dum ovo grande e estava exposta no vale de Minta e num templo que lhe era dedicado.

Era exibida durante as grandes festas e os índios acudiam ao templo, em romaria, levando-lhe numerosas oferendas.

O general Townsend, de Londres, podia refrear as pulsações do coração e suspender-lhe a função, inteiramente à sua vontade.

Este fenómeno invulgar foi comprovado pelos dois médicos ingleses bem conhecidos, doutores Cheyne e Bayard.

O general morreu oito dias depois de ter suspendido as pulsações do coração durante meia hora.

❋

—Parece mentira que o senhor não queira pagar-me essa quantia! Depois das considerações com que o tenho tratado, paga-me com a mais negra ingratidão!

— Pois sim; seja como for. Mas pago-lhe. Tudo é pagar!

Quadras adivinhas

(Passatempo oferecido pelo sr. Clodoveu Eduardo Brazão Gil — Luanda — e dedicado aos seus conterrâneos e amigos que na cidade de Moçâmedes são leitores assíduos do apreciado «Almanaque Bertrand»).

1

Cidade d'encantos mil,
Com guitarras a trinar;
Tem três letras de Brasil,
Teu lindo nome a fechar.

2

Se quer saber o que sou,
— (creio bem que o saberá!)
A cidade aonde estou,
Leia ao contrário... e verá!...

3

Foi numa serra de Espanha,
Onde a luz do dia eu vi;
Uma deusa me acompanha,
Desde o dia em que nasci.

4

Estou na Itália e em Portugal
E vive em mim a alegria;
Eu sou o sítio ideal,
P'ra quem gostar da folia!...

5

Sou um «caule açucarado»,
E devem de mim gostar;
Mas se me juntar ao «Sado»,
Pode ouvir o meu cantar.

6

Se uma letra se juntar,
A este nome de mulher,
Poderá, sem duvidar,
Uma linda flor colher!...

Um gracioso encontrou na rua um desconhecido muito feio. Chegou-se a ele e pôs-se a dizer-lhe que se dava por feliz por tê-lo encontrado. O outro, muito admirado, perguntou-lhe o motivo de tal contentamento. Ao que o primeiro respondeu:

— É porque conheço que o sr. é homem duma só cara. Podem-se-lhe aplicar os versos de Sá de Miranda:

Homem dum só parecer,
Dum só rosto, uma só fé,
Dantes quebrar que torcer,
Ele tudo pode ser,
Mas de côrte homem não é.

— Mas porque diz o sr. que eu tenho uma só cara, não me conhecendo?

— É porque se tivesse mais de que uma, não se apresentaria em público com essa tão feia, não sendo tempo de Carnaval.

O amor é um som que reclama um eco. — *Júlio Dinis.*

BOAS CONTAS

— Salvo qualquer acidente, para o fim do mês que vem devemos conseguir pôr em dia as contas do mês passado, não te parece?

(«Answers»)

Angola de lés a lés

(Passatempo oferecido pelo sr. António Bernardino de Sá — Golungo Alto — Angola).

Escondidas nas palavras abaixo indicadas estão os nomes de algumas terras de Angola; queiram portanto os estimados solucionistas do querido «Bertrand» tentar descobri-las, pois que não é muito difícil.

Para maior facilidade, aí vai um exemplo:

Tenho título, e sou também uma cidade em Portugal *(Duque de Bragança).*

VILA GENERAL MACHADO (CAMACUPA) — BIÉ — ANGOLA. — MONUMENTO AO GENERAL MACHADO. — *(Foto Gastão Reis Fonseca)*

E agora, prezados solucionistas, mãos à obra.

1.º — Dou amoras, mas também abrigo navios.

2.º — Sou espécie de tambor cafreal.

3.º — Ainda não fui estreado, e tenho formato esférico.

4.º — No termo antigo, sou imposto sobre o sal.

5.º — Som agudo, produzido pela fricção de duas superfícies polidas.

6.º — No termo Brasileiro: Diz-se das galinhas pequenas, de penugem lisa e pernas nuas.

7.º — Por ser um nome de jogo de cartas, também sou um mês de inverno.

8.º — Pau com gancho para apanhar fruta.

9.º — Aparelho, para arremesso de pedras.

10.º — Antiga medida itinerária da Índia.

Durante a campanha de 1813, Napoleão sentindo sede, pediu que lhe arranjassem água ou vinho para beber. Encontraram uma garrafa de vinho e levaram um copo cheio ao imperador, que, provando, demonstrou não o ter apreciado.

O ajudante de campo desculpou-se:

— Sem dúvida, este vinho é do ano passado.

— Do ano passado? — retorquiu Napoleão. — É muito boa vontade da sua parte. Isto é vinho do ano que vem...

❋

Ele: — Provàvelmente, houve algum pedaço de asno que te fez a corte antes do nosso casamento?

Ela: — Ainda o perguntas!... Com toda a certeza que houve.

— Nesse caso, o que devias ter feito era casar com ele.

— Pois foi exactamente o que fiz.

Cinco cidades portuguesas

(Passatempo oferecido pelo sr. João de Sousa — Santo Amaro — Nova Lisboa — Angola).

1 — Gabara.
2 — Retoma. 4 — Velosa.
3 — Arguida. 5 — Gulosa.

Suprimindo a cada palavra uma vogal e dispondo as restantes letras por outra ordem, encontrarão os nomes de cinco cidades portuguesas.

— Lembras-te daquelas caixas de charutos que me deste na semana passada?

— Lembro.

— Reparti-os pelos meus amigos e já não tenho nenhum.

— Já não tens nenhum charuto?

— Não. Não tenho nenhum amigo.

❋

— Com que então, o Gustavo vai casar?

— Vai; e entra numa família muito antiga.

— Deveras?

— Sim; o pai da noiva tem noventa e dois anos, e a mãe, setenta e seis!

— Papá, o livro de História Natural diz que os animais mudam de pele todos os anos.

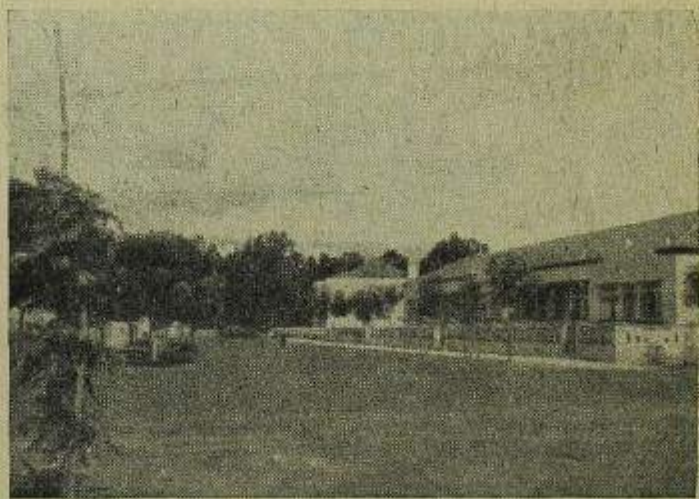
— Está calado, rapaz! Se a tua mãe ouve, quer um casaco novo este inverno...

Modéstia evidente

O visitante: — Algum membro de sua família já porventura fez um brilhante casamento?

O dono da casa (cioso da sua importância): — Sim, sim, fê-lo a minha querida esposa.

A riqueza é como a água, que, sendo pouca, lava e sendo muita, afoga. — *Prov. persa.*

VILA GENERAL MACHADO (CAMACUPA) — BIE — ANGOLA. — ADMINISTRAÇÃO E RESIDÊNCIA

VILA GENERAL MACHADO (CAMACUPA) — BIE — ANGOLA. — ESCOLA PRIMÁRIA

(Fotos Gastão Reis Fonseca)

MAU NEGÓCIO

A Lilita, com 5 anos, tinha sido deveras traquina e má, e a mãe declarou que em vez de a castigar, o que ia fazer era trocá-la por uma menina boazinha.

Mas a Lilita não se perturbou nada com isto.

— A mãe não podia fazer isso, — disse ela rindo.

— Não? Então porquê? — perguntou a mãe, admirada.

— Porque, — explicou a garota com toda a calma — ninguém era tão parvo que fosse dar-lhe uma menina boa por outra má.

A alegria é o oxigénio da alma. — *D. Alberto Bramão.*

Na quadra das Boas Festas:

A mãe abre com todo o cuidado um pacote, que acabam de trazer, e a pequenina Luizinha segue-lhe os movimentos com sobressalto. Sai de lá, por fim, uma magnífica boneca.

Exclama, então, Luizinha radiante:

— Ah! mamã, que susto que tive! Estava com medo que fosse alguma coisa para ti!

— Mãezinha, — perguntou, soluçando, o Riquito — as minhas orelhas pertencem ao meu pescoço ou à minha cara?

— Porque perguntas isso?!

— É que a mãe disse à Jesuína para me lavar a cara e ela lavou-me as orelhas também!

PREPARATIVOS DE VIAGEM

Esta caminha de bébé é uma invenção muito prática e de grande vantagem para os pais que querem viajar. Dobra-se toda, e, em menos dum minuto, fica transformada numa linda mala de mão, que fàcilmente se transporta.

(«Popular Mechanics»)

O Natal do Pretinho

(Dedicado aos pequeninos leitores do «Bertrand» em Vila Cabral)

INOCK era um pretinho de treze anos, aluno da Missão de Unango, onde era muito estimado pelos Missionários e mestres. Desde os oito anos que o pai, um velho carpinteiro das Obras Públicas, o internara e ele, em cinco anos, fizera verdadeiros progressos pois era muito aplicado. Andava sempre muito limpo na sua «balalaica» e calção de ganga que o pai lhe comprara no «Sheriff», o «Chitolo» [1] mais querido dos indígenas, pela forma como são tratados quando ali vão fazer as suas compras.

No último Natal, Inock pediu aos padres que o deixassem ir passá-lo com a família. Teria pena de não assistir, como sempre, à linda Missa do Galo que se rezava na Igreja da Missão, todos os anos, mas tinha também um desejo imenso de passar esse Natal com os pais. Lá conseguiu a autorização e numa manhã clara e fresca, pôs-se a caminho do lar. Estava-se a 24 de Dezembro. Inock percorreu os trinta quilómetros que separam a Vila, da Missão de Unango, quase sem se fatigar, visto que seu pai trabalhava em Vila Cabral. Chegou ao sol posto; seu pai fumava um cigarro à porta da palhota por ele mesmo construída, rodeada de uma grande *machamba* de milho e feijão, trabalho árduo de sua mãe que nessa altura estava para o riacho onde fôra buscar água, na panela de barro por ela mesma modelada.

A dois passos de casa, Inock poisou a trouxinha e baixou-se, pondo-se quase de joelhos, como é do rito entre eles, para cumprimentar o pai. Embora educado noutros princípios, Inock compreendia que não devia ofender a família, não cumprindo com as cerimónias do estilo.

Nessa noite, a mãe de Inock matou um frango e colheu as melhores massarocas da *machamba* em honra do filho. Ambos, pai e mãe, se sentiam orgulhosos daquele filho, que sabia ler, e rezar a Deus, esse Deus que eles desconheciam, mas sabiam existir.

Antes da meia noite, Inock dirigiu-se para a Capela de S. José, da Vila, para assistir à Missa do Galo. A noite estava ventosa e caía uma chuva miudinha e persistente; no entanto a capela achava-se repleta de fiéis. Inock, muito humilde no seu fato e nas suas sapatilhas já a romperem, entrou silencioso e respeitosamente se ajoelhou algures. Assistiu à Santa Missa com Fé e devoção, lembrou-se dos seus colegas internados na Missão, que não saíriam a férias e pediu a Deus por eles.

No fim da Missa, tiveram os devotos que esperar que a chuva, que aumentara então, abrandasse um pouco. Assim, Inock, tal como muitos pretinhos cristãos, se misturaram com os meninos europeus da sua idade,

[1] Loja.

uns que os fitavam com curiosidade e outros com indiferença. Inock, talvez pelo seu aspecto desenvolto, foi interpelado por um menino que lhe perguntou baixinho:

— Puseste os teus sapatos na chaminé?

Inock, que não gosta de mentir, retorquiu, orgulhoso da sua pobreza:

— Não tenho dois pares de sapatos...

O menino olhou para os pés do pretinho, calçados numas sapatilhas meias velhotas e logo para os seus, enfiados nuns sapatos de bom cabedal e bem engraxadinhos. Disse então, com ar de quem quer consolar:

— Não faz mal, não te rales; o Menino Jesus não dá brinquedos aos pretos...

Inock ia retorquir, na sua bela e veemente Fé em Deus, que isso era falso, que era pecado fazer-se tal afirmação pois que, para Deus Todo Poderoso, todos eram iguais; assim aprendera e nessa crença viveria até morrer. Porém, nessa altura, os fiéis começaram a dispersar, rumo a suas casas, para a ceia, para o calor da lareira, e ele nada pôde dizer.

Foi cabisbaixo que retomou o caminho de casa. Nos seus olhos humildes brilhavam duas lágrimas. De pena? Não. De censura por lhe terem dito que o Menino Jesus não dava brinquedos aos pretos. Mentira, vil mentira! Ele bem sabia que para o Deus menino não havia distinções; de todos Ele escutava as preces, bastava que fossem ditadas pela Fé, pelo Amor, por Ele!

Era certo que nunca, nunca, pusera na chaminé da grande cozinha da Missão que o educava, os seus velhos sapatos, mas também era verdadeiro que, pelo Natal, apareciam muitas guloseimas e roupas novas, que deixavam os alunos, nas suas modestas aspirações, radiantes. Logo: donde vinha tudo isso? Do Menino Jesus, sim senhora, tinha a certeza. Só Ele se lembraria deles. E, Inock, assim meditando, caminhava quase sem ver por entre a palha molhada do carreiro que ia dar à sua palhota. Teve de bater muito para que lhe abrissem a porta bem trancada, que os pais tinham o cuidado de não deixar aberta, não fosse a hiena fazer das suas.

Inock sentou-se na sua quitanda de cordas e descalçou as sapatilhas que foi pôr ao pé do lume brando que ardia no meio da palhota, para que enxugassem durante o resto da noite. Rezou antes de adormecer, ao Deus Menino para que perdoasse a heresia pronunciada pelos lábios do menino que momentos antes estivera de joelhos a adorá-Lo.

Hieróglifos comprimidos

(Oferecidos pelo sr. Silvestre Baptista — Lisboa)

Tantos [Nenhum]

[V U Q nota ZZ KKar]

[Povoádo n ct]

[VII]

Acordou cedinho, mas já os pais tinham ido, um cortar paus para a construção de uma nova habitação, e outro à ribeira. Depois da oração matinal, foi buscar as sapatilhas e, qual não é o seu espanto e alegria, ao achar junto delas, um serrote e um martelo, novinhos em folha! Duas coisas úteis, dois utensílios que o pai também possuía e usava para ganhar a vida honradamente!

— Bendito seja o Menino Jesus, — disse num murmúrio de gratidão. Eu sempre disse que era mentira o que disse aquele menino: que o Menino Jesus não dava brinquedos aos pretos! Não me deu brinquedos, é verdade, mas deu-me coisa bem melhor. Com isto me iniciarei no trabalho, para que meu pai possa descansar enfim, visto estar bem precisado disso. Pagar-lhe-ei, assim, parte do que lhe devo!

E o nosso pretinho, feliz com a sua prenda de Natal, ajoelhou de novo e murmurou docemente:

— «Pai Nosso, que estais no Céu, Santificado seja o vosso Nome...».

Tia Milena
(Helena Gonçalves)

Vila Cabral, Áf. Or. Port. Janeiro de 1949.

Um rapazito do coro: — Porque deixaste de cantar no coro?

Um seu antigo colega: — Porque, um dia em que estive ausente, alguém perguntou se o órgão tinha sido concertado.

❋

O Joãozinho vê no tanque do jardim um peixe vermelho, morto, que flutua à superfície da água.

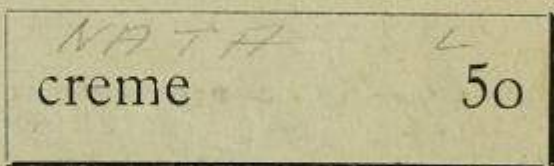
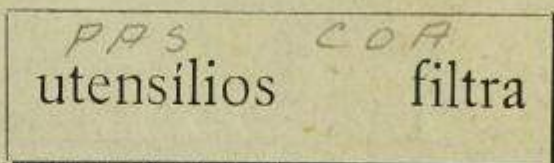
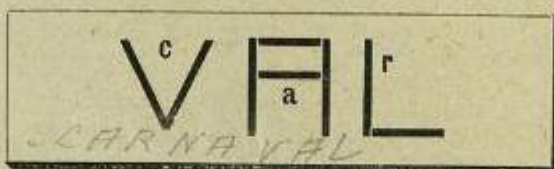
— Pobre bichinho! — diz ele, pesaroso, — olha, mãezinha, naturalmente morreu afogado!

Hieróglifos comprimidos

(Oferecidos pelo sr. Ruy Alberto de Frias e Gouveia — Coimbra)

utensílios filtra

FÉRIAS

creme 5o

Um rapazito de aldeia entra em casa dum vizinho e diz, muito compungido:

— Manda dizer minha mãe, se vocemecê lhe faz a esmola de uma gota de azeite para um remédio.

— Espera um instante, rapaz, que em vindo a criada vai-te já por ele.

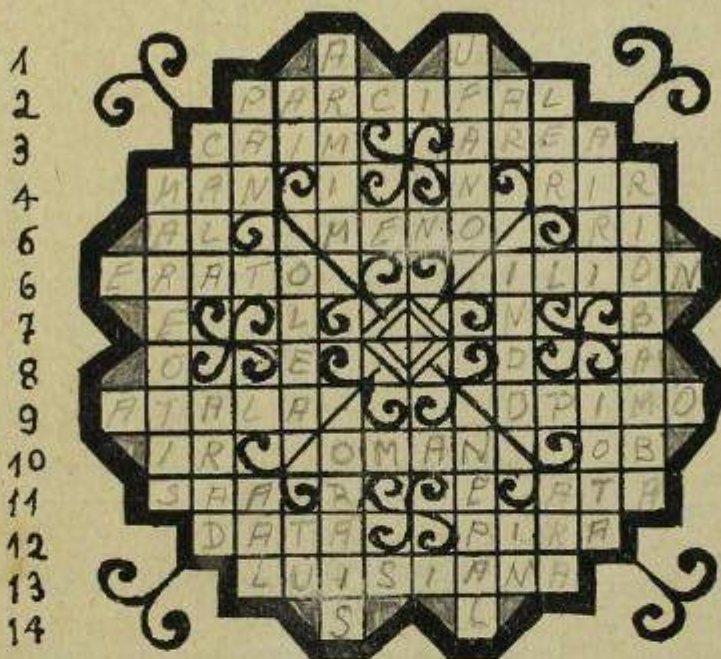
— Mas é que minha mãe já tem a massa das filhós pronta para deitar na frigideira.

❋

— Estou satisfeita por não te teres mostrado guloso lá no chá dos teus amiguinhos servindo-te segunda vez do bolo.

— Eu, agora, nunca me sirvo segunda vez, — respondeu o petiz, com oito anos. — Tiro logo duas fatias, a primeira vez que me vêm oferecer o prato.

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Clodoveu Eduardo Brazão Gil — Luanda)

HORIZONTAIS

2 — Admirável drama musical em três actos, poema e música de R. Wagner. 3 — Filho primogénito de Adão e Eva; superfície plana delimitada. 4 — Ilha inglesa do mar da Irlanda; gracejar. 5 — Outra coisa; rio da Alemanha, afluente do Reno; escarnece. 6 — Musa que preside à elegia; um dos nomes de Tróia. 9 — Novela de Chateaubriand, cuja acção se passa nas selvas americanas; excelente. 10 — Andar; golfo do Oceano Índico, entre a Arábia e o Indostão; o maior rio da Sibéria. 11 — Medida argelina usada na venda dos grãos e que vale 48 litros; fruta de conde. 12 — Grande porção; doença de pele nos animais. 13 — Um dos Estados unidos da América do Norte, junto ao Golfo do México.

VERTICAIS

2 — Lago do Baixo Egipto, separado do mar por uma língua de terra, sobre a qual se eleva Alexandria. 3 — Corda de esparto para alar ou arrastar certas redes; cidade da Hungria, capital do Condado de Arad, junto ao rio Maros. 4 — Filho de Hermes e da ninfa Dryope, deus dos rebanhos; árvore terebintácea, com cuja casca se aromatiza o vinho. 5 — Interjeição; grande navio antigo, de carga; pronome pessoal. 6 — Malha de cabelos no casco do cavalo; relativos à boca. 9 — Satisfeito de si mesmo; reino independente do Indostão, no Himalaia. 10 — Aparência; rio da Índia, que desagua no mar de Oman; prefixo privativo, que indica umas vezes supressão ou negação, outras exprime ideia de posição inferior ou superior. 11 — Compreender; pedra de altar. 12 — Espécie de coqueiro do Brasil; nona letra do alfabeto grego. 13 — Cidade da República do Equador.

A dona da casa volta, furiosa, da copa, onde através duma porta, ouviu os criados chamarem-lhe velha rabugenta e outros nomes idênticos, contando a seu respeito casos pouco edificantes.

— Vou despedi-los, a todos — declarou ela ao marido.

— Não caias em tal — respondeu-lhe aquele serenamente — iriam repetir lá para fora o que só dizem aqui.

A deslocação das pedras

(Problema oferecido pelo sr. V. J. — Faro)

41 grupos, de 2 pedras cada um, estão colocados em linha recta e distanciados, uns dos outros, 5 metros.

Que distância teremos de percorrer, para levar todas as pedras, uma a uma, ao local (A), situado 10 metros além do 41.º grupo?

Supõe-se que se parte do 1.º grupo.

Provérbios a adivinhar

(Passatempo oferecido por «Andes», de Cambres)

1.º

Q	C	Q	C
1	2	1	2

2.º

H	P	V	P	D
2	4	2	1	1

3.º

Q	F	A	B	L	P
1	2	2	3	1	3

4.º

N	S	D	P	V	O	H
1	1	1	1	2	1	2

5.º

G	Q	C	E	N	G	Q	F
2	1	2	1	1	2	1	2

6.º

N	F	Q	N	T	Q	S	L	D
2	2	1	1	2	1	1	1	2

7.º

N	T	Q	L	E	O
1	2	1	1	1	2

8.º

Q	E	D	S	O
1	3	1	1	2

9.º

N	H	R	S	E
1	1	2	1	3

10.º

P	L	O	M
3	2	3	2

Cada letra representa a inicial de uma palavra, e o número correspondente indica o número de sílabas dessa palavra.

A FAMÍLIA 1792

Neste caso, 1792 não é um número, mas sim um apelido. A família 1792 vivia em Coulommiers, França, e não sabemos se ainda lá viverá. Havia quatro filhos e cada um deles tinha o nome de um mês — Janeiro 1792, Fevereiro 1792, Março 1792, e Abril 1792.

Sabe-se que o Março 1792 morreu em Setembro de 1904.

Rama V, ou o rei Chulalongkorn do Sião, que morreu em 1910, tinha 3.000 mulheres e 370 filhos — 134 rapazes e 236 raparigas.

*

Com um cabelo de mulher pode amarrar-se um elefante. — *Prov. japonês.*

Os pintores e os seus quadros

(Passatempo oferecido pelo sr. Joaquim de Sá Dias — Algueirão — Linha de Sintra).

Autor	Obra
Acácio Lino	O Marinheiro
Columbano	O guarda
Constantino Fernandes	Deposição no Túmulo
Sousa Pinto	Os campinos
Veloso Salgado	Estrada
Artur Loureiro	Vianense
Júlio Ramos	A batalha de Aljubarrota
Cristóvão de Figueiredo	Bezerros
Carlos Reis	Bulhão Pato
Silva Porto	Calças Rotas

Trata-se de ligar ao nome de cada autor, o da obra respectiva, pois estão todos trocados.

Hieróglifos comprimidos

(Oferecidos por Talita Paixão — Almada)

corda corda corda

Pão bolorento

corda corda viola

Céu

voz voz voz voz burro

KK te 50 o nota animal

Uma nova ilha

Foi recentemente descoberta pela tripulação dum avião, mais uma ilha nas Novas Hébridas. É uma ilha vulcânica, de forma ovalada, que surgiu em pleno mar, a sueste da ilha de Lepi. Tem uma superfície de cerca de 12.000 metros quadrados e em alguns pontos, as suas colinas elevam-se a cerca de setecentos metros.

Corridas de peixes

Há cerca de dez anos, certos peixinhos chineses, de uma espécie rara, que caminham servindo-se das suas barbatanas à maneira de pés, foram levados para Nova York e ali deram origem a uma nova diversão: as corridas de peixes.

A pista era constituída por um recipiente de madeira, cheio de água e dividido em duas secções, pelas quais avançavam os estranhos animaisinhos. Este entretenimento causou sensação na grande cidade norte-americana, pela sua novidade.

Para se tirar o mau cheiro da pintura a óleo, de um aposento, basta colocarem-se dentro de um prato, duas ou três cebolas partidas em pedaços miúdos, deixando-as no interior do compartimento pintado. O cheiro do óleo desaparece completamente.

❋

Os romanos foram os primeiros a descobrir uma tinta fixa para tingir: a côr era roxa.

SALTO DE CAVALO

(Passatempo oferecido pela sr.ª D. Maria Odette Nóbrega — Sá da Bandeira — Huila — Angola)

Que	to f	to	++ s	+ A des	ra	lou	ti
do a	i	r va	ção	de	ar	pe	co
tan	rto.	oi	ped	s mor	ha	st	qui
a	min	ida	mos	e p	a des	to, no	di
é ce	en	ida	um	dúv	tai	ani	e p
ha	m	par	s. E, no	que	rqu	da é	per
a lon	ste,	nc	d	mes	pre	ar	po
a	vi	ge, ou	tri	a nu	a,	mo	sem

Partindo da casa marcada com uma + e terminando na marcada com duas ++, percorrendo o tabuleiro a salto de cavalo, formar-se-á um desenho bastante simétrico e dois tercetos de um soneto do poeta Espínola de Mendonça.

Leon Avazian, de Nova York, subiu a escadaria até ao cimo de Woolworth Building, em 9 minutos. Eram 55 andares, 1520 degraus.

No «subway» (metropolitano) de Nova York viajam 165 milhões de pessoas por mês, e um milhão de donas de casa por dia.

A palavra e a escrita

A palavra põe os homens em comunicação recíproca. Por ela transmitimos as mais delicadas relações das ideias; sem ela o espírito humano estaria encerrado em si próprio e não poderia pôr em conhecimento dos seus semelhantes senão muito pouco do que experimenta dentro de si — e, ainda isso, imperfeitamente. Sem a palavra, a sociedade política destrói-se e a doméstica fica reduzida à conservação da espécie, à maneira dos irracionais.

Não se limita, porém, a palavra a estabelecer a comunicação do espírito de cada homem com o dos outros. Em cada espírito, considerado em si, é ainda poderoso vínculo das ideias, não só para as recordar se não também para as ligar nos juízos e raciocínios. O espírito tem na linguagem uma espécie de tábua de registo, onde recorre quando precisa de recordar, ordenar ou aclarar as suas ideias. Às vezes, numa só palavra conserva-se vinculada a memória de largas operações, — e com, apenas, pronunciá-la ou lê-la sente o homem desenrolar no seu interior o fio de conhecimentos adquiridos em longos anos, em que se encerram talvez os frutos dos trabalhos da humanidade durante muitos séculos.

A palavra era um signo que devia estar pronto em todas as horas e ser, além disso, susceptível de infinitas modificações para exprimir a variedade, a gama, os matizes das ideias. Eis aqui por que se nos deu um órgão que com a maior facilidade e rapidez executa todos os movimentos, fazendo sentir todas as combinações imagináveis. O mecanismo da voz, a suma facilidade com que se presta a todos os mandatos da vontade, revestindo o pensamento de forma sensível, é do mais assombroso que se pode imaginar. Quem marca o tempo que medeia entre a concepção de um pensamento e a sua expressão falada?

Vêde o orador, de cuja boca o discurso mana como um rio de ouro, com a impetuosidade de uma catarata. Quantas ideias de todas as espécies! O sensível e o insensível; o simples, o composto; juízos, raciocínios, comparações, análises, sínteses, tudo exprime com a mesma facilidade com que o concebe; o pensamento surge na mente do orador e, no mesmo instante, brilha já na do ouvinte com a rapidez do relâmpago. E, no entanto, foi preciso que o pensamento se concebesse e que a von-

NO CASTELO

Sorria a noite límpida e estrelada
Sobre esse velho e histórico terraço,
Onde as heras se prendem, num abraço,
Às muralhas de pedra arruinada!

A escuridão no campo, semeada
De luzes, cintilando espaço a espaço,
Era como outro céu, mas negro e baço,
Larga treva de mágoas habitada!

Senti cair então, no pensamento,
Uma enorme tristeza silenciosa,
E meditei que todo o sentimento

Vacila, numa dúvida forçosa,
Entre o suave azul do firmamento
E o negrume da terra dolorosa.

MARIA DE CARVALHO

tade comandasse o movimento dos órgãos vocálicos e que o ar vibrasse e que a vibração chegasse ao ouvido de outrem e se comunicasse ao seu cérebro, e que o som servisse ao entendimento como de contra-senha para perceber a ideia: e isto em número ilimitado, em variedade indizível, nas gradações mais delicadas, em combinações abstrusas, com mescla de sentimentos de mil espécies, estabelecendo-se um fluxo de ideias e de afectos entre o que fala e o que ouve, como o dos raios solares levando a largas distâncias a luz e a vida. E — coisa admirável! — não é isto privilégio dos sábios, é património da humanidade. O homem do povo, a mulher mais ignorante faz o mesmo que o orador nomeado; a facilidade, a rapidez, o portento da expressão é sempre o mesmo. Quando tratamos de um fenómeno tão assombroso, que significa um pouco mais ou menos de cultura nas palavras, de esmero na pronúncia? O admirável está na própria linguagem, não nesses ligeiros aditamentos. Reconheçamos a sabedoria e bondade do Criador e dêmos-lhe graças por tamanho benefício.

A escrita é a ampliação da palavra; é a própria palavra triunfando do espaço e do tempo. Com a escrita não há distâncias.

Um homem, retirado num canto do mundo, concebe uma ideia e lança-a no papel. O homem morre desconhecido; o vento esparze-lhe as cinzas antes que seja descoberto o seu túmulo ignorado. E todavia, a ideia vôa por toda a redondez do globo e conserva-se intacta no meio da corrente dos séculos, entre as revoluções dos impérios, entre as catástrofes em que se afundam os palácios dos monarcas, em que perecem as famílias mais ilustres, em que povos inteiros são suprimidos da face da terra, em que passam sem deixar memória de si tantas coisas que se chamam grandes! Mas o pensamento do mortal desconhecido conserva-se ainda; o signo perpetua-o. Os pedaços da débil folha salvam-se, e nela está o sinal misterioso em que o obscuro mortal envolveu a sua ideia e a transmitiu ao mundo inteiro em todas as suas gerações. O desgraçado morreu na extrema miséria, como Camões; a sua voz moribunda exalou-se sem uma companhia de consolação; traçou, porventura, aqueles sinais à luz escassa de uma candeia. Que importa? Desde

BERENICE

De si vaidosa, a loura Berenice
Era-o, em grau maior, dos seus cabelos;
Pois deslumbrava aquele que lhos visse
Pelas brancas espáduas em novelos.

E como o esposo para o mar partisse,
Ela, doida de amor, talvez de zelos,
— Por que a esperança de vê-lo não fugisse, —
Cortando-os, foi no templo suspendê-los.

Assim pensa, que o Deus propiciador
Com seu próprio destino se congraça,
Trazendo-lhe, de novo, o seu senhor.

Porque a Mulher, se nela o fogo passa
Do amor ardente, a bem do seu amor
Que sacrifício existe, que não faça?...

FERNANDES COSTA

(Do livro «O Eterno Feminino»).

um corpo tão débil o seu espírito domina a terra; a voz que os seus enfermeiros ou carcereiros não querem ouvir, escutá-la-ão os séculos vindouros.

Isto faz a escrita! Quão débeis somos e quão poderosos, no meio da nossa debilidade!

J. BALMES

Trad. de J. J. da Silva Dias.

(Da colecção «Cem páginas», ed. da Livraria Bertrand).

MONSANTO DA BEIRA. — TORRE DO GALO DE PRATA.

(Foto Dr. A. Batão, filho)

Uma coisa é mostrar a um homem que ele está em erro, e outra é pô-lo ao facto da verdade. — *John Locke.*

O esplendor da inteligência humana, a grandeza do génio, brilha tanto pelo contraste como pela harmonia com os tempos. O homem estóico e profundo não diminui de grandeza com a abjecção exterior. Virgílio, Petrarca, Racine são grandes na sua púrpura; mas Job é ainda maior no seu esterquilínio. — *Victor Hugo.*

❋

Tanto a intriga como a calúnia são deturpações malévolas da verdade, sendo, por isso, iguais na essência; mas divergem muito na forma. A calúnia é o ataque violento e directo em ar de punhalada; a intriga é o veneno lento, que circula no sangue antes de produzir o seu efeito.

Na escala zoológica, a calúnia tomaria a forma de tigre e a intriga a forma de aranha. — *D. Alberto Bramão.*

❋

Torna-te indiferente ao excesso de dores morais que te acabrunham. Nota bem que os que te cercam, os que te sorriem, os que te tratam lisongeiramente, fomentam às vezes a fogueira das paixões que te devoram e procuram entreter o fogo destruidor da tua paz espiritual. — *A. Austregésilo.*

A tristeza herda-se?

É ideia muito generalizada, o supor-se que a melancolia, a tristeza e o mau humor são doenças, cousa que já Goethe indicava no seu célebre romance *Werther;* e parece plenamente demonstrado que ditos estados têm relação com o mal-estar físico e dele dependem bastante.

Não se trata, porém, apenas disto. Há já grande porção de anos, que um médico francês fez afirmações que acusam a hereditariedade da melancolia.

É inegável que a alienação mental, as doenças nervosas e debilitantes dos pais, influem no organismo do ente que nasce, debilitando-o ou predispondo-lhe o sistema nervoso à tristeza; e não só pelas causas indicadas, como também por uma alimentação pouco salutar e incompleta, sobretudo na mãe, podem nascer seres mal conformados biològicamente e predispostos às psicopatias e, por conseguinte, à melancolia.

É bom que os pais saibam: a alegria é, de certa maneira, transmitível aos filhos.

A crueldade vinga-se em si própria, quando derrama o sangue das vítimas. — *Victor Hugo.*

❋

O nome de liberdade é o mais embusteiro de quantos se usam na vida humana — *Bossuet.*

A desgraça é-nos útil; sem ela as faculdades, como ausentes da nossa alma, ficariam em inacção; ela a torna um instrumento todo harmonia, do qual, ao menor sopro saem murmúrios inexprimíveis.—*Chateaubriand.*

Não há virtude, rigorosamente falando, sem vitória sobre nós próprios, e nada vale o que nada nos custa. — *X. de Maistre.*

MONSANTO DA BEIRA. — Habitação rústica.

(Foto Dr. A. Baião, filho)

GRAMATIQUICES

(Passatempo oferecido por «Gonçalo da Cunha» — Porto Alegre — Brasil)

(«Quem charadista nasceu, charadista há-de morrer». Palavras de notável jurista, no Superior Tribunal do nosso Estado. Ele afirmou; eu, tenho a convicção).

— Ouve cá, ó Romualdo. Tira-me de uma dúvida.

— Fala.

— Tu estás convencido de que és um homem normal, que não te falta nenhum dos atributos necessários a um ser equilibrado, que o teu modo de pensar e agir é igual ao do comum dos homens?

— Perfeitamente convencido.

— E quanto a mim, sem ideia de louvor, o que pensas?

— Ora essa! Que não és aleijado e que o teu juízo regula bem.

— Muito obrigado. Agora, como o nosso amigo Bernardo não está presente, dize-me com franqueza, se a conta em que te tens e o juízo que fazes a meu respeito, podem ser também aplicados a ele.

— Sem nenhum inconveniente. Mas aonde queres tu chegar com essas perguntas?

— A isto: estás redondamente enganado nos teus conceitos! Eu e tu, aparentemente iguais a outros seres, não passamos de dois fenómenos. O que se passa comigo e contigo, não se dá com os outros homens. Somos as excepções da regra.

— Essa agora!

— Queres ver? O nosso amigo Bernardo, todos os dias, entre as dez e o meio-dia, *pratica um acto* que *toda a gente faz*...

— E nós não?

— Connosco o caso é diverso, e se fazemos é de forma diferente.

— Daí concluis que...

— *Ele e toda a gente* são uniformes e só nós aberramos desse preceito; e queres saber o mais curioso?

— Vamos lá.

— É a minha arraigada convicção de que quando estiveres com o Bernardo, dirás de mim o que acabo de dizer dele.

— Mas se eu ainda não percebi a diferença de que falas.

— E mais ainda, se o nosso amigo me falar, dir-me-á a teu respeito as mesmíssimas palavras que a propósito dele te disse eu. — 3

— É extraordinário!

— É. E ainda agora a procissão vai saindo.

CENA CONJUGAL

— Ora, até que enfim, já reparaste no meu chapéu!

(«*Tit-Bits*»)

— Tem mais, então?

— Tem, e de primeira ordem. Ora escuta. O Bernardo, quando tem algum desarranjo na vida, algum mal físico, ou desgosto moral, *queixa-se, lamenta-se, como toda a humanidade* e leva a pronunciar o nome de uma freguesia portuguesa, ali dos lados de Vila Verde.

— É interessante!

— É, mas, eu e tu, nunca o fizemos, embora alguém, *na nossa ausência,* o afirme.

— Dizes então que, toda a humanidade, em tal ocasião, pronuncia o nome da terreola portuguesa. Então a nossa corografia está assim tão conhecida? E não importa ao caso que o padecente seja italiano, alemão, búlgaro?

— Nesse particular, pelo menos, não. O russo, o turco, o siamês, o hotentote, podem não saber nada da nossa língua, nem da nossa existência como nação, mas, qualquer deles, quando passa por um dos transes a que aludi, lá lhe vem aos lábios o nome da tal *freguesia da nossa terra.* — 2

— E nós?

— Desafogamos as nossas dores de outro modo. Não só diferentemente de toda a espécie humana, como até entre nós dois, que somos excepção à regra geral, também diferimos nas nossas expansões.

— É assombroso! E de onde provém essa heterogeneidade?

— Vai perguntá-lo ao Bernardo. Dá um pulo à aldeia dele, aí *para os lados de Colares.*

— E vou, mesmo. Como se chama a terra?

— Não precisas sabê-lo. Dás logo com ela, graças ao aroma daquele excelente vinho que eles lá têm.

Aonde seria que o Romualdo foi procurar o amigo comum para lhe pedir explicações?

Um homem acusado de gatunagem foi absolvido pelos jurados. A forma imperiosa como o advogado de defesa tratou a questão impressionou o júri e parece ter impressionado o réu também. Daí a poucos dias, o advogado recebeu, pelo correio, um pacote. Era uma gravura valiosa e acompanhada do seguinte bilhete: — «Meu caro sr. dr. Andei fazendo um trabalhinho a noite passada e vi isto. Lembrei-me que talvez gostasse e ofereço-lho».

*

Os chapéus «panamás» não são feitos no Panamá — são fabricados no Equador.

A câmara "escura"

A esposa (andando a mostrar a casa e suas dependências a uma amiga) : — Aqui é onde o Evaristo revela as suas fotografias.

(«London Opinion and The Humorist»)

As dentaduras humanas na idade da pedra

Na Universidade de Breslau fizeram-se em cem esqueletos humanos bem conservados, da idade da pedra, pesquisas sobre os dentes daqueles habitantes pré-históricos do nosso globo, chegando-se a resultados altamente interessantes a respeito da história do desenvolvimento da dentadura humana e das suas doenças. A invejável beleza, regularidade e saúde dos dentes que os homens da idade da pedra gozaram até aos trinta anos, tiveram, sem dúvida, a sua origem na comida muito variada, abundante em vitaminas e cheia de sais minerais, factores esses que forneceram aos dentes todas as matérias necessárias para a odontíase.

A dureza de comidas fez com que a dentadura daqueles seres primitivos se conservasse sempre limpa e livre de doenças. Apenas num caso se pôde verificar a carie dentária, e isso num dente, ao qual faltou o dente correspondente no outro lado da dentadura.

Assim revelaram essas pesquisas que o homem da idade da pedra estava até aos trinta anos quase livre de qualquer dor de dentes. Depois dessa idade, porém, os dentes começaram a gastar-se ràpidamente, não resistindo mais à dureza do pão misturado com o pó das pedras em que se socou o trigo. O esmalte protector desapareceu e começaram a surgir as mais diversas doenças.

S. PAULO — BRASIL. — Praça do Patriarca e Viaduto do Chá. — *(Foto oferecida pelo sr. João T. de Almeida — Botucatu — S. Paulo — Brasil)*

Uma senhora que habitava na fronteira alemã da Áustria, Mrs. Bernard Scheinberg, e que morreu há mais de 20 anos, contando 56 anos de idade, deixou 69 filhos.

Nem um único nascimento foi singelo. Mrs. Scheinberg teve, por 4 vezes, quatro gémeos, 7 vezes três gémeos e 16 vezes dois gémeos.

❋

O astrónomo dinamarquês Tycho Brahe, perdeu o nariz num duelo com Passberg e substituiu-o por um de ouro que prendia ao rosto com um cimento que trazia consigo. Esse nariz é distintamente perceptível em todos os seus retratos.

❋

Jan III, Sobieski, rei da Polónia, no século XVII, nasceu, foi coroado, casou e morreu — sempre na mesma data do ano — a 17 de Junho.

Os mais duros crânios

É proverbial a solidez da cabeça dos pretos, mas levam-lhes a palma, a este respeito, os indivíduos de algumas tribos moiras, os quais são, indiscutívelmente, os que possuem o crânio mais duro. Assim que principia a nascer o cabelo aos meninos, rapa-se-lhes cuidadosamente, e andam sempre com a cabeça descoberta.

Semelhante tratamento tende a aumentar a espessura dos ossos do crânio. Compreende-se, deste modo, que os rapazes briguem uns com os outros às cabeçadas, como se fossem toiros, e que o vencido, como muitas vezes acontece, tenha de aguentar, sem consequências fatais, uma série de pancadas com uma pedra, que o vencedor lhe ministra na cabeça.

Os garotitos partem ladrilhos duríssimos, batendo com eles na cabeça, pela mais insignificante moeda de cobre que lhes dêem.

Os jogadores de *box*, moiros, também recebem os golpes do adversário no crânio.

Na família Colombière, de Nancy, França, nasceram todos com duas mãos esquerdas — isto é, ambas as mãos eram mãos esquerdas. Esta particularidade foi transmitida através dos seus membros do sexo masculino; os do sexo feminino eram isentos desse defeito. De resto, todos perfeitamente normais.

❋

Gambetta, o grande tribuno francês, do século XIX, tinha uma memória admirável. Entre outras habilidades mentais possuia a de repetir o *Livro de Ruth*, palavra por palavra, de trás para diante. Podia fazer o mesmo com todas as obras de Victor Hugo e de Ossian.

S. PAULO — BRASIL. — Uma das maravilhosas vistas dos grandes arranha-céus de S. Paulo. Ao fundo, nota-se o mais alto edifício da América do Sul: O Banco do Estado de S. Paulo. — *(Foto oferecida pelo sr. A. Giffoni, filho)*

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Luís António Alves Júnior — Vila General Machado — Chicundo — Angola)

HORIZONTAIS

1 — Nome de homem; apelido. 2 — Brincar; fruto do abieiro. 3 — Acolá; nota musical; apelido; batráquio. 5 — Arbusto conífero (espécie de zimbro); metal combustível, branco como a prata. 6 — Moço gentil e formoso, na mitologia grega; pau grosso que termina a popa e a proa dos navios. 7 — Cheia de ira; comer a última refeição do dia. 8 — Ovário dos peixes (pl.); aroma. 10 — Que vivem da pesca.

VERTICAIS

1 — Título de um livro português; artigo (pl.). 2 — Lista; tomei posse. 3 — Acolá; metaloide côr de castanha esverdeada. 4 — Grito de dôr; renovas. 5 — Pátria; vila do Alto Alentejo. 6 — Nota musical; membro das aves. 8 — Batráquio (pl); cavalo frisão. 9 — Rebordo do chapéu; rato. 10 — Consoante e vogal; primeiro homem. 11 — Sofrimento; contas. 13 — Artigo (pl.); mendigos.

Obs. — Depois de concluído o passatempo, encontrarão nos primeiros e últimos números, três livros portugueses, e o nome do seu autor.

À beira-mar:

A carrocita do campónio chegara, por fim, ao cimo da encosta. O bom do homem agradece ao complacente turista que, ao passar por ali, o ajudou empurrando uma das rodas:

— Muito obrigado, meu senhor, pela sua ajuda. Bem me parecia que só com um burro, nunca seria capaz de subir esta encosta...

❋

A senhora (ajustando uma cozinheira): — A última cozinheira que tive, saiu para casar. Hei-de sentir muito a sua falta; esteve sete anos em minha casa.

A futura cozinheira (que pela sua resposta não foi admitida no lugar): — O quê! sete anos esteve em casa da senhora! Mas que paciência que ela deve ter tido!

❋

Ao bater os ovos ou juntá-los a outros ingredientes de um bolo, use-se colher de metal, em vez de colher de pau.

A CONTA DO HOTEL

Um abastado turista instalou-se còmodamente em um luxuoso hotel, numa estância de repouso, e lá passou uns poucos de meses de um verão escaldante.

Ao retirar-se pediu a sua conta e ficou verdadeiramente estarrecido perante a fabulosa verba de «extraordinários» que nela figurava.

Irritado, procura o gerente do hotel e trava-se, entre ambos, o seguinte diálogo:

— Então o sr. mete-me em conta uma enorme verba de extraordinários quando eu, afinal, nada pedi que como tal pudesse ser considerado. Não bebi vinho além daquele que me competia às refeições, não pedi bebidas, não...

— Então os banhos? — atalhou o gerente.

— Mas é que eu, durante os quatro meses que estive hospedado neste hotel nem sequer um único banho tomei.

— E, então, V. Ex.ª não acha isso «extraordinário»? — respondeu o zeloso gerente.

Entre avarentos:

— Então, lá tiveste esse desgosto... Quem havia de dizer que a tua mulher se suicidava! Abrir a torneira do gás, não foi?

— Foi. Dois metros de gás para fazer aquela asneira.

— É verdade! Quatro escudos e picos, para um disparate daqueles! Sempre há cabeças!...

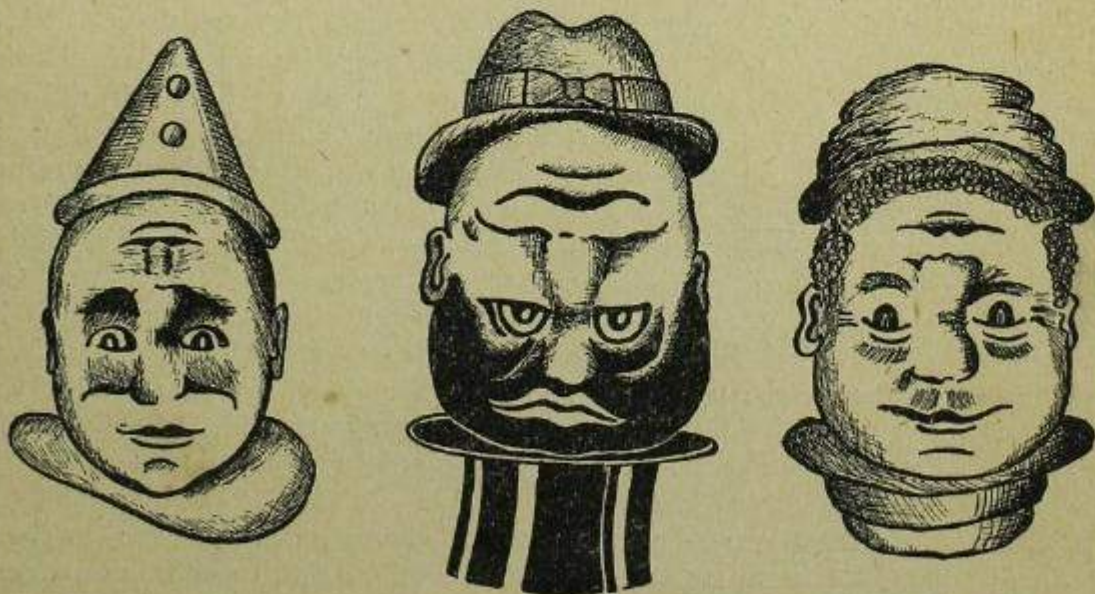
*

Ao telefone:

— Está lá? Então como passou?

— Você não vê?

TRÊS CABEÇAS ORIGINAIS

(Oferecidas pelo autor do desenho, sr. Fausto Caniceiro da Costa — Soure)

Se virarem a página ao contrário, verão aparecer outras caras diferentes.

A PALESTINA BERÇO DO CRISTIANISMO

Indicações geográficas para o estudo dos Santos Evangelhos

Situação, extensão — A Palestina, ou Terra Santa, ocupa o centro do Mundo Antigo. Estende-se a O. da Ásia, entre a Síria, o deserto da Síria, a Arábia e o Mediterrâneo oriental. A sua superfície é de 25.000 km.².

Solo e relevo. — Do O. marítimo, onde se desenvolvem as planícies de Sarona e de Sefela, o solo eleva-se para E., em declives suaves e alongados para descair bruscamente na profunda depressão do Ghor; depois, abrupto de começo, torna a elevar-se até atingir a altitude do outro flanco.

O conjunto formava uma abóbada, cujo abatimento produziu duas orlas montanhosas NS.

A *orla ocidental* compreende, ao S. do *Líbano* «montanha branca», de rochas calcárias (3.200 m.), o monte *Tabor* — elevação de 796 m. arredondada e isolada, e o monte *Carmelo*, que entra pelo mar. Seguem-se os montes, *Selboé, Garizim, Sião, Calvário*, das *Oliveiras* (818 m.) e de *Juda*.

Na *orla oriental*, ao S. do *Anti-Líbano* e do *Grande Hermão*, maciço basáltico, destacam-se os montes de *Galaad* e *Nebo*.

Clima. — Poucos países apresentam tantas variedades climatéricas num território tão restrito.

As *médias relativas à temperatura* dos meses extremos são: nas costas, 13° e 27°,5; em Jerusalém, 8°,5 e 24°,5; no Ghor, os sufocantes calores estivais atingem 55°. O E. desértico tem temperaturas excessivas: 8° a —8° em Janeiro e 40° em Julho.

Os *ventos* de O. e do S.O. são húmidos e dominam no inverno; os ventos abrasadores do S., S.E. e E. (siroco) sopram no verão.

Daí, em conjunto, um *verão seco (Abril-Outubro)*, seguido dum *inverno* chuvoso, e nas alturas, por vezes carregado de neve. É o *clima mediterrâneo*.

Águas. — A vertente mediterrânea só tem correntes impetuosas (Leontés, Kison, Sorec, Besor), de grande caudal durante o inverno e secas no verão.

Todas as águas do Ghor desaguam no *Jordão*, único curso de água importante da Palestina, que a atravessa de N. a S. num percurso abrupto, áspero e deserto.

Formado na Síria por três mananciais procedentes do Grande-Hermão, o *Jordão* penetra ràpidamente no lago palestino de *Méron*, de águas lodosas e insalubres. A 40 km. mais ao S. entra no lago de *Tiberiade* ou de *Génézareth* (mar da Galileia), que cobre 175 km.² a um nivel inferior de 212 m. ao do Mediterrâneo. Este lago, de fundo arenoso, é de água límpida, doce e de pesca abundante, sobretudo na parte N. O seu panorama, cheio de encanto, é dos mais pitorescos da Terra Santa. Célebres acontecimentos messiânicos ligam-se às suas margens, que animavam as cidades de Bethsaïda, Capharnaüm, Tiberiade, Corozaïn, Magdala, actualmente em ruínas.

Saído do lago, continua o seu curso «impetuoso» merecendo bem este título hebráico até desaparecer por duas bôcas pantanosas no Mar Morto ou lago Asphaltite.

Este lençol de água, cuja extensão varia com o caudal do Jordão, tem uma superfície média de 900 km.² e um nivel de cerca de 394 m. inferior ao do Mediterrâneo. As suas águas muito densas, carregadas de depósitos de enxofre, de betume e ricas em sais, são muito mortíferas para os peixes como para os vegetais; nas proximidades existem numerosas fontes termais. Estes factos, assim como as lavas e os produtos vulcânicos, não deixam dúvida alguma sobre a antiga actividade vulcânica da região, onde se ergueram as cidades malditas de Sodoma, Gomorrha, Seboim e Adama.

Na época das chuvas e do degêlo, numerosas torrentes (ouadis) desaguam no Jordão: a O. o Cédron; a E. o Hiéromax, o Jabok e o Arnon.

Litoral. — O litoral mediterrâneo é quase rectilíneo. Sòmente, na parte N. se notam cabos ou promontórios. Do mesmo modo que os célebres portos fenícios de Sidon e de Tyro desapareceram, a baía de S. João de Acre está assoreada. Jaffa ou Joppe é o pôrto de Jerusalém.

Vida vegetal. — As formas vegetais, de latitudes muito diversas, encontram-se na Palestina num pequeno espaço: palmeiras e árvores frutíferas dos trópicos em união com as nogueiras de regiões frias. Sem nos referirmos aos restos insignificantes dos *cedros* do Líbano, as árvores *(carvalhos, bôrdos, zimbros)*, aparecem só em ramos, ramalhetes, excepto nas encostas frente ao mar.

A *irrigação*, que poderia atenuar os prejuízos do desmonte, foi abandonada, e o deserto tem invadido pouco a pouco o solo palestino, cuja fecundidade foi cantada pelos escritores bíblicos.

As parábolas tão veementes das pregações evangélicas foram quase sempre extraídas dos assuntos populares e da lavoura. Desde que a humidade não falte, o solo produz em abundância todos os cereais e legu-

VIANA DO CASTELO. — Ponte sobre o rio Lima e aspecto da cidade, vendo-se, ao fundo, o Monte de Santa Luzia e o magnificente templo que nele se ergue

mes. A videira pode ser cultivada com bom resultado, assim como a figueira e a oliveira.

Vida animal. — A falta de florestas e de pastagens impede o desenvolvimento da vida animal. No tempo de N.-S. J.-C., haviam muitos rebanhos que pastavam todo o ano nos arredores.

População. — A Palestina tem 760.000 habitantes, ou 30 por km.². Àparte os *Turcos*, que formavam não há muito o elemento oficial, quase todos são *Sírios* de dialecto árabe, *Fellah* ou agricultores que habitam nas aldeias e arrabaldes das cidades. Os *Beduínos* nómades vivem em tendas nos desertos de Leste.

Todas as religiões cristãs, orientais ou ocidentais existem na Terra-Santa. A invasão protestante ou cismática torna cada vez mais difícil o apostolado católico.

Desde Dezembro de 1917, a bandeira do islam não flutua na Palestina; os ingleses que receberam um mandato sôbre este país, procuram criar nele um lar judaico. Mas a realização do seu programa defrontou-se com grandes dificuldades.

Divisões territoriais e *Localidades.* — No tempo de Nosso Senhor, a Palestina compreendia quatro províncias: a Judeia, a Galileia e a Samaria, a O. do Jordão; a Pereia, com a Decapola a E.

1.º — A *Judeia* era a mais extensa das províncias cisjordanas.

As suas principais localidades, a maior parte em ruínas, eram: Jerusalém (herança da paz), a capital (55 m.) a cidade por excelência das recordações cristãs, principalmente da morte e da ressurreição do Salvador; *Bethleem* (10 m.), onde se venera a gruta da *Natividade; Hébron,* lugar da sepultura dos patriarcas e berço do Precursor; *Emmaüs,* pequeno burgo a 11 km. a N.O. de Jerusalém; *Jericó,* próximo do Jordão, numa região atormentada e deserta; *Gaza,* junto do Mediterrâneo; *Joppé*

CAMINHA. — Câmara Municipal e Igreja da Misericórdia.
(Foto Dr. A. Baião, filho)

ou *Jaffa*, porto ligado a Jerusalém pela via férrea; *Bethphagé*, no sopé S.E. do monte das Oliveiras, como também *Bethania*, onde habitavam Lázaro, Marta e Maria.

2.º — A *Galileia* é uma região risonha, fértil e muito arborizada. Foi nesta província que N. S. Jesus Cristo passou a maior parte da sua vida, mesmo pública, e onde escolheu os seus apóstolos. As suas mais interessantes localidades são: *Nazareth*, num sítio aprazível, pátria da Santíssima Virgem e residência da Sagrada Família; *Canaan*, onde Jesus operou o primeiro milagre.

Nas margens do lago situam-se: *Capharnaüm*, denominada a cidade do Salvador, que a visitava muitas vezes; *Tiberiade* e *Magdala*. *Ptolémaïs* ou *São João de Acre* é um porto muito frequentado.

3.º — A *Samaria* não chegava até ao mar, de sorte que se podia passar directamente da Galileia para a Judeia. As suas principais cidades eram *Sichem* ou *Naplouse*, desde a destruição de Samaria, a antiga capital, e o porto de *Césarée*.

4.º — A *Pereia* não apresenta senão ruínas: *Césarée de Philippe*, no sopé do Líbano; *Bethsaïde* e *Cororaïse*, próximo do lago de Tibériade; *Béthania*, nas margens do Jordão, onde S. João baptizava.

A *Décapole*, sem unidade geográfica, compreendia dez cidades dispersas a E. do rio.

Coronel Mário de Campos

Com o coração se pede; com o coração se procura; com o coração se bate; e é ao coração que a porta se abre. — *S.to Agostinho.*

Quem anda em paz com a consciência nada tem a temer. — *Justus.*

*

Vê a quais agrades, e não a quantos. — *S. Martinho Dumiense.*

BRAGA. — Aspecto lateral da Sé.
(Foto Dr. A. Baião, filho)

SALTO DE CAVALO

(Passatempo oferecido pela sr.ª D. Cremilda de Jesus Victor — Moçâmedes — Angola)

lha	em t	che	v	a	eci	Que	cut
ias	oz Que	O	tern	céu	es	nto,	do e
udo,	vam-	uv	esp	Aquela	nto,	ava,	eu
o	de	amei,	-me no	en	Ou	mudo,	ca
que ai	avi	que	× Mas	× As	le	tas	vindo-
mo	× × to	nda	oso	es	-lhe	× × udo;	nti
ão m	las,	t	di	era	ras	ue	re
an	a	t	tre	aq	sc	as me	de vel

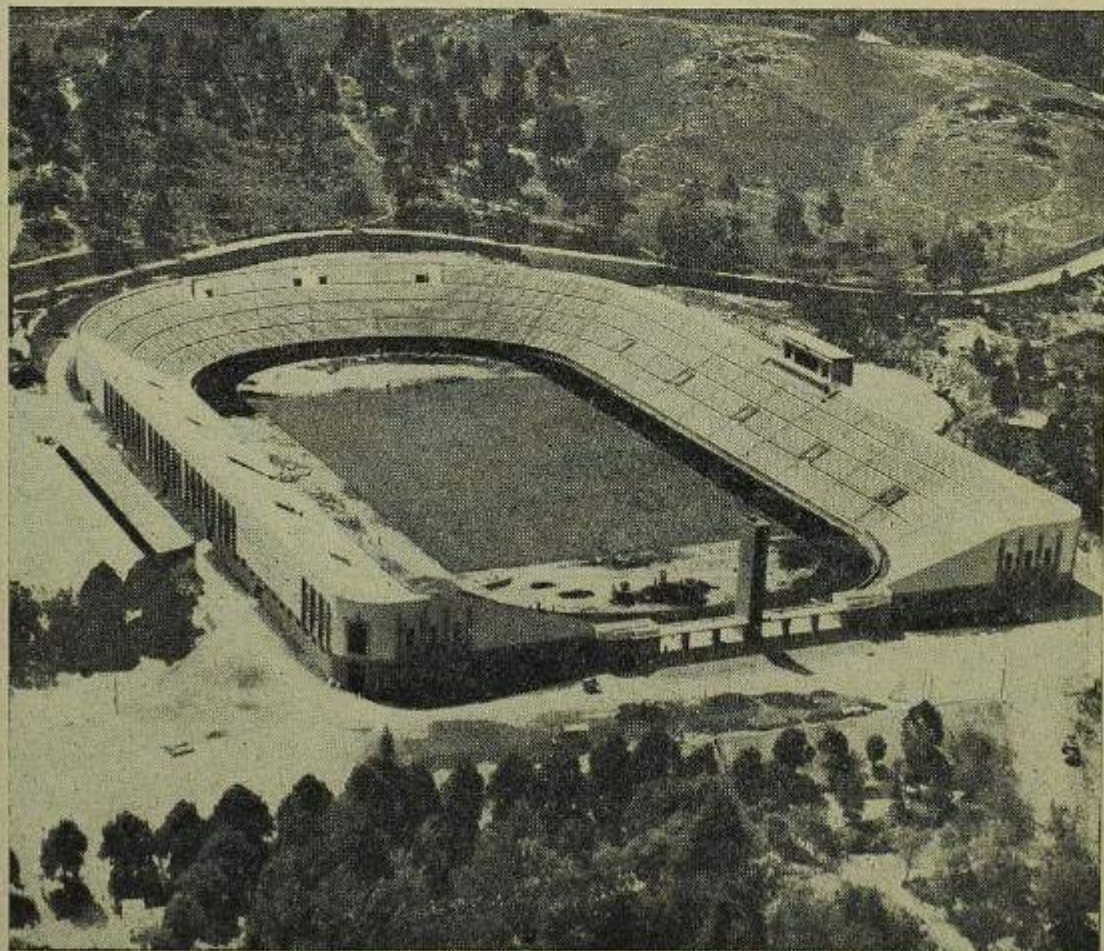
Partindo da casa assinalada com um × e percorrendo a salto de cavalo todas as outras casas até chegar à assinalada com dois × ×, construirão, além dum desenho bastante simétrico, dois tercetos dum soneto de Agenor Silveira.

Aquele que não tem um bom amigo a quem confie as suas ditas e os seus pesares, em toda a parte é estrangeiro. — *Arolas.*

A ingratidão representa uma dívida que se não quer pagar. O ingrato é um caloteiro moral. — *D. Alberto Bramão.*

O ESTÁDIO «28 DE MAIO»

O Estádio «28 de Maio», em Braga, está localizado por forma a aproveitar convenientemente o belo Parque de S. João da Ponte daquela cidade. Compreende, no conjunto, um campo de futebol e atletismo rodeado de bancadas, um campo de treinos, três «courts» de ténis, piscina descoberta, restaurante, capela, carreira de tiro, estádio de patinagem e três parques de estacionamento para automóveis.

O principal campo de Jogos, que a fotografia que publicamos representa, foi solenemente inaugurado em 28 de Maio de 1950, XXIV aniversário da Revolução Nacional. Consta de um campo de futebol arrelvado com as dimensões de 105×64 metros, uma pista com 125 metros de comprimento, seis pistas de cinza com 1,25 m. cada e caixas de saltos e lançamentos. Em volta, rodeando o campo, com excepção do topo norte, desenvolvem-se as bancadas com 32 filas de degraus todos destinados a espectadores sentados e sem qualquer distinção. A lotação é de 30.000 pessoas. As bancadas estão divididas em sectores com entradas privativas, abrindo para as avenidas circundantes. Sob a tribuna de honra destinada às entidades ofi-

BRAGA. — Estádio «28 de Maio»

ciais existe uma fila de lugares para os jornalistas. Sob as bancadas estão localizadas as cabinas para atletas e árbitros e um ginásio, além das instalações dos bufetes para o público.

O projecto desta esplêndida obra é da autoria do engenheiro Travassos Valdez e arquitecto João Simões. À entrada do Estádio uma legenda indica que «este monumento consagra a revolta do Exército Português desencadeada na cidade de Braga, em 26 de Maio de 1926 — triunfante sem luta, gloriosa sem sangue, porque na verdade a voz de comando foi apenas a expressão militar de uma ordem irresistível da Nação».

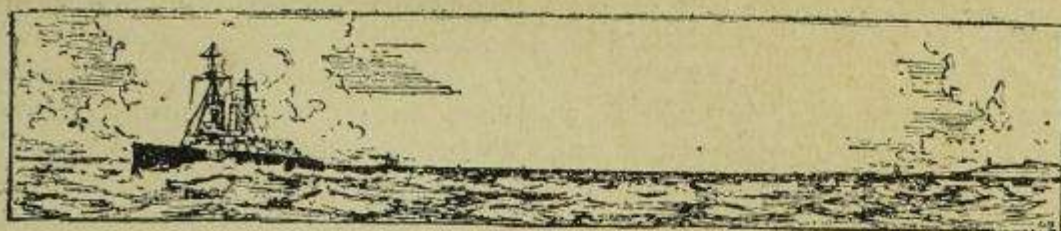
Os baixos relevos alegóricos que estão junto das entradas são da autoria do escultor Barata Feio.

Deus meu! a quanta miséria, adversidade e desastres estamos expostos, e quão pouco duram os prazeres desta nossa afanosa vida! — *Hurtado de Mendoza.*

Origem do regime parlamentar

O Parlamento da Islândia que, há poucos anos, proclamou solenemente a independência e a liberdade daquele país, é o mais antigo do mundo. Em pleno século IX da nossa era, cinquenta anos depois de o «viking» dinamarquês Ingolfur Arnusonn se ter estabelecido na Islândia, então uma ilha selvagem, os emigrantes que o seguiram formaram um Estado com características políticas mais ou menos definidas. E, no ano 930, reuniram-se, pela primeira vez, numa assembleia legislativa, a que deram o nome de «Altinget», iniciando assim o regime parlamentar.

A coragem moral está no domínio do homem sobre as suas paixões; é produto da educação intelectual que lhe moderou os desejos e harmonizou os deveres com as necessidades. — *Descuret.*

BRAGA. — ANTIGO PAÇO EPISCOPAL — *(Foto Dr. A. Baião, filho)*

O ASPECTO DA TERRA DA PÁTRIA

Depois de um trajecto no Oceano, sempre é grato aos olhos do navegante o aspecto da terra. — O mar é majestoso, puro e indomável: — o mar é sublime: mas o sentimento do sublime prolongado torna-se doloroso. O Oceano é porventura a única dentre as criações de Deus, que, no dia do pecado do primeiro homem, o Senhor não assinalou do ferrete da maldição. Na procela ou na calma, no silêncio ou no bramido, erguido em vagas semelháveis aos turbilhões incertos do cáos, ou espelhado reflectindo a cor e a imagem dos céus, o abismo das águas é sempre magnífico e augusto.

Não assim o homem que, ora reflexo da omnipotente virtude, ora mísero joguete de vis afectos, reúne em si dois extremos caracteres. Imprimiu-lhe um a sua celestial origem, envileceu com o outro a sua abjecção terrena, gerada pelas dores da vida e pelos terrores da morte, pelos gozos e pelo tédio que os acompanha.

Quando a consciência da nobreza do próprio ser alumia a alma do homem, então ele arfando, recostado no colo das ondas, se repasta de suave delírio, mas se a lembrança de sua miséria e os temores do futuro e as recordações amargas do passado, ou os desejos dos vãos prazeres do mundo lhe entenebrecem a inteligência, ei-lo que nada mais percebe do silêncio eloquente do mar; ei-lo que desfalece e volta às ideias positivas desta existência mesquinha, e anceia fugir do vago e ilimitado mar, cuja magnificência desacorda com o seu coração decaído. É neste momento que, enxergando no horizonte a terra, a saúda e exclama: belo é o aspecto da terra aos olhos do navegante!

ALEXANDRE HERCULANO

(Do livro «Cenas de um ano da minha Vida».

Melancolia sagrada

(Inédito)

Alma de herói com gestos de menino
Este poeta que se chama o Mar
Cavaleiro do Sonho, anda a cismar
No mistério sem fim do seu destino...

Quando recita à luz crepuscular
Os bárbaros versículos do seu hino
Estendido como um verso alexandrino
O horizonte fica a meditar...

As sombras indecisas dos penedos
Confia o Mar os íntimos segredos
Que o vento escuta ao balouçar dos mastros.

Cada onda é o murmúrio duma reza
E eu quizera cantar essa Tristeza
Como o povo caldeu cantava os astros!

JORGE RAMOS

O homem sem virtude, encontra, apenas, na riqueza, os meios de satisfazer os seus vícios. — *Confúcio.*

O CAIR DAS FOLHAS

Como foste bela, ó saudosa árvorezinha, ó árvore das ilusões! Colmando-nos de esperança, alentaste-nos neste incessante prélio. Embalsamaste nossa existência, vulcanizaste nossa alma, douraste nosso porvir. Que deslumbramento nos proporcionaste!

Quando à tua sombra dormimos, quantos sonhos nos despertaram tuas olorosas emanações! Quantos sonhos de mel, quantos sonhos de fogo! Por um horizonte de cetim, quantas belezas nos deixaste entrever!

Num mundo maravilhoso, a esperança, sorrindo-nos, prometia-nos satisfazer nossas aspirações. Confiante na promessa, vivemos contente. Quisemos ser grande. E, como se já o fôssemos, vimo-nos no exercício de altas funções. Quisemos ser rico. E, como se já o fôssemos, vimo-nos na posse de muito dinheiro. Quisemos ser bem-amado. E, como se já o fôssemos, vimo-nos correspondido pelo ente idealizado.

BUÇACO. — Fonte fria

Numa ingénua credulidade, àvidamente antegozámos esse mundo de delícias. Fascinado com tão estonteantes promessas, numa crescente animação, num fervoroso entusiasmo, tecemos o manto da felicidade. E a Vida, sem a menor obscuridade, seduzia-nos cada vez mais, prendendo-nos mais a si.

Deslizaram dias, correram meses, rolaram anos. A bela árvorezinha, lentamente suas mágicas folhas foi perdendo. E cada folha perdida, enfraquecendo a actuação, do mirífico sonho nos foi despertando. Quando acordámos, que desilusão! O mundo de delícias entrevisto pelo horizonte de cetim apresentava-se-nos sem fantasias. Sua nudez patenteava agreste cenário.

Perante a decepção, perante a realidade, chorámos. No conforto das lágrimas, porém, encontrámos resignáção. E resignámo-nos.

E hoje que as verdes folhas se desprenderam, levando consigo a promessa da esperança, já não tecemos fantasias para o porvir: reconstituimos as belezas do passado. Com elas, tentamos suavizar as asperezas da realidade.

E a estrada da vida, que outrora palmilhávamos a rir e a cantar, agora, sem encantos, torna-nos mais penosa a caminhada.

Como é triste o cair das folhas! Cada folha que se solta, gera uma desilusão; cada desilusão floresce um desgosto; cada desgosto frutifica uma dolorosa certeza.

Contudo, ó mágica árvorezinha,

apesar de tuas fictícias seduções, quem nos dera que ainda continuasses a prometer!... Reverdece. As árvores da Natureza também se vestem de novo. Vem alentar-nos com ilusões, vem amenizar-nos o resto da jornada.

Óscar Ribas

(Do livro «Flores e Espinhos»).

Levamos a existência a esperar, supondo que a felicidade consiste naquilo que vamos obter amanhã, de hoje a uma semana, a um mês, a um ano.

E quando realmente o conseguimos, já o nosso espírito ambiciona e espera obter outra coisa para ser feliz, e assim a vida vai andando, vertiginosamente, com os olhos fitos no futuro, quase sem ver o presente que afinal é o único terreno onde se torna possível semear e colher algum pedaço de felicidade. — *D. Alberto Bramão.*

Criar-se o hábito da leitura é construir para nós próprios um refúgio contra todas as misérias da vida. — *W. Somerset Maugham.*

Quanto mais profundamente nos entregamos aos nossos infortúnios, mais tempo dura o nosso mal. — *Voltaire.*

Nada é tão útil ao homem como a resolução de não ter pressa. — *H. D. Thorean.*

Fazei o bem sem nenhum motivo de interesse pessoal. — *Confúcio.*

O CEDRO

(Inédito)

No Buçaco, a Natureza
Enquadra em si o lugar,
E o cedro, com singeleza,
Lembra um monge a meditar.
No silêncio concentrado,
O cedro reza a saudade
Do lindo tempo passado
Naquela tranquilidade...
Recorda, no matagal,
O cedro com persistência,
A batalha triunfal
Da guerra da Independência.
A sair-nos aos caminhos,
O cedro, por ter beleza,
Faz cantar os passarinhos
Em louvor da Natureza!
O cedro, velho, musgoso,
No Buçaco enraizado,
É o símbolo majestoso
Do Nosso Heróico Passado.

Maria Júlia de Sá Nogueira

BUÇACO. — Avenida dos Cedros

O RÁDIO CLUBE DE BENGUELA

O Rádio Clube de Benguela, pequena Estação Emissora, das mais categorizadas da Colónia de Angola, é um testemunho vivo do progresso e da Colonização Portuguesa em África. Transmitindo da cidade de Benguela, com dois Postos Emissores de relativas potências, na banda tropical dos 60 metros, constitui um movimento espiritual de grande valia. A sua programação, integrada nos moldes modernos e no sentido radiofónico que actualmente é aconselhado, é motivo de admiração e apreço de todos os seus ouvintes, espalhados por toda a Colónia e até fora dela.

«A Voz de S. Filipe de Benguela», cobre integralmente a Colónia, levando aos lares — até aos mais isolados — dos portugueses que a esta terra se devotam, a mensagem alegre e musical que as ondas hertzianas consentem. A despeito da pequena potência dos seus dois Emissores, ainda ao serviço, a sua repercussão vai além-fronteiras. De muitos pontos do Globo têm sido recebidas inúmeras confirmações de escuta, sendo as mais frequentes dos Países Bálticos: Suécia, Noruega, Dinamarca, etc. Além destas, existem nos seus Arquivos escutas de Portugal Metropolitano, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Madeira, Inglaterra, Estados Unidos, Argentina, Austrália, Ilhas do Hawai e de muitos outros pontos distantes do mundo, o que se torna deveras curioso e notável.

O Rádio Clube de Benguela, considerado «Instituição de Utilidade Pública», possui sede própria — esplêndido edifício de linhas modernas, para o qual o Governo subsidiou com avultadas quantias. Mercê deste tão importante melhoramento, que tem absorvido todas as receitas do Clube, o problema da compra de novos Emissores, para substituição dos pequenos dois Postos, trabalhando consecutivamente há mais de 12 anos, tem sido forçadamente colocado à margem. A exiguidade das receitas, quase sempre em paralelo com as despesas, não tem permitido o desenvolvimento que tanto era de desejar, não admitindo na ordem dos esforços a solução de mais de um problema.

Houve necessidade de recorrer a outros meios e a outras fontes de vi-

O ESPLÊNDIDO EDIFÍCIO-SEDE ONDE ESTÃO INSTALADOS OS STÚDIOS DO RÁDIO-CLUB DE BENGUELA

talidade, tendo sido em boa hora lançada pelo Rádio Clube de Benguela a sua Grande Rifa Anual, ideia alimentada já há alguns anos. A sua Primeira Extracção, realizada no dia 24 de Dezembro de 1949, depois de uma viagem de propaganda que se estendeu pela Colónia, Congo Belga e África Equatorial Francesa, foi um êxito consumado e retumbante. Por ela, foram distribuídos aos contemplados, 500 contos de Prémios, entre os quais: Automóveis, Geleiras, Máquinas de Costura, Receptores, Bicicletas, Candeeiros eléctricos, Serviços de vidro e muitas outras utilidades. Esta arrojada iniciativa a que o Rádio Clube de Benguela meteu ombros, sem qualquer reserva financeira, teve apenas como garantia, a boa vontade, a persistência e a hombridade dos seus dirigentes, que deste modo conseguiram a realização de algumas centenas de contos.

Este importante fruto de muitos trabalhos e canseiras destina-se a dar realidade a uma grande aspiração do Clube e a um sonho revestido de merecimento: a aquisição de *um potente Emissor de 5 kilowattes modulados*, capaz de ser ouvido na Mãe-Pátria. Feitas as «demarches» necessárias, este potente emissor deverá ser inaugurado ainda este ano, alinhando ao lado dos dois velhos pioneiros da Estação de Benguela: o Emissor CR6RB, de 150 watts, e o CR6RF, de 350 watts, com mais de 12 anos de inestimáveis serviços.

Convém salientar que o Rádio Clube de Benguela é um Clube de amadores, sendo os seus Serviços de Locução, Produção e Técnicos, desenvolvidos por alguns associados de grande boa vontade que, fora dos seus afazeres profissionais, se devotam à grande Obra que já representa. Possui ainda o Rádio Clube de Benguela uma Orquestra Privativa, um Conjunto de Variedades, com elementos muito apreciáveis, um Grupo Infantil e um pequeno conjunto de Amadores de Teatro Radiofónico, sendo os seus programas, alguns com auditório, escutados com muito agrado. Deste modo se explica a existência do Rádio Clube de Benguela, pequeno organismo cuja sombra de actividades se projecta em moldes agigantados. Os seus dirigentes, pessoas escolhidas entre as figuras mais destacadas e esforçadas de Benguela, não esquecem o que representa para a Radiodifusão em Angola o vanguardista Rádio Clube de Benguela. O seu trabalho insano não pára e as suas aspirações não estacionam. Há projectos que de momento se afiguram grandiosos mas que, com o decorrer dos tempos, inspirarão uma realidade merecida, para que «a voz de São Filipe de Benguela» possa ser escutada, cada vez mais forte, pelos 4 cantos do Globo e muito principalmente na Pátria-Mãe, onde se acha ligado carinhosamente o nosso coração de portugueses.

Hugo Bento Maia

Benguela, 6-2-1950.

Constando que dois casados viviam mal, alguém perguntou ao marido qual a razão. Respondeu este que era porque ele queria o que a mulher também queria.

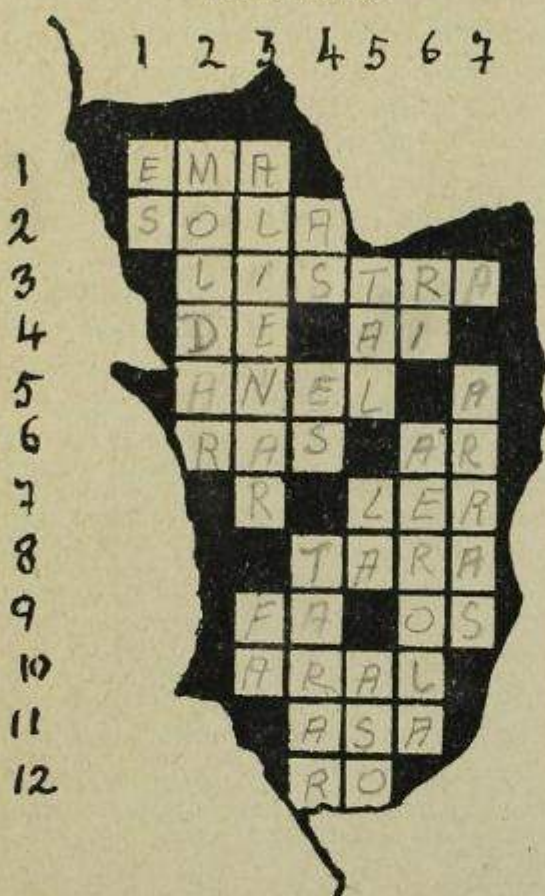
Ninguém entendia isto; até que o homem explicou:

— Eu quero governar e minha mulher também.

*

O gracejo é um veneno subtil que às vezes mata quem o emprega. — *Prov. catalão.*

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Álvaro Ferreira — Nova Goa — Índia Port.)

HORIZONTAIS

1 — Ave pernalta. 2 — Coiro curtido. 3 — Risca. 4 — Preposição; nesse lugar. 5 — Arco. 6 — Batráquios; ataque de paralisia. 7 — Decifrar o que está escrito. 8 — Falta. 9 — Nota musical; artigo (pl.). 10 — Terra arroteada. 11 — Uma parte do corpo das aves. 12 — Letra grega.

VERTICAIS

1 — Existes. 2 — Dar forma. 3 — Tornar alheio; nota musical. 4 — Carta de jogar; tempo do verbo ser; pesar. 5 — Igual; além; pretexto. 6 — Escarnece; redoma de vidro. 7 — Tapeçaria antiga.

Charadas combinadas

(Passatempo oferecido pelo sr. Hugo Bento Maia — Benguela — Angola).

I

1.ª — + ta = cuida.
2.ª — + ta = fingimento.
3.ª — + ta = apregoa.
4.ª — + ta = glândula mamal.

Vigarista

II

1.ª — + ra = dança.
2.ª — + ra = pêso.
3.ª — + ra = intuito.
4.ª — + ra = descreve.

Fortalecer

III

1.ª — + sa = calcula.
2.ª — + sa = plana.
3.ª — + sa = lar.
4.ª — + sa = que nos pertence.

Ave (pl.)

IV

1.ª — + ma = leito.
2.ª — + ma = suga.
3.ª — + ma = conjunto de ramos secos.
4.ª — + ma = senhora.

Companheiro

V

1.ª — + da = inteiramente.
2.ª — + da = oferecida.
3.ª — + da = existência.
4.ª — + da = nome feminino.

Contudo

JORNAIS DE PORTUGAL

(Passatempo oferecido pelo sr. Mário dos Santos Pires — Luanda — Angola)

```
          - - - - - O   - -   - - - - - - - - -
                - - M - - -   - - - -
                  - E - - - -
  - - - - - -   - - L - - - - -
- - - - - -   - -   - - - H -
  - - - - - - - -   - O   - - - - -
                    R - - - - - - - -
- - - - - - - -   - -   J - - - - - -
  - - - - - - - -   - O   - - - - -
                    R - - - - - - - -
          - - - -   - - N - - - -
                - - A - - -   - - - - - - -
              -   - - L -
```

Substituir os traços por letras, de modo a formar os nomes de alguns jornais do Continente.

Lição de geometria

O professor: — Qual é o caminho mais curto entre dois pontos?

O aluno (depois de meditar): — É o caminho de ferro.

— Já que és tão filósofo, dize-me cá: existe a igualdade entre os homens?

— Existe.

— Em quê?

— No erro.

❋

O marido: — Não há, em todo o mundo, dois homens que sejam absolutamente iguais.

A esposa: — Hum! não sei; mas eu, em todo o caso, não me arriscava a casar segunda vez.

Um escocês, James Lanvier, de Edimburgo, espirrou, numa dada ocasião, 690 vezes, consecutivamente.

ENIGMA FIGURADO

(Passatempo oferecido pelo sr. António M. Dias — Quelimane — Af. Or. Port.)

M ii i ai 1

Q II TE DA

Titulo

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Mário F. Mascarenhas — Bissau — Guiné Port.)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	■	P	A	I	■	U	■	A	T	Ã	■
2	I	■	M	■	D	I	A	■	A	■	A
3	D	O	I	D	O	■	P	I	R	E	S
4	A	■	G	E	N	U	I	N	O	■	A
5	■	R	O	S	A	■	S	E	L	O	■
6	R	E	■	C	■	■	■	R	■	N	O
7	■	S	T	O	P	■	O	C	R	E	■
8	O	■	A	L	E	G	R	I	A	■	A
9	C	A	L	A	R	■	L	A	T	I	M
10	O	■	C	■	U	V	A	■	O	■	A
11	■	B	O	I	■	I	■	U	S	A	■

HORIZONTAIS

1 — Progenitor; ânsia. 2 — Espaço de tempo. 3 — Demente; prato pequeno. 4 — Puro. 5 — Flor; chancela. 6 — Nota; laço. 7 — Sinal internacional; terra argilosa. 8 — Contentamento. 9 — Impor silêncio; língua antiga. 10 — Baga. 11 — Quadrúpede ruminante; iniciais duma grande potência mundial.

VERTICAIS

1 — Nome de mulher; vazio. 2 — Raso. 3 — Afeiçoado; silicato de magnésio. 4 — Desliga. 5 — Proprietária; ave galinácea. 6 — Interj.; observei. 7 — Divindade egípcia; borda. 8 — Falta de acção. 9 — Guia; mamífero roedor (plural). 10 — Número um em inglês. 11 — Membro da ave; governanta.

Livros e amigos, poucos e bons. — *Prov. espanhol.*

Muitos parentes, muitos tormentos. — *Prov. francês.*

UM CÃO HISTÓRICO

(Afagado e disputado por Herculano e Camilo)
Sua verdadeira historia. — Fantasias de Bernardes Branco. — Curiosidades de Bulhão Pato

No período em que Augusto Soromenho era um dos auxiliares de Herculano e procurava, portanto, agradar-lhe por todas as formas, estando na capital do Minho, passou por ali Camilo Castelo Branco acompanhado dum S. Bernardo com que Herculano o vira em Lisboa, na livraria Bertrand. Camilo ia aborrecido com o animal por *desordens* — escreve Soromenho a Herculano — *que tinha feito pela estrada.* Aproveitando-se do ensejo, Soromenho pediu-lho para presentear o Mestre, ao que o genial romancista acedeu, e, com essa condição, autorizou a sua remessa. E, não contente com isso, escrevia-lhe em 12 de Dezembro de 1858: ...*Se gostou dele e o quer, mando-lho... é um cão, não bom mas o maior que por aqui anda.*

Camilo procurava, ao tempo, também captar as boas graças de Herculano que o recomendara para obter um lugar na Biblioteca do Porto, como se vê no meu livro *Homenagem a Camilo*, e que, havia pouco, o apadrinhara para a sua entrada na Academia, acrescentando que *era a única proposta que tinha feito.*

Assim, Camilo não descuidava a oferta do cão e, em carta de 26 de Dezembro, acrescentava, com aquele chiste tão *sui generis*: «O cão chama-se Tigre; come de tudo, excepto do que usualmente se dá aos cães. É apaixonado por tripas e arroz e ossos menos nus que os do Vale de Josafat. Tem dias de fastio e será bom então ministrar-lhe um ligeiro laxante.

....

Recomende V. Ex.ª aos seus hóspedes que o não afaguem sem que ele os conheça. O Soromenho encarregou-se da remessa. Se ele a não apressar, vou eu tratar disso. Pode contar com o péssimo acolhimento que vai ter no vapor o cão».

O cão seguiu, efectivamente, numa quarta-feira, confiado a um amigo de Herculano. Não sabemos se enjoou, não sabemos se, em legítima defesa, teria arreganhado a dentuça ameaçadora; mas adivinhamos o prazer com que o Mestre o esperaria no cais do Tejo onde o vapor viria atracar e também a catadura feroz do bicho, que era de poucos amigos. Entretanto, uma amisade lhe foi fiel: a do primeiro romancista português. A Herculano escrevia ele, passados meses, nos seguintes expressivos termos:

«Vim aqui para cumprimentá-lo e ao mesmo tempo levar de empréstimo o seu cão para casá-lo com uma cadela que me chegou da província. Na certeza de que V. Ex.ª não se oporia a este bom desejo conjugal, levo o cão, que restituirei logo que o divórcio seja razoável.»

Mas decididamente, Camilo, no meio desta chistosa ironia tão sua, tinha funda afeição ao Tigre a quem consagra toda a carta de 4 de Maio de 1859, que transcrevemos na íntegra, do nosso citado livro *Homenagem a Camilo*:

«Consinta que o Tigre me faça companhia, enquanto me demoro em Lisboa. É esta uma terra onde mal se pode viver sem um amigo, e o amo-

rável cão tem-me dado horas de bem-estar que V. Ex.ª decerto dispensa, dadas por ele. Uma coisa me espantou e foi encontrar o generoso animal intacto do egoísmo e da soberba, incapotada em probidade, que eiva toda esta gente!»

Não mais nos chegam notícias do cerbero, disputado assim por dois ases da literatura contemporânea. Quer-nos, porém, parecer que Alexandre Herculano não tornou a afagar o molosso que cubiçara à porta da Bertrand, nem a sentir a sua cauda a saracotear-se, ao farejá-lo.

Mas passadas tres dezenas de anos, quando o Mestre era já finado havia treze, depara-se-nos no *Jornal do Comércio* de 19 de Agosto de 1890, um artigo de Manuel Bernardes Branco, donde transcrevemos a seguinte fantasiosa narrativa a respeito do *histórico* cão de que nos ocupamos. O leitor que sabe, bem documentada, toda a verdade, há-de rir-se imenso com a prosa sensaborona e bem escura, por infundada, do sr. Branco. Só se lhe aproveita a cobiça de Herculano pelo canzarrão. Nada mais. Vejamos:

«...Por aqueles tempos, foi Alexandre Herculano àquela cidade (Porto) e visitou Camilo. Tinha este grande escritor um cão da Terra Nova, mansíssimo, do tamanho quase dum jumento e que era o enlevo e a atenção de quantos o viam e pelo qual Alexandre Herculano também ficou encantado.

....

E, numa conversa com o romancista portuense, espraiou-se em elogios os mais encarecidos acerca dum tão majestoso, belo e soberbo animal.

....

Passados dias, outra vez conversa entre os dois escritores, relativa ao cão. E Herculano, não se podendo conter, pergunta se por acaso seria possível encontrar alguém que tivesse, para vender um cão como aquele que possuía Camilo, pois ele, Herculano, o compraria, não fazendo de modo algum, questão de dinheiro.

— Para vender não possuo animal algum, mas para ser agradável a V. Ex.ª, desde já lhe ofereço o cão que possuo; e por muito obsequiado me considerarei se V. Ex.ª se dignar aceitar uma tão ténue recordação.

Herculano não queria, por modo algum, privar Camilo daquele seu companheiro, ao qual mostrava tanta afeição. Mas Camilo tanto e tanto instou, que Herculano aceitou o cão e com ele se dirigiu para Lisboa. Ignoro

quantos dias, semanas ou meses se medearam até que o nosso Camilo escreveu uma carta a Herculano com o fim de pedir a D. Pedro V para ele, Camilo, não sei o quê. O que, porém, sei é que Herculano azuou com o pedido e respondeu de pronto a Camilo numa carta mui seca e sem refolhos — que jamais pediria fosse a quem fosse na casa real, coisa alguma, quer para si, quer para outrem.

Camilo tomou uma tal resposta muito a sério e, passados alguns dias, ei-lo em Lisboa, e, na manhã seguinte, em direcção ao palácio da Ajuda. Eis pois o grande Camilo no largo da Ajuda numa manhã bem cedo. Aí por volta das oito horas, talvez. E Camilo pouco depois a ver o cão, que seu fôra, no parapeito duma janela. O cão também vê Camilo e entra logo o animal a fazer todas as diligências para ir para o seu antigo dono. E Camilo a passear para a direita e para a esquerda, para que o cão não perca a vista dele. O cão, porém, está numa fona, ladra, pula, quer, com as patas, abrir a porta mas nada consegue. Eis, porém, a vendedeira de leite que aparece e, mal se abre a porta, o cão foge e acompanha o seu dono em direcção a Lisboa e depois ao Porto».

Aqui está como Bernardes Branco deu largas à sua fantasia! Bem à rédea solta desfilou pelas regiões do imaginário! Até um romântico rapto inventou...

Para não lhe suceder o mesmo, passados quatro anos, Bulhão Pato pede, a quem de direito, informações, entre outras, do celebrado animal. Pelo seu interesse, e por a supormos inédita, transcrevemos, na íntegra, a sua carta, tão comovente e tão elucidativa! Aproximando datas, vê-se que Pato pretendia informações para as suas *Memórias*, impressas em 1894,

e assim se dirigia ao seu confrade e amigo João Pedro da Costa Basto, a cujos dois irmãos manda saudades:

«Monte de Caparica, Torre. Julho, 16-894.

Meu querido João Pedro.

Ainda estamos vivos! Quase que é uma vergonha não termos acompanhado os amigos, que se nos foram todos ou quase todos, na grande viagem!

Dize-me: lembras-te do nome do criado do *mestre*, o grande avaro que ia matando o cão do Camilo à fome para poupar a carne? O cão chamava-se Tigre? O *Caracóis*, o grande amigo de D. Pedro V, foi para a Casa Pia antes ou depois da morte do rei; numa palavra, que foi feito dele? Quando é que Herculano foi presidente da Câmara? Quando D. Pedro frequentava mais a casa sei eu: foi por 1858, porque, em 59, casou. Consulta o José, e, logo, logo que possas manda duas palavras para aqui.

Minha pobre irmã enlouqueceu como sabes; mas agora as fúrias acabaram. Ainda me conhece e ainda me ama; parece resistir à própria morte, aquela paixão! No fim da vida não

merecia esta desgraça, a maior da minha vida!

Saudades ao José e ao Rafael.

Teu do C.º

Bulhão Pato

Que pena não conhecermos a resposta, mas para a biografia do canzarrão, esta carta de Pato apresenta um pormenor curiosíssimo. O Tigre, tão ávido de bons petiscos, esteve prestes a ser vítima da sordidez dum criado que o ia matando à fome!

Bulhão Pato não se ocupa do canzarrão nos três volumes das *Memórias* e não me chega ao conhecimento nenhum jornal em que dele se ocupasse.

Foi pena, porque a prosa do autor da *Paquita* seria mais um título de glória para o animal que tão altos espíritos seduziu!

ANTÓNIO BAIÃO

(Do livro em preparação «Herculano, inédito»).

Um indivíduo foi procurar certo médico, e perguntou à criada: — Está em casa o sr. doutor?

— Está, sim senhor.

— Faça favor de lhe dizer que está aqui o José Germano, que lhe quer falar.

A criada, chegando junto do doutor:

— Ó sr. doutor, está ali o *género humano* que lhe quer falar.

— Fecha depressa a porta, anda, que não cabe cá tanta gente dentro!

❋

De visita:

— Que esplêndida biblioteca que aqui tem, minha amiga! Pode emprestar-me alguns livros?

— Desculpe-me não aceder ao seu pedido; mas é tão raro restituirem-se os livros! Ora veja, todos estes que aqui estão são livros emprestados.

Resposta adequada

O conde Luís de Canossa possuia, em Roma, uma esplêndida colecção de pratas artísticas, onde se encontravam magníficas peças cinzeladas. Entre estas havia um covilhete, cuja asa tinha a forma dum tigre maravilhosamente moldado.

Um fidalgo, conhecido do conde, mandou-lhe, um dia, pedir emprestada esta peça, que era a mais estimada da colecção, com o pretexto de mandar fazer outra igual.

Passaram seis meses, e como o fidalgo a não devolvesse, o conde viu-se obrigado a reclamá-la. Pouco tempo depois, o mesmo fidalgo mandou um pagem pedir emprestado um saleiro que tinha a forma dum caranguejo.. O conde Canossa respondeu-lhe com um sorriso trocista:

— Diga ao seu amo que se o tigre, que é um dos animais mais ligeiros, levou seis meses para voltar, tenho medo que o caranguejo que, como se sabe, é extremamente vagaroso, nunca mais cá chegue. Permita-me, por isso, que não lho empreste...

Um poeta, com mais pretensões do que merecimento, dirigiu a um editor o seguinte bilhete: — «Caro editor. Queira ler o incluso poema e devolver-mo, o mais breve possível, porque tenho outros ferros no lume».

A resposta que recebeu foi esta: — «Meu caro senhor. Tire os ferros do lume, e ponha lá o poema».

❋

O pai: — Olha, rapaz, os teus estudos estão-me custando muito dinheiro.

O filho: — Eu sei, pai. E ainda eu não estudo muito, vê lá.

O viajante e os macacos

CITAM-SE muitos factos que parecem provar que os animais em estado selvagem podem, também, ser amigos do homem, e um desses factos, bastante curioso, é o narrado há muitos anos, pelo professor Garner, que tanta fama alcançou com os seus trabalhos sobre o que ele chama «linguagem dos macacos».

Durante a sua estadia em África, o professor frequentou, bastante tem-

po, certo lugar de um bosque, onde diàriamente, um bando de macacos se divertia brincando uns com os outros. Ao princípio, o viajante observava os animais, escondido, mas a pouco e pouco, foi-se deixando ver e de tal modo os macacos se costumaram à sua presença, que até vinham pôr-se ao seu lado, para que ele lhes desse frutos e outras guloseimas.

Daí a muito tempo, viajava o professor Garner, de canoa, por um rio dessa mesma região, quando viu nas árvores da margem, um grupo de macacos que davam mostras de grande regosijo; eram os seus antigos amigos que o tinham reconhecido.

Garner, compreendendo que o chamavam, aproximou-se deles, e então a alegria chegou ao cúmulo.

Teve, ainda, o professor outros encontros com o mesmo bando, mas foram no sítio em que o havia conhecido, e nunca se esqueceu de lhes levar abundância de frutas, que eles recebiam alegremente, embora a sua satisfação parecesse, antes, mais causada pela presença daquele homem, que os tratava com tanta bondade, e não apenas contentamento interesseiro.

No sassafraz (árvore da América), crescem, simultâneamente, folhas de três formas completamente diferentes umas das outras.

Hieróglifos comprimidos

(Oferecidos pelo sr. Domingos António Santos — Bafatá — Guiné Port.).

Nota 1 Intimava

E E 3,1416 Rebanho

Procura Medida

O MOLEIRO E A MORTE

Vinha embrulhada dos pés à cabeça numa serguilha ruça, roçagante, e trazia às costas uma gadanha do feno. Bem lhe espreitou o moleiro para dentro do bioco, porém mais não lobrigou que a dentuça alva e arreganhada, destas que parecem sempre aperradas para morder. «Benza-te o Demo — pensou ele em seu foro — que colmilhos não te faltam para rilhar a côdea. Se vais de ventas a um penedo, racha-lo mais certo que se fosse a guilho e a marreta.»

— Deus a salve, mulherzinha — disse-lhe afinal de bom aspeito. — Vai com mais pressa que uma galga a correr...

— Deus te salve. Vou, vou com pressa; levo os minutos contados.

— Se segue nesta endireitura, vamos ambos de companhia. Também não sou peco a andar...

— Dá-me às gambias!

Puzeram-se ambos ombro a ombro e o moleiro perguntou:

— Para que é a gadanha? Bom traste me parece, mas não é a quadra...

— Enganas-te, para mim nunca acaba o tempo das ceifas. Está sempre grada a minha segada.

— Não me custa a crer — respondeu ele. — Há terras, gordas como enxúndia de galinha, onde tudo pega que é um louvar; outras nem regadas a sangue dão pão. É daqui perto, santinha?

— Sou daqui e de toda a parte. Sou donde estou.

O moleiro riu da chalaça e, ao desenfado, pôs-se a contar-lhe a cisma absurda que o trabalhava.

— Pois é verdade — acabou desabafando — fartei-me de errar por esses mundos além à cata de padrinho para o meu menino e que me safasse ao mesmo tempo da cepa torta. Palpei muitas criaturas; talhada para a necessidade e à feição não descobri nenhuma. A falar sincero, a minha empresa era vã; igual para todos, seja ele rei ou vilão, dorida com os fracos, duma só peça, debaixo da rosa do sol que nos alumia, só a Morte. Que é ruim, que é negra, descaroável, traiçoeira?! É equitativa e basta-me. Essa sim, essa ainda eu levava à pia benta a tocar-me o meu menino; caçasse-a eu! A esta altura, o anjinho é nado ou está a nascer. Aldemenos, boa mulher, já que tem morada por este correr, venha-me ser a madrinha. No dia do baptisado sempre se há-de ajeitar uma tijela de papas para dejejum.

Descobriu ela pela primeira vez a cara cheia de gelhas e olheirenta e, à luz dum sorriso branco que metia medo, respondeu:

— Falas a sério ou de chacota?

O moleiro ficou perplexo, repeso do que proferira; mas, acudindo-lhe que era pecado brincar com coisas tão santas e que, demais a mais, à face do Senhor, mesmo o verme da lama é testemunha capaz, persistiu em tomá-la para sua comadre, pelo que renovou as rogativas e não menos queixumes da pouca sorte.

— Está dito — declarou a velha — vou ser a madrinha. Não levo enxoval, mas descansa que nunca folar de maior valia deu princesa a afilhado.

— Folar de valia!... Ainda parece mais lazarenta do que eu...

— Sou rica... muito rica. Todas as riquezas me vêm parar às mãos.

— Onde as tem?

— À ordem em toda a parte. Nos cofres dos banqueiros e nos tesouros dos Estados, ao pescoço das fidalgas e no bolso da romeirinha. É eu chegar e largam-nas logo.

— *Muita palha e pouco grão.* E que folar quer dar ao afilhadinho?

— Ao tempo se verá. Vai com Nossa Senhora; no dia do baptisado, pontualmente, lá apareço na igreja.

— Não sabe onde é, nem quando é?!

— Se sei! Agora mesmo ia para o teu moinho.

— Fazer o quê, se não queda mal o perguntar?

— Ter com tua mulher que está de parto — e olhando para ele, que a encarava perplexo, com sorriso que se esforçava por ser benigno, acrescentou: — Não sou parteira, sou a Morte.

— A Morte!!! — gemeu ele, e deitou-se de joelhos a soluçar.

Ela procurou aquietá-lo, mas o moleiro não prestava sentido às vozes de acalmação.

— Dama de alta bizarria — balbuciava ele — alteza imperial, dona de nobre dom, não vá ao meu moinho! Por quem é, pelos bons que arrancou a seu benfazer, pelos maus de que mondou a grande seara humana, perdoe à minha rica mulher! Perdoe à minha rica mulherzinha!

— Tomo outro destino, sossega! — gritou ela, já impaciente, que não havia maneira de se fazer ouvir. — É este o primeiro benefício que te faz tua comadre. Outros se lhe hão-de seguir, que o alto conceito em que me tinhas, a ponto de me reservares honras que negaste a Deus, me deu cérto fraco por ti.

Já serenado, o moleiro incensou-a com novos louvores e bênçãos:

— Bendita sejais, ó augusta senhora, mãe escrupulosa de todos, justiceira incorruptível do rico e do pobre, do leigo e do frade, do ladrão e do santo! Bendita, sejais, ó minha grande e honrada comadre!

Aquilino Ribeiro

(«*Estrada de Santiago*»).

Apanhado em flagrante

O gatuno (esbarrando inesperadamente com um polícia): — Hum, p-podia indicar-me o lugar mais próximo para deitar a afogar uns gatitos?

(«*Windsor Magazine*»).

Um sujeito é preso em estado lamentável de embriaguez.

— Porque é que o sr. estava batendo, sem motivo algum, na pobre porteira da sua casa? — pergunta-lhe o juiz no dia seguinte.

— O quê, sr. dr. juiz, pois não era a minha mulher?!

Hieróglifos comprimidos

(Oferecidos pelo sr. Luís Eduardo Guerra dos Reis Nunes — Coimbra)

DE CEN DENTE

IO IOO Incisivo

ADJUNTO

AD

ES CRU PULO

E E Não cozido Salto

VI TRI NAS

6 NA NA NA

ROMA RIA

CIDADE AVEIRO

DES TIL AR

IO — Fluido

A primeira vítima da dinamite foi um cão e o caso passou-se da seguinte forma: Estavam reúnidos em Pembry, no País de Gales, alguns sábios que se propunham avaliar do poder destruidor do terrível explosivo. Para isso, decidiram provocar a deflagração de alguns cartuchos dentro de um tanque, sob uma elevada pressão de água. No momento, porém, em que colocavam a carga no tanque, um cão saltou para a água e abocando o cartucho, foi colocá-lo, submisso, aos pés do dono. Os sábios fugiram mas o pobre animal, sempre fiel e convencido de que cumpria o seu dever, manteve-se imóvel até que a horrível explosão o despedaçou.

❋

O marido: — Minha querida Júlia, quando eu estiver em África, hei-de sonhar contigo, todas as noites.

A esposa: — Ó Gustavo! mas eu antes queria que ficasses cá e sonhasses com África.

BOM APETITE

(Passatempo oferecido pelo sr. Hugo Bento Maia — Benguela — Angola)

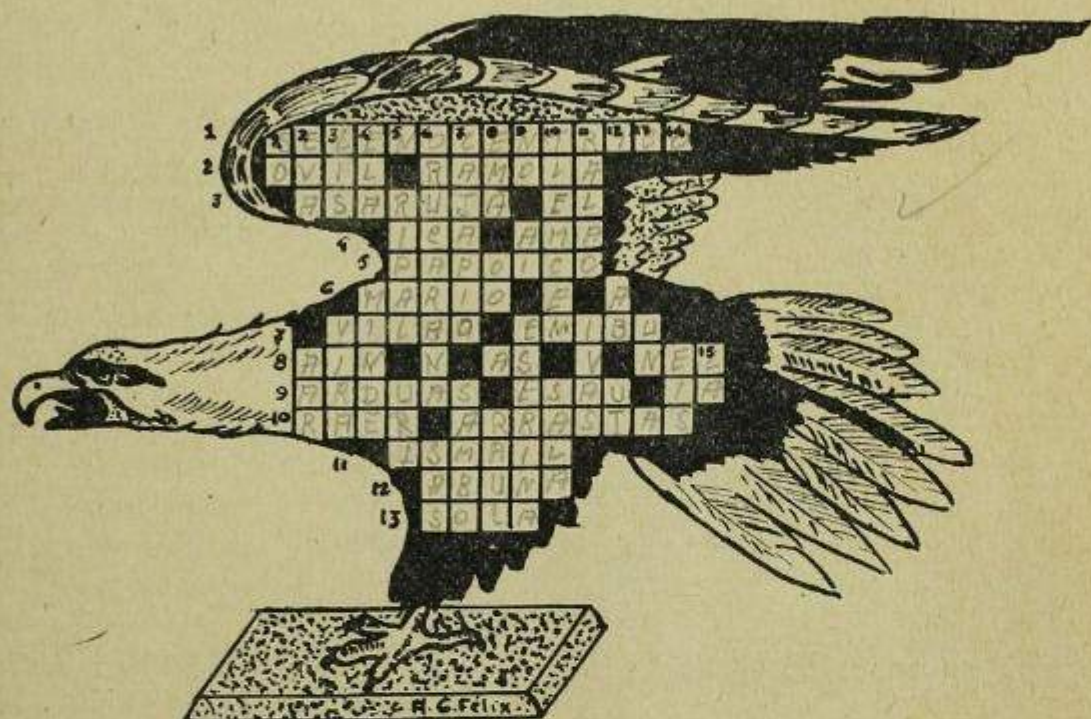
C Q U V E
\- - - O - - - -
A L H O Z
\- - - - - I - -
\- - - - - D - - - - -
\- O - - - - - - -

\- À - -

\- - P - - - -
\- - - - - O - - - - -
\- - R - - - - - -
\- - - - T - -
\- - U - - - - -
G - - - - - -
\- - - - U - - -
\- - - - - - E - - - - -
S - - - - -
\- - - A - - -

Trata-se de arranjar o apetite necessário... para preencher os traços com os nomes dos principais condimentos com que vulgarmente se prepara o genuíno Cozido à Portuguesa.

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Armando Garcia Félix — Base Aérea n.º 2 — Ota — e dedicado aos pilotos da Aviação militar portuguesa)

HORIZONTAIS

1 — Relativo ao centro da Lua. 2 — Povoação do concelho de Baião; série de quadros guarnecidos de escápulas, onde se estendem as peças de estofo a secar. 3 — Herdade; artigo antigo. 4 — Cidade do Peru; árvore da ilha de S. Tomé. 5 — Tumor. 6 — Notável romance de Silva Gaio; vogal; vogal. 7 — Antiga dança; planta aromática das Molucas. 8 — Rio de França; consoante; artigo; consoante; ilha do Estado de Paraná. 9 — Penosas; filho de Isaac e Rebecca; interjeição. 10 — Vassourar; desgraças. 11 — Cidade da Rússia. 12 — Rio do Brasil. 13 — Espécie de beijú de tapioca.

VERTICAIS

1 — Livro de poesias de António Nobre. 2 — Romance de Santos Nazaré; rio da Rússia. 3 — Rio de Portugal; espécie de veado pequeno do Brasil. 4 — Rei de Israel; povoação do concelho de Torres Novas. 5 — Consoante; diz-se de um prego pequeno para pregar ripas; cantão suíço. 6 — Árvore silvestre de madeira boa para construções; razoáveis. 7 — Vila do Estado de Maranhão; árvore africana de Caconda. 8 — Acto de mascar tabaco; berço; vogal; nome de homem. 9 — Lago de África; certo quadrúpede; alcalóide da fava de Malaca. 10 — Cidade da Argélia; o primeiro dos compartimentos de um curral de peixe. 11 — Pão de rala; espécie de genipi (pl.). 12 — Vogal; prefixo; nota musical antiga. 13 — Consoante; certa árvore de Damão; vogal. 14 — Vogal; vêde. 15 — Afinal.

Os escritores e as suas obras

(Passatempo oferecido pelo sr. Milton Carrington da Fonseca — Lisboa)

Obra	Autor
Cartas de Inglaterra	Manuel de Faria e Sousa
Memórias de Além-Túmulo ...	Eça de Queirós
Eugénia Milton	Alexandre Dumas (pai)
Poliuto	António Enes
Auto do fim de dia	Ruy Barbosa
Contos em viagem	Pedro Corneille
Monte Cristo	Francisco Chateaubriand
O Primo Basílio	Correia de Oliveira
Comentário dos Lusíadas	Andrade Corvo

Consiste este passatempo em colocar, à frente de cada obra, o nome do seu autor, porque está tudo trocado.

Sofia: — Ontem, a Laura disse, em casa dos Mascarenhas, e diante do Rui, uma coisa agradável a teu respeito.

Olga: — Sim? O que foi?

Sofia: — Disse que tu não aparentavas a idade que tens.

A cigana: — Deseja saber alguma coisa acerca do seu futuro marido, minha linda senhora?

A dama, consultante: — Não; o que eu desejo é saber alguma coisa acerca do passado do meu presente marido, para meu uso futuro.

A filha de Shakespeare não sabia ler nem escrever.

DISTRITO FEDERAL, BRASIL. — Bairros de Leblon e Ipanema, fora da Barra do Rio de Janeiro; vizinhos da antiga Lagoa Rodrigo de Freitas (ora em comunicação com o Oceano), possuem densa população, já bastante adiantados, em constante comunicação com o Centro da Cidade. Suas praias são muito afamadas. — *(J. Cordilha, bras.)*

QUAIS AS IDADES?

(Problema oferecido por «Vasco Raguer» — Vidigueira)

Tendo perguntado a idade de um amigo meu no dia do seu aniversário em 1950, ele, que é forte em matemática, respondeu-me:

«Se eu tivesse mais 18 anos que meu filho, a minha idade seria representada pelo dobro da soma dos algarismos do ano em que eu nasci, mas, como a diferença das nossas idades é igual ao dobro da idade de meu filho, a minha idade é representada pelo dobro da soma dos algarismos do ano em que nasci mais metade da idade de meu filho.»

Como não sei a idade do filho do meu amigo, nem o ano do nascimento deste, apelo para os solucionistas do «Almanaque Bertrand», para que me informem: Qual a idade do meu amigo? Qual o ano do seu nascimento? Qual a idade do filho?

À porta de um palacete em Lisboa, um indivíduo pergunta ao guarda-portão:

— O sr. visconde está em casa?

O guarda-portão: — Não está, saiu.

— E não disse nada, ao sair?

— Disse que voltava breve.

O visitante entra e senta-se numa cadeira do patamar.

— Nesse caso, esperarei por ele.

Passadas três horas:

— Afinal, já se vai demorando de mais, o sr. visconde. Ele, ao sair, não disse para onde ia?

O guarda-portão:

— Disse, sim senhor; disse que ia ao Porto...

A ILHA DE PAQUETA

Esta formosíssima ilha brasileira ocupa o 2.º lugar em grandeza, dentre as numerosas ilhas disseminadas no Distrito Federal. Apresenta-se com a forma aproximada de um carretel, com soberba vegetação, deliciosos frutos, algum comércio e indústria. Constitui estação de verão, muito recomendada. Está em comunicação, por meio de barcas, com o Distrito Federal (continente). Também é dotada de formosas praias, dentre as quais a de José Bonifácio. Dentre os edifícios, apresenta-se notável a tradicional Igreja de São Roque. Também é digna de nota a Pedra da Moreninha. A ilha tem densa população.

(J. Cordilha, bras.)

— Se eu tenho carta? Mas que tolice, sr. guarda! — disse para o polícia de trânsito a senhora, motorista, que acabara de esbarrar com o carro de encontro a um candeeiro de iluminação pública; — quem é que me concedia carta, da forma que eu guio?!

REPORTORIO GERAL
de tres mil oito centos proceſſos, que ſan todos os
deſpachados neſte ſancto Officio de Goa, & mais
partes da India do anno de Mil & quinhentos &
ſecenta & hum, que começou o dito ſancto Officio
ate o anno de Mil & ſeis centos & vinte & tres, cõ
a liſta dos Inquiſidores que tem ſido nelle, & dos
autos publicos da Fee, que ſe tem celebrado na
dita CIDADE de GOA.

FEITO PELLO LICENCIADO IOAÕ
*Delgado Figueyra do Dezembargo de ſua
Mageſtade, Promotor & Deputado do
dito ſancto Officio.*

Sendo Inquiſidores os ſenhores Franciſco
Borges de Souza & Ioaõ Fernandes
de Almeida.

ANNO de M. DC. XXIII.

Exaltabo in veritate & iustitia

S. DOMING.

S. F. IOAM

S. RAIMVNDO

F. IACOME

Rosto, à pena, do REPORTÓRIO feito em meados do século XVII pelo Inquisidor Delgado Figueira, que se encontra na Biblioteca Nacional, e a que se refere a página seguinte

A Inquisição em Portugal

Depois dos três volumes de Alexandre Herculano *«História da origem e estabelecimento da Inquisição»*, só o sr. Dr. António Baião publicou notáveis e documentados trabalhos sobre o execrado tribunal. Enumeraremos: *«A Inquisição no século* XVI», publicado no *Arquivo Histórico Português*, estudo interrompido por haver terminado essa erudita revista; *«Episódios dramáticos da Inquisição Portuguesa»*, três volumes, sendo os dois primeiros de *Homens de letras e de ciência, por ela condenados* e o III de *Vária*.

Ùltimamente, publicou o sr. Dr António Baião, a *«História da Inquisição de Goa»*, em dois volumes: o primeiro, de texto, muito ilustrado e documentado e o segundo de provas, isto é, os relatórios enviados de Goa para o Conselho Geral do Santo Ofício.

Entre os códices de que se serviu o sr. Dr. António Baião, reproduzimos, na página antecedente, o rosto, à pena, do *Reportório* feito em meados do século XVII pelo Inquisidor Delgado Figueira, e que se encontra na Biblioteca Nacional.

As pirâmides do Egipto são em número de cinqüenta e sete. A grande pirâmide construída no ano 3600 antes de Cristo custou treze anos de esforços a 100.000 operários. Hoje não tem, de altura, mais que cento e trinta metros.

❋

Zoroastro, o célebre legislador persa e fundador da religião dos Magos ou Mazdeísmo, alimentou-se ùnicamente de queijo durante trinta anos.

Moedas de há seis séculos

Numa das grutas de Mira de Aire foram encontradas umas moedas árabes, com a data de 1340.

Uma delas tem numa das faces um signo saimão com o número 10 ao centro. Na outra face tem dois triângulos entrelaçados formando uma estrela com seis pontas — estrela de David — com a data muito nítida de 1340.

Outra medalha, que se julga ser egípcia, tem de um lado o Sol Nascente e quatro pirâmides com inscrições árabes, uma ave, uma ferradura e outros desenhos. Na outra face distinguem-se dois cordeiros, meia lua, um globo, uma lança, uma múmia, uma ânfora, dois peixes e outros desenhos. Esta moeda é perfeitíssima e está em muito bom estado.

Entrou Alexandre Magno a destruir a cidade de Lampsaco, porque favorecia o partido dos Persas. Saiu-lhe ao encontro o filósofo Anaximeno, que tinha sido seu mestre de retórica, natural da mesma cidade, e supondo Alexandre que vinha rogar-lhe pela conservação da sua pátria, lhe disse, enfurecido, todo em ira: — Eu te juro, Anaximeno, pelos deuses, de não te conceder coisa que me peças.

Respondeu-lhe o filósofo muito depressa: — Pois, Senhor, eu te peço que destruas Lampsaco.

Caiu o rei em si, e viu-se obrigado, por força do juramento, a perdoar à cidade e isentá-la da ruína a que estava destinada.

❋

Nas catacumbas de Roma há mais de seis milhões de esqueletos.

O EXEMPLO DO CAPITÃO MONIZ BARRETO

Durante os seus estudos e investigações, foi o Cardeal Saraiva recolhendo «exemplos de virtude, acções e ditos memoráveis, coligidos da História de Portugal, para instrução da mocidade...».

Tem o número 80 o último da série publicada no 10.º volume das suas Obras Completas, e reza assim:

«O ilustre capitão António Moniz Barreto, que na Índia conservou e aumentou a glória dos portugueses por muitas acções de grande valor, achando-se uma vez em grande consternação por estar Malaca cercada dos Agneus e Jáus, e ele se ver destituído de cabedais com que a pudesse municiar, recorreu à cidade de Goa, pedindo-lhe emprestados 15.000 cruzados, e dando-lhe em penhor o seu próprio filho Duarte Moniz, menino de sete anos, estimável jóia que mui brevemente remiu».

O acto do capitão Moniz Barreto não é único na nossa História. Mas se fosse, ele bastaria para nos orgulharmos duma grandeza de ânimo que já foi considerada epopeia na tragédia grega. É alguma coisa dar a fortuna, as comodidades, o esforço dos braços ou do espírito a bem da Pátria. Será tudo, porém, dar-lhe um filho inocente como penhor. Moniz Barreto, capitão de Portugal em terras longínquas, consagrou, no sacrifício mais doloroso, o que podemos chamar a mística da Pátria. Esta mística, se não é apenas momentânea exaltação romântica, vale como grito permanente de independência e projecta-se, no tempo e no espaço, como um clarão que não se apaga. O verdadeiro sentimento patriótico não nos separa dos outros povos, nem nos põe à margem dos grandes interesses comuns a toda a humanidade. Distingue-nos na unidade histórica, cria-nos uma situação de diferentes, mas jamais nos isola. Precisamente na medida em que formos diversos dos outros é que melhor serviremos os princípios de solidariedade universal.

Portugueses sempre, portugueses em toda a parte, para que o mundo possa contar connosco.

CIDADE DE GOA, ÍNDIA PORT. — Edifício de Navegação Fluvial, situado no estuário do Mandovi. — *(Foto Rui Antão)*

Só se tem espírito à custa dos outros. — *J. Simon.*

❋

Na Índia existe uma ave que cose, com o auxílio do seu bico, como se fosse uma agulha, as extremidades das grandes folhas do plátano gigante, empregando como linha os fios de esparto. No saco assim formado, faz então o seu ninho.

OS OITO NOMES

(Problema oferecido pelo sr. A. Caldas — Porto)

Reuniram-se em minha casa, contando comigo, dois Albertos, dois Bernardos, dois Josés e dois Luíses, cujos apelidos, também aos pares pois eram irmãos dois a dois, eram Caldas, Dias, Morais e Neves.

Sentámo-nos a uma mesa de forma octogonal ficando os Albertos frente a frente, o mesmo se dando com os restantes pares de nomes.

Eu sentei-me em frente do Dias, enquanto o meu irmão José se sentava entre o Morais e o Neves. Ambos os Luíses saíram depois dos Morais.

Sabendo que não ficaram dois irmãos em lugares seguidos, creio que qualquer solucionista do «Bertrand» será capaz de saber os nomes completos das oito pessoas, bem como a sua posição à volta da mesa.

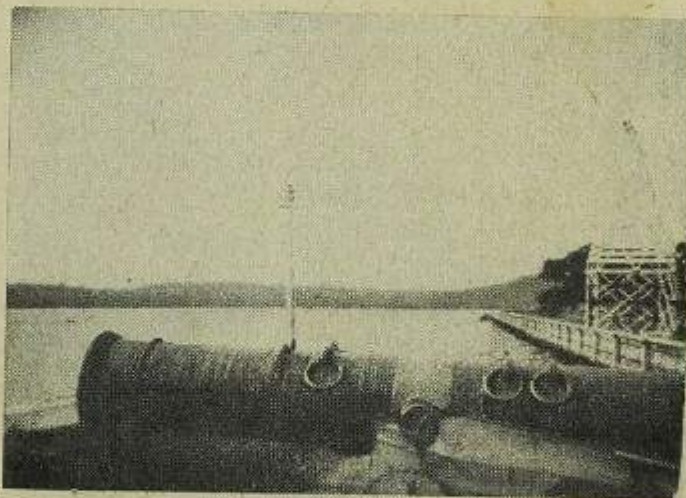
Quinino sintético

Relativamente há pouco tempo, foi descoberta a síntese total do quinino, após um século de pesquisas científicas em busca da fórmula artificial desse produto anti-malária.

A produção da molécula de quinino, de estrutura química, altamente complicada, foi conseguida em Maio de 1944, por dois químicos americanos, ainda bastante novos; dr. William Doering e dr. Robert Woodward, que trabalharam na Universidade de Harvard.

O novo produto sintético é uma reprodução tão perfeita que não pode distinguir-se do natural.

Gastão: — Não sei que faça, se compre um carro ou uma casa...

Arnaldo: — É simples. Compra uma casa e hipoteca-a para comprares o carro. Dessa forma, terás ambas as coisas.

CAMPAL — ÍNDIA PORT. — A CÉLEBRE PEÇA DE BANASTARIN, JUNTAMENTE COM UM FAROL

CABO-DE-RAMA — ÍNDIA PORT. — O QUEBRAR DAS ONDAS NOS ROCHEDOS DE CABO-DE-RAMA
(Fotos Rui Antão)

PRIMAVERA

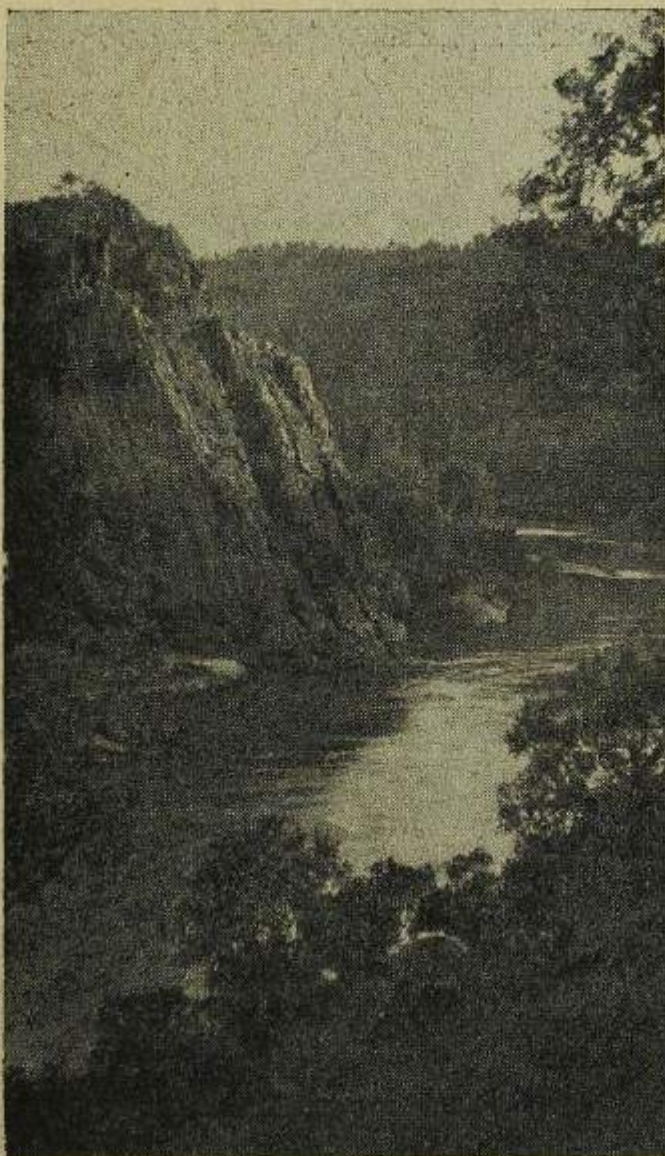
Quem foi o Artista, o mágico Pintor
que toucou de esmeralda o prado e as vi-
[nhas?
Quem vestiu às macieiras, tão branquinhas,
seus véus de noiva, no pomar em flor?

Quem ensinou as negras andorinhas
a fazer nos beirais berços de amor?
Quem inspirou sonatas e modinhas
aos rouxinóis, à hora do sol pôr?

. . . .

Cada flor é um fruto que se espera.
E tudo canta, ao sol da Primavera,
na embriaguês dos bálsamos florais.

...Só os velhinhos, cheios de saudade,
lembram, chorando, a sua mocidade:
— a Primavera que não volta mais!

ALFREDO CABRAL

PENHA DO MALAFAYA, NA MARGEM DIREITA DO ZÊZERE, A MONTANTE DE DORNES, AGORA SUBMERGIDA, EM PARTE, PELA ALBUFEIRA DA BARRAGEM DO CASTELO DO BODE. — *(Foto Dr. A. Baião, filho)*

A amizade produz uma espécie de transfusão da individualidade: uma certa porção dos nossos amigos vive em nós e é ela que nos faz sentir as suas dores e as suas alegrias.

E é por isso que, se alguém tem razões de queixa contra um amigo nosso, o seu ardor de desabafo connosco tem um fundo agressivo, bem se reconhecendo que obedece à intuição de que alguma coisa do nosso amigo existe em nós. — *D. Alberto Bramão.*

❋

Não há paixão que mais provoque qualquer acto nobre e generoso do que um amor honesto. O amor tem uma veemência que serve de coragem àqueles que não a possuem. — *Saint-Evremont.*

O optimismo é o grande produtor: é vida. Contém tudo quanto faz parte da disposição mental que produz e goza. O pessimismo é o grande destruidor: é desespero, é morte. — *Marden.*

A humildade permanente é um trabalho de Hércules. — *Wertheimer.*

ILHA DOS AMORES

Setenta quilómetros, mais ou menos, que se percorrem de carro. Este, na sua fúria de engulir quilómetros, leva-nos ràpidamente ao destino. Uma viragem brusca e lá em baixo, um ninho de verdura: a Ilha dos Amores, que fica a alguns quilómetros do posto de Quipeio, no rio Cuito.

À entrada da ilha, um arco natural engrinalda a pequenina ponte, que dá acesso à ilha, a qual a Natureza caprichou em tornar num recanto ideal para idílios amorosos. E tudo estranhamente belo e variado.

A ilha tem lugares encantadores, que alguém poèticamente baptizou — praia das Ninfas, grutas dos Namorados — e ainda outros. A água murmura por todos os lados. Aqui, é o rio impetuoso, de espuma branca, que galga pedras negras; ali, um pequenino canal, águas mansas, fetos, flores! Rùas ladeadas por luxuriante vegetação, palmeiras que abanam as suas palmas, parecendo dar-nos as boas-vindas.

Em 22 de Outubro de 1949, a Ilha dos Amores viveu momentos inesquecíveis, — a visita do Orfeon Académico de Coimbra. As suas capas negras, voavam ao vento, românticas, e o rio — com os académicos, sentados na sua margem, — era uma evocação do velho Mondego. Centenas de forasteiros, dos mais afastados lugares, encheram a Ilha dos Amores, de alegria e movimento.

Ouviam-se as guitarras e canções, e os académicos passeavam com as raparigas, e sonhavam, talvez, com a velha Coimbra, tão nobre em suas tradições, com noites enluaradas, serenatas... E elas... elas sonhavam, talvez, com o amor, mas, amor de estudante é brisa que passa. E a caravana da Ilusão—como alguém lhe chamou — partiu, ao entardecer, deixando saudade a todos.

As sombras da ilha tornaram-se

RIO CUITO — ILHA DOS AMORES. — Dois recantos ideais da pitoresca Ilha

(Fotos M. O. P. Carneiro)

ILHA DOS AMORES. — SOMBRA E LUZ

mais densas, a água a correr parecia chorar de pena e o seu murmúrio era ainda um eco das guitarradas e canções, que durante o dia se ouviram.

A ilha ficou só, as palmeiras inclinadas pareciam, também, chorar... Era a saudade, a saudade que todos começaram a sentir, por esses momentos que não voltam, talvez, a repetir-se.

Mas recordar é viver, e todos, em pensamento, vivem, ainda, esse dia memorável.

Nova Lisboa.

MARIA OTELINDA PINHO CARNEIRO

As ilusões mortas são como as flores: deixam-nos por algum tempo ainda um suave perfume. — *D. Alberto Bramão.*

❋

O homem que não amou apaixonadamente, ignora a metade mais formosa da existência. — *Stendhal.*

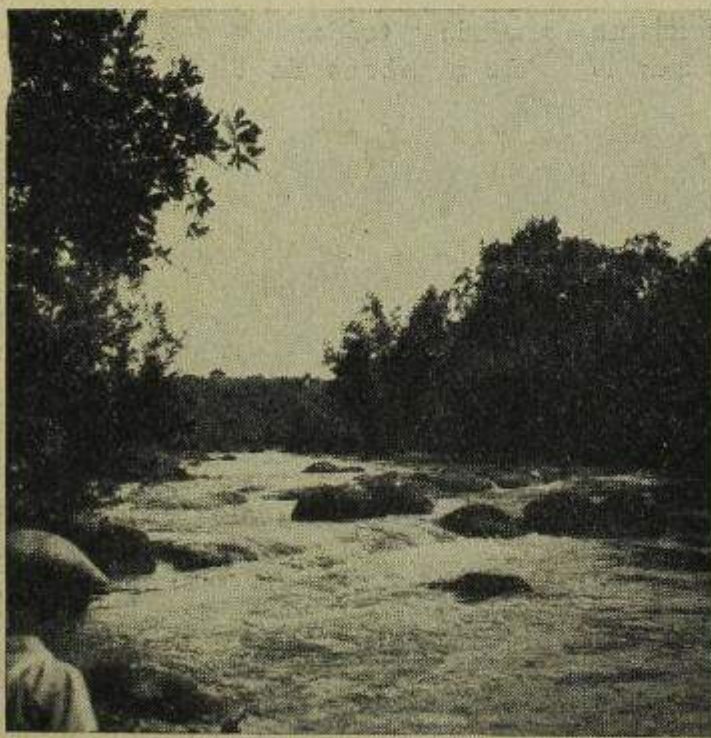
❋

O ideal do amor é a base de toda a poesia no coração do homem. — *Ramalho Ortigão.*

❋

O amor principia sempre sem causa certa; vai vivendo, e depois termina também sem causa certa.

❋

As mulheres têm o dom de curar as feridas da alma com o bálsamo da palavra, assim como pensam as feridas do corpo com as suas mãos cuidadosas. — *Mory.*

RIO CUITO. — ILHA DOS AMORES
(Fotos M. O. P. Carneiro)

RISO E BOM HUMOR

HÁ uma espécie de tácita convenção social no intuito de considerar os assuntos alegres e provocadores de riso inferiores aos que obrigam a descer as pálpebras gravemente, em concentradas meditações.

Nunca compreendi este critério. Pois não será o riso, expressão sintética da alegria e da felicidade, a mais sensata aspiração do nosso ser?

Tudo quanto é bom e belo é risonho. Os santos mostram sempre um rosto de misticismo alegre. A natureza, quando desdobra aos nossos olhos os seus panoramas de encantamento, tem merecido de poetas e gentes de prosa, em cada um dos seus predicados, a designação de sorriso. Há o sorriso do sol, o sorriso da verdura, o sorriso da madrugada.

E quando alguém cita um desses sorrisos é no sentido de sublimar os atractivos naturais e não de os deprimir.

Porque não transferimos para a vida em geral e para a literatura em especial este critério salutar, estimulando os literatos a atenuar a gravidade pesada da sua habitual missão sombria com uma dose de bom humor, de pitoresco e mesmo de cómico, de forma a que o leitor, quando acaba de ler um artigo ou um livro, sinta que o espírito se lhe tornou mais leve, mais corajoso, mais animado para a vida?

Há livros que deixam no espírito uma impressão sombria como a que nos fica depois duma visita de pêsames ou da passagem por um cemitério.

É certo que não seria possível nem razoável suprimir da vida e da literatura, que é o mais perfeito reflexo da vida, os assuntos graves ou dramáticos; mas o prato da balança em que eles pesam podia ser contrabalançado com uma dose maior de bom humor, de alegria, de pitoresco e de cómico.

No meio das nuvens negras e carrancudas devíamos empregar todos os processos de conseguir que fulgissem os raios do sol.

D. ALBERTO BRAMÃO

(Do livro «Últimas recordações»).

O RIO

Saltando sobre as pedras, a correr,
Jamais sem ter sossego, sem parar,
Beijando as flores, os seixos, ao passar
Sem nunca no seu curso se deter.

— Eis a imagem da vida a decorrer!
Assim os dias rolam sem cessar!
Uns, mais outros, lá vão sem descansar,
Tão céleres, voando, a suceder!

Dias lindos de paz e de alegria,
Dias maus de saudade, de agonia,
O mal e o bem que à porta nos passou...

Tal como o rio, tudo vai seguindo...
— Impossível parar num sonho lindo
Ou guardar o que o tempo nos levou!

CÂNDIDA RIBEIRO

(Do livro «Intimidade»).

O infortúnio é a pedra de toque, pela qual se conhecem os quilates da amizade.

❋

Contradiz-se, o homem que não faz o que recomenda aos outros. — *Cícero.*

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Domingos António Santos — Bafatá — Guiné Portuguesa).

	1	2	3	4	5	6	7	8
1					■			
2				■				
3					■			
4		■					■	
5	■		■			■		■
6					■			
7				■				
8					■			

HORIZONTAIS

1 — Género de aves columbiformes; ocasião propícia. 2 — Altar dos sacrifícios; espaço de tempo, gasto pela Terra, numa translação completa em volta do Sol (pl.). 3 — Pau com que se impelem as bolas do bilhar; cabelos brancos. 4 — Água que se agita. 5 — Aqui. 6 — Mostra pelo aspecto, gesto ou silêncio, que está escandalizado; substância doce. 7 — Grau de elevação ou abaixamento da voz; epiderme. 8 — Rezei; tempo do verbo ser.

VERTICAIS

1 — Pequeno mamífero roedor; aperto com laçada ou nó. 2 — Reza; afeição profunda. 3 — Armadilha; diz-se de uma pedra que é um sulfato de alumina e potassa. 4 — Mamífero felino. 5 — Oferece. 6 — Quadril; cada uma das doze divisões do ano. 7 — Zune; torna a ler. 8 — Dificuldade; preceito que deriva do poder legislativo.

Conhece Portugal?

(Passatempo oferecido pelo sr. Óscar Sarmento — Calulo — Angola)

Dando outra disposição às letras em baixo, encontrarão nomes de algumas vilas de Portugal.

1 — C DE DIA VESTE LO
2 — MADRINHA NEGRA
3 — DEI A CEAR BO LICOR
4 — NADAR E MIL
5 — O RIO JA DÃ MEADAS.
6 — USAR DOCE DE PERA
7 — CIRCO DE SELVA E AMADO

O chocolate, além de alimentício, é bom para o coração e para os nervos.

Provérbios a adivinhar

(Passatempo oferecido pela sr.ª D. Maria Albertina Santos Bastos — Dili — Timor).

1.º

D	A	C	Q	A	S
1	2	1	1	2	2

2.º

C	Q	L	N	M
1	1	2	1	2

3.º

E	L	A	D	S	I	S
1	3	1	1	1	2	2

Cada letra representa a inicial de uma palavra, e o número correspondente indica o número de sílabas dessa palavra.

QUEM ADIVINHA?

(Passatempo oferecido pelo sr. F. da Matta Câncio — Mafambisse — Colónia de Moçambique).

Qual é a ave que, trocando-lhe as duas vogais do nome, fica sendo um insecto?

Qual é o nome feminino que, passando-lhe a 2.ª sílaba para a 1.ª, e trocando, entre si, as duas letras desta, se transforma numa ave doméstica?

Quinto Cícero, irmão de Marco Túlio Cícero, era muito baixo; e passando Cícero por uma província que ele governara, viu o seu retrato, de meio corpo, com extraordinários lineamentos, e disse com graça: — A metade de meu irmão é maior que ele todo!

Charada combinada

(Passatempo oferecido pelo sr. Inácio Nunes Leonço — Portel).

1.ª —+ga=feiticeira.
2.ª —+ção=conhecimento.
3.ª —+eito=escolhido.

4.ª —+dre=título de religiosas.
5.ª —+cho=rio pequeno.

6.ª —+ata=insecto ortóptero.
7.ª —+bo=chocarreiro.
8.ª —+gaz=astuto.

9.ª —+ctil=maleável.

10.ª —+lero=dança espanhola.
11.ª —+rga=peso.
12.ª —+nio=talento inventivo.

Grande poeta português

PILHA DE PALAVRAS

(Passatempo oferecido pela sr.ª D. M. L. dos Santos Pereira — Porto)

1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					
10					
11					
12					

1 — Mamífero carnívoro.
2 — Ave tenuirrostra.
3 — Ave fasianídea.
4 — Boi das Índias.
5 — Insecto díptero.
6 — Vespa da América.
7 — Insecto eumolpídeo.
8 — Verme entozoário.
9 — Molusco cefalópodo.
10 — Mamífero hipotigrídeo.
11 — Peixe esparóide.
12 — Ave pitídea.

Resolvido este passatempo, encontrar-se-á, na coluna central, o nome dum insigne naturalista portuense, já falecido.

Perguntado Diógenes, de que terra era, respondeu: — Cidadão de todo o mundo.

TORMENTO

Quantas vezes talvez, tu já vagaste,
Nesta jornada efémera e ilusória...
Pelos mesmos caminhos, tu trilhaste,
Sem que nada atraiçoasse tua memória...

Quantas vezes, talvez... interrogaste,
A razão desta vida transitória!...
E os mistérios do Mundo, em vão buscaste,
Tendo a visão cansada e merencória...

Porque corres atrás do desalento?
Ó Peregrino ingénuo e visionário...
Não vês, que o nosso escudo e o nosso alento,

É esta infantil cegueira, este sudário
Que amortalha o passado e o pensamento,
Pois a certeza é às vezes um Calvário!...

LISETTE VILLAR DE LUCENA TACLA *(bras.)*

Nunca se deseja ardentemente aquilo que só se deseja com a razão. — *La Rochefoucauld.*

A vida é um trabalho de arte, que se deve modelar com mão hábil. — *H. Rigault.*

❋

Um pouco de coração simplifica o que muito espírito complica. — *C. de Belvèze.*

❋

A alma é o maior milagre do mundo. — *Dante.*

❋

Fraqueza é dar ajuda ao mais potente. — *Camões.*

RIO DE JANEIRO — BRASIL. — RODOVIA PETRÓPOLIS-TERESÓPOLIS
(Foto oferecida pelo sr. João T. de Almeida — Botucatu — S. Paulo — Brasil)

SALTO DE CAVALO

(Passatempo oferecido pelo sr. Luís Eduardo Guerra dos Reis Nunes — Coimbra)

pe	lho	lh	ções;	can	do	es;	ril,
Não +	sab	di	ba	bem	tu	Co	Tu +
pe	es	não	íeis,	ra	çõ,	esté	Não
o	que	lho	Eu	tra	sei	do	em,
ma	dia;	Bem	se a	inú	ss	há	que
na	ab	dra,	du	de	Que	cor	er
+ + ria.	is	da	til;	bri	ne	são	es. + +
os	E que	ri	pe	ro,	açõ	ent	cer

Partindo das casas assinaladas com uma + e percorrendo a salto de cavalo todas as outras casas até chegar às assinaladas com duas ++, construirão um desenho totalmente simétrico e simultâneamente formar-se-ão duas interessantes quadras de Fernandes Costa.

A maior ironia com que o destino se ri dos grandes homens é a de só lhes conceder a imortalidade... depois da morte. — *D. Alberto Bramão.*

Pobre bicho da Terra, o homem não encontra nela o repouso necessário para as suas meditações. — *Leonardo Coimbra.*

Trágica coincidência

Na pitoresca colina de Posilipo, nos arredores de Nápoles, faleceram há bastantes anos, no mesmo dia, a uma hora de distância um do outro, os condes Carlos e Frederico Fontana, que eram gémeos, tendo nascido em 1865. Os dois adoeceram de gripe e caíram de cama no mesmo dia. Essa doença, apesar da cuidadosa assistência dos médicos, degenerou em pneumonia, tanto num como no outro.

Frederico foi o que morreu primeiro, conservando-se lúcido até o último momento. Cinco minutos antes de falecer pediu a seus parentes que dessem, da sua parte, um beijo ao irmão, o qual, entretanto estava agonizando, num quarto ao lado.

Simultâneamente, como se se tratasse dum facto prodigioso, o outro doente, Carlos, no seu leito, pediu notícias do irmão. Abriu os olhos, fixando muito as pessoas que o rodeavam e que já sabiam a dolorosa verdade. Não querendo enganá-lo, ficaram calados. Mas Carlos Fontana adivinhou essa verdade, que talvez tivesse pressentido. Deixou cair a cabeça sobre a almofada, para a não tornar a levantar mais. Uma hora depois reunia-se na morte, ao seu adorado irmão gémeo.

O pico Everest, no Himalaia, o ponto mais alto da terra, o qual se eleva a 8.840 metros, tomou o seu nome do inspector general Everest, célebre pela obra que realizou na Índia, por conta do Governo britânico. Este pico só é bem visível do Tibet, de onde se pode observar, a uma distância de 50 quilómetros, a sua brancura deslumbrante. Muitas têm sido as tentativas feitas por exploradores de todas as nacionalidades mas nenhum, até agora, ainda o pôde atingir.

Frei José de Guadalupe, hoje padre franciscano, é o antigo cantor e actor de cinema José Mojica, célebre em todo o mundo. Passou em Lisboa, a caminho de Roma, em Abril de 1950. A gravura mostra-o a falar aos jornalistas portugueses

❋

O americano Bobby Leack que atravessou as cataratas do Niágara, em 1911, dentro duma barrica, morreu em 29 de Abril de 1927, devido a lesões sofridas por ter escorregado numa casca de banana, quando ia andando sossegadamente por uma rua fora em Christchurch, Nova Zelândia.

❋

Nos países do Norte, na Finlândia, por exemplo, a noite de S. João é uma verdadeira noite luminosa, pois à meia-noite ainda se vê o sol.

Algumas igrejas históricas da capital de Angola

IGREJA DOS JESUÍTAS

Foi a mais notável de todas as igrejas de Luanda e possìvelmente de todas as igrejas construídas pelos portugueses na África Ocidental, nos séculos XVI e XVII.

Em 1607 principiaram os Jesuítas a construção do Colégio de Jesus, que só foi concluído em 3 de Dezembro de 1659. Já em 1605 tinham aberto escola de primeiras letras, como princípio do Colégio.

A igreja deve ter sido principiada na mesma altura e já em 1620 se celebraram nela grandes festas por ocasião da beatificação de S. Francisco Xavier.

ALTAR-MOR DA IGREJA DOS JESUÍTAS

LUANDA.—FACHADA DA IGREJA DOS JESUÍTAS

Cadornega dá dela uma magnífica descrição, exaltando a sua arquitectura e riqueza de altares e ornamentações.

Foi concluída em 1636.

Após a expulsão dos Jesuítas, em 1760, foi encerrada e retiradas dela, as imagens e alfaias, vindo o tecto a abater em 1780. Era duma só nave e tinha muito provàvelmente duas torres.

IGREJA DA N. S. DA CONCEIÇÃO

A igreja da N. S. da Conceição, ou Matriz Velha era a igreja mais antiga da cidade, de fins do século XVI, e serviu de igreja paroquial

única da cidade até à criação da freguesia dos Remédios, pelo bispo D. Francisco do Soveral. Foi igual-

LUANDA. — Igreja da N. S. da Conceição

mente a Sé dos Bispos de Angola, desde que passaram a residir definitivamente em Luanda. Esta igreja caiu em ruínas em 1818 e actualmente serve de Observatório Meteorológico.

Depois disto a paróquia da Conceição instalou-se na igreja da Misericórdia, onde ainda actualmente se encontra. No período de 1818 a 1833 esteve a paróquia provisòriamente instalada na igreja do convento de S. José (actual Hospital Central).

Em 1833 instalou-se na Misericórdia. Este templo pertence à Santa Casa da Misericórdia. Desconhece-se a data da primitiva construção, mas Cadornega refere que esta igreja foi reconstruída a expensas da irmandade da Misericórdia e concluída em 1679, sendo benzida a 17 de Julho daquele ano pelo Bispo D. Fr. Manuel da Natividade.

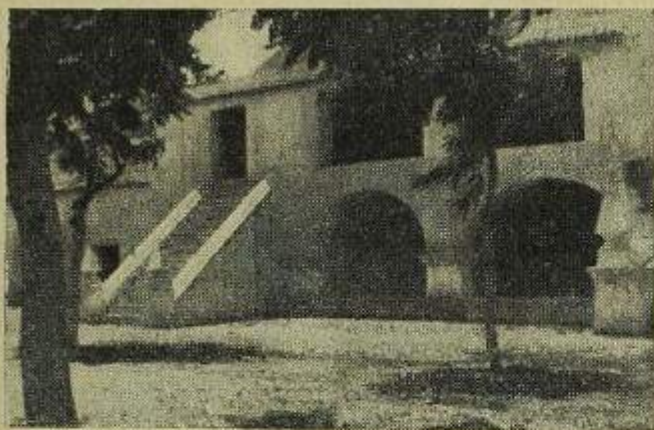
Venera-se nesta igreja uma imagem do Senhor dos Passos, que outrora era levada na procissão que a irmandade da Misericórdia promovia no Domingo da Paixão.

A igreja foi destruída por um pavoroso incêndio em 2 de Abril de 1894, sendo reconstruída, a expensas da Misericórdia e reaberta ao culto, o corpo da igreja em 1900 e a capela-mor em 1902. A talha do altar-mor veio da antiga igreja de S. João, que se encontrava junto da actual Procuradoria da República.

IGREJA DA N. S. DA NAZARÉ

Mandada construir pelo Governador André Vidal de Negreiros, foi fundada em 1664, como se lê na inscrição que ladeia o brasão deste Governador na fachada deste edifício. Diz Cadornega que foi construída «no sítio em que esteve pelo antigo a fortaleza de Santa Cruz que

LUANDA. — Igreja da N. S. da Nazaré

o holande e tempo desbaratou». São célebres os painéis em azulejos desta igreja: «um representa o naufrágio

Parte lateral direita da Igreja da N. S. da Nazaré

e o milagre que motivou o voto da construção da ermida»; o outro, do lado da Epístola, representa: «o salvamento dum náufrago». São célebres os azulejos alusivos à Batalha de Ambuila. A cabeça do Rei do Congo, morto nesta Batalha, no tempo de André Vidal de Negreiros, foi sepultada com todas as honras na capela desta igreja.

Foi classificada Monumento Nacional, em 28-VI-1922.

Interior da Igreja dos Jesuítas

---

[1] (Estes dados, coligidos dos apontamentos de Monsenhor Manuel Alves da Cunha, foram gentilmente cedidos pelo Excelentíssimo Reverendo, Cónego Manuel Nunes Gabriel).

(Fotos do autor do artigo).

Joaquim Bento Ribas

Rádio e mais rádios

(Passatempo oferecido pelo sr. Miguel de Oliveira Fernandes—Luanda — Angola).

```
         - A - - -
           P - - - - - - -
     - - - A -
       - - R - - -
           E - -
     - - - L - - -
 - - - - - H
 - - - - - - - - - O - - -
   - - - - - - S

       - - D - - -
           E - -

       - - R - - - -
       - - A - - - - - -
     - - - D -
       - - I - -
     - - - O -
```

Substituindo os traços por letras, encontrar-se-ão nomes de várias marcas de receptores de telefonia.

ORA

(Passatempo oferecido pelos srs. Eduardo Ferreira — Vila Nova de Foz Coa; Clodoveu Eduardo Brazão Gil — Luanda; e António Augusto Rodrigues — Lourenço Marques).

Com este passatempo, idêntico aos anteriores RUA, ATO e ERA, publicados nos volumes de 1948, 1949 e 1950, deu-se, desta vez, a coincidência de três dos nossos solucionistas terem tido a mesma ideia, divergindo apenas no número de palavras que cada um propõe que sejam encontradas. Assim, o primeiro pretende 100 vocábulos; o segundo, 107 e o terceiro, 138.

Trata-se, como os leitores já sabem, de formar esta grande quantidade de palavras diferentes, onde apareçam as letras ORA. As letras propostas, podem ser repetidas e as palavras terão, no máximo, 4 letras e no mínimo 3, podendo empregar-se alguns sinais de acentuação.

NO ALFAIATE

— É claro, se o senhor quiser que lhe assente bem, vem a sair mais caro.

(«London Opinion and The Humorist»)

Um pobre fiandeiro inglês, James Hargreave, construiu, em 1767, após árduos estudos, a primeira máquina de fiar, utilizável. Esta máquina foi destruída por alguns operários que receavam que ela lhes tirasse o seu ganha-pão. Hargreave morreu na miséria. O princípio da máquina de fiar fôra descoberto, em 1760, por Thomas Highs, mas este não soubera tornar prático o seu invento.

Em 1769, um barbeiro inglês, Richard Arkwright esforça-se por melhorar a máquina de fiar de Hargreave. Com o tempo, apresentou máquinas de fiar tão aperfeiçoadas, que delas deriva a origem da fiação mecânica.

As máquinas de Arkwright produziram uma revolução na indústria algodoeira, pela prodigiosa extensão que lhe deram.

Um médico norueguês descobriu, há anos, depois de várias experiências, o *melhor* remédio para acalmar as dores de dentes: mastigar casca de canela. Diz o médico em questão que aquela casca, destruindo a sensibilidade dos nervos, faz parar imediatamente a dor.

Quem quiser experimentar...

As luvas devem guardar-se sempre estendidas ao comprido, e não enroladas.

Também se não devem descalçar as luvas puxando pelos dedos, mas sim virando sobre a mão a parte do punho e puxando-a assim do avesso.

Os limpa-chaminés da Suíça usam chapéus altos.

PILHA DE PALAVRAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Miguel Gonçalves — Chinde — Áf. Or. Port.).

1 — Põe em prática.
2 — Declive.
3 — Pândega.
4 — Notícia.
5 — Conquistar.
6 — Pano roto.
7 — Pobre.
8 — Que tem fama (plural).
9 — Benevolência.
10 — Nove vezes dez.
11 — Relativo aos nervos.
12 — Planta umbelífera.
13 — Colhêr.
14 — Nome de homem.
15 — Clareza.

Resolvido este passatempo encontrarão na coluna central o nome de um célebre pintor italiano.

A senhora que havia dado um copo de aguardente a um pedinte quase desfalecido, ao abrir a porta vinte minutos depois, depara com este espectáculo.

(«Smith's Weekly», Sydney).

— Joaquina, os ovos já estão cozidos?

— Não, minha senhora, ainda nem sequer os puz ao lume... Não tenho relógio para regular o tempo que devem estar a cozer...

— O quê! não tem relógio? Então não está um, lá pendurado na cozinha?

— A senhora esquece-se que me não posso servir dele... está adiantado um quarto de hora!

Senhora caritativa: — E tem muitos filhos, pobrezinha?

A mendiga: — Sim, minha senhora, tenho doze... e o mais velho ainda não tem dois anos!

— Coitadita! bem merece ser ajudada.

— É certo..., tanto mais que sou viúva há perto de dez anos!

ORIGEM DOS NOMES DE ALGUMAS MOEDAS

A *libra* equivalia ao valor do seu peso de prata. Esta designação foi adoptada em Inglaterra, na Itália (*lira* foi primitivamente a tradução italiana de libra), na Turquia e no Egipto.

O *franco* deriva da locução latina «Francorum rex» que figurava nas moedas de oiro cunhadas pelos primeiros reis francos.

A *peseta* espanhola significa «pequena peça» (*piécette* em francês).

O *marco* alemão vem do francês «*marc*» que antigamente designava uma moeda de oiro e prata.

O nome de *florim* deriva de Florença por ser nesta cidade que aquela moeda teve, inicialmente, curso.

Dólar é uma deformação da palavra alemã «Thaler»; em Joachimsthal, na Alemanha, havia antigamente importantes minas de prata e as moedas fabricadas com o metal extraído dessas minas, chamavam-se «Joachimsthaler» e depois simplesmente «thaler».

Rublo deriva da palavra eslava «rubbli» que significa «denteado»; efectivamente, eram denteadas as primeiras moedas cunhadas na Rússia.

O nome escandinavo de *rixdale* é a tradução de «reichsthaler».

Rupia deriva de «rupa», em sanscrito, que significava gado. Na Índia, antigamente, o gado serviu de moeda de troca.

A *piastra* deve o seu nome a esta própria palavra que tanto em espanhol como em italiano, significa *lâmina, placa de metal.*

A *dracma* provém do verbo grego «drassein», cuja significação é *tomar, agarrar.*

O *escudo* português tem uma antiga tradição em moedas do mesmo nome.

S. PAULO—BRASIL.—Parque Anhangabaú.

(Foto oferecida pelo sr. João T. de Almeida — Botucatu — S. Paulo — Brasil)

Torricelli, célebre matemático e físico italiano, discípulo de Galileu, descobriu em 1643, o peso do ar e construiu o barómetro, para avaliar as variações desse peso e as suas relações com as mudanças de tempo. Em 1648, Pascal e Perrier descobrem a maneira de determinar a altitude dum lugar, por meio do barómetro.

*

O planeta Neptuno foi primeiramente descoberto no papel, por um matemático.

VÁRIAS ESPÉCIES DE LÁGRIMAS

SEGUNDO disse o professor Stirling, numa conferência que realizou no Instituto de Londres, tendo por base do tema «Os olhos», há três espécies de lágrimas: naturais, psíquicas e alcoólicas. As primeiras são as usadas pela natureza para a expulsão de partículas de pó ou de qualquer outro corpo estranho; as segundas são provocadas por comoções profundas; e, finalmente, as terceiras, o seu próprio nome lhes indica a origem...

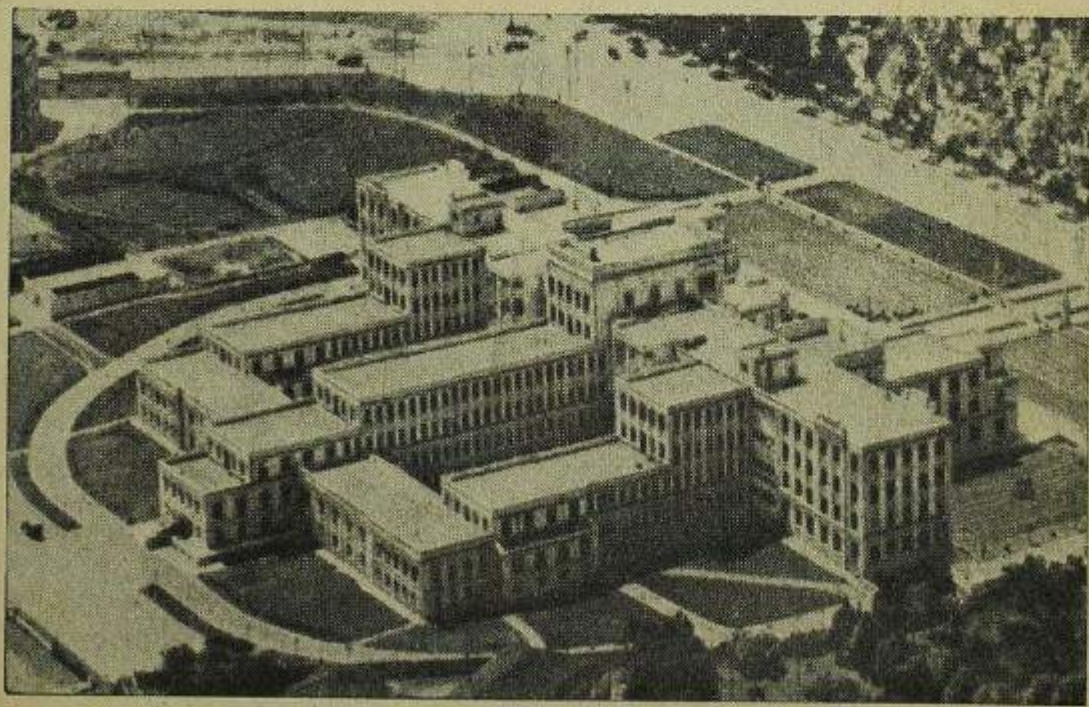
Na sua brilhante exposição, disse mais o erudito professor que qualquer olho normal tem, na pálpebra superior, cem a cento e cinquenta pestanas, enquanto que na pálpebra inferior tem apenas de oitenta a noventa. De três em três meses, é completa a renovação das pestanas.

A razão por que algumas pessoas não derramam lágrimas quando estão profundamente comovidas, deve-se apenas ao facto de terem uma secreção oleosa no rebordo das pálpebras, a qual detém o fluido.

Acrescentou ainda, o professor Stirling, que as lágrimas que pior fazem aos olhos são precisamente as de origem alcoólica.

Os olhos do camaleão são tão proeminentes que este animal pode ver em todas as direcções sem mudar a posição da cabeça.

❋

As aves não têm dentes: engolem pedrinhas, que se lhes agarram ao papo e, ali, actuando como dentes postiços, ajudam a triturar o alimento.

S. PAULO — BRASIL. — FACULDADE DE MEDICINA.

(Foto oferecida pelo sr. João T. de Almeida — Botucatu — S. Paulo — Brasil)

PORVIR

Horizonte que a vista não alcança,
Pomo vedado ainda a nossa mão,
És tudo para nós: sonhô, esperança,
Promessa, ânsia, desejo, inquietação.

Mar proceloso ou cheio de bonança...
Quem poderá sabê-lo? O olhar, em vão,
De perscrutar-te ao longe não se cansa,
Em tua misteriosa cerração...

Mas mesmo assim te amamos, ó futuro,
No que encerras de vago e de inseguro,
Pois um caminho ainda não vencido,

Seja ele melancólico ou risonho,
Tem para nós a exaltação do sonho
E o fascínio do que é desconhecido.

MARIA NUNES DE ANDRADE *(bras.)*

PANORAMA DO RIO ZÊZERE, VISTO DO MIRANTE DA POUSADA DA BARRAGEM DO CASTELO DO BODE.

(Foto Gastão Reis Fonseca)

Querendo o Imperador Carlos V realizar umas festas de cavalo, repartiram-se as quadrilhas pelos principais fidalgos da Côrte. Estes, dentro do Paço, nomearam logo aos mais ilustres para seus companheiros, e combinaram também que nenhum admitiria na sua quadrilha a certo fidalgo a quem consideravam menos ilustre. Um camarista do Imperador veio dar-lhe conta do modo como os cortesãos estavam organizando a função e narrou o que se passara com respeito àquele fidalgo, o qual se achava também no Paço. Calou-se o Imperador, e assomando à porta da sala, aonde todos estavam reunidos, lhes disse:

— Cavalheiros, ninguém nomeie a *Fulano* para sua quadrilha, porque eu quero que ele entre na minha.

Contra a morte e o amor ninguém tem valor. — *Gil Vicente.*

AZUL

(Inédito)

Azul, quando a paisagem desfalece
Na lírica expressão duma aguarela,
E a luz reza ao poente a sua prece
Duma tristeza majestosa e bela...

Azul, manhã em flor que o Sol aquece...
O mar, com a asa branca duma vela...
A côr em que a poesia transparece
E um sonho insatisfeito se revela...

É no azul que encontro a claridade,
A alegre ilusão de felicidade
Que torna a existência apetecida!

Só me tortura o não poder beijar
O azul desses olhos que hei-de amar
Inùtilmente toda a minha vida!...

JORGE RAMOS

JÚLIO DE CASTILHO E FERNANDES COSTA

É do «Elogio Académico do Visconde (Júlio) de Castilho» feito na Academia das Ciências de Lisboa, em 27 de Fevereiro de 1919, pelo sócio efectivo da mesma Academia, general Fernandes Costa, o trecho que, a seguir, transcrevemos, e em que tão bem se identificam as almas dos dois ilustres poetas, ambos, há tanto, falecidos e com pouco intervalo um do outro.

....

«Seja-nos permitido intercalar aqui uma querida reminiscência pessoal.

As amizades,—disse alguém—são como as religiões que tanto mais verdadeiras se afirmam, quanto mais longínquas e mais indefinidas e obscuras as suas origens são. As relações sempre amigas, não íntimas, porém afectuosas e da mais correcta polidez, que mantivemos com Júlio de Castilho, datam, não podemos dizer precisamente desde quando, nem relembrar como se estabeleceram, nem onde. Prendem-se, por laços indeléveis, às que ligámos, no mesmo período descuidado da mocidade, com Bulhão Pato, Zacarias de Aça e Pinheiro Chagas, todos três íntimos e frequentadores da casa de Castilho, pai, e amigos extremosos do filho. Em 1875, salvo erro, tendo nós cerca de vinte e sete anos e ele mais oito a dez do que nós, já nos tratávamos com afabilidade, da sua parte animadora, da nossa respeitosa, nos nossos, então raros e casuais encontros.

Servíamos, a esse tempo, no posto de segundo tenente, em uma bataria de artilharia de montanha, aquartelada na Luz. Júlio de Castilho residia, ou passava o verão, não longe daí. Lembra-nos de duas vezes, espaçadas, em que fomos companheiros, no mesmo transporte, dali para Lisboa. De ambas nos dirigiu palavras favorecedoras; mas vindas um pouco de alto, como da boca de um mestre. Assim devia ser. Ele possuia já, além do prestígio do passado literário paterno, um passado próprio de escritor, que muitos amigos encomiavam; ao passo que nós éramos simplesmente um começante, que estávamos fazendo, num periódico de Lisboa, as nossas primeiras armas jornalísticas, e cuja bagagem literária era nula.

Uma tarde, do outono desse ano ou, mais provàvelmente, do ano imediato, sucedeu-nos ir, em companhia de um oficial nosso camarada, espairecer desde o nosso aquartelamento até à próxima povoação de Carnide. Chegados ao extremo do largo arbo-

rizado, que ali há — e que deita sobre o poente — num pequeno grupo, em que havia senhoras, estava Júlio de Castilho. Temos ideia, que trajava luto rigoroso; e por isso fixamos a data de 1876 a este encontro; pois Castilho pai havia falecido no meado do ano anterior, de 1875.

Como o cumprimentássemos, sem intenção de o perturbar, nem às pessoas de que se acompanhava, foi ele quem, obsequiosamente, se nos dirigiu a apertar-nos a mão. E logo, quase que a seguir, associando-nos à sua conversa, disse-nos, pouco mais ou menos, isto:

«Sempre que venho aqui, demoro-me, quanto posso, a olhar para aquele palácio além, e mostro-o aos que estão comigo, que o não conheçam ou não atentem nele...

«Que palácio? — perguntámos.

«Aquele que fica ali, em frente, no alto da encosta... Aquilo é um ninho de recordações saudosas... Ando a escrever-lhe a história... Interessantes cousas ali se passaram... Chamam-lhe alguns o *casal do Falcão*; *palácio dos Falcões* é que se lhe deve chamar. É natural que lhe não ligue ideia nenhuma...

«Não ligo, não. Venho, aqui, frequentemente, e aqui passo a miúdo; mas é esta a vez primeira em que nele me fazem reparar...

«Pois, ali, onde o vê, foi ele o teatro dos amores infelizes do nosso grande *Vieira Lusitano*...

«De quem? interrogámos, mais para suscitar uma narrativa do que para confirmar o nome, que tínhamos ouvido distintamente. Mas, então, a *Vieira Lusitano* não ligávamos outra ideia, que não fosse a de ter sido um pintor afamado, de tempos anteriores e para nós incertos.

Nisto, porém, Júlio de Castilho descobriu-se, dobrou um pouco a cabeça, fixou os olhos no chão, concentrando-se em si mesmo, e assim ficou uns instantes, como que alheado do que o rodeava.

Rápido percebemos o motivo da sua atitude e do seu alheamento.

Na igreja, ali muito próxima, a que chamávamos *das freiras* de Carnide, o sino batia as três badaladas das *Ave-Marias*, da tarde. Ao longe, no horizonte fronteiro, o Sol mergulhara já para as bandas do oceano, por detrás do *palácio dos Falcões*, do qual víamos a longa fachada, com o seu renque de sacadas, a cobrir-se de sombra, e como que embuçando-se num véu de tristeza para, nas dobras dele, passar a noite, que se aproximava.

Júlio de Castilho despediu-se, e nós voltámos para a Luz, levando connosco o que quer que fosse de uma espécie de saudade inconsciente, que ele, com as suas palavras, o seu tom, a sua expressão nos havia comunicado.

Como nos lembrámos deste encontro, mais de uma dúzia de anos depois, lendo, nas *Manuelinas*, os versos: *Ave-Maria!*

> Lá, por trás da penedia,
> tange a campa do Convento;
> é o plácido lamento
> da singela *Ave-Maria*.
>
> ....
>
> Não há, não há sentimento
> como o que esta hora encerra;
>
> ....
>
> Que de intensas alegrias
> sente o espírito um momento,
> ao som do triste lamento
> do tanger de *Ave-Marias!*...
>
> ....
>
> Não há, não há poesia
> que restaure almas penadas,
> como as longas badaladas
> da solene *Ave-Maria!*

E, lendo-o, sentimos quanto o poeta harmonizava o que dizia nos seus versos com o que exteriorizava das suas crenças.

Vinte e cinco anos depois dessa, já longínqua, tarde outonal, — em 1901, — Júlio de Castilho publicou, em volume, os seus *Amores de Vieira Lusitano,* e foi, só então, que o *Palácio dos Falcões* descerrou para nós o segredo do seu romanesco passado. Só então, compreendemos bem, com quanto peso de saudade as suas memórias deviam oprimir a alma de Júlio de Castilho; porque, depois, — e ainda hoje que próximo dele moramos — tendo ocasiões de lhe passar perto, quase rente com as suas velhas paredes e com o seu terraço alpendrado, ele nos sabe dizer, a nós, agora, também o mesmo que, desde a nossa infância, a Júlio de Castilho já ele havia contado.

E nunca mais se nos apagou dos olhos a luz suave e macia daquele crepúsculo de há quarenta e três anos; nem se nos varreu da memória o agudo timbre daquele sino batendo trindades. Com quanta melancolia se nos afigura ouvi-lo ainda tanger, quando relemos a poesia de Castilho: *Os sinos desta aldeola!*

Os sinos desta aldeola
não sei que encantos que têm,
quando os escuto de além
de trás daquelas quebradas!

....

Quando os escuto de além
do meio do cemitério...
os sinos do presbitério
não sei que encantos que têm!

Cruzeiro numa Praça de Castelo Branco

(Foto Dr. A. Baião, filho)

Aos pés da cruz terminam as discórdias, e assegura-se a paz. — *S.to Agostinho.*

✻

O sofrimento é o verdadeiro curso superior da vida. — *Silva Gaio.*

✻

O talento é o pomo duma árvore tão alta que só o alcançam os espíritos que voam. — *D. Alberto Bramão.*

✻

A primeira necessidade do homem é o ideal religioso. O coração tem sêde de infinito. — *F. Ozanam.*

Forma de resguardar a roupa fina, nas máquinas de lavar

Não é necessário lavar à mão, sedas e outras peças de roupa, finas, para evitar o estrago que, às vezes,

sofrem dentro da máquina de lavar, juntamente com a outra roupa toda.

Basta meter essas peças mais delicadas numa fronha de almofada e pregar ou atar a boca da dita fronha.

No fim, retiradas desta, é, então, conveniente torcê-las separadamente, à mão, para secarem. — *(«Popular Mechanics»)*.

O filho de Barnabé recebe uma admoestação do seu chefe de escritório, por ter entrado mais tarde que a hora devida.

— É que o meu relógio atraza-se, — desculpa-se ele.

— Anda, porém, bem certo quando se trata da saída.

— É extraordinário, realmente, só se atraza durante a noite.

Amor da pátria, levado ao extremo

Há já alguns anos, trabalhava — e quem sabe se trabalhará ainda... — num escritório da América do Norte, um modesto funcionário que auferia modesto ordenado e fazia, por isso, a vida modesta de milhares de pequenos funcionários como ele. Chamava-se Robert Ferguson este norte-americano, com quem se dava a circunstância especial de ser neto do visconde de Nozar, titular escocês que possuia uma enorme fortuna.

Um dia, sucedeu o que era de esperar: morreu o avô visconde e Ferguson viu-se único herdeiro do seu título e dos seus valiosos bens. Havia porém uma condição para a transmissão da fortuna: exigia-se que o novo visconde de Nozar adoptasse a nacionalidade do seu defunto avô.

Pois, segundo conta uma revista americana de então, este extraordinário patriota recusou... simplesmente porque não quis deixar de ser americano!

Na América do Norte empregam-se raios ultra-violetas — também conhecidos pelo nome de «luz negra» por serem invisíveis — para se verificar a fresquidão dos ovos. Quando recentes, os ovos tomam, sob a luz ultra-violeta, um tom escarlate que passa a púrpura quando são retardados.

❋

O juiz: — Já você cá está outra vez! Então não há meio de se emendar desse seu mau comportamento?

O réu: — Oh! sr. dr. Juiz, eu estou cheio de boas intenções; mas sempre que se bebe um copito a mais «V. Ex.ª bem sabe o que sucede»!

Extraordinária e feliz coincidência

Em 2 de Dezembro de 1927, a pequenina Maria Finster, saltou do telhado dum edifício em Viena, e salvou-se da morte por ter caído nos braços de sua própria mãe que, por acaso, ia passando, em baixo, na rua, justamente naquele instante.

Segundo afirmou o editor do jornal americano «*The Torch*», *Central Lake, Mich.*, onde veio publicada a seguinte notícia, esta é absolutamente verdadeira:

«Há sete anos, um lavrador, em Iowa, pendurou o casaco numa cancela do pátio, junto ao celeiro. Uma vitelinha mascou a algibeira do casaco, na qual se encontrava um relógio de ouro. A semana passada, o animal, já então uma velha e pesada vaca leiteira, foi abatida para o açougue e o dito relógio foi encontrado numa tal posição, entre os pulmões da vaca, que a respiração desta — o movimento de esvasiar e encher os pulmões — manteve a corda a funcionar, e o relógio havia-se apenas atrasado quatro minutos em sete anos».

❋

Um alfaiate americano contou, uma vez, o número de pontos que dava nos fatos que confeccionava; as calças levavam 9.561, o colete 7.740, e o casaco 29.888, somando um total de 47.189, tudo pontos dados à mão.

❋

Uma galinha, pertencente a James Cook, de New Bedford, Mass., pôs uma vez um ovo perfeitamente quadrado.

Cabide prático para caminha de criança

Se o receio de asfixiar a criança impede que se pendurem cobertores, toalhas, etc., nos lados da sua caminha, pode-se, todavia, conservar estes

objectos à mão, pendurando-os num cabidezito que se aparafusa na parte extrema da cama, do lado de fora.

As chavetas podem talhar-se de alguns restos de madeira e um pedaço de cavilha de metal servirá de varão.

Depois de se pintar o cabide, de modo a condizer com a cor da caminha, prende-se a esta, conforme se vê na gravura, com parafusos de cabeça redonda. — (*«Popular Mechanics»*).

O chamado «porquinho da Índia» nem é um porquinho nem vem da Índia — é um roedor e vem da costa ocidental da América do Sul.

❋

Os gatos tartarugas puros são todos fêmeas.

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Calolino de Azevedo Brandão — Beira — Áf. Or. Port.)

HORIZONTAIS

1 — Despachado; transportara. 2 — Torcido; alto aí!; língua dos antigos romanos. 3 — Vento do leste; ramalhete; pouco vulgar. 4 — Ave galinácea da América; colocar em contraste; calcar. 5 — Feminino de vão; estudo ou tratado sobre os sonhos; pronome. 6 — Abreviatura de *nada*. 7 — Greda branca; aspecto; adoro. 8 — Governas; conservara em seu poder. 9 — Descontava; falsificar. 10 — Membro com que as aves voam; batráquio; bílis. 11 — Existes. 12 — Indivisível; gentileza; 550 em romano. 13 — Talho; herdade; árvore leguminosa. — 14 — Discursei; homem de baixa estatura; gritem (gír.). 15 — Exportação; artigo; defunto. 16 — Arrasa; firmar.

VERTICAIS

1 — Avivava; membrana que segrega muco. 2 — Rio de Portugal; batráquio; habitas. 3 — Interj.; planta marinha; soberanos. 4 — Cousa exces-

sivamente pequena; gracejavas; fiado. 5 — Nota mus.; relação dos bens deixados por alguém que morreu; outra coisa. 6 — Suspiro. 7 — Grande porção; pura; ovário dos peixes. 8 — Pancada (gír.); substância análoga de origem animal. 9 — Afiar; dás guarida a. 10 — Rezo; zomba; rio de Portugal. 11 — Prep. 12 — Pronome (ant.); diz-se das folhas fendidas como as barbas de penas; perversa. 13 — Alterna; introduz; armaduras para a cabeça. 14 — Unes; verbal; serra de Portugal. 15 — Escarnecerás; fluido; regime alimentar. 16 — Afectos; brado.

Neils Paulsen, de Upsala (Suécia) morreu em 1907 com a idade de 160 anos e deixou dois filhos, um com 9 anos e outro com 103.

Provérbios a adivinhar

(Passatempo oferecido pelo sr. G. Correia — Ilha do Fogo — Cabo Verde)

1.º

Q	N	S	F	N	S	G	S
1	1	2	2	1	2	2	1

2.º

A	P	V	O	E	F
1	3	2	1	3	2

3.º

O	T	E	O	M	J	D	T	A	C
1	2	1	1	2	2	1	2	1	2

Cada letra representa a inicial de uma palavra, e o número correspondente indica o número de sílabas dessa palavra.

Charadas combinadas

(Passatempo oferecido pelo sr. Mário Morais da Silva Araújo — Maranhão — Brasil).

I

1.ª —+ua=astro.
2.ª —+va=fruta.
3.ª —+ol=dia.
4.ª —+ra=raiva.
5.ª —+no=tempo.
6.ª —+iu=colónia portuguesa.
7.ª —+na=nome feminino.
8.ª —+al=tempêro.

Título de um grande livro

II

1.ª —+issiva=carta.
2.ª —+graciar=conceder.
3.ª —+ecife=cidade do Brasil.
4.ª —+nir=juntar.
5.ª —+uízo=bom senso.
6.ª —+asis=lugar aprazível.

Homem do mar

III

1.ª —+mor=afeição profunda.
2.ª —+ário=nome masculino.
3.ª —+r=verbo.
4.ª —+irafa=animal.
5.ª —+casião=oportunidade.

Aliado

Entre médicos:

— Calcula tu a minha sorte! Ontem operei um milionário no momento preciso.

— Salvaste-o?

— Não. Salvei-me. Vinte e quatro horas mais tarde já ele se teria curado sem operação. O tumor rebentava por si...

Como dois cães salvaram o dono

Num número da *Gazeta de Lausanne*, de há uma grande porção de anos atrás, conta-se o seguinte facto, deveras notável:

Durante o inverno, o hotel de Z'meiden ficava meio sepultado pela neve e era confiado ao cuidado de um guarda, que tinha, para lhe fazerem companhia, dois cães, um, mixto de lobo e outro, espécie de cão de caça, mais pequeno mas mais inteligente.

Um dia, estando o guarda a partir lenha fora do edifício, foi surpreendido por uma verdadeira aluvião de neve que, desprendendo-se do telhado, o sepultou, deixando-lhe apenas a cabeça de fora. A neve estava húmida e meia congelada. Ao infeliz era-lhe impossível mover quer os braços, quer as pernas.

Os cães, ao verem o dono naquela situação, trataram de fazer buracos na neve para o salvarem, mas os seus esforços foram inúteis.

Então, pareceu que conferenciavam um com o outro e partiram de repente como uma frecha, pela montanha abaixo em direcção ao vale. Encontrava-se aqui a povoação de Ams, onde vivia o irmão do seu dono. A distância era de quatro horas para um bom andarilho; os cães percorreram-na em menos de uma hora.

O guarda ficara enterrado na neve ao meio-dia. Antes da uma hora já os cães estavam ladrando e uivando em frente da casa onde esperavam a salvação.

Abriu-se a porta e quiseram fazer entrar os dois cães que estavam cobertos de suor e exalando vapor por todo o corpo. Os animais negaram-se a entrar e continuaram ladrando e uivando. Deram-lhes comida, mas não a quiseram. Compreendeu-se então, que havia acontecido alguma desgraça no Hotel e imediatamente o camponês se muniu dum pau e duma corda e foi buscar vários amigos para formarem uma coluna de socorro.

Os cães precediam-nos e os seus uivos converteram-se em ladridos carinhosos, como animando e chamando os salvadores.

A coluna de socorro levou sete horas a poder chegar ao Hotel. Eram nove da noite. Os cães haviam-se adeantado. O guarda continuava enterrado na neve até ao pescoço e perdera os sentidos. Os dois cães, agachados junto da cabeça do moribundo, lambiam-lhe a cara para o aquecerem e fazê-lo voltar à vida.

Desenterraram-no e encontraram-no meio gelado, mas poude, todavia, salvar-se. Se não fossem os seus dois inteligentes cães, teria morrido inevitàvelmente.

Os cães, principalmente buldogues, adquirem sempre suas parecenças com os donos; um homem rabujento terá um cão resingueiro; um homem feliz terá um cão alegre, um homem impaciente, um cão impaciente também, etc.

❋

Quando primeiramente se usaram os bois para lavrar, estes puxavam o arado, com os chifres.

"NÃO ERA AMOR"

(Poesia lírica, por Vitória Maria)

Sei, que dizes que gostaste
Perdidamente de mim...
Mas, como tu te enganaste
Ao pensar que foi assim...
Não era amor, podes crer,
Embora julgues que sim

Vinhas sempre conversar
Comigo p'ra discutir;
Acabavas por brincar
Eu acabava por rir.
Não era amor, podes crer,
...Coisas só p'ra distrair.

Depois um dia disseste:
És linda como uma rosa;
Que alegria que me deste,
E que esperança radiosa!
Não era amor, podes crer,
Mas como eu fiquei vaidosa!

Mais tarde, depois, partiste
E não tornaste a voltar.
A tua vida seguiste,
A minha foi só chorar.
Não era amor, podes crer,
Nem coisa p'ra comparar.

— Não posso suportar a ideia do Miguel se dar amigàvelmente com outras raparigas.

— Ó filha, já devias saber, há muito, que o casamento é uma loteria.

— Pois sabia, mas nunca esperei que mais alguém compartilhasse do meu bilhete.

*

Ele (que chegou com meia hora de atraso à entrevista): — Peço desculpa de vir tão tarde.

Ela: — Nada de sarcasmos. Bem sabe que cheguei agora mesmo.

UM TÓNICO

O médico (encontrando na rua uma sua cliente):

— Minha querida senhora, que aspecto esplêndido que tem hoje! O meu tratamento está-lhe fazendo imensamente bem.

A cliente: — Ah! doutor, eu pareço sempre muito melhor com este chapéu!

Ele: — Não tenciono casar enquanto não passar dos trinta.

Ela: — E eu tenciono não passar dos trinta, enquanto não casar!

Quanto mais ferozes, melhor

Ela: — Você desculpe eu agarrar tanto o seu braço, mas estes lagartitos parecem tão ferozes...!

Ele: — Realmente parecem, sim... E se fôssemos ver os leões e os tigres, quer?

(«The Happy Magazine»)

QUERIMBA

Nunca este nome poderá ser desconhecido, pois é o de uma das mais antigas terras das nossas descobertas, na costa oriental africana portuguesa.

Diz a História que o nobre marinheiro Vasco da Gama passou pela primeira vez na ilha de Querimba em 1 de Abril de 1498. Era, então, a capital de todos os territórios de Cabo Delgado; notam-se ainda hoje, espalhados por toda a ilha, muitos vestígios duma civilização que naquela época prevaleceu. As ruínas das igrejas de Nossa Senhora do Rosário e de Santo António são vetustas relíquias que nos fazem sentir sempre, ao contemplá-las, indiscretas lágrimas, as quais, desprendendo-se e caindo, vão beijar essa terra que os grandes de antanho pisaram e onde empregaram imensos esforços para engrandecimento de Portugal. A ilha ainda conserva os nomes de Santa Maria, Santo António, Senhora do Rosário, etc., pelos quais, outrora, ali eram conhecidas as povoações. Desta *capitania* fala largamente Frei João dos Santos, na sua *Etiópia Oriental*.

Além daquelas duas ruínas, existe uma igreja construída há cinquenta anos, que o capricho humano deixa sem protecção alguma, para assim ruir como outras; por seu lado o muçulmanismo vai construindo mesquitas em todos os pontos da ilha, enquanto as casas de Cristo ficam entregues ao tempo e ao olvido.

Igreja de São Luís Gonzaga, de Querimba. — Construída há 50 anos. — *(Foto Soeiro)*

A ilha de Querimba, perdendo o seu valor católico, atinge, entretanto, um grande progresso agrícola; o palmar, pertencente aos alemães que ali residem é de uma produção fenomenal, sendo o palmar mais importante do distrito.

A grande abundância de pasto permite que o gado se desenvolva extraordinàriamente. Tem sido considerável o aumento da população indígena, cuja maioria se ocupa da pes-

Igreja de S. João Baptista, do Ibo. — Construída provàvelmente em 1795. — *(Foto Soeiro)*

O EDIFÍCIO QUE SEGUNDO CONSTA, SE VAI ADQUIRIR PARA INSTALAÇÕES HOSPITALARES

ca. Não se desperdiça ali um palmo de terra, mas apesar disso, devido ao aumento da população, como se disse, já se sente a falta de terreno para cultura.

Hoje, Querimba já não é a capital nem de Cabo Delgado, nem do Concelho; pelos constantes ataques dos *sacalaves* [1], como não oferecesse boas condições para sua defesa, mudou-se a capital para a ilha do Ibo, que, em 1763 teve o seu foro de vila.

Este concelho fez crer a muitos que pouco poderia sobreviver; esteve em completo abandono, porém hoje, vencendo todas as oposições, a decadência que se tinha aproximado deste berço de monumentos da nossa grandeza, vai-se afastando duma maneira acentuada.

Acaba de ser construída uma linha telegráfica, obra de largo alcance; está-se construindo um campo de aviação e consta que se vai adquirir um edifício para instalações hospitalares, porque as actuais não estão em condições de acompanhar os progressos da ciência.

Mas o Ibo ainda reclama bastante mais, pois o que até aqui se fez não passa do reflexo duma aurora que se aproxima.

Ibo, 13-Fev.-950. S. S.

---

[1] Indígenas de Madagascar que, de 1801 a 1840 atacaram as ilhas do arquipélago de Querimba.

QUE TERRAS SÃO?

(Passatempo oferecido pela sr.ª D. Maria Alice Fialho Januário de Bettencourt Perestrello — Boane — Lourenço Marques).

```
                    - - T -
                  - - - E - -
                  - - - R -
                  - - - R - - - - - -
                - - - - A - -
          - - - -  - - S - -
  - - - -  - - - - - D -
      - - - - - - -  E - - -

            - - - - - M - - -
              - - - - O
            - - - - - Ç -
                      - Â - - - - -
        - - - - -  - M - - - -
  - - - -  - - - -  B - - -
                    I - - - - - - - - -
- - - - - - - - -  - - - Q - - -
            - - - - - U - - -
  - - - -  - - - - E - -
```

Trata-se de substituir os traços por letras, onde encontrarão nomes de vilas e cidades da Colónia de Moçambique.

Os tambores africanos chamados «tam-tans» podem enviar mensagens a muitos milhares de quilómetros de distância em menos de uma hora. Este sistema de comunicação das tribos africanas é assim uma espécie de telegrafia sem fios.

A GUITARRA NASCEU PARA TOCAR O FADO

(LENDA)

Um velho artista português que sempre vivera da música e para a música, viu-se, certo dia, obrigado a partir para o estrangeiro.

Passados, porém, alguns meses, começou a sentir — como era natural — aquela pungente nostalgia, que todo o português, verdadeiramente amigo da sua terra, sente e experimenta, ao ver-se em regiões estranhas, afastado para sempre da sua pátria.

Lembrava-se, vezes sem fim, das edénicas paisagens, dos prados verdejantes, dos ribeiros a murmurar, dos jardins cheios de flores e das montanhas alcantiladas dessa terra paradisíaca, que era o seu querido Portugal!...

Recordava, tantas e tantas vezes, os deliciosos momentos que passara junto do povo simples e alegre dos campos, esse povo que sabe divertir e animar os assistentes com canções regionais, bailaricos, viras e corridinhos, cheios de vida e calor!...

Ao recordar esses felizes momentos doutras eras, o artista entristecia de profundo saudosismo. A sua alma desejava desprender-se do corpo e voar pelo espaço azul até ao torrão bendito do seu país natal!...

Por vezes, algumas lágrimas silenciosas e tristes, resvalavam-lhe rosto abaixo, cristalizando os fios brancos da sua respeitável barba de velho septuagenário!...

*
* *

Querendo exprimir ao som dum instrumento musical o estado nostálgico da sua alma, pegou o artista dum arco e perpassando-o pelas finas cordas do violino, começou a tocar uma música triste...

Mas os longos e doces gemidos do violino não o satisfaziam...

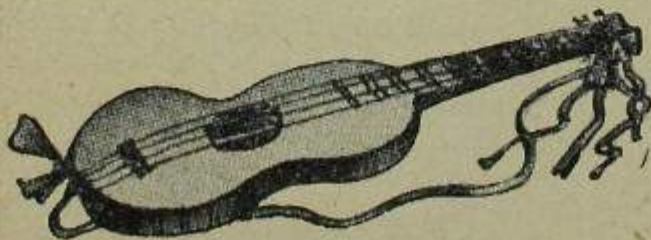
Pegou, então, dum violoncelo e pô-lo a soluçar...

Os soluços deste instrumento não eram ainda a satisfação da sua alma...

Tomando seguidamente outros instrumentos de corda, conhecidos na época, dedilhou-os artìsticamente, procurando sempre exprimir ao vivo o saudosismo que lhe consumia a alma. Mas... debalde. Não conseguia o que desejava.

Num belo dia, porém, lembrou-se de inventar um novo instrumento que expressasse a profunda nostalgia que reinava no seu coração de português.

E arranjou um instrumento de dez cordas a que deu o nome de *guitarra*.

Dedilhando as sonorosas cordas desse instrumento, concluiu que se prestava maravilhosamente para a execução da peça de música que compusera, inspirado no seu profundo saudosismo pela terra natal!...

Com seus dedos de primoroso musicólogo, dedilhou as cordas do instrumento, reproduzindo fielmente a música que concebera no seu estro inflamado!...

E o artista com sua voz suave e triste começou então a cantar:

— *«Quem parte leva saudades,* } bis
Quem fica saudades tem;
Saudades quem as não sente, } bis
Ao recordar algum bem?!!»

....

E assim — diz a lenda — nasceu a guitarra para interpretar o *fado português.*

N. B.: Isto é apenas uma lenda e não a história verdadeira do aparecimento da guitarra.

J. SILVA

Nicolau Tolentino, célebre poeta e muito digno mestre de meninos era bem conhecido pela presença de espírito que mostrava em todas as ocasiões de perigo. Deu-se com ele o seguinte caso:

Uma noite em que recolhia para casa, tarde como era seu costume, um oficial da ronda apresentou-lhe uma pistola ao peito, perguntando-lhe para onde ia; ao que ele respondeu com todo o sangue frio:

«Se o senhor der ao gatilho... para o outro mundo; senão... para minha casa.»

O oficial riu-se e Tolentino retirou-se sossegado.

❋

Entre actores:

— Quando estou em cena, esqueço tudo. Nada existe para mim, excepto o meu papel. O público desaparece...

O amigo: — Lá enquanto a isso, não me surpreende, podes crer!

QUADRAS

À Lareira do passado
Eu gosto de me sentar,
Para aquecer a minh'alma
Ao calor do recordar.

O cantar dizem que cura
A dôr, a desilusão.
Eu canto, mais noite escura
Se me faz no coração.

Canta a Mãe p'ra embalar
No regaço o seu filhinho.
Eu canto p'ra olvidar
O teu ingrato carinho.

Nunca creiam, raparigas,
Em juras de amor profundo.
As juras são como fumo,
Duram menos que um segundo.

Bem me lembro quando foi
Que eu aprendi a chorar:
Quando me pediste amor,
P'ra depois o desprezar.

Meu coração é um cofre
Que trago bem fechadinho,
Mas que abre, se lhe toca,
O meu amor, de mansinho.

Desde que te foste, amor,
A minha vida é uma cruz...
Tu eras o meu calor
Partiste, fiquei sem luz!

MARILENA

Vila Cabral, Af. Or. Port. — 1949.

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Egas Barbosa Peixoto — Ilha do Fogo — Cabo Verde)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
1	I	N	S	A	N	A	■	A	S	A	■	V	E	N	U	S
2	V	A	R	I	O	L	A	■	I	R	A	■	R	U	M	O
3	O	U				A	I	M				C	A	M	A	L
4	■	S		A	S			O		A	R	A			■	A
5	A	■			O			R		I		V			A	■
6	M	O		E	M			A				A			L	A
7	O	V	A	L	■	S	I	N	A	■	A	L	T	I	V	O
8	R	O	L	A	R	■	R	A	I	O	■	O	U	R	A	S

HORIZONTAIS

1 — Louca; que serve para voar; deusa da formosura. 2 — Bexigas; indignação; direcção. 3 — Conjunção; tempo do verbo miar (inv.); capacete. 4 — Campeão; pedra de altar. 6 — pedra de moinho; preposição; nota musical. 7 — Do feitio dum ovo; destino; brioso. 8 — Encapelar-se; faísca eléctrica; tonturas.

VERTICAIS

1 — Nome de homem; paixão. 2 — Navios; origem. 3 — Abreviatura de senhor; outra coisa. 4 — Gemido; pron. pessoal. 5 — Laço; estrondo. 6 — Fila. 7 — Gemido; caminhar. 8 — Cor trigueira. 9 — Nota musical; gemido. 10 — Fluido; nesse lugar. 12 — Peça de jogo de xadrez. 13 — Época; pron. pessoal. 14 — Em um; caminhar. 15 — Pronome indefinido; branca. 16 — A planta do pé; contracção de artigo (pl.).

Os primeiros postais

O bilhete postal, como forma de correspondência, apareceu há uns oitenta anos, pois o primeiro cartão escrito entrou no correio em 26 de Janeiro de 1869. A iniciativa partiu do dr. Emanuel Hermann, professor de economia da Academia Militar de Viena-Neustadt, que propôs a introdução do bilhete, com a aprovação do director dos Correios e Telégrafos de Viena, tendo sido fixada a taxa de correio mais baixa até aí conhecida: dois *kreuzer*.

O dr. Hermann sugeriu que não se escrevessem mais de vinte palavras no postal, mas essa ideia não foi aprovada.

Assim, cada qual podia escrever o que quisesse e houve um estenógrafo que se tornou afamado por ter reproduzido num simples bilhete de dois *kreuzer* o poema do *Sino*, de Schiller.

ENIGMA

(Passatempo oferecido por «Andes, de Cambres)

Palavra de sete letras;
e digo-o aqui, sem bravata,
que se trata de um artigo
que ora se ata ou desata.

A segunda com a terceira,
sexta e última no final,
dão-nos um bicho daninho
bem nojento, por sinal.

As três primeiras, a eito
e as duas finais, de seguida,
são o perfeito sinónimo
de pessoa agradecida.

Mas a quarta, quinta e segunda,
com terceira em seguimento,
são o nome duma antiga
medida de comprimento.

Faz parte da toilete,
dá bom tom e muito enfeita,
é sinal de distinção
que muito homem não respeita.

Decifre, caro leitor,
nem que nisso perca um ano,
pois só quando o conseguir
deixará de ser marçano.

Dizia uma viúva a um solteirão que estava muito triste: — Olhe, sabe que mais? case.

— Quer a senhora casar comigo?

— Não senhor. Sou como os médicos: receitam, mas não caem em tómar os remédios que aconselham.

❋

Foi um americano chamado Plimpton, quem inventou, em 1865, os patins de rodas.

ANÚNCIO DE UM DOMADOR DE FERAS

O dono duma colecção de feras, estava numa aldeia durante umas festas, e sua mulher, com parte das feras, numa feira próxima. Acabada a feira, veio juntar-se ao marido, e este pôs então na barraca, com grandes letras, o seguinte anúncio:

«Avisa-se o público que com a chegada de minha esposa se acha aumentada a minha colecção de feras.»

A última vez em que se pescou um salmão no rio Tamisa foi no ano 1833.

Provérbios a adivinhar

(Passatempo oferecido pelo sr. Teixeira Moniz — Lisboa)

1.º
O	C	E	O	C	E	E	P
1	2	1	1	2	2	1	4

2.º
Q	Q	V	Q	N	Q	M
1	1	1	1	1	1	2

3.º
M	V	S	Q	M	A
1	2	1	1	1	5

4.º
M	P	Q	Q
2	2	1	1

Cada letra representa a inicial de uma palavra e cada número indica o número de sílabas dessa palavra.

CASTRO ALVES

Impetuoso, ardente, arrebatado,
erguia a voz — e as multidões fremiam!
Que apóstrofes vulcânicas se ouviam
daqueles lábios de mancebo ousado!

Clamava contra os feros que oprimiam
um povo cruelmente escravizado...
E, aos ecos vibrantes do seu brado,
os grilhões afinal se romperiam...

Mas essa voz que a turba arrebatava,
também por vezes tímida, singela,
em queixumes de amor se amenizava;

pois unia em seu canto triunfal
ao fragor retumbante da procela
os sussuros da selva tropical.

Rio — 1947.

M. DE LOURDES NUNES DE ANDRADE *(bras.)*

O aborrecimento é a doença dos corações privados de sentimento e das almas pobres. — *Carlyle.*

Não se fala no passado distante sem que se nos projecte no espírito uma sombra de saudade. A saudade é o reflexo triste de muitas ilusões que viveram em nós e que em nós morreram. — *D. Alberto Bramão.*

A beleza está nela própria; a juventude não precisa de idealizar. — *Stephan Zweig.*

❋

Quando presto algum serviço a um amigo ou lhe zelo os interesses, não há motivo para que me louvem. — *Plauto.*

❋

Encarar a vida é como olhar um cubo. Olha-se o cubo dum modo e ver-se-á só dum lado: olhando-se para o ângulo, ver-se-ão dois lados, a frente e o tôpo. Devemos encarar a vida do mesmo modo.

BRASIL. — PAISAGEM TROPICAL

(Foto oferecida pelo sr. João T. de Almeida — Botucatu — S. Paulo — Brasil)

Soneto do nosso silêncio

Não digas nada, Amor, não digas nada.
Este silêncio nosso é eloqüente.
Para quem ama e sabe o amor que sente,
— só fala a alma, a boca está calada.

E a alma não tem, não, a voz da gente.
Quando está encantada, apaixonada,
deusa por Deus sagrada e consagrada,
tem a voz do silêncio que não mente.

Amas-me muito, amor? Dize, responde.
Oh, não, não digas, porque nada esconde
o teu olhar gentil de enamorada.

Que vale o sim dum não, o não dum sim?
Fita-me apenas em silêncio, assim...
Não digas nada, amor, não digas nada.

GERALDO BESSA VÍTOR

(Do livro «Debaixo do Céu»).

Castellar, chorando a morte dum grande amigo seu, referiu-se à dor de *morrermos mil vezes nas pessoas queridas*. Morremos, na verdade. Uma pessoa amiga que desaparece leva consigo, da nossa própria alma, o pedaço que lhe correspondia. É como se o nosso coração, dividido em fragmentos de afectos, se fosse reduzindo, sucessivamente, a cada coração dedicado que deixa de bater por nós.

O que nos fica depois, ao cabo de uma longa jornada pelo mundo, já não é aquela fonte exuberante de afeições, aquele pêndulo marcando as vibrações do ideal e do amor, mas apenas uma simples anatómica víscera, espavorida entre as ruínas das ilusões e confrangida diante desse árido horizonte do caminho percorrido, onde quase se divisam apenas sulcos de lágrimas e cruzes funerárias. — *D. Alberto Bramão.*

Do livro *Psicologia da Amizade*, de Mário Gonçalves Viana:

Um bom e dedicado amigo chega a salvar, por vezes, a vida do Amigo, quando a sua própria saúde periga. A Medicina tem assistido, maravilhada, a muitos casos destes, que marcam o triunfo do espírito sobre a matéria.

«*Uma visita reconfortante*—escreve um tratadista estrangeiro[1]—*algumas palavras amigas e confiantes*, uma boa notícia, foram, por vezes, suficientes para restituir as forças e a saúde mesmo a verdadeiros moribundos.»

[1] Jorge Surbled. — *(«A Moral nas suas relações com a Medicina e a Higiene; A Vida orgânica. — Tomo III).*

Há uma coisa mais confrangedora do que ver arder um palácio — é ver arder uma choupana. — *Victor Hugo.*

❋

Não há autobiografias exactas; o homem mente, sempre que fala de si próprio. — *H. Heine.*

SAUDADE

Saudade, é do luar branco palor,
Saudade, terno adeus da luz do sol,
Último aroma duma branca flor,
Triste cantar de ignoto rouxinol.

Saudade, é esta voz que em mim murmura
docemente o teu nome sem cessar.
Saudade, é a tristeza, é a ternura,
quando de ti alguém ouço falar.

Saudade, é a miragem do passado
onde os olhos se quedam a sonhar,
Saudade, é ver desfeito um sonho amado,
Saudade, é viver só a recordar.

TEREZA AREOSA

SALTO DE CAVALO

(Passatempo oferecido por «Raqueisc» — Cuma — Angola)

das	vai,	api	só	lhar ;	inha ;	Abrem	de
ão se	andar	a bri	Lá	nha,	um	Lon	Cam
Lá	far	tid	indo	prin	ões	real	-se os
Em	Ao l	cipe	vem bus	ar em	céu	Que um	go
as e	vai	de p	a mul	Sal	Norte	gran	ácio
inha	fren	car ! ++	do	azul	par. ++	cor	nha
agor	plum	qual	ões	prin	nos	pal	des ja
te ao	em l	a a	Sêjas +	No +	nel	cozi	tejo

Percorrendo a salto de cavalo o tabuleiro, começando nas casas marcadas com + e terminando nas que têm ++ encontrar-se-á além de um simétrico desenho, duas quadras de um soneto de Fernandes Costa.

É costume, na Bélgica, celebrarem-se muitos concursos de galos, nos quais ganha o prémio, aquele que cantar mais vezes numa hora. Em certa ocasião, um galo cantou 134 vezes, nesse prazo de tempo.

Os esquimós pagam aos médicos na ocasião em que estes são chamados. Se o doente se cura, o médico guarda os seus honorários, mas se o doente morre, tem de os tornar a entregar aos herdeiros.

ESPERAR E LUTAR

Àqueles que esperam impõe-se a necessidade de saber esperar, porquanto quem se dispõe a aguardar um «*sim*» deve saber colocar-se de sobreaviso, conduzindo-se calmamente e com perspicácia, por forma que, ante o falhar do «*sim*» almejado possa suportar o choque de um «*não*» sem desfalecimento, antes, com estoicismo e absoluto conhecimento das bases sobre que assentam as teorias optimista e pessimista.

Imagem de Nossa Senhora de Fátima, em exposição na Sé de Luanda, quando ali foi, em 1948

Não basta esperar sonhando e arquitectando sob um estado psíquico inquietante e aflitivo, apenas mitigado pela esperança da realização do projecto. Para esperar, urge que dantemão eduquemos o nosso «Eu» nos princípios basilares do equilíbrio psicológico, familiarizando-nos com a alegria do triunfo e a tristeza do insucesso, para que, falhando aquele possamos reagir e nunca desanimar.

Há que ponderar que o entusiasmo imprimido à luta nem sempre nos conduz à vitória, porquanto não raras vezes e por factores de vária ordem, os esforços resultam infrutíferos e por fim surge a derrota. Se a luta fôr norteada na convicção de que «lutar é vencer», tão funesta é a projecção do insucesso quão maior fôr a certeza do triunfo, resultando daí um enfraquecimento da vontade ao qual se vem juntar a desagregação psicológica, aniquiladora até da própria personalidade.

Lutar sem saber lutar, actuando com os olhos apenas fitos no triunfo, é revelação estulta de uma teoria pessimista infundada, não influenciada pela teoria oposta do «*não*». Lutar porque a luta representa por si só a mais formal garantia da vitória, é desconhecer e não admitir o lógico critério de que se deve lutar para ganhar ou perder.

A luta, a verdadeira luta, é aquela cujo ideal se consubstancia nos factores «ser ou não ser», para que, ante os resultados positivos ou negativos, se mantenha firme

e inalterável o equilíbrio moral proporcionado ao triunfo ou vitória, ao insucesso ou derrota.

A consequência da falta do conhecimento da verdadeira luta salta-nos à vista quando, penalizados, assistimos ao cortejo dos chamados «vencidos da vida».

Nestes, mais que no soldado prisioneiro, se reflectem os estigmas de uma luta mal conduzida. Nestes — miseráveis e crápulas — o autodomínio e a tenacidade desvaneceram ante o primeiro embate com as vicissitudes e dificuldades surgidas. Finalmente, são estes os que, não sabendo lutar, se precipitaram na luta pela vida, tombando no campo da inacção em consequência de uma pueril utopia com que anteviram a realização das aspirações.

*
* *

Em conclusão, é de admitir que no saber lutar e saber esperar, reside a possibilidade do triunfo, a chave do equilíbrio psicológico sem o qual a primeira decepção representa sempre uma derrocada e conseqüente aniquilamento da vontade.

Como ficou dito, impõe-se a necessidade de saber esperar, porque no decorrer de uma espera tudo nos sobressalta, tudo tende a afectar o ânimo, e, quem não souber esperar, hesita ante a velocidade do tempo, precipitando-se automàticamente para a descrença, impulsionado por um conjunto de imagens quiméricas que embalam a ânsia insofrida de sentir, apalpar e gozar o bem almejado. E, se lutar nem sempre é vencer, jamais se deve alimentar a vida com esperança, pois, como lutar, esperar nem sempre é alcançar.

Ambos subordinam-se aos decretos do Omnipotente, todos sujeitos às alternativas da vitória ou derrota, à lógica e à suprema justiça.

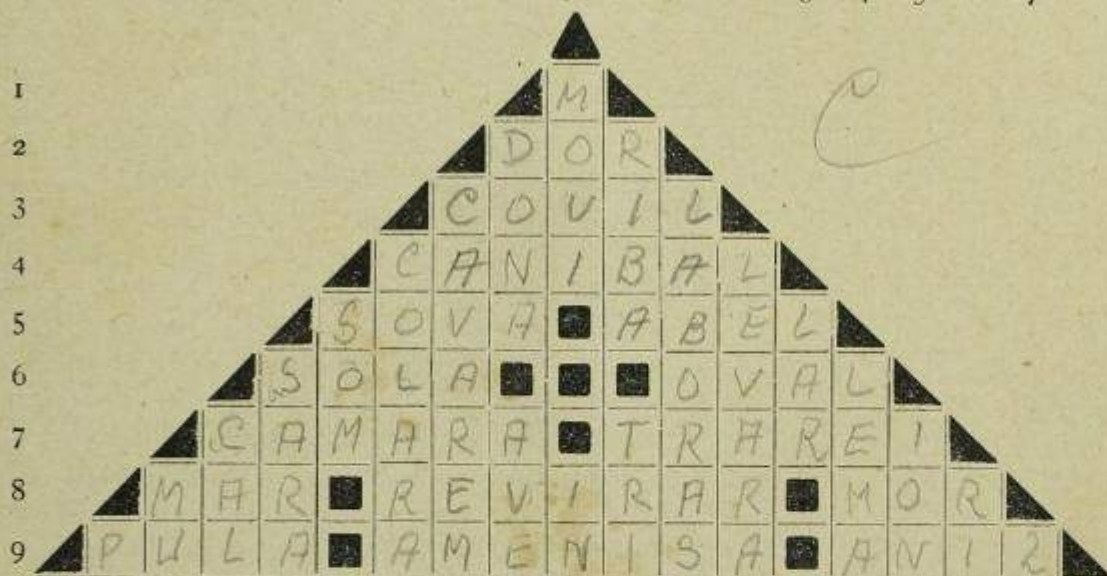
FAUSTINO FORTES

Buco-Zau (Angola).

LUANDA, AF. OC. PORT. — IGREJA DO COLÉGIO DE S. JOSÉ DE CLUNY

A derrota é um estímulo para a vitória. — *João Carlos de Jesus Pessoa.*

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Hugo Bento Maia — Benguela — Angola)

HORIZONTAIS

1 — Consoante. 2 — Sofrimento. 3 — Antro. 4 — Antropófago. 5 — Bate; nome masculino. 6 — Planta do pé; do feitio do ovo. 7 — Compartimento; serei portador. 8 — Imensidade; retorcer; maior. 9 — Cresce depressa; deleita; licor.

VERTICAIS

1 — Consoante. 2 — Serra de Portugal. 3 — Óxido de cálcio. 4 — Nome feminino. 5 — Voz. 6 — Pegará. 7 — Escavarem. 8 — Proprietária; rio de Portugal. 9 — Desloquei; sufixo de neg. 10 — Ribanceira; três vezes. 11 — Trabalhas. 12 — Conduzirá. 13 — Casa. 14 — Divisa. 15 — Parte dissociada pela corrente eléctrica. 16 — Mostra alegria. 17 — Consoante.

O esqueleto humano compõe-se de cento e noventa e oito ossos.

Charada combinada

(Passatempo oferecido pela sr.ª D. Lucinda G. da Cruz e Silva — Revue — Af. Or. Port.).

1.ª — + leja = combate.
2.ª — + ga = ingrediente.

3.ª — + ogia = absurdo.
4.ª — + go = confuso.
5.ª — + inga = zanga.

6.ª — + valo = quadrúpede.
7.ª — + mar = gritar.
8.ª — + enda = tradição popular.

Grande vulto histórico

O poeta João Oven dizia a um áulico: — Se és bom, far-te-ás melhor, mas não maior, com o tempo; se és grande, com o tempo far-te-ás maior, mas não melhor.

PARIS

Cabanas lembrava um jazigo. O Outono despira as árvores da mata e a chuva engrossara o rio, enquanto o mar, aquele mar de turqueza cuja cor no Verão nos seduzia tanto, enrouquecera de vez, enchendo a noite com lamentos, cerrados como punhos. Nos corredores e nas salas não se viam tapetes. O chão era de pedra, e, das janelas sem cortinas, o frio chegava, cortante.

Nessa época, as crianças, à mesa, não podiam falar. Para nós, portanto, as refeições decorriam a passo de anjo. Em redor não havia nunca a aragem dum sorriso ou a música duma palavra. Apenas o olhar da professora francesa vinha, por vezes, quebrar o isolamento mas só para sublinhar qualquer falta de conduta nossa. Depois, no quarto do recreio respirava-se fundo. Trouxéramos da Granja alguns brinquedos à mistura com livros de Júlio Verne e da Condessa de Ségur, à custa dos quais, agora, dentro daquelas paredes, menos nuas que as restantes, desaparecia como por encanto, o ponto final que tentara dar por extinta a alegria da minha existência encetada sob os auspícios da fortuna.

Madame de Chabuelle punha-se então a falar do seu país.

Na sua voz, luzia uma lanterna mágica e suave que mostrava lindas árvores, torres, prontas a tocar no Céu, ruas cheias de cavalos brancos, amazonas, carruagens e soldados.

Por fim, a mestra dizia: Cantemos! E nós cantávamos com ela. Contudo fazíamos figas a certos hinos: à Marselhesa, por exemplo. Não há nada tão sensível como um coração de menino e a palavra «filhos» junta à de «Pátria» sabia-nos a mentira. «Que os filhos só podem ser dos pais e de mais ninguém!» — pensávamos infantilmente. Todavia as coisas acabavam bem, se a professora em seguida, entoasse uma velha ária de Chateaubriand, que terminava assim: — Como eram belos os dias de França!

Estas mesmas palavras repeti-as eu vinte anos mais tarde, no regresso da minha última viagem pelo estrangeiro. Quantas voltas a vida não levara para mim desde as horas distantes de Cabanas! Quantas regiões percorridas! O resto da infância passada em Águeda, em Lisboa, na Figueira da Foz e no Porto... O desabrochar da mocidade, melancólico e doentio, falso mas curto, em Coimbra... A juventude radiosa, plena e feliz, em Lisboa... O regresso forçado à Casa do Adro, onde logo me recusei a exercer a advocacia e a continuar as tradições eleitorais da família... A aversão ao papel selado, unida à mais completa ignorância das lides políticas reduzira num ai o meu nome a zero para toda a gente menos para meu pai, que teimava em alimentar antigos sonhos. (Não sei o que teria acontecido se por sorte, naquele ano, não fosse posta a concurso certa vaga de professor provisório na Escola Comercial de Pedro Nunes...). Uma vez sentado à mesa do orçamento, cortei puerilmente, relações com o Tribunal. As minhas horas livres tinham agora mais um horizonte: o mapa de Paris!

Ruas, praças, pontes, jardins, monumentos, casas de espectáculo, hotéis, museus, tudo foi pacientemente decorado pelos meus olhos. Até que o dia marcado rompeu. E parti como quem respondesse a uma chamada.

De início, a Espanha com a sua inesperada paisagem, fez-me pensar que o melhor seria voltarmos para trás. Entre a concha plúmbea da terra castelhana e o firmamento de fogo, o comboio, diabòlicamente lento, ia apagando aquele entusiasmo que, durante anos, fôra a minha força. Porém, nos países Bascos ressuscitámos. E, ao entrar em França, entrei no Céu... O que foi em seguida a estada em Paris (as manhãs de Montparnasse, as noites da Ópera, de Montmartre, da R. de la Paix, o Faubourg St. Germain, as tardes em Notre Dame e St. Sulpice, os passeios a Versailles e Fontainebleau, o cemitério de Père Lachaise, algumas frases do Foyer: — *Voilà la Duchesse d'Uzés et sa belle-fille Madame de Crussol. La pauvre Marquise! Elle est née «sardine» et elle s'est crue... sole!*, a Martinez de Hoz — o poeta Valéry, Maurice Chevalier, Raquel Meller...) tudo isso num espaço de quinze dias, rimara com grandes séculos prèviamente imaginados, bem menores, afinal, do que a minha surpresa. Como eram belos os dias de França!

De novo eu atravessava a Espanha... E uma sensação de poeira africana incendiava-me os pulmões. Em volta, a planície intérmina desmentia que não houvesse já Pirinéus. Cada vez mais brancos, cada vez mais altos, eles se erguiam no mesmo sítio de sempre, guardando a terra prometida. E a vida foi passando... Vincaram-se rugas no meu rosto.

Envelheci. Hoje por isto, amanhã

PARIS. — Praça da Ópera

por aquilo, desabituei-me da cidade. Lisboa perdia mil encantos. Preferi-lhe inexplicàvelmente, o Porto. Mas o sol de Paris, esse, ficara no sítio onde ontem o deixáramos. Bastava-me recordá-lo para que, em meu peito, um sopro juvenil arquejasse...

PEDRO HOMEM DE MELO

A diferença que há entre um homem verdadeiramente bem educado e um homem aparentemente bem educado, é a mesma que existe entre uma moeda verdadeira e uma moeda falsa. — *D. Alberto Bramão.*

Nada melhor do que cair na cama e deixar que o vento do sono apague as velas do pensamento. — *Ernest Buckler.*

CÁ E LÁ...

O habitante da cidade: — Não lhe faz grande confusão todo este movimento de carros?

O habitante duma aldeia, situada à beira da estrada: — Ai! não senhor. Até me faz lembrar lá a minha terra!

(*«The Passing Show»*)

Vaidades literárias

«ACERCA das vaidades e ilusões dum profissional, se quisesse ser franco, franco como parece que foi Jean Jacques Rousseau nas *Confessions*, muito teria que lhes contar — diz Aquilino Ribeiro. — Vaidade só a senti quando, de volta à aldeia depois de grande ausência, ouvi chamar tais e tais labregos, cujo natural procurei interpretar no romance, pelos nomes com que os crismei. — *Pst, pst, ó Libório!... O Calhorra bateu na mulher... A Glorinha está noiva... O Antônio das Arábias caçou um raposo,* etc... Tinham sido identificados e, com a confusão de quem cometeu um acto indiscreto e um certo orgulho interior, me vi descoberto em minhas malas-artes. Mas tudo tem seu reverso. Os irmãos Goncourt consta terem dito que se duvidassem sequer que suas obras não seriam lidas dali a mil anos não escreveriam mais uma linha. No Chiado, que é uma espécie de alfoz da Livraria Bertrand, vi eu quanto a glória é restrita, obra de ludíbrio da nossa inteligência ou da nossa presunção. Aconteceu-me entrar numa farmácia e encomendar um remédio, cuja manipulação exigia certo tempo. Dei o nome. O praticante, se não era já farmacêutico diplomado, pegou no lápis e, com ele em cima do papel, proferiu com seriedade não fingida:

— Aclino... escreve-se com c ou com q de haste...?

— Como queira. Todos os caminhos vão dar a Roma. Escreva com k que dá o mesmo.

Não me admira. Na Rua Cadet encontrei a mulher dum antiquário que nunca tinha visto a Torre Eiffel. — Nem por cima dos telhados? — observei eu. — Olhe, nunca reparei.

PUBLICIDADE EM COMPRIMIDOS

Os americanos, como se sabe, são exímios na arte da publicidade, aproveitando qualquer pretexto para fazerem os seus anúncios em primorosas sínteses, como esta que se segue e contém o reclamo de dez assuntos diferentes:

«Cumpre-me o dever de participar a todos os parentes e amigos que morreu a minha adorada mulher, no momento preciso em que me dava um filho, para o qual necessito de uma boa ama, até encontrar uma nova companheira, jovem e saudável, para me ajudar a dirigir o meu comércio de fazendas de lã e algodão, que vou liquidar com grandes abatimentos, antes de mudar-me para uma casa que mandei construir no n.° 147 da 12.ª avenida, onde terei para alugar os restantes andares».

PADEREWSKI E O VENDEDOR DE JORNAIS

Paredewski, famoso compositor e pianista e antigo presidente da República da Polónia, encontrava-se, certa ocasião, numa rua de Nova York, quando um pequeno vendedor de jornais, dele se aproximou oferecendo-lhe as últimas edições da tarde. Paderewski olhou-o atentamente e, tirando um dólar do bolso, entregou-lho, dizendo: — Não quero jornal algum. Faze apenas isto: vai tomar um grande banho, lava bem esse rosto, essas orelhas, muda de roupa e sê feliz.

O garoto, um tanto estupefacto, guardou o dólar, mas sùbitamente tirou uma pequena moeda do bolso e entregando-a a Paderewski retorquiu, em segredo:

— Está bem, mas tome também isto e... vá cortar o cabelo!

RAZÃO ESSENCIAL

— Tenha cuidado, senhor... que o sabão está racionado!

(«Reynold's News»)

O CONTRATADO

Todas as tardes o encontro
Sentado à beira do mar,
De olhos pousados nas águas;
Sempre triste e a meditar
No dia em que hão-de acabar
As suas mágoas.

Como as ondas, uma a uma,
Vêm desfazer-se em espuma
E sobre a areia quebrar,
Assim ao seu pensamento
Recordações — fogo lento,
Vêm de momento a momento
Sua lembrança avivar.

Como rajada de vento
Que o fogo faz atiçar.

Passam noites, passam dias,
Passam semanas e meses,
E o contrato sem findar;
E o pobre do contratado
Vem a família lembrar.
Todas as tardes, sentado,
De olhos pousados no mar.

Um marinheiro, inspirado,
Passa num barco a cantar:

A saudade mais o tempo,
Deus os fez, Deus os juntou;
Um lembra o amor que passa,
Outra, o amor que passou.

E o contratado
— Coitado! —
Recorda a sua mulher
Que na sanzala deixou;
Recorda o batuque, a lavra,
O seu cão, o porco, a cabra,
E tudo o que lá ficou.

Já fôra rico, tivera
Muitas manadas de gado,
Muitas mulheres e dinheiro;
Agora só tinha os braços
P'ra trabalhar no café
E ser negro de roceiro.

E pousando o triste olhar
À superfície das águas
Achava pequeno o mar
P'ra nele afogar as mágoas.

E o marinheiro,
Navegando,
Ia agora prazenteiro
Assim cantando:

Quem possuir a Ventura
Não a vá afugentar;
Que a Ventura, quando foge,
Tarde ou nunca quer voltar.

JOÃO BAPTISTA PEREIRA

(Do livro «Canções do Sertão»).

CATETE — ANGOLA. — SANZALA DE MUCOSO
(Foto J. Bento Ribas).

A audácia é a principal alavanca dos ambiciosos. — *D. Alberto Bramão.*

※

O amor é um som que reclama um eco. — *Júlio Dinis.*

※

A verdade é a luz do espírito. — *Jay.*

Figuras da minha terra

Um Mendigo...

O rapazio fazia algazarra, em franca risota, não por maldade para com o pobre doido, mas porque o seu temperamento irrequieto não era de molde a comedimentos de linguagem ou de atitude. E, de mistura com a garotada, também os grandes faziam côro, berrando todos: — Oh Albertinho, brada às armas!... Oh Albertinho!...

Lá ao longe vinha uma figura grotesca de mendigo, velho dolman de tropa desapertado, à míngua de botões, barretina *às-três-pancadas*, calças bambas e curtas cheias de remendos mal pregados, das quais saíam duas largas patolas espalmadas, dedos em leque, surradas pelas andanças da mendicidade. Num dos braços, segura pelo clássico arame, uma *lata* do rancho esmolado no quartel, e, aguentado sob pressão do outro braço, um pau — de maneira a deixar-lhe livre o gesto costumado com que mantinha em posição as calças, habitualmente a descairem, mal seguras por um barbante, em torno à cinta.

Curiosa fisionomia a desse mendigo! Cara macilenta e comprida, tinha uma boca enorme rasgando-a de lado a lado, sobre um queixo descomunal semeado de vagos pêlos de barba. Dois olhitos fundos, pequenos e vivos, iluminavam este rosto caricatural, sulcado de fundas

---

RESULTADO PREVISTO

O campónio (amigo de sensações fortes): — Em vista de só aqui haver lugar para passar um de cada vez, vamos lá ver o que acontece a estes dois diabos!

(*«The Passing Show»*).

pregas talhadas por mil fomes curtidas no andar dos tempos.

Não tinha história nem idade conhecidas, pelo menos que eu saiba. Comparecia no Largo de Santa Cruz às horas do rancho, e, se o Regimento saía, apresentava-lhe armas, servindo-se do pau, com aprumo e convicção. De resto, vagueava pela cidade, sem pedir, esperando que a Caridade fosse até ele.

Quando falava, agitava as mandíbulas disformes com uma mobilidade vibrátil que mais grotesca lhe tornava a figura; e ao chupar a *rabeta* de dez réis — a maior paixão de toda a sua vida — quase a sumia na retracção barulhenta dos lábios, perdida entre a imensidade do queixo e a ponta do nariz. Ria sempre, no geito alvar habitual dos loucos, e a toda a gente fazia a sua eterna pergunta, traindo o beirão que ele era, num metal de voz característico e incisivo: — Quem é *boxê?*

Não tinha questões ou conflitos com quem quer que fosse. Pacífico, risonho, lá passava pelas ruas da cidade fitando o chão, à cata das pontas de charuto com que alimentava o vício do tabaco. E se por vezes levantava os olhos para alguém, logo se desbarretava, num gesto rápido, tirando e repondo presto a barretina, num geito simiesco, para imediatamente continuar a espiolhar as pedras da calçada. Uma vez ou outra parava para, atendendo ao rogo do garotio, soltar o seu brado potente:—Às áááááááááááár... mas!... E lá seguia o seu caminho pacatamente, risonho e satisfeito, puxando as velhas calças, teimosas no descair.

*

* *

Certa noite de Carnaval, o Albertinho rondava pela Rua da Olaria. Caía forte a bátega, puxada a rija ventania. O mendigo viu aberta a porta da Associação dos Sapateiros, onde havia baile. Acossado pela chuva, entrou ao pátio, a recolher-se um pouco do aguaceiro, e encostou-se na escada...

A rapaziada passava, batendo os degraus com estrondo, e no salão, onde a festa ia no auge, os gritos e ri-

O SONÂMBULO

A esposa (à janela): — Outra vez a caminhar dormindo! Foi uma boa ideia, ter-lhe prendido o despertador ao pijama. Amanhã tem que se levantar cedo.

(*«The Humorist»*).

sota esfusiavam. Nada, entretanto, alterava o sono profundo do mendigo.

— «Olha quem ele é! O Albertinho!... Que tal foi *ela!*», comentavam os que iam passando.

Mas ao romper da manhã, findo o baile, quando o empregado, por necessidade de fechar a porta, puxou fortemente o ombro do pedinte, para que ele se erguesse, o corpo rolou desamparadamente até ao último degrau... Adormecera para sempre o Albertinho, conservando, na morte, que fôra tão calma, as fundas rugas que davam à sua fisionomia a característica expressão de riso alvar!...

Assim partiu para a eternidade, certa noite de Carnaval, a rir, como vivera, aquele desgraçado—cuja vida fôra um permanente contraste de Carnaval e fome. E quando — em cumprimento das palavras proféticas do Sermão da Montanha — lhe foram abertas as portas do Céu, de certo ainda o Albertinho, mal desperto para a vida eterna, perguntou, risonho, ao bondoso claviculário:—Mas... quem é *boxê?!...*

Lamego/Janeiro/1943.

GENTIL GUEDES GOMES

— Toma sentido, Toneca, — disse a mãe, — eu não quero ver-te, outra vez, a puxares o cabelo do bébé!

A mãe saiu do quarto, mas daí a pouco, ouviu o bebé a chorar em altos gritos e logo calculou que o irmão o estava atormentando. Veio imediatamente ralhar com o Toneca por lhe desobedecer.

— Eu não desobedeci, ora essa! — respondeu aquele; — a mãe não me disse que o não fizesse, disse-me só que não queria *ver-me* fazê-lo!

MEIO PREÇO

O freguês: — Queria as calças vincadas. Quanto é?

— *O alfaiate:* — São dois escudos.

O freguês: — Então vinque uma perna só, por um escudo. Vou tirar o retrato de lado.

Uma jovem mãe pede ao carniceiro do talho onde é fregueza, o favor de pesar o seu bébé.

— Pois não, minha senhora, — respondeu o homem; e depois de ter verificado o peso, diz distraído: — Pronto! são seis quilos e meio... com os ossos!

Batendo a má porta

O trapeiro: — Tem trapos para vender, senhor?
O chefe de família (com poucos meios): — Trapos tinha... mas estou-os usando.

(«Windsor Magazine»).

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. José Pereira Beija — Lisboa)

HORIZONTAIS

1 — Nome de um fruto (pl.); mau cheiro da pele dos negros. 2 — Mamífero anfíbio; semelhança. 3 — Nota musical; larva que se cria nas feridas dos animais (pl.); nota musical; nota musical. 4 — Chefe de tribo africana; distar. 5 — Aspecto; acreditar; nota musical; contracção de prep. e art. 6 — Pedra de moinho; graceja. 7 — Evaporara; entontecer.

VERTICAIS

1 — Aumento de letra ou letras no princípio duma palavra sem lhe mudar a significação. 3 — Gosta muito. 4 — Relação. 6 — Encobrir. 7 — Tratamento que se dá às freiras. 8 — Pertencer em partilha. 9 — Uniria. 14 — — Galináceo. 15 — Balela.

Passageiro, arreliado: — Os comboios, nesta linha, andam sempre atrasados!

O chefe da estação: — Mas, meu caro senhor, que utilidade teriam as salas de espera, se eles fossem sempre pontuais?

Três filhos em três séculos

Pierre Defournel, de Barjac Vivarais, era pai de três filhos, cada um deles nascido num século diferente! O primeiro nasceu em 1699, o segundo nasceu em 1738 e o terceiro em 1801. Eram, todos três, rapazes, e cada um deles filho de mãe diferente. Defournel casou com sua terceira esposa quando tinha 120 anos e ela apenas 19. Morreu em 1809 na avançada e robusta idade de 129 anos. O «Magazin Pittoresque», de Maio de 1877, publicou uma cópia das primitivas certidões de idade dos três filhos.

A patroa (para a criada que tinha ido ao teatro): — Você voltou muito cedo para casa, Francisca! Não gostou da peça?

A criada: — Não desgostei do que vi, mas não fiquei até ao fim, nem era possível.

— Então porquê?

— Ora imagine a senhora! Diz aqui no programa que o segundo acto se passava daí a dois anos!

CANÇÃO DA PRIMAVERA PRECOCE

(Trecho do livro com este título, de Sanz Vieira)

... ...
E eu disse-te, a sorrir:

— Já te podes livrar do teu torpor insulso
para deixares teu ideal florir!
Deixa subir em ti a febre da esperança
dos claros dias bons que inspiram confiança;
deixa vibrar o sangue no teu pulso,
entrega-te ao fervor que me embriaga
e de nossos desejos se apodera
e, assim, receberás a influência maga
da verde Primavera!

Precisamos de crer nessa deusa garrida
que motiva as canções dos bosques e vergéis,
que inspira, pela noite, a voz dos menestréis,
que decreta a ventura e que preside à Vida!
Temos de ir procurá-la, a render-lhe tributos
— os nossos olhos fitos, confiados
nas dádivas gentis
de pétalas e frutos
a receber em dias impregnados
de auras primaveris.

Neste almejo risonho,
nesta doce querença,
principiaste a afagar o lindo sonho
da tua renascença;
e, então, foi que entendeste por completo
que a Primavera tem de entrar, primeiro,
na nossa alma, em aninhar secreto,
como entraria um claro mensageiro
de verdade feliz.

E compreendeste que ela, em seu roteiro,
só depois é que esboça as novas telas
— as árvores, os céus, os horizontes,
as colinas, os rudes alcantis,
outeiros, quintas, geiras e courelas,
combros, vales e montes,
já libertos da lúgubre invernia.

Sim. Precisamos todos de entendê-la
como um pressentimento de harmonia
que torne em música auroreal e bela
no nosso espírito a revelação

da melodia que murmura em nós
— acariciante, calma
e prodigiosa voz,
subtil ressurreição,
milagre da nossa alma!

E entraste a respirar o reconforto
das palavras vibrantes que eu dissera;
finalmente, observei no teu olhar absorto
acreditares já na Primavera...

*
* *

A tarde, o imenso Azul desanuviado
já todo esplende, qual apoteose!
Então, não há nenhum inebriamento
em que o teu coração, reanimado,
não comungue e não goze!

Ah! Como nos alegra o teu ressurgimento
e como nos exalta a aparição precoce
da fulva Primavera!

(Errado calendário
de embusteiras folhinhas:
Ela já veio e até já tomou posse,
felicitada pelas andorinhas...
Entre nós ela é como os pássaros ninhegos
— cedo, bem cedo, é ofertada à Vida!)

Saudemos sua vida temporã,
como o fazia o brinde olímpico *dos gregos*
em canções de esperança entretecida.
Proclamemo-la, nós, por foros soberanos
e condição perfeita,
de alegria pagã!
Rainha de Beleza sempre eleita
todos — todos os anos!
... ...

As mulheres simples, são como as rosas bravas: encantam e não suscitam invejas. — *Guerra Maio.*

❋

O amor, para durar, reclama incerteza. — *Wertheimer.*

❋

Não há nada que circule tão ràpidamente como um segredo.

O amor vive de desejos que por muito tempo flamejam debalde, de esperanças que morrem e revivem, de saudades que o alimentam na ausência; o amor brilha na adversidade, redobra de força diante dos obstáculos, e é todo magia e encanto quando se oculta na sombra e no mistério. — *J. Manuel de Macedo.*

O hábito não faz o monge, mas o vestido faz a mulher. — *Mory.*

❋

Uma mulher pode acreditar apenas metade do que ouvir, mas ouve o dobro do que ouve um homem.

A ESTREIA DA «DAMA DAS CAMÉLIAS»

DATA de perto de um século a estreia, em 1852, de um dos dramas que maior celebridade alcançou durante o século passado, da obra-prima de Alexandre Dumas, filho, da *Dama das Camélias*, enfim.

A Dama das Camélias, primeiramente sob a forma de romance; levada depois ao teatro pelo seu próprio autor; traduzida com melhor ou pior sorte em todos os idiomas e finalmente transformada em ópera, com música de Verdi, foi, talvez, a história de amor mais admirada e mais aplaudida nos tempos em que os nossos avós eram novos; o seu principal merecimento, porém, consiste em ter sido a primeira manifestação do talento de Dumas, filho, a primeira etapa da sua gloriosa carreira.

MARIA DUPLESSIS, A VERDADEIRA «DAMA DAS CAMÉLIAS».

(Retrato por Vienot)

Em 1848, Alexandre Dumas que contava, então, 24 anos, achou-se, um dia, cansado de não fazer nada, enfastiado dos prazeres de uma mocidade tempestuosa. Não tinha nenhuma vocação, nem ofício algum; mas não lhe faltava talento e, além disso, possuía uma bonita letra. Essas duas qualidades são as mais apropriadas para um empregado de escritório, e talvez Dumas tivesse ficado por aí, se antes, para matar o tempo, não tivesse começado a escrever um romance. Escreveu-o e esse romance foi *A Dama das Camélias*.

Disseram que era a narrativa duma aventura pessoal e talvez, pelo menos em parte, isso seja verdade; o certo, porém, é que Dumas se inspirou principalmente, na vida, prematuramente cortada, dois anos antes, pela tuberculose, da famosa cortezã Maria Duplessis, a quem todo Paris dava o poético sobrenome que aquele homem de letras tornou universalmente célebre.

Mal apareceu o romance e o público começou a falar dele com elogios, logo um grande amigo de Dumas, um corcunda chamado Béraud, que tivera a grande honra de assistir às últimas campanhas napoleónicas, concebeu a ideia de que a nova produção continha assunto para um drama.

Ainda mais: escreveu ele esse drama. Mas, ao contrário do que muitas vezes fazem certos literatos que, apropriando-se de assuntos imaginados por outrem, os compõem a seu modo e os oferecem ao público como coisa saída da sua própria massa encefálica, o antigo herói do Império teve a honradez de se apresentar a Dumas com o manuscrito e até de solicitar que neste figurasse o seu nome. Dumas, depois de ler, recusou-se. O bom do corcunda tinha a mo-

Alexandre Dumas, filho

nomania do melodrama, e, do idílio de Margarida Gautier e Armando Duval havia feito uma tragédia tão sombria, que o assunto perdia todo o seu primitivo encanto. Os dois amigos não se zangaram lá por isso; mas o drama não se representou.

Dumas não pensava em ser autor dramático e, depois de publicar alguns outros romances, partiu para Itália.

No seu regresso, ao chegar a Marselha, viu-se sem dinheiro. Escreveu a seu pai pedindo-lhe fundos para continuar a viagem, e enquanto esperava a resposta, como não podia ir ao café, nem ao teatro, nem comprar jornais, porque para tudo isso se precisa dinheiro, aborreceu-se extremamente, tão extremamente como quando descobrira a fadiga da vida ociosa. E, como então sucedera, o assunto de *A Dama das Camélias* acudiu-lhe ao espírito; mas, desta vez, veio ligado à recordação de Béraud, o aspirante a dramaturgo. Porque não havia de se distrair, tentando fazer qualquer coisa de melhor do que o melodrama do honrado corcunda?

Alexandre Dumas meteu, nessa mesma noite, mãos à obra. Às sete horas da manhã estava ainda escrevendo. De uma assentada fizera o primeiro acto todo.

Foi deitar-se com febre, mas às seis da tarde levantou-se para principiar o segundo acto, que escreveu em dois dias. No quarto dia recebeu o dinheiro esperado e partiu imediatamente para Paris, ler a seu pai o que escrevera.

O velho Dumas escutou-o, chorando; era, na verdade, homem que traduzia em lágrimas todas as suas emoções. Ao terminar, disse:

— É coisa curiosa, meu filho. Isso não se parece com o nosso teatro, mas nada prova que não seja assim o teatro do futuro. Continua, acaba... e depois veremos!

Os três últimos actos foram feitos em seis semanas. Terminada a obra, Béraud encarregou-se de a levar ao director do Teatro do Vaudeville, muito orgulhoso de ser, embora não pai, ao menos padrinho do drama. Mas o director do Vaudeville, um tal Bouffé, que transformava em oficina uma mesa do café Véron, depois de ler a obra disse que não gostava de vê-la terminar por uma morte, coisa a que o público do seu teatro não estava habituado. Além de quê, tinha-a submetido à censura e esta havia-a declarado imoral. O manuscrito foi parar para o fundo duma gaveta e ali, esquecido, passou muitos meses, muitos...

Até que certo dia, o director e os actores do Vaudeville se reuniram no café Véron para discutir um assunto de grande interesse. O teatro ia mal.

Uma obra nova na qual se fundavam grandes esperanças, «*O Uistiti*», resultou um fiasco, e o resto do repertório era já tão velho que o público estava cançado de o ver. Fazia falta uma obra nova que chamasse gente. Os artistas passavam muitos dias sem ganhar e o dono do café tampouco não ganhava.

— E se pusésssemos em cena «*A Dama das Camélias*»? — disse um dos comediantes.

— Vale pouco, — respondeu Bouffé — e, além disso, a censura não o permitirá.

—A censura,— disse o outro,— não se meterá em nada; a obra, recomenda-a o conde de Morny, que tem todo o poder.

— Adiante, pois pela *Dama;* afinal de contas, não temos outra coisa.

E eis como, assim em último caso, se estreou numa das primeiras noites de Fevereiro de 1852, um drama, que se tem representado milhares de vezes no mundo inteiro e continua a representar-se e que, se naqueles tempos a propriedade literária estivesse protegida por leis internacionais como aquelas que hoje a protegem, teria dado ao seu autor, segundo os cálculos mais aproximados, para cima de dez milhões de francos.

ARMANDO DUVAL.

(Desenho de Gavarni, feito igualmente para a mesma edição)

MARGARIDA GAUTIER.

(Desenho de Gavarni, feito para a primeira edição ilustrada do drama)

Ninguém, como um tolo, se julga mais apto a enganar as pessoas inteligentes. — *Vauvenargues.*

⁂

O amor despreza tudo o que não é amor. — *Etienne Rey.*

O CRESCIMENTO DAS ORELHAS

O exame atento de mais de 40.000 pares de orelhas humanas em Inglaterra e na França permitiu que se tirassem, a este respeito, deduções interessantes.

Demonstrou-se, por exemplo, que as orelhas continuam a crescer toda a vida, inclusivamente nas últimas décadas da existência: ùnicamente a morte lhes detém o crescimento.

Qualquer pessoa observadora que se encontre no meio de muita gente, como por exemplo na igreja ou no teatro, notará imediatamente que as pessoas de idade têm as orelhas muito maiores do que as pessoas novas.

Uma mulher que tenha orelhas pequeninas aos vinte anos, tê-las-há de tamanho médio aos quarenta e grandes aos sessenta.

Porque crescem as orelhas toda a vida e não sucede outro tanto ao nariz nem a mais parte alguma do corpo? Este mistério não têm os sábios observadores podido decifrá-lo.

Fizeram-se já também, com respeito às orelhas, outras observações curiosas.

A forma das orelhas transmite-se por herança. A orelha transmite-se de pai para filho e de geração para geração sem mudança quase nenhuma.

Os antropólogos que cultivam a especialidade criminalista têm afirmado, desde há muito, que os criminosos possuem orelhas conformadas de modo particular, que uma pessoa prática conhece imediatamente.

Ora, sendo verdade tudo isto, nem se pode fazer ideia do tamanho que teriam as orelhas dos homens que, segundo o testemunho da Bíblia, viviam setecentos e oitocentos anos.

Hieróglifos comprimidos

(Oferecidos pelo sr. F. da Mata Câncio — Colónia de Moçambique — Mafambisse — Áf. Or. Port.).

G fluido RA nota 5 continente

0 0 0 PARENTE 50 0

6 ali sincera 500 E 10 ira

A cena passa-se num comboio e num compartimento de primeira classe.

Um passageiro, com ares de distraído, vai tirar da rede uma das suas malas portáteis.

— Tenha cuidado, sr.; olhe não caia a sua mala em cima da minha cabeça, — observa-lhe uma passageira.

— Não havia dúvida, se assim acontecesse, minha senhora. Não levo nela nada que se quebre.

*

O Toni cometeu o delito de dizer uma formidável mentira e a mãe ralha-lhe:

— É muito feio não dizer a verdade... Quando se é pequeno nunca se deve mentir.

Toni acode logo:

— E quando se é crescido?...

Hieróglifos comprimidos

(Oferecidos por «Andes» — Cambres)

Pron. pes. nota — II isolado

Nem | Nem

H K̃

Fala Fala Fala Fala Acerta
Fala Fala Fala Fala Acerta
Fala Fala Fala Fala

Aqui Douro aqui

Lenda nota trave Mondego

Eles Lá Eles

Trabalho acção Tamega

Simplício vai visitar a viscondessa, a qual, embora já próximo dos cinquenta anos, tem ainda grandes pretensões a mocidade.

— Dou-lhe os meus parabéns — diz ela, — vi ontem seu filho, é um pequeno encantador e muito bem educado.

— Não me admira nada, sr.ª viscondessa; eu recomendo-lhe que seja sempre delicado e atencioso, mas principalmente com as senhoras mais idosas.

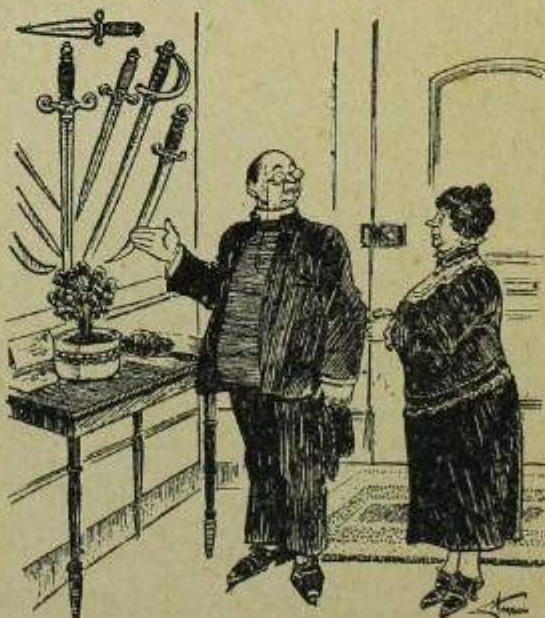
*

O alfaiate, com certa preocupação:
— Foste levar a conta, conforme te mandei, a casa do sr. Neves?

O aprendiz: — Fui, sim senhor.

O alfaiate: — Naturalmente não gostou da visita?

O aprendiz: — Parece-me que gostou, porque me disse que voltasse lá outro dia.

UM HERÓI

— E a estas armas, estão ligadas algumas recordações históricas?
— Estão sim. Pertenceram a meu defunto marido. Ele era engulidor de sabres.

(«The Passing Show»)

CARTA QUE NÃO ESCREVI . . .

Nesta palavra «saudade»,
Tão pequena de tamanho,
Antes que queira não cabe
Toda a saudade que eu tenho!
Era da minha vontade
Escrevê-la vezes sem fim,
Mas embora, mesmo assim,
Não te diria metade
Do que eu sinto de saudade
Quando estás longe de mim!
Fiz um rascunho e rasguei.
Não sei escrever-te, não sei!

E amor?... Esta nem me atrevo
Embora ficasse bem.
É linda, mas não a escrevo
P'ra que a não escrevas também
Com quatro letras apenas
Nas cartas que tu me mandas!
Vê lá que simplicidade:
Só «amor» e só «saudade»!!
Que palavras tão pequenas
P'ra dizer coisas tão grandes,
Tão grandes como as sonhei!
Não sei escrever-te, não sei!

Também quis mandar-te um «beijo»
Mas cinco letrinhas só,
Era apenas o desejo
E o beijo metia dó...
Nem um beijo para ti
Que dissesse o meu afecto,
Podia caber aqui.
Não chegava o alfabeto
Nem que fosse de A a Z
Quanto mais de B a O!
Mandar-te beijos p'ra quê,
Se não dava nem um só?
As cartas que eu comecei!!...
Não sei escrever-te, não sei!

Mas se não bastam palavras,
Se sou assim tão mesquinho,
Cartas minhas não as abras,
Não abras, que o meu anseio
É mandar-te p'lo correio
O coração inteirinho.
E não fiques em cuidado
Que se perca um coração
Que ganhou em se perder...
Tem o teu nome gravado,
Leva a tua direcção,
Por força que vai lá ter.
E sabes porque o mandei?
Não sei escrever-te, não sei...

VASCO DE MATOS SEQUEIRA

NAMPULA, AF. OR. PORT. — UM GRUPO DE GENTIS SENHORAS, ADMIRADORAS DO «ALMANAQUE BERTRAND». — *(Foto oferecida pelo sr. Domingos José de Castro)*

Sílvia (falando do noivo): — Eu posso ler no Frederico como num livro.

Noémia (que o conhece bem): — Nesse caso, aconselho-te a que saltes alguns capítulos.

❋

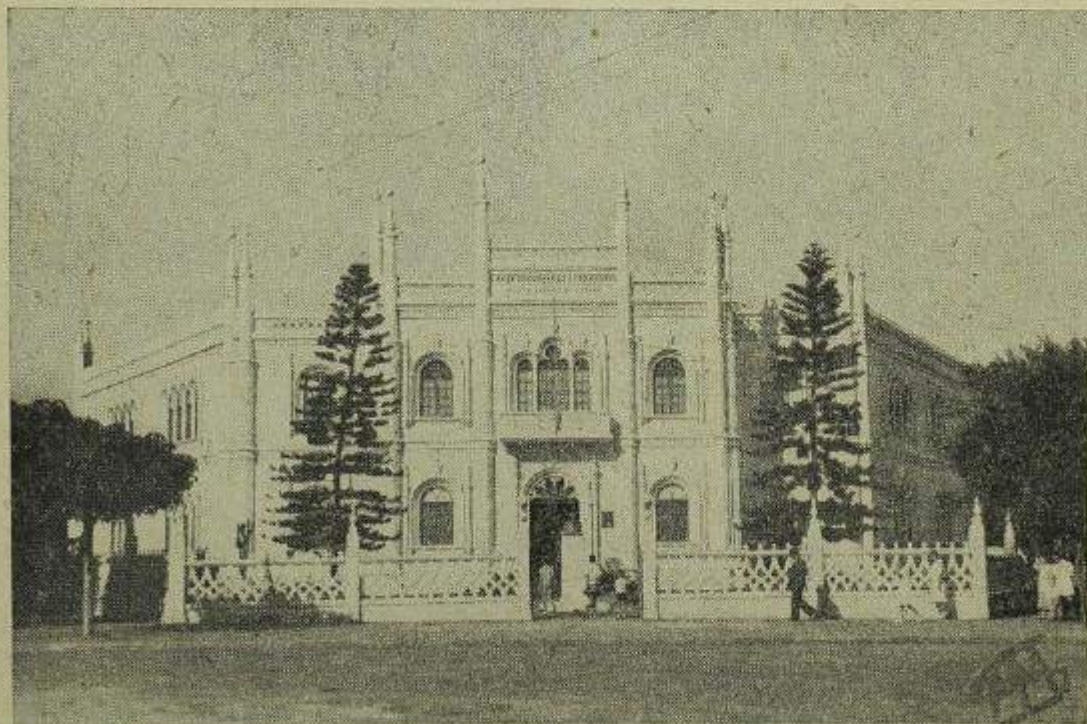
Primeiro marido: — A minha mulher não sabe o que quer.

Segundo marido: — Você tem sorte. Pois a minha sabe.

O Museu Alvaro de Castro de Lourenço Marques

A Capital de Moçambique orgulha-se de possuir o melhor museu zoológico da África Austral, mercê de 20 anos de trabalho perseverante dum artista portuense.

Mais duma honrosa menção em publicações internacionais da especialidade, mais duma elogiosa referência produzida por cientistas que têm adregado de passar por Lourenço Marques, visitantes do Museu, — tudo são louros dados a Portugal provenientes tanto da África como da Europa e da América resultantes das manifestações de apreço feitas à obra de reconhecido mérito artístico e científico, exposta ao Mundo no Museu Álvaro de Castro, na qual foi empenhada a terça parte da vida dum Homem: Peão Lopes.

Sem favor, este museu pode considerar-se como único entre os demais do hemisfério austral da África, não só pela quantidade e pela variedade dos especímens em exposição como, também, pelo trabalho de preparação, montagem e apresentação no qual o Mestre excede as possibilidades de qualquer grande museu. Todos os quadros, de inexcedível expressão natural, revestem-se dum realismo tão flagrante que só a ausência de movimento nos revela a falta de vida neles, tal é a arte, o poder de observação, o sentir interpretativo aplicados na montagem por meio do seu laborioso saber e do desdobramento que faz da sua aptidão, pluralizada no

LOURENÇO MARQUES. — Edifício aonde está instalado o Museu Alvaro de Castro; o pequeno monumento que se vê à frente é do seu fundador e patrono

exercício de funções várias: taxidermista, escultor, naturalista, pintor e, até, por vezes, carpinteiro.

Ora, como justamente em 20 de Dezembro do ano findo, esta infatigável capacidade humana perfez sessenta anos de idade e conta duas décadas de serviço efectivo no referido Museu, sem ter ido à Europa, parece-nos digno registar o facto nas páginas do «Almanaque Bertrand».

PEÃO LOPES TAL QUAL COMO É, HOMEM MODESTO E ARTISTA CONSAGRADO

Verdadeiro cultor da Arte, Peão Lopes é um Mestre à antiga que actua nos tempos modernos. Em Lourenço Marques já o seu nome entrou na lista das maiores figuras da nossa época, que hão-de ilustrar a História de Moçambique no campo cultural, devido à realização duma das maiores obras de divulgação científica produzida nas colónias portuguesas, a qual, não tendo paralelo no nosso país, longe está de ser suplantada pelos bons vizinhos sul-africanos, rodesianos e congoleses. Com efeito, o Museu Álvaro de Castro constituindo, por assim dizer, o diário de quatro lustros da vida de Peão Lopes, representa simultâneamente o mais valioso livro instrutivo que há-de vir a ser folheado pelas mulheres e pelos homens de amanhã que, sem dúvida, em tal acto, hão-de sentir-se possuídos do sentimento de gratidão pelo artista que a todos os portugueses deixará rica herança na capital de Moçambique, aonde a continua a aumentar não obstante a sua idade de sexagenário.

Quando, há vinte anos, chegou a Lourenço Marques, instalava-se o Museu num edifício acanhado. Depois, transferido para aquele aonde se encontra e que havia sido construído para servir de liceu, mas em cuja aplicação nunca foi investido, depressa as salas se encheram com a produção que não parava, faltando o espaço para continuar a expor.

Vem a comemoração do duplo centenário da Nacionalidade. É boa altura para Peão Lopes poder corporizar a ideia que tanto o martirizava: a ampliação das instalações do Museu. Era, então, ministro das Colónias, o Dr. Francisco Vieira Machado e, na colónia, como Governador geral, estava o Dr. Nunes de Oliveira.

O plano de aumento consistia em fechar o pátio interno, aberto do lado posterior do edifício e formado pela frente deste e pelas duas alas laterais. Arrojada era a construção concebida, quer quanto ao avantajamento da empresa, quer quanto a recursos financeiros, dada a enormidade da área de feitio exagonal a cobrir, por grandiosa cúpula que formaria o tecto da actual sala dos grandes mamíferos. Arrojada foi, também, a

L. MARQUES — MUSEU. — ETNOGRAFIA: GUERREIRO VÁTUA COM INDUMENTÁRIA PRÓPRIA RODEADO DOS APETRECHOS USADOS NA GUERRA PELAS IMPIS DO GUNGUNHANA

engenharia portuguesa no cometimento daquela construção, única no género empreendida até hoje em território moçambicano e na qual se prestigiaram os serviços de Obras Públicas de Moçambique, sob a direcção do Engenheiro Ferreira Mendes.

Coube ao General Tristão de Bettencourt a honra de assistir à conclusão dessa fábrica monumental e a de fazer a inauguração da dita sala, não sem jus a isso, por ter, também, dado a sua contribuição de governante e de administrador da Colónia, à feitura dela.

Assim, possível se tornou a Peão Lopes expandir a sua mestrança dando largueza às ideias. Poucos anos volvidos, de novo se sente apertado porque, agora, já o antigo pátio transformado em salão está cheio, por causa do seu incessante labor. Outro alargamentto é necessário fazer porque a sua obra, por maior que nos pareça, está longe, muito longe mesmo, de chegar a termo e, portanto, não pode parar. Peão Lopes carece de espaço para encher com os numerosíssimos trabalhos que diàriamente lhe saem das mãos. É indispensável

L. MARQUES — MUSEU. — DRAMA DA SELVA NA FAMÍLIA REAL DAS BICHESAS : A LUTA DE DOIS MACHOS CUJA MORTE DUM DELES DÁ AO OUTRO O DIREITO DE POSSE DA FÊMEA. ESTA ASSISTE AO COMBATE CRUEL, ESTÁTICA, AGUARDANDO O MOMENTO SOLENE

dar-lhe mais salas. A isso nos obrigam os seus sessenta anos quando pensarmos que dedicou a terça parte da sua existência à Arte e à divul-

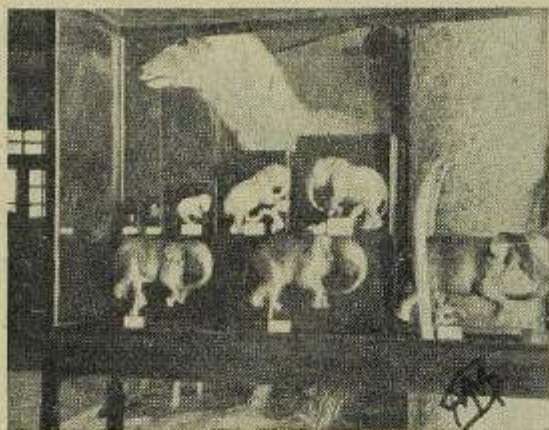
L. MARQUES — MUSEU. — CENAS DA SELVA MOÇAMBICANA EXPOSTAS COM TODO O REALISMO

gação científica, numa terra em formação como é Moçambique, por tal sorte se havendo nessa tarefa que a tornou conhecida nos países estrangeiros.

Além disto, se é certo não ter parado, também é incontestável que duas das secções do Museu, em relação à riqueza das ordens zoológicas existentes nesta colónia, ainda ali estão pobremente representadas: aves e peixes. Em ambas se tem distinguido o artista com produções de incalculável valor, sendo notável a sua contribuição como colaborador em alguns trabalhos científicos publicados sobre a fauna aquática sul-africana, na parte respeitante a Moçambique.

Mas não podemos dizer em qual dos campos se tornou mais proeminente este personagem que, com certeza, na cultura moçambicana deixa gravado o seu nome, pois que, se na taxidermia se revelou de maneira invulgar, outrotanto se houve na escultura, no desenho e na pintura.

Em verdade, é difícil dizer em qual daqueles ramos da arte se evidenciou melhor. A colecção de bustos das

principais figuras da ocupação de Moçambique são profuso documentário do seu trabalho escultórico, ao qual presentemente se vai aumentando a

L. MARQUES — MUSEU. — Trecho do mostrador em que ficam expostas várias fases da vida uterina do elefante que se supõe ter o período total de 20 (?) meses. Nesta fotografia só se notam 8 fases, a primeira das quais relativa aos 2 (?) meses. Esta curiosa colecção, além de ser única no Mundo, quase atinge por inteiro o número de fases da gestação do enorme paquiderme

preciosíssima colecção de peças de anatomia patológica com que ele está a enriquecer o respectivo museu, recentemente fundado, junto do Hospital Central de Miguel Bombarda e no qual já hoje se arrecadam numerosos trabalhos.

Coisa singular: Peão Lopes trabalha sòzinho quase. Ao invés do que sucede lá fora, não dispõe da legião de colaboradores que os mais importantes museus possuem para planificar, montar, preparar, pintar, decorar e investigar, cada qual ainda agindo dentro da sua própria função. Primeiro, teve o filho como auxiliar, até quando este foi para Luanda *«para fazer o mesmo que o pai»*, conforme o Dr. Vieira Machado se exprimiu, ao dar-lhe o encargo de se passar a Angola para aí trabalhar como discípulo de Peão Lopes. Presentemente acompanha-o um sobrinho, sendo este, com o filho, quem exclusivamente recolhe os ensinamentos do Mestre.

L. MARQUES — MUSEU — Esqueleto de hipopótamo, dentes de elefante e um manguço a contrastar com a enormidade dos dentes e das ossadas gigantes

As fotografias que ilustram o presente artigo darão aos leitores do «Almanaque Bertrand» a oportunidade de avaliar as grandes qualidades do nosso compatriota cujo nome adquiriu fama nos meios científicos estrangeiros.

Desta maneira, modesta embora, lhe prestamos as nossas homenagens.

M. Marques da Silva

Beira, Maio de 1950.

Nota: As fotografias que acompanham este artigo são da autoria do autor do mesmo; os assuntos fotografados são preparações e montagens de exclusiva produção de Peão Lopes.

Uma profunda observação dos seres que nos rodeiam é, em geral, mais instrutiva que a leitura dos mais volumosos tratados de psicologia. — *M.^me^ de Lambert.*

⁂

Um ignorante opulentamente trajado é como um livro de luxo... em branco. — *P.^e^ Sena Freitas.*

PÁSSAROS LUMINOSOS

Um facto muito curioso, comunicado a certo jornal francês, há mais de trinta anos, por um dos seus assíduos leitores:

Diz este que, encontrando-se nos Pirinéus, viu, uma noite, no céu duas luzes ou clarões, de intensidade igual à de uma lâmpada eléctrica de 5 velas; essas luzes avançavam e retrocediam, subiam e desciam, acompanhando os seus movimentos com um rumor semelhante ao bater de asas.

Julgou, de repente, que se tratava de dois aeroplanos, mas distinguiu, por fim, com a natural surpresa, que eram dois pássaros, do tamanho de uma galinha pequena.

Falando no assunto a diferentes pastores que viviam naquelas regiões, todos responderam unânimemente que eram, com efeito, pássaros luminosos os que o viajante vira, e que eles estavam fartos de ver.

Os naturalistas não se emocionaram com a descoberta, porque parece que em Inglaterra já o caso era conhecido, tendo vindo numa revista científica, um artigo em que o autor expunha as observações que tanto ele como muitas outras pessoas haviam feito a respeito dos pássaros luminosos que foram vistos por grande multidão de espectadores, desde 23 de Fevereiro de 1907, a Maio de 1908.

Esses pássaros não eram outros senão *zumayas* (espécie de mochos), e, posto que se ignore se exercem o monopólio da luminosidade, suspeita-se que também devem desfrutá-la algumas outras aves nocturnas.

O pássaro não é luminoso por si próprio: a luz que irradia é apenas certa claridade unida às suas penas, e que persiste muito tempo depois do animal estar morto; essa luz procede de micróbios luminosos que o pássaro apanha de algumas substâncias animais ou vegetais em que os ditos micróbios vivem.

A isca pode, igualmente, explicar o fenómeno. A isca é a parte carnosa do agárico de carvalho (espécie de cogumelo) e como o mocho vive num buraco da árvore, nada mais fácil do que as suas penas fi-

carem besuntadas com essa isca, e a esse simples contacto adquirirem brilho e fosforescência.

O fenómeno observado nos Pirinéus, e já anteriormente em Inglaterra, nada tinha portanto, de extraordinário, e deve ter-se observado noutras épocas. Podem assim explicar-se as infinitas lendas que descrevem luminárias fantásticas, movendo-se nos ares, em noites escuras, explicação que nada tem de sobrenatural ou milagroso, ficando tudo reduzido a uns tantos inofensivos mochos, voando descuidados, sem, ao de leve, suspeitarem que os homens tecem, sobre o seu vôo, fábulas estupendas.

Conta-se que Walter-B.-Yeats, professor de desenho da Universidade de Princeton e pessoa muito distraída, uma noite em que os motoristas de Nova York tinham feito greve, mandou buscar um trem para ir jantar a casa duns amigos.

Quando ia a meter-se no carro, notou que o cavalo que o puxava, era um animal muito magro e lazarento, de pernas excessivamente finas e tortas. E perguntou ao cocheiro:

—Que é isso que aí vai à frente do carro?

—O que há-de ser? É um cavalo! —respondeu o cocheiro, muito admirado de semelhante pergunta.

—Um cavalo, isso!—tornou Yeats —Não está nada parecido. Apague e faça de novo.

❋

A esposa: —É uma vergonha!... voltares para casa às três horas da madrugada!

O marido: —A culpa não é minha, filha... não dava com a nossa rua, depois que lhe mudaram o nome.

Hieróglifos comprimidos

(Oferecidos pela sr.ª D. Maria Otelinda Pinho Carneiro — Nova Lisbio — Angola).

24^{h}	S. JOSÉ

EE	ANIMAL	ARTIGO

Astro	Nota

posto para

Ratas que fertilizam campos

A minhoca, esse utilíssimo verme que fertiliza os nossos campos, fabricando a terra vegetal, não se encontra em parte alguma da América setentrional, ao sul do Saskatchewan, ou seja, a oeste do vale do Mississipi, exceptuando apenas uma estreita faixa ao longo do Pacífico. Todavia, na dita região, sempre que há a humidade necessária para produzir vegetação anual, encontra-se uma capa de terra vegetal cuja espessura pode chegar a 30 e até a 60 centímetros. Ora, como se forma esta terra vegetal, se faltam as minhocas?

Foi um naturalista americano, quem, há muitos anos já, encontrou a solução deste problema. O trabalho que a minhoca faz na Europa, levam-no a efeito na América certos mamíferos roedores, as geomizas ou ratas da terra, que passam a vida cavando e fazendo túneis a uns 30 centímetros debaixo da terra. Estes mamíferos, que se parecem bastante com as ratas de água, abundam muito naquele país; trabalham incessantemente, de verão e de inverno, de dia e de noite, acabando por fazer o mesmo efeito que a relha dum arado, misturando a vegetação morta com o terreno e produzindo assim uma terra vegetal, rica e fértil.

Segundo Darwin, a minhoca fabrica em cinco anos a terra vegetal suficiente para formar uma capa de dois centímetros e meio de espessura; a geomiza não precisa mais do que cinco meses para obter o mesmo resultado. Os lavradores norte-americanos, sem tirarem do facto nenhuma conclusão científica, sabem perfeitamente que a fertilidade dum campo aumenta quando as geomizas têm levantado o terreno, ao fazerem as suas excavações.

Charadas combinadas

(Passatempo oferecido pelo sr. Amândio Alves Martins — Alto Zambeze — Cazombo — Angola).

I

1.ª —+me=cimo.
2.ª —+to=parente.
3.ª —+ve=água congelada.

Rio de Angola

II

1.ª —+a=satélite.
2.ª —+cião=homem velho.
3.ª —+ma=mulher nobre.

Cidade muito importante de Angola

III

1.ª —+me=vara flexível.
2.ª —+bor=trabalho.
3.ª —+zente=luminoso.
4.ª —+ba=chefe de tribo africana.

Vila da Província do Bié

QUADRAS SOLTAS

Eu dantes achava o mundo
tão pequeno para mim.
Agora, que te procuro,
parece que não tem fim.

Outono. Caem as folhas
numa infinita saudade;
são como os sonhos que nascem
e morrem na mocidade.

Acreditas no que eu digo?
Tem tanto de falsidade!...
Ai! quantas vezes eu minto
para enganar a verdade!...

Meus olhos são duas fontes
sempre a correr, sem ter fim.
Mas, ai! não matam a sede
que eu trago dentro de mim.

MARIA ADELAIDE MOTTA D'OLIVEIRA

Ricardo: — Era capaz de enfrentar um dragão para conquistar aquela rapariga.

José: — E hás-de, mesmo. Quando encontrares o pai dela, verás.

MELHOR SERIA NÃO APROFUNDAR

— Querido, — disse a esposa, — amas-me sempre tanto como tens amado?

— Sim, meu amor, — respondeu ele, com os olhos pregados no jornal que estava lendo.

Ela podia dar-se por satisfeita com esta resposta, mas quis ainda perguntar:

— Porquê?

— Ah! não sei. Suponho que é questão de hábito.

— Que tarde que é! — notou o Júlio ao seu amigo Mateus, tendo-se demorado ambos no clube, pela noite adiante; — que vais tu dizer a tua mulher?

— Ah! eu não lhe digo muita coisa, sabes, — foi a resposta do Mateus; — «bons dias minha querida» ou coisa semelhante. O resto é ela que o diz.

❋

Há mulheres que se vestem no intuito de agradar aos homens, e outras, então, no de arreliar as outras mulheres.

ADEUS

Adeus — instante de mágoa
que tanto nos faz sofrer...
Os olhos turvam-se de água!
Adeus é quase morrer...

Eu não sabia, querida,
que ao te dar aquele adeus,
levarias minha vida
no fundo dos olhos teus...

LUÍS OTÁVIO *(bras.)*

AMOR E AMIZADE

Propões-me que troque e esqueça
Pela amizade, este amor
Que me enche o peito e a cabeça...
Sim, isso é bom de propor...
Se tu sentisses um pouco
Do que eu sinto, certamente
Verias o que há de louco
Nessa proposta incoerente.

Ter-te amizade!... Impossível!
Quando um amor desta forma
Nos prende, arrebata e inflama,
Todo o nosso ser sensível,
Morre, mas não se transforma.
Esta ardência de quem ama
É como uma intensa chama,
Em ânsias subindo ao céu...
Nunca se pode tornar
Em amizade ou frieza...
Se esfria, é porque morreu.

Bem vês... O amor é egoísta,
De egoísmo sublime e louco;
Não se contenta com pouco;
Quer para si quanto avista
Na sua esfera de acção...
E a amizade é um sentimento
Que se reparte e divide,
Que divide o coração...
É como uma grande vide
Que dá frescura e alento
A todos, sem distinção.
Poder eu ter-te amizade?...
Talvez... se um dia essa flor
Brotar, com serenidade,
Na campa onde em ansiedade
Foi sepultado este amor!

D. ALBERTO BRAMÃO

(Do livro «Crepúsculos»).

Quantas vezes um lindo sonho de amor, se vem a tornar num pesadelo matrimonial!

Como o tempo passa!

Jorge: — Minha querida, há justamente vinte e quatro horas que estamos noivos!

Lídia: — Vinte e quatro horas? Na verdade, querido!

Jorge: — Foi exactamente há vinte e quatro horas que prometeste vir a ser minha esposa.

Lídia: — Meu amor! E parece que ainda foi ontem!

A Gininha, com cinco anos, acorda às duas horas da madrugada:

— Conta-me uma história, mãezinha, — pede ela.

— Schiu! meu amor, — diz-lhe a mãe. — O papá há-de estar a chegar, e conta-nos uma a nós ambas.

❋

— Minha mulher é a criatura mais admirável do mundo. E isto não é só a minha opinião... é a dela, também!

SALTO DE CAVALO

(Passatempo oferecido por «Nanga-iá-Féco» — Fendi — Caconda — Angola)

seu	mi	sem	der	não	é	sa	teu
é	bas	prim	ini	vo	mai	é	quem
× × go	do	per	elh	teu	o	o	× × bor.
vez	zade	tan	iti	or	pode	bem	eras
te	sem	frio,	ami	ante	co	ele	ser
bom	uma	ami	se	sen	lisa	sid	que
ece	não	ca	a	go	se o	mo	e
fé;	um	aqu	× A	× Ana	do-o	por	con

Percorrendo a salto de cavalo o tabuleiro, começando nas casas marcadas com × e terminando nas marcadas com × ×, encontrarão, além de um simétrico desenho, dois pensamentos, sendo um de Kant e outro de Diógenes.

Numa aldeia espanhola reapareceu, ao fim de um ano, o cavalo de um lavrador, que havia sido roubado.

O inteligente animal, aproveitando uma oportunidade que se lhe deparou, voltou para junto do dono.

Há tempos, numa aldeia do Alentejo, morreu uma cadelinha que deixou uns poucos de filhos muito pequenos. Estes foram carinhosamente tratados por uma gata que os considerou como seus filhos adoptivos.

PENTEADOS AFRICANOS

A mulher é a mesma em todas as latitudes... Para ela a vida não contaria, se a esta tirassem a quota de vaidade que a condimenta.

Tal como no resto do planeta, a mulher indígena enfeita-se bem, a seu modo: panos garridos ou discretos conforme as regiões, fartíssimos ou apenas suficientes consoante os teres de cada uma. Nos penteados, porém, os cuidados assumem papel da maior preocupação.

CRISTÃ CUANHAMA. — ESTA, COMO CRISTÃ QUE É, BANIU O PENTEADO TRIBAL E IMPÔS AO FILHO UM CORTE DE CABELO QUE POSSA GARANTIR CERTA LIMPEZA

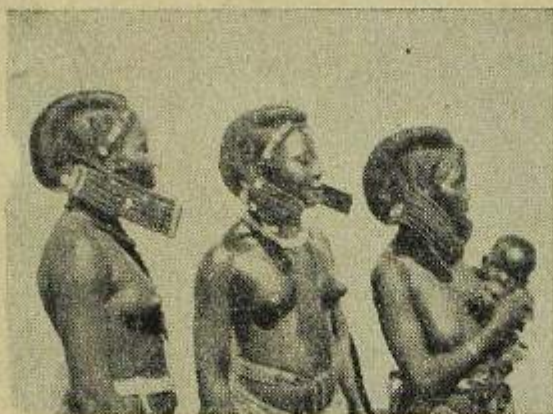
As gravuras que se juntam, documentam — pàlidamente embora — um pouquinho do que afirmamos.

Alguns dos penteados africanos representam o trabalho paciente de dias inteiros de preparação. Geralmente, não é a própria que poderá armar o penteado; há, em cada tribo ou aldeia, uma velha mestra...

Também é habitual que não seja com o próprio cabelo que se consigam as subtis belezas (?) do penteado: normalmente, utilizam-se tufos de cabelo estranho e, em certas tribos, até o dos mortos pode ser aproveitado!

Sempre que exista o culto do penteado, é quase certo que este se completa mediante a aplicação de pastas e lustros, com matérias gordurosas cheias de ranço, o que ocasiona um cheiro nauseabundo que, no entanto, faz parte da beleza requintada...

PENTEADO E VESTUÁRIO CUANHAMA. — SOLTEIRA, SIM, MAS JÁ TEM NOIVO!

O penteado indígena tudo espelha: a riqueza da portadora, o conceito social em que é tida e, até, o estado

PENTEADOS E ADORNOS CUANHAMAS. — TRÊS CASADAS: UMA DE DIAS, OUTRA DE MESES; E A TERCEIRA JÁ MÃE!

civil. Esta última circunstância representa extrema comodidade, por evitar perguntas escusadas: pelo porte

COSTUMES CUANHAMAS. — NÃO ERA PRECISO TER À BEIRA OS FILHOS: O PENTEADO INDICA ISSO CLARAMENTE!

do cabelo, a gente vê logo se tem na frente uma donzela ou se vê a mãe de 1, 2, 3 ou mais filhos. Tudo isto pode inscrever-se no penteado.

Daria volumes curiosos, o estudo completo do penteado indígena. Com a civilização que vamos impondo a estas gentes, tais costumes acabarão por morrer. E que interessante seria arquivarmos todas as bizarrias e significados que, em milhentos penteados, as tribos de Angola encerram!

JOSÉ MARTINS LOPES

(Nova Lisboa, 1950).

RIOS DE PORTUGAL

(Passatempo oferecido pela sr.ª D. Maria Otelinda Pinho Carneiro — Nova Lisboa — Angola)

Quais são?

1.º — Que é pronome e ave pernalta africana.

2.º — Que é vertebrado volátil.

3.º — Que é um lírio.

4.º — Que é ensejo.

5.º — Que é ponto cardeal.

6.º — Que é um tempo de verbo.

7.º — Que é pedra de lagar (plur.).

8.º — Que filtra.

9.º — Que é, popularmente, contr. de senhor.

10.º — Que não é direito.

11.º — Que olha.

12.º — Que tem paladar.

13.º — Que tem brancura.

14.º — Que pertence à raça humana.

— Ó vizinha, como foi que o seu endiabrado rapaz lhe apareceu com a cabeça partida?

— Diz ele que foi o santinho do seu filho que lha partiu com uma pedra.

GOSTOS ESTRANHOS DE CERTOS ANIMAIS

HÁ quem tenha escarnecido Esopo mas erradamente, por fazer uma raposa desejar uvas, pois em muitos pontos da França (e não só lá como também em qualquer outra parte), as raposas são perniciosas para as vinhas pela razão do desbaste que fazem naquela fruta.

Os cães são, por sua natureza, carnívoros, mas tem havido cães que nunca deixariam de roubar e comer cenouras, arrancando-as mesmo da terra, em qualquer quintal onde as encontrassem, e inúmeros outros, apreciadores de maçãs, groselhas e amoras da silva.

Muitos gatos gostam de pepino (especialmente da casca do pepino) e alguns ratos há que se tem visto consumirem com prazer aparente, pedaços de azeitonas e tomates.

Os burros são notados pelos seus gostos estranhos; muitos deles gostam de cerveja, e bem assim os cavalos.

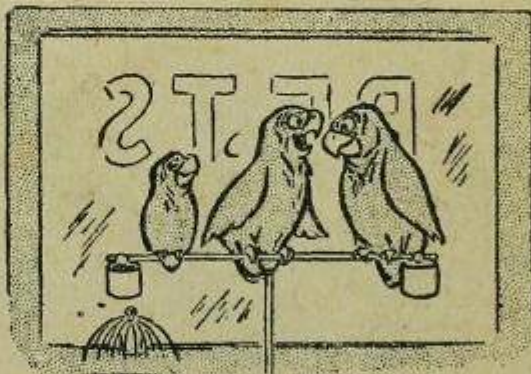
Lady Twyford, mulher dum antigo Lord Mayor, de Londres, recorda algumas secas na Austrália, em que se pagava por alto preço um litro de água vulgar. Os cavalos, sedentos, não tocavam no precioso líquido, mas depois deste ser transformado em cerveja, bebiam-no.

Tem havido quem afirme que o Homem é o único animal que aprecia bebidas alcoólicas e as bebe em excesso, mas grande número de animais são capazes de beberem até se embriagarem, se lhes derem essa oportunidade. Um cão, por exemplo, embriagou-se um dia, com cerejas em aguardente, e os caçadores furtivos, antigamente, costumavam apanhar faisões, por meio de uvas ou bagos de trigo ensopados em licor.

Constam numerosos exemplos de aves domésticas, tanto galinhas como patos, se terem embriagado com restos de pingos de cerveja e de cidra, e alguns elefantes bravos têm às vezes bebido em excesso, com resultados infelizes, de grandes vasilhas de cerveja preparada por indígenas africanos.

A Laurinha: — Sabes dizer-me porque é que uma vaca preta dá leite branco que faz manteiga amarela?

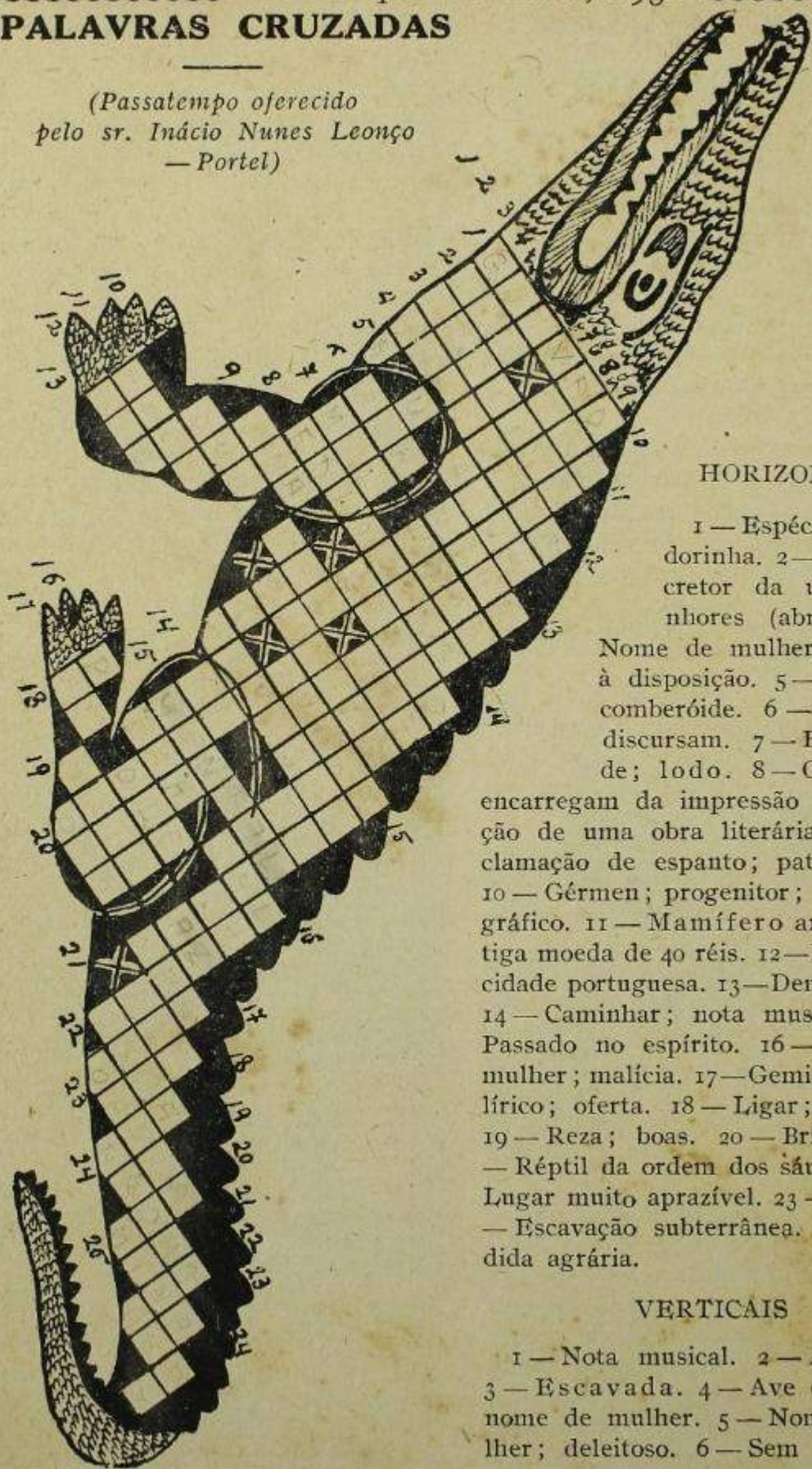
O Zeca: — Pela mesma razão porque as amoras são encarnadas quando estão verdes.

CENA DE FAMÍLIA

1.º — *A mãe:* «Ele disse hoje as suas primeiras palavras.

2.º — *O pai:* «Tome cuidado, não torne a repeti-las, hein!

(«*Tit-Bits*»).

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. Inácio Nunes Leonço — Portel)

HORIZONTAIS

1 — Espécie de andorinha. 2 — Órgão secretor da urina; senhores (abrev.). 3 — Nome de mulher. 4 — Põe à disposição. 5 — Peixe escomberóide. 6 — Fileira; discursam. 7 — Enfermidade; lodo. 8 — Os que se encarregam da impressão e publicação de uma obra literária. 9 — Exclamação de espanto; pato grande. 10 — Gérmen; progenitor; sinal ortográfico. 11 — Mamífero anfíbio; antiga moeda de 40 réis. 12 — Protecção; cidade portuguesa. 13 — Demora (pl.). 14 — Caminhar; nota musical. 15 — Passado no espírito. 16 — Nome de mulher; malícia. 17 — Gemido; poema lírico; oferta. 18 — Ligar; campeão. 19 — Reza; boas. 20 — Brincava. 21 — Réptil da ordem dos sáurios. 22 — Lugar muito aprazível. 23 — Odor. 24 — Escavação subterrânea. 25 — Medida agrária.

VERTICAIS

1 — Nota musical. 2 — Art. (pl.). 3 — Escavada. 4 — Ave de rapina; nome de mulher. 5 — Nome de mulher; deleitoso. 6 — Sem mácula. 7

— Soletrei; lá; espádua. 8 — Alberga; capaz. 9 — A parte da zoologia que trata das aves; grupo. 10 — Saciara; grande estrondo. 11 — Criava ao peito; flutuar. 12 — Compactos; data. 13 — Aromáticas. 14 — Recolhidas. 15 — Nome de homem. 16 — Juízo. 17 — Nome de letra. 18 — Velocidade. 19 — Seguir. 20 — Emissão da voz. 21 — Nota musical. 22 — Nome de mulher. 23 — Semelhança. 24 — Existes.

Passatempo zoológico

(Passatempo oferecido pelo sr. Ambrósio dos Santos — Cubal — Angola)

1.º — Qual o animal mais feroz do Brasil?

2.º — Qual o maior animal que existe actualmente?

3.º — Qual, depois do homem, o animal mais inteligente?

4.º — Qual o maior pássaro do mundo?

5.º — Qual o animal de que se extrai a lã mais fina do Mundo?

6.º — Qual o quadrúpede mais veloz?

7.º — Qual o mamífero que vive mais tempo?

8.º — Qual a Serpente mais longa do Mundo?

9.º — Qual o animal não domesticado que mais auxilia o Homem?

10.º — Qual o animal que tem pele mais cara?

11.º — Qual o animal de vida mais longa?

12.º — Qual o maior animal que já existiu?

Ramsés II, o célebre Faraó, era pai de 162 filhos — 111 rapazes e 51 raparigas.

CONFIDÊNCIA

— Ora ainda bem que casaste! Já não trazes nódoas no fato, nem botões a cair!

— Então, filho, as primeiras coisas que a Laura me ensinou, foi justamente a limpar o fato e a pregar os botões.

Hieróglifos comprimidos

(Oferecidos pelo sr. Luís António Moreira Pereira de Mello — Lisboa)

AM Escândalo OR

6
+ 10
16 Consumir

═══NAS═══

Falar Falar
Falar Falar
Falar Falar
Pensar
Pensar

Prep. Prep.

P TAS OR

A previsão do tempo na antiguidade

Antigamente, a previsão do tempo fundava-se em observações locais e quase não há país montanhoso que não possua os seus adágios meteorológicos. Assim, os atenienses reparavam se estava sereno ou nublado o cume do monte Himeto, e os romanos observavam se no Poente havia ou não havia nuvens, para avaliarem se o tempo seria sereno ou chuvoso; os judeus seguiam a mesma regra, como em geral, todos os povos do Mediterrâneo, e até mesmo Jesus Cristo disse, segundo S. Lucas: «Quando virdes que a nuvem se levanta do Poente, crêde que a chuva está próxima.»

Não significa isto, que o vento haja de soprar sempre do Poente, antes de vir a chuva; o vento dirige-se para o centro de toda a depressão, e se este centro estiver ao Poente, o vento virá do nascente e não soprará em direcção oposta senão quando a depressão se tiver afastado do nosso horizonte. Assim se explica como Zéfiro, o vento do Ocidente, tem sido sempre considerado como aquele que empurra as nuvens do céu e traz o bom tempo; por isso Lucrécio o fez arauto do Amor: «núncio de Vénus, avança o alado Zéfiro, e Flora derrama flores e perfumes no caminho de ambos»; e o próprio Homero o havia já apontado como vento dominante nos Campos Elíseos.

Também se dava antigamente, e ainda hoje o povo dá, grande importância ao aspecto que os animais oferecem conforme o tempo se apresenta mau ou bom. Do mesmo modo que os nossos aldeãos vêem um mau presságio no voar baixinho das andorinhas, na inquietação dos gatos, das galinhas ou das rãs, na inércia das abelhas, etc., assim os antigos se serviam de observações semelhantes para os seus prognósticos do

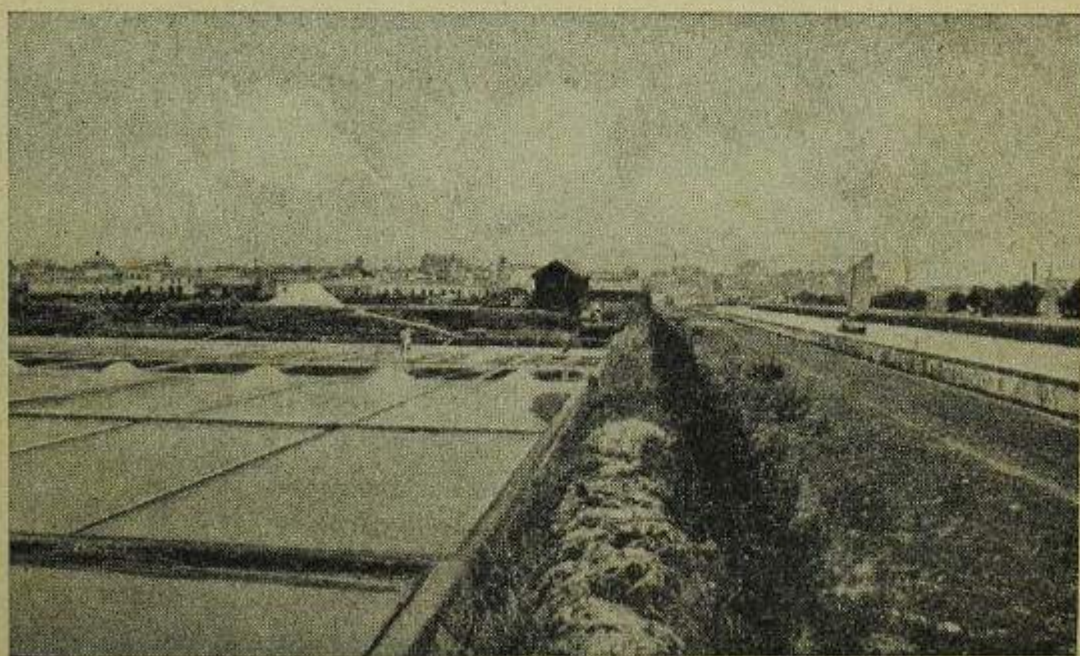
AVEIRO. — Canal central, onde vai ser construída a Ponte-Praça, que modificará o actual aspecto do canal

tempo, e Virgílio coligiu poèticamente nas «*Geórgicas*», as mais correntes do seu tempo.

Do arco-iris e da côr e forma das nuvens, se tiravam também preságios, fundados todos na experiência; assim diz um provérbio francês: «*Arc-en-ciel, de la matinée, — Du laboureur finit la journée; — Arc-en-ciel du soir, — Fait beau temps prévoir*».

Assim também dizem os italianos: «*Rosso di sera, bel tempo spera*», que é idêntico ao provérbio francês: «*rougie du matin, fait le temps chagrin, — rougie du soir, espoir*», e o mesmo que o castelhano: «*Sol puesto entre nubes rojas, quita al labrador congojas*».

As diversas formas das nuvens costumam apresentar-se na Europa, umas atrás das outras, quando se aproxima uma tempestade: primeiro aparecem longos filamentos, de vanguarda, que se chamam cirros; depois vem o esquadrão dos cirro-cúmulos, nuvens em flocos, e redondas, comparáveis a borregos, ou bolas de algodão; estes cúmulos aumentam de tamanho e densidade até se fundirem num enevoado baixo e geral que precede imediatamente a chuva, o que justifica o provérbio toscano: «*Cielo a pecorelle, acqua a catinelle*». Se é de noite, estas nuvens, precursoras da chuva, costumam estar altíssimas e são compostas de partículas tão miúdas, que a lua parece cingida por um aro de côr, um círculo violáceo e arroxeado ou esbranquiçado, à semelhança do efeito que nos produz a luz de um farol numa noite de névoa; e daí, a previsão da chuva quando este círculo lunar se apresenta.

A predicção científica do tempo faz-se hoje em todo o mundo culto, pelos Observatórios ou oficinas meteorológicas de cada país, que se acham dotadas de barómetros, termómetros, pluviómetros e mais aparelhos de observação, e estão em

AVEIRO. — VISTA GERAL E MARINHAS

correspondência telegráfica entre si e com os Observatórios do estrangeiro para comunicarem uns aos outros, duas ou três vezes ao dia, pelo menos, os resultados das suas respectivas observações, traçando as linhas isobáricas, isto é, as linhas que num mapa percorrem os pontos em que aparece a mesma pressão atmosférica, e publicando os «Boletins meteorológicos» que contêm todos os dados coligidos diàriamente.

A carta isobárica ou mapa de pressões atmosféricas varia de um momento para o outro, e é essa a causa dos prognósticos nela fundados, nem sempre sairem certos; tomados, porém, os resultados em conjunto, não há dúvida que se deu um grande passo no estudo da predicção do tempo, com o estabelecimento dos Observatórios meteorológicos e as indicações precisas das cartas isobáricas. A precisão dos dados, a soma de elementos de conhecimento que se acumulam em cada Observatório e a base científica em que se apoiam as conclusões que se deduzem das observações feitas, são firme garantia do acerto com que, em geral, se costumam hoje fazer as predicções do tempo, com fins práticos.

CICLO

Trombetas de caça,
Frescor da alvorada.
Oh cheia de graça,
Manhã transparente!
A sombra esvoaça,
A tarde já vem
E à noite se enlaça...
Meu Deus! —
Um dia que passa.

A terra nos brinda
Com fôlhas e flores.
Tão fresca! Tão linda!
Seu canto desmaia
Numa paz infinda;
Promessas embala
De frutos ainda...
Meu Deus! —
Um ano que finda.

Fui filho, sou pai,
Avô algum dia.
Das nuvens se esvai
Em gôtas a chuva
Tão límpida! Olhai:
Sob a luz de inverno
Em silêncio cai.
Meu Deus! —
O tempo lá vai...

CABRAL DO NASCIMENTO

(Do seu livro «Cancioneiro»).

A deformidade do corpo não afeia uma bela alma, mas a formosura da alma reflecte-se no corpo. — *Séneca.*

PALAVRAS CRUZADAS

(Passatempo oferecido pelo sr. António M. Dias—Quelimane —Áf. Or. Port.)

HORIZONTAIS

1 — Preposição. 2 — Folha de palmeira. 3 — Grande massa de água. 4 Medida. 5 — Gordura líquida; tempo de verbo; longe. 6 — Doença; escol. 7 — Tempo de verbo; vogal; um dos membros das aves. 8 — Nome de uma ave pernalta. 9 — Pedras de moinho. 10 — Furor. 11 — Género de batráquios (pl.).

VERTICAIS

1 — Conjunção. 2 — Nota musical (pl.). 3 — Aqui está. 4 — Ovário de peixe. 5 — Sonolência; vogal; príncipe mahometano. 6 — Interjeição; fruto. 7 Oportunidade; vogal; partes laterais das narinas. 9 — Lírio. 10 — Nome de uma letra grega. 11 — Divisão de tempo.

O maior armazém de azeite do mundo, encontra-se em Espanha. Foi construído em Lucena e tem capacidade para 5.000.000 de quilos.

AINDA HÁ MUITOS MAIS

(Passatempo oferecido por «Andes», de Cambres)

```
- - - - N - -
- - - - - - O
- M - - - - -
- - - E - - -
- - - - S -

- M - - - -
- - - A - -
- - - - S
- - - C - -
- - - U - - -
- - - L - -
- - - I - - -
- - N - - - -
- - - - O
- S - - - - -

- Q - - - - - -
- U - - - - - - - -
- - - - - E - - -

- P - - - - - -
- - - - R
- - I - - - - - -
- N - - - -
- - - - C - -
- - - - I - -
- P - - - - -
- - - - - I - - -
A - - - - -
- - M - - - -

- - E -
- - M - - - -

A - - - - - - - -
```

Trata-se de substituir os traços por letras, formando 31 nomes masculinos, todos principiando pela letra A.

UMA CAÇADA NOCTURNA

Tínhamos ido dar um passeio até às margens do rio Limpopo. Quando os indígenas viram tanto branco, acercaram-se para pedirem o favor de matar ou espantar com alguns tiros, um casal de hipopótamos que andavam assolando os campos de milho, à margem do rio.

Logo se ofereceram para tal dois dos rapazes que estavam no grupo. E pediram para os deixarem ir os dois sòzinhos, pois queriam ter a glória de matar os hipopótamos. Ao cabo de muitas instâncias e súplicas, seus pais acederam. Um dos rapazes, de nome Jaime, tinha uma irmã que logo pediu para o acompanhar, o que lhe foi concedido, e como eu era sua amiga inseparável, fui também. E enquanto toda a companhia se dirigia para casa, nós metemo-nos numa camioneta e dirigimo-nos para o local indicado pelos indígenas e onde os hipopótamos iam mais frequentes vezes.

Rompia a lua por entre o arvoredo espesso, iluminando a floresta e as águas claras do rio. Tinha chegado o momento, e aí vamos nós cheios de fé na empresa que estávamos empreendendo.

Não tardou muito que não víssemos o campo onde ùltimamente aqueles supracitados monstros costumavam ir resfastelar-se, e, em seguida, avistámos dois enormes vultos que se moviam na espessa massa do milho.

Os nossos dois camaradas, juntamente com três pretos, saltam do carro e empunham as espingardas, avançando cautelosamente em direcção ao vulto maior.

Instantes de anciedade!

Alguns minutos, e ouvem-se as detonações de cinco tiros.

O colossal hipopótamo, talvez nos arrancos da dor, desnorteou-se do rio, que era o seu leito e dirigiu-se para onde estavam os dois rapazes assim como os seus três ajudantes, enquanto o outro correu a lançar-se nas águas.

Por entre as novas detonações dos tiros, sentimos um grito agudo e intenso, e logo em seguida, o baque surdo do corpo do hipopótamo a cair no chão.

Dum pulo saltámos do carro e corremos para junto dos nossos companheiros.

Focando o local com uma potente lâmpada eléctrica ficámos aterrorizadas, ao ver o arrepiante espectáculo que se nos deparou : Entre as pernas do hipopótamo estava Jaime, sem sentidos e, do outro lado, encontrava-se o outro rapaz, preso pela gabardine. Os pretos tinham fugido.

Só quem viu espectáculo semelhante, pode compreender o que havia neste de horrível e impressionante.

Cortámos a gabardine do nosso pobre camarada, que logo se ergueu, embora cambaleante. Em seguida, fizemos todos os esforços possíveis para conseguir que Jaime recuperasse os sentidos, o que não tardou muito. Eles, depois, explicaram o caso :

O grito que nós ouvimos e nos fizera saltar do carro fôra proferido pelo Jaime quando viu o disforme e colossal vulto do hipopótamo avançar para ele ; tentou fugir mas tropeçou e caiu, o monstro passou-lhe

por cima e, por um verdadeiro milagre, não o pisou, caindo logo em seguida. Ele então, perdeu os sentidos O outro rapaz, vendo o companheiro em perigo, correu em seu auxílio, mas não sabe como explicar, deu uma volta, caiu e ficou preso pela gabardine, pois foi nesse momento que ó hipopótamo tombou.

Tinhamos chegado a este ponto da explicação do que sucedera quando, nisto, o monstro moribundo soltou um urro pavoroso. Jaime ficou visivelmente excitado, enquanto sua irmã, dando-lhe uma crise nervosa, começou a chorar convulsivamente e o outro companheiro, com o susto, se desequilibrou e caiu. Eu, naquele momento, era a mais animosa. Peguei numa espingarda e disparei à queima-roupa sobre a cabeça do hipopótamo que não mais se mexeu. O urro soltado fôra o último arranco de vida.

Em seguida, serenados os ânimos, dirigimo-nos para casa. Ao sairmos da camionete, à porta, tendo eu ficado um pouco para traz, quando penetrei na sala encontrei a minha amiga e os companheiros nos braços das suas respectivas mães, a quem estavam contando a proeza, enquanto elas, com beijos e carícias, os iam ouvindo.

Só eu, pobre infeliz, não tinha mãe que me acariciasse e ouvisse, e, sem forças sobre mim própria, deixei-me cair para cima duma cadeira a soluçar.

Contrastes da vida, lei vital do mundo!

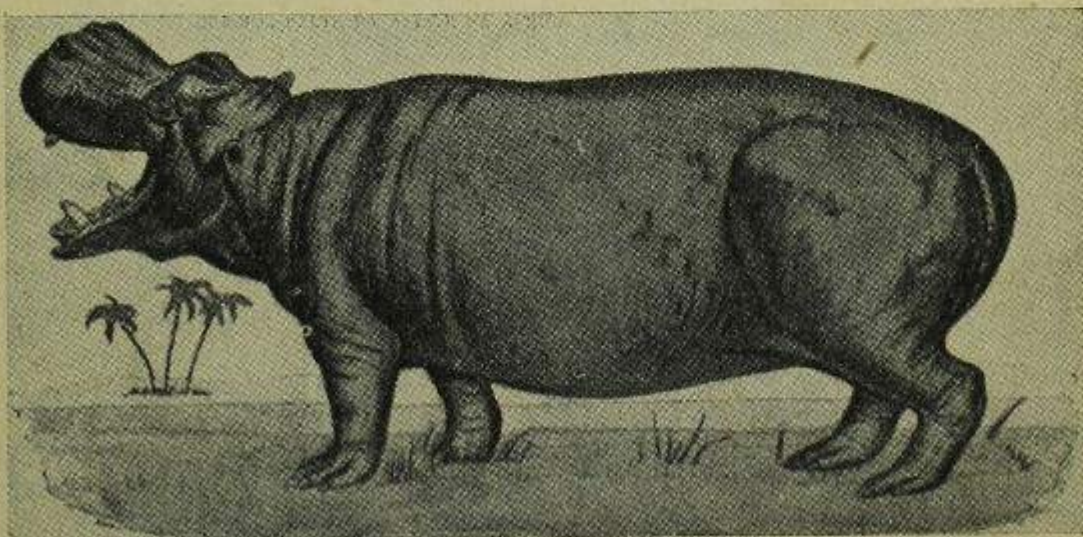
Eu, que ante o urro dum hipopótamo agonizante, não perdera o ânimo, perdia-o agora ante a vista de maternais expansões de ternura. É que eu também tivera mãe, assim boa e carinhosa e agora já a não tinha, e por isso, chorava com saudades dela e com pena de mim.

Mianga — Moçambique.

NANA

Os nómadas da Lapónia matam e consomem 40 veados por cabeça, por ano.

❋

O *aptérix*, pássaro noctívago de Madagascar, Nova-Zelândia, etc., é a única ave que não tem asas.

HIPOPÓTAMO

SALTO DE CAVALO

(Passatempo oferecido pelo sr. Homero José Barbosa — Cabo Verde)

de	tug	te	Gr *	ta	e é	qu	mer
s	te	s	por	la,	as	br	ia
uês! **	n	re	s	an	e	cês	s,
s	Ca	de	no	is	vó	tr	e,
Co	ça	va	ce	do	em	ra	de
de	as	s	s	la,	ma	al	Pá
a	l	be	Le	ama	pu	qu	e
i	ão	gr	sa	e	be	a	ma

Partindo da casa assinalada por uma estrelinha * e percorrendo a salto de cavalo todas as casas do tabuleiro, terminando na casa assinalada por duas estrelinhas **, obtém-se uma oitava de Afonso Lopes Vieira, além de um desenho bastante simétrico.

O casamento é uma espécie de fortaleza sitiada: os que estão de fora querem entrar, e os que estão de dentro, almejam por sair. — *Alexandre Dumas.*

Ninguém ama uma mulher porque ela tenha tal ou tal idade, porque ela seja bonita ou feia, espirituosa ou estúpida : ama-se, porque se ama. — *Balzac.*

Allah é grande, mas...

ESTAVA um velho árabe, Mohammed Mustapha, a meditar na grandeza de Allah, à sombra de uma palmeira, gozando a fresca brisa que, ao entardecer, enruga as águas do Mar Vermelho, quando uma onda lhe arrojou aos pés uma garrafa com importante mensagem de longínquas terras. O bom velho leu a mensagem, escrita em sete línguas, e viu que ela procedia dos Serviços Hidrográficos da Marinha dos Estados Unidos, como elemento de estudo das correntes oceânicas. Seguindo as instruções nela contidas, Mohammed montou seu pachorrento camelo e foi entregar o achado ao cônsul americano da cidade mais próxima, que lhe agradeceu, prometendo-lhe a devida recompensa. Efectivamente o velho recebeu daqueles Serviços Hidrográficos qualquer coisa que ele julgou tratar-se da maior nota dos Bancos de todo o mundo.

Logo rojou a face encarquilhada pela areia escaldante, humilhando-se ante o gesto magnânimo de Allah e, pensando já na vida esplêndida e sumptuosa que iria levar, marchou a cambiar a «nota», a qual não passava, afinal de contas, de um excelente mapa colorido, sem qualquer valor para o cambista.

—Mas isto foi uma dádiva de Allah!

— Sim, sim! Allah é grande — respondeu o cambista — mas pouco generoso para os homens muito ambiciosos...

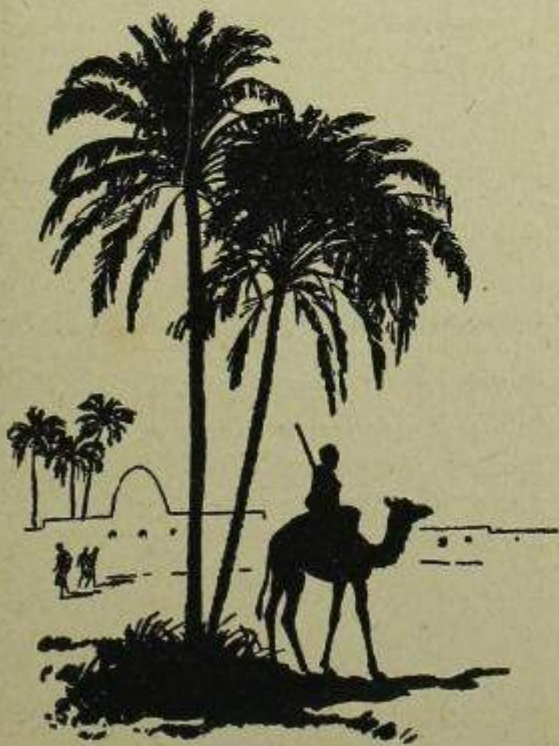
E o pobre Mohammed, desiludido, lá foi dormitar, outra vez, à sombra da palmeira.

A floresta petrificada do Arizona, nos Estados Unidos da América do Norte, estende-se por uma superfície de 16 quilómetros quadrados, mostrando numerosos troncos de árvores, uns esmigalhados, outros em pedaços, outros em blocos destacados. O tronco mais bem conservado tem 33 metros de comprimento. Supõe-se que esta petrificação se tivesse realizado na época triássica, e que, muito mais tarde, devido a convulsões vulcânicas, a região sofresse um gigantesco impulso, que a tenha feito levantar, aparecendo, então, os troncos petrificados.

❋

Um labrego traz uma carta de recomendação para ser colocado na cidade. Quando entregou essa carta, perguntaram-lhe:

— É «por necessidade» que veio para Lisboa?

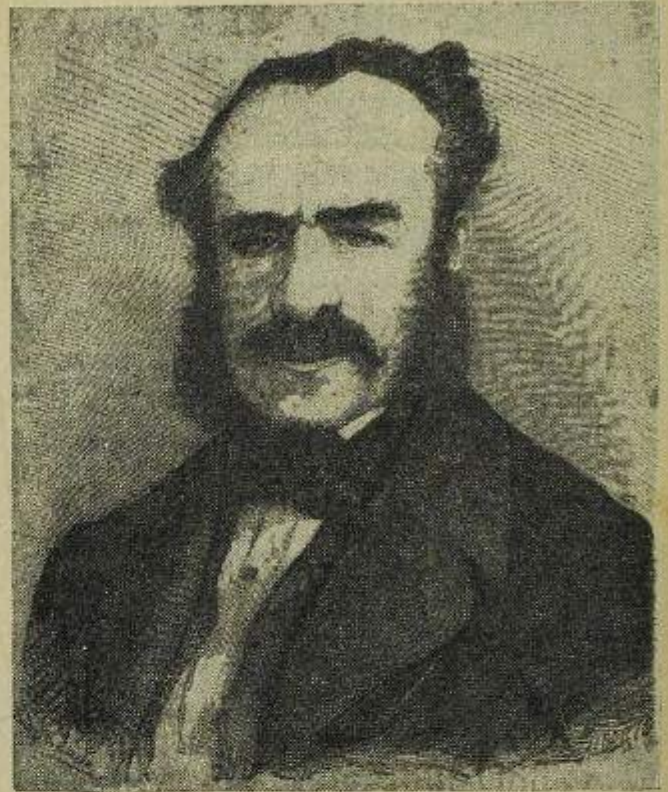
— Não senhor, venho «por dinheiro»; necessidade já eu tinha sem ser preciso sair da minha aldeia.

O Conde de Farrobo e o Teatro das Laranjeiras

Conde de Farrobo

Os raros de hoje que ainda conheceram o conde de Farrobo, recordar-se-ão acaso dele, tal qual nós o vimos pela primeira vez numa época de luto nacional; — meã estatura de homem, aprumado e firme no andar, ainda que sensìvelmente tombado para o lado direito. A fronte larga e nobre, riçada a pôpa, o olhar amortecido, farto bigode mas curto, sombreando o lábio nunca descerrado, tudo condizia com as feições marmóreas, severas, impenetráveis que se lhe emolduravam nas aparadas «favoritas».

Começavam, então, os dias tristes e desconsolados deste homem que tantas alegrias tinha sabido despregar em torno a si, mercê do apurado gôsto com que lhe fadara o berço a fortuna; mercê do nobre carácter que tão bela aliança fizera com ela!

Começavam os revezes, é certo, mas começava igualmente a indiferença — peor que a indiferença — a ingratidão, que, mais que os mesmos transtornos da vida, ulcerava, dolorosa, o nobre e altivo carácter do conde de Farrobo!

Sofria ele, porém, tudo, os revezes da sorte e a versatilidade dos homens, com a mais imperturbável coragem. Em seu rosto frio e impassível ninguém era capaz de ler nem um só dos íntimos amargores que lhe dilaceravam a alma. Os sucessivos rebates da decadência, cavando pressurosos o abismo em que se afundava a «riqueza do Quintela», recebia-os ele com a mesma fleugmática conformidade aparente, com que, diz-se, queimava outrora, à luz da vela da mesa de jogo, uma nota de Banco, amachucada em archote, para ajudar um parceiro a achar «um pinto» que se lhe escapara da mão, rolando para a alcatifa... [1]

A 10 de Setembro de 1862, no Farrobo, sentara-se o conde à mesa do jantar, em meio da numerosa família e aderentes que o rodeavam.

Haviam-se servido os primeiros pratos, quando um criado se aproximou do dono da casa, trazendo um telegrama numa salva de prata.

[1] Ouvi que outros atribuiram a *partida* ao Marquês de Niza, que bem capaz era dela, ainda que por diferente incentivo.

Abriu-o, vagaroso, o conde; leu-o, dobrou-o e tornou a introduzi-lo, pausadamente, no sobrescrito, pondo este sob o guardanapo.

Nem um músculo do rosto se lhe contraíra, nem um gesto de surpresa, nem um movimento mais pressuroso, sequer.

Ninguém dizia palavra.

Por aqueles dias convulsos de más novas, cada missiva que chegava era o pânico, era o terror para toda a família. Nem uma só pessoa, porém, ousava interrogar o dono da casa ainda que no espírito de todos tivesse entrado o pressentimento de um desastre mais...

Continuou o jantar. O conde recomeçou, frio e impenetrável, a interrompida conversação, e a série de pequeninos epigramas levemente cáusticos com que, a espaços, a matizava.

Pouco a pouco, foi-se restabelecendo a confiança, um instante dolorosamente alvoroçada. Generalizou-se a tonalidade natural do espírito, e chegou-se, enfim, ao termo do jantar sem maior acidente.

Serviu-se o café.

O chefe da família acendeu pausadamente um charuto, saboreou gole a gole a perfumada bebida, e, quando, vendo-o levantar-se todos iam imitá-lo, em rumorosa debandada:

— Um momento! — disse.

Fez-se silêncio.

— Traz-me este telegrama, — continuou sereno e firme — uma notícia triste. — Ardeu, a noite passada, o teatro das Laranjeiras.

Dito isto com a costumada fleugma, o Conde de Farrobo cumprimentou a companhia, e saiu da sala de jantar, deixando todos os presentes como é fácil de supôr.

GOMES DE BRITO

Hieróglifos comprimidos

(Oferecidos pelo sr. Manuel Alberto Pinto de Almeida Carneiro—Alhadas de Baixo — Figueira da Foz).

Aqui nota lo fortaleza alvo

Luta jun conj. enguia

Apelido prep. nota batráquio da

Gosta fala prep. g lição

Aquilo a que, em literatura, se chama geralmente *estilo fácil*, é exactamente o estilo mais difícil de produzir.

Pegar numa ideia complicada, desembaraçá-la de toda a rama metafísica que a envolve, e apresentá-la ao público com nitidez de estátua, tornando-a, por assim dizer, visível a todos os olhos, isto é, acessível a todas as inteligências — é realizar a suprema expressão na arte de escrever. — *D. Alberto Bramão.*

❋

As verdades que menos se gosta de ouvir, são aquelas que mais importa saber.

LONGE DE TI

Longe de ti, se escuto, porventura,
Teu nome, que uma boca indiferente,
Entre outros nomes de mulher murmura,
Sobe-me o pranto aos olhos, de repente...

Tal aquele que, mísero, a tortura
Sofre do amargo exílio, e tristemente
A linguagem natal, maviosa e pura
Ouve, falada por estranha gente...

Porque teu nome é para mim o nome
De uma pátria distante e idolatrada,
Cuja saudade ardente me consome:

E ouvi-lo é ver a eterna primavera
E a eterna luz da terra abençoada,
Onde, entre flores, teu amor me espera.

OLAVO BILAC *(bras.)*

O amor, assim como o dinheiro, é feito para se despender. — *Paul Géraldy.*

A infelicidade das pessoas sonhadoras está em que a força dos seus pensamentos aumenta com a cegueira do seu espírito. — *Máximo Gorki.*

Uma alegria tumultuosa anuncia uma felicidade medíocre e breve. — *Plutarco.*

❋

Nada é eterno neste mundo, nem as inimizades, nem as alianças. — *Crispi.*

❋

As coisas vos parecerão aquilo que quiserdes que elas sejam. — *Anaxágora.*

❋

Só as mulheres e os médicos sabem quantas mentiras são necessárias para bem dos homens. — *Anatole France.*

S. PAULO — BRASIL. — MUSEU DO IPIRANGA.
(Foto oferecida pelo sr. João T. de Almeida — Botucatu — S. Paulo — Brasil)

O amor, túnica esplendorosa, tem um forro hediondo —o ciúme.—*D. Alberto Bramão.*

❋

A felicidade vem a troco de lágrimas. — *Camilo Castelo Branco.*

❋

Em questão de conquistas, as mulheres são, talvez, mais insaciáveis que os heróis. — *M.me Necker.*

❋

O amor desculpa muitas coisas; o amor próprio, nenhuma. — *P. de Kock.*

❋

Pela distinção das coisas que cercam uma pessoa, se pode avaliar a distinção dessa própria pessoa. — *Ed. de Goncourt.*

DESPEDIDA

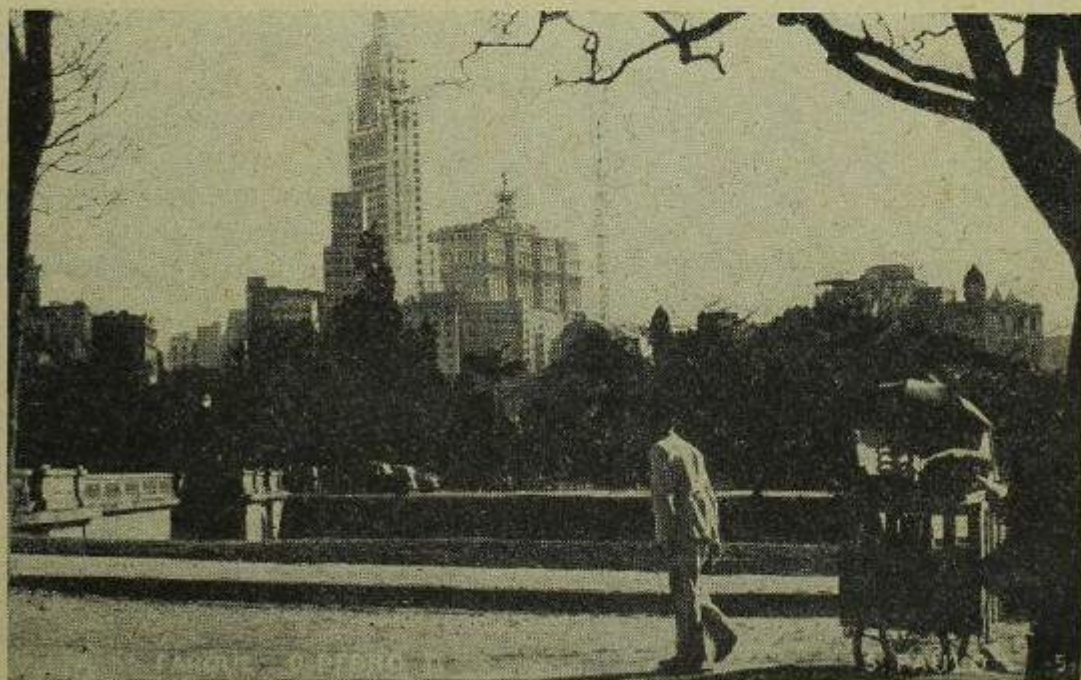
Lúcia teve um desmaio no momento
Em que Anfriso partiu! a loira Alice,
De Antenor despedindo-se, lhe disse:
«Vai, que contigo vai meu pensamento!»

Fez Júlia a Artur um grave juramento;
E Amélia, num acesso de doidice,
Protestou que, se a Alfredo não mais visse,
Não na veriam mais, que num convento!

Tu não! Nem dêsse olhar o azul celeste
Desmaiou; nem de frases prévio estudo,
Como as outras fizeram, tu fizeste;

Quando eu parti, teu lábio esteve mudo;
Tu, formosa Leonor, nada disseste,
Mas, sem nada dizer, disseste tudo!

RAIMUNDO CORREIA *(bras.)*

Uma mulher *coquette* pode muito bem ser virtuosa mas nunca é inocente. — *M.me Cottin.*

S. PAULO — BRASIL. — PARQUE D. PEDRO II.
(Foto oferecida pelo sr. A. Giffoni, filho)

Alguns apontamentos sobre Puccini

Nestas linhas relativas ao célebre autor da «Tosca» mostram-se algumas facetas do seu carácter e outras particularidades da sua vida.

Puccini era um espírito aberto à mais efusiva cordialidade, alegre, lhano, bondoso para com todos que o rodeavam, que era o mesmo que dizer, que o estimavam.

Gíácomo Puccini

Gostava de fazer *partidas*, com a ingénua travessura dum rapazito, e de gracejar com os amigos.

Não influía absolutamente nada, no seu carácter, a glória dos triunfos alcançados. «Não pesava sobre ele a fama», como disse um dos seus biógrafos.

Para trabalhar, não necessitava, como outros, de grandes preparativos e aparato. Muitas vezes, ao voltar da caça, largava os respectivos apetrechos e, sem mudar de roupa, com o pó trazido do campo, ainda, sentava-se ao piano, enquanto a sua comitiva se entretinha, no mesmo aposento, a conversar e comentar ruidosamente os incidentes da caçada, sem prestar atenção alguma ao maestro. Este, com as mãos sobre as teclas, compunha alguma das suas admiráveis melodias, levantando, de vez em quando, a mão direita para pegar no lápis, que sustinha na boca, e escrever umas notas sobre a pauta. Em certos momentos voltava-se, para pedir aos amigos:

— Estejam calados, um instante, sim?

Terminada a composição, juntava-se-lhes, tomando parte na conversa. De quando em quando, durante esta, punha-se a cantarolar alguns trechos musicais, que acabava de compor. Acontecia, porventura, algum dos amigos presentes acompanhá-lo no canto, desafinando fortemente, o que obrigava Puccini a voltar o rosto com gesto graciosamente terrorífico e exclamar: — «Silêncio! Profanação!»

A simplicidade da sua arte era a

sua própria simplicidade; a sua arte reflectia como um espelho, o carácter, o temperamento, a alma do maestro.

O segredo dos êxitos de Puccini residia na sinceridade.

Era incapaz de escrever uma nota, se não estivesse persuadido de que essa nota era bem musical. Às vezes, durante a composição duma ópera fazia uma paragem de um, dois, dez dias e até de semanas e meses. Em princípio, sem saber porquê. Mas era sem dúvida alguma, por ter esbarrado naquele ponto em que se detivera, com qualquer coisa ilógica, falta de gosto, não sincera. Uma vez resolvida a dificuldade, o maestro reatava o seu trabalho.

Tinha um instinto teatral preciso, claro. A sua música não deslustra nunca as situações dramáticas.

Quando o víamos pela primeira vez dava a sensação de ser um homem frio, reservado. Isto obedecia apenas à sua timidez. Em se tendo, com ele, um pouco de trato, vencida essa timidez, a sua efusiva cordialidade manifestava-se e, então, com todos os seus defeitos e virtudes (que ninguém é perfeito), Puccini adquiria a estima e o apreço de toda a gente.

E o mesmo sucedia com a sua música. Se exceptuarmos a «Manon», nenhuma outra das suas óperas teve na primeira representação, um êxito estrondoso; antes pelo contrário.

Depois da estreia da «Bohème», foi ele, ùnicamente, quem insistiu para que ela se tornasse a pôr em cena, alegando que, apesar da frieza com que o público a tinha acolhido, era uma ópera destinada a viver muito tempo. O mesmo aconteceu com a «Tosca», a qual, na sua estreia, foi deslizando por entre a frieza dos espectadores até chegar ao *«lucean le stelle»*, em que os aplausos romperam, calorosos.

E tratava-se das suas duas obras mais afamadas.

PILHA DE PALAVRAS

(Passatempo oferecido pela sr.ª D. Lucinda G. da Cruz e Silva — Revue — Af. Or. Port.).

1	M	A	L	V	A	D	O
2	A	G	R	A	D	A	R
3	A	M	I	S	A	D	E
4	A	L	I	C	A	T	E
5	A	L	F	O	B	R	E
6	M	A	L	D	A	D	E
7	G	E	R	A	L	D	A
8	M	I	N	G	U	A	R
9	M	I	L	A	G	R	E
10	F	I	A	M	B	R	E
11	S	A	R	A	M	P	O

1 — Perverso.
2 — Ser benquisto.
3 — Afecto.
4 — Ferramenta.
5 — Viveiro.
6 — Ruindade.
7 — Nome de mulher.
8 — Escassear.
9 — Poder divino.
10 — Carne fria.
11 — Doença.

Resolvido este passatempo encontrar-se-á na coluna central o nome dum grande navegador português.

Um príncipe músico

O duque Maximiliano passava por ser o melhor tocador de cítara, da Baviera. Um dia, agarrou no instrumento e foi passear sòzinho para o campo. Parou num sítio pitoresco, e sentado sobre uma pedra, no meio de espesso arvoredo, pôs-se a tocar como um pastor de Virgílio ou de Teócrito.

Dois camponeses, atraídos pelo som do instrumento, chegaram até próximo dele e disseram-lhe:

— Hás-de vir connosco. A pousada não fica longe e te pagaremos a cerveja.

— Como quiserem — respondeu o músico, e pôs-se a caminho com eles.

Chegados à pousada, sentaram-se todos em volta da mesa e enquanto se lhes servia a cerveja espumosa, convidaram o músico a tocar.

Ele assim fez durante um bom bocado, até que se levantou e lhes disse:

— Tenho precisão de me ir embora. Esperam-me em Munich antes da hora do jantar

— Mais uma peça — diziam-lhe; — a *Valsa de Maximiliano.*

— Se tocares a *Valsa de Maximi-*

CONFIDÊNCIAS

Elsa: — Desconfio que o Raul já me não ama como dantes.
Lídia: — Porque é que julgas isso?
Elsa: — Ora, ele costumava dizer que eu valia bem o meu peso, em oiro, e...
Lídia: — Então, filha, é que tu agora não estás tão gorda como eras, bem vês!

(«Tit-Bits»).

liano, — disse um dos mais entusiastas, — damos-te oitenta cêntimos.

— Oitenta cêntimos? Deveras? — perguntou o músico com o maior interesse.

— Está dito. Ei-los aqui.

E colocaram o dinheiro em cima da mesa.

O príncipe tocou a valsa, apanhou as moedas e saiu.

Entrava nesse momento o hospedeiro e, ao vê-lo ir-se embora, disse aos camponeses:

— Sabem quem é aquele?

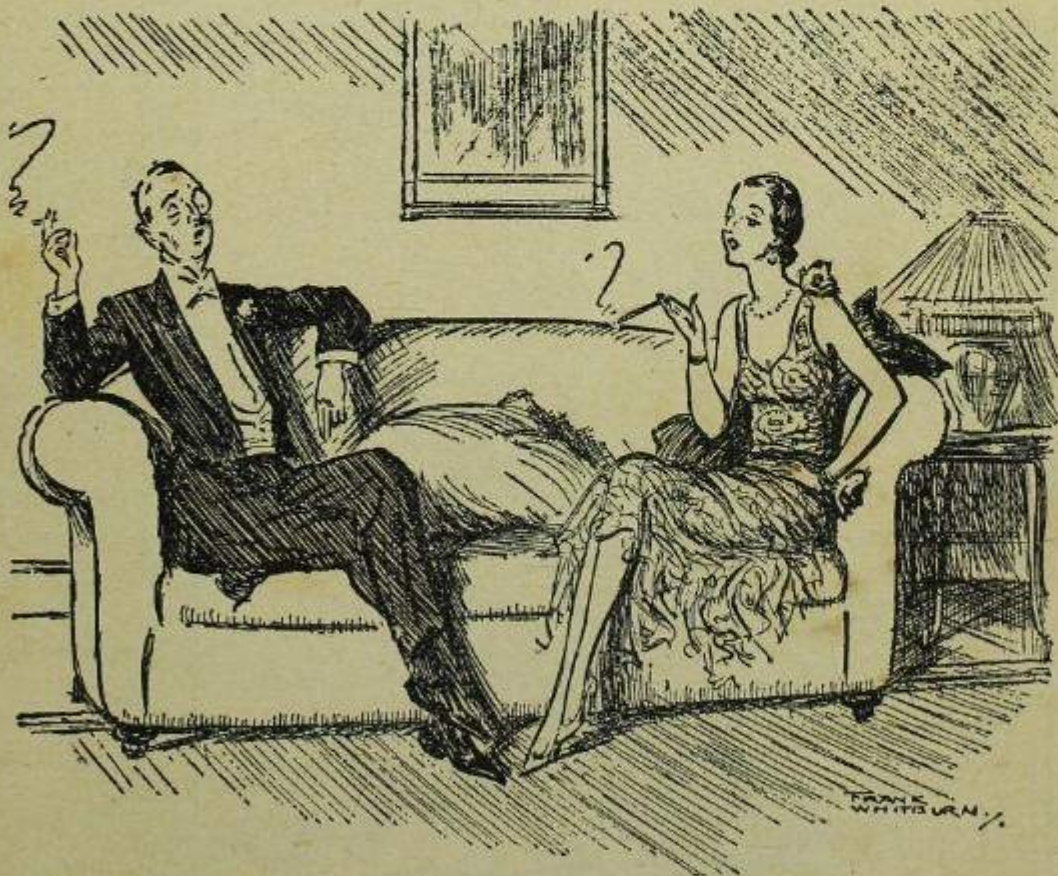
— Um grande músico, com certeza.

—O duque Maximiliano, em pessoa.

Sairam a correr, e quando alcançaram o príncipe, ajoelharam-se-lhe aos pés, pedindo mil perdões, e dando-lhe toda a sorte de desculpas.

— Não tenho nada a desculpar — respondeu Maximiliano. — Proporcionaram-me um bocado de prazer, e enquanto a devolver os oitenta cêntimos, não pensem em semelhante coisa. Quero guardá-los porque é o primeiro dinheiro que ganhei na minha vida.

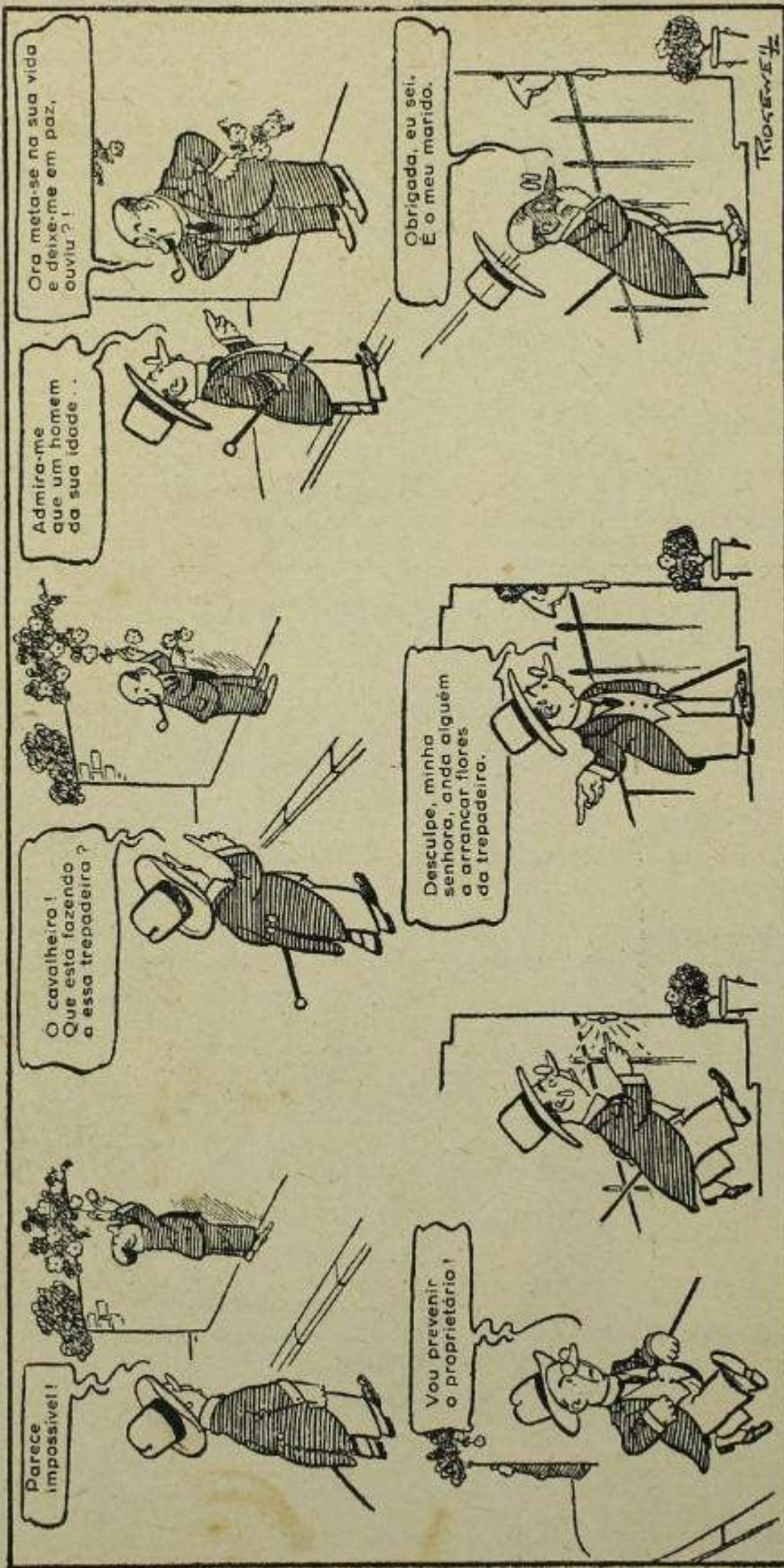
A constância no amor é apenas, para certas mulheres, o intervalo que separa duas fantasias.—*Marquês de Hernouville.*

PARVOÍCE CONFIRMADA

Ele (extremamente presumido): — Graças a Deus, ainda nenhuma mulher fez de mim um parvo.

Ela (mostrando-se interessada): — Então diga-me: quem foi?

(«London Opinion»).

IR BUSCAR LÁ...

(«Tit-Bits»).

Entre juízes:

— Aquele advogado F... tem uma bela voz.

— E que dicção!...

— Não grita nunca...

— É verdade, ouve-se o arrazoado... todo de um sono.

Dizia um deputado a um seu colega:

— O meu amigo nunca abriu a boca na Câmara.

— Engana-se — respondeu este, — os seus discursos produzem-me sempre esse efeito.

Num baile:

— Quantos anos dás tu à viscondessa?

— Eu não lhe dou nenhum, nem quero dar-lhe.

— Então, porquê?

— Ora! Tomara ela que lhos tirem!

Máximas a adivinhar

(Solução ao passatempo de pág. 296 do «Almanaque» para 1950)

1.ª — A calúnia provoca a ira de Deus.

2.ª — Espera de teus filhos o que a teus pais fizeres.

3.ª — Procura sempre refrear a ira.

Provérbios a adivinhar

(Solução ao passatempo de pág. 282 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Homem honrado antes morto que injuriado.

2.º — Faze tu bem, não cates a quem.

3.º — Ninguém vive contente com a sua sorte.

4.º — Segue a formiga, se queres viver sem fadiga.

Passatempo filatélico

(Solução ao passatempo de pág. 263 do «Almanaque» para 1950).

1 — França.
2 — Brasil.
3 — Portugal.
4 — Itália.
5 — Chile.
6 — Itália.
7 — Colombia.
8 — Portugal.
9 — Egipto.
10 — Portugal.
11 — Brasil.
12 — Irão.
13 — Marrocos (protectorado espanhol!).

Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 126 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Salamaleques.
2.º — Reviravolta.
3.º — Chove a potes.
4.º — Praia da Rocha.
5.º — Antropófago.
6.º — Sinónimo.
7.º — Escudos, dólares e liras.
8.º — Hilaridade.

Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 167 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Sai tudo às avessas.
2.º — Médico interno dos hospitais.
3.º — Uso externo.
4.º — Solavanco.

Era só isso, mais nada...

O polícia: — Não tens aí uma escova, Joaquina? As minhas mangas estão todas brancas de farinha...

A cozinheira: — Sempre és muito esquisito, homem! Olha lá, e isso que importa, se vais, daqui, já para o serviço?...

(«Windsor Magazine»)

Hieroglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 129 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Casado.
2.º — Diário.
3.º — Garrafa.
4.º — Versado.
5.º — Porto Alegre.
6.º — Florido.
7.º — Rolar.
8.º — Remédio.

Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 133 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Rezai.
2.º — Severa.
3.º — Amando.
4.º — Jaz.
5.º — Chorando.

Charadas combinadas

(com o conceito)

(Solução ao passatempo de pág. 86 do «Almanaque» para 1950)

I — Maluco.
II — Corada.
III — Corrida.

Mulher que namora dois,
Tem juízo, com certeza;
Se se lhe apaga uma vela
Ainda lhe fica outra acesa.

CÂNDIDO DE FIGUEIREDO

❋

Não há cortesã que minta tão bem como a esperança. — *V. Cherbuliez.*

Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 309 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Dá cá, toma lá.
2.º — Dividir ao meio.
3.º — Falsete.
4.º — Desigual.
5.º — Facilidade.
6.º — Coração.
7.º — Essencial.

Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 174 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Barbeiro de Sevilha.
2.º — Trovador.
3.º — Pés de lã.
4.º — Ponta Delgada.

Que terras angolanas são?

(Solução ao passatempo de pág. 173 do «Almanaque» para 1950)

a) — Nova Lisboa.
b) — Moçâmedes.
c) — Sá da Bandeira.
d) — S. Paulo de Luanda.
e) — S. Filipe de Benguela.
f) — Silva Porto.
g) — Vila Luso.

Passatempo simples

(Solução ao passatempo de pág. 87 do «Almanaque» para 1950)

Da minha janela à tua
Vai um salto de uma cobra.
Quem me dera já chamar
À tua mãe minha sogra.

Passatempo comercial

(Solução ao passatempo de pág. 247 do «Almanaque» para 1950)

Rollex	relógios suíços
Sunlight	sabão inglês
Coty	perfumes franceses
Morris	autos ingleses
Cadillac	autos americanos
Skoda	máquinas e autos da Checoslováquia
Pears	sabão inglês
Brandão	conservas portuguesas
Camel	cigarros americanos
Erickson	acessórios de telefones suecos

Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 314 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Bola ao centro.
2.º — Tivoli.
3.º — Aposentar.
4.º — Soberania.
5.º — Marinha Grande.

Provérbios a adivinhar

(Solução ao passatempo de pág. 262 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Grão a grão enche a galinha o papo.

2.º — Do prato à boca se perde a sopa

3.º — Quem quer vai, quem não quer manda.

4.º — Gato escondido com o rabo de fora.

5.º — Os rios correm para o mar.

6.º — Mais vale ser do que parecer.

7.º — Comida feita, companhia desfeita.

Hieroglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 197 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Milagrosa.
2.º — Serpa Pinto.
3.º — Panorama.
4.º — Metrologia.
5.º — S. Salvador.

Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 263 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Tira-linhas.
2.º — Pingente.
3.º — Àsperamente.
4.º — Forasteiro.

Provérbios a adivinhar

(Solução ao passatempo de pág. 85 do «Almanaque» para 1950)

1.º — De noite todos os gatos são pardos.

2.º — Quem com ferros mata, com ferros morre.

3.º — Longe da vista, longe do coração.

4.º — Os amigos são para as ocasiões.

5.º — Para grandes males, grandes remédios.

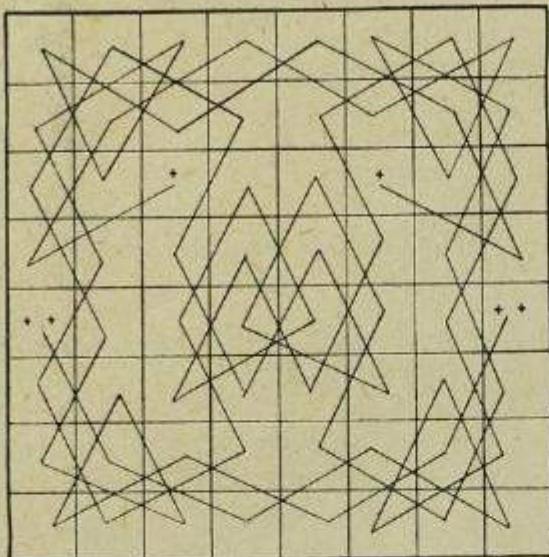
6.º — Amor com amor se paga.

7.º — Por bem fazer, mal haver.

O marido: — Mas que estravagância! Tens dois chapéus para dizerem com esse único vestido.

A mulher: — Ah! não; o que eu tenho é só um vestido para dizer com os dois chapéus.

SALTO DE CAVALO

(Solução ao passatempo de pág. 154 do «Almanaque» para 1950)

Amor com brandas mostras aparece;
Tudo possível faz, tudo assegura;
Mas logo no melhor desaparece.

Estranho mal! Estranha desventura!
Por um bem, que desfalece,
Um bem aventurar, que sempre dura.

LUÍS DE CAMÕES

Há mulheres bonitas que talvez preferissem ser feias se se lembrassem que haviam de envelhecer. — *Guerra Maio.*

Passatempo geométrico (I)

(Solução ao passatempo de pág. 276 do «Almanaque» para 1950)

E**S**FERÓIDE
CUB**O**
PARA**L**ELIPÍPEDO
OV**Ó**IDE
CILIN**D**RO
C**O**NE
ICO**S**AEDRO
GLOBO
OCTA**E**DRO
PARAB**O**LÓIDE
PIRÂ**M**IDE
ROMBO**E**DRO
TE**T**RAEDRO
TO**R**O
PR**I**SMA
DODE**C**AEDRO
GE**Ó**IDE
ELIP**S**ÓIDE

Passatempo geométrico (II)

(Solução ao passatempo de pág. 277 do «Almanaque» para 1950)

F**L**EXA
OBL**Í**QUA
HIPOTE**N**USA
HORIZONTAL
PAR**A**LELA
SECANTE

DIA**G**ONAL
TANG**E**NTE
AP**O**TEMA
DIÂ**M**ETRO
HIP**E**RBOLE
CA**T**ETO
CO**R**DA
MED**I**ANA
AR**C**O
ALTURA
BI**S**SETRIZ

Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 212 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Antero.
2.º — Óscar.
3.º — Sobreiro.
4.º — Desafio.
5.º — Antagónico.
6.º — Livramento.

Pilha de palavras

(Solução ao passatempo de pág. 167 do «Almanaque» para 1950)

1	m	a	J	o	r
2	c	h	O	r	o
3	j	o	A	n	a
4	t	r	O	v	a
5	a	r	D	i	l
6	t	r	E	v	o
7	a	n	D	r	e
8	a	r	E	a	l
9	d	e	U	s	a
10	c	e	S	a	r

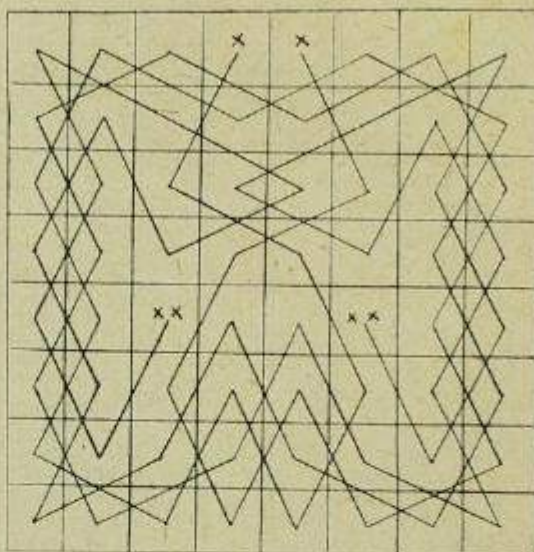
METAIS E METALÓIDES

(Solução ao passatempo de pág. 253 do «Almanaque» para 1950)

FÓS**F**ORO
F**E**RRO
B**R**OMO
OXIGÉ**N**IO
CA**L**CIO
NÍQUEL
RA**D**IO
HIDROG**É**NIO
AR**S**ÉNIO

MER**C**ÚRIO
AZ**O**TE
POTA**S**SIO
PLA**T**INA
PR**A**TA

SALTO DE CAVALO

(Solução ao passatempo de pág. 227 do «Almanaque» para 1950)

Altas horas da noite ela vagueia...
E ao luar suavíssimo, que anseia,
Põe-se a falar de tanta coisa morta!

O luar ouve a minh'alma, ajoelhado,
E vai traçar, fantástico e gelado,
A sombra de uma cruz à tua porta!

FLORBELA ESPANCA

(Do «Livro de Soror Saudade»).

Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 208 do «Almanaque» para 1950)

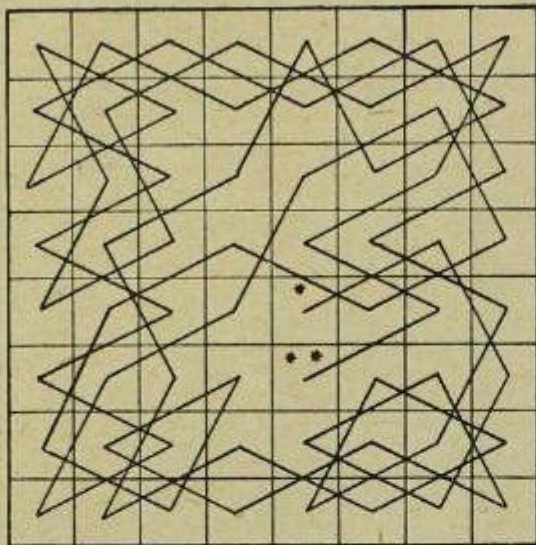
1.º — Lourdes.
2.º — Estou entre a cruz e a caldeirinha.

Charada combinada

(Solução ao passatempo de pág. 64 do «Almanaque» para 1950)

Marechal Carmona.

SALTO DE CAVALO

(Solução ao passatempo de pág. 181 do «Almanaque» para 1950)

Sonho que sou um cavaleiro andante.
Por desertos, por soes, por noite escura,
Paladino do amor, busco anelante
O palácio encantado da Ventura!

«O PALÁCIO DA VENTURA».

ANTERO DE QUENTAL

Frases cortadas ao meio

(Solução ao passatempo de pág. 194 do «Almanaque» para 1950

1) Lisboa é a capital (5) de Portugal.

2) John Bull é (4) a alcunha do povo inglês.

3) Luís de Camões é (2) o autor dos *Lusíadas.*

4) D. Pedro I foi (6) o oitavo rei de Portugal.

5) Helvétia foi o primitivo nome (1) da Suíça.

6) Leonardo de Vinci foi (3) rival de Rafael.

7) A lua é (8) 49 vezes menor do que a terra.

8) A preguiça é (7) um dos 7 pecados capitais.

9) O boabab (10) é um verdadeiro monstro.

10) A espartaria (11) é originária da Espanha.

11) O para-raios (12) foi inventado por Franklin.

12) O «Almanaque Bertrand» (9) é o melhor do mundo.

Passatempo africano

(Solução ao passatempo de pág. 219 do «Almanaque» para 1950)

GATO BRAVO
ESQ**U**ILO
H**I** POPÓTAMO
O**N**ÇA
L**E**ÃO

TÂ**M**ARA
TANGER NA
ANA**N**AZ
PIN**H**A
M**A**NGA

BALAN**T**A
PAP**E**L
SA**R**ACULÉ
B**R**AMES
FUL**A**

MA**N**SOA
BISS**A**U
BAFA**T**Á
SON**A**CO
BO**L**AMA

Não há nada mais nauseativo do que o tom dogmático com que certas pessoas afirmam o que presumem saber. Newton costumava dizer: — *Parece-me.*

PRAIAS DE PORTUGAL

(Solução ao passatempo de pág. 79 do «Almanaque» para 1950)

PENICHE
ESTO**R**IL
C**A**XIAS
ER**I**CEIRA
C**A**SCAIS
ALGÉ**S**

AGU**D**A
FIGU**E**IRA DA FOZ

ES**P**INHO
ÂNC**O**RA
ROCHA
COS**T**A NOVA
ALB**U**FEIRA
GUINCHO
PÓVO**A** DE VARZIM
VI**L**A DO CONDE

As vogais fugidas

(Solução ao passatempo de pág. 144 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Mais homens se afogam no copo que no mar.

2.º — O bom julgador por si se julga.

3.º — Mais fere má palavra de que a espada.

4.º — Quem adiante não olha, atrás fica.

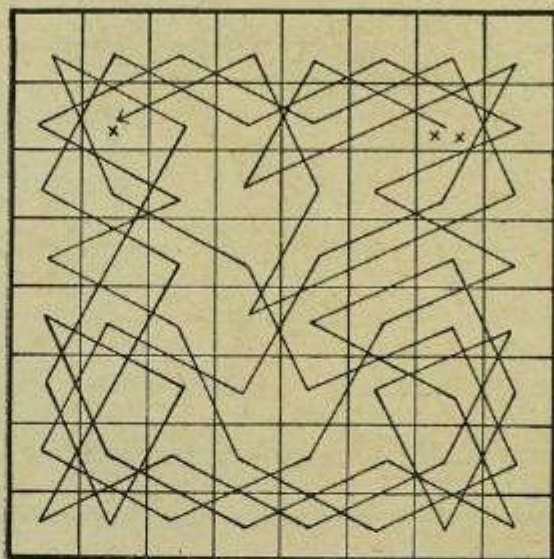
5.º — O calado é o que mais fala.

6.º — Morra Marta mas morra farta.

7.º — Em boca fechada não entram moscas.

8.º — Antes desejado do que aborrecido.

SALTO DE CAVALO

(Solução ao passatempo de pág. 283 do «Almanaque» para 1950)

Vai tudo já tão longe, tão distante!
Mas revivendo o divinal instante
em que vibrou, sonoro, o fino arpejo,

sorvo de novo a linfa rumorosa
e inda sinto na boca sequiosa
o sabor perturbante desse beijo!...

LUDOVINA FRIAS DE MATOS

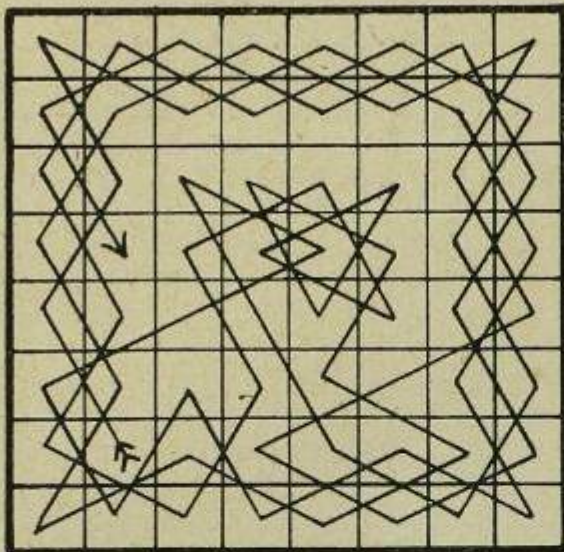
Que estrofes são?

(Solução ao passatempo de pág. 311 do «Almanaque» para 1950)

1 — Estrofe XV — Canto VI.
2 — » XXVII — » VII.
3 — » LXIX — » VIII.
4 — » XVII — » IX.
5 — » CXIII — » X.

A imperatriz Maria Tereza, da Áustria, foi mãe de 16 filhos, dos quais dois foram, mais tarde, imperadores e três vieram a ser rainhas.

SALTO DE CAVALO

(Solução ao passatempo de pág. 254 do «Almanaque» para 1950)

E a árvore — a Natureza! — neste anseio,
Também à fera e ao verme oferta o seio,
Mãe santa e universal da Criação...

E como o verme, a rastejar na lama,
Lhe não alcance o seio, estende a rama,
Baixando o fruto de oiro até ao chão...

BERNARDO DE PASSOS

Encontrar os nomes

(Solução ao passatempo de pág. 174 do «Almanaque» para 1950)

Não queria armar a ratoeira, mas acedi porque alguém me disse: — «*arme 'inda*» que nada apanhe nela. — *(Arminda).*

Comi couves da horta «*e mel da*» colmeia. — *(Emelda).*

Aqui se come e «*ali se*» paga. — *(Alice).*

Ao nosso grupo eu «*aderi; Ana*» não o quis fazer. — *(Adriana).*

Eu dei-lhe um lápis, e um «*giz ela*» me deu. — *(Gizela).*

Gosto da brisa do mar «*e do ar da*» montanha. — *(Eduarda).*

Pedras vi no caminho e «*lodo vi na*» ribeira. — (Ludovina).

Quanto mais dele me aproximava, mais o «*mar ia*» aparecendo. — *(Maria).*

Maison e fenêtre são palavras francesas, mas «*mar e Ana*» são palavras portuguesas. — *(Mariana).*

As orações gramaticais «*com, sei, são*», de fácil análise. — *(Conceição).*

Errei, pois, em vez de Pai, «*Pau li na*» frase que estava escrita. — *(Paulina).*

Tem pregas a sua blusa, «*e lisa*» é a sua saia. — *(Elisa).*

Acabou o jogo com resultado de «*três a*» um. — *(Tereza).*

Comprei uma cadeira para que «*Maria nela*» se sentasse. — *(Marianela).*

Coisas muito interessantes «*li na*» tua epístola. — *(Lina).*

Continuando a conversa, ele disse: meu «*caro, Lina*» é uma excelente rapariga. — *(Carolina).*

Provérbios a adivinhar

(Solução ao passatempo de pág. 152 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Não há cabeças mais duras, do que as cabeças vazias.

2.º — Quem leva o baio, não deixa a sela.

3.º — Pena que não se vê, não se sente.

4.º — De bom logo, bom fogo.

5.º — Pesa justo e vende caro.

6.º — Quem não herda, não medra.

7.º — Ninho feito, pêga morta.

8.º — Falem cartas, calem barbas.

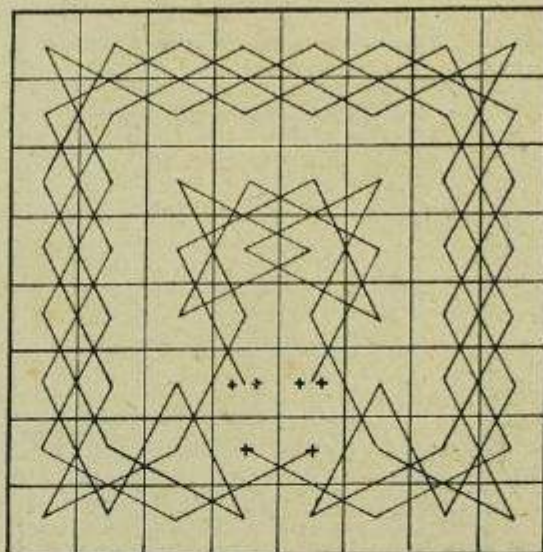
9.º — Grande amor, grande labor.

10.º — O tempo tudo gasta.

QUE RIOS, SERRAS E CIDADES SERÃO?

(Solução ao passatempo de pág. 282 do «Almanaque» para 1950)

MONDEGO
GU**A**DIANA
MI**R**A
M**I**NHO
VOUG**A**

MARO**F**A
ESTRELA
GE**R**ÊS
NOGUEIRA
C**A**BREIRA
MO**N**CHIQUE
GUAR**D**UNHA
CALD**E**IRÃO
OS**S**A

COIMBRA
LISB**O**A
SETÚBAL
POR**T**ALEGRE
GUIM**A**RÃES

SALTO DE CAVALO

(Solução ao passatempo de pág. 141 do «Almanaque» para 1950)

Nas grutas reluzentes onde moram,
Sem consôlo, e por toda a eternidade,
O helleno rei saudosamente choram.

Às angústias vergando da saudade,
Até os próprios Imortais deploram
A pena eterna da Imortalidade.

FERNANDES COSTA

Passatempo onomástico

(Solução ao passatempo de pág. 144 do «Almanaque» para 1950)

1 — Alda.
2 — Benjamim.
3 — Carlota.
4 — Delfim.
5 — Ema.
6 — Hortênsia.
7 — Isabel.
8 — Juliana.
9 — Margarida.
10 — Vasco.

※

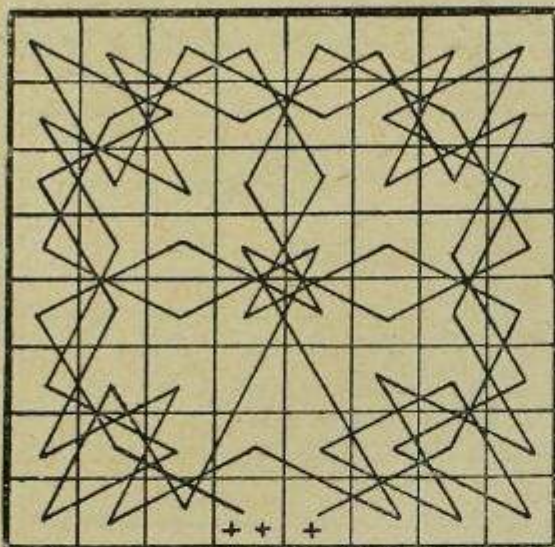
Quando uma rolha está grande demais para um frasco, pode às vezes fazer-se caber, mergulhando-a em água a ferver durante uns minutos.

Nomes de filmes portugueses a adivinhar

(Solução ao passatempo de pág. 288 do «Almanaque» para 1950)

1.º — As Pupilas do Senhor Reitor.
2.º — Pão Nosso.
3.º — Gado Bravo.
4.º — Aldeia da Roupa Branca.
5.º — Inês de Castro.
6.º — Aqui Portugal.
7.º — O Trevo de Quatro Folhas.
8.º — Amor de Perdição.
9.º — O Pátio das Cantigas.
10.º — João Ratão.

SALTO DE CAVALO

(Solução ao passatempo de pág. 239 do «Almanaque» para 1950)

A vida é verso sem rima
A vida é prosa sem cor;
A vida é densa neblina
Quando é vida sem amor.

A vida lembra um bilhar
Num jogo incerto e mofino...
A sorte, a bola a girar;
O taco, a mão do destino.

MARIA JÚLIA DE SÁ NOGUEIRA

Vozes dos animais

(Solução ao passatempo de pág. 273 do «Almanaque» para 1950)

O boi .... muge
A andorinha .... trinfa
O burro .... zurra
O camelo .... berra
O cavalo .... relincha
A cegonha .... glutera
O chacal .... grita
A cigarra .... canta
O cisne .... arensa
A coruja .... pia
O corvo .... crocita
O elefante .... urra
O crocodilo .... chora
O estorninho .... pissita
O galo .... canta
O leão .... ruge
A lebre .... chia
O lobo .... uiva
O macaco .... guincha
O melro .... assobia
O mocho .... pia
O papagaio .... palra
O pardal .... chilra
O pavão .... grita
A pomba .... arrulha
A raposa .... regouga
O rato .... chia
A rola .... geme
A serpente .... silva
O tordo .... trucita
O cão .... ladra
O gato .... mia

Provérbios a adivinhar

(Solução ao passatempo de pág. 160 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Como fizeres assim acharás.
2.º — Grande amor, grande labor.
3.º — Muita parra, pouca uva.
4.º — O dinheiro governa tudo.
5.º — Quem promete deve.
6.º — Nem tanto nem tão pouco.
7.º — De pequena candeia grande fogueira.
8.º — Se mais temos mais apetecemos.
9.º — Manda e faz, servido serás.
10.º — Boca de mel, coração de fel.
11.º — A asneira é sempre faladora.
12.º — De nada duvida quem nada sabe.

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução ao passatempo de pág. 57 do «Almanaque» para 1950)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
1	■	M	I	C	R	O	C	O	S	M	O	L	O	G	I	A	■
2	H	■	■	L	E	■	■	■	O	■	■	■	F	■	■	■	D
3	O	C	■	E	S	■	F	■	G	■	P	R	E	■	G	■	E
4	M	I	■	F	F	■	■	■	U	■	■	■	G	■	A	■	T
5	E	M	■	T	R	I	O	■	I	A	S	■	A	■	T	■	I
6	N	O	■	A	I	■	U	■	L	■	I	■	N	■	O	■	D
7	S	■	■	■	A	■	■	■	H	■	■	■	T	■	■	■	O
8	■	D	E	S	M	A	S	C	A	R	A	M	E	N	T	O	■

Glórias passadas

(Solução ao passatempo de pág. 129 do «Almanaque» para 1950)

1) Ramalho Ortigão.
2) Alexandre Herculano.
3) Fialho de Almeida.
4) Eça de Queirós.
5) Almeida Garrett.
6) Fernandes Costa.
7) Camilo Castelo Branco.
8) Júlio Dinis.
9) António Cândido.
10) Teixeira Lopes.
11) Moreira de Sá.
12) Alves Roçadas.
13) Mousinho de Albuquerque.
14) Rafael Bordalo Pinheiro.
15) Gervásio Lobato.

Quem descobriu o planeta Neptuno foi o astrónomo Urbano de Verrier, nascido em 1811.

Quadros célebres e seus autores

(Solução ao passatempo de pág. 287 do «Almanaque» para 1950)

Gainsborough 11
Murillo 5
Rembrandt 7
Q. Matsys 10
Grão Vasco 12
Van Dyck 13
Millet 4
Leonardo de Vinci 2
Jan Vermeer 14
Luís David 3
Fra Angélico 9
Nuno Gonçalves 15
Rafael 6
Rubens 8
Velasquez 1

A primeira casa que se construiu em pedra, foi edificada há 6.000 anos, em Sakkara, perto do Cairo.

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução ao passatempo de pág. 84 do «Almanaque» para 1950)

Explicação das *iniciais:*

3 H. — Serge Rachmaninoff.
4 H. — Anton Arensky.
6 H. — Inácio Paderewski.
7 H. — Orfeu e Donizetti.
9 H. — Rimsky-Korsakoff; Otto Nicolai.
4 V. — Offenbach e Lulli.
7 V. — Frederico Chopin.
8 V. — Rienzi e Lúcia; Ernani, Norma, Euryanto.

Na escola primária:

— Qual é o animal que nos fornece o presunto?

Todos os alunos, em coro:

— O salchicheiro.

AOS AÇORIANOS

(Solução ao passatempo de pág. 112 do «Almanaque» para 1950)

SALGA
CALH**E**TAS
GORREANA
RIBEIRA CH**Ã**
LAG**O**A
VILA F**R**ANCA

SETE CIDADES
ARRIFES
PONTA DELGADA
FE**T**EIRA
MOSTEIROS

CANDELARIA
VÁ**R**ZEA
GI**N**ETES
CAPELA**S**
BRE**T**ANHA
SANT**O** ANTÓNIO

PICO **D**A PEDRA
S. R**O**QUE
BOM JE**S**ÚS

MAIA
RIBEIRA QUENTE
CALOURA
POVO**A**ÇÃO
RIBEIRA **G**RANDE
PONTA GA**R**ÇA
NORDESTE
FURNA**S**

Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 151 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Europa.
2.º — Ásia.
3.º — América.

QUE AVES SÃO?

(Solução ao passatempo de pág. 185 do «Almanaque» para 1950).

1.º — ARAPONGA
2.º — CISNE
3.º — AVESTRUZ
4.º — GALINHA
5.º — PATO
6.º — POMBO
7.º — CEGONHA
8.º — ÁGUIA
9.º — PAPAGAIO
10.º — GAVIÃO
11.º — EMA
12.º — PELICANO
13.º — CORUJA
14.º — TUCANO
15.º — URUBÚ
16.º — ARARA

Nomes de frutos

(Solução ao passatempo de pág. 246 do «Almanaque» para 1950).

ROMÃ
MAÇÃ
PERA
FIGO
UVA

MELANCIA
MELÃO
AMEIXA
PÊCEGO
CEREJA

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução ao passatempo de pág. 208 do «Almanaque» para 1950)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	■	A	■	T	A	M	A	R	A	■	A
2	C	■	S	I	N	E	T	E	■	V	■
3	A	■	O	L	H	A	I	S	■	I	■
4	M	■	F	■	O	■	A	T	■	A	■
5	Õ	■	A	Z	■	L	■	A	■	J	■
6	E	■	L	A	■	Ã	■	U	■	A	■
7	S	■	A	N	■	■	A	R	■	R	■
8	■	O	■	G	■	I	■	A	S	■	T
9	I	R	M	Ã	■	B	■	D	A	D	O
10	R	A	I	O	■	O	■	O	V	A	L
11	A	L	A	■	É	■	C	R	E	I	O

Médicos e matemáticos célebres

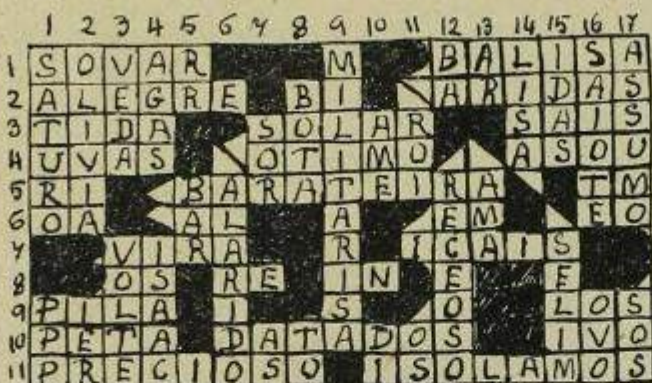
(Solução ao passatempo de pág. 310 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Nicolau Copernico 1473-1543
2.º — André Cesalpini 1519-1603
3.º — Galileu Gaguilei 1564-1642
4.º — Braz Pascal 1623-1662
5.º — António Laurent Lavoisier 1743-1794
6.º — Francisco Maria Xavier Bichat 1771-1802
7.º — João Jacques Berzelins 1779-1848
8.º — Cláudio Bernard 1813-1878
9.º — Luís Pasteur 1822-1895
10.º — Pedro Curie 1859-1906

Engana-se completamente aquele que julga a sua autoridade mais bem assegurada pela força do que pela doçura. — *Terêncio.*

A simplicidade acompanha quase sempre o génio: raramente acompanha «o espírito», no sentido que os franceses dão à palavra. — *Hello.*

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução ao passatempo de pág. 139 do «Almanaque» para 1950)

UM POUCO DE HISTÓRIA

(Solução ao passatempo de pág. 127 do «Almanaque» para 1950)

SANTA HELE**N**A
MARI**A** LUÍSA
PIRÂMIDES
WATERL**O**O
MA**L**MAISON
JOSEFINA B**E**AUHARNAIS
LAETITI**A** RAMOLINO
B**O**URRIENNE

ENIGMAS

(Solução ao passatempo de pág. 158 do «Almanaque» para 1950).

1 — Siam.
2 — Santa Comba-Dão.
3 — Tigre.
4 — Salsete.
5 — Gamão.
6 — Março.
7 — Alma.
8 — Apa.
9 — Genebra.
10 — Oliva.
11 — Avô.
12 — Batatal.
13 — Batum.
14 — Prainha.
15 — Abafado.
16 — Salazar.
17 — Janeiro de Baixo.
18 — Romã.
19 — Lamarosa.
20 — Batávia.

Um dos pratos mais populares e mais apreciados no Japão, é uma espécie de salada feita com crisântemos.

Provérbios a adivinhar

(Solução ao passatempo de pág. 119 do «Almanaque» para 1950)

1.° — Na desconfiança é que está a segurança.

2.° — Os amigos são muitos quando é grande a abastança.

3.° — Pouco sabe quem muito se ufana de saber.

4.° — Palavras irreflectidas, arrependimento certo.

Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 175 do «Almanaque» para 1950)

1.° — Porta entreaberta.

2.° — Terra Santa.

3.° — São mais as tretas que as letras.

4.° — Entre a honra e o dinheiro, o 2.° é o 1.°.

5.° — Muitos dias há no ano.

6.° — Tempo é dinheiro.

QUE TECIDOS SÃO?

(Solução ao passatempo de pág. 320 do «Almanaque» para 1950)

CHITA
B**U**REL
COTI**M**
PO**P**ELINA
B**R**IM
CET**I**M
CA**M**BRAIA
TAF**E**TÁ
LI**N**HO
ES**T**OPA
GORG**O**RÃO
MU**S**SELINA

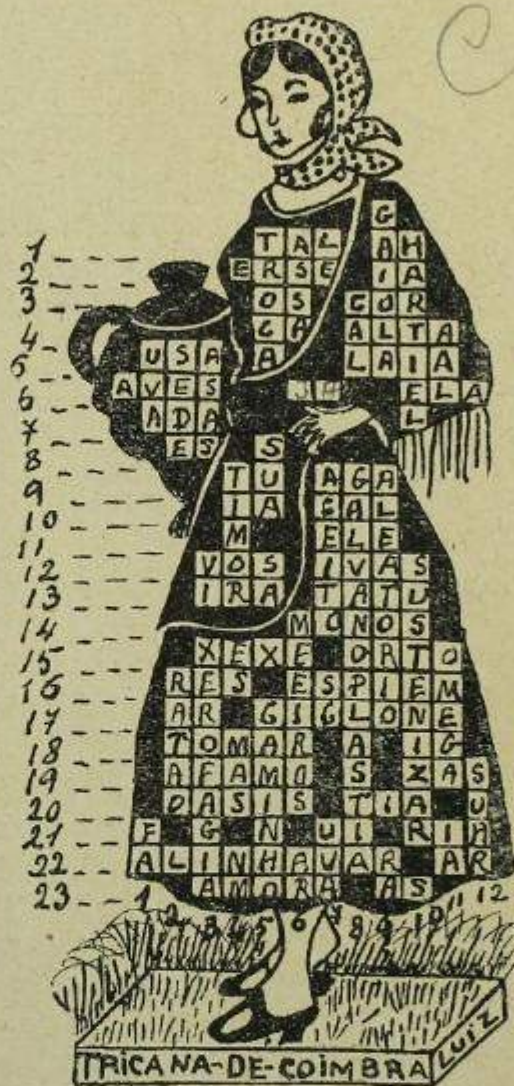
S**A**RJA
M**O**LINA

C**A**SSA
TU**L**E
ESCU**M**ILHA
G**A**ZE
FLA**N**ELA
BOMB**A**ZINA
PI**Q**UÉ
VEL**U**DO
CR**E**PE

BAETA
CETIN**E**TA
GO**R**GORINA
FUS**T**ÃO
B**R**ETANHA
LON**A**
GA**N**GA
RISCA**D**O

Um ovo conservar-se-á, pelo menos seis meses, se for virado todos os dias.

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução ao passatempo de pág. 150 do «Almanaque» para 1950)

Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 253 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Bodas de ouro.
2.º — Ponha-se na rua.
3.º — Português.
4.º — Antes quebrar que torcer.
5.º — Fado falado.
6.º — Império.

MELODIAS

(Solução ao passatempo de pág. 99 do «Almanaque» para 1950)

CONDE DO LUXE**M**BURGO
VIUVA AL**E**GRE
LOUCURA
B**O**LERO
PATINA**D**ORES
DANÚB**I**O AZUL
CANÇÃO D**A** PRIMAVERA
ROSA**S** DO SUL

DANÇA HÚNG**A**RA N.º 5
CO**N**VITE À VALSA
MARIA **T**ERESA
MURMÚR**I**OS DA FLORESTA
FOLHA**G**EM DA MANHÃ
LAGO**A** ADORMECIDA
CONTOS DO**S** BOSQUES DE VIENA

OURO **E** PRATA

ADEUS PA**M**PA MIA
A DANÇA D**O** CHAPÉU MEXICANO
OLHOS VER**D**ES
RECU**E**RDA-ME
CZA**R**DAS
ILHAS CA**N**ÁRIAS
T**A**BU
ROSA**S** VERMELHAS

Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 315 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Cinema.
2.º — Jorge VI.
3.º — Empresário.
4.º — Relógio.
5.º — Por fora tudo são rendas, por dentro nem fralda tem.

Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 132 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Crisálida.
2.º — Televisão.
3.º — Aveiro.
4.º — Primavera.
5.º — Mariola.
6.º — Versos de pé quebrado.

PILHA DE PALAVRAS

(Solução ao passatempo de pág. 87 do «Almanaque» para 1950)

1	a	n	I	m	o
2	s	a	L	v	o
3	a	n	H	a	o
4	s	o	A	d	o
5	a	r	D	u	o
6	s	i	A	m	o
7	a	r	M	ã	o
8	s	u	A	d	o
9	a	n	D	ã	o
10	s	u	E	c	o
11	a	m	I	g	o
12	s	é	R	i	o
13	a	m	A	d	o

PILHA DE PALAVRAS

(Solução ao passatempo de pág. 256 do «Almanaque» para 1950)

1	a	n	T	r	o
2	c	a	R	d	o
3	g	u	I	n	é
4	v	e	N	u	s
5	h	i	D	r	a
6	p	r	A	d	o
7	t	e	D	i	o
8	g	r	E	d	a
9	t	o	C	a	r
10	g	l	O	b	o
11	i	r	E	n	e
12	d	á	L	i	a
13	a	c	H	a	r
14	t	r	O	p	a

— Carne de cavalo! Quem é que pode comer carne de cavalo?

— Em primeiro lugar, uma quantidade de gente que julga que é carne de vaca.

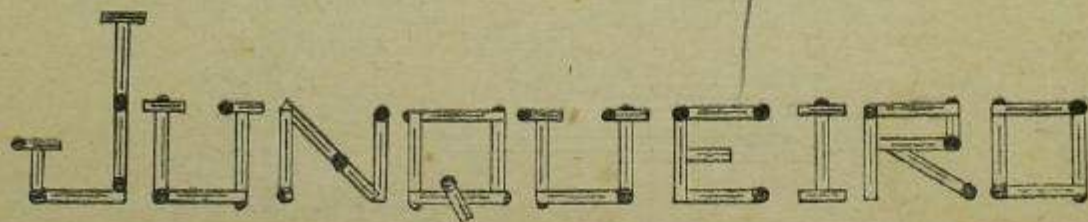
A criada, aflita: — Oh, minha senhora! O que há-de ser de mim?... Engoli um alfinete.

A patroa: — Não te rales, Belmira. Tens aqui outro!

PASSATEMPO DE FÓSFOROS

(Solução ao passatempo de pág. 65 do «Almanaque» para 1950)

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução ao passatempo de pág. 219 do «Almanaque» para 1950)

Obras teatrais

(Solução ao passatempo de pág. 312 do «Almanaque» para 1950).

1.º — Envelhecer.
2.º — O Herdeiro.
3.º — Antígona.
4.º — Recompensa.
5.º — O Ausente.
6.º — A Morta.
7.º — Duas Máscaras.
8.º — A Vizinha do Lado.
9.º — Os Maias.
10.º — O Lodo.

Em proporção ao seu corpo, a andorinha é a ave que possui maior boca.

De uma palavra fazer outra

(Solução ao passatempo de pág. 307 do «Almanaque» para 1950)

1 — RAMA — Cidade de Itália — *Parma.*

2 — BOIAR — Réptil — *Víbora.*

3 — CALMA — Planta aromática e medicinal — *Macela.*

4 — CELTAS — Fortaleza — *Castelo.*

5 — GARE — Instrumento de Lavoura — *Grade.*

6 — ÓRGÃO — Burro Selvagem — *Onagro.*

7 — GRILOS — Flor — *Girasol.*

8 — NABO — Peça de vestimenta — *Boina.*

9 — CATIVO — Ave pequena — *Cotovia.*

10 — LISBOA — Doença tropical — *Biliosa.*

Frutos coloniais

(Solução ao passatempo de pág. 192 do «Almanaque» para 1950)

SA**F**Ú
MA**R**ACUJÁ
UVA
TAMARINDO
MAB**O**QUE
NÊ**S**PERA

CAJÚ
JAMB**O**
LARANJA
MANDI**O**CA
ANA**N**AZ
L**I**MA
GAJ**A**JA
FRUTA P**I**NHA
SAPE **S**APE

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução ao passatempo de pág. 148 do «Almanaque» para 1950)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	G	R	O	M	A	■	M	A	N	E	S
2	R	E	V	I	■	L	■	S	I	S	O
3	I	B	O	■	L	O	A	■	O	T	A
4	M	O	■	F	A	B	R	O	■	A	D
5	A	■	P	E	■	A	■	R	E	■	A
6	■	F	A	I	M	■	A	L	I	Á	■
7	T	■	U	L	■	S	■	E	S	■	P
8	R	E	■	A	N	I	N	A	■	G	E
9	E	M	A	■	A	B	Á	■	P	Ô	R
10	T	I	T	O	■	A	■	S	A	Z	U
11	A	R	E	C	A	■	C	O	R	O	A

Enigma figurado

(Explicação do de pág. 89 do «Almanaque» para 1950)

O boi pela ponta, o homem pela palavra.

Enigma figurado

(Explicação do de pág. 78 do «Almanaque» para 1950)

Portugal é berço de heróis.

Enigma figurado

(Explicação do de pág. 127 do «Almanaque» para 1950)

São apenas bem guardados os segredos a que a vaidade faz sentinela.

Enigma figurado

(Explicação do de pág. 256 do «Almanaque» para 1950)

A maior das desgraças é merecê-la.

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução ao passatempo de pág. 64 do «Almanaque» para 1950)

QUEM ADIVINHA?

(Solução ao passatempo de pág. 195 do «Almanaque» para 1950).

1 — Certã.
2 — Chaves.
3 — Peso da Régua.
4 — Manteigas.
5 — Faro.
6 — Chamusca.
7 — Boticas.
8 — Meda.
9 — Lixa.
10 — Ceia.
11 — Caminha.
12 — Barquinha.
13 — Ancião.
14 — Pombal.
15 — Almeida.
— Gouveia.
— Guimarães.

Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 218 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Amor de perdição.
2.º — Mar de rosas.

Sabeis como se chamavam?

(Solução ao passatempo de pág. 140 do «Almanaque» para 1950)

1) Agripina.
2) Alchmena.
3) Amphion.
4) Apollo.
5) Astrea.
6) Átila.
7) Eneas.
8) Eurystheu.
9) Campaspe.
10) Cinyras.
11) Cybele.
12) Daphne.
13) Dário.
14) Fama.
15) Glaphyra.
16) Hidalcão.
17) Maia.
18) Mercúrio.
19) Nereo.
20) Páris.

Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 74 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Muita parra e pouca uva.
2.º — A grande e à francesa.
3.º — Bartolomeu.
4.º — A união faz a força.
5.º — Às duas por três.
6.º — Tresplantado.
7.º — Desigualdade.
8.º — Juntaram-se os dois à esquina.

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução ao passatempo de pág. 96 do «Almanaque» para 1950)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1	P	A	■	C	A	I	R	O	■	E	L
2	E	I	R	A	■	M	■	B	Ô	M	A
3	R	A	I	O	■	P	■	A	R	A	M
4	A	■	■	■	R	O	L	■	■	■	A
5	■	M	O	T	O	R	I	S	T	A	■
6	M	A	R	A	U	■	S	A	U	D	E
7	■	R	E	A	B	A	T	I	D	A	■
8	R	■	■	■	O	T	A	■	■	■	V
9	A	P	I	O	■	A	■	C	A	M	A
10	U	R	A	L	■	D	■	O	R	A	R
11	L	O	■	É	P	O	C	A	■	L	A

Passatempo marítimo

(Solução ao passatempo de pág. 249 do «Almanaque» para 1950)

FIGUEIRA DA FOZ
PRAIA DA CLARIDADE

Enigma figurado

(Explicação do de pág. 153 do «Almanaque» para 1950)

Luís de Camões o grande poeta português fez os *Lúsiadas.*

Charada combinada

(Solução ao passatempo de pág. 152 do «Almanaque» para 1950)

Governador geral Gabriel Teixeira.

Charada combinada

(Solução ao passatempo de pág. 218 do «Almanaque» para 1950)

Leonel Ferraz Marques.

PILHA DE PALAVRAS

(Solução ao passatempo de pág. 316 do «Almanaque» para 1950)

1	c	a	S	p	e
2	a	r	A	c	a
3	s	a	L	v	a
4	c	á	V	i	a
5	b	r	A	g	a
6	l	a	D	r	a
7	t	r	O	c	a
8	c	e	R	v	a
9	c	a	C	h	a
10	t	r	O	f	a
11	p	i	R	ã	o
12	c	o	R	ç	a
13	v	i	E	l	a
14	g	r	I	l	o
15	p	i	A	n	o
16	s	e	D	a	n
17	t	r	E	z	e
18	t	a	S	c	a
19	p	r	A	t	a

A LAVOURA

(Solução ao passatempo de pág. 269 do «Almanaque» para 1950)

CANGA
TRILHO
SACHO

SACHOLA
ALFERCE
CIRANDA
ANCINHO
CARRO
RODO
REDE
SACO

CALDEIRÃO
ALBARDA
VASSOIRA
FORCADO
PÁ
MACHADO
FORQUILHA
GRADE
ARRELHADA
SERRA

TAIPAIS
MARTELO
CORDA
TRADO
TESOURA
GARAVATO
CHARRUA
BARRILEIRA
CANZIL
TAMOEIRO
SELIM

No café:

— Ó rapaz! você está a limpar essa chávena com o seu lenço?

— Ah! não importa, freguez, o lenço já está sujo.

A filha: — Paisinho, se eu um dia casar posso levar o piano para a minha casa?

O pai: — Pois, com certeza; mas não lhe digas, a ele, senão depois.

ERA

(Solução ao passatempo de pág. 65 do «Almanaque» para 1950)

Como sempre, foram em grande quantidade os solucionistas que se interessaram por este género de passatempo, conseguindo alguns descobrir um número excessivamente maior de vocábulos, do que o requerido no enunciado do passatempo.

Neste caso estão os srs. Mário Morais da Silva Araújo — *S. Luís Maranhão — Brasil*, que enviou a sua solução com 172 vocábulos; Mário Pereira — *Jua — Índia Port.*, 137; Júlio Durão — *Porto*, 134; Vasco Dias — *Lisboa*, 132; Lya e Jeanette da Silva Freire — *Lisboa*, também 132; Francisco Fisher — *Coimbra*, 128; Altino Soares Franco — *Ponta Delgada*, 127; António Augusto Rodrigues — *Lourenço Marques*, 121; António de Miranda Monteiro Saraiva — *Seia*, 112; P.º José Alfredo Antunes — *Covilhã*, 111; e muitos, muitos outros, daí para baixo, desde 103 a 70, que era o exigido pelo proponente.

Por ser, a última solução que citámos, a que traz a explicação de todos os 111 vocábulos empregados, era essa a que tínhamos escolhido para publicar, mas devido ao espaço que ocupava, não nos foi possível, à última hora, fazê-lo. Que os nossos solucionistas nos desculpem.

PILHA DE PALAVRAS

(Solução ao passatempo de pág. 151 do «Almanaque» para 1950)

1	i	M	o
2	p	A	r
3	o	R	a
4	s	I	m
5	s	A	l

6	s	a	F	i	o
7	d	i	E	t	a
8	c	a	R	p	o
9	c	a	N	h	o
10	a	f	A	g	o
11	m	a	N	t	a
12	b	a	D	i	l
13	s	u	E	t	o
14	c	a	S	s	o

15	o	C	a
16	s	O	l
17	a	S	o
18	a	T	a
19	m	A	l

Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 322 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Himalaia.
2.º — Ociosidade.
3.º — Paradisíaco.

Charadas combinadas

(Solução ao passatempo de pág. 247 do «Almanaque» para 1950)

I — Juventude.
II — Humorismo.

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução ao passatempo de pág. 176 do «Almanaque» para 1950)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1	■	a	p	u	r	a	■	p	a	c	t	o	■
2	a	■	a	b	e	l	h	e	i	r	o	■	c
3	p	e	r	a	■	a	o	s	■	e	r	m	o
4	i	m	o	■	f	■	r	■	a	■	o	i	l
5	t	u	■	p	i	c	a	n	t	e	■	c	a
6	o	l	a	■	l	a	■	a	r	■	d	o	r
7	■	s	o	p	e	■	■	■	o	r	a	l	■
8	a	i	s	■	i	r	■	i	a	■	s	o	s
9	p	o	■	a	r	e	a	n	d	o	■	g	e
10	a	n	a	■	a	■	r	■	a	■	a	i	a
11	g	a	l	a	■	a	m	e	■	a	p	a	r
12	a	■	m	o	i	s	e	i	s	m	o	■	a
13	■	p	a	s	m	o	■	s	o	a	r	a	■

Qual é a cidade?

(Solução ao passatempo de pág. 65 do «Almanaque» para 1950).

A cidade é *Elvas*.

VELAS
SÁVEL
ALVES
SELVA
SALVE
VALES
VALSE
LAVES
LEVAS

Fragmento de diálogo:

— Este gracioso cãozinho é seu, minha senhora?

— Não é, não.

— Some-te já daqui para fora, horrendo bicho.

Recordando os "Lusíadas"

(Solução ao passatempo de pág. 306 do «Almanaque» para 1950)

Eis a estrofe completa, onde faltavam duas palavras em cada verso:

Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos fama
Ó fraudulento gosto, que se atiça
C'ũa aura popular que honra se chama
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles encerras.

AOS DANÇARINOS

(Solução ao passatempo de pág. 86 do «Almanaque» para 1950).

SLOW **F**OX
RUMBA
HABAN**E**RA
CORRI**D**O

VIR**A**
VALS**A**
MINUET**E**
TA**N**GO
SW**I**NG
JITTE**R**BUG
ON**E** STEP

Passatempo heráldico

(Solução ao passatempo de pág. 71 do «Almanaque» para 1950).

1.º — Azeredo.
2.º — Brandão.
3.º — Fialho.
4.º — Fonseca.
5.º — Negrão.
6.º — Osório.
7.º — Perdigão.
8.º — Rocha.
9.º — Souto-Maior.
10.º — Taborda.
11.º — Travassos.
12.º — Vale.

PASSATEMPO LITERÁRIO

(Solução ao passatempo de pág. 301 do «Almanaque» para 1950)

MUSA EM **F**ÉRIAS
O BAILIO D**E** LEÇA
CAMPO DE FLO**R**ES
DOIS RE**N**EGADOS
M**A**RIO
A ARPA DO CRE**N**TE
SERÕES **D**A PROVÍNCIA
AMOR D**E** PERDIÇÃO
FLORES **S**EM FRUTO

AMOR E MELAN**C**OLIA
O POEMA D**O** IDEAL
FE**S**TA E CARIDADE
VE**T**ERANO
CLARID**A**DES DO SUL

Enigmas figurados

(Explicação dos de pág. 71 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Casa roubada, trancas na porta.
2.º — Ovelha que barrega bocado que perde.

Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 75 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Bagatela.
2.º — Marquês.
3.º — Safanão.
4.º — Lilaz.

OS ARTISTAS E AS SUAS OBRAS

(Solução ao passatempo de pág. 78 do «Almanaque» para 1950)

OBRAS	ARTISTAS
A feira	Carlos Reis
Bilha quebrada	Silva Porto
Custódia de Belém	Gil Vicente
Calvário	Vasco Fernandes
Cristo	Soares dos Reis
Festejando o S. Martinho	Malhoa
Isabel de Moura	Domingos Barbosa
O barco desaparecido	Sousa Pinto
Orgulho de raça	Acácio Lino

Hieróglifos comprimidos

(Explicação dos de pág. 213 do «Almanaque» para 1950).

1.º — Sobredito.
2.º — Está debaixo de vista.
3.º — Militantes.
4.º — Longe da vista, longe do coração.
5.º — Cális.
6.º — Caducidade.

O CINEMA PORTUGUÊS

(Solução ao passatempo de pág. 249 do «Almanaque» para 1950)

MADALENA S**O**TO
EUNI**C**E MUÑOZ
VIRGÍL**I**O TEIXEIRA
A**N**TÓNIO VILAR
RIB**E**IRINHO
MILÚ
LEONOR M**A**IA

BARRETO **P**OEIRA
J**O**ÃO VILLARET
CURADO **R**IBEIRO
AN**T**ÓNIO SILVA
MARIA E**U**GÉNIA
AMÁLIA RODRI**G**UES
PA**U**LA BÁRBARA
CARM**E**N DOLORES
IGREJA**S** CAEIRO

TUDO BARALHADO

(Solução ao passatempo de pág. 293 do «Almanaque» para 1950)

Silva Gaio	Mário
Camilo Castelo Branco	Eusébio Macário
Júlio Dinis	Uma Família Inglesa
Trindade Coelho	Os meus Amores
Oliveira Martins	O Príncipe Perfeito
Damião de Góis	Crónica de D. Manuel
Pinheiro Chagas	As duas Flores de Sangue
Padre Manuel Bernardes	Luz e Calor
Almeida Garrett	Arco de Sant'Ana
Rebelo da Silva	Faustos da Igreja
Mendes Leal	Dois Renegados
Latino Coelho	Luís de Camões
António Feliciano de Castilho	Noite do Castelo
Alexandre Herculano	Monge de Cister
Eça de Queirós	Os Maias

CASAMENTOS EM GRANDE ESCALA

(Solução ao passatempo de pág. 300 do «Almanaque» para 1950).

VIRIATO
EDUARDO
JACINTO
AMÉRICO

EUGÉNIO

ERNESTO
SIDÓNIO
CLÁUDIO
ORLANDO
LUCIANO
HILÁRIO
ALFREDO

ULISSES
MARIANO

BELMIRO
OSVALDO
MESSIAS

PAULINO
ARMANDO
ROGÉRIO
TEODORO
IGNÁCIO
DAMÁSIO
OCTÁVIO

Charada combinada

(Solução ao passatempo de pág. 160 do «Almanaque» para 1950).

Diário de Notícias.

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução ao passatempo de pág. 196 do «Almanaque para 1950)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
1	M	A	N	A	S	■	■	T	I	M	O	R
2	A	L	A	S	■	A	S	■	R	A	R	O
3	C	A	O	■	A	I	A	S	■	L	A	S
4	A	S	■	A	R	D	I	A	S	■	R	A
5	U	■	C	S	■	A	R	■	A	S	■	S
6	■	M	A	S	■	■	■	■	L	A	S	■
7	■	A	V	E	S	■	■	V	I	L	A	■
8	■	S	A	L	■	■	■	■	V	A	I	■
9	C	■	S	A	■	A	R	■	A	S	■	S
10	A	R	■	R	A	D	I	O	S	■	R	A
11	L	A	R	■	A	I	A	S	■	D	O	R
12	A	M	O	R	■	A	S	■	F	A	L	A
13	R	O	L	A	R	■	■	P	A	R	A	R

Provérbios a adivinhar

(Solução ao passatempo de pág. 317 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Quem tem filhos tem cadilhos.

2.º — De médico e louco, todos temos um pouco.

3.º — Entre irmãos, não metas as mãos.

Provérbios a adivinhar

(Solução ao passatempo de pág. 146 do «Almanaque» para 1950)

1.º — Nem tromba nem bico fazem ninguém rico.

2.º — Mais fere má palavra do que espada.

3.º — Homem pobre, taça de prata, caldeira de cobre.

Passatempo geográfico

(Solução ao passatempo de pág. 268 do «Almanaque» para 1950)

AMAZO**N**AS
MINA**S** GERAIS

RIO D**E** JANEIRO
ESPÍRITO **S**ANTO
SANTA CA**T**ARINA
MAR**A**NHÃO
RIO GRAN**D**E DO SUL
ALAG**O**AS
GOIÁ**S**

BAÍA
PA**R**ANÁ
PERN**A**MBUCO
SERGIPE
PARA**I**BA
SÃO PAU**L**O
C**E**ARÁ
P**I**AUHI
PA**R**Á
RIO GRANDE D**O** NORTE
MATO GRO**S**SO

FRASE FEITA

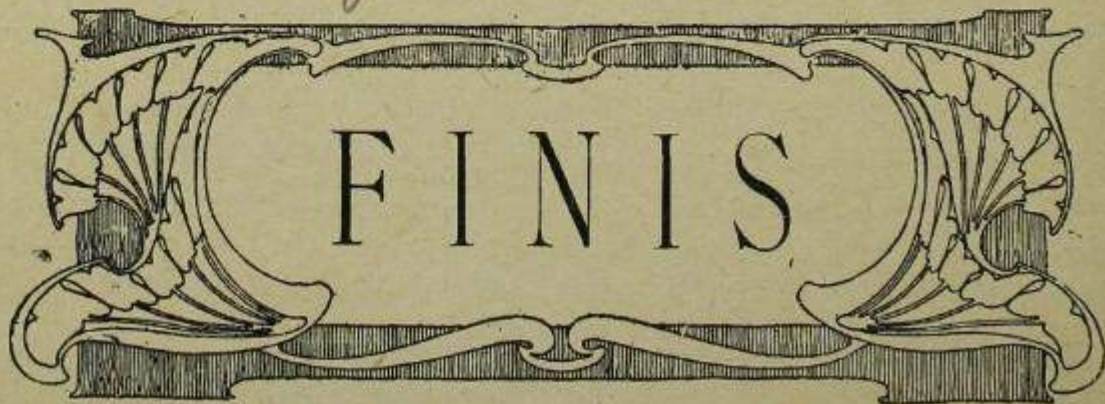
(Explicação da de pág. 316 do «Almanaque» para 1950)

O mundo a seus pés.

PILHA DE PALAVRAS

(Solução ao passatempo de pág. 215 do «Almanaque» para 1950)

1	p	r	A	d	o
2	d	a	L	i	a
3	i	r	M	ã	o
4	f	r	A	c	o
5	l	e	N	t	o
6	p	r	A	t	o
7	l	e	Q	u	e
8	b	l	U	s	a
9	m	o	E	l	a
10	l	i	B	r	a
11	e	l	E	g	e
12	f	e	R	i	r
13	l	e	T	r	a
14	a	i	R	e	s
15	g	r	A	t	o
16	l	i	N	d	o
17	i	n	D	i	a

Quem vive em paz, vive mais tempo. — *Baltasar Gracian.*

RELAÇÃO DOS PRINCIPAIS SOLUCIONISTAS DO "ALMANAQUE BERTRAND" PARA 1950

Abílio Soeiro — *Ibo, Moçambique.*
Agapito Fernandes — *Beira (Áf. Or. Port.).*
Aida da Costa Pina Soares Raposo («A sobrinha do Envergonhado») — *Pawtucket, R. I. — Estados Unidos da América.*
Albano da Costa Pina («Envergonhado») — *Lisboa.*
Alda Silva Pais — *Cubal — Angola.*
Alexandre Almeida Cunha — *Lisboa.*
Alexandre C. Oliveira — *Lisboa.*
Altino Soares de França — *Ponta Delgada, S. Miguel — Açores.*
Álvaro Noronha Ferreira — *Nova Goa (India Port.).*
Antonino Fernandes Pereira da Cruz — *Estremoz.*
António Augusto Rodrigues — *Lourenço Marques.*
António Barradas Ramires de Paderne — *Vila Nova do Seles — Angola.*
António da Costa Rodrigues — *Lobito (Áf. Oc. Port.).*
António de Miranda Monteiro Saraiva — *Seia.*
António de Sequeira (Rojam) — *Lisboa.*
António Luís Alfaro Grosso — *Kihuit — Congo Belga.*
António Pais Pinheiro de Figueiredo — *Nova Lisboa — Angola.*
António Rainho — *Lisboa.*
António Vicente Rui de Erasmo Jaques — *Coimbra.*
Arlete Morais de Albuquerque — *Quinjenje — Angola.*
Armando Garcia Félix — *Base Aérea n.º 2 — Ota.*
Aurora Dória Cardoso dos Santos — *Luanda — Angola.*
Carlos Bandeira de Castro — *António Enes — Prov. do Niassa (Áf. Or. Port.).*
Carmen J. Silva — *Vila Nova (Áf. Oc. Port.).*
Clodoveu Eduardo Brazão Gil — *Luanda — Angola.*
Conchita Dória Gonçalves — *Lisboa.*
Domingos António Santos — *Bafatá — Guiné Port.*
Domingos de Miranda Felgueiras («Felmido») — *Cacuso — Angola.*
Eduardo Ferreira — *Vila Nova de Foz Coa.*
Eugénio Ferreira dos Santos — *Chinene — Bailundo — Angola.*
Eugénio Nunes da Silva — *Lubango — Angola.*
Fausto Caniceiro da Costa — *Soure.*
Francisco Fisher — *Coimbra.*
Francisco Timóteo Rebelo — *Lisboa.*
G. Correia — *Ilha do Fogo — Cabo Verde.*
Giovanni Vecchio (Dr.) — *Belo Horizonte — Brasil.*
Gonçalo da Cunha — *Porto Alegre — Brasil.*
Hersília Pais Falcão Santos Silva — *Odemira.*

Hugo — *Rio de Janeiro.*
Irondino Valério Teixeira de Aguilar — *Estremoz.*
Jeanette da Silva Freire — *Lisboa.*
João Antunes Varela — *Nova Lisboa — Angola.*
João de Sousa — *Santo Amaro—Nova Lisboa — Angola.*
João F. Machado Visconde — *Valley Falls, R. I. — América do Norte.*
João Salazar d'Eça — *Luanda — Angola.*
João Tomás de Almeida — *Botucatu — Est. de S. Paulo — Brasil.*
Joaquim de Sá Dias — *Algueirão.*
José Alves de Macedo — *Pombal.*
José Augusto Campos Désirat — *General Machado — Bié — Angola.*
José da Conceição Vaz de Carvalho — *Base Aérea n.º 4.*
José dos Santos Baptista — *Ilha do Fogo — Cabo Verde.*
J. Silva — S. *Roque do Funchal — Madeira.*
Judith da Silva Barreira Teixeira — *Lisboa.*
Júlio Durão — *Porto.*
Leonel Ferraz Marques — *Caála — Angola.*
Leopoldino A. Rui Antão *(aluno do Liceu Nacional Afonso de Albuquerque) — Goa — Índia Port.*
Lucinda Gonçalves da Cruz e Silva — *Vila de Manica (Af. Or. Port.).*
Lujoca *(Setúbal) — Lisboa.*
Lya da Silva Freire — *Lisboa.*
Manuel Belchior dos Santos Soares — *Beira (Af. Or. Port.).*
Manuel Mota — *Luanda.*
Maria Alice de Bettencourt Perestrello — *Boane — Lourenço Marques.*
Maria Aurora da Silva Fidalgo — *Lourenço Marques.*
Maria Gracinda Tereza de Jaques *(aluna do Liceu Nacional Afonso de Albuquerque) — Goa — Índia Port.*
Maria Henriqueta da Silva Guerra — *Lisboa.*
Maria Luísa dos Remédios Gomes de Figueiredo — *Lourenço Marques.*
Maria Luísa Sepúlveda dos Santos Pereira — *Porto.*
Maria Otelinda Pinho Carneiro — *Nova Lisboa — Angola.*
Mário Morais da Silva Araújo — *S. Luís Maranhão — Brasil.*
Mário Pereira — *Jua — Santo Estêvão — Índia Port.*
Mário Pinho (Dr.) — *Arrancada — Aguieira.*
Melo Caldas — *Porto.*
Milton Cooke Carrington da Fonseca — *Lisboa.*
Milton Fernandes — *Beira — Af. Or. Port.*
Nana — *Mianga — Bilene Macia — Moçambique (Af. Or. Port.).*
Natércia Maia Pereira da Cruz — *Estremoz.*
Nelson Maia Pereira da Cruz — *Estremoz.*
Olegário José Jaques — *Goa — Índia Port.*
Oliosar — *Coimbra.*
P.e José Alfredo Antunes — *Covilhã.*
Pedro Jaime Mourão — *Lisboa.*
Raquel Fencio — *Nova Lisboa — Angola.*
Renato da Silva Guerra — *Lisboa.*
Rodolfo Azevedo — *Cabo Verde.*
R. Silva — *Lisboa.*
Ruy dos Santos — *Mosteiró — Vila do Conde.*
Sebastiana Bravo Bronze — *Lourenço Marques.*
Sezinando Sá — *Cubal — Angola.*
Talita Paixão — *Almada.*
Vanda Maria de Lourdes Jaques — *Goa — Índia Port.*
Teixeira Moniz — *Lisboa.*
«Um Alentejano» — *S. Barnabé — Almodovar.*
«Um Avancanense» — *Elizabeth, N. J. E. U. A.*
Vasco Dias — *Lisboa.*
Vasco Raguer — *Vidigueira.*

Poema do Cid. — Trad. Enc. 20$00; br. .... 10$00

Romance (O) de Amadis. — Composto sobre o Amadis de Gaula, de Lobeira, 3.ª ed. prof. ilustr. Enc. de luxo (últimos ex.) .... 200$00

Santo António. — *Jornada do Centenário.* Enc. de luxo 100$00; em perc. 20$00; br. .... 10$00

AGOSTINHO DE CAMPOS

(Grande Mestre e paladino da Língua Portuguesa)

Alguns aspectos da literatura portuguesa, por *Aubrey F. G. Bell* (tradução), br. .... 3$00

Antologia Portuguesa. — Enc. 28$00; br. .... 18$00
(Ver na pág. 392 a lista das obras desta colecção).

Auto da Cananeia, de *Gil Vicente.* Texto princeps. Texto modernizado. Anotações e comentários. Enc. 22$00; br. .... 12$00

Camões Lírico. — Ed. esp. organizada e anotada pelo autor:

I — *Redondilhas.*
II — *Redondilhas.*
III — *Conclusão das redondilhas, autos e cartas.*
IV — *Sonetos escolhidos.*
V — *Canções.*

Os cinco vol. numerados, br. .... 200$00

Comentário leve da Grande Guerra:

I — *Europa em Guerra* (esgotado).
II — *O Homem, lobo do Homem.* — Br. .... 10$00
III — *Portugal em Campanha* — Br. .... 10$00
IV — *Latinos e Germanos* — Enc. .... 20$00
V — *A Carranca da Paz* — Br. .... 10$00

Ensaios sobre educação:

I — *Educação e Ensino* — Br. .... 10$00
II — *Casa de Pais, Escola de Filhos* — Esg.
III — *Educar, na Família, na Escola, na Vida* — Br. .... 10$00

Verdadeiros e admiráveis evangelhos do educador.

Falas sem fio. — 1.ª série. — Ajuntamento de crónicas etéreas, 1 vol., br. .... 15$00

Falas sem fio. — 2.ª série. — Ajuntamento de crónicas etéreas, 1 vol., br. .... 20$00

Glossário de incertezas, novidades, curiosidades da língua portuguesa, e também de atrocidades da nossa escrita actual. — Br. ... 15$00

Homem (O), a ladeira e o calhau. — Br. .... 10$00

Tem o subtítulo *Breviário de desencanto político.*

Jardim da Europa. — Br. .... 10$00

Casos, tipos, aspectos de Portugal — Meditação e heresias de um português.

Ler e tresler. — Br. .... 10$00

São interessantíssimos apontamentos críticos, por vezes filosóficos, de linguagem e de literatura.

Lição moral e cívica. — Br. .... 3$00

Língua e má língua. — Graças na fala e nódoas na escrita. — 3.ª ed., br. .... 20$00

O pintor Carlos Reis e as modas em pintura .... 4$00

Três prosas (As) — A pobre, a rica e a nova rica. — Br. .... 3$00

ALEXANDRE HERCULANO

(Criador da Historiografia Nacional e do romance histórico português)

Cada vol., enc. 28$00; br. .... 18$00

Bobo (O). — Romance histórico.

Cartas. — Inéditas. 2 vols.

Cenas de um ano da minha vida *e apontamentos de viagem.* — Coordenação e prefácio de *Vitorino Nemésio.*

Composições várias.

Estudos sobre o casamento civil.

Eurico, o Presbítero. — Romance.

História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal. — 3 vols.

História de Portugal. — 8 vols.

Ed. ornada de gravuras executadas sobre documentos autênticos.

Lendas e Narrativas. — 2 vols.

Monge de Cister (O). — Romance. 2 vols.

Opúsculos:

Vol. I — *Questões públicas.*
» II — *Questões públicas.*
» III — *Controvérsias e estudos históricos.*
» IV — *Questões públicas.*
» V — *Controvérsias e estudos históricos.*
Vol. VI — *Controvérsias e estudos históricos.*
» VII — *Questões públicas.*
» VIII — *Questões públicas.*
» IX — *Literatura.*
» X — *Questões públicas.*

Poesias. — 1 vol.

ANTERO DE FIGUEIREDO

(Grande idealista da fé e da terra portuguesa)

Amor Supremo. — *Romance.* 7.ª ed. Tir. esp. num. br. 50$00. Ed. vulgar enc. 25$00; br. .... 15$00

Um romance de grande elevação moral e literária.

Cómicos. — *Novela.* 5.ª ed., enc. 22$00; br. .... 12$00

«Este livro representa na evolução do escritor a fase da paixão. Tem todo o carácter e toda a vibração de um livro *vivido.*» — *Júlio Dantas.*

Doida de amor. — *Novela.* 11.ª ed., enc. 28$00; br. .... 18$00

«Conhece-se através deste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto.» — *Júlio Dantas.*

D. Pedro e D. Inês. — *Romance.* 12.ª ed., enc. 30$00; br. ...... 20$00

«Uma reconstituição e revisão histórica, um quadro dramático e um ardente poema lírico.» — *Alberto de Oliveira.*

D. Sebastião. *Rei de Portugal* (1554-1578). — 9.ª ed., enc. 28$00; br. .... 18$00

«Obra de história, na nobreza mais aristocrática deste género literário.» — *Sousa Costa.*

Espanha. — Páginas galegas, leonesas, asturianas, vasconças e navarras. — 4.ª ed., enc. 30$00; br. .... 20$00

«Livro que se lê embevecidamente, desde o pórtico ao fecho.» — *César de Frias.*

Fátima. — *Graças — Segredos — Mistérios.* — 18.ª ed. Tir. esp. num. br. 50$00. Ed. vulgar enc. 35$00; br. .... 25$00

O maior sucesso de livraria dos últimos anos.

Jornadas em Portugal. — 8.ª ed., enc. 30$00; br. .... 20$00

«Não pode haver livro mais sacro da Terra portuguesa escrito com mais linda e rica linguagem do que este.» — *Eduardo Schwalbach.*

Leonor Teles. *«Flor de Altura».* — *Romance.* 8.ª ed., enc. 35$00; br. .... 25$00

«O amor-paixão — depois de *Garrett* e *Camilo*, ainda ninguém o soube compreender como o escritor destas páginas...» — *Fidelino de Figueiredo.*

Miradouro. — *Tipos e casos.* — 2.ª ed., enc. 22$00; br. .... 12$00

Prémio Ricardo Malheiros, em 1935.

Notre Dame de Fátima. — Trad. francesa de Yvonne Dardel e Christian de Caters. — Br. .... 25$00

Padre Sena Freitas (O). — Conferência. — Br. .... 3$00

Pessoas de Bem. — *Romance.* 4.ª ed., enc. .... 25$00

Recordações e viagens. — 5.ª ed., enc. .... 24$00

«Foi este livro que lhe deu notoriedade, que lhe abriu as portas triunfais do êxito literário.» — *Fidelino de Figueiredo.*

Senhora do Amparo. — Nova e cuidada edição (6.ª) completamente remodelada. Enc. 40$00; br. .... 30$00

«É uma obra de arte, bela, perfeita e imarcescível.» — *Campos Monteiro.*

Toledo. — *Impressões e evocações.* — 3.ª ed., enc. .... 20$00

Último (O) olhar de Jesus. — Exemp. esp. num.º, br. 60$00. — Enc. 30$00. 10.ª ed. no prelo.

«Traços de biografia espiritual e artística para ensino de uma geração que se seguiu a outra impaludada pelo negativismo, esterilizada pelo cepticismo...» — *César de Frias.*

O alcance religioso da obra literária de Antero de Figueiredo, por *J. Fernando de Sousa.* — br. .... 3$00

ANTÓNIO CABRAL

(Notável memorialista dos últimos tempos da monarquia)

Camilo desconhecido, erros que se emendam e factos que se aclaram. Documentos inéditos. — Ilust. Enc. 25$00; br. .... 15$00

Camilo de perfil. — Enc. 25$00; br. .... 15$00

Obra de investigação e de análise; a mais documentada, a mais proba, a mais arguta sobre a vida do romancista.

Cartas (As) de El-Rei D. Carlos ao sr. João Franco. — A Ditadura. Os adiantamentos. O regicídio. — Enc. 20$00; br. .... 10$00

Com três retratos e dezassete reproduções zincográficas de cartas de D. Carlos I.

Cartas de El-Rei D. Carlos a José Luciano de Castro. — Um grande rei. Um notável estadista. Memórias políticas. — Com 2 retratos, enc. 20$00; br. .... 10$00

Dois diplomatas ilustres. — António de Castro Feijó. António da Cunha Sotto Maior. — Br. .... 12$00

Eça de Queirós. — A sua vida e a sua obra. Cartas e documentos inéditos, 3.ª ed., br. .... 25$00

Homens e Episódios inolvidáveis. — Cartas inéditas de Camilo. O berço de Eça. — Br. .... 20$00

ANTÓNIO FERRO

(Mestre do jornalismo literário)

Hollywood, capital das imagens. — Br. .... 10$00

Homens e multidões. — Br. .... 12$50

Mundo novo novo mundo. — Enc. .... 20$00

Saudade e morte de D. Manuel II. — No prelo.

ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA

(Grande lírico cristão da natureza e do lar)

Alma das árvores. — Edição ilustrada destinada às crianças...... 7$00

Ara. — Poema. Cart. .... 20$00

Criação (A). — Enc. .... 20$00

Dizeres do Povo. — Quadras. — Formato 12×8, br. .... 5$00

Minha (A) terra. — Primorosa edição ilustrada em 10 pequenos volumes; (o vol. X está esgot.), cada vol. br. .... 5$00

Colecção completa em:
dois volumes encadernados em percalina .... 90$00
dois volumes com encadernação de luxo .... 170$00

Nesta colecção palpita a alma do Povo Português, com as suas tradições, os seus amores, as suas alegrias, as suas tristezas e esperanças.

Pinheiro (O) exilado. — Ilust., br. .... 8$00

Verbo ser e verbo amar. — Enc. 20$00; br. .... 10$00

Poema religioso, envolvendo o drama da existência humana desde a Criação, o Paraíso e o Êxodo, seguindo a tradição bíblica, até ao resgate final pelo amor de Jesus.

ANTÓNIO FEIJÓ

(Grande estilista do verso português)

Novas Bailatas. — Br. .... 10$00

Livro precioso, amável, de puríssima rima.

Poesias completas. — Ilust., enc. 35$00; br. .... 25$00

Transfigurações (1882) — Líricas e Bucólicas (1884) — À janela do Ocidente (1885) — Cancioneiro chinês (1890) — Ilha dos Amores (1897) — Bailatas (1907) — Sol de Inverno (1922) — Novas Bailatas (1926).

ANTÓNIO PATRÍCIO

(Mestre do esteticismo português)

Dinis e Isabel. — 2.ª ed., ilust., enc. 20$00; br. .... 10$00

Uma tragédia de vitral.

D. João e a máscara — Uma fábula trágica. — Enc. 20$00; br. 10$00

A lenda de sempre, uma das mais ricas de significação e de patético, pelo escritor que Fialho de Almeida chamou *prince charmant* da sensação quimérica.

Pedro, o Cru. — Enc. 20$00; br. .... 10$00

É, enfim, realizada a Tragédia da Saudade.

AQUILINO RIBEIRO

(Poderoso e incontestável mestre do Romance e do Conto português)

Aldeia. — Terra, gente e bichos. — 3.ª ed., enc. 35$00; br. ...... 25$00

Alemanha ensanguentada. — 4.º milhar. — Enc. 28$00; br. ...... 18$00

É um livro profético, com um poder assombroso de perturbar e convencer.

Anastácio da Cunha. — *O lente penitenciado* (Vida e obra). — 3.ª ed., enc. 28$00; br. .... 18$00

«Bela, forte e viva contribuição para o conhecimento de José Anastácio e do ambiente em que viveu — e o sufocou.» — *Hernani Cidade.*

Anatole France. — Conferência. — Br. .... 8$00

«É uma afirmação crítica e de observação à obra do escritor da *Histoire Comique.*» — *Correia da Costa.*

Andam faunos pelos bosques. — *Romance.* — 4.ª ed., ex. esp. 50$00; enc. 30$00; br. .... 20$00

«Encontram parceiros condignos nos diálogos que o salpicam e em que é flagrante a naturalidade.» — *César de Frias.*

Arcanjo (O) Negro.—*Romance.*—4.º milhar, ex. esp., br. 50$00; enc. 35$00; br. .... 25$00

«Soberbo livro, de leitura empolgante, mordente de ironia e palpitante de quente realismo». — *República.*

Aventura maravilhosa de D. Sebastião, Rei de Portugal, depois da batalha com o Miramolim. — *Romance.* — 5.ª ed., enc. 35$00; br. 25$00

«São espantosas criações de génio, inesquecíveis para todo o sempre.»—*João de Barros.*

Avós (Os) dos nossos Avós. — 4.ª ed., enc. 35$00; br. .... 25$00

É a história da casa Lusitana nas suas origens. Quem morou nela?
Que sangue corria nas veias dos primeiros moradores?
Que sopro espiritual animou a sua primeira gesta?
Eis aqui a crónica da meninice portuguesa.

Batalha (A) sem fim. — *Romance.* — 5.ª ed., enc. 30$00; br. ... 20$00

Curiosa e impressiva visão do mar e dos pescadores. Livro emocionante e variado como um filme.

Brito Camacho. — *O homem público — O homem de letras.* — De colaboração com *Ferreira de Mira.* — 2.ª ed., enc. 25$00; br. ...... 15$00

Camões, Camilo, Eça e alguns mais. — Tir. esp. 100$00; enc. 40$00; br. .... 30$00

Obra que provocou um veemente debate literário.

Caminhos Errados. — *Novelas.* — 4.ª ed., enc. 37$50; br. .... 27$50

«É uma verdadeira obra-prima, vai galgar outra vez para o máximo da glorificação.» — *Armando Ferreira.*

Cinco réis de gente. — *Romance.* — 4.ª ed., ed. esp. 100$00; enc. 35$00; br. .... 25$00

«Aquilino, continuador de Camilo na valentia casticista e no surto impressivo do terrunho.» — *V. Nemésio.*

Constantino de Bragança, VII Vizo-Rei da Índia. — Um grosso vol. br. .... 70$00

É a guerra. — Diário da grande conflagração europeia. — 5.º milhar, enc. 28$00; br. .... 18$00

«O livro é duma objectividade imparcial e quase fria se, frequentemente, não houvesse pelas suas páginas trechos desgarrados de tragédia, dum realismo e duma humanidade quase aflitiva.» — *Marques Guedes.*

A edição «Princeps» dos Lusíadas. — *(Crítica literária).* — Tir. esp. num. e assin. de 200 ex., br. .... 30$00

Em prol de Aristóteles, de *António de Gouveia.* Trad. e pref. de Aquilino Ribeiro. — Enc. 60$00; br. (d) .... 50$00

Edição patrocinada pelo «Instituto para a Alta Cultura».

Estrada de Santiago. — *Contos.* — 6.ª ed. revista. Enc. 30$00; br. 20$00

«É simplesmente uma obra-prima. Não se faz melhor.» — *Dr. Alberto Pinheiro Torres.*

Filhas de Babilónia. — *Novelas.* — Os olhos deslumbrados — Maga. — 6.ª ed., enc. 30$00; br. .... 20$00

«Páginas a cujo encantamento ninguém resiste e que bastariam para a glória de um nome.» — *Elísio de Carvalho.*

Galante (O) século XVIII, de *Cavaleiro de Oliveira.* — Compilação e versão. — 3.ª ed., enc. 30$00; br. .... 20$00

Homem (O) que matou o Diabo. — *Romance.* — 7.º milhar, revisto; ex. esp. numerado e rubricado, br. 50$00; enc. 30$00; br. ...... 20$00

Crítica e público são unânimes em considerar este romance cosmopolita como a obra-prima do grande escritor.

Jardim das Tormentas. — *Contos.* — 4.ª ed., ex. esp. numerado e rub., br. 50$00; enc. 30$00; br. .... 20$00

«...linguagem vibrátil nervosíssima. Quem a escreveu numa idade tão juvenil é desde agora um dos grandes virtuoses do estilo.» — *C. Malheiro Dias.*

Lápides Partidas. — *Romance.* — 5.ª ed., ex. esp. num. e rub. br. 100$00; enc. 35$00; br. .... 25$00

Livro (O) do Menino Deus. — 19,5×25,5; em *chagrin* 170$00; em pele 140$00; em perc. 75$00; br. .... 50$00

Luís de Camões, *Fabuloso — Verdadeiro.* — 2 vols. Tir. esp., os 2 vols., 200$00. Ed. vulgar, cada um enc. 40$00; br. .... 30$00

Figura humanizada do nosso grande Épico.

Malhadinhas (O). — Obra ilustr. com 10 *hors-texte* de Bernardo Marques, assinada pelo autor, numerado de 1 a 10, esg.; 11 a 20, com um desenho original do mesmo artista, 700$00. De 21 a 520 .... 350$00

Maria Benigna. — *Romance.* — 10.º milhar, enc. 30$00; br. ...... 20$00

A protagonista é uma figura encantadora de mulher lisboeta atingida por uma ânsia de liberdade e de amor.

Mónica. — *Romance.* — 5.ª ed., enc. 30$00; br. .... 20$00

É a história duma rapariga, filha-família riquíssima, raptada por um Rastignac do Chiado, homem de meia-idade, vivido, com certa aura de advogado e jornalista.

Por obra e graça. — *Estudos.* — 3.ª ed., enc. 30$00; br. .... 20$00

O pintor Manuel Jardim—Anatole France—Santo António e o seu tempo.

Quando ao gavião cai a pena. — *Contos.* — 6.º milhar, enc. 30$00; br. .... 20$00

Retirada (A) dos dez mil, de *Xenofonte.* — Trad. e pref. 4.ª ed., enc. 30$00; br. .... 20$00

«Narração do tormentoso regresso dos gregos... é uma obra de Xenofonte e, também, uma obra de Aquilino — de tal modo o tradutor soube imprimir-lhe a feição pessoal do seu estilo.» — *Cláudio Basto.*

Romance da raposa. — Ilust. de Benjamin Rabier. Nova e esmerada edição (3.ª) em papel «couché», formato album. Cartonado .... 50$00

S. Banaboião, anacoreta e mártir. — *Romance.* — 4.ª ed., enc. 30$00; br. .... 20$00

Servo (O) de Deus e a casa roubada. — *Novelas.* — 4.ª ed., enc. 30$00; br. .... 20$00

Cheira a estevas e à urze, a ervas bravias do campo e ideias rudes dos simples.

Terras do Demo. — *Romance.* — Ed. defin., enc. 35$00; br. ...... 25$00

«Figuras do seu livro lembram águas-fortes goyescas; mas nós sentimo-las respirar e viver.» — *Júlio Brandão.*

Três (As) mulheres de Sansão. — *Novelas.* — 5.ª ed., enc. 30$00; br. .... 20$00

Prémio Ricardo Malheiros, em 1934.

«Que opulência verbal e que suavidade no desenrolar dos dramas e da comédia!» — *Norberto de Araújo.*

Uma Luz ao Longe. — *Romance.* — 4.ª ed., ex. esp. num.º, br. 100$00; enc. 35$00; br. .... 25$00

Via sinuosa. — *Romance.* — 7.ª ed. Tir. esp. num., br. 50$00; enc. 30$00; br. .... 20$00

«Leva-os algumas vezes até o símbolo e nisso vai talvez mais longe que Anatole France.» — Do *Mercure de France.*

Volfrâmio. — *Romance.* — 10.º milhar, enc. 30$00; br. .... 20$00

BLASCO IBAÑEZ

(O escritor espanhol de universal renome)

Adega (A). — *Romance.* — 4.ª ed., enc. 28$00; br. .... 18$00
Livro interessantíssimo, com um sabor regional bastante acentuado nas suas brilhantes páginas. Uma das obras da primeira fase do genial escritor.

Catedral (A). — *Romance.* — 7.ª ed., enc. 28$00; br. .... 18$00
Um dos mais notáveis livros da literatura romântica contemporânea em toda a Europa.

Cortesã (A) de Sagunto. — *Romance.* — 5.ª ed., enc. 28$00; br. 18$00
Neste livro, o grande escritor espanhol descreve com a sua pena brilhantíssima uma das maiores tragédias da humanidade: o cerco e a destruição da cidade de Sagunto.

Flor de Maio. — *Romance.* — 3.ª ed., enc. 28$00; br. .... 18$00
Novela de costumes marítimos, magnìficamente observados e descritos.

Jesuítas. — *Romance.* — 5.ª ed., enc. 28$00; br. .... 18$00
Páginas ternas de amor e rubras de ódio.

Mortos (Os) mandam — *Novela.* — 4.ª ed. enc. 28$00; br. .... 18$00
Um episódio de amor conduz ao fecho do romance, em que o autor se apresenta o vigoroso escritor que é uma glória de Espanha.

No País da Arte. — Três meses na Itália. — 6.ª ed., enc. 35$00; br. 25$00
Descrição dos principais monumentos da Itália e obras de arte desse grande país; com muitas ilustrações.

Oriente. — 5.ª ed., enc. 35$00; br. .... 25$00
Neste soberbo livro o autor descreve, em condições verdadeiramente admiráveis, não só o Oriente em todo o seu conjunto, mas também uma parte da França, da Suiça, da Alemanha, da Austria e da Hungria, países por onde efectuou o trajecto; com muitas ilustrações.

Paraíso (O) das Mulheres. — Enc. .... 20$00

Por entre laranjeiras. — *Romance.* — 4.ª ed., enc. 28$00; br. ... 18$00
Um dos romances mais empolgantes deste célebre escritor.

Terras malditas. — *Romance.* — 4.ª ed., enc. 28$00; br. .... 18$00
Novela regional encantadora e emocionante.

Touros de morte. — *Romance.* — 6.ª ed., enc. 28$00; br. .... 18$00

CARLOS MALHEIRO DIAS

(Prosador clássico e emocionante da «Paixão de Maria do Céu»)

Carta aos estudantes portugueses. — Br. .... 2$00

Em redor de um grande drama. — Enc. .... 20$00

Esperança (A) e a Morte. — 2.ª ed., enc. 18$00; br. .... 8$00

Exortação à mocidade. — Br. .... 8$00

Grande (O) Cagliostro. — Novela romântica. — 2.ª ed., br. .... 15$00

Orações e conferências. — Enc. 18$00; br. .... 8$00

Paixão de Maria do Céu. — *Romance.* — 3.ª ed., br. .... 12$00

Pensadores brasileiros. — Pequena antologia. — Br. .... 8$00

Piedoso (O) e o Desejado. — Enc. 18$00; br. .... 8$00

Teles (Os) de Albergaria. — Br. .... 20$00

Verdade (A) nua. — 3.ª ed., revista, enc. 20$00; br. .... 10$00

Zona de tufões. — Enc. 25$00; br. .... 15$00

CARLOS SELVAGEM

(Vibrante dramaturgo e escritor colonialista)

Ave do Paraíso. — Enc. 22$00; br. .... 12$00
Um grande sucesso literário de entre as duas guerras.

Bonecos falantes. — Contos infantis. — 2.ª ed., enc. 20$00, br. 10$00

Herdeiro (O). — Peça em 3 actos, enc. 16$00; br. .... 6$00

Papagaio Real. — *Contos infantis.* — Enc. 18$00; br. .... 8$00

Tropa de África. — Enc. 22$00; br. .... 12$00

CONDE DE SABUGOSA

(Extraordinário evocador da Corte e da vida antiga)

Auto da festa. — 2.ª ed., br. .... 15$00

Donas de tempos idos. — 4.ª ed., enc. 28$00; br. .... 18$00

Embrechados. — 4.ª ed., enc. 28$00; br. .... 18$00

Neves de antanho. — 3.ª ed., esp. 50$00; enc. 28$00; br. .... 18$00

EUGÉNIO DE CASTRO

(Sumptuoso poeta do gosto helénico e bíblico)

Camafeus romanos. — Br. .... 10$00

Éclogas. — Br. .... 2$00

Obras poéticas. — (Ed. da Lumen).
Colecção dos 8 vols., enc. 180$00; cada vol., enc. 25$00; br. ...... 15$00

Saudades do Céu. — Br. .... 5$00

Últimos versos. — Ed. esp., br. 25$00; ed. vulgar .... 10$00

GUIDO DA VERONA

(Romancista que conserva uma imensa voga)

A vida começa amanhã. — Enc. 30$00; br. .... 20$00

Cléo, robes et manteaux. — Enc. 30$00; br. .... 20$00

Mimi Bluette, flor do meu jardim. — Enc. 30$00; br. .... 20$00

Romances de incontestável valor literário, palpitantes de vida e de emoção, de amor, de ternura e realismo, granjearam ao seu autor um renome internacional e um apreço inexcedível.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

(Eminente historiador dos temas heróicos portugueses)

Lopes de Mendonça tem, na literatura portuguesa contemporânea, um lugar excepcional. É um mestre. — *Júlio Dantas.*

Cenas de Vida Heróica:

Cada vol. enc. 20$00; br. .... 10$00

Sangue português. — 4.ª ed.
Gente namorada. — 3.ª ed.
Lanças n'África. — 3.ª ed.
Capa e Espada. — 2.ª ed.
Fumos da Índia. — 2.ª ed.
Santos de casa. — 2.ª ed.
Almas penadas. — 4.º milhar.
Argueiros e cavaleiros.

Afonso de Albuquerque. — Enc. 20$00; br. .... 10$00

Alma (A) do Trinca-Fortes. — Enc. 20$00; br. .... 10$00

Crime (O) de Arronches. — Peça em 4 actos. — Br. .... 4$00

Epopeia de hoje. — (Gago Coutinho e Sacadura Cabral) .... 2$00

Júlio Dantas, esboço de perfil literário .... 2$00

Com o retrato de Júlio Dantas e a reprodução de um autógrafo.

Lux Perpétua. — Égloga à memória de D. João da Câmara ...... 3$00

Com um retrato de D. João da Câmara, desenho de Columbano Bordalo Pinheiro.

Morta (A). — Drama em 5 actos. — 2.ª ed., br. .... 8$00

Órfãos (Os) de Calecut. — Romance histórico-marítimo. — Br.... 15$00

Poesia (A) pastoril na antiguidade. — Br. .... 3$00

Saudade. — Peça em 1 acto, em verso .... 3$00

Teatro pitoresco. — Constituído por «O salto mortal», comédia em 1 acto, em verso, e «Amor louco», drama em 4 actos, em prosa, br. 10$00

Trovas de Portugal. — Versos .... 1$00

Vasco da Gama na História Universal. — Conferência .... 2$00

JOÃO CHAGAS

(Combativo e elegante cronista da República)

Bom humor. — Enc. .... 22$00

1908. — Subsídios críticos para a história da Ditadura. — Br. 10$00

Trabalhos forçados. — Edição definitiva. 3 vols., br. .... 30$00

O mais combativo de todos os volumes de memórias. A revolução de 31 de Janeiro vista por um dos que tomaram parte nela.

JOÃO DE DEUS

(Príncipe dos poetas portugueses e insuperável lírico do amor)

Álbum da Cartilha Maternal. — Enc. .... 190$00

Arte de escrita. — Colecção de 5 cad., cada $60

Campo de Flores. — Poesias líricas completas, compiladas sob as vistas do Autor, por *Teófilo Braga*. Tomo I—*Poesias Líricas*. Tomo II —*Sátiras e Epigramas, Versões e imitações. Teatro* — 8.ª ed., Enc., num vol., perc. 48$00; 2 vols., br. .... 36$00

Cartilha Maternal. — 1.ª e 2.ª partes, cada .... 3$50

Livro (O) de Amor. — 2.ª ed. Exemp. em papel esp. e numerados, br. 50$00; ed. vulgar, enc. 25$00; br. .... 15$00

Método João de Deus. — Guia prático da *Cartilha Maternal*. — 6.ª ed. revista e simplificada .... 3$00

Festival (O) de João de Deus. — Poesias, estudos, manifestações, etc. Com um escorço biográfico, por *Teófilo Braga*. — Enc. ... 80$00

In memoriam. — Homenagem da mulher portuguesa ao grande poeta e educador. (Centenário João de Deus). — Br. .... 10$00

João de Deus. — Escorço biográfico, por *Teófilo Braga*. — Br. ... 1$50

JOÃO PENHA

(Figura única da poesia e da boémia portuguesa)

Canto do Cisne. — Rimas. — Enc. 20$00; br. .... 10$00

«Poeta original... grande... tinha a arte como grande sacerdócio... precursor do monóculo e das polainas, que ditava a lei.» — *Albino Forjaz de Sampaio.*

Rimas. — Enc. .... 20$00

JOÃO DE BARROS

(Paladino da amizade Luso-Brasileira)

Ansiedade. — Br. .... 5$00

Rimas em que o poeta canta a alegria de viver em nobres e elevados acentos.

Anteu. — Poema dramático. — 3.ª ed. .... 8$00

Aproximação Luso-Brasileira. — Br. .... 2$00

Educação (A) moral na escola primária. — 1 fol. br. .... 3$00

Educação republicana. — Br. .... 3$00

Grécia, musa do Ocidente. — 1 vol. br. .... 10$00

Ode à Bélgica. — 1 fol., artística ed., br. .... 3$00

Olavo Bilac e Euclides da Cunha. — Br. .... 3$00

Os dois grandes espíritos do Brasil vistos com verdade e criticados com justiça.

Oração à Pátria. — Capa ilustrada, br. .... 5$00

Rimas em que uma alma verdadeiramente lusíada expande o seu amor à terra que lhe é berço.

Pátria esquecida. — *Notas e esquemas.* — Br. .... 10$00

Portugal, terra do Atlântico. — Br. .... 6$00

República (A) e a escola. — Br. .... 7$00

Ritmo de exaltação. — Br. .... 7$00

Livro de versos, aquele, porventura, em que a feição pagã, optimista, saudável, do grande poeta, melhor se manifesta.

Sentido do Atlântico. — Br. .... 7$00

Sísifo. — Br. .... 7$00

Poema «*pendant*» do Anteu, em que o mito grego revive em metro de ritmos eternos.

Vida vitoriosa. — *Poesias.* — Nova ed. rev. e melh. Ed. esp. 40$00; ed. vulgar, br. .... 10$00

JOAQUIM MANSO

(Eminente Jornalista e académico)

Cartas a João Venâncio. — Br. (d) .... 15$00

Consciência (A) nua e abandonada. — Ed. esp. (d) 25$00; br. (d) 15$00

Fábulas. — Ilust. de Almada Negreiros. — Br. (d) .... 20$00

Fulgor das cidades. *(Espanha e França)* 1924. — Br. .... 10$00

Livro de moralidades. — Br. .... 10$00

Malícia sem maldade. — Br. (d) .... 15$00

Pedras para a construção dum mundo. — Br. (d) .... 15$00

Pórtico (O) e a Nave. — Conferências. — Ed. esp. (d), br. 50$00; ed. vulgar (d) .... 35$00

Primavera da lenda. — Lendas. — Ed. esp., br. 25$00; ed. vulg. 15$00

Ramalho Ortigão. — Conferência. — Br. (d) .... 5$00

JÚLIO DANTAS

(Príncipe das letras portuguesas)

Prosa

Abelhas doiradas. — 3.ª ed. 13.º milhar, enc. 22$00; br. .... 12$00

Alta roda. — 4.ª ed., enc. 25$00; br. .... 15$00

Amor (O) em Portugal no século XVIII. — 3.ª ed., enc. 25$00; br. 15$00

Ao ouvido de M.me X. — 5.ª ed., enc. 22$00; br. .... 12$00

Arte de amar. — 3.ª ed., 13.º milhar, enc. 22$00; br. .... 12$00

Cartas de Londres. — 2.ª ed., enc. 25$00; br. .... 15$00

Como elas amam. — 4.ª ed., 16.º milhar, enc. 22$00; br. .... 12$00

Contos. — 2.ª ed., enc. 22$00; br. .... 12$00

Diálogos. — 2.ª ed., 5.º milhar, enc. 22$00; br. .... 12$00

Discurso inaugural das comemorações nacionais. — Br. .... 5$00

Discursos.

I — *Solenidades académicas.* II — *Comemorações do ano áureo.* III — *Actos diplomáticos e conferências internacionais.* — Br. .... 17$50

Duque (O) de Lafões e a primeira sessão da Academia. — Esg.

Eles e elas. — 4.ª ed., 16.º milhar, enc. 22$00; br. .... 12$00

Espadas e rosas. — 6.ª ed., no prelo, a sair brevemente.

Eterno Feminino. — Esgotado.

Eva. — 6.º milhar, enc. 22$00; br. .... 12$00

Figuras de ontem e de hoje. — 3.ª ed., enc. 22$00; br. .... 12$00

Galos (Os) de Apolo. — 2.ª ed., 10.º milhar, enc. 22$00; br. ... 12$00

Heroísmo (O), a Elegância e o Amor. — Conferências.

I — *O mosteiro da Batalha.* II — *Os elegantes do romantismo.* III — *Mulheres que Camões amou.* — Enc. 16$00; br. .... 6$00

Inimigas (As) do homem. — 6.º milhar, enc. 25$00; br. .... 15$00

Mulheres. — 22.º milhar, enc. 22$00; br. .... 12$00

Outros tempos.

I — *Inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas (Avis e Bragança).* II — *Estudos sobre o século* XVIII *em Portugal.* III — *Modas e episódios do período romântico.* — Enc. 22$00; br. .... 12$00

Pátria Portuguesa. — 7.ª ed., enc. 35$00; br. .... 25$00

Política internacional do espírito. — Conferência .... 2$00

Unidade (A) da língua portuguesa. — Conferência .... 1$50

Viagens em Espanha. — 4.º milhar, enc. 27$50; br. .... 17$50

Poesia

Nada. — 3.ª ed., enc. 17$50; br. .... 7$50

Sonetos. — 6.ª ed., enc. 17$50; br. .... 7$50

Teatro

Antígona. — Peça em 5 actos, inspirada na obra dos poetas trágicos gregos e na *Antigona* de Sófocles. 2.ª ed., br. .... 15$00

Auto de El-Rei Seleuco. — 2.ª ed., br. .... 5$00

Carlota Joaquina. — Peça em 1 acto, em prosa. 3.ª ed., br. ...... 5$00

Castro (A). — Adaptação em 4 actos, da *Castro,* de António Ferreira. 2.ª ed., br. .... 5$00

Ceia (A) dos Cardeais. — 196.º milhar, br. .... 2$50

Crucificados. — Peça em 4 actos. 3.ª ed., enc. 20$00; br. .... 10$00

D. Beltrão de Figueiroa. — Comédia ingénua, ao gosto do século XVIII, em 1 acto. 5.ª ed., br. .... 5$00

D. João Tenório. — Peça em 5 actos e 7 quadros, em verso, 2.ª ed., br. .... 10$00

D. Ramon de Capichuela. — Sainete em verso sobre um motivo castelhano. 3.ª ed. .... 3$00

Mater Dolorosa. — Peça em 1 acto, em prosa. 6.ª ed., br. .... 5$00

1023. — Um acto, em verso. 3.ª ed., br. .... 3$00

O que morreu de amor. — Peça em 4 actos. 5.ª ed., br. .... 6$00

Paço de Veiros. — Peça em 3 actos. 3.ª ed., br. .... 6$00

Primeiro (O) beijo. — Peça em 1 acto, em prosa, 7.ª ed. .... 5$00

Rei Lear. — Adapt. em 7 quadros e em verso, da tragédia em 28 cenas e em prosa, de *Shakespeare.* 2.ª ed., br. .... 12$00

Reposteiro (O) verde. — Peça em 4 actos, em prosa. 3.ª ed., br. 8$00

Rosas de todo o Ano. — Comédia em 1 acto. 11.ª ed. .... 5$00

Santa Inquisição. — Peça em 4 actos e 1 quadro. 3.ª ed., enc. 18$00; br. .... 8$00

Severa (A). — Peça em 4 actos. 5.ª ed., enc. 20$00; br. .... 10$00

Sóror Mariana. — Peça em 1 acto. 4.ª ed. .... 5$00

Um serão nas Laranjeiras. — Comédia em 3 actos. 4.ª ed., br. 10$00

Viriato trágico. — Comédia de capa e espada, em 5 actos. 3.ª ed., br. .... 10$00

Teatro completo. — 5 vols., enc. .... 150$00

JÚLIO DINIS

(Inimitável romancista da família e da terra portuguesa)

Agenda. — Cart. .... 10$00

Inéditos e esparsos. — 2.ª ed., 466 págs., enc. 25$00; br. .... 15$00

Morgadinha dos Canaviais. — Enc. .... 20$00

Poesias. — Cart. .... 20$00

Pupilas (As) do Senhor Reitor. — Ilust., br. .... 10$00

Pupilas (As) do Senhor Reitor.—Com fotografias do filme.—br. 15$00

Pupilas (As) do Senhor Reitor. — Grande ed. de luxo. Ilust. de Roque Gameiro. Vol. in-4.º, em carn. 1.000$00; em perc. .... 900$00

Serões da Província. — Ilust. com artísticos cromos, br. .... 10$00

Uma família inglesa. — Em linda edição deliciosamente ilust., 2 vols., enc. 70$00; br. 50$00; ed. popular .... 10$00

MARDEN (Orison Swett Marden)

Cada volume enc. 25$00; br. .... 15$00

Aperfeiçoamento (O) individual.
Arte (A) de economizar e poupar.
Atitude vitoriosa.
Caminho (O) da felicidade.
Corpo (O) e o Espírito.
Crime (O) do silêncio.
Escolha (A) da profissão.
Formação do carácter.
Harmonias (As) do bem.
Iniciação (A) nos negócios.
Marcação (A) do lugar na vida.
No caminho da vida.
Obra (A) prima da vida.
Poder da vontade.
Querer é poder.
Vozes animadoras.

MANUEL PINHEIRO CHAGAS

História alegre de Portugal.—4.ª ed., 1 vol. 142 págs., enc. 20$00; br. .... 10$00

Lenda (A) da meia noite. — Romance. — 1 vol. 172 págs., br. ... 8$00

Segredo (O) da viscondessa. — Romance. — 1 vol 150 págs., br. 8$00

Duas (As) flores de sangue. — Romance hist. — 1 vol. 208 págs. 8$00

NORBERTO DE ARAÚJO

(Erudito jornalista e olisipógrafo)

Miniaturas. — 1 vol. prof. ilust., ed. esp. 120$00; br. .... 8$00

Comentários à margem da vida corrente, dum dos mais cintilantes jornalistas da moderna geração.

Novela do amor humilde. — 2.ª ed., br. .... 12$00

«É uma história verdadeira que permite entender melhor a humildade de que é feita a vida.»

Varanda dos meus amores. — Enc. 18$00; br. .... 8$00

Páginas impressivas, por vezes emocionantes, sobre os acontecimentos e os homens do seu tempo.

Vinha vindimada. — Enc. 18$00; br. .... 8$00

Narrativas e novelas em que se confirmam as qualidades excepcionais do cronista e comentador brilhante que é o autor.

A. DO PRADO COELHO

(Distinto crítico e pedagogista)

Camilo. — O Homem — O Artista — Enc. 20$00; br. .... 10$00

Estudo crítico e biográfico, ordenado por um dos mais cultos professores portugueses.

Ensaios críticos. — Enc. .... 20$00

Concisas e lúcidas monografias sobre escritores franceses e portuguêses e vultos heróicos do passado.

RAUL BRANDÃO

(Grande evocador dos pobres e pescadores)

Farsa. — Enc. 22$00; br. .... 12$00

Páginas da vida quotidiana, amargas sim, mas deslumbrantes de luz e superiores de observação.

Humus. — Enc. 22$00; br. .... 12$00

Livro primacial deste escritor do claro-escuro. Um sonho íntimo contado — parece — por um russo.

Ilhas (As) desconhecidas. — Enc. 22$00; br. .... 12$00

«A Madeira e os Açores, as suas paisagens de maravilha, os usos e costumes da sua gente, cheia da doce fraternidade dos antigos cristãos.»

Memórias. — 1.º e 2.º volumes. Cada vol., enc. .... 22$00

Pescadores (Os). — 9.º milhar, enc. 22$00; br. .... 12$00

«A vida humilde do povo português... *Os Pescadores* são uma das mais deliciosas, espontaneas e consoladoras obras que há muito se têm publicado em prosa portuguesa.» — *Correio da Manhã.*

Pobre (O) de pedir. — Br. .... 12$00

Pobres (Os). — Enc. 22$00; br. .... 12$00

Uma nova bíblia dos simples, dos seres mesquinhos, tristes e desprezados que ninguém vê, em quem ninguém repara.

SOUSA COSTA

(Distinto romancista)

Amor 1.º, o Cruel. — Romance de uma carioca. — Br. .... 8$00

Dramas da serra. — *Novelas.* — Br. .... 6$00

Excêntricos. — *Contos.* — 3.ª ed., br. .... 6$00

Frei Satanaz. — Peça em 3 actos. — Br. .... 5$00

Milagres de Portugal. — De entre Minho e Algarves. — Br. ...... 8$00

Mulher (A) vítima da guerra. — Conferência. — Br. .... 1$50

Os que triunfam. — *Novela romântica.* .... 5$00

Pecadora (A). — *Romance.* — 3.ª ed., br. .... 8$00

Ressurreição dos mortos. — *Romance.* — Cenas da vida do Douro. 2.ª ed., br. .... 8$00

WENCESLAU DE MORAIS

(O ocidental que melhor compreendeu a alma japonesa)

Cartas do Japão. — 3 vols. Tir. esp. num. em papel *couché*, 150$00; Edição vulgar, enc. 60$00; br. .... 45$00

Relance da alma japonesa. — Tir. esp. em papel *couché*, ex. num. 50$00; enc. 25$00; br. .... 15$00

Serões (Os) no Japão. — Ilust. com 107 gravuras. — Enc. 25$00; br. .... 15$00

SAMUEL MAIA

(Vernáculo prosador e ilustre higienista)

Boa Comida, gosto da vida. — *As velhas dietas e as actuais.* — Enc. 30$00; br. .... 20$00

Brás Cadunha. — Composição dramática em 3 actos. — Br. ...... 6$00

Breviário de Medicina Preventiva. — *Para uso das famílias.* — Enc. 32$00; br. .... 20$00

Diabo (O) da meia-noite. — Enc. 40$00; br. .... 30$00

Último sucesso do grande escritor. Crítica irónica da vida dos tempos presentes.

Entre a vida e a morte. — *Novela.* — Enc. 17$00; br. .... 7$00

Este mundo e o outro. — *Crónicas.* — Enc. 22$00; br. .... 12$00

«...o Dr. Samuel Maia viaja pelo mundo e pelos acontecimentos, analisando povos, nações, momentos e factos sensacionais, recentemente ocorridos. O seu perfil de Itália é uma maravilha.» — *Diário de Lisboa.*

História maravilhosa de Dom Sebastião, Imperador do Atlântico. — *Romance.* — Realidade — Sonho — Ilusão. — Enc. 22$50; br. 12$50

«...é um livro extraordinário, pitoresco, encantador e um tanto na corrente dos romances de cavalaria, outrora tão estimados.» — *Diário de Lisboa.*

Língua de prata. — *Novelas.* — Br. .... 8$50

Luz perpétua. — *Romance.* — Br. .... 7$00

«*Luz Perpétua* ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade.» — *Elcay.*

Manual de Medicina Doméstica. — 6.ª ed. 1 grosso vol. prof. ilust., enc. em perc. .... 75$00

A descrição do corpo humano — As plantas medicinais e suas aplicações — O tratamento do doentes na ausência do médico — Cuidados essenciais na defesa da saúde e longevidade — Os conhecimentos de medicina indispensáveis a toda a gente — Receitas de cozinha para doentes, convalescentes e sãos, etc.

Higiene — Dietética — Ginástica — Enfermagem — Farmácia caseira — Definição e tratamento das doenças — Socorros de urgência.

Meu (O) menino. — *Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer* — 8.ª ed. refundida, ampl. e actualizada. Ilust., enc. 48$00; br. 35$00

O Meu Menino é um livro notável de divulgação científica, escrito numa linguagem clara e simples por um médico ilustre, destinado às mães e às futuras mães, às quais ensina aquele mínimo de conhecimentos que lhes são absolutamente necessários para levarem a cabo a sua gloriosa missão. (De «*O Século*»).

Mudança de ares. — *Romance.* — 2.ª ed., br. .... 12$00

Mudança de Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Júlio Dantas.*

Por terras estranhas. — *Crónicas.* — Br. .... 4$00

Quem não viu... — *Contos.* — Br. .... 12$50

Sexo Forte. — *Romance.* — 5.ª ed., enc. 35$00; br. .... 25$00

«Com o *Sexo Forte* Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escritores contemporâneos.» — *Júlio Dantas.*

TEIXEIRA DE PASCOAIS

(Incontestável mestre do lirismo português)

Cânticos. — Br. (d) .... 7$50

O rouxinol do Marão canta e seus cânticos sobem ao céu, cada vez mais altos e cheios de idealidade.

Sombras (As). — Poesias — 1.ª ed., br. (d) .... 10$00

Obras completas. — Cada vol. br. (d) .... 10$00

O grande poeta, cujo nome está hoje consagrado não só entre nós como além-fronteiras, tem-se devotado ùltimamente à refundição de todas as suas produções, sob o título de *Obras Completas* e obedecendo ao seguinte plano:

I — *Sempre, Terra proibida.*
II — *As sombras, O doido e a morte, Senhora da Noite.*
III — *Cantos indecisos, Vida etérea, Elegias.*
IV — *Marános.*
V — *Regresso ao Paraíso.*
VI — *O pobre tolo.*
VII — *Verbo Escuro, A Beira (Num relâmpago).*

VITORINO NEMÉSIO

(Um dos mais ricos e originais prosadores portugueses)

Exilados. — História sentimental e política do liberalismo na emigração. — Enc. 35$00; br. .... 25$00

Festa Redonda. — *Décimas e Cantigas de Terreiro.* — Tir. esp. 80$00, ed. vulgar, br. .... 25$00

A mais pura inspiração da musa popular.

Mau tempo no canal. — *Romance.* (Prémio Ricardo Malheiros). — Ed. especial 60$00; enc. 35$00; br. .... 25$00

Um dos maiores sucessos dos últimos anos.

Mistério (O) do Paço do Milhafre. — *Contos.* — Ex. esp. e rub., br. 100$00; br. .... 30$00

«...oferece-nos algumas das mais belas páginas escritas em língua portuguesa neste meio século.» — *A Voz.*

Mocidade (A) de Herculano até à volta do exílio (1810-1832). Ensaio de interpretação da sua personalidade na história do século XIX. 2 vols. — Ilust., br. (d) .... 100$00

Ondas médias (Dos trovadores e cronistas a Eça e António Nobre). — Enc. 35$00; br. .... 25$00

Varanda de Pilatos. — Romance. — Enc. 20$00; br. .... 10$00

LIVROS PARA BIBLIÓFILOS

A Bruxa do Monte Córdova por *Camilo Castelo Branco* — 1.ª ed., 1 vol. em carneira, enc. .... 200$00

O Santo da Montanha por *Camilo Castelo Branco* — 1.ª ed., 1 vol. em carneira, enc. .... 200$00

O Senhor do Paço de Ninães por *Camilo Castelo Branco* — 1.ª ed., 1 vol. em carneira, enc. .... 200$00

Cavar em Ruínas por *Camilo Castelo Branco* — 2.ª ed., 1 vol., em carneira, enc. .... 120$00

Memórias de Guilherme do Amaral por *Camilo Castelo Branco* — 2.ª ed., 1 vol., em carneira, enc. .... 120$00

Diana (A) de *Jorge de Montemor* — Em português por *Afonso Lopes Vieira* — Ed. esp. num., enc. de luxo com os ferros do Autor (últimos ex.) .... 200$00

Romance de Amadis por *Afonso Lopes Vieira* — Enc. de luxo com os ferros do Autor (últimos ex.) .... 200$00

Cartas de Soror Mariana — Textos português e francês — Linda edição. Enc. de luxo .... 40$00

Golpes de Luta — *Dos erros da luyta brevemente scriptos* — fac-simile do original de D. Duarte rei de Portugal. Opúsculo com 8 págs. 10$00

Monumentos e Lendas de Santarém por *Raul Brandão* — ilustr., br. .... 50$00

Sua Graça é Lisboa por *Bourbon e Meneses* — Ilustr., Tir. esp., 50$00; br. .... 25$00

Uma Família Inglesa por *Júlio Dinis* — Linda edição deliciosamente ilustrada. 2 vols., br. .... 50$00

Vers une méthode dans les études des Primitifs Portugais por *M. M. Jirmounsky* — 1 grande vol. ilustrado, br. .... 40$00

Tojos e Rosmaninhos por *Alfredo Keil* — 1 grande vol. ilust., enc. 100$00

O Malhadinhas por *Aquilino Ribeiro* — ilustr. de *B. Marques*, com um desenho original 700$00; br. .... 350$00

O Paço de Sintra pelo *Conde de Sabugosa*, desenhos de *S. M. a Rainha D. Amélia* — enc. .... 800$00

Orlando Furioso por *Ariosto* — ilustr. de *Gustavo Doré*, enc. ...... 1.200$

Fábulas de La Fontaine — Ilustr. de *Gustavo Doré* — 2 vols., enc. 1.200$

As Pupilas do Sr. Reitor por *Júlio Dinis* — ilustr. de *Roque Gameiro* — Enc. 900$00; enc. .... 1.000$

Os Lusíadas de Camões — Edição parisiense de 1890. Em papel velino, enc. 1.500$00; em papel Japão, enc. .... 2.250$

Obras de que temos ainda alguns exemplares em tiragens especiais

Luís de Camões, Fabuloso — Verdadeiro. Camões, Camilo, Eça e alguns mais. Cinco réis de gente. Uma luz ao longe. Jardim das Tormentas. Lápides partidas. Volfrâmio, por Aquilino Ribeiro.

Amor Supremo. Último olhar de Jesus. Fátima, por Antero de Figueiredo.

Contos e Canções de António Botto.

Camões Lírico — Ed. anotada pelo Dr. Agostinho de Campos — 5 volumes.

O Mistério do Paço do Milhafre. Fisiologia do Casamento. O Grupo dos Cinco. Cartas do Japão. Relance da Alma Japonesa. Neves de Antanho. Balmes. Hello. Maeztu. Ozanam. Papini. S.to Agostinho. Chateaubriand. António Nobre. Fernando Pessoa. (Ver os preços na ordem geral).

ROMANCES MORAIS PRÓPRIOS PARA SENHORAS E MENINAS

M. MARYAN

A estátua velada. — Br.	9$00
A força do destino. — Br.	9$00
A pupila do coronel. — Br.	9$00
A vila das pombas. — Br.	9$00
Batalhas do amor. — Br.	9$00
Casa de família. — Br.	9$00
Dívida de honra. — Br.	9$00
Dois corações. — Br.	12$00
Em volta dum testamento. — Br.	9$00
Ilusão perdida. — Br.	9$00
O anjo do lar. — Br.	9$00
O calvário de uma mulher. — Br.	9$00
O segredo de um berço. — Br.	9$00
Pedras vivas. — Br.	9$00
Romance duma herdeira. — Br.	9$00
Uma mulher ideal. — Br.	9$00
Grito da Consciência. — Br.	9$00

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias. — Br. .... 9$00

DELLY

Juventude sequestrada. — Br. .... 10$00

Mistério duma vida. — Br. .... 10$00

LIVROS PARA CRIANÇAS

(Profusamente ilustrados a cores)

Aves (As) de Miko, por *C. Merlant.* — Texto português e francês. — Cart. .... 12$50

Bonecos Falantes, por *Carlos Selvagem.* — Enc. 20$00; br. ...... 10$00

Conto (O) de Amadiz de Portugal para os rapazes portugueses, por *Afonso Lopes Vieira.* — 1 vol. br. .... 7$00

Contos de Fadas, por *Maria Paula de Azevedo.* — 1 vol. br. ...... 10$00

Contos Gregos, por *António Sérgio.* — Enc. 17$00; br. .... 7$00

Dom Galaroz & C.ª, por *M. de Sotto Maior.* — Br. (d) .... 7$00

Estes sim... venceram. — Biografias para crianças, por *Emília de Sousa Costa.* — Br. .... 2$50

Flores (As) de Miko, por *C. Merlant.* — Texto português e francês. — Cart. .... 12$50

História Sagrada para os meus afilhados, por *Daniel-Rops.* — Livro de encanto e unção por um dos maiores escritores católicos de França. — 1 vol. em cuidada ed. ilustr. .... 25$00

Livro (O) das crianças portuguesas e brasileiras. — Enc. .... 15$00

Livro (O) de capa verde, por *João de Deus Ramos* e *Jaime Lopes Dias.* — Cart. .... 15$00

Papagaio real, por *Carlos Selvagem.* — Ilustr. .... 8$00

Portugueses de outrora, por *Maria Paula de Azevedo.* — Br. ... 10$00

Romance da Raposa, por *Aquilino Ribeiro.* — Nova e esmerada edição (3.ª) ilustrada, formato álbum. Cart. .... 50$00

O Romance das Ilhas Encantadas, por *Jaime Cortesão.* — Enc. 17$00; br. .... 7$00

Um conto do Natal, por *Meneses Ferreira.* — Br. .... 6$00

Vida de Jesus para os pequeninos, por *Maria Paula de Azevedo.* — Br. .... 12$00

JÚLIO VERNE

Colecção das viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos. Cada número equivale a um volume. Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, e encadernado em percalina .... 17$50

1 — **Da Terra à Lua.** — Viagem directa em 97 horas e 20 minutos.
2 — **A roda da Lua.**
3 — **A volta ao mundo em oitenta dias.**
Aventuras do capitão Hatteras:
4 — 1.ª parte — *Os ingleses no Pólo Norte.*
5 — 2.ª parte — *O deserto de gelo.*
6 — **Cinco semanas em balão.**
7 — **Aventuras de três russos e três ingleses.**
8 — **Viagem ao centro da Terra.**
Os filhos do capitão Grant:
9 — 1.ª parte — *América do Sul.*
10 — 2.ª parte — *Austrália Meridional.*
11 — 3.ª parte — *Oceano Pacífico.*
Vinte mil léguas submarinas:
12 — 1.ª parte — *O homem das águas.*
13 — 2.ª parte — *O fundo do mar.*
A ilha misteriosa:
14 — 1.ª parte — *Os náufragos do ar.*
15 — 2.ª parte — *O abandonado.*
16 — 3.ª parte — *O segredo da ilha.*
Miguel Strogoff:
17 — 1.ª parte — *O correio do Czar.*
18 — 2.ª parte — *A invasão.*
O país das peles:
19 — 1.ª parte — *O eclipse de 1860.*
20 — 2.ª parte — *A ilha errante.*
21 — **Uma cidade flutuante.**
22 — **As Índias Negras.**
Heitor Servadac:
23 — 1.ª parte — *O cataclismo cósmico.*
24 — 2.ª parte — *Os habitantes do cometa.*
25 — **O doutor Ox.**
Um herói de quinze anos:
26 — 1.ª parte — *A viagem fatal.*
27 — 2.ª parte — *Na África.*
28 — **A galera «Chancellor».**
29 — **Os quinhentos milhões de Begun.**
30 — **Atribulações de um chinês na China.**
A casa a vapor:
31 — 1.ª parte — *A chama errante.*
32 — 2.ª parte — *A ressuscitada.*
A jangada:
33 — 1.ª parte — *O segredo terrível.*
34 — 2.ª parte — *A justificação.*
As grandes viagens e os grandes viajantes:
35 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 1.º vol.
36 — 1.ª parte — *A descoberta da terra.* 2.º vol.
37 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 1.º vol.
38 — 2.ª parte — *Os navegadores do século XVIII.* 2.º vol.
39 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 1.º vol.
40 — 3.ª parte — *Os exploradores do século XIX.* 2.º vol.
41 — **A escola dos Robinsons.**
42 — **O raio verde.**
Kéraban, o cabeçudo:
43 — 1.ª parte — *De Constantinopla a Scutari.*
44 — 2.ª parte — *O regresso.*
45 — **A estrela do sul.**
46 — **Os piratas do arquipélago.**
Matias Sandorff:
47 — 1.ª parte — *O pombo correio.*
48 — 2.ª parte — *Cabo Matifoux.*
49 — 3.ª parte — *O passado e o presente.*
50 — **O náufrago do «Cynthia».**
51 — **O bilhete da lotaria n.º 9:672.**
52 — **Robur, o conquistador.**
Norte contra Sul:
53 — 1.ª parte — *O ódio de Texar.*
54 — 2.ª parte — *Justiça!*
55 — **O caminho da França.**
Dois anos de férias:
56 — 1.ª parte — *A escuna perdida.*
57 — 2.ª parte — *A colónia infantil.*

Família sem nome:
58 — 1.ª parte — *Os filhos do traidor.*
59 — 2.ª parte — *O padre Johann.*
60 — **Fora dos eixos.**
César Cascabel:
61 — 1.ª parte — *A despedida do novo continente.*
62 — 2.ª parte — *A chegada ao velho mundo.*
A mulher do capitão Branican:
63 — 1.ª parte — *À procura dos náufragos.*
64 — 2.ª parte — *Deus dispõe.*
65 — **O castelo dos Carpathos.**
66 — **Em frente da bandeira.**
A Ilha do Hélice:
67 — 1.ª parte — *A cidade dos biliões.*
68 — 2.ª parte — *Distúrbios no Pacífico.*
69 — **Clovis Dardentor.**
A esfinge dos gelos:
70 — 1.ª parte — *Viagens aos mares austrais.*
71 — 2.ª parte — *Lutas de marinheiro.*
72 — **A carteira do repórter.**
O soberbo Orenoco:
73 — 1.ª parte — *O filho do coronel.*
74 — 2.ª parte — *O coronel Kermor.*
75 — **Um drama na Livónia.**
76 — **Os náufragos do Jonathan.** 1.º vol.
77 — **Os náufragos do Jonathan.** 2.º vol.
78 — **A invasão do mar.**
79 — **O farol do cabo do mundo.**
80 — **A aldeia aérea.**
81 — **A agência Thompson & C.ª** — 1.ª parte.
82 — **A agência Thompson & C.ª** — 2.ª parte.

LIVROS DE UTILIDADE DOMÉSTICA

Bíblia da Vida. — Dicionário de citações e provérbios. Colecção de 10.000 máximas colhidas nas obras dos melhores autores nacionais e estrangeiros. — Enc. .... 50$00

Breviário de Medicina Preventiva. — Prática de sanidade, meios de evitar infecções, contágios, erros de conduta causadores de doença, pelo *Dr. Samuel Maia.* — Enc. 32$00; br. .... 20$00

Doces e cozinhados. — O mais apreciado livro de cozinha, por *Isalita.* — 11.ª ed., enc. em perc. .... 39$00

Livro de ouro das famílias. — Enciclopédia doméstica com 7.113 receitas e 200 gravuras. — Enc. em perc. .... 70$00

Manual de Medicina Doméstica. — Higiene, Ginástica, Enfermagem, Farmácia caseira, Definição e tratamento das doenças e socorros de urgência, pelo *Dr. Samuel Maia.* — Livro indispensável em todos os lares. — 6.ª ed., 1 vol. de 992 págs. enc. em perc. .... 75$00

Natureza (A) ao serviço da Saúde. — Tratamento das doenças pelo naturismo, por *António Gonçalves.* — Enc. 40$00; br. (d) .... 25$00

O Meu Menino. — Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer, pelo *Dr. Samuel Maia.* — 8.ª ed., enc. em perc. 48$00; cart. 45$00; br. 35$00

Vida Prática. — Toda a economia agrícola e doméstica e Artes de oficina, por *Tavares Adam.* — 1 grande vol. de 766 págs., enc. em perc. .... 120$00

BIBLIOTECA CATÓLICA

Colecção «Cem páginas», organizada pelo P.e Moreira das Neves, para facilitar o rápido conhecimento dalguns dos maiores escritores antigos e modernos, que, pela estrutura doutrinária e pela força e beleza do estilo, interessam naturalmente a todas as classes.

Santo Agostinho, um dos maiores génios da humanidade.

Papini, homem das palavras rasgadas que canta a vida com esperança.

Hello vive, nas suas páginas vigorosas, o eterno drama da Luz.

Balmes, filósofo das harmonias interiores.

Ozanam, o homem de acção cem por cento dos nossos dias.

Maeztu, que se bateu, até ao martírio, pela dignidade do Espírito.

Chateaubriand, o imortal autor do «Génio do Cristianismo».

Cada vol., ed. esp., br. 25$00; Chateaubriand, br. 12$50; ed. vulgar, br. .... 10$00

Colecção de concordatas estabelecidas entre Portugal e a Santa Sé de 1238 a 1940, pelo *Dr. Eduardo Brasão*. — Br. .... 30$00

De Deus e do Homem, por *Pascal*. Trad. e pref. por Dinis da Luz. — Br. .... 20$00

Fátima, por *Antero de Figueiredo*. (Ver as obras deste Autor).

História Sagrada para os meus afilhados, por *Daniel-Rops*, um dos maiores autores da actualidade. — Ilust. de C. Tavares. — Br. ... 25$00

Inquietação na acção, pelo *P.e M. Fernandes de Santana* .... 25$00

Problemas da Guerra e da Paz, pelo Papa *Pio XII*, com prefácio do Cardeal Cerejeira. — Tir. esp. 100$00; ed. vulgar, enc. 30$00; br. 20$00

Psichari, um neto de Renan. — Tomou corajosamente contra o seu avô o partido dos seus maiores, por *M. J. Pacheco*. — Br. .... 30$00

Um coração de oiro (Padre Damião), por *Pierre Croydis*. — Br. 22$00

BIBLIOTECA DE FILOSOFIA CIENTÍFICA

Ciência (A) moderna e o seu estado actual, por *Émile Picard,* (Prof. da Faculdade de Ciências de Paris). — Enc. .... 20$00

Egoísmo (O), por *Félix Le Dantec.* — Enc. 20$00; br. .... 10$00

Estudo das deformações que resultam da vida em comum.

Luta (A) universal, por *Félix Le Dantec.* — Br. .... 15$00

«Existir é lutar, viver é vencer».

«Mecânica» (A) da vida, por *Félix Le Dantec.* — Enc. 20$00; br. 10$00

Multidão criminosa. — Estudo sistematizado de psicologia colectiva, por *Scipio Sighele.* — Enc. 20$00; br. .... 10$00

Organismo económico e desordem social, por *C. Colson,* versão de *J. Barbosa Bettencourt.* — Br. .... 10$00

Psicopatologia Criminal. — Casuística e doutrina. — Br. .... 25$00

Questões económicas, financeiras, sociais e coloniais, por *Constâncio Roque da Costa.* — Enc. 35$00; br. .... 25$00

Vida (A) social, por *Ernest Van Bruyssel.* — Enc. 20$00; br. 10$00

Colecção "Pensamento"

De Deus e do Homem, por *Pascal.* — Br. .... 20$00

Ensaios de crítica, por *Moniz Barreto.* — Br. .... 20$00

Fisiologia do Casamento ou Meditações de filosofia eclética sobre a felicidade e a infelicidade conjugal, por *Honoré de Balzac.* — Tir. esp. br. 40$00; ed. vulgar br. .... 20$00

DIREITO

Código das custas judiciais, por *Artur Moreira de Sá.* — Br. ... 27$50

Contrato (O) do Trabalho, por *Adolfo Lima.* — Br. .... 10$00

Delinquentes (Os) passionais, por *Emmanuel Lasserre.* — Enc. 20$00; br. .... 10$00

Direito International Privado, pelo *Prof. Dr. Caeiro da Matta.* — Br. .... 20$00

Direito (O) usual ao alcance de todos, por *Abel de Azevedo.* — Enc. .... 15$00

Do cheque, por *Lobo d'Ávila Lima.* — Br. .... 15$00

Do Júri Criminal, por *António Macieira.* — Br. .... 7$50

Estudos de Direito, pelo *Dr. Pedro Pita.* — Br. .... 20$00

Estudos do Direito constitucional, por *E. Boutry.* — 2.ª ed.; br. 12$00

Fisiologia do Direito, pelo *Dr. S. Estricker.* — Br. .... 10$00

Legislação sobre géneros alimentícios, pelo *Dr. Antero Cabral.*

1.º vol. de 692 págs.; br. (d) .... 30$00
2.º vol. de 1.142 págs.; br. .... 90$00

Marcas comerciais e industriais, pelo *Dr. José Gabriel Pinto Coelho.* — Br. .... 8$00

Na vida do Foro (escrito jurídico), por *Pedro Pita.* — Br. .... 12$00

O Guia Jurídico e Fiscal do Comerciante e do Industrial, pelo *Dr. Avelino de Faria.* — Br. .... 20$00

Propriedade literária científica e artística, pelo *Dr. Carvalho Maia.* — Br. .... 5$00

Vida (A) do direito e a inutilidade das leis, por *Jean Crust.* — Enc. .... 20$00

FILOLOGIA

(Ver as obras de Agostinho de Campos)

Dicionário portátil francês-português, por *J. Monteiro, F. Benoliel e F. Oliveira.* — Enc. em carneira, 28$00; cart. .... 20$00

Língua minha gentil, por *M. de Sousa Pinto.* — 1 fol. .... 1$50

Língua (A) portuguesa e os seus mistérios, por *J. de Magalhães Lima.* — Enc. .... 16$00

Recreações filológicas, por *Jorge Daupiás.* — Br. .... 12$00

CIÊNCIAS

Análise de urinas e semiologia urinária. — (Guia prático de), pelo *Dr. João Marques dos Santos.* — 1 gr. vol. ilustr.; enc. .... 22$00

As crianças anormais, pelo *Dr. J. Demoor.* — Br. .... 6$00

Ciência sexual. — Contribuições para o seu estudo. Virgindade, pelo *Dr. Asdrúbal A. de Aguiar.* — Br. .... 40$00

Ciência sexual, pelo *Dr. Asdrúbal A. de Aguiar.* — Br. (d) ...... 40$00

Como acabará o Mundo? por *Camille Flammarion.* — 1 vol. enc. 20$00; br. .... 10$00

Guia diamante de Homeopatia prática, por *F. J. da Costa.* — Br. 5$00

JOGOS E DESPORTOS

Desportos, Educação e Estado, por *Eurico Serra.* — Br. .... 8$00

Essência do Judo (Jiu-Jitsu). Único grande tratado de luta japonesa, muito ilustrado. Enc. 150$00; cart. (d) .... 100$00

História do toureio em Portugal, por *A. Rodovalho Duro.* — Br. 12$50

Mah-Jong, por *Lung-Chang.* — Teoria, prática e regras. — Br. ... 4$00

Meu (O) sistema, por *J. P. Müller.* — O livro que mais tem contribuído para melhorar fisicamente o homem e conservar-lhe a saúde — Enc. 25$00; br. .... 12$50

O Bridge contrato para todos, por *Ely Culbertson,* o autor do Método hoje universalmente usado. — 1 vol. cart. .... 35$00

Vida (A) ao ar livre, por *J. P. Müller.* — Ilustr.; enc. 17$50; br. 7$50

DIVERSOS

Águas subterrâneas. — Como se pesquisam e aproveitam, por *Alonso C. da Cruz.* — Br. .... 10$00

Arte de enriquecer. — Conselhos práticos para se adquirir fortuna, conservá-la e aumentá-la. — Enc. 20$00; br. .... 10$00

Arte de prolongar a mocidade e a vida, pelo *Dr. A. Lorand.* — Enc. 20$00; br. .... 10$00

Como obter ideias lúcidas e clareza de espírito?, por *G. Vogt.* — Br. .... 10$00

Essência do Corporativismo em Portugal, por *Henrique Marques.* — Estudo profundo e actual de uma grande questão social. — 1 vol. 30$00

Eu, os Políticos e a Nação, por *Cunha Leal.* — Br. .... 12$00

Fundamentos (Os) da Neutralidade Portuguesa, por *G. O. de Andrade.* — Br. .... 20$00

Gentil Mignon. — Ópera de *Jane Bensaúde,* música de *M. G. Ribeiro.* — Br. .... 40$00

João Ninguém, soldado da grande guerra. — Impressões humorísticas do C. E. P., pelo *Capitão M. Ferreira.* — 1 vol. luxuosamente impresso e ilustr.; cart. .... 20$00

Noite (A) Sangrenta, por *Consiglieri Sá Pereira.* — Br. .... 5$00

Paraíso (O) bolchevista e... a mentira. — Uma viagem à Rússia, por *Ferreira do Amaral.* — Br. .... 10$00

Se queres viver, desperta e luta! — Arte de revigorar a alma e o corpo. — Br. .... 10$00

Vendedores e compradores, por *F. de Carvalho Henrique.* — Br. 15$00

HISTÓRIA — GEOGRAFIA — VIAGENS

Acerca da «Cronica dos Feitos de Guinee», pelo *Dr. Duarte Leite*. — Estudo que apresenta a solução de vários problemas, relacionados com a composição da Crónica e com o códice donde foi extraído o texto de 1861. — Br. .... 30$00

Advento (O) do Exército Vermelho, pelo *General Lelong*, testemunha da revolução russa. — Br. .... 25$00

Angola e Congo, por *A. G. Valente*. — 1 grosso vol. ilustr., enc. 50$00

Constantinopla, por *E. de Amicis*. — Obra luxuosa prof. ilustr., enc. 120$00; br. .... 60$00

Constantino de Bragança, por *Aquilino Ribeiro*. — Br. .... 70$00

Crónicas do Bié, por *A. Malheiro*. — Ilustr., enc. .... 60$00

Derradeira (A) aventura de Paulo de Lima. — Edição crítica por Luís Silveira. — Tir. esp. 100$00; ed. vulgar, br. .... 50$00

D. João I e a Aliança Inglesa, pelo *Conde de Vila Franca*. — 2.ª ed. duma importante obra histórica. — 1 vol. ilustr. Br. (d) .... 40$00

Dicionário Corográfico-Comercial de Angola — Antonito. — 1 vol. com 470 págs., e um mapa. — Br. (d) .... 50$00

História alegre de Portugal, por *M. Pinheiro Chagas*. — 4.ª ed., enc. 20$00; br. .... 10$00

História da Colonização Portuguesa do Brasil. — Edição monumental em 3 grandes vols. 38×28 prof. ilustr., enc. .... 900$00

História Universal, de *Guilherme Oncken*. — (Últimas Colecções). — 21 vols. — Enc. .... 4.000$00

Império (O) dos sem Deus. — Costumes soviéticos por *Pierre Croidys*. — Br. .... 12$00

Leal Conselheiro. — O qual fez Dom Eduarte, Rey de Portugal e Senhor de Cepta. — Ed. crítica e anotada por J. Piel. — Enc. carn. 230$00

Livro de Ensinança de bem cavalgar tôda a sela, *por* El-Rey Dom Eduarte de Portugal e do Algarve. — Ed. crítica por J. Piel. — Enc. carn. 117$50; br. .... 50$00

Marrocos, por *E. de Amicis*. — Obra luxuosa prof. ilustr., enc. 120$00; br. .... 60$00

Sua Graça é Lisboa, por *Bourbon e Meneses*. — 1 vol. ilustr. Tir. esp. num. 50$00; ed. vulgar, br. .... 25$00

Peregrinação de André de Faro à terra dos gentios. — Edição crítica por Luís Silveira. — Tir. esp. 100$00; ed. vulgar br. .... 50$00

Wellington, por *J. Chastenet*. — Br. .... 27$50

LITERATURA GERAL

Almas Perdidas. — Romance por *O. Passos de Saint-Maurice.* — Br. .... 10$00

António Nobre, por *Guilherme de Castilho.* — Um grande volume ilustrado com muitos documentos inéditos. Tir. esp. 130$00; ed. vulg. 65$00

Avalanche (A), por *Albino Forjaz de Sampaio.* —2.ª ed., br. ...... 10$00

Azulejos, pelo *Conde de Arnoso,* com um prefácio de Eça de Queirós. — Br. .... 10$00

Burguesinha (A), por *A. M. Lopes do Rego.* — Pref. de Aquilino Ribeiro. — Br. .... 10$00

Cartas à prima. — Crónicas de Lisboa, por *Clarinha.* — Br. ...... 10$00

Cartas de Fabrício, por *Virgínia de Castro e Almeida.* — Br....... 10$00

Cartas de Sóror Mariana. — Lettres Portugaises. — Textos português e francês. — Linda edição. — Enc. em carn. 40$00; br. ...... 12$00

Catedral (A), por *Manuel Ribeiro.* — Ed. esp. ilustr.; br. .... 50$00

Categoria literária das Cidades. — Livro de viagens, por *Luís Teixeira.* — Br. .... 10$00

Cavalgada do sonho, por *Julião Quintinha.* — Br. .... 10$00

Cem cartas de Camilo. — Coordenadas e anotadas por *X. Barbosa.* — Br. .... 20$00

Contos (Os) de António Botto. — Tir. especial 50$00; ed. vulgar enc. 30$00; br. .... 20$00

Contos brasileiros. — Selecção e notas de *J. O. de Oliveira.* — Br. 20$00

Conversar, sobre viagens, amores, ironias, por *Augusto de Castro.* — Br. .... 3$50

Glosas, apólogos e elogios. — Adivinhações, epigramas, madrigais e epitáfios, por *Bocage.* — Br. .... 12$50

História da Literatura Portuguesa Ilustrada, por *A. Forjaz de Sampaio.* — Em 3 esplêndidos volumes, cada vol. enc. perc. e lomb. carn. .... 240$00

Homem (O) dos mil segredos. — Romance, de *Rocha Júnior.* — Br. .... 10$00

Memórias da vida diplomática, por *A. de Oliveira* — Br. .... 30$00

Noite (A) sangrenta, por *C. Sá Pereira.* — Pref. de R. Brandão — Br. .... 7$00

Obras do Conde de Monsaraz. — 2 vols. — Br. .... 40$00

Pata da Gazela. — Romance por *J. de Alencar.* — Cart. .... 10$00

Pecado (O) Original. — Romance por *M. Anselmo.* — Br. ...... 10$00

Psicologia (A) do Amor, por *G. Dauville.* — Br. .... 5$00

Sátiras de Rivol *(João Saraiva).* — Br. .... 7$50

Severa (Maria Severa Onofriana), por *J. de Sousa e Costa.* — Br. 8$00

Sombra do Tempo. *Temas literários,* por *Luís Forjaz Trigueiros.* — Br. .... 30$00

Ubirajara, por *J. de Alencar.* — Br. .... 7$50

Viagens na minha terra, por *Almeida Garrett.* — Enc. .... 20$00

Vida e Obra de Fernando Pessoa *(História de uma Geração),* por *João Gaspar Simões.* — Dois grandes volumes ilustrados com muitos documentos inéditos. Tir. esp. 240$00; ed. vulgar .... 120$00

Colecção "Cruzeiro do Sul"

Contos Brasileiros. — Br. .... 20$00

Ensaístas Brasileiros. — Br. .... 20$00

Prosas Brasileiras. — Br. .... 20$00

TRADUÇÕES

Atlântida (A). — Romance por *Pierre Benoit.* — Br. .... 10$00

Aventuras do Brigadeiro Gérard, por *Conan Doyle.* — Br. .... 15$00

Calçada (A) dos gigantes. — Romance por *Pierre Benoit.* — Br. 10$00

Contos do Natal, por *Carlos Dickens.* — Enc. 17$50; br. .... 7$50

Contos nocturnos, de *Hoffmann.* — Enc. .... 17$50

Coração, por *Edmundo de Amicis.* — Br. .... 15$00

Eva triunfante. — Romance por *Pierre de Coulevain.* — 2 vols. — Br. .... 10$00

Grilhetas (As) do Kaiser, por *Theodore Plivier.* — Enc. 20$00; Br. .... 10$00

Henriqueta. — Romance por *François Coppée.* — Br. .... 10$00

Nada de Novo na Frente Ocidental, por *Erich Maria Remarque.* — Br. .... 7$00

No Exílio. — Romance por *Tony Revilloy.* — Br. .... 5$00

Nossa Senhora de Paris. — Romance por *Victor Hugo.* — Edição de luxo em 2 vols. com 586 págs. Br. .... 50$00

Numa Roumestan. — Romance por *A. Daudet.* — Cart. .... 10$00

Padre (O) Júlio. — Romance por *Octave Mirbeau.* — Br. .... 7$00

Pedra (A) de Horeb, por *Georges Duhamel.* — Br. .... 25$00

Quintino Durward, por *Walter Scott.* — 2 vols. ilustr. — Enc. 40$00; br. .... 20$00

Quo Vadis?, por *H. Sienkiewicz.* — Edição integral, 667 págs. — Br. .... 20$00

Sem Dogma, por *H. Sienkiewicz.* — 2 vols. num. — Enc. .... 20$00

Sou um burguês terrível. — Romance por *Clément Vautel.* — Br. 10$00

Testamento (O) roubado, por *J. H. Rosny.* — Br. .... 5$00

Uma separação, por *G. de Peyrebrune.* — Br. .... 10$00

Um idílio trágico. — Romance por *Paul Bourget.* — Br. .... 10$00

Virgens fortes. — Romance por *Marcel Prévost.* — 2 vols. — Br. 10$00

POESIA E TEATRO

(Ver as obras de Júlio Dantas, Eugénio de Castro, Teixeira de Pascoais, António Correia de Oliveira e João de Deus)

Cancioneiro de entre o Minho e Mondego. — Coordenação de Arlindo de Sousa. — 1 lindo volume. — Br. .... 25$00

Canções de António Botto. — Tir. esp. 50$00 — Enc. 30$00; ed. vulgar br. .... 20$00

Canto do Cisne. — Rimas, por *João Penha.* — Enc. 20$00; br. 10$00

Divina voluptuosidade. — Poemas em redondilha, por *Jaime Cortesão.* — Enc. 18$00; br. .... 8$00

Jóias da poesia hispano-americana, por *Osvaldo Orico.* — Ed. esp. num. — Br. 40$00; ed. vulgar br. .... 20$00

Lodo (O). — Peça em 3 actos, por *Alfredo Cortez.* — Br. .... 5$00

Nenúfares fora da água (d.), por *Hernani de Lencastre* .... 15$00

Redondilhas do Amor, de Camões. — Prefac. e anotada por *Agostinho de Campos.* — 1 vol. enc. .... 15$00

Sombra (A). — Peça em 3 actos. — **Segundas núpcias.** — Peça em 4 actos de *Ramada Curto.* — Br. .... 10$00

Sonetos, de *Bocage.* — 1 vol. de 203 págs. — Br. .... 15$00

Sonnets (Les) de Camões. — Trad. de *F. d'Azevedo.* — Br. ...... 20$00

Todo o mundo e ninguém. — Monólogo, de *Gil Vicente.* — Br. 3$00

Último (O) Lusíada. — Versos de *Mário Beirão.* — Br. .... 7$50

LIVROS DE ESTUDO

(Ver a Biblioteca de Instrução Profissional)

DICIONÁRIOS

Grande Dicionário de Cândido de Figueiredo. — «O melhor da Língua Portuguesa», *Júlio Dantas.* — 10.ª ed., 2 vols., enc., com 2.700 págs., 750$00; com enc. de luxo, inteira de pele .... 850$00

Pequeno Dicionário de Cândido de Figueiredo. — 1 grosso vol. de 1.370 págs., com 65.000 vocábulos. — Enc. em perc. .... 50$00

Dicionário Agostinho de Campos — o mais recentemente actualizado e o melhor para uso das escolas. — 1 vol. de 900 págs. — Enc. 40$00

Dicionários do Povo, os mais económicos.

N.º 2 — Francês-Português.	— Enc. em perc.	....	27$50
» 3 — Português-Francês.	» » »	....	27$50
» 2 e 3 — Juntos.	» » »	....	50$00
» 4 — Inglês-Português.	» » »	....	27$50
» 5 — Português-Inglês.	» » »	....	27$50
» 4 e 5 — Juntos.	» » »	....	50$00
» 6/7 — Latim-Português.	» » »	....	50$00

Compêndio de Botânica, para o IV, V e VI anos dos Liceus, pela *Dr.ª Seomara da Costa Primo.* — Cart. (d.) .... 27$00

Francês sem mestre em 4 meses, por *J. Gonçalves Pereira.* — Cart. .... 30$00

Conversational English — Método rápido de auto-ensino da língua inglesa, por *F. Pinto Furtado* — (Com chave de exercícios) 2 vols. br. 35$00

Inglês sem mestre ou o Mestre Popular, por Joaquim Gonçalves Pereira. — 1 grosso volume cartonado .... 70$00

A Portuguese Grammar and Commercial Handbook, por *J. C. Mascarenhas* — 1 vol., enc. (d) .... 37$00

Practical English Method for Commercial or Industrial Schools, por *Velho da Palma.* — 1 vol., cart. .... 12$50

Quadro das Conjugações dos Verbos Ingleses, por *José Stuart Torrie.* — 1 vol., cart. .... 5$00

Tales New and Old, por *M. M. Teixeira de Oliveira.* — Cart. 18$00

The English Student, por *Velho da Palma.* — 1 vol., cart. .... 12$50

Lusitanus Discens (Selecta Latina) — Para uso dos alunos do 7.º ano. Cart. .... 20$00

Manual prático de correspondência comercial, por *Joaquim José de Sequeira.* — Cart. 35$00; br. .... 25$00

O Livro de Capa Verde, continuação da Cartilha 2.ª Parte, por *João de Deus Ramos* e *Jaime Lopes Dias.* — Cart. .... 15$00

MÉTODOS BERLITZ

(Volumes encadernados)

O **MÉTODO BERLITZ** é mundialmente conhecido e usado, e consagrado pela grande facilidade no estudo das línguas.

Temos todos os livros para o estudo de Inglês, Francês, Alemão, Espanhol, Italiano

ANTOLOGIA PORTUGUESA

Os nossos clássicos, apresentados e comentados pelo grande Mestre da Língua *Agostinho de Campos.*

Cada vol., br. 18$00; encadernado: mais .... 10$00

Afonso Lopes Vieira. — 1 vol.
Alexandre Herculano. — 1 vol.
Antero de Figueiredo. — 1 vol.
Augusto Gil. — 1 vol.
Bernardes. — 2 vols.
Camões lírico. — 5 vols.
Eça de Queirós. — 2 vols.
Fernão Lopes. — 3 vols.
Frei Luís de Sousa. — 1 vol.
João de Barros. — 1 vol.
Lucena. — 2 vols.
Paladinos da linguagem. — 3 vols.
Trancoso. — 1 vol.
Guerra Junqueiro. — 1 vol. br., 25$00.

Camões lírico. — 5 vols., ed. esp., num. em magnífico papel, br. 200$00

ANTOLOGIA BRASILEIRA

Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários por *Afrânio Peixoto.*

Castro Alves. — 1 vol. **José Bonifácio.** — 1 vol. **Vieira Brasileiro.** — 2 vols.

Cada vol., enc. 25$00; br. .... 15$00

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

(Todos estes livros são sòlidamente encadernados em percalina)

ELEMENTOS GERAIS

Álgebra elementar. — 4.ª ed. 296 págs. .... 35$00

Nomenclatura, notação e operações algébricas; equações do 1.º e 2.º grau; cálculo dos radicais; teoria dos logaritmos; exercícios algébricos e *tábua de logaritmos* dos números 1 a 10.000, pelo Prof. *Guilherme Ivens Ferraz.*

Aritmética prática. — 13.ª ed. 384 págs. .... 25$00

Numeração e operações sobre números inteiros, quebrados e decimais; composição de números e equações numéricas; números complexos; sistema métrico; regras de juros e de câmbios; anuidades; *tábua de logaritmos* dos números 1 a 10.000, pelo Prof. *Cunha Rosa.*

Curso geral de Estenografia. — 298 págs., 8 est. .... 38$00

Noções preliminares. Estudo e divisão dos sons vogais. Consoantes. Sinais de pontuação. Sons compostos. Abreviaturas. Considerações finais, pelo Prof. *Mendonça Santos.*

Desenho linear geométrico. — 8.ª ed. 192 págs., 292 grav. .... 20$00

Noções gerais até ao traçado de circunferência; construção dos polígonos; envolvente do círculo; ciclóide, catenária; projecções ortogonais; perspectiva, etc., pelo Prof. *Cunha Rosa.*

Elementos de História da Arte. — 2.ª ed. 709 págs., 641 grav. .... 85$00

Descrição das obras de arte da antiguidade mais salientes, feitas, entre outros povos, pelos Egípcios, Assírios, Gregos e Romanos; principais monumentos de arte decorativa da Idade Média, compreendendo tanto a arte cristã na Europa como a das civilizações orientais; decoração ornamental e mobiliário artístico desde o princípio da Renascença ao fim do século XVII; diversos aspectos de arte dos séculos XVIII e XIX na Europa, Japão e América, etc., pelo Prof. *João Ribeiro Cristino da Silva.*

Elementos de mecânica. — 7.ª ed. 230 págs., 141 grav. .... 25$00

Noções gerais; estática; cinemática; dinâmica, etc., pelo Prof. *Eugénio Estanislau de Barros.*

Elementos de metalurgia. — No prelo, a sair brevemente.

Elementos de modelação de ornato e figura. — 3.ª ed. 150 págs., 69 grav. e 30 est. .... 20$00

Origem, material, instrumentos, modelos, modelação em cera, ornato, arquitectura e figura. Apontamentos anatómicos, proporções do corpo humano; escultura em pedra e madeira. Exemplificação de motivos decorativos aplicados à ornamentação escultural, pelo Prof. *Josef Füller.*

Elementos de projecções. — 3.ª ed. 405 págs., 315 grav. .... 30$00

Projecções do ponto, da recta e do plano; mudança de lugar dos planos de projecção; intersecções de planos e de rectas com planos; rotações e rebatimentos; perpendicularidade das rectas e dos planos; ângulos das rectas e dos planos; linhas curvas planas, por *João António Piloto.*

Elementos de química. — 5.ª ed. 330 págs. e 73 grav. .... 20$00

Generalidades; metalóides; metais; metais comuns e intermediários; química orgânica; corpos orgânicos, etc., pela *Direcção da B. I. P.*

Escrituração Comercial e Industrial. — 3.ª ed. 188 págs. .... 15$00

Teoria da escrituração comercial por partidas dobradas. Inventário e Balanço. Conta de Ganhos e Perdas. Conta de Capital. Escrituração por partidas simples,

Exposição desenvolvida da escrituração industrial com exemplos dos livros adoptados e mapas auxiliares modernos. Palavras e frases usadas no comércio e sua definição. Regras fáceis para efectuar os cálculos comerciais e demonstrações teóricas. Tabelas que as simplificam. Tabela de câmbios em esterlino desde 1 d. a 53 $^{31}/_{32}$ d.; da redução a decimal de quaisquer fracções da libra esterlina; de salários, das diversas medidas inglesas, seus símbolos e equivalência no sistema métrico, etc., pelo Prof. *Severiano Ivens Ferraz.*

Física elementar. — 2.ª ed., 304 págs., 241 grav. .... 20$00

Noções fundamentais; movimentos e suas leis; forças e suas leis; trabalho, energia e suas leis; máquinas simples; elasticidade; atritos; sistemas de unidades; hidrostática; gases e calor; meteorologia; óptica; acústica; electricidade e magnetismo; raios X; telegrafia e telefonia sem fios, etc., pelo Prof. *Mário Valdez Bandeira.*

Geometria plana e no espaço e suas aplicações (Elementos de). — 5.ª ed. 290 págs., 273 grav. .... 25$00

Estudo e resolução de problemas numéricos e gráficos, sobre a linha recta; circunferência, linhas proporcionadas e superfícies. Estudos das linhas relativamente aos planos e ângulos. Diedros, poliedros, prismas, pirâmides, sólidos redondos, áreas das superfícies poliédricas, áreas dos corpos terminados por superfícies curvas, volume dos poliedros, volume dos corpos terminados por superfícies curvas, noções sobre nivelamento, tabelas e fórmulas diversas, etc., pelo Prof. *A. Cunha Rosa.*

O Livro de Português. — 3.ª ed. 220 págs. .... 14$00

Fábulas; lendas populares; lendas e narrativas da história pátria; trechos instrutivos; temas para exercícios escritos; trechos históricos e literários, etc., pelo Prof. *António Baião.*

MECÂNICA

Desenho de Máquinas. — 7.ª ed. 344 págs., 283 fig. e 91 est. ...... 50$00

Utensílios de desenho e sua aplicação; convenções de traços e cores; escalas dos desenhos; cortes e secções; cotas e dimensões; esboços cotados, execução e disposição dos desenhos, aguarelas e tintas, títulos e legendas; projecções e intersecções, desenhos ampliados, descrição de diversos metais; exercícios de desenho à vista, desenho rigoroso, indicações práticas e proporções de diversos órgãos de máquinas, tabelas, etc., pelo Prof. *Tomás Bordalo Pinheiro.*

Material agrícola. — 3.ª ed. 270 págs., 208 grav. .... 25$00

Matérias-primas de construção; conservação do material agrícola; trabalhos culturais; ferramenta agrícola para a pequena cultura; revolvimento da terra; cultura da planta; colheita; preparação de produtos; tratamentos das plantas; aparelhos agrícolas para a cultura mediana; charruas de reviramento fixo, alternado, duplo e especiais; tracção das charruas; máquinas agrícolas para a grande cultura; preparação das terras; lavoura mecânica; debulha; enfardamento de palha; preparação de comidas para gado; elevação de águas; motores agrícolas e transformação de produtos agrícolas, por *Henrique Francem da Silveira.*

Nomenclatura de caldeiras e máquinas de vapor. — 4.ª ed. 280 págs., 423 grav. .... 30$00

Gerador de vapor; tipos diversos de caldeiras; detalhes, acessórios e aparelhos auxiliares das caldeiras; nomenclatura detalhada das máquinas de vapor em geral; diferentes tipos de máquinas de vapor terrestres e marítimas, pelo Eng.º *António Joaquim de Lima e Santos.*

Problemas de máquinas. — 5.ª ed. .... 35$00

Problemas dos mais usuais para a avaliação das superfícies, linhas e volumes, com aplicações de princípios de física e mecânica; problemas sobre caldeiras e máquinas de vapor; resistências de materiais, etc., pelo Eng.º *António Joaquim de Lima e Santos.*

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos das Construções. — 6.ª ed. 356 págs., 168 grav. ...... 50$00

Trabalhos de coberturas, telhados, terraços, etc., estuques, decorações e ornatos, tintas, pinturas, fingimentos, douraduras, colocações de azulejos, ladrilhos, lambris, pavimentos e mais trabalhos concernentes ao acabamento de um edifício, pelo Eng.° *João Emílio dos Santos Segurado.*

Alvenaria, cantaria e betão.—7.ª ed. 286 págs., 345 figs. e 24 tab. 45$00

Emprego nas construções das pedras em geral; paredes e muros de cantaria, alvenaria, tijolo, alvenaria de aglomerados; espessura das paredes e sua estabilidade; arcos e abóbadas; vãos de portas e janelas; escadas de pedra; chaminés; elementos orçamentais; trabalho do pedreiro e descrição da sua ferramenta, etc., pelo Eng.° *João Emílio dos Santos Segurado.*

Betão armado. — 4.ª ed., 664 págs., 356 grav. .... 75$00

Propriedades do betão armado. Materiais usados: o metal, o betão. Resistência dos materiais. Cálculo do betão armado. Pilares, vigas e lajes. Aplicações: Alicerces, pilares, paredes e tabiques. Muros de suporte. Sobrados, lajes e vigas. Coberturas e terraços. Escadas. Encanamentos. Reservatórios e silos. Chaminés. Postes. Abóbadas e arcos. Casas moldadas. Outras aplicações. Formas e moldes. Assentamento das armaduras. Execução do betão armado. Betoneiras e outras máquinas. Organização dos trabalhos de betão armado. Regulamentos, etc., pelo Eng.° *João Emílio dos Santos Segurado.*

Carpintaria civil (Trabalhos de). — 8.ª ed., 418 págs., 464 grav. 50$00

Descrição das ferramentas. Estudo de sambladuras, máquinas, aplicação das madeiras nas construções civis, vigamento de sobrados, madeiramento dos telhados, cálculos, construções ligeiras de madeira, portas, janelas, escadas, lambris, etc., pelo Eng.° *João Emílio dos Santos Segurado.*

Edificações. — 8.ª ed. 260 págs., 221 grav. .... 40$00

Projecto de uma casa; indicações gerais sobre edifícios e sua distribuição interior; descrições genéricas dos elementos arquitectónicos das fachadas: bastantes exemplos de projectos de edifícios e resumo da legislação portuguesa e brasileira concernente a edifícios, pelo Eng.° *João Emílio dos Santos Segurado.*

Encanamentos e salubridade das habitações. — 4.ª ed., 295 págs., 157 grav. .... 40$00

Estudo do abastecimento de água, gás e electricidade. Esgotos, instalações de retretes, urinóis, banhos, fossas, etc., ventilação e aquecimento das casas, princípios higiénicos a seguir nas construções. Regulamentos: 1.° de salubridade das edificações urbanas; 2.° para o serviço de abastecimento de água; 3.° das condições de fornecimento de gás em Lisboa; 4.° das condições de fornecimento de electricidade em Lisboa, pelo Eng.° *João Emílio dos Santos Segurado.*

Materiais de construção. — 6.ª ed. 564 págs., 300 grav. .... 48$00

Considerações gerais. Pedras de construção, aviamentos, cal, areias, pozolanas, gessos e produtos cerâmicos, madeiras para construções, ferro, metais e substâncias diversas, etc., pelo Eng.° *João Emílio dos Santos Segurado.*

Serralharia civil (Trabalhos de). — 5.ª ed. 480 págs., 594 figs. e 26 tab. .... 42$00

Estudo do emprego do ferro nas construções. Estrutura do ferro, como paredes, suportes isolados, colunas, pilares, vigamentos e coberturas metálicas com diversos tipos de asnas. Alpendres, estufas e varandas, gradeamentos de ferro forjado e fundido. Escadas. Ferragens de portas e janelas, pelo Eng. *João Emílio dos Santos Segurado.*

Terraplenagens e alicerces. — 5.ª ed., 232 págs., 229 grav. .... 35$00

Estudo sobre terraplenagens, isto é, sobre os movimentos da terra, escavações, aterros, transporte. Reconhecimentos de terreno por meio de pesquisas e sondagens; diversos sistemas de fundações. Drenagens. Descrição geral dos andaimes e escoramentos empregados nas construções, pelo Eng. *João Emílio dos Santos Segurado.*

MANUAIS DE OFÍCIOS

Condutor de automóveis (Manual do). — 4.ª ed. actualizada. — No prelo.

Condutor de máquinas (Manual do). — 5.ª ed. 396 págs., 284 fig., e 15 est. .... 50$00

Força, trabalho, energia, máquinas térmicas e de vapor; partes de que se compõem e sua classificação. — Gerador. Utilizador. Transmissor. — Combustão. Produção do vapor. Funcionamento da máquina. Condensação. Lubrificação. Disposições características de alguns tipos de máquinas. — Regras e preceitos estabelecidos para acender, conservar a máquina em boas condições de funcionamento, parar, apagar e despejar as caldeiras. — Explosões. Pequenas reparações. — Conservação das caldeiras quando apagadas. — Turbinas, etc., pelo Eng.° *Carlos Pedro da Silva.*

Electricista (Novo Manual do). — 4.ª ed. 436 págs. e 246 grav. 60$00

Unidades eléctricas — Condutibilidade — Força electromotriz — Baixa e alta tensão — Pilhas — Acumuladores: baterias, defeitos, aplicação, problemas. — Geradores rotativos — Magnetismo — Indução — Alternadores — Rolos — Dínamos — Construção de dínamos — Montagem, manobra e manutenção. — Centrais eléctricas — Máquinas térmicas — Turbinas hidráulicas — Sincronização — Transformadores — Problemas de condução e distribuição — Cabos subterrâneos — Redes de distribuição — Motores eléctricos — Motores de excitação em série, em derivação, compound; de corrente alterna, de colector, de repulsão, de indução, de curto-circuito. — Manobra, manutenção, defeitos de funcionamento — Aquecimento — Luz eléctrica e iluminação — Luz fluorescente — Lâmpadas — Técnica de iluminação — Raios X. — Electroquímica — Campainhas — Telégrafo — Telefone — Telegrafia e Telefonia sem fios — Cinema sonoro.

Fabricante de tecidos (Manual do).—2.ª ed. 608 págs., 342 grav. 45$00

Noções gerais sobre a lã, algodão, linho, juta e cânhamo. Preparação da lã. Cardar, pentear e fiar lãs, algodão, linho, juta e cânhamo. Fios diversos, naturais e artificiais. Operações preparatórias da tecelagem. Princípios de debuxo, acessórios de tecelagem. Tecelagem em teares manuais, mecânicos e automáticos. Tecidos de malha, trabalho manual e mecânico. Tecidos especiais, pseudotecidos, rendas e bordados. Tinturaria e branqueamento do algodão. Acabamento e cálculos de fabrico, pelo Eng.° *José Maria de Campos Melo.*

Ferreiro (Manual do). — 4.ª ed. 238 págs., 115 grav. e 34 est. ... 25$00

Propriedades físicas e químicas do ferro e do aço, sua classificação comercial, exame das suas qualidades, nomenclatura, descrição e emprego das ferramentas de mão e das máquinas-ferramentas, processos de forjar, exemplos práticos, gradeamentos e decorações em ferro forjado, etc., pelo Eng.° *Carlos Pedro da Silva.*

Fogueiro (Manual do). — 2.ª ed. 384 págs., 318 grav. .... 35$00

Noções sobre corpos, superfície, peso, potência, calor, etc.; combustíveis; caldeiras de vapor; superfície de aquecimento; depósitos de água, de vapor e tubos condutores; caldeiras gás-tubulares terrestres e marítimas; de fornalhas exteriores e interiores; caldeiras aquitubulares de circulação limitada, livre, acelerada e ligeira; acessórios de superfície de aquecimento, dos depósitos de água e de vapor e aparelhos auxiliares; combustão de líquidos, de gases e de carvão pulverizado; bombas e injectores; locomotivas; condução, conservação, acidentes e avarias nas caldeiras, etc., pelos Eng.os *A. Mendes Barata* e *Raul Boaventura Real.*

Formador e estucador (Manual do). — 3.ª ed. 202 págs., 66 grav. 35$00

Formação e fundição em gesso. Endurecimento e bronzeamento do gesso. Formação com diversos materiais. Estuque. Estafe e escaiola. Material, ferramentas e utensílios para o trabalho em estuque. Decorações de estuque. Fabrico de massas plásticas, pelo Prof. *Josef Füller.*

Fotógrafo (Manual prático do). — 2.ª ed. — No prelo.

Fundidor (Manual do). — 5.ª ed. 241 págs., 144 grav. .... 35$00

Galvanoplastia (Manual de). — 3.ª ed. 416 págs., 148 grav. ...... 50$00

Teorias e generalidades. Definições e leis da electricidade. Teoria da máquina eléctrica. Aparelhos de medida. Leis da química. Teorias das soluções. Condutibi-

lidade das soluções. Equivalentes electroquímicos. Tensão e força electromotriz. Teoria das pilhas. Reacções electroquímicas. Acumuladores eléctricos. Instalação de uma oficina. Instalação da energia eléctrica. Material necessário para polir. Técnica do polimento. Desengorduramento e decapagem. Instalação da tina de electrólise. Depósitos electroquímicos. Cobreação. Zincagem. Latonização. Niquelagem. Prateadura. Douradura. Estanhagem. Platinagem. Depósitos de outros metais. Galvanoplastia. Electrotipia. Galvanoplastia pròpriamente dita. Dosagens e matérias-primas. Elementos de química analítica. Produtos químicos, por *André Brochet.*

Hidráulica (Manual Elementar de). — 440 págs. 387 grav. .... 50$00

Hidrostática — Hidrodinâmica — Esgoto por orifícios — Vagão por tubos adicionais ou bocais — Vazão por descarregadores de superfície — Movimento da água em tubos — Movimento da água em cursos de água de regime estabelecido — Canais e rios — Pluviometria — Hidrometria — Hidrologia, águas subterrâneas, albufeiras e barragens — Derivação de cursos de água — Canais — Elevação das águas — Bombas, pelo Eng.º *António Gentil Soares Branco.*

Marceneiro (Manual do). — 2.ª ed. 378 págs. 299 grav. e 97 est. 55$00

Descrição de madeiras usadas em marcenaria, ferramentas e seu uso, traçado de molduras, samblagens e sua execução, folheamento, acabamentos e artes correlativas da marcenaria. Construção de mobiliário, armar obra, execução de camas, armários, mesas, secretárias, cadeiras e mobiliário diverso. Marcenaria mecânica e um apêndice sobre mobiliário artístico, reproduzindo em papel especial 128 móveis dos diversos estilos, por *José Pedro dos Reis Colares.*

Motores de explosão. — (Combustão interna). 7.ª ed. 516 págs., 409 grav. .... 65$00

Resumo histórico. Ideia geral sobre o funcionamento dos motores. Motores de explosão sem compressão e com compressão. Comparação entre as máquinas de combustão interna e as de vapor. Combustíveis. Gasogéneos de injecção de ar por meio de injectores de vapor. Grupo de gasogéneos de insuflação por ventilador e de alta pressão. Gasogéneos de aspiração e de destilação invertida. Descrição de alguns detalhes dos gasogéneos. Gás dos altos fornos, álcool, petróleo. Carburadores. Inflamação. Distribuição, refrigeração e lubrificação. Aparelhos auxiliares. Descrição de tipos de motores de explosão. Máquinas de combustão interna, Diesel e semi-Diesel. Condução e conservação dos motores, pelo Eng.º *A. Mendes Barata.*

Navegante (Manual do). — 4.ª ed. 358 págs., 148 grav., 5 est. a cores .... 50$00

Noções sobre o estudo do navio: Estabilidade; arqueação; velocidade e consumo de carvão; avaliação. Sinais marítimos: Regras para evitar abalroamentos no mar. Sinistros marítimos e assistência; Manobras em caso de mau tempo; reboques; emprego do azeite como quebra-vagas; âncora flutuante; leme de esparrela; encalhe; água aberta; abalroamentos; abandono do navio; socorros a navios naufragados; homem ao mar; socorros a afogados. Meteorologia do navegante. Noções sobre marés, pelo *Almirante Ivens Ferraz.*

Pilotagem (Manual de). — 3.ª ed. 360 págs., 119 grav. .... 35$00

Navegação costeira. Navegação estimada. Navegação ortodrómica. Cosmografia. Navegação astronómica. Regulação e rectificação de instrumentos náuticos. Reconhecimento hidrográfico, etc., pelo Almirante *Guilherme Ivens Ferraz.*

Serralharia mecânica (Manual de). — 2.ª ed. .... 40$00

As diversas espécies do trabalho do serralheiro. Materiais que o serralheiro mecânico deve conhecer. Ferramentas principais, auxiliares e de manobras. Máquinas conduzidas pelo serralheiro mecânico. Trabalhos que ele executa, como traçador, ajustador ou montador. Orgânica geral duma fábrica ou oficina metalúrgica, pelo Eng.º *João Sequeira de Castro.*

Topografia prática e agrimensura. — 5.ª ed. 654 págs., 407 grav. 80$00

Figurado do terreno, cartas corográficas e topográficas, orientação, agrimensura, meios práticos para a avaliação de distâncias e alturas acessíveis e inacessíveis, levantamentos topográficos, operações trigonométricas, instrumentos usados em topografia, levantamentos à vista e por informações, reconhecimentos e itinerários, telémetros, sextante, réguas de cálculo, goniómetros, teodolitos, geodesia, fotogrametria, aerofotogrametria, estereofotogrametria, estereoscopia, pelo *coronel Guedes Vaz* e *tenente-coronel Mousinho de Albuquerque.*

Torneiro e frezador mecânicos. — 5.ª ed. 316 págs., 372 grav. ... 45$00

Descrição dos tornos mecânicos, caraterísticas e acessórios. Ferramenta de torneiro. Trabalhos de torno. Roscas e parafusos dos diversos sistemas, dimensões, tabelas e operações de abrir roscas. Movimentos. Tornos especiais, etc. Máquina de frezar ou frezadora. Sua classificação e descrição. Acessórios e ferramentas das máquinas frezadoras. Caracteristicas, trabalhos e transmissões das frezadoras. Tabelas, etc., pelo Eng.º *João Sequeira de Castro.*

Vocabulário de termos técnicos em português, francês e inglês. Contendo perto de 6.500 vocábulos, pelo engenheiro-maquinista *Raul Boaventura Real.* 560 págs. .... 70$00

INDÚSTRIAS DIVERSAS

Indústria alimentar. — 2.ª ed. 1 vol. 180 págs., 76 grav. .... 20$00

Trigo, moagem do trigo, panificação. Diversas espécies de pão. Fabrico de massas, aletrias, bolachas, etc., por *Pedro Prostes.*

Indústrias de fermentação. — 2.ª ed. 180 págs., 72 grav. .... 20$00

Com um estudo sobre o fenómeno de fermentação e sua aplicação às indústrias mais vulgares. Descrição do processo de vinificação e produção de álcool de várias origens e respectiva análise, fabrico de cerveja, vinagres, licores, etc., por *Henrique Francem da Silveira.*

Indústrias plásticas. — 232 págs., 65 grav. .... 38$00

A celulóide: Generalidades. Matérias-primas. O fabrico mecanizado da nitrocelulose. Ácidos nítrico e sulfúrico. A fábrica e suas instalações. O fabrico da celulóide. Fórmulas diversas. A galalite: Operação do fabrico da galalite. Sucedâneos da galalite: «Onnilite»; Vornálite. Colas para madeira: Preparação da cola. Vidro plástico. Fio Nylon. Trolitul. Baquelite, por *António Rio de Janeiro.*

Indústria de sabões e sabonetes. — 100 págs., 26 grav. .... 25$00

Matérias-primas empregadas no fabrico de sabões. Fábricas e sua montagem. Fabricação mecânica de sabonetes. Operações do fabrico de sabão. Fórmulas de perfumes, pós dentífricos, emulsões, extractos, etc., por *António Rio de Janeiro.*

Indústria do vidro. — 232 págs., 111 grav. .... 22$50

Vidro, sua origem. — História da indústria vidreira em Portugal. — Noções genéricas. — Olaria, potes, flutuadores, mergulhadores. — Fornos e preparação de matérias-primas. — Manipulação do vidro e fabricação do vidro fino. — Acabamentos e ornamentação. — Vidraça e fabricação de grandes chapas de vidro. — Diversas qualidades de vidro. — Vidros e objectos de fabrico especial, etc., pelo Prof. *José Maria de Campos Melo.*

Mil e um segredos de oficinas. — 14.ª ed. 287 págs., enc. ...... 30$00

Obra indispensável a todos os que se ocupam de reparações nas oficinas e a quem interessa conhecer as diferentes receitas e segredos para a douradura, prateadura, niquelagem, bronzagem, envernizamento, ligas, limpeza de jóias, objectos de arte e para qualquer operação de joalharia, ourivesaria, relojoaria, instrumentos de óptica, aparelhos de electricidade, armas, velocípedes, etc., *e também para quem pretender organizar uma pequena indústria fácil e barata,* por *Marcel Bourdais.*

CONSTRUÇÃO NAVAL

Construção naval, I, II e III volumes. Esgotados.

Construção naval, IV volume *(Construção dos navios de ferro).* — 148 págs., com 188 grav. .... 18$00

Construção naval, V volume *(Armamento e acessórios dos navios de ferro).* — 130 págs., 138 grav. .... 18$00

CONTRA A PELE ÁSPERA
NIVEA
O Creme que usado com regularidade de dia e de noite, evita asperezas e rugas.
CREME NIVEA
PARA O CUIDADO DA PELE
PREÇO DESDE
7$50